COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

REDIGIDO PELO

P. RAPHAEL M. GALANTI, S. J.

Professor no Collegio Anchieta em Nova Friburgo; socio honorario do Inst. Hist. e G. de S. Paulo; da Academia Pern. de Lettras e do Centro de Campinas; bem como socio correspondente do Inst. Hist. e G. Bras., do da Bahia, do Ceará e de Santa Catharina e bem assim do de Pernambuco.

4.ª EDIÇÃO

Carlos Alberto de Cerqueira Lemos

1941

Ana Maria Camargo

LEHAD HISTÓRIA USP

S. PAULO
DUPRAT & COMP.—RUA DIREITA, 14
1907

NOÇÕES PRELIMINARES

Definição e divisão da historia

1) **Historia**—é a narração authentica e bem ordenada dos acontecimentos memoraveis que pertencem ao genero humano.—Divide-se a historia em *universal*, *geral* e *particular*.—**Historia universal**—é a que se extende a todos os paizes e a todos os tempos;—**geral**—é a que abrange os acontecimentos de todos os paizes só numa certa epoca ou de um só povo em todas as epocas da sua existencia. **Historia particular**—é aquella que se limita a alguns annos, a uma só provincia, cidade, guerra, etc.—**Biographia** é a historia abreviada da vida de pessoas particulares. Si essa historia fôr muito resumida, recebe o titulo de **Memoria**.—**Annaes** são uma narração simples e concisa de factos dispostos anno por anno sem ornamento, nem ligação. *Differem* da historia, porque esta omitte quasi sempre os mezes e os dias, e relata os factos em pormenores indicando as causas e os effeitos, descrevendo logares, referindo discursos, tratados e cousas semelhantes; *differem* tambem das chronicas, que, por via de regra, contam os factos de um só povo, ao passo que os *annaes* os narram de muitos.—**Chronologia** é a sciencia que se occupa em averiguar e registrar as datas dos acontecimentos.

2) **A historia universal**—divide-se em *Antiga*, *Media*, *Moderna* e *Contemporanea* (1). *A Antiga* extende-se desde o principio do mundo até á divisão do imperio romano, levada a effeito pelo imperador Theodosio no fim do sec. IV da éra

(1) Scientificamente falando, a *historia universal* divide-se em *Antiga* e *Moderna*. A Antiga abrange os seculos anteriores ao Christianismo, a Moderna, os seculos christãos; pois, segundo a bella idéa de S. Agostinho, tudo quanto precedeu a Encarnação do Verbo, foi preparação della, e quanto a seguiu e ha de seguil-a até o fim do mundo, é consequencia da mesma Damos, todavia, esta outra divisão, não tanto porque é mais commum, quanto porque é mais apropriada ao ensino.

christan, isto é, em 395.—*A Média* termina com a quéda de Constantinopla no méado do seculo XV, a saber: em 1453.—*A Moderna* prolonga-se até o congresso de Vienna em 1815.—*A Contemporanea* chega até aos nossos dias.—**A Historia Antiga** subdivide-se em *sagrada* e *profana:* aquella narra os factos relativos ao Povo de Deus; esta, os que pertencem aos Gentios. *A Média*, *Moderna* e *Contemporanea* subdividem-se em *ecclesiastica* e *profana* ou *civil*. A primeira trata *principalmente* dos acontecimentos religiosos; a segunda, dos eventos civis e politicos do mundo, E' de observar que a historia ecclesiastica e a profana, bem que distinctas, são entre si tão intimamente unidas, que não se podem separar na exposição.—*A historia profana antiga*, segundo os diversos gráus de certeza que possúe, divide-se em historia dos tempos allegoricos ou incertos, fabulosos ou heroicos e historicos. Chamam-se *tempos allegoricos* aquelles em que os factos relatados não passam de uma verosimilhança ou allegoria. Chegam mais ou menos até 1800 antes da éra vulgar ou christan. Os *tempos fabulosos* são aquelles em que predomina a fabula a respeito de heróes imaginarios que nunca existiram, embora se contem delles numerosas façanhas. Terminam pelos fins do sec. IX antes da éra christan. Começam então os *tempos historicos*, isto é, aquelles, cujos factos podemos provar com monumentos, documentos, etc., e por isto são certos. —**Na historia sagrada** não ha logar para semelhante divisão, (1) por ser de fé o que alli se narra, e porque, mesmo considerando a Escriptura Sagrada simplesmente como um livro qualquer de historia, prova-se cabalmente a sua autoridade.—Com effeito prova-se:—1) por meio das cousas referidas, que são acontecimentos grandes e de summo interesse, e que, por conseguinte, facilmente se transmittem de pae a filho;—2) da parte de Moysés, que reune em si todas as qualidades de historiador veridico, a saber: *sciencia* e *veracidade*. Pois é impossivel recusar o dote da *veracidade* a um homem escolhido pelo proprio Deus para libertar e guiar o seu povo, e que, durante toda a vida, deu o mais brilhante exemplo de gravidade, rectidão e santidade. Nem podemos tão pouco negar a sciencia dos factos relatados a um homem tal, que por certo não con-

(1) Cumpre fazer uma pequena excepção tambem para a historia do Egypto, da Assyria, da Babylonia e da Persia, a qual em nossos dias, em consequencia das recentes descobertas, se vae tornando cada vez mais clara e certa até no que concerne á mais remota antiguidade.

taria o que ignorava. Moysés é o mais antigo dos historiadores; passou oitenta annos no valle do Nilo, mil annos antes dos mais antigos historiadores profanos. Educado na côrte dos Pharaós, viveu no meio dos sacerdotes, e foi iniciado em todas as sciencias dos Egypcios, conforme conta o proprio Manethon, inimigo dos Hebreus. Devia, pois, conhecer a fundo as tradições, os monumentos, as inscripções, etc., do Egypto. Moysés, portanto, tambem a este respeito, é incomparavelmente superior a qualquer historiador profano. Por outro lado, quando elle escreveu, a tradição dos factos primitivos não podia deixar de ser ainda muito fresca e bem conservada. Vinha immediatamente depois dos que haviam conhecido Abrahão e Sem, e este vivera longo tempo com Lamech e com Mathusalem, que tinham conversado com o primeiro homem. Na verdade Mathusalem, que falleceu no anno do diluvio, passára 244 annos com Adão, 356 com Seth, 303 com Henoch, 600 com Noé, 100 com os filhos deste. Noé sobreviveu ao diluvio o espaço de 350 annos. (1). Além disto, esses mesmos acontecimentos, com pequenas alterações, introduzidas pelo estado de barbaria em que se acharam os homens depois da confusão das linguas, encontram-se referidos por todos os povos, e, em nossos dias, são admiravelmente confirmados pelas descobertas da Assyria (2). A propria sciencia moderna, com especialidade a

(1) Para mostrar ao leitor como é que se deduz o que acabamos de affirmar, tiramos da Vulgata as datas seguintes:

Adão	viveu	930	annos.			
Seth	»	912	»	nasceu no anno	130	de Adão;
Enos	»	905	»	»	105	de Seth;
Cainan	»	910	»	»	90	de Enos;
Malaleel	»	895	»	»	70	de Cainan;
Jared	»	962	»	»	67	de Malaleel;
Henoch	»	365	»	»	162	de Jared;
Mathusalem	»	969	»	»	62	de Henoch;
Lamech	»	777	»	»	187	de Mathusalem;
Noé	»	950	»	»	182	de Lamech;
Sem, etc.	»		»	»	500	de Noé;

Postas estas datas, é facil inferir quanto tempo cada um destes patriarchas passou com o outro. O problema vem a ser o seguinte: «Quanto tempo vive o filho com o pae, avô, etc.? No caso de lhe sobreviver, é claro que o filho vive com o pae, avô, etc., todo o tempo da vida do pae, avô, etc., menos os annos que o mesmo pae ou avô contava quando nasceu o filho, neto, etc.»

(2) Quasi toda a historia dos tempos primitivos acha-se exposta no poema de *Isáubar*, que remonta, pelo menos, até ao XX seculo antes da éra christan. A não serem algumas alterações de pouca monta, dir-se-ia que a narração mosaica foi copiada desse poema, ou vice-versa. Tão grande

geologia, harmoniza-se tão bem com a historia de Moysés que o grande Ampère poude dizer: *Ou Moysés possuia uma cultura scientifica egual á que temos no sec. XIX, ou era inspirado.* Comtudo é sabido que Moysés, quando escreveu, não se propoz o fim de compor tratados scientificos.

3) **Objecto da historia** — são os factos realizados pelo homem, e bem assim os que de algum modo lhe dizem respeito: v. g., um eclipse, um terremoto, a erupção de um vulcão, etc. Em summa: todos os factos e as circumstancias que directa ou indirectamente teem alguma relação com a natureza physica ou moral do homem, entram como elementos modificadores na historia. Sendo a historia, na phrase do grande orador de Roma, a mestra da vida, segue-se que o historiador deve explicar os factos comparando-os, apontando as relações que os ligam, investigando as causas e indicando os effeitos, para que das occorrencias particulares possa deduzir lições geraes de sabedoria, moral e politica. Infere-se facilmente de tudo isto que a historia é uma sciencia de alta importancia, e que a narração pura e simples, embora necessaria para a constituição da sciencia, não fórma, só de per si, o objecto da historia propriamente dita.

4) **Methodo**—São tres os methodos que se podem adoptar no estudo e ensino da historia: um, *ethnographico*, outro *synchronico*, *misto* o terceiro. O methodo *ethnographico* relata os factos de cada povo na sua successão chronologica sem attender ao que na mesma epoca occorria nos outros paizes; o *synchronico* refere simultaneamente os eventos de todos os povos segundo a ordem dos tempos; o *misto* é a justa combinação dos dois methodos precedentes. O

é a conformidade entre um e outro livro! Com effeito a cosmogonia de Moysés, sobre ser monotheista, é muito mais simples e sublime; a da Chaldéa polytheista; porém no mais, tudo é o mesmo até na ordem da creação; a existencia dos anjos, a revolta de uma parte delles, a lucta, a derrota; o estado primitivo do homem, a sua innocencia, a felicidade, a tentação, a quéda, o castigo, etc.: tudo isto no poema de Isdubar é identico ao que refere Moysés. Quanto ao diluvio, não existem mais, entre o poema de Isdubar e a historia de Moysés, que duas ou tres leves discrepancias relativamente a pontos mui secundarios. Para convencer-se disto basta ler os illustres assyriologos Julio Oppert, Joaquim Ménant, Francisco Lenormant, Schoebel, Bickel, Jorge Smith, Henrique e Jorge Rawlinson, e os PP. Delattre, Brunengo, Vigouroux, etc, etc. Pelo que diz respeito á conciliação entre a sciencia e a Biblia, em logar de darmos uma longa lista de nomes, preferimos remetter o leitor ás obras de Quatrefages—*A especie humana*—e dos PP. Mir—*L'Accord de la Science et de la Foi*; Pianciani—*Cosmogonia naturale comparata col Genesi*, etc.

primeiro póde convir apenas aos povos da antiguidade, cujo progresso se realizou isoladamente e sem grande influxo mutuo das diversas nações; o segundo mostra melhor a marcha da humanidade, porém, si fôr adoptado em sentido exclusivo, encontra numerosas e graves difficuldades em um livro elementar destinado ao ensino. E' força, portanto, recorrer ao methodo misto, principalmente para a historia media, moderna e contemporanea, cujos factos se acham entretecidos de tal modo, que frequentes vezes não se póde explicar a historia de uma nação sem ao mesmo tempo ter em vista a de outra.

5) **Fontes historicas**—são todos os monumentos e documentos pelos quaes podemos conseguir o conhecimento de algum facto historico. Dividem-se em duas categorias, a saber: *directas* e *indirectas*. Pertencem ás directas todos os documentos escriptos com o intuito de transmittir á posteridade os factos memoraveis. As indirectas são todos os monumentos ou documentos que, examinados com o auxilio da critica, nos revelam alguma noticia ácerca da vida do homem. Denominam-se tambem subsidios da historia. São a geographia, a linguistica, as estatuas, as pinturas, etc., e, em geral, as obras de arte. Pertencem tambem ás fontes historicas as tradições oraes, comtanto que reunam em si todos os caracteres exigidos pela critica.

TEMPOS PRIMITIVOS

6) **Creação do homem.**—Deus, depois de tirar do nada, por um acto de sua livre vontade, o mundo e quanto nelle se encerra, creou finalmente o homem, collocando-o em um jardim de delicias, chamado Eden. Tendo o homem desobedecido ao seu Creador comendo o fructo vedado, foi expulso do Eden e condemnado ao trabalho, á dôr e á morte.—Entre os numerosos filhos de Adão e de Eva contam-se *Caim*, *Abel* e *Seth*. Pelo assassinato de Abel, mereceu Caim a maldição de Deus; levou uma vida errante, e pereceu ás mãos de Lamech, seu descendente em quinto gráu. Os descendentes de Caim, tão perversos como elle mesmo, foram appellidados *filhos dos homens*, em opposição aos descendentes de Seth, que, fieis á lei do Senhor, receberam o

titulo de *filhos de Deus*. Dos descendentes de Seth, são notaveis: *Enos*, que estabeleceu o culto publico; *Henoch*, que foi arrebatado na edade de 365 annos; *Mathusalem*, que viveu a mais longa das vidas, e *Lamech*, pae de Noé. Dos descendentes de Caim nomearemos tão sómente os seguintes: *Henoch*, seu primogenito; *Lamech*, o primeiro bigamo; *Jabel*, pae dos pastores; *Jubal*, pae dos musicos; *Tubalcaim*, pae dos ferreiros. (1) Conservaram-se, durante algum tempo, separadas as duas raças, mas emfim se uniram, e a corrupção se tornou geral. Então disse Deus que lhe pesava ter feito o homem, e decretou o diluvio para exterminal-o da terra. Como quizesse, todavia, poupar a Noé que achára justo, ordenou-lhe construisse uma arca para salvar-se a si e a sua familia.

7) **Diluvio.**—Concluida a construcção da arca, Noé introduziu nella sua mulher, seus filhos e um casal de animaes de todas as especies. Abriram-se então as cataractas do grande abysmo, ficando inundada toda a terra com perda irreparavel de todos os homens. (2) Depois do diluvio, Deus abençoou a Noé e a seus filhos, que, ao sahirem da arca, tinham offerecido um sacrificio; prometteu-lhes que nunca mais mandaria o diluvio, e determinou que o *Arco-iris* ficasse sendo o signal da sua promessa.

8) **Torre de Babel.**—(Um sec. proximamente depois do diluvio). Estabeleceram-se mais tarde os filhos de Noé nas planicies de *Sennaar*, na Mesopotamia, e trataram de erguer uma torre de altura prodigiosa, mas foram compellidos a separar-se pela confusão da fala. Dahi aquelle logar

(1) Deixamos para o fim do livro a questão das datas e do homem prehistorico, porque julgamos impossivel explical-a neste logar com algum proveito do alumno, que, segundo é justo suppor, ainda nada sabe de historia. Basta-nos aqui observar que não se deve confundir, como o faz Draper, a data da creação do mundo com a do apparecimento do homem sobre a terra; pois a differença entre as duas é muito grande sob todo o respeito. Quanto ás outras datas procuraremos indicar as mais recebidas, mas advertimos desde já que na historia antiga as datas certas são poucas, e nós em um compendio tão resumido não podemos entrar na discussão dellas.

(2) Não é necessario sustentar que as aguas cobriram toda a terra, e que pereceram todos os animaes; basta affirmar que o diluvio foi universal relativamente aos homens e ao mundo habitado; cumpre, porém, acautelar-se contra a opinião de que alguns homens talvez escapassem; pois a Escriptura diz muito claro que morreram todos os homens, salvo a familia de Noé, abrigada na arca. Vide o P. Mir—*L'Accord de la Science et de la Foi*, pag. 384; Item o P. Pianciani—*Cosmogonia naturale comparata col Genesi*.

se chamou *Babel*, isto é, confusão, e os homens, separando-se, foram povoar diversos paizes. (1)

9) **Raças historicas.**—Distinguem-se, por conseguinte, tres raças historicas, i. é. a *semitica*, que continuou a habitar a Asia; a *chamitica*, que se espalhou principalmente pela Africa e a principio teve a preponderancia; a *japhetica*, que se derramou pela Europa e pelo norte da Asia.

10) **Familia de Japhet.**—Dos filhos de *Japhet*, que significa *dilatatus*,—**I Gomer** foi chefe dos povos que occuparam as costas do mar Negro e o norte da Peninsula Hellenica. Delles sahiram os *Cimmerios*, *Cimbros* ou *Kimbros*. São, diz Lenormant, os *Gimmiraï* das inscripções assyrias, que se extenderam até a Jutlandia.—*Gomer* teve tres filhos, isto é, *Askenez*, representante das nações (2) germanicas e scandinavas; *Riphath*, tronco dos Celtas e dos Gaulezes, que primitivamente habitaram os montes Riphéos, hoje Carpathos, e mais tarde as Gallias e a Bretanha; *Thogorma*, chefe dos Armenos e de outros povos do Caucaso.—**II Magog** foi pae dos Scytas, que se estabeleceram no oriente da Europa e em uma larga parte da Asia Central. Dividem-se em dois ramos, a saber: em *hungaro finnico* e *dravidiano*. O primeiro subdivide-se em *turco-hungaro* e *uralo-finnico*. E' do dravidiano que derivam os povos do Hindostão.—**III Madaï**, de quem tiraram origem os Medos, um dos membros mais distinctos da familia ariana, á qual pertencem os Persas, os Bactrianos e as castas superiores da India (3).—

(1) Memorias ou vestigios da confusão das linguas encontram-se:—1) na China (D'Anselme—*Monde Païen*, t. I, p. 336;—2) no Mexico, na India e na Tartaria (Alexandre de Humboldt—*Vues des Cordilléres*, t. I, 237);—3) nos Thalmudistas de Babylonia e nos historiadores Beroso, Abydeno, Polyhistor, Eusebio, Justino, Josepho Flavio, Moysés de Khoréne, etc. O povo da Chaldéa ainda chama *Torre das Linguas*, *Torre do Esquecimento*, *Torre de Nemrod*, aquelle montão de ruinas que se vê na cidade de Borsippa, uma das tres outrora incluidas no recinto de Babylonia. O proprio nome de Borsippa (*Bor-Sip*) significa *Torre das Linguas*, e Babylonia, que, segundo a etymologia biblica soa *confusão*, nos textos cuneiformes (*Dirtinkin*) quer dizer *vida* ou *raiz* das linguas. Vide Brunengo—*Le Scoperte Assire*.

(2) Observa Cornelio A Lapide, no commentario ao capitulo X, verso 3, do Genesis, que ainda no seu tempo a Allemanha era pelos Hebreus denominada *Askenez*.

(3) Chamam-se *Aryas* ou *Arianos* os povos que, na remota antiguidade, fizeram assento no paiz comprehendido entre a Persia e a India, o qual mais tarde recebeu o nome de *Aria*. Tornou-se depois, este nome proprio de uma provincia da Persia, cuja capital foi *Aria*, hoje *Herat*. Formam os Aryas o tronco de que sahiram os Indios e os Persas, e delles derivam as linguas da familia ariana ou indo-européa, que abrange o sanscrito, o persiano, o armenio, o celtico, o grego, o latim, o albanez, o teutonico e o slavo com todos os seus derivados e affins.

IV Javan—pae dos Jonios, dos Gregos e em (1) geral dos Pelasgios, que da Asia Menor emigraram para as costas e ilhas dos mares Egéo, Jonio e Tyrrheno.—Quatro foram os filhos de Javan: *Elisa*, que deu o nome aos Eolios e á Hellade; *Tharsis*, o fundador da cidade de Tarso e pae dos Pelasgios Tyrrhenos, parte dos quaes ficaram na Grecia, parte passaram para a Italia; *Cethim* e seus descendentes fixaram-se nas ilhas do Archipelago, sobretudo em Chypre, cujo nome primitivo, na opinião de Josepho Flavio, é *Kitim*, onde os primeiros habitantes lançaram os alicerces de *Cithium*. O templo de *Dodona* no Epiro desperta a memoria de *Dodanim*, que occupou esse paiz.—**V Thubal**, tronco dos *Tibarenos* de Herodoto e dos *Iberos* de Josepho Flavio, povos da Colchida, ao sul do Caucaso, que, nas inscripções cuneiformes, se chamam *Tabal*.—**VI Mosoch**, chefe dos *Moschos*, habitantes do léste e do norte da Asia Menor.—**VII Thiras**, no ver de Josepho, seguido pela maior parte dos Ethnologos, foi o pae dos Thracios.

E', portanto, de Japhet que descendem as duas raças mais numerosas do mundo, isto é, a *turanica*, a qual do centro da Asia se derramou até á beira do Danubio; e a *indo-européa*, que da India se espalhou pela Europa inteira, donde em nossos dias emigrou tambem para a America, Oceania, etc. A raça turanica tem permanecido estacionaria e semibarbara, ao passo que a indo-européa tem progredido sempre (2).

11) **Familia de Cham**.—Os descendentes de *Chem*, que significa *adustus*, torrado, occuparam o sul e o occidente da Asia, bem como o oriente e o norte da Africa. Pois—**I Chus** foi pae dos Babylonios, dos Ethiopes, dos Indo-kuch (habitantes do paiz situado entre o Oxus e o

---

(1) Os Gregos são appellidados *Javanas* no codigo indiano de Manú; *Juman*, nos hieroglyphos do Egypto; *Juna*, nas inscripções persopolitanas; *Junanijun*, entre os Arabes.—A Grecia, na grande inscripção de Behistun, é denominada *Javann*. Alexandre o Grande na prophecia de Daniel (VIII, 21) chama-se *rei de Javan*, que a Vulgata verte—*Rex Grecorum*.

(2) Davam os antigos Medos e Persas o nome de *Turan* ou paiz turanico indeterminadamente a todas as regiões da Asia Central, situadas ao nordéste da Media e ao suéste do mar Caspio. O *paiz iranico*, pelo contrario, era a região do meio dia, e, mais tarde, ficou sendo synonimo da Persia. A familia das linguas turanicas é muito grande, visto como abrange o mongollo, o manchiú, o turco, o finnez, o hungaro, o thibetano, o tamul da India, o malez de Malaca e da Polynesia, etc., etc.—Vide Brunengo, obra citada.

Indo) e dos Kaussikas, povos, estes ultimos, primitivos da India Superior.

—II **Mesraïm ou Misraïm** foi o chefe dos Egypcios, dos quaes derivam os Libyos, os Philistéos e muitos outros povos.

—III **Phuth**, cujos descendentes emigraram, dizem, para o norte da Africa.—IV **De Chanaan** sahiram os Phenicios e os Chananéos, que primitivamente se fixaram no paiz comprehendido entre o Jordão e o Mediterraneo. De seus filhos *Sidon*, *Heth*, *Jebus*, etc., tiraram origem e nome os Sidonios, Hethéos, Jebuséos, Amorréos, Jergeséos, Hevéos, Aracéos, Sinéos, Aradios, Samaréos e Amathéos.

12) **Familia de Sem.**—Os filhos de Sem foram :—I **Elam**, pae dos Elamitas, que povoaram o paiz chamado depois Suziana;—II **Assur**, pae dos Assyrios e fundador de Ninive, Rezen e Calach;—III **Arfaxad**, pae dos Arabes e dos Hebréus por meio de Heber;—IV **Lud**, pae dos Lydios;—V **Aram**, pae dos Araméos ou Syrios.

E' de observar que Moysés não fez menção da raça amarella, nem da preta, nem da vermelha, porque isto não vinha ao seu intento.

13) **Raças humanas.**—Comparando as diversidades existentes entre os habitantes da terra, reconheceram os sabios algumas variedades da especie humana, ás quaes déram o nome de *raças*:—*I A raça caucasica, arya ou indo-européa* de côr branca, cabeça regularmente oval, fronte larga, nariz aquilino, bocca de grandeza regular, cabellos finos e lisos. A esta raça pertencem as nações indo-germanicas, a saber: os Europeus afóra os Laponios e os Finnezes; os povos do interior da Asia, os Indios e os Norte-africanos.—*II A raça mongolica ou amarella*, de cabellos negros e lisos, nariz achatado, olhos rectilineos e muito afastados um do outro. A côr varia entre o amarello e o moreno-claro. Pertencem a esta raça os Mongoles e os Indios transgangeticos; os Chinezes, Japonezes, Laponios, Finnezes e Esquimáus.—*III A raça negra ou africana*, de pelle mais ou menos negra, cabellos pretos, lanudos e crespos. A esta raça pertencem os Ethiopes, os Cafres e os Hottentotes.—*IV A raça malaia ou australiana*, fórma transitoria entra a raça caucasica e a africana, de cabellos negros e lisos ou pouco encrespados, côr escura mais ou menos carregada. A esta raça pertencem os habitantes da Nova Hollanda e os das ilhas do Oceano Pacifico.—*V A raça americana*, de côr em alguns acobreada, em outros

tirante ao vermelho, cabellos curtos e lisos, comprehende os indigenas da America em geral. (1).

14) **Origem do homem.**—Ensina a Revelação que todos os homens descendem de um unico par. Alguns autores, porém, tirando argumento das variedades que constituem as diversas raças, pretenderam sustentar o contrario. Outros no mesmo tempo com melhor fundamento affirmaram que tambem neste ponto a Sciencia vem confirmar a Revelação, porque o organismo, e a armação dos ossos, são semelhantes em todos os homens, e porque entre as diversas raças podem realizar-se cruzamentos fecundos, o que não se dá com as outras especies. Os differentes typos de homens, portanto, são apenas variedades de uma só especie primitiva. As differenças de raças explicam-se pela influencia do clima, dos costumes, dos habitos, da maneira de viver, etc.

15) **As primeiras monarchias**—foram os imperios de Babylonia (raça chamitica), do Egypto (raça chamitica), da Assyria (raça semitica), dos Phenicios (raça chamitica). E' impossivel determinar com alguma certeza a data do principio destas monarchias. Os Hebréus como povo são muito antigos, mas a sua monarchia é posterior a estas outras. A monarchia chineza tambem remonta a notavel antiguidade, mas de data totalmente incerta, e a sua historia primitiva nos é quasi inteiramente desconhecida. Isto mesmo deve dizer-se a respeito da India, embora sua origem não seja tão antiga como a das nações precedentes. As outras monarchias antigas, de data posterior, são a dos Gregos no XVI sec., a de Carthago no IX, a dos Medos, dos Babylonios (2.º imp.) e dos Romanos no VIII, a dos Persas no VI, a dos Parthos no III sec. antes da éra christan.

16) **O Povo de Deus.**—Depois da confusão das linguas, os homens dispersos, entregando-se cada vez mais ás paixões e alterando pouco a pouco as tradições primitivas, cahiram em uma idolatria grosseira. (2). Comtudo Deus, na

---

(1) Comquanto os autores convenham relativamente á substancia, não concordam quanto ao numero das raças. Buffon, por exemplo, e Cuvier enumeram só tres: Blumenbach, quatro; Pritchard, sete; Agassiz, oito; Prickering, onze. Todavia esta discrepancia é mais apparente que real, porque deriva do criterio diverso que cada um desses sabios toma para distinguir as diversas raças.

(2) Cumpre distinguir quatro gráus de idolatria: 1) o *sabeismo* ou adoração dos astros. E' a idolatria primitiva do Egypto, da Chaldéa e da Persia 2) a *anthropolatria* ou adoração do homem. Tal foi mais tarde a idolatria

ua infinita bondade, os não desamparou, como bem podia azel-o, mas escolheu Abrahão, da familia de Heber, afim le tornal-o pae do seu povo particular; prometteu-lhe nuerosa posteridade, e lhe ordenou sahisse da sua patria, nostrando-lhe a terra de Chanaan, que havia de dar a eus descendentes. Foi, no entretanto, Abrahão obrigado ela fome a ir buscar trigo no Egypto. Na volta separou-se m Bethel do seu sobrinho Loth, o qual, indo morar o valle de Sodoma e Gomorrha, presenciou a chuva le fogo que converteu essas cidades no Mar Morto ou ago Asphaltite. Não tardou Abrahão a ser consolado pelo ascimento de Isaac, pae de Esaú e de Jacob. José, filho leste ultimo, sendo por seus irmãos vendido a mercadores gypcios, chegou a ser vice-rei do Egypto, para onde chanou toda a sua familia. Moysés em 1625 libertou os Heréus, que eram perseguidos pelos Pharaós. Partiram de Ramsés; passaram milagrosamente o mar Vermelho; receeram a lei de Deus ao pé do Monte Sinaï, e fizeram pelo deserto uma viagem de quarenta annos (1). Como o povo prevaricasse muitas vezes, Deus o puniu detendo-o por tanto empo na solidão. O proprio Moysés, em castigo de alguma desconfiança mostrada na occasião de ferir o rochedo de Oreb, morreu depois de contemplar a terra de promissão do cimo do Monte Nebo.

17) **Pentateuco**—que significa cinco livros, é o titulo da grande obra de Moysés. Estes livros são o *Genesis* ou historia da creação, *Exodo* ou historia da sahida do Egypto, *Numeros* ou recenseamento, *Levitico* ou legislação do culto, *Deuteronomio* ou segunda lei (2).

---

de todos os pagãos; 3) a *zoolatria* ou adoração dos animaes, das plantas, etc. Esta idolatria prevaleceu principalmente no Egypto; 4) *a adoração dos vicios*, idolatria que dominou em toda a parte especialmente na Grecia e em Roma.

(1) Quem admitte de algum modo a Escriptura não pode deixar de reconhecer na passagem do mar Vermelho um verdadeiro milagre; pois ella affirma em muitos logares que as aguas se separaram por intervenção extraordinaria de Deus, o que constitue propriamente o milagre. Vide no Exodo, cap XIV, 13-31; XV, 1-20; Psalmo LXXVII, 13; CXIII, 3; CV, 22. State et videte magnalia Domini, quæ facturus est hodie... Et scient Egyptii quia ego sum Dominus... Erat enim aqua *quasi murus a dextera eorum et læva*. Obliti sunt Deum, qui fecit mirabilia in terra Cham, *terribilia in Mari rubro*. Si se tratasse simplesmente da maré e mesmo da *pororoca* (macaréu) ou de qualquer outro phenomeno puramente natural, estas expressões seriam absurdas.

(2) A legislação de Moysés, diz Bossuet, considerada em todas as suas circumstancias de tempo e de logar, é um verdadeiro milagre; pois exalta tudo quanto o mundo antigo rebaixava e repellia; estabelece o

sua infinita bondade, os não desamparou, como bem podia fazel-o, mas escolheu Abrahão, da familia de Heber, afim de tornal-o pae do seu povo particular; prometteu-lhe numerosa posteridade, e lhe ordenou sahisse da sua patria, mostrando-lhe a terra de Chanaan, que havia de dar a seus descendentes. Foi, no entretanto, Abrahão obrigado pela fome a ir buscar trigo no Egypto. Na volta separou-se em Bethel do seu sobrinho Loth, o qual, indo morar no valle de Sodoma e Gomorrha, presenciou a chuva de fogo que converteu essas cidades no Mar Morto ou Lago Asphaltite. Não tardou Abrahão a ser consolado pelo nascimento de Isaac, pae de Esaú e de Jacob. José, filho deste ultimo, sendo por seus irmãos vendido a mercadores egypcios, chegou a ser vice-rei do Egypto, para onde chamou toda a sua familia. Moysés em 1625 libertou os Hebréus, que eram perseguidos pelos Pharaós. Partiram de Ramsés; passaram milagrosamente o mar Vermelho; receberam a lei de Deus ao pé do Monte Sinaï, e fizeram pelo deserto uma viagem de quarenta annos (1). Como o povo prevaricasse muitas vezes, Deus o puniu detendo-o por tanto tempo na solidão. O proprio Moysés, em castigo de alguma desconfiança mostrada na occasião de ferir o rochedo de Oreb, morreu depois de contemplar a terra de promissão do cimo do Monte Nebo.

17) **Pentateuco**—que significa cinco livros, é o titulo da grande obra de Moysés. Estes livros são o *Genesis* ou historia da creação, *Exodo* ou historia da sahida do Egypto, *Numeros* ou recenseamento, *Levitico* ou legislação do culto, *Deuteronomio* ou segunda lei (2).

---

de todos os pagãos; 3) a *zoolatria* ou adoração dos animaes, das plantas, etc. Esta idolatria prevaleceu principalmente no Egypto; 4) *a adoração dos vicios*, idolatria que dominou em toda a parte especialmente na Grecia e em Roma.

(1) Quem admitte de algum modo a Escriptura não pode deixar de reconhecer na passagem do mar Vermelho um verdadeiro milagre; pois ella affirma em muitos logares que as aguas se separaram por intervenção extraordinaria de Deus, o que constitúe propriamente o milagre. Vide no Exodo, cap XIV, 13-31; XV, 1-20; Psalmo LXXVII, 13; CXIII, 3; CV, 22. State et videte magnalia Domini, quæ facturus est hodie... Et scient Egyptii quia ego sum Dominus... Erat enim aqua *quasi murus a dextera eorum et læva*. Obliti sunt Deum, qui fecit mirabilia in terra Cham, *terribilia in Mari rubro*. Si se tratasse simplesmente da maré e mesmo da *pororoca* (macaréu) ou de qualquer outro phenomeno puramente natural, estas expressões seriam absurdas.

(2) A legislação de Moysés, diz Bossuet, considerada em todas as suas circumstancias de tempo e de logar, é um verdadeiro milagre; pois exalta tudo quanto o mundo antigo rebaixava e repellia; estabelece o

18) Entrada na Terra de Promissão, 1585.—Josué, succedendo a Moysés, passou o Jordão a pé enchuto, e apoderou-se da cidade de Jerichó. Afim de derrotar e perseguir a seus inimigos, obteve de Deus que o sol parasse durante um dia inteiro, e trabalhou ainda seis annos em levar ao cabo a conquista da terra de Chanaan. Tendo afinal repartido o paiz entre as doze tribus de accordo com o summo sacerdote Eleazaro, successor de Arão, falleceu socegadamente em Silo. As tribus de Aser, Nephtali, Zabulon e Issacar, receberam o paiz que mais tarde se chamou Galiléa; a tribu de Ephraim e metade da de Manassés occuparam o centro na futura Samaria; as de Benjamim, Simeão, Dan e Judá fixaram-se ao sul na Judéa; as tribus de Ruben e de Gad, bem como a outra metade da de Manassés estabeleceram-se ao oriente do Jordão. Os levitas tiveram quarenta e oito cidades, espalhadas pelas differentes tribus. Seis dessas cidades serviam de refugio aos homicidas involuntarios.

19) Anciãos e Juizes.—Organizou-se por morte de Josué o governo dos *Anciãos* debaixo da presidencia do summo sacerdote; cedeu, porém, este regime dahi a pouco o logar ao dos *Juizes*. Contam-se quatorze Juizes, que libertaram o povo de sete captiveiros. Os principaes foram os seguintes: 1) *Othoniel* (XVI sec.), que repelliu o rei da Mesopotamia; 2) *Aod* (XV sec.), que sacudiu o jugo dos Moabitas; 3) *Debora* (XIV sec.), a prophetiza, cujo general *Barac* destroçou o rei dos Chananéos. Nesta occasião Jahel, tendo dado agasalho a *Sisara*, general inimigo que fugia, transpassou-lhe a cabeça com um prego; 4) *Gedeão* (XIV sec.), que desbaratou aos Madianitas; 5) *Jephte* (XIII sec.), que, depois de vencer aos Ammonitas, sacrificou a sua filha em virtude de um voto imprudente (1); 6) *Samsão* (XII sec.), egualmente celebre por sua força prodigiosa, suas luctas e guerras com os Philistéos, pela traição de Dalila e por seu desgraçado fim; 7) *Heli* (XII sec.), tolerando as desordens de seus filhos, Ophni e Phinees,

---

dogma fundamental da unidade de Deus; determina as cerimonias do culto; protege o extrangeiro, a mulher, o pobre; modera a escravidão e prescreve a caridade para com todos.

(1) Para não entrarmos em questões improprias de um compendio tão resumido, empregamos este termo generico, porém advertimos que na opinião da maior parte dos interpretes, o sacrificio de Jephte foi da virgindade, não da vida da sua filha.

desagradou a Deus, que o puniu permittindo que os Israelitas fossem derrotados pelos Philistéos; os dois desordeiros, mortos, e a arca da Alliança, tomada. Ao receber a noticia de tão grande desastre, Heli cahiu da cadeira em que estava assentado, quebrou a cabeça e morreu; 8) *Samuel* (XI sec.), banindo os restos da idolatria, restaurou a pureza do culto; consagrou rei a Saul, e transmittiu-lhe o supremo poder.

20) **Monarchia.**—*Saul* (1050—1010)—filho de Cis, comquanto conseguisse numerosas victorias sobre os povos circumvizinhos, foi rejeitado, porque usurpou as funcções sacerdotaes, e desobedeceu a Deus, que lhe ordenára exterminasse os Amalecitas, e destruisse quanto lhes pertencia sem tomar cousa alguma para si. Perecendo na batalha de Gelboé, succedeu-lhe David, já occultamente sagrado por Samuel.—*David* (1010—970), não menos famoso por seus cantos, suas prophecias e suas virtudes, do que por sua penitencia, preparou a grandeza do reinado seguinte. Fixou a sua residencia em Jerusalém, á qual reuniu a fortaleza de Sião, tirada á tribu chananéa dos Jebuséos; submetteu os Philistéos, os Moabitas e os Ammonitas; conquistou a Iduméa e a Syria, e soffreu profundos desgostos pela revolta do seu filho Absalão.—*Salomão* (970—930) mostrou-se, a principio, muito prudente e sabio; fez prosperar o seu reino; fundou Palmyra; cingiu de muros a capital, e ergueu o templo de Jerusalém, que dedicou com grandissima solemnidade. Levado, porém, mais tarde pelo amor dos prazeres, entregou-se a um luxo desmedido; afastou-se da lei de Deus e opprimiu o seu povo, o qual, capitaneado por Jeroboão, tentou insurgir-se.

21) **Separação das dez tribus, 930.**—Logo depois da morte de Salomão, tendo o seu successor recusado alliviar os tributos que pesavam sobre seus subditos, dez tribus, açuladas por Jeroboão, sacudiram o jugo, fundando o reino de Israël, cuja capital foi *Sichem* (hoje Naplusa) e posteriormente Samaria. As duas tribus de Judá e de Benjamim que se conservaram fieis, formaram o reino de Judá e fixaram a capital em Jerusalém.

22) **O Reino de Israël.**—(930—722)—que foi de curta duração, contou dezenove reis. Delles, mencionaremos só os seguintes:—1) *Jeroboão*, que inspirara a revolta, arrastou o povo á idolatria, e colligou-se com Sesac, rei do Egypto (935—914). Este, depois de saquear Jerusalém, levou *Roboão* preso para o valle do Nilo;—2) *Amri*, o fundador

de Samaria, para onde transferiu a capital;—3) *Achab*, pae de Athalia, perseguidor do propheta Elias, usurpador da vinha de Naboth e marido da tyria Jezabel, que introduziu no reino o culto de Baal e das outras divindades phenicias;—4) *Jorão*, filho de Jezabel, governou como tyranno, e foi morto pelo general Jehu, ungido rei por um discipulo do propheta Eliséo;—5) *Jehu* matou Jezabel, os setenta descendentes de Achab e os prophetas de Baal; porém conservou a idolatria. Foi o primeiro que pagou espontaneamente tributo a Salmanasar III, imperador de Ninive, a troco de ser protegido contra a Syria;—6) *Oséas* perdeu Samaria tomada por Sargon, imperador da Assyria, que juntamente com seu povo o deportou para Ninive. Entre os captivos achava-se o piedoso Tobias com a sua familia, 722.

23) **O Reino de Judá** (930—587), que durou quasi tres seculos e meio, foi governado por vinte reis. Os principaes delles foram:—1) *Roboão*, que morreu prisioneiro no Egypto, para onde o levara Sesac, primeiro pharaó da XXII dynastia, o Sesonchis dos historiadores gregos, e o Chechonk dos monumentos;—2) *Josaphat*, principe piedoso, valente guerreiro e sabio administrador, mas alliado de Achab;—3) *Jorão* matou seus irmãos por conselho da sua mulher, Athalia, filha de Jezabel e de Achab;—4) *Ochozias*, morto por ordem de Jehu, rei de Israel;—5) *Athalia* tirou a vida a todos os filhos de Ochozias, seu filho, com a unica excepção de Joas, salvo e mais tarde collocado no throno pelo summo sarcedote Jóiada ou Jóadas;—6) *Joas* pagou o primeiro tributo a Binnirari III, rei da Assyria; mandou apedrejar Zacharias, filho de Jóiada, e morreu assasinado;—7) *Osias*, tendo profanado o templo usurpando as funcções sacerdotaes, ficou coberto de lepra;—8) *Achaz* viu o seu reino devastado por Tuklatpalasar II, imperador da Assyria;—9) *Ezechias* deu cabo da idolatria, e, sendo assediado em Jerusalém por Sennacherib, foi auxiliado pelo anjo exterminador, que em uma só noite matou aos Assyrios 185,000 soldados;—10) *Manassés* reinou cincoenta e cinco annos, arrastando mais uma vez o povo á idolatria e derramando rios de sangue. Deportado pelo rei Assurbanipal, recuperára a liberdade e vivia em paz, quando o aggrediu Holophernes, general do imperador de Ninive, a quem Judith decepou a cabeça junto de Bethulia;—11) *Josias* succumbiu ás feridas que recebeu na batalha de Mageddo combatendo contra Necháu, monarcha do Egypto;—12)

Joachas, seu filho e successor, foi por Necháu, que voltava victorioso de Carchemis, deposto e condemnado a ir morrer no valle do Nilo; — 13) *Eliacim ou Joaquim*, irmão do precedente, elevado ao throno por Necháu, assistiu á occupação de Jerusalém (606) por Nabucodonosor o Grande, imperador de Babylonia. Elle mesmo com boa parte do seu povo foi deportado como captivo para a grande cidade (1). Conseguindo voltar, renovou a sua alliança com Necháu. Motivou esta imprudencia uma nova invasão dos Chaldéos, que, no meio dos horrores da guerra, mataram ao infeliz rei de Judá, privando o das honras da sepultura (2) — 14) *Jechonias*, filho de Joaquim, por se ter insurgido contra Nabucodonosor, foi preso e condemnado a duro captiveiro até a morte do grande imperador, que occorreu trinta e sete annos depois. Posto que fosse então tratado com brandura por Evilmerodach, nunca poude obter a licença de tornar a ver a sua terra natal. O propheta Ezechiel, que o acompanhara, cantou na beira do Euphrates a ruina final de Jerusalém e a sua futura reedificação; — 15) *Sedecias*, terceiro filho de Josias, havendo-se alliado com Apries, rei do Egypto, teve de perder os olhos e de ir preso para a grande cidade depois de assistir ao incendio de Jerusalém, á devastação do templo, á matança de seus filhos e ao captiveiro do seu povo (587).

24) **Os Judeus.** — A independencia do Povo de Deus acabou quasi de todo no tempo do *Grande Captiveiro* (606—536), que foi algum tanto alliviado pela influencia de Daniel. Dessa epoca em deante os Hebreus ou antes Judeus estiveram successivamente sob a protecção dos Persas, dos Gregos e dos Romanos até perder inteiramente a sua nacionalidade.

25) **Dominio dos Persas.** — Assignalaram-se neste tempo os varões seguintes: — *Zorobabel*, da tribu de Judá, da casa de David, reconstruiu o templo, dedicando-o solemnemente vinte e um annos depois do fim do captiveiro; — 2) *Esdras*, da tribu de Levi e doutor da lei, restaurou o culto de Deus em toda a sua pureza; — 3) *Nehemias*, copeiro do rei da Persia, prestou o seu auxilio a Esdras, que

(1) E' o principio do grande captiveiro. Achavam-se entre os captivos *Daniel* (Balthazar), *Ananias* (Sidrach), *Misaël* (Misach), *Azarias* (Abdenago), cuja historia é bem conhecida.

(2) Vide Josepho—Antiguidades Judaicas, L. X, cap. VI, n. 3; Jerem. XXII, 18—19; XXXVI, 30; Baruch. II, 24—25.

trabalhava em desarraigar diversos abusos. Passando dahi a pouco elle mesmo a Jerusalém reergueu os muros da capital; — 4) *Manassés* renovou o antigo scisma entre Judeus e Samaritanos recusando as reformas desejadas, retirando-se para Samaria e levantando um templo no Monte Garizim; — 5) *Esther*, da tribu de Benjamim, casada com o rei Assuero, salvou a vida de um grande numero de hebréus, que haviam permanecido na Persia e eram perseguidos. O autor da perseguição foi o soberbo Aman, que pereceu na forca preparada para Mardocheu; — 6) *Jaddo*, summo sacerdote, socegou Alexandre (332) mostrando-lhe as prophecias que falam delle.

26) Protectorado dos Lagidas. — Depois da morte de Alexandre passaram os Judeus para o protectorado dos Lagidas ou Ptoloméus do Egypto, que os trataram brandamente. Foi nesta época que por commissão do rei Ptoloméu Philadelphio (284—46), levaram a effeito uma traducção grega da Biblia, tão conhecida pelo nome de *Versão dos Setenta*. Perseguiu-os, comtudo, mais tarde o rei Ptoloméu Philopator (221—4), ao qual tinham recusado a licença de entrar no *Sancta Sanctorum*.

27) Protectorado da Syria. — Enganados por Antiocho o Grande (224—187) que lhes fez largas promessas, entregaram-se então os Judeus aos monarchas da Syria, sob cuja protecção seus soffrimentos redobraram. De feito Seleuco Philopator (187—175) mandou o seu ministro Heliodoro roubar os thesouros do templo, que foram preservados pela intervenção de dois anjos, e Antiocho Epiphanio (174—64) tentou impor-lhes o culto dos falsos deuses.

28) Os Machabeus. — Sobresahiram por sua virtude heroica, durante a perseguição, o velho Eleazaro, os sete moços com sua mãe e o sacerdote Mathatias com seus cinco filhos, João, Simão, Judas, Eleazaro e Jonathas. As proezas de Judas e de seus irmãos restauraram por um momento a independencia dos Judéus. João Hyrcano arrasou o templo de Garizim, e Aristobulo (107) assumiu o titulo de rei. Comtudo, mais tarde, as desavenças dos dois irmãos Hyrcano II e Aristobulo, que disputavam entre si qual delles tivesse de subir ao throno, déram azo á intervenção dos Romanos. Pompéu (63), que voltava victorioso da Asia, mandou a Roma Aristobulo e reconheceu Hyrcano, mas collocou o reino sob a tutela do povo romano. Pouco depois Cesar conferiu ao *iduméo Antipater* o titulo de *procurador* da Judéa sob as ordens de Hyrcano, a quem de

facto mal deixou a autoridade de summo sacerdote. Fallecendo Hyrcano, subiu ao throno *Herodes*, filho de Antipater. O sceptro de Judá passava, pois, para mãos extranhas, e, conforme á prophecia de Jacob, o Messias ia apparecer.

29) **Herodes I o Grande** (37 a. C.)—aformoseou Jerusalém; reergueu Samaria; assassinou os SS. Innocentes, todos os descendentes dos Machabeus e varios de seus filhos; levantou um templo em honra de Augusto, e acabou roido pelos vermes do seu corpo (750 de Roma). Dos tres filhos que lhe sobreviveram, *Archelão* obteve o titulo de rei da Judéa, mas dentro em breve foi deposto por Augusto, que o desterrou para Vienna das Gallias e lhe substituiu um magistrado romano; *Herodes Philippe* casou-se com *Herodiades*, que dahi a pouco se deu a viver com *Herodes Antipas*, seu tio e cunhado, tetrarcha da Galiléa, incestuoso carnifice de S. João Baptista e mofador sacrilego de N. S. Jesus Christo. Sendo este Antipas banido por Calligula para as Gallias, morreu emquanto fugia para a Hespanha. *Herodes Agrippa* (41—44), neto de Herodes o Grande, foi o primeiro perseguidor dos Christãos e o ultimo rei da Judéa, reduzida a provincia romana logo depois da sua morte. Matou S. Thiago (43), e prendeu S. Pedro, que recuperou a liberdade mediante a intervenção de um anjo. Estava respondendo aos embaixadores de Tyro quando os alteraram dôres inexplicaveis que lhe tiraram a vida. Desta data em deante varios levantamentos contra os Romanos déram causa á destruição do templo (70) por Tito e á dispersão total do povo sob Adriano (136).

CIVILIZAÇÃO DOS HEBREUS

30) **O Governo**—dos Hebreus era *theocratico* embora tomasse a fórma de *republica federativa* na epoca dos Juizes, e de *monarchia* na dos Reis.—**A religião** era o *monotheismo* puro, posto que o povo mostrasse uma inclinação bem pronunciada para a idolatria. Acreditavam os Hebreus na immortalidade da alma sem perverter essa crença com as idéas da metempsychose e outras semelhantes, como o faziam outros povos; na existencia dos anjos bons e maus, nos milagres, no merito das boas obras, na efficacia da oração, no futuro Messias, etc. Celebravam cada anno tres grandes festas, durante as quaes, todos deviam ir visitar o templo de Jerusalém. Estas festas eram a *Paschoa*, em memoria da sahida do Egypto; o *Pentecostes*, monumento da Lei recebida no Monte Sinaí, e a *Festa dos Tabernaculos*, recordação da viagem pelo deserto.

31) Quanto ás sciencias e ás artes—os maiores e mais conhecidos sabios entre os Hebreus foram—1) *Moysés*, optimo historiador, summo poeta, habil estadista e incomparavel legislador, do qual sabemos que era profundo em todas as sciencias do Egypto;—2) *David*, que, consagrando-se de um modo particular á musica, organizou quatro mil levitas em vinte e quatro coros, destinados a cantarem nas solemnidades publicas. Seus principaes instrumentos de musica eram a harpa, o psalterio, o sistro, o tympano, a cithara ou lyra, o orgam, os cymbalos, etc., etc.—3) *Salomão*, que, segundo a Divina Escriptura (III reg. IV, 31), era mais sabio do que qualquer outro homem, contou tres mil parabolas, escreveu mil e cinco poesias; dissertou sobre todas as arvores desde o magestoso cedro do Libano até o humilde hyssopo que nasce na parede; sobre os animaes, as aves, os reptis e os peixes. Em uma palavra, era Salomão, como se diria hoje, um *grande naturalista*. Não é, pois, para admirar que muitos corressem a ouvil-o de todos os paizes e reinos da terra, e que a sua sabedoria se tornasse proverbial;—4) *Os prophetas*, a um tempo philosophos, theologos e poetas, ensinavam a mais pura, a mais humana e civilizadora moral. Sobresaem entre elles Isaias, Jeremias, Ezechiel, Daniel e Job. Os numerosos e mui frequentados collegios de prophetas, que desde a mais remota antiguidade existiram entre os Hebreus, eram fócos de sciencias, artes, moral e civilização.—«*A poesia* dos Hebreus, diz C. Cantú, excedeu a de todos os outros povos, porque era toda nacional e baseada sobre a sua propria existencia. Si a verdadeira poesia é essa voz do sentimento que fecunda o amor da humanidade e o de Deus, que o supplica, que geme pelos males alheios e os allivia elevando para o céo as vistas abatidas, em logar algum cumpriu melhor a sua missão do que entre os Hebreus.... Toda a litteratura hebraica está encerrada na Biblia, livro que, como diz o illustre orientalista Jones, contém mais eloquencia, mais verdades historicas, mais moralidade, mais riquezas poeticas, e, numa palavra, mais bellezas em todos os generos do que se poderiam encontrar em todos os outros livros reunidos, em qualquer seculo e em qualquer lingua que tenham sido compostos. A imperfeição é o caracter das obras do homem, e não ha um só philosopho por maior que tenha sido, sobre cujo tumulo se não tenha assentado a posteridade para revelar os seus erros, a sua ignorancia e as suas contradicções. A Biblia não succede o mesmo. E, entretanto, ella toca nas questões mais elevadas e as mais principaes, e em todos os enigmas da sciencia, e todos os mysterios do homem moral e physico, do tempo e da eternidade. Ella fórma um todo unico, desenvolve extensamente sempre a mesma idéa, o mesmo assumpto, o homem e o povo de Deus, ora tendo mais especialmente em vista a redempção da humanidade, ora essa nação eleita para guardar a palavra da vida, para a applicar e para a propagar. Comtudo, longe de nella se encontrar essa mistura de elementos, que nas outras litteraturas indica primeiro uma lucta, depois uma transição entre as castas, as crenças, e os differentes gráus de civilização, percebe-se nella constantemente um só Deus, um só culto, uma raça unica e uma mesma maneira de observar; no passado, não um pasto para a curiosidade, mas tudo o que existe, a nação e a unidade; no futuro, o cumprimento de promessas sublimes. Por isso, si considerarmos que nesses livros, que foram escriptos por tantos autores afastados pelo tempo, pelos logares, e por outras condições, debalde se procurariam duas idéas contradictorias, ou dois factos que se desmintam, seremos obrigados a reconhecer nelles uma derivação commum, e um só inspirador... No que diz respeito ao pensamento humanitario, emquanto que outros livros da antiguidade tendem a estabelecer a inferioridade de certas raças e o odio das nações extrangeiras...

a Biblia, proclamando a unidade de Deus, proclama a unidade da especie humana, e uma justiça superior ás combinações politicas: faz-nos todos irmãos, para, no exilio, trabalharmos juntos no restabelecimento da harmonia destruida pela primeira falta. David cantou esta harmonia de todos na oração e na lei.»

Na arte militar—estavam os Hebreus tão adeantados como qualquer outro povo da antiguidade. Eram mui valentes e patriotas. «Puderam com uma actividade incançavel e uma grande constancia de vontade soffrer, sem succumbirem, desastres que bastariam para riscar outros povos da superficie da terra. Ao chamado da patria mostraram uma alta valentia, ou quando conquistavam com Josué, ou quando se resgatavam no tempo dos Juizes.» Tornaram-se, além disto, os Hebreus notaveis pela brandura com que tratavam os prisioneiros, que nem os vendiam, nem os reduziam á escravidão, e, si ás vezes os matavam, isto era só quando Deus o ordenava expressamente.—**Nas outras artes** não podiam os Hebreus assignalar-se, visto como lhes era prohibido fazer idolos e trabalhos analogos; porém de varios topicos da Escriptura se deprehende que conheciam soffrivelmente bem a architectura, a esculptura, a arte de fabricar vasos preciosos, fundir metaes, fiar, tecer, e fazer vestidos matizados de varias côres. Consta tambem que desde o tempo de Abrahão possuiam moeda cunhada. Não tiveram, é verdade, grande e afamado commercio, porque suas terras, sendo muito ferteis, produziam tudo quanto se pode desejar para uma vida nacional, commoda e rica. «Por isso alimentaram elles, num espaço mui limitado, uma população que nunca nação alguma teve em egual territorio». O recenseamento de David apresentou oitocentos mil homens capazes de pégar em armas entre os Israelitas; metade deste numero na Judéa. No livro primeiro dos Paralip., cap. XXI, 5 e 6, achamos 1.570,000 guerreiros sem contar as tribus de Levi e de Benjamim; o que faz suppor perto de sete milhões de habitantes. O paiz de Chanaan não tinha mais de cincoenta leguas de comprimento sobre vinte e cinco de largura. Seus monarchas eram immensamente ricos. David em quarenta annos de reinado, apesar de tantas guerras, ajuntou a bagatella de seis milhões, oitocentos e trinta e dois mil, quatrocentos e quarenta contos, que deixou para a construcção do templo. Reuniu, além disto, para o mesmo fim, immensa quantidade de bronze, ferro, madeira, marmore de Paros e toda a especie de pedras preciosas. (1) Salomão empregou, durante oito annos, cento e noventa e tres mil e seiscentos operarios em preparar as pedras, madeiras, etc. para o templo. No dia da dedicação mataram trinta mil bois e cem mil carneiros (2).

32) Usos.—Não havia entre os Hebreus nem o infanticidio, nem a escravatura propriamente dita, nem sacrificios humanos, nem certas outras hediondezas que, muito communs entre os pagãos, a decencia não permitte nomear.—Tributava-se notavel respeito á mulher, a qual, quando casada, era companheira, não escrava do marido. O pae podia alugar, mas não vender, nem matar a seu filho. Agasalhavam e até tratavam como irmão o extrangeiro, que, si consentisse em praticar o mesmo culto, adquiria os fóros de cidadão. Os Hebreus tambem são o unico povo da antiguidade que não temia os eclipses.—Embalsamavam as pessoas de alta jerarchia, mas o vulgo era enterrado simplesmente. Mulheres assalaria-

(1) Vide *Mutano*,—Chronologia pag. 31, nota *a*; *Villelpando*, tomo II, pag. 504; *Calmet*, tomo I pag. 198; item I, Paral., cap. 22 e 29.

(2) Vide III reg., cap. V; II Paral, cap. II.

das choravam pelo morto, junto do qual recitavam orações funebres, canticos de tristeza, etc. Obrigavam a purificar-se por julgal-o maculado, quem se achava presente ao enterro. Durante sete dias, os parentes do fallecido ficavam fechados em continuo jejum, silencio sombrio e altos gemidos. Os sepulchros, por via de regra, eram simples (1).

33) **As fontes historicas do Povo de Deus** são:—1) antes de tudo a Divina Escriptura;—2) *Josepho Flavio ou Hebreu*, que viveu no tempo de Vespasiano. E' muito estimado. Escreveu—*Das antiguidades do povo judaico*, e da *guerra judaica*;—3) muitos autores profanos que incidentemente falam dos Hebreus;—4) os monumentos do Egypto e da Assyria, que em nossos dias vieram inesperadamente confirmar de um modo admiravel toda a historia sagrada. Com effeito é tão grande a conformidade desses monumentos com os factos contados na Divina Escriptura, que Alberto Réville, um dos redactores da *Revue des Deux Mondes*, chegou a aconselhar desconfiança á respeito das traducções dos Assyriologos por concordarem muito com as narrações biblicas; porém temos hoje tal certeza dessas versões, que é impossivel a todo o homem illustrado conceber a minima duvida relativamente a ellas (2).

EGYPTO ANTIGO

34) **As fontes historicas**—do Egypto Antigo, além da Sagrada Escriptura, foram até aos nossos dias os autores seguintes:—1) *Herodoto* de Halicarnasso, historiador grego do V seculo;—2) *Manethon*, sacerdote egypcio, do III sec. antes da éra christan. Temos delle apenas alguns fragmentos conservados por diversos autores;—3) *Deodoro da Sicilia*, historiador grego de segunda ordem, do primeiro sec. antes da éra christan;—4) *Strabão o Geographo*, que viveu na epoca de Augusto. Todavia estes autores, quer por extrangeiros, quer por serem relativamente muito recentes, não gosam de toda a autoridade, e contam factos evidentemente falsos: porém desde que os francezes levaram (1798–1801) para a Europa um certo numero de monumentos, e o illustre Francisco Champollion o Joven, interpretando (1821) a inscripção de Rosetta (3) revelou a chave da escripta hieroglyphica, abriu-se ao historiador nova fonte de sabedoria para reconstruir quasi toda a historia do Egypto Antigo.

35) **Posição ou Paiz.**—O Nilo, o maior dos rios do mundo antigo, divide-se em *Alto*, *Medio* e *Baixo*: o primeiro vae até o XII gráu de latitude norte, o segundo até a cataracta de *Syéna*, no XXIV gráu de latitude, o terceiro até o Mediterraneo. E' nesta ultima região que se acha o

(1) Vide Cantú—Historia Univ., tomo I, liv. II, cap. IX.—Traducção port. de 1853, Lisboa.

(2) Vide Brunengo o. c. e os assyriologos e egyptologos que vamos citar na historia da Assyria.

(3) Hoje Kachid a 50 kil. N. E. de Alexandria. Esta inscripção esculpida no granito e descoberta pelos francezes em 1799, é trilingue: hieroglyphico, egypcio vulgar e grego. Data do anno 193 antes da éra christan, epoca da exaltação de Ptolomeu V Epiphanio. Refere o que aconteceu na menoridade desse rei. Guarda-se hoje em Londres.

Egypto, chamado *Misraim* pelos Hebreus, *Mesr* ou *Masr* pelos Arabes; *Musur*, *Musuri*, *Mizir* ou *Magan* pelos Chaldéos e Assyrios. Divide-se em *Alto*, *Medio* e *Baixo* ou *Delta*. A capital do Alto Egypto era *Thebas*, a grande cidade de cem portas; do Medio, *Memphis;* do Baixo, *Saïs*. O clima é geralmente ardente, porque nunca chove; o solo é muito fertil, sendo fecundado pelas aguas do Nilo, que em certas epocas do anno (Set.—Dez.) invadem as terras, cobrindo-as com o limo precioso que trazem em sua longa viagem. Suas producções mais importantes eram antigamente o trigo e as cebolas. Os habitantes do Egypto Antigo, posto que de raça chamitica, não eram negros. Os actuaes são, pela maior parte, arabes que professam a religião de Mahomet.

36) **Historia politica**.—Costumam os Egyptologos dividir a historia do Egypto Antigo em tres periodos (1), a saber: *Antigo Imperio*, *Imperio Medio* e *Novo Imperio*.

37) **Antigo Imperio**.—O primeiro rei do Egypto, segundo a tradição, foi *Menes* ou *Mena* que reinou em *Tis* no Alto Egypto, e fundou a cidade de Memphis, mas ainda não se achou monumento algum relativo ao seu reinado.—Das dez dynastias que dominaram durante o Antigo Imperio, a mais gloriosa é a quarta, a qual póde citar *Snervu*, seu fundador, que conquistou a peninsula do Sinaï, e explorou suas minas; *Khuva* (Cheops), *Khavrá* e *Menckerá* (Mycerino), notaveis pela construcção de tres grandes pyramides, o mais grandioso monumento da civilização egypcia. A de Mycerino méde 66 metros de altura; a de Khaviá, 138; a de Cheops, 147. A sexta dynastia leva a capital para *Abydos*, (2) no Alto Egypto, e *Papi I*, seu segundo rei, occupa de novo a peninsula do Sinaï. E' no Antigo Imperio que o Egypto gosa de uma profunda paz interior e executa grandes obras tanto monumentaes como agricolas.

38) **O Imperio Medio**—começa com a XI dynastia e vae até a XVII. Encontra-se neste tempo consideravel

(1) *Era* é um ponto principal, donde se parte ou começa a contar; *epoca*, o ponto eminente a que se chega e onde se pára algum tanto. *Periodo* é o espaço comprehendido entre os dois pontos, isto é, a éra e a epoca. Empregam-se, todavia, muitas vezes, estes tres termos, como ou quasi como synonymos.

(2) *Abydos*, hoje Madfuneh, está na margem esquerda do Nilo, ao N. de Thebas e ao S. de Ptolemaïs. Depois de Thebas, é a cidade mais antiga do Egypto.

mudança em todo o Egypto, quer nos nomes proprios, quer no governo. A epoca mais gloriosa deste periodo é a da XII dynastia, cujos reis são obedecidos desde Syéna até o Mediterraneo, conquistam pela terceira vez a peninsula do Sinaï, exploram as minas auriferas da Ethiopia á qual impõem tributo, abrem um canal entre o Mediterraneo e o mar Vermelho e levam a effeito trabalhos gigantescos destinados a regular a inundação do Nilo. Foi com este intuito que Amenehmat III, o constructor do labyrintho, cavou o immenso lago *Maeris*. Depois da XII dynastia até o fim da XIV, deparamos com grande falta de monumentos e por conseguinte temos grande obscuridade. Achava-se esta XIV dynastia proxima a seu fim, quando appareceu uma horda de barbaros conhecidos na historia pelo nome de *Hyksos* (1).

39) **Hyksos.**—Segundo Manethon, seguido nisto pela maior parte dos modernos egyptologos, os Hyksos eram um povo de origem arabe-chananéa, que invadiu o Egypto pelo norte; occupou o Delta e o Egypto Medio; fixou a sua capital em Memphis, e repelliu até Thebas os ultimos reis da XV dynastia. Formou este povo a dynastia XVI, cujo primeiro monarcha, *Chalit*, fortificou a praça de Avaris perto de Pelusa, onde havia um campo entrincheirado, capaz de conter 240,000 soldados. O rei todos os annos assistia nesse logar a uma revista e manobra geral. A dominação dos Hyksos no Egypto durou cerca de quatro seculos. Parece ter sido um desses reis quem elevou ao throno José, e hospedou os Hebréus. Moveram-se afinal os monarchas de Thebas, e expulsaram esses extrangeiros. *Rasguenen Taa I*, fundador da XVII dynastia, foi quem inaugurou a lucta que, depois de um seculo e meio de esforços heroicos, devia rechassar os Reis Pastores de todo o valle do Nilo. Esta gloria coube a *Ahmés I*, fundador da grande dynastia XVIII, o qual perseguiu os Pastores até o interior da Palestina.

40) **O Novo Imperio.**—Depois da expulsão dos Hyksos, começa para o Egypto nova éra de gloria e de grandeza. E' a epoca das conquistas extrangeiras. Thebas passa então a ser a capital de todo o imperio. Sobresaem neste periodo as dynastias XVIII, XIX e XX. Os monarchas prin-

(1) Como os Egypcios alcunhassem esses invasores de *Chus*, *ladrão*, ficou a seus chefes e governadores o appellido de *Hyq-chus*, isto é, chefe dos *Chus*. E' deste nome composto que os historiadores gregos fizeram *Hykussos* e *Hyksos*. Ao povo, todavia, foi dado o nome de *Menthi*, *pastores*, e o de *Satiú*, *archeiros*. Vide Brunengo, o. c.

cipaes da XVIII dynastia foram:—1) *Amenhotep I* (é o Amenophis dos historiadores gregos), que continuou as conquistas na Palestina;—2) *Thuthmés I*, o Thuthmosis de Manethon, que atravessou triumphante a Palestina, a Syria, a Phenicia e a Mesopotamia, avassallando a todos os povos desses paizes e erguendo numerosos monumentos de suas victorias. Pae de *Thuthmés II e III*, bem como da princeza *Hatasú*, reinou vinte e um annos. Tendo *Thuthmés II* fallecido joven e sem descendencia, *Hatasú* governou até a morte como regente de seu irmão menor, Thuthmés III, e conquistou pessoalmente a terra de *Punt*, hoje Yemen, na Arabia Feliz;—3) *Thuthmés III*, o maior monarcha do Egypto Antigo, dirigiu os destinos de seu paiz durante cincoenta e quatro annos e onze mezes; levou por diversas vezes o terror de suas armas até o golpho Persico e a Armenia, deixando por toda a parte profundos vestigios da sua passagem. Em uma caçada aos elephantes, no Alto Tigre, apanhou cento e vinte desses animaes. Consta, portanto, ter-se enganado Ctesias quando affirmou que nesta epoca não viviam elephantes no valle do Tigre.

Os reis mais illustres da dynastia XIX foram:—1) *Seti I*, que recuperou todas as provincias da Asia, perdidas por seus predecessores;—2) *Ramsés II*, o Sesostris dos historiadores gregos, o oppressor dos Hebréus, cujo reinado durou sessenta e sete annos, não realizou novas conquistas; porém, reprimindo com energia um levantamento geral da Palestina, Syria, Phenicia, Assyria e Chaldéa, conservou gloriosamente o poder que recebera de Seti I, seu pae. Durante o seu reinado, alguns prisioneiros chaldéos fundaram a Babylonia do Egypto;—3) *Ramsés III* foi o ultimo dos grandes pharaós guerreiros e conquistadores. Começou, logo depois delle, a decadencia, embora a dominação egypciana se conservasse de algum modo na Mesopotamia até o méado do sec. XII antes da éra christan (1). Como os ultimos reis da XX dynastia fossem muito fracos, as discordias interiores e as revoltas dos povos acceleraram a ruina. A Ethiopia proclama a sua independencia, emquanto os differentes estados da Asia recusam os tributos, repellem os Egypcios e até ameaçam suas fronteiras. Passavam estes successos nos principios do sec. XII, quando, conforme veremos, ia surgindo o grande colosso assyrio. E' desta éra em deante que o Egypto se divide em vinte pequenos es-

(1) Vide Brunengo, Maspero, Lenormant, Mariette, etc. etc.

tados independentes, chamados *Nomos*, e cae nas mãos dos Ethiopes.

41) Reis Ethiopes.—Durante o dominio pouco mais que nominal das dynastias XXI, XXII, XXIII e XXIV, os Ethiopes, apoz longa e porfiada lucta, assenhorearam-se de todo o Egypto (1). Os monarchas ethiopes mais illustres foram:—1) *Chabak*, fundador da XXV dynastia, que, apoderando-se de todo o Egypto e queimando vivo em *Saïs* ao infeliz *Bokenranu* (é o Bukoris dos historiadores gregos), assumiu o titulo de pharaó; governou sabia e energicamente, e acceitou o convite de *Oséas* contra Salmanasar V, porém nada fez em beneficio de Samaria. Tendo marchado contra Sargon em apoio da Syria e sendo mal succedido na batalha de *Rapikh* ou *Raphia* (719), perdeu todo o exercito, e só se salvou fugindo disfarçado. Retirou-se para o valle do Nilo, onde succumbiu ao sentimento. No entretanto o rei *Stephinates* levantava o Delta contra os Ethiopes proclamando-se independente em Saïs;—2) *Chabatok*, filho e successor de Chabak, era neste mesmo tempo supplantado pelo grande Tharaka (2);—3) *Tharaka*, tirando proveito das discordias do Delta, e do desalento em que seus principes tinham cahido depois de desbaratados por Sennacherib (700) em *Altakú*, perto de Pelusa, assenhoreou-se mais uma vez de todo o Egypto, mas deixou o titulo de reis aos monarchas de Saïs que foram *Stephinates* (680), *Nekepso*, seu filho, e *Necháu I*, seu neto, ultimos restos da dynastia XXIV. Comquanto fosse mais tarde *Tharaka* re-

(1) O primeiro rei da XXII dynastia foi *Sesac* ou *Chechonk*, o *Sesonchis* dos historiadores gregos (935—914), que, fomentando a revolta das dez tribus e entregando Jerusalém ao saque, levou Roboão preso para o valle do Nilo.—A origem da dynastia ethiope remonta até *Herhor*, sacerdote de Jupiter Ammon em Thebas, que pelo meado do sec. XII usurpou o poder real, porém não poude transmittil-o a *Pinotsem*, seu filho. Comtudo *Pianki I* tornou-se independente no *Alto Egypto*, e legou pacificamente o reino a seus successores,-emquanto no Baixo e Medio Egypto *Simentú* (é o Mendes dos historiadores gregos) dava principio á XX dynastia. As desordens intestinas, que por longo tempo perturbaram a paz interior do paiz, permittiram aos Ethiopes chegarem até Abydos e mesmo até Memphis. *Pianki Meiamum* occupou emfim todo o Delta, e *Tawcht*, primeiro rei da XXIV dynastia de Saïs, não foi capaz de lhe resistir. *Bokenranu*, todavia, recuperou o Baixo e Medio Egypto, durante o fraco reinado de *Kachta*, successor de *Meiamum*; mas logo depois *Chabak*, filho de Kachta, chegou até o Mediterraneo.

E' certo ser uma e mesma pessoa tanto o *Sua* da Biblia, como o *Sabé* dos textos assyrios, o *Sabacos* dos historiadores gregos e o *Chabak* dos egypcios.

(2) Os historiadores gregos chamam-no Thearchus, Ethearchus, Taracus ou Tarcus; os assyrios, Tarku; os egypcios, Taharca.

chassado por Asarhaddon até o fundo da Ethiopia, não se demorou em regressar, bater os Assyrios em Memphis e expulsal-os de todo o valle do Nilo. Derrotado pouco depois por Assurbanipal, no Delta, e repellido até a fronteira meridional do Egypto, volta com grosso exercito e assiste em Memphis á installação do boi Apis. Forçado emfim a retirar-se de novo, morre na Ethiopia sem ter successor.

42) **Ultima dynastia**. — Entregára *Assurbanipal* o governo do Egypto a vinte principes indigenas, (1) e, com a condição de repellirem os Ethiopes, perdoára-lhes o crime de se ter insurgido. Proclamaram, todavia, dahi a pouco esses principes uma nova revolta, e com fortuna tal, que desta vez se tornaram independentes. Capitaneou a insurreição Psammetico, um dos vinte principes, que, eleito rei (665—11), expulsou os Assyrios mediante o auxilio de Gige, rei da Lydia, e talvez de accordo com Cyaxare, rei da Media. Inaugurou a XXVI e ultima dynastia, fixou a sua residencia em Saïs e tomou Azoto depois de um memoravel cêrco de vinte e nove annos.

43) **Os successores de Psammetico**—foram : — 1) *Necháu II* (611—595), que esquipou duas grandes frotas : uma no Mediterraneo, outra no Erythréu, e, para reunil-as segundo a exigencia das circumstancias, tentou pôr de novo em communicação esses dois mares. Havendo perdido cento e vinte mil homens, abriu mão da empresa (2). Dirigiu-se Necháu para a Asia e a conquistou até Carchemis no Alto Euphrates (609), depois de vencer, na planicie de Mageddo a Josias, rei de Judá, que, como bom vassallo do imperador de Babylonia, quiz disputar-lhe a passagem. Na volta prendeu e levou para o valle do Nilo a Joachas, substituindo-lhe Eliacim ou Joaquim e impondo aos Judeus pesado tributo. Sendo, porém, dahi a tres annos desbaratado em Carchemis por Nabucodonosor o Grande, retirou-se para o Egypto, donde nunca mais sahiu; — 2) *Psammetico II* (595—89), seu filho, fez apenas uma expedição infeliz para a Ethiopia; — 3) (3) *Apries*

(1) Tambem Asarhaddon confiára o governo do Egypto a vinte principes indigenas, conforme diremos na historia da Assyria, mas são dois factos diversos que não se devem confundir.

(2) Esse canal, aberto outrora pelos monarchas da dynastia XII e mais tarde pelos da XIX, partindo de Bubastes e descendo pelos Lagos Amargos, ia até Suez. Contam tambem que Necháu ficou assustado, porque um oraculo dissera que trabalhava para um barbaro.

(3) Uabra, Uaphris ou Uaphraet, etc. é o mesmo que o Apries dos historiadores gregos e o Ephree da Biblia.

(589—69), promettendo o seu apoio a Sedecias, rei de Judá, contra o monarcha da Babylonia, deu causa á ultima ruina de Jerusalém. Vencido pelos Chaldéos, foi, no seu regresso, derrubado por uma revolução que elevou Amasis apesar de pertencer a outra familia e até a uma casta inferior; — 4) *Amasis* (569—26) hospedou Pythagoras e o sabio Solon; prestou homenagem a Nabucodonosor, que neste interim acabava de subjugar o Egypto todo; alliou-se com Creso, rei da Lydia e pagou tributo a Cyro o Grande. Recusou-o, todavia, a Cambises, que por isto declarou guerra ao Egypto. — 5) *Psammetico III* (526) foi por Cambises esmagado em Pelusa, e morto depois de ver o seu filho levado ao ultimo supplicio e sua filha ir, como escrava, buscar agua para os Persas (526).

Assim cahiu o reino do Egypto, onde desta época em deante dominaram os Persas, os Gregos, os Romanos, os Arabes, e nunca mais principes nacionaes segundo predissera o propheta Ezechiel. E' verdade que ainda subiu ao throno um ou outro chefe, elevado em consequencia de alguma revolta; mas por tão curto tempo e com exito tão infeliz, que não merece attenção.

Usos, costumes, lettras, sciencias e artes

44) As castas.—Toda a Sociedade no Egypto assentava sobre a distincção das castas, posto que não fossem, nem tão exclusivas, nem hereditarias como na India. A principio havia só tres, isto é, os *sacerdotes*, *os guerreiros* e o *povo*. Subdividia-se esta ultima em *artifices* e *pastores*. Foram mais tarde creadas as castas dos *marinheiros* e dos *interpretes*. Durante a dominação dos Gregos desappareceu esta distincção de castas.—**O governo** era monarchico-hereditario. O monarcha assumia o titulo de *pharaó*, isto é, filho do sol; commandava o exercito, e governava o paiz por meio de magistrados dependentes directamente delle. A justiça era confiada aos sacerdotes, que julgavam os proprios reis, recusando-lhes as honras da sepultura no caso de os acharem réus de algum crime.—**Religião.** Embora, na remota antiguidade, adorassem os Egypcios o verdadeiro Deus, cahiram pouco a pouco em uma idolatria tão grosseira que tributaram honras divinas aos animaes e plantas [1]). Conservavam com grande cuidado os corpos de seus antepassados (mummias), porque acreditavam na immortalidade da alma e na metempsychose, dizendo que, no fim de seis mil annos, as almas tornariam a animar seus corpos. A' testa de seus deuses estava a trindade dos filhos de *Cham*, a saber: *Kneph*, de cuja bocca sahia o ovo primitivo; *Phtha*, o Vulcano dos Gregos; *Phré* ou *Pi-ré*, o sol. Quanto aos outros, nomearemos apenas os principaes: *Osiris*, o deus do bem e da agricultura, e *Typhon*, seu irmão, o deus do mal; *Serapis*, deus principal do inferno; *Ammon*, o Jupiter dos Gregos; *Isis*, a lua crescente; *Neith*, a deusa da sabedoria, como Athenas e Minerva; *Mendes* ou *Mandú*,

---

([1]) E celebre o verso de Juvenal: — Felices gentes, quibus hæc nascuntur in hortis — Numina.

o Pan dos Gregos, deus dos pastores; *Thot*, o Mercurio egypcio, que presidia á palavra, á escripta e ás sciencias; o *Boi Apis*, que depois de receber, por 25 annos, honras divinas em Memphis, era com grande solemnidade afogado no Nilo. Chorando-o então amargamente, o embalsamavam e lhe procuravam um successor, que em Memphis tomava posse da sua divindade no meio do maior regosijo publico. Devia ser preto e levar no lado direito uma pequena mancha branca em fórma de lua crescente.

45) Lettras, sciencias e artes.—Pouco sabemos da antiga litteratura do Egypto, porém os autores falam de poemas em honra de Isis, de Sesostris, etc. Além disto as inscripções, hoje tão estudadas pelos sabios, e bem assim o famoso *Livro dos mortos* constituem um bom cabedal de litteratura. Nem deixaram de florescer no valle do Nilo as sciencias e as artes, como se deprehende de seus monumentos colossaes que são as *pyramides*, os *hypogéos*, os *templos*, os *obeliscos*, o *Memnonium*, o *Sphinx*, o *lago Macris*, o *labyrintho*, *etc.*; pois estas grandes construcções suppõem conhecimentos bastante adeantados nas mathematicas, na architectura, etc.

Entre as sciencias cultivadas pelos Egypcios, merece especial menção a *astronomia*, cuja origem se attribuia a *Thot*, que, para transmittir á posteridade seus segredos scientificos, fundou, dizem, um collegio de sacerdotes. Thot, segundo affirmam, viveu cerca de tres mil annos antes da nossa éra, e dividiu o anno em 365 dias. Para emendar o erro que esta divisão incluia, idéaram o periodo conhecido pelo nome de anno *sotico*, anno canicular ou anno de *Thot*. Constava este periodo de 1461 annos, no fim dos quaes recomeçavam no mesmo dia o anno civil e o religioso. Comtudo estes astronomos, em logar de progredirem, perderam a pouco e pouco a sua sciencia, cahindo na astrologia com o intento sempre baldado de predizer o futuro. Estavam em voga no Egypto tres especies de escripta, isto é, a *hieroglyphica* ou *sagrada*, que era figurativa, ora symbolica, ora alphabetica. Empregava-se nas inscripções dos monumentos publicos;—a *hieratica*, usada exclusivamente pelos sacerdotes; e a *demotica* ou *popular*, que differia da hieratica só em ser mais simples.

ASSYRIA E BABYLONIA

46) As fontes historicas—da Assyria e da Babylonia, além da Sagrada Escriptura, até os nossos dias foram:—1) *Beroso*, sacerdote chaldéo do III seculo antes da éra vulgar, do qual temos só alguns fragmentos;—2) *Diodoro da Sicilia*, historiador grego de segunda ordem e contemporaneo de Augusto;—3) *Herodoto* de Halicarnasso, historiador grego do V sec.;—4) *Abydeno*, que floresceu no Egypto sob os *Ptoloméus*;—5) *Ctesias*, medico de Cnido, que, depois da batalha de Cunaxa (401), permaneceu na côrte de Artaxerxes Mnemon em qualidade de primeiro medico.

A historia de Ctesias, diz Lenormant, foi escripta e autorisada por fim politico. Resume-se no seguinte:—*Nino* filho de Belo e fundador de Ninive, subjugou a Chaldéa, a Armenia e todo o paiz que se dilata entre o Indo e o Mediterraneo. *Semiramis*, filha natural da deusa Derceto, exposta na floresta e nutrida por algumas pombas, tendo com seus conselhos obtido que se tomasse Bactres, capital da Bactriana, mereceu contrahir enlace matrimonial com Nino e ser deste modo elevada ao throno. Governando mais tarde o paiz, como regente do seu filho *Ninias*, construiu as maravilhas de Babylonia; realizou numerosas conquistas; ergueu innumeraveis cidades, etc., etc. Em fim abdicou, e, desapparecendo mudada em pomba, foi adorada sob o symbolo dessa ave.—*Ninias*, succe-

dendo á sua mãe, mostrou-se muito indolente, e taes se mostraram, durante treze seculos, todos os seus successores até *Sardanapalo*, o mais indolente de todos. Cahiu este ultimo victima de uma revolução, capitaneada por Arbace e Belesis: aquelle, governador da Media; este, da Babylonia. Os rebeldes, tomando a capital, fundaram os imperios da Babylonia, da Media e de Ninive. Dahi a pouco uma segunda insurreição, destruindo Ninive, creou os imperios da Media e da Babylonia.

Todos entendiam que estas são lendas inadmissiveis, e só se contavam outrora por falta de cousa melhor; hoje, porém, em logar destas fabulas, justamente condemnadas a perpetuo olvido, possuimos os monumentos descobertos na Assyria e na Chaldéa.

47) Descobertas assyrias.—Foi em 1842 que o italiano *Paulo Emilio Botta*, consul francez em Mossul, ao ouvir que naquellas paragens se encontravam cacos de tijolos com inscripções, começou a cavar em um outeiro ao pé da villa de *Khorsabad*, onde descobriu os restos do palacio, construido antigamente pelo rei Sargon, e uma grande bibliotheca de tijolos ou taboinhas. Em 1845 os inglezes acharam, em frente de Mossul, as ruinas da antiga Ninive e avultado numero de tijolos ou taboinhas, que levaram para a Inglaterra. Comtudo este precioso thesouro não produziria nenhum fructo, si não se descobrisse a chave da escripta *cuneiforme* (da fórma de um cône ou frecha, *arrow-headed*). Deparou-nos esta chave o estudo feito sobre a grande inscripção de Behistun, que, nas três linguas *persiana*, *meda* e *assyria*, relata as façanhas de Dario I.

48) Behistun.—Fica Behistun sobre a fronteira occidental da Media, na estrada que de Babylonia vae para Echatana. A inscripção, está obra de cem metros desde a base de um rochedo talhado a prumo, que tem pouco mais ou menos 560 metros de altura e faz parte da serra do Zagros. Foi em 1765 essa inscripção visitada pelo sabio allemão Carsten Niebuhr. Em 1802 interpretou Grotefend a primeira columna, que é em persiano. Dahi por deante trabalharam nella os srs. Kask, Lassen, Eugenio Burnouf e sir Henry Rawlinson, o qual em 1836 copiou toda a inscripção, e decifrou a primeira columna. Maior difficuldade apresentava a interpretação da segunda columna, escripta na lingua *anariana*, isto é, *não—ariana* que é mais complicada. Foi, todavia em 1844 explicada pelo dinamarquez Westergaard e por outros. Finalmente em 1855, Norris deu uma traducção della, e provou que o fundo do seu idioma pertence á familia das linguas turanicas. Sendo a lingua assyria a da terceira columna, não foi difficil aos sabios entendel-a, e dahi passaram a interpretar os monumentos de Khorsabad.

De feito em 1840 ensinava De Saulcy as primeiras regras de leitura, em 1850 o Dr. Hincks de Dublim demonstrava o syllabismo da escripta, em 1851 Henrique Rawlinson revelava a *polyphonia* e o duplo valor, isto é, *phonetico* e *ideographico*, dos mesmos signaes, e publicava a sua primeira traducção da lingua assyria. (1) Entregava, no entretanto, Julio Oppert á publicidade a primeira grammatica dessa mesma lingua. Propoz, por ultimo,

(1) Caracter *phonetico* é o que representa o som; *ideographico*, o que manifesta a idéa; *polyphono*, o que denota varios sons ao mesmo tempo. Nós tambem possuimos caractéres ou signaes ideographicos, v. g., os algarismos, os numeros romanos, os signaes em voga nas mathematicas, etc., mas é que entre nós são empregados em pequena escala. Possuimos tambem signaes polyphonos, e são as vogaes que teem mais de um som, v. g., fóra e fôra, bêsta e bésta, côrte e córte, môlho e molho, sê, sé, se; séde e sêde; fôrma e fórma; porém nós os distinguimos quasi sempre por meio do accento.

em 1857, Fox Talbot uma especie de concurso, ao qual responderam Jorge Rawlinson, o Dr. Hincks e Julio Oppert. Verteram a grande inscripção de *Tuklatpalasar* I, e, como este trabalho se achou identico no tocante á substancia, puderam esses illustres assyriologos annunciar ao mundo que a chave dos caractéres cuneiformes já estava no dominio da sciencia.

49) A escripta cuneiforme—em vigor no Oriente desde os tempos mais remotos até o fim do I sec. da éra vulgar, foi cultivada pelos Assyrios, Chaldéos, Persas, Medos, Armenos, etc. Dividem os assyriologos a escripta cuneiforme em *archaica, moderna* e *cursiva* ou *vulgar*. A archaica ou primitiva é muito difficil, sendo em compensação a mesma em toda a parte; a moderna, que data do sec. X, é menos complicada, mas varia segundo os diversos paizes; a cursiva é mais simples e era usada nas escripturas privadas; as duas precedentes empregavam-se unicamente nos documentos e monumentos publicos. Nos textos mais antigos encontram-se só caracteres ideographicos, porém desde o sec. XII estes começam a misturar-se com os phoneticos, e, ás vezes, o mesmo caracter ou signal representa a um tempo o som e a idéa ou tambem diversos sons. Dahi a grande difficuldade da interpretação. (1)

50) Paiz—Dá-se, na geographia antiga, o nome de *Mesopotamia* (entre-rios) á parte superior da planicie comprehendida entre os rios Tigre e Euphrates.—Chama-se *Chaldéa e Babylonia* o paiz situado nas duas margens do

(1) Vide os assyriologos e egyptologos seguintes: Joaquim Ménant—*Babylone et la Chaldée*. Paris 1875.—*Annales des Rois d'Assyrie*.

Francisco Lenormant—*Manuel d'histoire ancienne de l'Orient, jusqu'aux guerres Médiques. Paris 1869—Les premières civilisations—Essai de commentaire* de Bérose—*Lettres assyriologiques, etc.*

Sir Henri Rawlinson—*Journal of the asiatic society*.

George Rawlinson—*The five great monarchies of the ancient world*.

George Smith—*Assyrian discoveries—Recent cuneiform researches—An account of explorations and discoveries. The chaldean account of Genesis, etc. —History of Assurbanipal—History of Babylonia, etc*.

Vigouroux—*Un nouveau chapitre de la Genèse chaldéene—Les découvertes modernes en Assyrie et en Egypte—La Bible et les découvertes modernes*.

Gustavo Bickel—*Zeitschrift fuer kalische Theologie*.

Julio Oppert em sua numerosas obras relativas á assyriologia.

Schrader—*Die Keilinschreifte und das alte Testament*.

Maspero—*Histoire ancienne des peuples de l'Orient*.

Schoebel—*L'authenticité mosaique de la Genèse, défendu contre les attaques du rationalisme allemand*.

Finzi—*Ricerche per lo sttudio dell'antichità assira*.

Knobel—*Die Voltertafel der Genesis*.

Löftus—*Chaldea and Suziana*.

Brugsch—*Histoire d'Egypte*.

Chabas—*Voyage d'un Egyptien—Mélanges, etc. Etudes sur l'antiquité historique d'après les sources égyptiennes, etc.*

Delatre—*Les inscriptions historiques de Ninive et de Babylone. Aspect général de ces documents. Examen raisonné des versions françaises et anglaises*, Paris 1879.

Veja tambem *Western Asia inscriptions, etc*.

Norris—*Assyrian diccionary*.

W. Palmer—*Egyptian chronicles*, etc. etc.

Baixo Euphrates até o golpho Persico.—*A Assyria* occupa as duas beiras do Alto Tigre.—*A Suziana* está ao sul da Assyria e a léste da Chaldéa, onde chove raras vezes, sendo o terreno fecundado, como no Egypto, pelo transbordamento do rio. A Assyria é montanhosa; a Mesopotamia, a Chaldéa e a Babylonia são geralmente p'anas.

HISTORIA POLITICA DA ASSYRIA E DA BABYLONIA

51) **Epoca primitiva.**—Segundo a Sagrada Escriptura, logo depois da confusão das linguas, *Nemrod*, filho de *Chus* e neto de *Cham*, lançou perto da famosa torre, os alicerces de uma cidade que chamou Babylonia. Um pouco mais tarde *Assur*, filho de Sem, partindo de Babylonia, passou a fundar a cidade de Ninive, na margem esquerda do Alto Tigre, e dentro em breve todo o paiz circumvizinho recebeu o nome de Assyria. E' difficil dizer qual fosse a sorte dessas duas cidades em tempos tão remotos; porém, seguindo Beroso, illustrado pelas descobertas recentes, podemos affirmar que Ninive permaneceu, durante longos annos, na obscuridade, e que os destinos de Babylonia foram successivamente dirigidos por cinco dynastias, das quaes passamos a dizer alguma cousa. Das tres primeiras dynastias, mal conhecemos alguns nomes. Parece, todavia, certo que, no seculo XXIII, a Chaldéa foi conquistada pelos reis elamitas, os quaes formaram a II e III dynastia da Babylonia, e extenderam o seu dominio até perto da fronteira do Egypto. Esta epoca coincide com a de Abrahão (2160—1985), e um desses monarchas elamitas talvez fosse aquelle *Chodorlahomor*, que no saque de Sodoma fez prisioneiro a Loth.—*A IV dynastia*, toda de reis chaldéos, reinou desde 2000 até 1560. Assignalaram-se nella os seguintes soberanos:—*Sargon I*, o *Antigo*, um dos maiores heróes destas éras remotas, que, dominando por mais de quarenta annos, dilatou o seu reino até o golpho Persico, a Media e o Mediterraneo; levantou numerosos templos e palacios; protegeu as sciencias astronomicas, etc., etc.—*Naramsim*, filho de Sargon, e *Ismidagan:* ambos illustres por conquistas, construcções, etc.

A V dynastia, composta de monarchas arabes, manteve-se no poder, mais ou menos, desde 1550 até 1300. Durante o seu dominio Ninive começou a sahir da obscuridade impondo a sua protecção á Babylonia. Nesta mesma epoca toda a Mesopotamia, a Assyria e a Chaldéa tiveram de pagar

tributo aos reis do Egypto.—Sobresahiram nesta dynastia: —1) *Hammurabi*, seu fundador, a quem grangearam immensa gloria suas conquistas e sumptuosas construcções de palacios e de templos, bem como a abertura de um grande canal, restaurado mais tarde por Nabucodonosor com o nome de *canal regio*. E' de observar que até este tempo, os monarchas da Babylonia tomavam o titulo de rei de *Ur*, de *Warka*, de *Nipar*, de *Larsam*, de *Agané* ou *Sippara*, segundo que a côrte residia em uma ou em outra dessas cidades; porém desta época em deante assumem sempre o nome de rei de *Bab-ilu, porta do Deus Supremo.—2) Kara-Indas*—celebrou com *Assur-bel-nisisú*, monarcha da Assyria, um tratado para rectificar as fronteiras.—3) *Purna-Purias* II casou-se com a filha do rei de Ninive e rectificou de novo as fronteiras. Uma revolução contra o monarcha da Babylonia offereceu dentro em breve ao da Assyria um plausivel pretexto para intervir em apoio do seu parente e collocar esse paiz sob sua alta protecção. Outros acontecimentos em seguida acceleraram a decadencia da Babylonia, que afinal se tornou tributaria da cidade de Assur.

52) **Imperio da Assyria.**—Pelos fins do sec. XIII antes da nossa éra, começou a erguer-se o grande colosso assyrio, cuja historia póde dividir-se em cinco grandes periodos.—*No I periodo Tuklatsamdan* funda o imperio conquistando a Babylonia e toda a Chaldea;—*Tuklatpalasar* (1) I extende suas fronteiras desde o golpho Persico até o monte Libano e os mares Mediterraneo e Negro.—*No* II *periodo* perde Ninive varias de suas possessões, e o sceptro passa para uma nova dynastia, cujo primeiro monarcha é *Belkatirassú*. —No III *periodo* adquire de novo o imperio uma grande gloria assenhoreando-se da Syria, levando suas armas victoriosas até a fronteira do Egypto e impondo tributo aos reis de Israël e de Judá. Seus monarchas mais distinctos neste periodo foram: *Assur-nasir-habal, Salmanasar* III e *Binnirari* III.—No IV *periodo* Ninive decae a ponto de se achar na beira do (2) abysmo.

---

(1) Servo ou adorador do filho de *Asar*, isto é, do deus Adar ou Samdan que corresponde ao Hercules dos Gregos e dos Romanos.—*Pal*, contracção de *Habal*, filho, é muito frequente nos textos cuneiformes.

(2) É opinião de diversos autores que a missão de Jonas se realizou nestas circumstancias de extrema decadencia. Uma peste medonha assolou na mesma epoca toda a Assyria, cujo povo foi egualmente assustado por um eclipse do sol. Este eclipse, que occorreu no dia quinze de Junho de 763, é precioso para a chronologia, visto corresponder exactamente á epoca indicada pelo canon dos Limmús.

No V período toca Ninive o zenith da sua gloria, declinando afinal e perecendo para nunca mais resurgir. Seus grandes imperadores neste periodo foram os seguintes:—1) *Phul-Tuklat-palasar* (745—26), chefe de uma nova dynastia, dilatou as fronteiras do imperio até o Indo, o golpho Persico, a Arabia, o Egypto, o Mediterraneo, o Negro e o Caspio;—2) *Salmanasar* V (726—22) pôz cêrco a Samaria sem conseguir tomal-a;—3) *Sargon* (21—705), fundador da mais gloriosa dynastia deste imperio, assenhoreou-se de Samaria (722), anniquilou (719) Chabak em Raphia (1), internou-se na Arabia, abafou uma insurreição da Chaldéa, e acabou de morte violenta logo depois de dedicar o novo palacio de *Dur-sar-kin*, descoberto em 1842;—4) *Sennacherib* (704—80), o mais illustre dos monarchas assyrios, aformoseou notavelmente a sua capital, protegeu as bellas artes, sopeou numerosas revoltas, derrotou (700) em *Altakú* os principes egypcios do Delta, e retirou-se a toda a pressa quando viu 185,000 dos seus soldados (2) mortos em uma só noite. Voltando a Ninive, tirou a vida a muitos hebréus e foi assassinado por dois de seus filhos.—5) *Asarhaddon* (680—68) (3) poniu cruelmente a innumeraveis rebeldes; destruiu Sidon; mandou muitos colonos para Samaria; levou suas armas até o interior da Arabia; obrigou Tharaka a fugir para a Ethiopia; confiou, mediante tributo, o governo do Egypto a vinte principes nacionaes; introduziu em Ninive os usos e as artes do valle do Nilo, e, abdicando, retirou-se para Babylonia, onde pouco depois falleceu.—6) *Assurbanipal* (668—26), digno successor de seu pae, avô e bisavô, subjugou a Suziana; domou tres vezes a revolução do Egypto, que finalmente perdeu; fez guerra a Phraorte, rei dos Medos; impoz tributo a Gige, rei da Lydia; castigou com muita severidade um levantamento da Babylonia, e enviou contra uma insurreição do norte e do oéste o general *Holophernes*, a quem Judith decepou a cabeça junto de Bethulia. Comtudo

(1) Hoje Refah ao oéste de Gaza. E' a primeira vez conhecida que os dois colossos veem ás mãos

(2) Este desastre, *sobre ou praeter natural*, não aconteceu perto de Jerusalém, como opina Josepho Flavio, mas no Egypto não longe de Pelusa, onde estava o proprio Sennacherib com o grosso do exercito.—Todo o homem que crê na Sagrada Escriptura (IV Reg. XIX. 35), deve neste facto reconhecer intervenção extraordinaria de Deus e, por conseguinte, milagre. Pretender explical-o por meio de uma prodigiosa multidão de ratos que, durante a noite, roeram as cordas de todos os arcos, as aljavas e os escudos, seria contradizer abertamente á Divina Escriptura, multiplicar milagres sem necessidade e contar uma anecdota muito improvavel.

(3) *Asar-akh-iddin*, isto é, Assur fratrem dedit.

os dias de Ninive estavam contados, e o grande colosso, abalado por tantos golpes, não podia tardar em chegar ao ponto da ultima ruina.—*7) Assur-edilili* (626—25), o Saracus dos historiadores gregos, vendo-se cercado na sua capital, incumbiu Nabopolasar, seu general em chefe, de debellar uma insurreição da Babylonia. Este, em logar de executar a ordem recebida, uniu-se a Cyaxare, e, juntos, marcharam sobre Ninive, que, segundo a predicção dos prophetas, ficou reduzida a um montão de ruinas. O infeliz monarcha pereceu nas chammas do seu palacio em 625.—Os vencedores, dividindo a presa, formaram os dois grandes imperios da Media e da Babylonia, que mantiveram sempre a paz entre si e foram de curta duração. Coube a Cyaxare a Assyria com todos os paizes do léste, norte e nordéste; Nabopolasar tomou a Babylonia com toda a Chaldéa, a Suziana, a Mesopotamia e as outras regiões ao oéste do Euphrates até o Egypto.

A Assyria, como reino independente, existia desde o méado do seculo XV; como imperio, desde o seculo XIII. Seus limites na sua grande extensão foram a India, o golpho Persico, a Arabia, o Egypto, o Mediterraneo, o Negro e o Caspio. A epoca da sua maior gloria, riqueza e poder foi a dos Sargonidas.

53) **Babylonia.**—O imperio da Babylonia, que durou apenas 87 annos, foi governado pelos imperadores seguintes:—1) *Nabopolasar* (25—604) (1), seu fundador, fez juntamente com Cyaxare uma guerra á Lydia, que acabou ao serem os combatentes assustados por um eclipse do sol (2). Cedeu Nabopolasar, mediante tributo, a Syria a Necháu, mas, passados tres annos, mandou contra elle Nabucodonosor, seu filho, que desbaratou o monarcha egypcio em Charchemis, no Alto Euphrates, e, tomando Jerusalém, levou para Babylonia o rei Joaquim ou Eliacim (606).—2) *Nabucodonosor* (3) (604—561) construiu as maravilhas da sua capital, tornou a saquear Jerusalém, cujo povo deportou para o valle do Euphrates; subjugou a Syria e a Phenicia apoderando-se da soberba Tyro apoz treze annos de memoravel bloqueio; internou-se na Arabia; conquistou as ilhas do Mediterraneo, o Egypto, a Ethiopia e a Libya (570).

(1) *Nabu-pal-utzur*, isto é, Nabu filium protegit.

(2) Segundo as melhores autoridades, occorreu este eclipse no anno de 610.

(3) Nabu coronam protegit.

Ebrio de tão grande gloria, pretendeu ser adorado como um deus; teve duas visões notaveis; enlouqueceu suppondo-se boi; e, sem converter-se, falleceu pouco depois de recuperar o uso de suas faculdades mentaes.—3) *Evilmerodach* (561—59) alliviou o captiveiro do rei Jechonias, tratou bondosamente aos outros hebréus e morreu assassinado.—4) *Nabonid* (555—38). Depois do curto reinado de *Neriglissor* (59—55) e de *Laborosoarchord*, subiu ao throno Nabonid, que, vencido por Cyro em batalha campal, despiu as armas e recebeu o governo da Caramania na Asia Menor.—5). *Balthazar* já associado ao throno por seu pae, Nabonid, reinava juntamente com elle quando foi morto por Cyro no meio do festim em que contemplara o medonho *Mane, Thecel, Phares*. Daniel, que leu e interpretou as tremendas palavras, foi proclamado *tertius in regno*. (1).

54) Nabonassar.—Dos reis da Babylonia, emquanto ainda dependente de Ninive, o mais conhecido é *Nabonassar*, notavel por ter no dia 26 de Fevereiro de 747 inaugurado uma nova *era* substituindo o anno solar de 365 1/4 ao anno lunar de 354 dias, que até então estivera em voga entre os Chaldéos. E' desta nova *era* que começa o canon de Ptolomeu, lista dos reis de Babylonia com a indicação precisa do reinado de cada um delles. Principia em 747, primeiro anno do reinado de Nabonassar, e vae até 323, epoca da morte de Alexandre o Grande. Foi este canon encontrado em um codice do Singello pelo veronez Julio Cesar Scaligero (1484—1558).—**As muralhas** de Babylonia, que formavam um quadrado, tinham cem metros de altura, vinte e seis metros e dois terços de largura ou grossura. A superficie da cidade, diz Ménant, era equivalente a sete vezes a da moderna Pariz. De feito cada um dos lados do quadrado contava vinte e quatro kil. de comprido, o que viria a dar 576 kil. de superficie—**A doença** do grande imperador era semelhante á que os medicos chamam *Lycantropia*, pela qual o homem, suppondo-se lobo, procede como lobo. Dizem varios medicos distinctos que na historia da medicina se acham exemplos desta doença. Nabucodonosor, pois, não se transformou em boi, mas cuidava ser boi, e portava-se como tal. E' bem conhecida a historia de seu duplice sonho (a estatua e a arvore), interpretado por Daniel, e a dos tres moços hebréus atirados á fornalha, porque recusaram adorar a estatua do rei, etc. O facto de ter Daniel desenganado o monarcha a respeito do deus Bel ou Baal, e do dragão, ao qual tributavam honras divinas, bem como o de ser o mesmo Daniel fechado na cova dos leões, collocam-se geralmente no reinado de *Evilmerodach*.

Civilização da Assyria e da Babylonia

55) Usos, costumes, etc. Eram os Assyrios eminentemente guerreiros, occupando-se sem descanço em guerras, conquistas e caçadas estrondosas. —*O seu governo* era monarchico—absoluto—hereditario. Tinham um ma-

(1) *Mane*—Deus contou os dias do vosso reinado e marcou o seu fim.—*Thecel*—fostes pesado na balança e fostes achado muito leve—*Phares*—o vosso reino foi dividido e dado aos Medos e Persas.

gistrado annuo, chamado *Limmú*, que, como o primeiro archonte em Athenas e os consules em Roma, dava o nome ao anno, sendo por isto denominado tambem *Eponymo*. Era com a sua *eponymia* que se datavam os monumentos publicos e solemnes, e até os actos particulares e os factos historicos. Conferia o monarcha esta honra aos grandes da côrte e do imperio. Elle mesmo era *Limmú* no primeiro anno do seu reinado. Succediam-se em seguida com certa ordem o *tartan* ou general em chefe do exercito, o *rabbi lub* ou prefeito do serralho, o *rabbi-turi* ou chefe dos eunuchos, etc. Seus imperadores eram intoleravelmente orgulhosos e crueis. Davam-se por filhos e representantes dos deuses: matavam sem misericordia os prisioneiros, a quem por via de regra, esfolavam e até sepultavam vivos dentro dos muros. Aos povos vencidos, que quasi a modo de gado transferiam de um paiz para outro, impunham a religião, um tributo e o governo politico, deixando-lhes o governo civil, sem procurar assimilal-os, nem captivar-lhes a affeição. Por isto, apesar do terror que incutiam com suas crueldades, os levantamentos eram frequentes, não raras vezes geraes e coroados de feliz resultado.

Os Chaldéos não eram tão crueis como os Assyrios, mas a respeito dos vencidos procediam da mesma fórma. Em materia de religião ambos professavam o polytheismo adorando *Dagão*, pae dos deuses; *Sin*, a lua, primogenito de Belo; *Merodach* e sua mulher *Zirat-Banit*; *Samas*, o sol; *Marduck*, *Bin*, *Adar*, *Samdan*, *Anú*, *Anunit*, *Nanna*, *Nebo* ou *Nabu*, *Astarte*, *Assur* e uma infinidade de outros deuses. Os ministros do culto tomavam o titulo de magos.

Artes. Tanto os Assyrios como os Chaldéos conheciam bastante a esculptura e architectura, conforme se deprehende dos seus palacios, templos e outros monumentos colossaes. Cultivavam tambem a litteratura, como apparece por suas inscripções, seus tratados de grammatica, seus poemas, etc. descobertos nos tijolos de Babylonia e de Ninive.

56) Astronomia.—Dedicavam-se os Chaldéos com particular diligencia ao estudo da astronomia, na qual, porém, como os Egypcios, longe de progredir, atrazaram-se, cahindo por fim na astrologia. Suas observações astronomicas remontam, pelo menos, até dois mil e duzentos annos antes da éra vulgar. Uma taboinha assyria, guardada no museu britannico de Londres, dá a posição de Marte e de Jupiter com o erro apenas de um minuto; outra representa o zodiaco com sufficiente exactidão. Prediziam os eclipses, e sabiam que a lua brilha de luz não propria, etc., etc. Outro povo celebre por seus conhecimentos astronomicos é o chinez, que, como os outros, acabou por se entregar á astrologia.

57) Explicação plausivel.—De que modo explicar a existencia de tanto progresso em uma época tão remota? Alguns historiadores (são geralmente os positivistas) respondem a esta questão dizendo que esperam achar, não sabemos onde, um povo, até hoje desconhecido, do qual essas nações hão de ter recebido a sua sciencia primitiva. Nós, porém, emquanto elles andam em busca desse povo, daremos outra explicação que, esperamos, será acceita por todo o homem, illustrado e de bom senso. O primeiro homem, creado perfeito immediatamente por Deus, foi dotado de todos os conhecimentos necessarios e uteis ao seu officio de chefe e primeiro educador da familia humana. Isto exigia a sabedoria e a providencia de Deus, porque do contrario o homem seria incapaz de desempenhar a missão que lhe fôra incumbida. Si o peccado o privou dos dons *sobre e praeter naturaes*, não o despojou do que recebera em vista do officio que lhe fôra confiado, v. g., o engenho, os principios e um notavel thesouro de conhecimentos naturaes que lhe servissem de meio para elevar-se á

contemplação de Deus e de todo o universo. E' muito razoavel presumir que Adão não deixou de transmittir esses conhecimentos a seus numerosos filhos, netos, bisnetos, etc., e que estes, além de augmental-os, os transmittiram por sua vez a seus descendentes. E' tambem de crer que Noé, ao receber o annuncio do diluvio, tratou de conservar e de legar á posteridade os conhecimentos mais necessarios á vida social. Explica-se deste modo assaz facilmente esse adeantamento que se observa nas nações ainda novas do Egypto, da Chaldéa e da China. Tão grande progresso suppõe o estudo de longos seculos, e esse estudo tinha sido feito antes do diluvio. Noé, de certo, não conservou, nem transmittiu tudo, e tambem muitos conhecimentos hão de ter perecido pela confusão da lingua, mas isto mesmo dá a razão dos factos seguintes que se observam naquelles povos, factos que sem esta supposição seriam inexplicaveis: — 1) Notavel adeantamento, em algumas artes e sciencias, unido a uma grande ignorancia de cousas mais faceis de se saber; — 2) Conhecimento das conclusões sem, ás vezes, saber o modo de deduzil-as; — 3) Em diversas sciencias e singularmente na astronomia nota-se grande regresso á medida que o tempo progride. — Vide — La Civ Catt. serie XII, vol. X, pag. 23, do qual bem concebido artigo, nós, em attenção á brevidade, não pudemos tirar sinão resumida e toscamente as idéas principaes.

MEDOS E PERSAS

58) **Paiz.** — A vasta região que leva o nome de Iram, é cercada ao N. pelo Caucaso e pelo mar Caspio, ao S. pelo golpho Persico e pelo mar da India, ao O. pelas montanhas que formam a extremidade da bacia do Tigre, e a L. pelas que constituem o limite do valle do Indo. Os rios principaes que banham este paiz, são o *Syr-Daria* (Iaxartes) e o *Amu-Daria* (Oxus); a parte superior daquelle chamava-se outrora *Sogdiana;* a deste, *Bactriana*.

59) **Historia.** — *Os Medos*, descendentes de *Madai*, filho de Japhet, formavam juntamente com os Persas o grande ramo iranico da familia ariana ou indo-européa. Abalaram, desde tempo immemorial, do seu paiz que corresponde ao moderno *Herat*, e, depois de varias estações, fizeram assento, durante os seculos decimo e nono, ao sul do Caspio, entre a Armenia e a Serra do Zagros, na região que delles recebeu o nome de *Media*. Subjugados por Salmanasar III (857-22), permaneceram sob o dominio da Assyria até *Cyaxare*,(1) o verdadeiro fundador do imperio da Media. Tendo elle reunido as diversas tribus da sua nação e sendo proclamado rei, dirigiu suas armas contra Ninive (634, anno 34 de Assurbanipal), donde foi rechassado com perdas graves

(1) *Dejocés*, que Herodoto dá como o primeiro monarcha da Media, é hoje eliminado do dominio da historia. *Fhraorte*, pae de Cyaxare, si foi rei, com certeza não foi nem independente, nem poderoso.

uma resistencia heroica de treze annos.—Reconheceram successivamente os Phenicios a dominação dos Egypcios, dos Assyrios, dos Persas e de Alexandre o Grande, aos quaes pagaram tributo.

64) Civilização.—Dedicada totalmente ao commercio, a Phenicia sustentava-se delle e enriquecia. Suas caravanas penetravam no interior de toda a Asia, e seus navios, depois de lançar ferro em cada porto do Mediterraneo, chegaram até ás Canarias e ao Baltico. Realizaram uma viagem ao redor da Africa, e visitaram Ophir, cuja posição ignoramos, porque esses nautas destemidos occultavam com grande cuidado os logares em que praticavam o commercio. Suas manufacturas de toda a qualidade não tinham rivaes no mundo. Suas colonias surgiam em toda a parte. Thebas, na Grecia; Utica e Hippona, na Africa; Panorma, hoje Palermo, na Sicilia; Nimes e Arles, na Gallia; Taraco ou Tarracona e Gades, na Hespanha, eram colonias phenicias. São geralmente attribuidas aos Phenicios diversas invenções e descobertas uteis, como as velas dos navios, a fabricação do vidro, a escripturação mercantil, o fabrico da purpura, e sobretudo o alphabeto phonetico, composto de vinte e duas lettras. Escreviam da direita para a esquerda como os Hebréus; porém os Gregos, quando adoptaram esse alphabeto, entenderam com boa razão que era mais natural escrever da esquerda para a direita. Adoravam *Baal*, o deus do céo; *Moloch*, o rei da terra; *Astarte*, a Venus da Grecia, etc. O seu culto era tão cruel, que com frequencia offereciam sacrificios humanos, e tão torpe e infame, que não é possivel descrevel-o neste compendio.

65) Carthago.—Colonia de Tyro, fundada no sec. XIII, foi Carthago no sec. IX engrandecida pela phenicia Dido, que construiu a fortaleza chamada Byrsa. Não se demorou Carthago em alargar o seu territorio e em adquirir o dominio do Mediterraneo, occupando a Corsega, as Baleares, o sul da Hespanha e as Canarias. Em 510 celebraram os Carthaginezes um tratado de commercio com Roma. Pondo pouco depois a mira sobre a Sicilia, levaram a effeito as empresas seguintes:—em 480, apoiando os Carthaginezes a causa de Xerxes na Sicilia, foram esmagados em Himero por Gelon, rei de Syracusa, no mesmo dia em que se feriu a batalha das Thermopylas; em 409, convidados pela cidade de Segesto contra a de Selinonte, apoderaram-se de Himero e de Selinonte, sustentando dilatada lucta contra Dionysio o Antigo; em 343 assenhorearam-se do porto de Syracusa, donde foram em breve rechassados pelo corinthio Timoleão. Apparecendo mais uma vez deante de Syracusa em 310, os compelliu á retirada Agathocles, que levou a guerra ás portas de Carthago. Em 278 Pyrrho, rei do Epiro, os desbaratou emquanto faziam uma nova tentativa contra Syracusa. No principio das guerras punicas (264) já possuia Carthago na Sicilia numerosas feitorias e postos militares.—**O governo** de Carthago era mysterioso, como, por via de regra, era antigamente o de todas as cidades dedicadas ao commercio. Dirigiam os destinos do paiz dois suffetas annuaes, um senado, e o povo que raras vezes era consultado nas assembléas. Creou-se ao depois o tribunal dos *Cem*, incumbido de conservar a constituição e de vigiar os actos dos generaes do exercito, ao qual, bem que todo mercenario, estava entregue a salvação da patria. As duas facções de *Hannon* e de *Barca* causaram pela sua rivalidade a perda final da nação—perda que não excitou a compaixão de ninguem, porque Carthago, sobre ser toda dedicada ao commercio, era muito prepotente. Professavam os Carthaginezes a mesma religião que os Phenicios.

GRECIA

66) As fontes historicas—da Grecia são de duas especies, isto é, directas e indirectas. As directas são os historiadores seguintes:—1) *Herodoto*, de Halicarnasso (484—406), o pae da historia, que relatou os factos das guerras medicas; - 2) *Thucydides* (471—395), que continuou Herodoto até o anno 21 da guerra do Peloponeso;—3) *Xenophonte* (445—354), que levou a historia de Thucydides até a batalha de Mantinéa (362), onde pereceu Epaminondas. Deixou-nos egualmente a vida de Cyro (*Cyropedia*) e a *Anabasis*, em que descreve a expedição e retirada dos *Dez-Mil*;—4) *Polybio* (206—124), de Megalopolis, autor de uma historia geral, da historia da guerra de Numancia e da biographia de Philoppemen, seu patricio e general da Liga Achéana;—5) *Plutarcho* (50—140 da éra vulgar), natural de Cheronéa na Beocia, deixou-nos as Vidas comparadas dos principaes heróes da Grecia e de Roma;—6) *Deodoro da Sicilia*, do qual não existem mais que alguns fragmentos. E' do tempo de Augusto;—7) *Dionysio de Halicarnasso*, que viveu na epoca de Augusto;—8) *Alexandre Polyhistor*, de Mileto. E' do ultimo sec. anterior á éra christan;—9) *Arrhiano Flavio* (II sec. de J. C.), que deu a historia de Alexandre Magno;—10) *Cornelio Nepos*, autor das Vidas de illustres capitães, é romano do I sec. de J. C. Elegante quanto á lingua, é pouco exacto como historiador;—11) *Justino*, que resumiu *Trogo Pompêu* (historiador latino do tempo de Augusto e natural das Gallias), refere, em suas *Philippicas*, a historia da Macedonia desde Philippe, pae de Alexandre Magno, até a reducção desse paiz a provincia romana. E' romano do sec. II da éra vulgar.—12) *Quinto Curcio*, autor da historia das conquistas de Alexandre Magno, é latino dos primeiros seculos do Christianismo.

As fontes indirectas—são os oradores, rhetoricos, philosophos, grammaticos, poetas, geographos, as inscripções, moedas, medalhas, obras de arte, etc.

67) Paiz.—A Grecia Antiga era cercada ao N pela Thessalia e pelo Epiro; ao S., L. e O. pelos mares Jonio e Egéo. Dividia-se em continental, insular e peninsular. Politicamente estava dividida em um grande numero de republicas, sendo Sparta e Athenas as principaes.

68) Divisão.—Parece-nos muito boa a divisão da historia grega em tres grandes periodos.—**O I** chama-se *periodo de formação*, e extende-se até ás guerras medicas.—**O II** constitúe a epoca da gloria dos Gregos (500—359) **O III** é de *decadencia* ou dependencia.—*O I periodo* pode subdividir-se em duas epocas, i. é. - 1) em tempos primitivos e heroicos; —2) em tempos legislativos ou epoca de formação dos estados principaes. —*O II periodo* abrange—1) as guerras medicas;—2) a guerra civil ou rivalidade entre Sparta e Athenas;—3) a hegemonia de Thebas—*O III periodo* occupa—1) o reinado de Philippe;—2) o de Alexandre;—3) o dos successores deste.

PERIODO I.—EPOCA I

69) Tempos primitivos—Toda a historia dos tempos primitivos da Grecia resume-se em tres factos principaes, a saber: a *invasão* dos *Pelasgios*, a invasão dos *Hellenos* e a chegada dos *colonos orientaes*.—**Os Pelasgios**, que pretendiam ser *authochthones*—nascidos no paiz—vindo do Oriente

occuparam a Asia Menor, a Grecia e a Italia, porém não deixaram de si nenhuma tradição *certa*. Apenas podemos affirmar que eram muito activos e offereciam a Saturno victimas humanas. Dominaram na Grecia pouco mais ou menos durante o periodo que corre entre o XX e o XV seculo—**Os Hellenos** déram o nome á Grecia toda, e vieram da Thessalia; (1) pois *Helleno*, filho de Deucalião rei da Thessalia, foi pae de *Dores*, *Eolo* e *Xuthus*; pae, este ultimo, de *Jon e de Achéo*. Dividiram-se, portanto, os Hellenos em quatro tribus, a saber: *Eolios*, *Jonios*, *Achéos e Dorios*. Estanciavam estes ao pé do Pindo, quando, a pedido dos Heraclidas, passaram a conquistar o Peloponeso.—**Os colonos orientaes**—chegaram um pouco mais tarde, e eram capitaneados pelos chefes seguintes: *Cecrops*, egypcio, occupando a Attica, fundou Athenas; *Danäu*, egualmente egypcio, estabeleceu-se em Argos; *Cadmo*, phenicio, apoderando-se da Beócia, lançou os alicerces de Thebas; ergueu a Cadméa e introduziu na Grecia o alphabeto phenicio; *Pelops*, phrygio, expulsou os Heraclidas—descendentes de Heraclio ou Hercules—da peninsula que do nome delle se chamou *Peloponeso*, ilha de Pelops.

70) **Tempos heroicos**.—Os acontecimentos principaes dos tempos heróicos cifram-se nos cinco seguintes: a expedição dos argonautas, 1226; as façanhas de Hercules; as guerras de Thebas, 1214—4; a guerra de Troia, 1194—84; a invasão dos Dorios no Peloponeso.—**Argonautas.**—O alvo da expedição dos Argonautas, composta de 54 heróes gregos, á cuja frente estava *Jason*, foi assenhorear-se de um vello de ouro, guardado na Colchida por um dragão, e por touros que respiravam e lançavam fogo. Consegue Jason apoderar-se desse vello mediante as artes magicas de Medéa, foge com ella e soffre numerosos e graves desastres. Talvez o intuito verdadeiro dessa empresa fosse dar cabo dos piratas do mar Negro ou roubar os thesouros do rei da Colchida.—**Os trabalhos** de Hercules são a imagem de uma epoca que lida para remover os obstaculos da civi-

(1) O nome de *Grecia* e de *Gregos* deriva de *Graï*, habitantes de um pequeno cantão do Epiro. Ignoramos a razão pela qual os Romanos extenderam este nome aos povos que antecedentemente se chamavam *Hellenos*, e ao paiz que delles se denominava Hellade.—Seria este o logar de applicar á historia grega o que dissemos dos descendentes de Noé, mas é manifesto que discussões desta ordem excedem os limites marcados a este pequeno compendio. Deixamos pela mesma razão de tratar das emigrações dos Hethéos ácerca das quaes em nossos dias tanto disputam os sabios.

lização. Hercules, segundo a fabula, afogou o leão de Neméa; matou o javali de Erymantho, a hydra de Lerna e os passaros do lago Stymphale, cujas pennas eram de aço; amansou o touro de Creta; tirou a vida a Diomedes, rei da Thracia, que nutria seus cavallos com carne humana; prendeu o veado que tinha pés de bronze; limpou as estrebarias de Augias, rei da Elida; furtou os cavallos de Geryão e os pomos de ouro das Hesperides; venceu as Amazonas fazendo prisioneira Hippolita, rainha dellas; livrou do inferno Theseu acorrentando Cerbero, etc., etc.—**As guerras de Thebas** foram a consequencia das aventuras do infeliz *Edipo*, que, sem o saber, matou *Laio*, seu pae e rei de Thebas; casou-se com *Jocasta*, sua mãe, e foi deposto do throno por seus filhos, *Eteocles e Polinice*. Sendo, no anno seguinte, Polinice expulso por Eteocles, ateou-se entre elles a *Guerra dos Sete Chefes*. Os dois irmãos pereceram em um duello; e os outros, no assedio de Thebas. Passados dez annos, os *Epigonos* (descendentes), renovando a guerra com o fim de vingar seus paes arrazaram a capital da Beócia. —**A guerra de Troia**, não menos fatal aos vencedores do que aos vencidos, é o facto mais importante e, na substancia, menos incerto dos tempos heroicos. Tendo Paris, filho de Priamo, rei de Troia, raptado Helena, mulher de Meneláo, rei de Sparta, toda a Grecia recorreu ás armas para vingar tamanha affronta. No fim de um medonho bloqueio que durára dez annos, os Gregos entregaram Troia ás chammas. Os heróes principaes desta guerra, segundo Homero, foram *Heitor*, filho de Priamo; e Achilles, filho de Peleo, rei da Phthiotide na Grecia.—**Dorios.** Um seculo pouco mais ou menos depois da guerra de Troia, invadem os Dorios o Peloponeso como auxiliarios dos Heraclidas, que tentam recuperar a sua herança. Conquistando-o todo, conservam-no para si, e perseguem os habitantes que fogem para a Attica. Na guerra que dahi se seguiu, o rei Codro sacrificou-se para salvar a sua patria.

71) **Instituições communs a toda a Grecia.**— Além da unidade de origem e de linguagem que constituia a nacionalidade hellenica, eram communs a todos os Gregos dos tempos heróicos o governo monarchico—hereditario, a religião, as festas e os jogos. O caracter proprio da religião dos Hellenos e bem assim da dos Romanos, consistia em attribuir á divindade a fórma humana com todas as paixões e os vicios da humanidade. O homem adorou-se a si

mesmo com todos os seus defeitos, e o triumpho do mal foi completo. *Tudo era deus*, diz S. Agostinho, *excepto o proprio Deus*. Os deuses principaes da Grecia eram os mesmos que os de Roma, v. g., Jupiter, filho de Saturno (kronos), bem como pae e rei de todos os outros, irmão e marido de Juno; Apollo, deus do sol, das sciencias e das artes; Mercurio, da eloquencia; Marte, da guerra; Vulcano, do fogo; Baccho, do vinho; Neptuno, do mar; Plutão, do inferno; Ceres, deusa das searas; Diana, da caça; Minerva, da sabedoria; Venus, dos prazeres. Havia mais um grande numero de deuses inferiores, v. g., Pan, Flora, Pomona, Fauno etc.. É de observar que os Gregos, como todos os Gentios, collocavam acima dos deuses o *destino* ou *fado*, fatum, a cujos decretos irrevogaveis deviam obedecer os proprios deuses sem excepção.

As festas e os jogos faziam parte do culto. As festas principaes eram as *Thesmophorias* e as *Panathenéas*: aquellas em honra de Ceres; estas, de Minerva. Os jogos mais conhecidos eram os *Nemeos*, na Argolida, dedicados a Hercules; os *Isthmicos*, a Neptuno; os *Pythicos*, a Apollo; os *Olympicos*, celebrados de quatro em quatro annos na Elida, consagravam-se a Jupiter Olympico. Estabelecidos primitivamente por Hercules, decahiram os jogos Olympicos durante a guerra de Troia, mas Iphito, rei da Elida, os restaurou por conselho de Lycurgo afim de estreitar as relações sociaes entre os povos. A sua influencia foi tão grande, que os Gregos contavam por *Olympiades* partindo de uma famosa victoria, ganha por um *Coræbus* em 776 antes da éra christan. Consistiam estes jogos na lucta, no pugilato, na corrida a pé, a cavallo ou de carro; nem faltavam luctas litterarias de poesia, musica, etc. O vencedor recebia em premio uma coroa de louro ou de oliveira, e, ao entrar, de volta, na cidade natal, nunca passava pela porta, mas por uma brecha aberta nos muros, ou por uma ponte construida expressamente para este fim. Outra instituição digna de memoria era o *conselho amphyccionico*, creado no XVI seculo por um tal *Amphicção*. Reunia-se duas vezes cada anno para tratar dos negocios geraes de toda a Grecia.

Epoca II.—Tempos legislativos

SPARTA E ATHENAS (1)

72) **Sparta.** — Fundada por Sparton em tempos antehistoricos, contou Sparta entre seus reis Lelex, Eurotas e Lacedemon. Este legou o seu nome á cidade de Lacedemonia que construiu ou engrandeceu. —**Os Dorios**, assenhoreando-se do Peloponeso e tomando o nome de spartanos, reservaram para si os direitos politicos, deixando aos *Laconios* apenas os civis, e tratando com extremo rigor os *Hilotas*, que reduziram á mais hedionda escravidão. Comtudo os *Dorios* eram só nove mil, ao passo que o numero dos Laconios subia a trinta mil; e o dos Hilotas, a duzentos mil! A anomalia que se observa na historia de Sparta, isto é, de ser o paiz governado sempre por dois reis de autoridade egual, tira a origem do facto de ter *Aristodemo* transmittido o poder a seus filhos gemeos, *Eurysthenes* e *Procles*, tronco de duas familias que possuiram simultaneamente o throno com os nomes de *Proclidas* e *Agidas*. Estes ultimos descendiam de *Agis*, filho de Eurysthenes.

73) **Legislação de Lycurgo.** —884— Por dois seculos a historia de Sparta não apresenta sinão discordias intestinas e guerras contra seus visinhos. Finalmente Lycurgo, que governára durante a menoridade do seu sobrinho Chariláu e já fôra pelo oraculo de Delphos declarado o mais sabio dos homens, emprehendeu dar á sua patria leis severas. Estabeleceu antes de tudo um governo, composto— 1) de dois reis, escolhidos sempre entre os descendentes de Procles e de Eurysthenes, que commandavam o exercito e presidiam o senado; —2) de um senado, que, além dos dois presidentes, devia contar vinte e oito membros, da edade, quando menos, de sessenta annos, e eleitos pelo povo;—3) da assembléa geral dos Spartanos. Reunia-se esta todos os mezes, e gosava do direito de admittir ou rejeitar sem alteração as decisões do senado.—Não sabemos com certeza si foi Lycurgo quem instituiu os cinco magistrados que com o nome de *Ephoros* chegaram a dominar os proprios reis. Desvelou-se tambem Lycurgo por tornar eguaes todos os

(1) De todas as cidades da Grecia, reclamam principalmente a attenção do historiador a dorica Sparta e a jonia Athenas, por serem ellas a expressão mais viva da dupla physionomia do genio hellenico, e porque a sua historia fórma um como resumo da dos outros Estados da Grecia

Spartanos e por inspirar-lhes sobretudo o sentimento do patriotismo. Conseguiu a *egualdade* decretando—1) *a divisão* das terras em 39.000 lotes eguaes e inalienaveis; —2) *a creação* da moeda de ferro muito pesada;—3) *a uniformidade* das casas e dos vestidos;—4) *a prohibição* do commercio e da instrucção;—5) *as refeições publicas*, para as quaes cada um devia contribuir com a sua quota.

Afim de inspirar o patriotismo instituiu Lycurgo—1) *as conversas dos Leches*, onde os velhos relatavam aos moços as proezas de seus antepassados;—2) *um grande* numero de festas muito estrondosas;—3) *uma educação* de todo em todo militar. O governo tomava conta dos meninos desde o berço, privando da vida os fracos e os defeituosos, bem como mandando crear os outros por amas publicas. Educava-os mais tarde nos gymnasios sujeitando-os ao trabalho e aos mais duros tratamentos, ensinando que a fuga na guerra é a maior infamia do homem, e permittindo o roubo com a condição de não se deixarem surprehender.

E', pois, evidente que a legislação de Lycurgo, sobre ser intoleravelmente despotica, não é civil nem civilizadora. Offende a dignidade do homem, a quem trata como simples instrumento, não como pessoa, dotada de direitos e de deveres inalienaveis; vióla a autoridade dos paes, e tende a destruir a familia, base da Sociedade. (1) Tendo levado a effeito esta difficil empresa, fez Lycurgo jurar a seus patricios que observariam estas leis até elle regressar; obteve do oraculo de Delphos a resposta de que Sparta seria a primeira cidade da Grecia emquanto ficasse fiel ás suas leis; e matou-se a fome depois de ordenar que suas cinzas fossem atiradas ao vento.

74) Guerras da Messenia.—A guerra principal que teve Sparta no seculo seguinte ao de Lycurgo, foi a da Messenia, provocada sobretudo pela fertilidade desse paiz vizinho. Com o pretexto de vingar uma offensa, recebida por algumas de suas mulheres, sahiram os Spartanos da cidade, asseverando que só voltariam victoriosos. Dahi duas guerras.—*Na I guerra* (743—23), tendo os Messenios levado varias derrotas, dão a coroa ao esforçado *Aristodemo*, que sacrifica a sua filha; mas, vencido por sua vez, suici-

(1) Vide Cantú—Hist. Univ. epoca III, cap. V. Achará nesse logar o leitor sobejas provas para persuadir-se de que a legislação de Lycurgo era tyrannica, barbara, hedionda.

da-se, sendo então seus patricios subjugados.—*A II guerra* (685—68) foi promovida por *Aristomeno*, da antiga familia real, que, voltando do desterro, levanta seus compatriotas e desbarata por muitas vezes os inimigos, perseguindo-os até os muros de Sparta. Comtudo, animados pelo poeta atheniense Tyrtéo, ganham os Spartanos uma grande victoria; tomam a fortaleza do Monte Ira e, assenhoreando-se de toda a Messenia, reduzem seus habitantes á condição dos Hilotas.—O resultado destas guerras foi a fundação de numerosas colonias em diversas ilhas e costas do Mediterraneo, para onde emigraram os vencidos recusando o ferreo jugo spartano.

Submetteu em seguida Sparta a Arcadia, e estava concluindo a guerra de Argos, quando em 490 Athenas lhe pediu um auxilio, que chegou tarde ao campo de Marathona.

75) **Athenas.**—Por morte do rei *Codro* aboliram os Athenienses a realeza substituindo-lhe o *Archontado*, que a principio foi vitalicio, logo depois decennal e finalmente annuo com nove archontes. Emquanto o archontado foi vitalicio, o archonte devia ser sempre uma pessoa da familia de Codro. *Medon* foi o primeiro archonte vitalicio. Auxiliavam-no oito ministros, que mais tarde receberam o titulo de archontes. O primeiro chamava-se *Eponymo*, porque dava o nome ao anno; outro, *Basileus*, rei, e presidia ao culto; o terceiro, como ministro da guerra, levava o nome de *Polemarques*. Sendo, os mais, encarregados de preparar as leis, assumiam o titulo de *Thesmothètes* ou legisladores. O povo, todavia, não se deu bem com este regime, porque os nobres ou *eupatridas* perseguiam arbitraria e cruelmente os devedores pobres. Pediu, portanto, uma legislação, mas em 624 recusou as leis de *Dracon* tachando-as de impraticaveis. Havendo pouco depois *Cylon* (612) tentado restaurar a realeza, sahiu-se mal e fugiu, emquanto seus parciaes eram mortos ao pé do altar de Minerva junto do qual se haviam refugiado. Foi então a cidade acabrunhada por uma grande peste e purificada com alguns ritos religiosos aconselhados pelo piedoso *Epimenides* de Creta. Incumbiram afinal Solon de redigir um codigo que satisfizesse a todos.

76) **Legislação de Solon**, 594.—Tratou antes de tudo Solon de reconciliar os diversos partidos concedendo uma amnistia geral, e de facilitar o pagamento das dividas alterando o valor da moeda. Dividiu os cidadãos em quatro

classes, segundo a renda de cada um. Só as primeiras tres podiam occupar altos empregos politicos, que eram gratuitos, e só ellas eram obrigadas aos impostos directos e ao serviço militar. A assembléa do povo, composta de todos os cidadãos de vinte annos que tivessem servido dois annos na frota, era o verdadeiro soberano, sendo moderada apenas pelo senado e pelo Aréopago. *O senado* que se compunha de 400 membros, eleitos de novo cada anno pelos cidadãos das tres primeiras classes, tratava dos negocios do estado preparando as leis. Os archontes exerciam o poder executivo e presidiam o senado. (1) *O Aréopago* constava dos archontes que tinham desempenhado o seu officio de um modo irreprehensivel. Além dos cidadãos, reconhecia a constituição de Solon mais duas classes de homens, a saber: os *escravos* e os *metoques* ou extrangeiros domiciliados. Na época da maior prosperidade da Grecia, viviam na Attica 31.000 cidadãos, 10.000 meteques, e 400.000 escravos que eram tratados como animaes!

77) **Pisistrato.**—Depois da retirada de Solon, collocando-se Pisistrato (561), parente delle, á testa do partido popular, obteve uma guarda, e pouco a pouco usurpou o poder. Repellido duas vezes, sempre conseguiu voltar, e, adquirindo popularidade, governou em paz por treze annos (541—28). O seu reinado foi glorioso: o commercio, a agricultura, as artes, receberam grande impulso; a cidade foi aformoseada; as obras de Homero, colligidas e ordenadas; uma bibliotheca, fundada e fornecida dos melhores livros. Seus filhos, Hippias e Hipparco, succederam-lhe sem difficuldade; porém este não tardou em ser assassinado por Harmonio e Aristogeton; aquelle, sendo em 510 expulso pelo povo, foi buscar na Persia inimigos contra a patria.

78) **Archontado de Clisthenes.**—Continuavam, no entretanto, na capital da Attica as rivalidades entre o partido popular, capitaneado por Clisthenes, e o da nobreza, dirigido por *Isagoras*. Vencido a principio e obrigado a fugir, *Clisthenes* voltou dentro em breve; expulsou os Spartanos, chamados por seu rival em apoio da nobreza; modificou a constituição de Solon elevando a dez o numero

(1) Chamava-se *Aréopago*, porque antigamente se reunia em um outeiro de Marte—*arés* e *pagos*. É de origem muito antiga. Solon o restabeleceu e, reformando-o, confiou-lhe a missão das causas criminaes. Era prohibido nelle todo o artificio oratorio para commover os juizes. Gosou por longo tempo da reputação de imparcial, que perdeu no tempo de Pericles, epoca de corrupção geral em Athenas. Vide Feller.

das classes ou tribus do povo; a quinhentos, o dos senadores; substituindo o sorteio ás eleições, tirando aos archontes a presidencia do senado, concedendo o direito de cidadãos a um certo numero de metequos, e creando o desterro decennal contra todo o cidadão julgado perigoso. —Decretava-se este desterro mediante votação secreta. Davam-lhe o nome de *Ostracismo*, porque os votantes escreviam em uma concha—*ostron*—o nome daquelles a quem desejavam infligir esta pena. Os melhores e mais beneméritos cidadãos de Athenas ficaram sendo victimas do Ostracismo. Desta data em deante, conseguiu o povo tornar-se todo poderoso em Athenas.

79) **Colonias gregas.**—Possuia a Grecia avultado numero de colonias espalhadas em quasi todas as costas e ilhas dos mares Mediterraneo e Negro. Para indicarmos algumas, nomearemos as seguintes: *Olbia*, na Sardenha; *Aleria*, na Corsega; *Marselha*, na Gallia; *Sagunto*, na Hespanha; *Lindo*, nas Baleares; *Naucratis*, sobre uma das sete bocas do Nilo; a *Pentapole*, isto é, Cyréne, Barcéa, Apollonia, Teuchires e Hesperis, na Libya. Nos mares Negro e de Marmara havia *Sestros* e *Abydos*, *Perintho* e *Cardia*, *Lampsaco* e *Cyzico*, *Chalcedonia* e *Byzancio*, *Heracléa*, *Synope*, *Amisus* e *Threbizonda*, *Phanagoria*, *Panticapéa*, *Caffa*, *Cherson*, *Tanaïs*, *Odessa*, *Tomes* e *Apollonia*. Existiam tambem numerosas colonias gregas nas ilhas do Archipelago, como em *Creta*, *Lesbos*, *Tenedos*, *Chio*, *Samos*, etc.

Comtudo as mais importantes eram as da Asia Menor, da Sicilia e da Italia ou Magna Grecia.—**Na Italia**: *Cuma*, que fundou Neapolis (Napoles) e Zancles, hoje Messina; *Sybaris*, celebre pelo luxo e pela molleza de seus habitantes (sybarita, sybaritismo); *Crotona*, hoje Cortona, illustre pela pureza e austeridade dos costumes, por ter arrasado Sybaris e pela fama de Milão, o athleta mais distincto da antiguidade, sete vezes vencedor nos jogos pythicos; seis, nos olympicos. Podia levar ás costas um touro e matal-o com um murro. Acabou, dizem, devorado pelos lobos.—*Locres*, cujo legislador, *Zaleucus*, derivava de Deus toda a legislação;—*Eléa* ou *Velia*, muito conhecida por sua escola de philosophia; *Regio*, á qual deu leis *Charondas*. **Na Sicilia**—contavam-se *Naxos* e *Leoncio*; *Gela* cujo tyranno, *Phalaris*, punia os criminosos assando-os no ventre de um boi de bronze; *Syracusa* que se tornou a metropole de toda a Sicilia. Seus tyrannos ou reis mais afamados foram *Gelon* (V sec.), *Dionysio I, o Antigo*; e *Dionysio II o Joven*

(IV sec.), *Agathocles* e *Hierão II* (IV e III seculo). Com a unica excepção de *Cuma* que data do sec. XII, todas as colonias gregas da Italia e da Sicilia foram fundadas no sec. VIII, epoca da I guerra da *Messenia*.—**Na Asia Menor**, os *Dorios* possuiam seus estabelecimentos principaes nas costas da Caria e na ilha de Lesbos. Os *Eolios* haviam formado a *dodecarchia* ou confederação de doze cidades, aliás independentes entre si. Os *Jonios* tinham estabelecido outra *dodecarchia* mais poderosa que a dos Eolios; pois Mileto, sua capital, rivalizava com Tyro e com Carthago por seu commercio, suas manufacturas e seu poder maritimo. Dizem que Mileto fundou mais de trezentas colonias. Estas colonias reconheceram successivamente o dominio da Lydia e da Persia, a cujos reis pagaram tributo. *Aristagoras*, governador de Mileto, tentou subtrahir-se ao jugo dos Persas, dando desta arte motivo ás guerras medicas.

PERIODO II.—DIAS DE GLORIA

Epoca I.—Guerras Medicas

80) **I Guerra**.—As guerras medicas são tres grandes luctas, que, no sec. V antes da éra christan, se realizaram entre a Grecia e a monarchia medo-persa, e que duraram quasi meio seculo. Deu-lhes causa a questão das colonias gregas da Asia Menor, esforçando-se a Persia por conserval-as sob o seu dominio, emquanto os Gregos anhelavam por vel-as independentes. Em uma insurreição, apoiada por Athenas, os colonos incendiaram Sardes (499), e Dario jurou que havia de vingar-se. Mandou, pois, contra a Grecia o General Mardonio, que o povo da Thracia obrigou a retirar-se depois de ver a sua frota desbaratada pelo mar ao pé do Monte Athos. Então os generaes *Datis* e *Artaphernes*, capitaneando uma segunda e mais formidavel expedição, destruiram Eretria na Eubéa, e tentaram surprehender Athenas, mas foram em *Marathona* (490) anniquilados por um punhado de athenienses ao mando de *Milciades*.—**Na II guerra** (480), Xerxes, filho e successor de Dario, quiz commandar em pessoa; invadiu o paiz inimigo com immenso exercito; fez nas Thermopylas em pedaços Leonidas e seus trezentos spartanos; devastou a Béocia e a Attica, entregando Athenas ás chammas. Vencido por Themistocles no estreito de Salamina, regressou a toda a

pressa para a Asia, deixando na Grecia Mardonio que, apesar de ter 300,000 homens, foi no anno seguinte derrotado e morto em Platéa, na Béocia, emquanto o resto da frota persiana era incendiado em Mycala, na Jonia, por Xantippo, pae de Pericles.—**Na III guerra (470-49)**, Cimon, digno filho de Milciades e chefe da nobreza, alliou-se com os diversos estados da Grecia, e, pelas victorias alcançadas nos rios *Strymonio* e *Eurimedonte*, rechassou os Persas da Thracia, da Lycia e da Caria (470). Voltando dentro em breve do exilio a que fôra injustamente condemnado, (1) e incumbido novamente de commandar as forças do mar, bateu tres vezes os Persas em Chypre, dictando a Artaxerxes Longimano o tratado a que herdou o nome (449). Garantiu esse tratado a independencia das colonias gregas da Asia Menor, e fechou o mar Egéo aos navios persas.

81) Varões illustres.—Os varões que mais se distinguiram, durante todo o periodo das guerras medicas, foram *os persas* Mardonio, Datis e Artaphernes;—2) *Os Spartanos: Leonidas*, que succumbiu gloriosamente nas Thermopylas; *Euribiades*, que se achou na batalha de Salamina; *Pausanias*, que concorreu muito para a victoria de Platéa (79). Accusado de intelligencias secretas com Xerxes, teve de morrer á fome em um templo onde se refugiára.—3) *Os athenienses: Milciades*, que falleceu no carcere, porque não poude pagar a grave multa que lhe fôra imposta em consequencia de alguma suspeita de traição; *Aristides*, que, banido por ter acceitado o titulo de *justo*, acudiu espontaneamente em defesa da patria em Salamina, e formou ao depois uma liga para obter o reconhecimento da hegemonia atheniense. *Themistocles*, que salvou a Grecia e reergueu os muros de Athenas, indo mais tarde morrer desterrado na Persia; *Cimon*, que, depois de suas primeiras victorias, logrou enriquecer e aformosear a capital da Attica com os despojos dos inimigos. Adquiriu tambem uma grande esquadra tomando os navios dos alliados, a quem prometteu que havia de sustentar por elles a guerra contra os Persas.

---

(1) Acudiu Cimon, contra o parecer de Pericles, a Sparta, que, luctando com uma insurreição de escravos, pedira auxilio. Estando, porém, essa revolta já abafada quando chegou o reforço atheniense, Sparta recusou acceital-o, e Cimon pagou a sua generosidade com o desterro. Como, todavia, se levantassem diversas cidades contra o despotismo de Pericles, e dahi se seguisse uma guerra civil, Cimon foi chamado e reintegrado no seu posto.

PERIODO III — DECADENCIA E DEPENDENCIA

Epoca I. — Philippe II

91) **A Macedonia** — deriva o seu nome da tribu pelasgica dos *Macedones*, que habitaram nella desde os tempos mais remotos. Pelos principios do sec. VIII antes da éra vulgar, o heraclida *Carano*, descendente de Temeno, partiu de Argos com uma colonia de dorios, e, erguendo Egéa ou Edessa, deu principio ao reino da Macedonia na provincia de Emathia (796). Dos diversos successores de Carano quasi nada se sabe, porque a historia desse paiz, anterior ao reinado de *Amyntas I* (538—496), é muito obscura e incerta. Amyntas organizou o reino, e pagou tributo aos Persas quando Dario I realizou a sua infructifera expedição contra os Scythas. — *Alexandre I (496—52)* acompanhou Xerxes contra a Grecia, e recuperou a independencia pela victoria de Platéa, para a qual contribuira revelando aos Gregos o plano dos inimigos. — *Perdicas II (452—29)* auxiliou Sparta contra Athenas na guerra do Peloponeso. — *Archeláu (29—400)* governou sabiamente, porém não tardou em ser assassinado. — Seguiram-se quarenta annos de anarchia, durante os quaes a intervenção de Pelopidas e a entrega de quarenta refens garantiram o throno a Alexandre II. Um desses refens foi Philippe, irmão de Alexandre, que estudou em Thebas a arte militar. Fugiu mais tarde ao ver o momento opportuno; fez-se nomear regente em nome de Amyntas IV, seu sobrinho (360), e logo tomou sem escrupulo o titulo de rei.

92) **Philippe II** (359—36) — propoz-se um triplice fim, isto é, acabar de formar o reino, avassallar a Grecia toda e levar a effeito uma grande expedição contra os Persas. A sua força consistia na astucia e na corrupção pelo dinheiro, a ponto de dizer que achava facil apoderar-se de qualquer fortaleza em que pudesse penetrar uma azémala carregada de ouro. Organizando a incomparavel phalange macedonia, construindo uma respeitavel marinha e formando um exercito valoroso, dilatou seus dominios até o mar; conquistou a Thessalia, e preparou-se para intervir nos negocios da Grecia. Não obstante a potente voz de Demosthenes, soube adquirir um grande numero de partidarios; transpoz as Thermopylas, e conseguiu que os Phocezes fossem expulsos do conselho amphiccyonico. Lançou mão dos dois vo-

tos que elles possuiam naquella assembléa; assenhoreou-se da intendencia do templo de Delphos e da direcção dos jogos pythicos (346). Marcha dentro em breve com o exercito amphiccyonico contra a Attica, anniquilando os Athenienses na batalha de *Cheronéa* (338), em que Alexandre colhe os seus primeiros louros. Eleito, no anno seguinte, em Corintho, general em chefe contra a Persia, foi assassinado por Pausanias, commandante de suas guardas e acaso instrumento dos Persas ou de Olympia, mãe de Alexandre, que Philippe acabava de repudiar.

Epoca II. — Alexandre III

93) **Alexandre III** (336—23), filho de Philippe II da Macedonia, foi um desses homens extraordinarios, a quem a Providencia, de vez em quando, encarrega de mudar a face do mundo e de punir os grandes delinquentes. Deu-lhe Aristoteles severa e sabia educação; mostrou desde a sua meninice notavel ambição e habilidade, succedendo a seu pae na edade de vinte annos. Depois de subjugar os Illyrios, os Getas e os Thracios, e de sopear diversas insurreições, marchou contra os Gregos reunidos e açulados por Demosthenes. Pacificou a Thessalia, arrasou Thebas, recebeu a submissão de Athenas e alcançou ser em Corintho nomeado generalissimo contra a Persia. Tendo, pois, o oraculo de Delphos declarado que *nada podia resistir-lhe*, partiu de Pella, sua patria (34); bateu os Persas no Granico; celebrou jogos no tumulo de Achilles; cortou em Gordio (1) o famoso nó; adoeceu na beira do Cydno; venceu Dario em *Isso* (33); percorreu a Syria; assenhoreou-se da soberba Tyro; visitou Jerusalém; conquistou o Egypto, e fundou Alexandria, conseguindo ser, no templo de Ammon, declarado filho de Jupiter. Dirigindo-se então para a Asia, anniquilou em *Arbellas* (31) o exercito de

(1) Promettera um oraculo o throno ao primeiro que entrasse no templo de Jupiter na cidade de *Gordio*. Proclamaram, portanto, rei a um simples lavrador da Phrygia, de nome *Gordio*, que satisfizera esta condição. *Midas*, filho desse lavrador, consagrou ao deus o carro que o levava quando lhe offereceram a realeza. O jugo estava atado ao timão por um nó tão bem feito, que parecia indissoluvel. Comtudo um oraculo promettera o imperio da Asia a quem o desfizesse. Percebendo Alexandre a difficuldade de o desatar, cortou-o com a espada, realizando, melhor diriamos, illudindo deste modo o oraculo. Dahi o proverbio — *cortar o nó*, isto é, evitar, em logar de resolver, uma difficuldade ou questão intricada.

Dario, que, fugindo, acabou ás mãos do satrapa Besso. Entrou triumphante em Babylonia; passou a Suza, e celebrou em Persepolis festas estrondosas, no meio das quaes ficou victima das chammas o sumptuoso palacio das quarenta columnas. Continuando a sua marcha, chegou até ao extremo ponto das conquistas de Baccho e de Semiramis, onde ergueu doze altares; adoptou os costumes persianos; casou-se com Roxana, e, entrando na India, prendeu *Porus*, que pretendeu ser em tudo tratado como rei. Obrigado a recuar, fabricou uma esquadra; desceu o Indo até o oceano; subjugou todos os povos ribeirinhos, e recebeu em Babylonia os embaixadores de diversas nações. Immensos planos ia Alexandre effectuar, a não ser a morte prematura que em 323 o salteou na edade de 33 annos. E' para lastimar que um tal heróe se degradasse tanto pela immoralidade, embriaguez e ambição sem limite.

A extensão do imperio de Alexandre, na epoca da sua morte, era immensa. Abrangia a Macedonia, o Epiro, a Thessalia com toda a Grecia; o Egypto até o templo de Jupiter-Ammon; a Phenicia, a Syria e o resto da Asia desde os mares Mediterraneo, Negro e Caspio até o golpho Persico, o Indo e a Sogdiana.

94) **Os varões illustres**—desta epoca foram *Clito*, que no Granico preservou a vida ao filho de Philippe. Morreu mais tarde em um banquete ás mãos do mesmo heróe, que de ebrio perdera o uso da razão. *Philippe*, medico, que no Cydno curou o filho de Olympia; *Sysigambes*, mãe de Dario, que, cahindo em *Isso* prisioneira juntamente com sua filha, foi tratada generosamente pelo vencedor. Os generaes, *Antipater*, que ficou governando a Grecia emquanto o conquistador percorria a Asia; *Parmenião* e *Philotas*, seu filho, que pagaram com a vida o crime de conspirarem contra o rei da Macedonia; *Besso*, satrapa da Bactriana, que, preso pelos Gregos e entregue á familia de Dario, acabou esfolado vivo; *Porus*, celebre pela sua resposta de querer em tudo ser tratado como rei.

Epoca III.—Successores de Alexandre

95) **Generaes.**—Deixou Alexandre na sua familia *Olympia*, sua mãe; *Alexandre Aigos*, filho seu e de Roxana; *Cleopatra*, sua irman, e *Philippe III Arrhidéo*, seu irmão imbecil. Nenhum destes era capaz de continuar ou mesmo conservar a obra do conquistador da Asia, maxime em

competencia com generaes tão ambiciosos e habeis, como *Perdicas*, a quem o heróe remettera o seu annel; *Demetrio Poliorcete*, filho de *Antigono*; *Antipater*, governador da Macedonia; *Cassandro*, seu filho; *Ptoloméu*, governador do Egypto; *Lysimaco*, *Seleuco*, etc.

96) **Regencia.**— Sendo *Perdicas* declarado regente em nome de *Aïgos* e de *Arrhidéo*, pereceu por obra de seus soldados (321) emquanto marchava contra seus collegas reunidos. Déram, portanto, a regencia a *Antipater*, que dentro em breve a transmittiu ao velho general *Polysperchon*. Este abandonou todo o poder a Olympia, que fez morrer Arrhidéo. Tentaram então tornar-se independentes *Antigono* e *Ptoloméu*: aquelle na Syria, este no Egypto. No mesmo tempo *Cassandro* derrubava Polysperchon, matava Olympia e estabelecia em Athenas o governo de *Demetrio Phaleréu*, que em dez annos (18—8) conseguiu a honra de 360 estatuas.

97) **Extincção da familia de Alexandre.**—No entretanto *Antigono* e *Demetrio Poliorcete* assumia o titulo de rei na Asia Menor expulsando de Babylonia a Seleuco. Colligando-se, porém, contra elles quatro generaes derrotaram Demetrio em Gaza (312); reintegraram Seleuco em Babylonia, e impuzeram a Antigono, um tratado, o qual estipulava que o joven Alexandre seria reconhecido rei; a Grecia ficaria livre; Ptoloméu conservaria o Egypto; Seleuco, as provincias orientaes; e Antigono, o governo da Asia Menor, da Syria e da Palestina. Pouco satisfeito com esta convenção, tirou o regente *Cassandro* a vida a Roxana e ao joven Alexandre, acabando deste modo com a familia do conquistador da Asia.

98) **Divisão definitiva.**—Extincta a familia do Grande Alexandre, recomeçaram as guerras, cujo resultado havia de ser a divisão definitiva do imperio. Pois *Cassandro*, declarando-se senhor da Macedonia, tratou de conquistar a Grecia; *Lysimaco* assumiu o titulo de rei da Thracia, emquanto *Ptoloméu* fazia outro tanto no Egypto, e *Antigono* com Demetrio Poliorcete renovavam o projecto de tomar para si toda a Asia. No mesmo tempo *Demetrio Poliorcete* occupava Athenas expulsando o Phaleréu, que se retirava para o Egypto; destruia a esquadra de Ptolomeu; tomava a ilha de Chypre e tentava conquistar a de Rhodes. Colligaram-se, por fim, contra elle todos os outros generaes, derrotando-o em *Ipso* (301), onde pereceu Antigono. Dividiram, portanto, os vencedores entre si o imperio, fi-

cando *Cassandro* com a Macedonia e a Grecia; *Lysimaco* com a Thracia e parte da Asia Menor; *Seleuco* com a Syria; *Ptoloméu* com o Egypto, a Palestina e a Phenicia.

99) **Macedonia** (301—148).— Sem tomar o titulo de rei, governou *Cassandro* a Macedonia até morrer (298). Deixou tres filhos, a saber: *Philippe IV*, *Antipater* e *Alexandre*. Philippe logo falleceu; Alexandre, disputando a coroa a seu irmão, invocou o auxilio do Poliorcete, que o assassinou. Era no mesmo tempo Antipater morto na Thracia por Lysimaco, sob cuja protecção se collocára.— **Familia de Antigono**.— Subiu, portanto, ao throno da Macedonia a familia de Antigono, que deu os reis seguintes:—1) *Demetrio Poliorcete* (294—83), expulso primeiro por Pyrrho, rei do Epiro, e posteriormente por Lysimaco, rei da Thracia, succumbiu afinal em consequencia de seus excessos. Não tardou Lysimaco a perder a vida (282) na Phrygia combatendo contra Seleuco Nicator, que occupou a Macedonia e foi, no anno seguinte, morto por Ptoloméu Cerauno, primogenito de Ptoloméu I do Egypto. Tratou Cerauno de repellir da Grecia Antigono Gonatas, e dentro em breve cahiu victima dos gaulezes, que, depois de saquear quasi toda a Europa oriental, passaram para a Asia Menor, indo fixar-se no paiz que delles se chamou *Galacia*.—2) *Antigono Gonatas* (278—42), filho do Poliorcete, resistiu a Pyrrho, que, ao regressar da Italia, quiz occupar a Macedonia. Dessa epoca em deante reinou em paz até a morte, deixando a reputação de um dos mais felizes e mais poderosos principes do seu tempo. Alliado da *Liga Etolia* contra a *Acheana*, encontrou em Arato um valoroso defensor desta ultima.—3) *Demetrio II* (242—32), filho de Gonatas, luctou constantemente contra a Liga Etolia e contra Alexandre II, successor de Pyrrho;—4) *Antigono Doson* (232—21), irmão de Demetrio II, unindo-se com Arato, Stratége da Liga Acheana, e ganhando a batalha de *Sellasia* (21), conseguiu a gloria de tomar Sparta, que nunca cahira em poder do inimigo.— **Decadencia**.—5) *Philippe V* (21—178) inaugurou a decadencia da Macedonia auxiliando Carthago contra os Romanos, a quem tentou expulsar da Illyria (217). Vencido pouco depois em Apollonia, na fóz do Aöus, pelo pretor Levino (214), foi obrigado a queimar a sua frota, e, mais tarde, desbaratado por Attalo de Pergamo, teve de consentir na paz com Roma (205). Havendo pegado mais uma vez em armas contra a Republica, batido em Cynocephalos (197), evacuou a Grecia; entregou seus navios;

pagou as despezas da guerra, e deu em refem Demetrio, seu primogenito. Acoimado posteriormente Demetrio de conspiração, foi envenenado por seu proprio pae, indo morrer na Italia.—6) *Perseu* (178—68), declarando guerra aos Romanos, perdeu a batalha de Pydna (168), e, levado preso para a Cidade Eterna, matou-se a fome. Foi então a Macedonia declarada livre; dividida em quatro republicas *independentes* entre si, e postas sob a protecção do povo romano. Tendo em fim um tal Andrisco que se dava por filho de Perseu, assumido o titulo de rei (52—48), derrotou a principio os Romanos; esmagado, porém, na segunda batalha de Pydna, ornou em Roma o triumpho do vencedor, emquanto a Macedonia era reduzida a provincia romana, (148).

100) **Grecia (301—146).** —*Sparta*, desde longo tempo a braços com a anarchia, recuperou alguma gloria sob Cleomene III (235—21), que restaurou as leis de Lycurgo. Succumbiu mais tarde Cleomene aos golpes de Antigono Doson, rei da Macedonia e alliado da **Liga Acheana**. A origem desta liga perde-se na obscuridade dos tempos. Os deputados e o presidente ou *Stratége* (general) eram eleitos pelos habitantes das cidades que faziam parte della — **A Liga Etolia**, formada no sec. III antes da éra christan e rival da Acheana, vinha a ser quasi a mesma cousa. *Arato* deu á Liga Acheana consideravel realce conseguindo que entrassem nella Sicyão, sua patria, e muitas outras cidades, bem como resistindo victoriosamente ás pretenções de Antigono Gonatas, alliado da Liga Etolia. Commetteu, todavia, Arato o erro de ligar-se (224) com Antigono Doson, a quem pela batalha de *Sellasia* abriu o caminho de Sparta. Morreu envenenado por Philippe V da Macedonia. —*Philoppemen* de Megalopolis, que lhe succedeu, denominado o *ultimo dos Gregos*, derrubou *Machanidas* (206) e *Nabis* (191), ultimos tyrannos de Sparta; aboliu as leis de Lycurgo (188), e trabalhou com muita energia por manter entre seus patricios a união que Roma procurava destruir a todo o transe. Preso e obrigado a beber a cicuta (183), vingou-o *Lycortas*, seu successor e pae do historiador Polybio. Comtudo os Romanos assenhorearam-se pouco a pouco da Grecia toda que em 146 reduziram a provincia com o nome de Achaia.

101) **Thracia**—*(301—46 p. C.)*. — Abrangia o reino da Thracia quasi toda a Grecia e metade da Asia Menor. *Lysimaco*, seu primeiro rei, tornou-se por um momento se-

nhor da Macedonia expulsando o Poliorcete; não tardou, porém, a ser morto por Seleuco Nicator (282), que se apoderou da Macedonia e da Thracia. Passou no anno seguinte este paiz para *Ptoloméu Cerauno*, cujos successores foram reis indigenas muito obscuros. Claudio o declarou provincia romana no anno 46 da éra christan.

SYRIA (311—64)

102) **Os Seleucidas**—foram os seguintes:—1) *Seleuco I, Nicator* (311—281), fundou Seleucia sobre o Tigre e Antiochia sobre o Oronte; dominou desde o Indo até o Tauro; conquistou a Thracia e a Macedonia, morrendo em fim assassinado por Ptoloméu Cerauno.—2) *Antiocho I, Sotero* (281—62), cedeu a Macedonia a Cerauno, e foi derrotado por Ptoloméu Philadelphio e por Eumenes de Pergamo.—3) *Antiocho II, Theos* (262—47), perdeu a Parthia e a Bactriana. Excitou esta á revolta o governador *Theodoto*; aquella, o governador *Arsace*, que fundou o reino dos Parthos. Afim de casar-se com *Berenice*, irman de Ptoloméu III do Egypto, repudiou *Laodice*, que, tornando dentro em breve a occupar o throno, envenenou o rei, seu irmão, e tirou cruelmente a vida á sua rival.—4) *Seleuco II, Callinico (247—27)*, desbaratado por Ptoloméu III, que matou Laodice e occupou grande parte da Syria, foi afinal preso e morto no carcere pelo rei dos Parthos.—5) *Seleuco III, Cerauno* (227—24), foi envenenado por dois de seus officiaes na occasião de marchar contra a Asia Menor que se insurgira.—6) *Antiocho III, o Grande* (24—187), vencido (216) na batalha de Raphia por Ptoloméu Philopator, perdeu a Palestina e parte da Syria. Tirando diversas provincias ao rei dos Parthos, submettendo a Asia Menor, recuperando a Palestina e percorrendo a Asia até o Indo, já conquistára immensa gloria, quando cahiu no erro de fazer guerra isoladamente aos Romanos e de entrar na Grecia a pedido da Liga Etolia. Derrotado nas Thermopylas (191) e em Magnesia (190), teve de abandonar o que possuia áquem do Tauro. Tentando por fim despojar um rico templo de Persepolis, acabou ás mãos do povo dessa cidade. —**Decadencia**.—7) *Seleuco IV, Philopator*, (187—75) foi envenenado por seu ministro *Heliodoro*, o mesmo que elle mandára (176) saquear o templo de Jerusalém.—8) *Antiocho IV, Epiphanio* (174—64), impio e effeminado, derrubou

Heliodoro, que usurpára a coroa. Ia penetrar, victorioso, no Egypto, quando o consul Popilio Læna o obrigou a retirar-se; perseguiu os Machabéus, e morreu de uma horrivel doença.—9) *A Antiocho V, Eupator* (164—62), tirou a vida na edade de apenas onze annos, *Demetrio Sotero*, seu primo (162—50), que, usurpando o throno, perseguiu cruelmente os Judéus e conquistou a Cappadocia (1).

103) Estados secundarios.—As ruinas do reino da Syria déram origem ou augmento aos estados seguintes: **I O reino de Pergamo** (283—129), fundado por *Philétère*, que governava este paiz em nome de Lysimaco, rei da Thracia. O seu primeiro rei foi *Attalo I* (241—197), que fez alliança com os Romanos e formou a bibliotheca de Pergamo, rival da de Alexandria. Continha 200,000 volumes. De seus successores, são notaveis—*Eumenes II* (197—57), a quem se attribúe a invenção ou aperfeiçoamento do pergaminho, *pergamena charta*; e *Attalo III* (137—33), que legou o seu reino aos Romanos.—**II A Bithynia** sacudiu o jugo da Macedonia sob Nicomede I (278—49), o fundador de Nicomedia, que cedeu a Galacia aos gaulezes. Destacam-se entre seus successores *Prusias II* (192—48) que tentou entregar aos Romanos Annibal, seu hospede; e *Nicomede III* (90—75), que deixou o reino ao povo romano.—**III O Ponto** tornou-se independente da Persia no tempo de Alexandre Magno, e manteve a sua autonomia resistindo aos Seleucidas. Sobresaem entre seus monarchas:—1) *Mithridates Evergete* (157—23), que recebeu uma parte da Phrygia em premio do apoio prestado aos Romanos durante a III guerra punica;—2) O seu filho *Mithridates VII Eupator ou o Grande* (123—63) guerreou toda a sua vida os Romanos, e, derrotado finalmente por Sylla em Cheronéa e Orchomena (86), assignou um tratado muito oneroso. Apoz a sua morte, o seu reino foi reduzido a provincia romana.—3) *Pharnace*, seu filho, tendo-se insurgido contra a Republica, foi por Cesar aniquilado em *Zeleia*, hoje *Zilch*, sobre o Scylax, no Ponto occidental (47). Escreveu Cesar nesta occasião ao senado o famoso: *Veni, vidi, vici*—vim, vi, venci.—**IV O reino da Armenia** é um dos mais antigos do mundo. Esteve por longo tempo, no todo ou em parte, sob o dominio dos Assyrios, dos Persas, dos Parthos e de Alexandre Magno. Seus monarchas mais distinctos foram:—1) *Tigrane II* (119—95), que da Armenia fez um reino grande e poderoso;—2) *Tigrane III* (95—60), que a principio dilatou as fronteiras, mas vencido por Lucullo e por Pompêu, perdeu todas as suas conquistas. Cae, então, a Armenia em grande obscuridade, sendo mais tarde reduzida a provincia romana. Comtudo, nos primeiros seculos da era vulgar, adquire nova gloria por seu heroismo christão. De todos os paizes do mundo, foi a Armenia o primeiro que professou o Christianismo como religião do estado. Déram a *S. Gregorio*, apostolo da Armenia, o titulo de Illuminador.—**V O reino dos Parthos**, que provavelmente são de origem scytha ou persiana, foi, em 255 antes da éra christian, fundado á

(1) Torna-se a historia dos Seleucidas, desta data em deante, uma serie de crimes tão hediondos e de desordens tão vergonhosas, que achamos mais avisado não referil-a. Indicaremos apenas os nomes dos reis e dos usurpadores—Reis: Demetrio II e III; Antiocho VII, VIII, IX, X, XI; Seleuco V e VI.—*Usurpadores*: Heliodoro, Alexandre Bâla; Antiocho VI, filho de Bâla; Tryphon, Alexandre, etc. Reduziram por ultimo os Romanos a Syria a provincia no anno 64 antes da éra christan.

custa da Syria por *Arsace I*. De seus reis nomearemos só tres, a saber:—1) *Mithridates I* ou *Arsace VI* (164—36) que realizou numerosas conquistas e aprisionou Demetrio II da Syria;—2) *Phraorte II* (136—27), que perdeu quasi todas as conquistas de seu pae;—3) *Orodes* (54—36), cujo general, Surena, venceu e matou Crasso.—**O governo** dos Parthos era monarchico-hereditario; a sua religião, a de Zoroastro. Eram os Parthos famigerados por sua ligeireza na guerra, combatendo sempre a cavallo. Venceram diversas vezes aos Romanos, pelos quaes nunca foram derrotados. No anno 226 da era christan, transformou-se essa monarchia no reino dos *Sassanidas* da Persia.

EGYPTO (323—30)

104) **Os Lagidas**—do Egypto foram:—1) *Ptoloméu I, Sotero* (323—284), filho de *Lagus*, que protegeu o commercio, as sciencias, as artes; fortificou Alexandria, para onde transferiu o corpo embalsamado de Alexandre Magno; enriqueceu a sua bibliotheca que chegou a possuir 700.000 volumes; levantou o Serapeu; deu principio á torre de Pharos (pharol) para illuminar o porto, e fundou o museu, do qual tirou origem a sabia escola da capital do Egypto. Assenhoreou-se da Cyrenaica e da ilha de Chypre, e abdicou em favor do seu segundo filho com detrimento do primogenito, Ptoloméu Cerauno, que se indemnizou indo conquistar a Macedonia.—2) *Ptoloméu II, Philadelphio* (284—46), acabou a torre de Pharos; mandou por 72 judéus fazer uma traducção grega da Sagrada Escriptura, tão conhecida com o nome de *Versão dos Setenta;* abriu um canal entre o Mediterraneo e o Erythréu; hospedou Demetrio Phaleréu, expulso de Athenas por Demetrio Poliorcete; protegeu o commercio, as artes, as lettras, e, alliando-se com os Romanos, conseguiu que á bandeira do seu paiz se tributasse grande respeito em toda a parte.—3) *Ptoloméu III, Evergete* (246—21), vingou sua irman Berenice, morta por Laodice, irman e mulher de Antiocho II da Syria; levou suas armas victoriosas até a Bactriana; ligou-se com Arato, Stratége da Liga Acheana; e acolheu Cleomene, rei de Sparta, deposto por Antigono Doson da Macedonia.—4) *Ptoloméu IV, Philopator* (221—4), bem que vencedor em Raphia (216) contra Antiocho o Grande, inaugurou a **decadencia** politica e moral do Egypto. Além de perseguir injustamente os Judéus, matou o rei Cleomene, seu pae, sua mãe, seu irmão e sua mulher, vindo por fim a morrer prematuramente em consequencia da sua devassidão.—5) *Ptoloméu V, Epiphanio* (204—81), foi por seus tutores posto sob a protecção de Roma, que deste modo se tornou arbitra do Egypto, cuja historia, desta

epoca em deante, é apenas uma serie de crimes e de revoluções.—6) *Ptoloméu VI, Philometer* (181—44), obrigado pelos Romanos, dividiu o reino com seu irmão, *Ptoloméu VII, Evergete* (164); casou a sua filha Cleopatra com Demetrio Sotero, e dentro em pouco lha tirou afim de concedel-a a Alexandre Bâla (149). Atraiçoando (149) ao proprio Bâla, entregou Cleopatra a Demetrio Nicator.— 7) *Ptoloméu VII, Evergete* ou *Physcon* (144—117), contrahindo enlace matrimonial com a viuva do seu irmão e assassinando-lhe o filho, tornou-se odioso a tal ponto, que teve de retirar-se da capital. —8) *Ptoloméu VIII, Sotero* (117—7), foi expulso do throno por sua propria mãe, a qual elevou o seu segundo filho, *Ptoloméu IX, Alexandre* (107—88). Este logo se desfez da mãe; attrahiu sobre si o odio de todos, e pereceu combatendo contra Sotero, que ainda reinou por sete annos (88—81). —9) *Ptoloméu X, Alexandre*, forçado a abandonar o valle do Nilo (80), transferiu por algum tempo a sua residencia para Tyro.

Extinguindo-se com elle a posteridade legitima de *Ptoloméu Lagus*, apresentaram-se os Romanos como herdeiros em virtude de um testamento apocrypho.—10) *Ptoloméu XI, Aulete* (tocador de flauta), deposto pelo povo e reintegrado por Gabinio, logar-tenente de Pompêu, tornou-se mais odioso do que nenhum de seus predecessores (52).— 11) *Ptoloméu XII, Dionysius*, casou-se com sua irman Cleopatra, que em breve repudiou. Consentiu no assassinato de Pompêu (48), e sendo desfeito por Cesar, afogou-se no Nilo emquanto fugia. Concedeu então Cesar o throno a *Ptoloméu XIII, o Menino* (44), dando-o dentro em pouco a *Cesarião*, filho seu, que tomou o nome de *Ptoloméu XIV* e que depois da morte de *Cleopatra*, mãe delle, foi privado da vida por Augusto, o vencedor de *Accio* (31 antes da éra christan).

CIVILIZAÇÃO DOS GREGOS

105) A historia da litteratura grega – póde compendiar-se em quatro pontos principaes, a saber:—**I Litteratura** propriamente dita; **II Sciencias;**—**III Artes;**—**IV Philosophia.**—*A litteratura* abrange a poesia, a historia e a oratoria.—**Poesia.** Deixando de parte os antiquissimos poetas lyricos *Orphêo*, *Musêu* e *Lino*, que viveram antes da guerra de Troia, e pertencem mais á fabula do que á historia, temos na remota antiguidade dois grandes poetas, isto é, *Homero* e *Hesiodo de Cuma*. O primeiro cantou a guerra de Troia e as peripecias de Ulysses, o segundo illustrou a agricultura. Dahi em deante não encontramos por largo tempo sinão nomes de pouca fama, taes como, *Terpandro*, de Lesbos; *Tyrtêo*, de Athenas; *Cal-*

lino, de Epheso; *Alcman*, de Sardes, e *Stesichoro*, da Sicilia: todos do *VII sec.*; porém no *sec. VI* appareceram *Hipponax*, de Epheso; *Archiloco*, de Paros, e *Thespis*, o inventor da tragedia. Viviam nesse mesmo tempo em Lesbos os dois poetas lyricos, *Alceu* e *Sapho*. Esta foi denominada a decima musa.—**No sec. V** ou de Pericles floresceram *os lyricos*: Anacreonte, de Teos, na Jonia; Simonides, de Ceos; e Pindaro, de Thebas;—*os tragicos*: Eschylo, Sophocles e Euripides: todos de Athenas; os *comicos*: Eupolis, Cratinus e Aristophanes, athenienses.—**No sec. III** deparamos com o *comico* Menandro, o *hymnographo* Callimaco, os *bucolicos*, Theocrito e Moschus, de Syracusa; Bion, de Smyrna, e Aratus, da Cilicia, que cantou a astronomia.—**No sec. II** apenas citamos *Apollonio*, de Rhodes, autor de um poema sobre os Argonautas.—**Oradores**.—Entre os numerosos e grandes oradores que floreceram na Grecia, destacam-se *Eschino* e *Demosthenes*; ambos athenienses, mas, um rival do outro, sendo o primeiro favoravel, o segundo contrario ao partido macedonio que levou a patria á ultima ruina (1)

106) Sciencias.—Com quanto o glorioso nome de *sciencia*, antes de tudo e no sentido mais proprio, pertença á *philosophia* e á *theologia*, comtudo em nossos dias honram geralmente com este titulo as *mathematicas*, a *geographia* e a *medicina*. Não falaremos, portanto, aqui sinão dos autores que se distinguiram nestes tres ramos do saber humano. São os seguintes:—**Na geometria**—*Euclides* (IV sec.), que ensinou em Alexandria;—*Archimedes* (III sec.) de Syracusa;—*Heron* (II sec.), de Alexandria, que fez automatas, clepsydras, moinhos de vento, e um chafariz que lhe conserva o nome.—**Na astronomia**—*Thales*, de Mileto (VI sec.), sabia prever os eclipses;—*Anaximandro* (VI sec.) inventou a esphera, o zodiaco e as cartas geographicas; *Anaximeno* (VI sec.) passa pelo inventor dos quadrantes solares. (2) E' o unico autor antigo, conhecido por nós, que negava a redondeza da terra.—*Meton* (V sec.), o inventor do *numero aureo*;—*Aristarco* (II sec.) tentou medir o diametro do sol, e conjecturou o movimento da terra.—*Eratosthenes* (II sec.), natural de Cyréne, determinou a obliquidade da ecliptica, e mediu com notavel exactidão (3) o diametro da terra;—*Hipparco* (sec. II a. Chr.) construiu taboas bastante exactas a respeito do movimento do sol;—*Ptolomêu*, de Ptolemaida no Egypto (sec. II da éra chr.) coordenou as descobertas de seus predecessores, e ensinou o systema *geocentrico*, commummente adoptado até Copernico.—**Na geographia**, *Strabão* (I sec. a. Chr.) o geographo, natural da Cappadocia.—**Na medicina**—*Hippocrates* e *Galeno*. Hippocrates, o pae da medicina scientifica, prestou relevantes serviços na occasião da peste de Athenas. Nasceu em Cos no anno de 460, vivendo 95 annos, ou, como outros querem, cem ou ainda mais.—*Claudio Galeno* ou *Galliano* nasceu em Pergamo no anno 131 da éra christan, e falleceu em Roma pelos fins do sec. II.—**Artes.—Na esculptura** destacam-se: *Phidias* (sec. V), o principe dos esculptores gregos; *Scopas* (sec. V), que por ordem da rainha *Artemisia* trabalhou no monumento sepulchral levantado em Halicarnasso a *Mausole* (mausoléo), rei da

(1) Os historiadores já foram indicados com o titulo de *Fontes historicas*.

(2) Consta hoje com certeza que varias das descobertas e invenções attribuidas aos Gregos, já estavam no dominio da sciencia largo tempo antes delles. Os Hebréus e os Chaldéos, por ex., conheciam muito anteriormente o zodiaco, os quadrantes solares, etc.

(3) Dão hoje á circumferencia da terra quarenta milhões de metros. No ver de Eratosthenes ella teria trinta e nove milhões, duzentos e setenta e tres mil metros.

Charia; *Myron* (sec. V), notavel por sua habilidade em esculpir animaes; *Polycleto*, de Argos (sec. V), illustre por uma estatua em que representára com tanta perfeição a fórma humana, que foi denominada *Canon*; *Praxitele* (sec. III), fundador de uma escola algum tanto sensualista; *Lysippo* (sec. IV) juntamente com *Pirgotele* e *Apelles* teve a privativa de reproduzir as feições de Alexandre; *Charet* (sec. III) construiu o famoso colosso de Rhodes; *Agesandro*, *Polydoro* e *Athenodoro*, de Rhodes (ep. inc.), autores do grupo do Laocôonte achado em 1506 nas thermas de Tito em Roma. Conserva-se hoje no museu do Vaticano. Os esculptores, por via da regra, eram tambem architectos. São bem conhecidas as tres ordens de architectura grega, isto é, a jonia, a dorica e a corinthia.—**Na pintura** sobresahiram *Polygnoto*, *de Thasos* (sec. V); *Zeuxis*, de Heracléa (sec. V); *Parrhasio*, de Epheso (sec. V), e *Apelles*, de Cos (sec. IV)—**A musica** era tambem cultivada pelos Gregos, que distinguiam tres *tons*:—o *dorico*, magestoso; o *jonio*, alegre; e o *eolico*, pathetico. Os instrumentos de musica mais em voga eram a *flauta*, a *lyra*, a *cytharo* e a *trombeta*. O tecto do theatro principal de Athenas, chamado *Odeon* e erguido por Pericles, assentava sobre mastros de navios tirados aos Persas. Falavam-se na Grecia quatro dialectos:—o *attico*, o *jonio*, o *dorico* e o *eolico*.

107) Philosophia.—As escolas philosophicas de maior supposição na Antiga Grecia foram tres, isto é, a *jonia* fundada por Thales de Mileto (640-548), possuia uma tendencia algum tanto materialista, e, mais tarde, seguiu Epicuro; a *italica*, cujo fundador, Pythagoras, de Samos (569—470), instituiu em Crotona, na Magna Grecia, uma especie de congregação ascetica; a *eleatica*, creada em Eléa na Baixa Italia, por Xenophanes, de Colophon (620—520), ensinou o pantheismo, i. é., a confusão do Creador e da creatura.—**Sabios.** Depois dos philosophos vieram os *sabios*. O chefe delles foi Socrates atheniense (469—400), um dos restauradores da boa philosophia. Seus principaes discipulos foram: *Anthistenes* (422—350), fundador da escola cynica, que se dispensava de todas as conveniencias sociaes; *Diogenes*, de Sinope (414—324), conhecido por suas extravagancias; *Epicuro* (341—270), que poz a felicidade no prazer, professou a hypothese absurda dos atomos eternos, hypothese excogitada por Democrito no V sec.; *Platão* (430—347), que ensinou uma doutrina mais digna do homem.—**Academia e Lycéu.** O fundador da Academia foi Platão. Ensinava elle no jardim de um tal *Academo*; seus discipulos, por isto, tomaram o nome de *Academicos*, e a sua escola, o de *Academia*. Não tardou esta escola a dividir-se em dois ramos, conservando um a doutrina do fundador na sua integridade, e modificando-a algum tanto o outro. Como *Aristoteles*, de Stagyra na Macedonia (384—22), désse suas licções passeando em um logar chamado *Lycéu*, a escola delle recebeu o nome dessa paragem—*Lycéu*—e os discipulos, o de *peripateticos*—ambulantes.—**Scepticos.** A escola sceptica, que pretendia dever-se duvidar de tudo, foi no IV sec. inaugurada por Pyrrhão, e a sua doutrina reduzida de algum modo a systema pelo medico grego *Sexto Empyrico*, que viveu no II ou III sec. da éra christan. —**A escola estoica**, fundada por Zenon, de Cithium (358—260), professava que o unico bem é a virtude; o unico mal, o vicio; mas confundia a virtude com a insensibilidade. E' notavel, nesta escola, por seu saber e paciencia ou antes insensibilidade, um tal *Epicteto*, natural da Phrygia. Foi escravo em Roma, ensinou no Epiro e gosou da amizade dos imperadores Adriano e Marco Aurelio.—**Os sete sabios**—philosophos gregos do sec. VI, notaveis por algum dictame tomado como divisa, foram estes: *Thales* que dizia: *Nosce te ipsum*—conhece-te a ti mesmo; *Solon*, cuja divisa era: *In omnibus rebus respice finem*—em todas as cousas considera o fim; *Bias*, *de Priene*, na Jonia, que repetia: *Omnia mecum porto*—levo tudo commigo,

e ensinava o seguinte: «Ama o teu amigo como quem pode algum dia vir a ser teu inimigo; e odeia o teu inimigo como aquelle que poderá no futuro passar a ser teu amigo». *Chilon*, de Lacedemonia, que, ao ver o seu filho coroado nos jogos olympicos, morreu de alegria; *Cleobulo*, rei de Rhodes, que ensinava: *Ne quid nimis*—em tudo é mister moderação, e—Fazei bem a vossos amigos para ganhal-os sempre mais, e a vossos inimigos afim de convertel-os em amigos, *Pittaco*, de Mityléne, e *Periandro*, tyranno de Corintho.—Alguns accrescentam *Alyson*, lavrador da Laconia; *Anacharsis*, philosopho scytha, amigo de Solon, bem como *Esopo*, escravo da Phrygia, contemporaneo de Creso e celebre por sua deformidade e suas fabulas.

108) Conclusão.—Não ha duvidar terem-se os Gregos assaz distinguido na cultura intellectual, particularmente na litteratura, nas artes e nas sciencias. Quanto á philosophia é certo que a estudaram muito, e revelaram algumas verdades de grande alcance; porém é lastimoso ver como procediam ás apalpadellas até quando se trata de verdades que podiam facilmente conhecer. E' ainda mais deploravel que cahissem em erros tão grosseiros a respeito de Deus, do homem, do mundo e da Sociedade. O proprio Platão condemna a virgindade, admitte a communidade das mulheres, e consente que os donos matem a seus escravos; os paes, a seus filhos, caso estes sejam feios! O mesmo com pouca ou nenhuma differença póde dizer-se de Aristoteles e dos outros philosophos gregos.—E' facil deduzir de tudo isto que a revelação era *moralmente* necessaria ao homem, porque lhe era muito difficil (moralmente impossivel) afinar com a verdade até mesmo na ordem natural. Pois, si genios dos quilates de Platão e de Aristoteles erraram em cousas aliás vulgares, o que seria da generalidade dos homens? Entretanto todos os homens, para serem felizes, tinham necessidade indispensavel dessas verdades fundamentaes (1).

109) Usos, Costumes, etc.—Costumavam os Gregos ter um nome só, que, commummente era o do avô, ao qual ás vezes uniam o do pae: v. g. *Milciades*, filho de Cimon; *Cimon*, filho de Milciades. O vestido em geral era muito simples, constando de uma tunica, um manto e um calçado grosseiro. Esta simplicidade primitiva foi, comtudo, decahindo á medida que se introduziu o luxo, de sorte que a *toilette* veiu dentro em pouco a ser objecto de grande importancia com especialidade entre as mulheres. Occupavam-se estas cuidadosamente com os dentes, o cabello, os brincos, etc. Entre os homens, o uso variava segundo as diversas cidades e seitas. Os Athenienses, v. g., levavam o cabello algum tanto comprido e eriçado, emquanto os Laconios o deixavam crescer de todo. Os Estoicos e os Cynicos rapavam a cabeça. Até o tempo de Alexandre, todos traziam a barba comprida, costume este conservado, dessa epoca em deante, apenas pelos philosophos.—**As casas** grandes dividiam-se em duas partes: uma, chamada *andronytido*, era para os homens; outra, mais retirada, denominava-se *gyneceu*, e servia para as mulheres.—Tomavam os Gregos tres refeições por dia: o *ariston* ou almoço, de manhan cêdo; o *dipnon* ou jantar, pelo meio dia; o *dorpnon* ou cêa, que era a principal, pouco antes do pôr-se do sol.—**Nascimento, casamento e funeral.** O recém-nascido era deposto aos pés de seu pae, que decidia da sua vida ou morte.—O *casamento* celebrava-se com festa estrondosa, e com a bençam sacerdotal, dada aos noivos em um templo. O corpo da pessoa fallecida vestia-se de roupa fina; expunha-se na entrada da casa com um bôlo de farinha e mel nas mãos; e, ao amanhecer, era com luzes e musica levado a queimar em uma fo-

(1) Vide Feller—art. Platão, Aristoteles, Solon, etc.

gueira fóra da cidade. Recolhiam então as cinzas, guardando-as em um sepulchro. A cerimonia acabava por uma festa funebre em que se pronunciava o elogio do defunto.

110) Vista retrospectiva.—Vale a pena observar de relance a unidade existente na historia grega. Diversas guerras internas, bem como o excesso da população que não cabe em paiz tão limitado, aconselham aos Gregos a fundação de numerosas colonias na Asia, nas ilhas e na Italia. O desejo de ver as colonias da Asia, livres do jugo dos Persas, motiva as guerras medas, que produzem a supremacia de Athenas, cujo orgulho e ambição causa a guerra civil do Peloponeso, durante a qual, Sparta, para não succumbir, invoca o apoio da Persia, e particularmente de Cyro o Joven, então governador da Asia Menor. E' deste apoio que tira origem a expedição dos *Dez-Mil*, autorisada e promovida por Sparta em favor de Cyro contra Artaxerxes Mnemon. Dahi a guerra entre Mnemon e Sparta, que, complicando-se por culpa de Athenas, produz o tratado de Antalcidas. O zelo exaggerado e interesseiro de Sparta para obter que esse tratado seja observado á risca, é a causa da guerra de Thebas contra a Laconia, cujo effeito é o enfraquecimento da Grecia—enfraquecimento que provoca a cobiça do rei da Macedonia. Alexandre, adoptando os costumes da Persia e introduzindo na Grecia o luxo e a corrupção oriental, acaba de perverter as virtudes dos Gregos, que já não desejam senão prazeres e divertimentos. Além disso, esse heróe da Macedonia, conquistando e não assimilando tão numerosos povos, occasiona as guerras de seus successores e a ruina final da Grecia toda. Em resumo: a ruina da Grecia, como a de todas as outras nações, foi a consequencia das rivalidades internas, fructo do orgulho e da inveja, não menos que do abandono das virtudes austeras.

HISTORIA ROMANA

111) As fontes directas—da historia romana são:—1) *Tito Livio*, que falleceu no anno 17 da éra christan, e nos deixou a historia romana, grande parte da qual pereceu; 2) *Julio Cesar*, que em seus commentarios descreve as suas guerras; 3) *Sallustio*, natural de Emiterno, na Sabina, falleceu no anno 36 antes da éra vulgar; deu a historia da guerra de Jugurtha e a da conspiração de Catilina; 4) *Cornelio Nepos*: Vidas, etc.; 5) *Floro*:—Compendio da historia romana desde Romulo até pouco antes da batalha de Accio; 6) *Velleio Paterculo*:—Historia romana e dos povos que tiveram relação com Roma; 7) *Suetonio*:—Vida dos doze Cesares; 8) *Tacito*:—Vida de Agricola, e os Annaes desde a morte de Augusto até a de Nero; 9) *Ammiano Marcellino*:—Historia do imperio romano desde os imperadores Flavios até Valente; 10) *Eutropio*:—Historia romana desde Romulo até Joviano.—**As fontes indirectas** são os oradores, rhetoricos, grammaticos, philosophos, poetas, naturalistas, as inscripções, moedas, medalhas, obras de arte, etc.

112) Divisão.—Divide-se naturalmente a historia romana em tres grandes periodos.—*O I* vae até a abolição da realeza; *O II*, até o fim da Republica; *O III*, até a divisão do imperio, effectuada por Theodosio em 395 da éra christan. *O I periodo* póde abranger duas epocas, a saber: 1) a Italia antes da fundação de Roma; 2) os reis.—*O II periodo* subdivide-se em quatro epocas, isto é, 1) *proclamação da Republica*; 2) *conquista da Italia*; 3) *conquista do mundo*; 4) *consequencias*.—*O III periodo*

póde subdividir-se nas cinco epocas seguintes: 1) os *Cesares*; 2) os *Flavios* e os *Antoninos*; 3) *despotismo* e anarchia militar; 4) *era* dos martyres; 5) triumpho do Christianismo.

PERIODO I.—EPOCA I

A Italia antes da fundação de Roma

113) **A Italia**—longa peninsula da Europa meridional, atravessada de norte a sul pela cadêa dos Apenninos, é limitada ao N. pelos Alpes, e cercada a L. S. e O. pelos mares Adriatico, Jonio e Tyrrheno. Pertencem á Italia a Sicilia, a Sardenha, a Corsega e muitas outras ilhas de menor tamanho. Costuma-se dividir a Italia em Alta, Central e Baixa ou Meridional. Seus paizes mais notaveis antigamente eram a Venecia, a Gallia Cisalpina, a Etruria, a Umbria, o Lacio, o Sammio, a Campania e a Magna Grecia.

114) **Os primeiros habitantes** da Italia—foram os Ibéros, Celtas, Pelasgios e Etruscos, de cuja historia primitiva temos bem pouca certeza. Na epoca da fundação de Roma, já em toda a parte desapparecera a realeza, e dominava uma aristocracia descendente dos antigos conquistadores do paiz. Vê-se, porém, claro que a base da autoridade politica era a familia: pois os chefes do povo chamavam-se *patres*; a nobreza, *patriciado*; os nobres, *patricios*; a propriedade, *patrimonium*.—**A religião** da Italia Antiga era um fetichismo grosseiro ou culto da natureza: cada confederação, cidade, casa, fonte, etc., tinha seu deus particular. Algumas divindades, todavia, eram mais geralmente adoradas: v. g. *Jano*, ora deus com o nome de *Djanus*, o sol; ora deusa sob o nome de *Djana*, a lua: tinha duas caras; presidia á abertura do anno (Januarius), e á das portas (Janua). *Saturno*, o deus da agricultura e do tempo *(kronos)*; *Bellona*, irman de *Marte*, o deus da guerra; *Jupiter*, filho de Saturno e rei dos outros deuses; *Juno Sospita* (a protectora), mãe de Marte, irman e mulher de Jupiter. Acreditavam os Italianos, como todos os mais povos da antiguidade, em uma vida futura, feliz para os bons, infeliz para os máus.—**Os Etruscos** eram o povo mais civilizado da Italia Antiga. A sua lingua differia egualmente do grego e do latim; escrevia-se da direita para a esquerda como diversas linguas do Oriente. O seu governo era a um tempo *feudal e federal*. Distinguiam-se, na Sociedade, tres classes

de pessoas, a saber: os nobres ou *lucumons*, os *clientes* ou pobres, e os escravos, sempre tratados como animaes. Dirigiam os destinos do paiz o rei (Lars), o senado e o povo. O legislador dos Etruscos foi um tal *Tagès*. As crenças dos sacerdotes lembravam a historia do Genesis; o povo, porém, professava o polytheismo. Existiam na Etruria *auspices*, *aruspices*, *augures*, etc., dignidades estas adoptadas mais tarde em Roma. Estavam tambem os Etruscos sufficientemente adeantados nas artes, nas mathematicas, na medicina e na astronomia. No commercio eram rivaes de Tyro e de Carthago.

Epoca II.—Os reis

115) **Fundação de Roma, 753.**—Segundo as antigas lendas, Remo e Romulo descendiam de Ascanio, filho de Enéas, que passou á Italia em consequencia do incendio de Troia. Filhos da vestal Rhéa Silvia, expostos nas margens do Tibre, e creados por uma lôba, reintegraram no throno de Alba-Longa seu avô, Numitor, derrubado por Amulio, irmão delle, e déram principio á fundação de Roma no logar em que tinham sido expostos. Depois de tirar a vida a seu irmão, de abrir um asylo para os criminosos e de raptar as mulheres sabinas, sacrificou Romulo os primeiros (1) *despojos opimos*, porque matára ao rei Acron; partilhou o poder com Tacio, rei dos sabinos de Cures, e, desapparecendo no meio de uma tempestade, recebeu honras divinas sob o nome de Quirinus, 715.—**Instituições primitivas.** Romulo dividiu o povo em dez tribus que subdividiu em dez curias; e estas, em decurias, compostas de *gentes*. Instituiu uma guarda de trezentos cavalleiros (celeres), e um senado, composto dos chefes de cada curia. O numero dos senadores a principio foi de *cem*, logo de *trezentos* e posteriormente de *seiscentos*.—**Formação da nobreza.** Os primeiros senadores e seus descendentes foram honrados com o titulo de *patricios*, e gosavam de muitos privilegios. Só elles tinham direitos politicos e religiosos. Houve tres creações de patricios:—a I quando se fundou a cidade;—a II quando foram admittidos os Sabinos;—a III na occasião de serem os Albanos transferidos para Roma. Os patricios da I e da II categoria se denominavam

(1) Offereciam-se aos deuses os *despojos opimos*, isto é, ricos, abundantes, quando um rei com sua propria mão tirava na guerra a vida a outro rei.

patres majorum gentium; os da III, *patres minorum gentium. Os plebéus* eram os filhos do povo e os extrangeiros que tinham adquirido o direito de cidadãos romanos. O patricio que amparava um ou mais plebéus, chamava-se *patrono.*—Cliente era um plebéu que, precisando de apoio, se punha sob a protecção de algum patricio. Clientela é a relação existente entre patrono e cliente. Quando os clientes adoptavam o nome e os ritos religiosos do seu patrono, ficavam-lhe pertencendo, e formavam parte da *gens*. Pois a *gens* constava de todas as pessoas sujeitas á autoridade do *pater*, quer como filhos ou parentes, quer como escravos, quer como clientes. A familia era uma subdivisão da *gens*.

Varias gens formavam a tribu

116) **Successores de Romulo.** — Decorrido o interregno de um anno, a Romulo succederam :— 1) *O sabino Numa Pompilio* (714—72), que, dando todos os seus cuidados ao governo interior, fez uma especie de mistura da religião dos tres povos que então formavam o povo romano(1); instituiu o collegio dos *pontifices*, chefes do culto; o dos *flaminios*, (2) sacerdotes consagrados a Jupiter e a Romulo; o dos *augures*, *auspices* e *aruspices*, (3) interpretes da vontade divina; o dos *feciaes*, que declaravam a guerra e faziam com que o direito das nações fosse respeitado; o dos (4) *salios*, guardas dos doze escudos sagrados; o das (5) *vestaes*, sacerdotizas incumbidas de conservar o fogo sagrado no altar de Vesta. Além disto, Numa cunhou a primeira moeda; reformou o calendario; determinou os dias *fastos* e *nefastos;* ergueu um templo á *Boa Fé*, outro a *Jano*, que se con-

(1) Eram os sabinos, latinos e lúceres; colonia, estes ultimos, etrusca de Lucerum.

(2) Cobriam a cabeça com um véo côr de fogo—flamen.

(3) Os *augures* e os *auspices* investigavam a vontade divina e prediziam o futuro observando o vôo, o canto, o modo de comer, etc. dos passaros. Os *aruspices* faziam isto mesmo pela inspecção das entranhas da victima collocada sobre o altar. E' de notar que a etymologia da palavra *aruspices* é muito incerta.

(4) Salii a saliendo—saltar. Diziam que um dos doze escudos cahira do céo, e era o protector de Roma, como o Palladio ou estatua de Pallas era o de Troia.

(5) As *vestaes*, e bem assim os sacerdotes, escolhiam-se sempre entre as primeiras familias; consagravam-se á deusa desde a infancia; eram obrigadas a guardar a castidade todo o tempo do seu ministerio, que durava trinta annos; enterravam viva a que violasse o seu voto, ou deixasse apagar o fogo sagrado. Em compensação, gosavam de privilegios muito notaveis; pois, sobre serem isentas da autoridade paterna, podiam salvar a vida do condemnado que encontrassem no caminho. O proprio rei as tinha em alta veneração.

servava aberto durante a guerra, fechado no tempo de paz. —2) *Tullo Hostilio* (672—40), latino de origem, destruiu Alba depois que um dos tres Horacios venceu os Curiacios; submetteu os Veienses e os Fidenates, e mandou esquartejar Mecio Suffecio em consequencia do seu procedimento equivoco.—3) *Anco Marcio* (640—16), neto de Numa e vencedor dos Latinos, construiu o porto de Ostia, o carcere mamertino e a primeira ponte de madeira sobre o Tibre. —4) *Tarquinio Prisco* (616—78), outrora aio dos filhos de Anco, introduziu em Roma os usos etruscos, a saber: a *purpura*, a *toga pretexta*, as *cadeiras curúes* e o *triumpho;* aformoseou a cidade; seccou o fôro; encetou a construcção do Capitolio; aplanou o circo; cavou os canos de exgotto que ainda hoje Roma conserva, e morreu assassinado por emissarios dos filhos de Anco. Protegidos por Tanaquil, mulher de Tarquinio, adquiriram neste tempo os augures immenso poder.—5) *Servio Tullio* (578—34), filho de uma escrava, tendo usurpado o throno mediante a astucia de Tanaquil, sua sogra, dividiu o povo em seis classes e em 193 centurias dando á classe dos nobres 98 votos, e apenas 95 a todas as outras reunidas. Cahiu Servio, em pleno senado, victima de seu genro Tarquinio, marido dessa execravel Tullia que mandou passar o carro sobre o cadaver do seu pae.—6) *Tarquinio o Soberbo* (534—9), comprou, por conselho dos augures, os tres livros sybillinos que, conservados até o fim do IV sec. da éra christan, se consultavam nos casos de maior emergencia. Eram a principio guardados por tres, e mais tarde por quinze homens. Tornando-se Tarquinio tyranno, foi expulso pelo povo, açulado por Bruto e Tarquinio Collatino, quando Lucrecia, mulher deste ultimo, se suicidou em consequencia do crime praticado com ella pelo proprio filho do rei.

PERIODO II.—A REPUBLICA

Epoca I. — Primeiras guerras

117) **Proclamação da Republica**, 509. A expulsão dos reis só aproveitou aos nobres; pois o supremo poder com quasi todas as insignias da realeza passou a dois magistrados annuaes debaixo do titulo de *consules*, que, embora eleitos pelo povo nos comicios centuriados, deviam ser sempre *patricios*. Os consules commandavam o exercito; convocavam e presidiam o senado, bem como a assembléa do

povo *(comitia)*, e se faziam preceder por doze lictores armados de feixes de varas com machadinhas.—**Primeiros acontecimentos**. Logo no principio os primeiros consules, *Junio Bruto* e *Tarquinio Collatino* (1) puniram de morte seus proprios parentes, e sustentaram uma guerra contra os Veienses, Volscos, Latinos e Porsenna, rei de Clusium, armados por Tarquinio que tentava recuperar o throno. Assignalaram-se nesta guerra *Horacio Cocles*, *Mucio Scevola* e a joven patricia *Clelia*. Feriram-se duas batalhas: uma, na floresta de Arsia (503) em que pereceram Bruto e Aruns, filho do rei expulso; outra, junto do lago *Regil* (496), na qual foram para sempre anniquiladas as forças de Tarquinio, que então se retirou para *Cuma*, onde passou o resto de seus dias na obscuridade *Aulus Posthumius*, que nesta conjunctura exercia o cargo de dictador, recebeu o nome de *Regillensis*. —**A dictadura**, instituida pelos patricios, porque o povo recusava pegar em armas, era uma grande magistratura extraordinaria, de poder illimitado e inappellavel, mas durava apenas seis mezes. O dictador, eleito pelos consules nas occasiões de extremo perigo, nomeava um logar-tenente para commandar a cavallaria, e o precediam vinte e quatro lictores. Durante a dictadura, todos os outros magistrados, excepto os tribunos do povo, ficavam suspensos. O primeiro dictador foi *Tito Larcio Flavo*, que em 499 obtivéra a approvação desta lei. Os dictadores mais illustres foram: *Cincinnato*, *Camillo*, *Papirio*, *Sylla* e *Cesar*.—**Tribunato**.—Crearam os patricios esta magistratura popular para garantia dos plebéus quando o povo, não podendo mais com as violencias dos credores, se retirou para o Monte Sagrado, e, apesar do apologo de Menenio Agrippa, chefe da commissão do senado, recusou voltar emquanto não se lhe concedeu o tribunato. Os tribunos eram chefes annuaes do povo que protegiam os interesses da plebe, já repellindo leis a elles contrarias, já propondo outras que lhes fossem favoraveis. O numero dos tribunos foi vario. Nos primeiros annos as decisões deviam ser unanimes; mais tarde julgou-se sufficiente a simples maioria, e lá pelos fins da Republica bastava o voto de um só tribuno para qualquer decisão. Um pouco depois

(1) Existindo, todavia, alguma duvida a seu respeito, foi Collatino obrigado a dar a sua demissão e a sahir de Roma. Succedeu-lhe Valerio, o qual adulou o povo com fortuna tal, que recebeu o nome de *Publicola*. Os parentes dos consules, réus de conspirar em favor do rei expulso e denunciados pelo escravo *Vindex*, eram um filho de Bruto e um sobrinho de Tarquinio.

da creação do tribunato occorreu o facto de *Caio Marcio Coriolano* (491), o qual, sendo desterrado pelo povo, cercou Roma com um exercito de Volscos, e apenas cedeu ás supplicas de *Veturia*, sua mãe, e de Volumnia, sua mulher.

118) **Luctas intestinas.**—Não cessára a lucta entre patricios e plebéus, causando grave damno a Roma, que era tomada pelo sabino Hardonio (459), e ameaçada de exterminio por todos os povos circumvizinhos. Nomeou, portanto, a Republica um novo dictador na pessoa de *Tito Quincio Cincinnato*, que em dezeseis dias, batendo os Equos e salvando o exercito, abdicou a dictadura (428).—**As causas principaes** desta lucta foram:—1) *as dividas*, contrahidas sobretudo durante as guerras, e a deshumanidade dos credores, que, prendendo os pobres incapazes de pagar, os maltratavam e até vendiam como escravos;—2) *a falta* de uma lei escripta que garantisse a integridade dos juizes;—3) *a aspiração* do povo á egualdade civil, politica e religiosa;—4) *a questão agraria* a respeito do dominio publico (ager publicus) já em grande parte usurpado pelos patricios. Fôra a principio o territorio dividido entre todos os cidadãos, reservando o estado para si os pastos e as florestas, que em breve se dilataram muito por meio das novas conquistas. Arrendando os patricios estes bens nacionaes, chegaram a pouco e pouco a consideral-os como proprios. O primeiro que propoz a *lei agraria* para dividir o *ager publicus* entre os plebéus, foi o consul Spurio Cassio, que o senado posteriormente accusou de ambição, e o povo condemnou a perder a cabeça.

119) **Decemviros**, 450.—Como a plebe se alvorotasse a cada momento para obter alguma concessão, e os patricios resistissem a todo o transe, a lucta se ia tornando inevitavelmente fatal. O povo fugiu diversas vezes e até se deixou bater pelos inimigos. Teve, pois, o senado de dar-se por vencido em todos os pontos. O primeiro assumpto em que cedeu, foi a lei escripta, porém só depois de resistir com energia oito longos annos, e mandar á Grecia uma commissão com o pretexto de procurar optimas leis. Conferiu-se, por fim, o mister de redigir um codigo a dez patricios, investidos, durante esse tempo, de poder supremo e inappellavel. O seu governo agradou tanto, que puderam continuar ainda no anno seguinte; mas foram em breve derrubados e expulsos pelo povo, que attribuia a esses legisladores idéas ambiciosas. Deu azo a esta nova revolta o facto de *Appio Claudio*, um dos dez, que reclamava, como sua escrava, Vir-

ginia, já desposada ao ex-tribuno Icilio, e logo feita em postas pelo centurião Virginio, pae della.—**Lei das Doze Taboas.** A lei dos Decemviros recebeu o nome de *Lei das Doze Taboas*, porque a gravaram em doze taboas de bronze expostas no fôro. Embora conceda ao povo a *egualdade civil*, deixa essa lei subsistir todo o germen da discordia, e é assaz barbara; pois concede ao credor prender, maltratar e até matar ou vender o pobre incapaz de pagar; admitte a pena do *talião* e a compensação pelo dinheiro; decreta a pena de morte para quem fizesse reuniões nocturnas, e quem escrevesse ou cantasse versos infamantes contra alguma pessoa particular; ordena que o pae tire immediatamente a vida á creança que nascer deforme, e permitte-lhe matar, vender e desherdar seus filhos legitimos; confere ao marido poder quasi illimitado sobre a mulher, etc., etc. (1)

120) **Egualdade politica e religiosa.**—Não muito depois da lei dos Decemviros, alcançaram os plebéus outras medidas favoraveis, como, por exemplo, a *inviolabilidade* dos tribunos, promovida pelos consules *Valerio* e *Horacio*, que, a despeito da opposição do senado, receberam as honras do triumpho. Dentro em pouco, retirando-se o povo armado para o Monte Janiculo, foi mister conceder-lhe a abolição da lei que vedava os casamentos entre as duas ordens. Dir-se-ia agora que a paz estava feita, mas, pedindo a plebe a egualdade politica e religiosa, a lucta se tornou mais viva que nunca.—**Novas dignidades.** Foi durante estas rivalidades que os patricios, com o intuito de resistir dissimuladamente aos plebéus, crearam diversas outras dignidades, a saber:—a *censura*, a *questura*, a *pretura* e *os tribunos militares*.—1) *Os tribunos militares*, quasi sempre em numero de seis, substituiam os consules e podiam ser tambem plebéus.—2) *O questor*, que devia ser sempre um patricio, fiscalizava o thesouro publico e a arrecadação dos tributos; fornecia o dinheiro aos generaes e tomava cuidado da subsistencia do exercito.—3) *Os censores*, sempre dois patricios, ficavam no officio por dezoito mezes; faziam, de cinco em cinco annos, o recenseamento; e vigiavam os costumes dos cidadãos com autoridade de infligir penas, quer mediante notas infamantes, quer pela privação ou diminuição dos direitos politicos.—4) *Os pretores* administra-

(1) Vide Le Bas—*Histoire Romaine*, e C. Cantú, *Hist. Univ.*, liv. III, cap. XXIX.

vam a justiça em lugar dos consules. Todavia os plebéus, insurgindo-se e tornando-se necessarios, obtiveram o consulado em 366, a dictadura em 355, a censura em 350, a pretura em 337, o proconsulado em 326, a dignidade de augures em 302. Em summa: os plebéus conseguiram a egualdade politica e religiosa durante a segunda parte do seculo IV, epoca da guerra do Samnio.

121) **Primeiras guerras.**—Até o tempo dos Decemviros, Roma havia feito a guerra para sua propria existencia; dessa éra em deante começou a combater para conquistar e dominar. A sabia medida (406) de armar, sustentar e pagar os soldados, a tornou capaz de emprehender expedições longinquas, conservando o exercito todo o anno sob as armas. Os Sabinos (448), os Volscos (406), os Veienses (396), os Capenates e os Faliscos (394), foram successivamente subjugados. Distinguiu-se nestas guerras Camillo, que, desterrado pelo povo, se retirou para Ardea.—**Invasão dos Gaulezes**—I (390.). Havendo tres deputados romanos intimado altivamente a uma horda de gaulezes que abandonassem o cêrco de Clusium, os barbaros marcharam furibundos sobre Roma, e, depois de fazer, no Allia, em postas o exercito romano, entregaram ao saque e ás chammas a Cidade Eterna, já desamparada por seus habitantes. Salvou-se apenas o Capitolio, graças aos ganços sagrados que despertaram a guarnição, commandada pelo consul Manlio (1). Comtudo, informados os barbaros de terem os Venetes invadido a sua patria, consentiram em capitular, mediante a quantia de mil libras de ouro, mas foram acossados por Camillo, que, investido de poder dictatorial apesar do seu desterro, não tardou em receber o titulo de *segundo fundador* de Roma.—**II invasão** (367—57).—Passados vinte annos, tornaram os Gaulezes a entrar no paiz, e, bem que desbaratados, permaneceram dez annos no territorio romano, sendo favorecidos por medonhos terremotos e por uma peste que levou Camillo (2). Foi então necessario vencer diversos povos circumvizinhos, levantados emquanto a Republica andava a braços com os barbaros.—**III invasão**. Em 349 apresentaram-se mais uma vez os Gau-

(1) Déram a *Manlio* o titulo de *Capitolino*; accusando-o, porém, de ambição, o condemnaram mais tarde a ser atirado pela rocha Tarpéa.

(2) Referem que neste tempo (360) *Marco Curcio* se atirou a uma fenda que se abriu no fôro,—e que *Lucio Manlio*, tendo matado um gaulez de proporções gigantescas, lhe tirou o collar de ouro (torques), pelo que o denominaram *Torquatus*.

lezes, e os repelliu o joven Valerio, ao qual applicaram o epitheto de *Corvo*, porque contou que em um combate singular fôra auxiliado por um passaro desse nome. Apoderando-se Roma pouco mais tarde da cidade de Sóra na Campania, dilatou seus limites até a fronteira do Samnio. A guerra do Samnio, por conseguinte, não podia deixar de atear-se logo na primeira occasião.

Epoca II. — Conquista da Italia

Epoca Heroica

122) *Guerra do Samnio (343—290).*— **I guerra** (343—41).—Como os Samnitas assediassem Sedicino, e mostrassem querer conquistar toda a Campania, Capua recorreu á protecção de Roma, e a guerra começou. Uma primeira campanha terminou com vantagem da Republica, que conservou Capua. — **Guerra contra os Latinos** (340—38). Sendo os Latinos tratados mais como subditos do que como alliados, pediram para si todos os direitos politicos dos Romanos, e apoiaram este pedido com as armas. Travou-se, portanto, uma nova lucta em que os Campanos pelejaram em favor dos Latinos, e os Samnitas ao lado dos Romanos. Tornaram-se notaveis nesta guerra os dois consules *Manlio Torquato* e *Decio Mus*: aquelle, por ter punido de morte seu proprio filho, que, contra suas ordens, viera ás mãos com o inimigo; este, porque na batalha do *Vesuvio* salvou o exercito e assegurou a victoria sacrificando-se aos *manes* infernaes. Outra grande derrota levada perto de *Minturno*, acabou de desalentar os Latinos, que, submettendo-se juntamente com os Campanos, receberam o titulo de cidadãos romanos.— **II guerra** (327—5). Uma aggressão dos habitantes de Napoles contra os romanos estabelecidos na Campania, deu causa ou pretexto á segunda guerra do Samnio. Apoz diversos annos de victorias, os consules Postumio e ~~Valerio~~ Veturio, presos pelo general Poncio em um desfiladeiro, foram obrigados a jurar que nunca mais levariam as armas contra os Samnitas, e a sujeitar-se á humilhante cerimonia do jugo nas *Forcas Caudinas* (321). Recusa, porém, o senado ratificar o tratado, e os novos consules, *Publius Philo* e *Papirius Cursor*, invadem o Samnio com grande exercito; derrotam os Samnitas ao pé de Caudium e perto de Luceria, onde prendem ao proprio Poncio, constrangendo-o a passar sob o jugo. Conseguem então os Samnitas attrahir ao seu partido os Etruscos, os Umbrios, os Hernios e outros povos. Desbaratando toda-

via, rapidamente a todos, a Republica obriga os Samnitas a pagarem pesado tributo annuo e a cederem larga parte de territorio.—**III Guerra (300—90).** Como os Romanos cercassem Narnia, levantou-se contra elles quasi toda a Italia por instigação do general samnita *Gellio Ignacio*, e a lucta recomeçou com dobrado furor. Mediante o sacrificio de *Decio Mus*, filho, ganharam os Romanos a primeira batalha, ferida perto de *Sentinum*. Apesar da morte de Gellio Ignacio (295) que produziu a dissolução da liga, reforçou *Poncio* os restos do exercito fazendo jurar aos Samnitas que nunca se entregariam, ainda que tivessem de perecer todos. Trinta mil delles dedicam-se aos deuses infernaes com juramentos medonhos. Sendo, porém, batidos pelo consul Curio Dentado, obtiveram a paz com a condição de depender dos Romanos como alliados.

123) **Guerra tarentina.** — Ao ver-se ameaçada pelo poderio sempre mais crescente de Roma, instigou **Tarento** os Etruscos, os Gaulezes e os Lucanios a formarem uma nova colligação contra a perigosa Republica; foram, porém, os Gaulezes esmagados (284) na Etruria pelo consul Curio Dentado, e os Etruscos por Publio Cornelio Dolabella (282), que alongou a fronteira romana até o Rubicon. Os Lucanios, portanto, depuzeram as armas.—**Pyrrho.** Um insulto feito pelos Tarentinos a um navio em que iam diversos embaixadores romanos, moveu então a Republica a declarar directamente guerra a Tarento, que chamou em seu auxilio Pyrrho, rei do Epiro. Obrigou este aventureiro os Tarentinos a pegarem em armas, e, por meio de seus elephantes, ainda não conhecidos pelos Romanos, ganhou a batalha de Heracléa (280). Comtudo, em vista de suas perdas graves, mandou o seu ministro Cinéas pedir a paz ao senado, que a recusou por conselho de *Appio Claudio o Cégo*. A guerra, pois, recomeçou, e o consul *Decio Mus* sacrificou-se, como seu pae e avô, no combate de Asculum que ficou indeciso (279). Marchando então Pyrrho até ás portas de Roma, obteve um armisticio, e partiu para a Sicilia. Perdeu, na volta, o exercito no recontro de Benevento (275); retirou-se para o Epiro, e nunca mais appareceu na Italia. Roma, portanto, occupou Tarento, arrasou-lhe as fortificações e impoz tributo aos Tarentinos (272). Distinguiram-se na guerra de Tarento os consules *Fabricio* e *Curio Dentado*: este triumphou em um carro puxado por elephantes; aquelle mostrou-se incorruptivel revelando a Pyrrho a traição do seu medico, disposto a envenenar o rei do Epiro, seu

amo. Foi durante a guerra do Samnio que se completou a constituição romana. Todos os empregos politicos e religiosos tornaram-se accessiveis aos plebéus, e os plebiscitos adquiriram valor egual aos senatus-consultos.

124) **Novo partido popular.**—Ia-se no mesmo tempo formando um novo e perigoso nucleo de descontentes, composto de libertos, de extrangeiros domiciliados e de cidadãos privados dos direitos politicos. Todos estes eram inferiores ao antigo povo romano dos *Quirites;* constituindo, porém, dentro em breve um grande partido, causaram novas e funestas revoluções. Appio Claudio o Cégo, o mesmo que principiou a *Via Appia*, acabada mais tarde por Augusto, favoreceu muito este novo partido pelo odio que votava ao antigo povo romano, sempre detestado pela sua familia.

125) **Regime Municipal.**—Roma assimilava pouco a pouco os povos vencidos, concedendo-lhes diversos privilegios e introduzindo-lhes os seus costumes. Afim de interessar a todos na sua grandeza, a Republica concentrava na capital a politica, deixando a administração aos povos. Cada cidade tinha o seu *forum*, suas assembléas do povo, seus magistrados electivos, seus consules annuaes, *duumviri*, e o seu senado, *decurion:* em uma palavra, cada cidade formava uma pequena republica á semelhança da de Roma. Estas cidades chamavam-se *municipios*. Existiam tres especies de municipios, segundo os diversos direitos de cada um.—*A I classe* era dos municipios *optimo jure*. Seus habitantes gosavam, em Roma, de todos os direitos de cidadãos romanos. Os membros dos municipios da *II classe* eram obrigados ao serviço militar.—*A' III classe* pertenciam as cidades que tinham recebido as leis civis de Roma, e não se enumeravam entre o povo romano.—Outras cidades, governadas por um magistrado romano, formavam uma *prefeitura;* outras eram livres, e tinham guarnição romana; outras levavam simplesmente o titulo de *alliadas*. Distinguiam-se duas categorias de *alliados:* á primeira pertenciam os alliados do *direito latino;* á segunda, os do *direito italico*. Aquelles podiam concorrer ás eleições na Cidade Eterna, a estes não era licito dar o seu voto na capital. Em resumo: a grande machina da politica romana consistia em conceder ás diversas cidades direitos e privilegios deseguaes para que deste modo estivessem em perpetua rivalidade entre si, e nunca se unissem contra a Republica.

Colonias.—Além disto, mandava Roma, para as cidades conquistadas, seus veteranos como colonos, que conserva-

vam a organização militar e a dependencia da metropole. Os antigos habitantes tornavam-se *clientes* destes colonos, que formavam uma guarnição, parte civil, parte militar. Existiam tambem colonias latinas, cujas propriedades, com pequena differença, vinham a ser as mesmas.

126) **Organização militar.**—Os cidadãos romanos constituiam o exercito propriamente dito; os alliados, os corpos auxiliares. Competia ao general em chefe exercer, durante a guerra, o direito de vida e de morte. O exercito compunha-se de *legiões*, divididas em *cohortes;* estas subdividiam-se em *manipulos;* os manipulos, em *centurias*. A principio cada legião constava de quatro mil infantes e de trezentos soldados de cavallo; elevaram, porém, mais tarde aquelles a seis mil; estes, a seiscentos. *O campo militar* foi simples até a éra de Pyrrho, de quem os Romanos apprenderam a construir o campo *entrincheirado*, semelhante a uma verdadeira fortaleza. Eram soldados todos os cidadãos, fóra os proletarios. O alistamento chamava-se *delectus* nos tempos regulares quando se escolhiam os cidadãos desde o decimo sexto até o quadragesimo anno de edade; em occasiões extraordinarias, denominava-se *tumultus*, e fazia-se em massa. Quem não se apresentasse, era vendido como escravo ou condemnado a perder o dedo pollegar.

Epoca III.—Conquista do mundo

127) **As guerras**—que déram a Roma o dominio do mundo, foram:—*as punicas*, *as orientaes*, *as da Hespanha*, e *as das Gallias*.—**Guerras punicas.**—Denominam-se *punicas* tres grandes guerras que no III e II seculo antes da éra christan se atearam entre Roma e Carthago, e que, todas juntas, abrangem um periodo de 118 annos. A I durou vinte e tres annos; a II, dezesete; a III, tres.

128) **I guerra** (264—41). Occasionou a primeira guerra punica o convite dos Mamertinos, assediados em Messina pelos Carthaginezes, e por Hierão de Syracusa. Provinham esses Mamertinos de um corpo de mercenarios, alistados em Mamerte, no Brucio. Depois de servirem Agathocles e seus successores, começaram a combater por conta propria, e agora se tinham apoderado aleivosamente de Messina. Acceitou, pressurosa, a Republica o convite, e o consul *Appio Claudio Caudex* libertou Messina desbaratando Hierão, a quem impoz a alliança com Roma. Derrotando, pouco depois, aos Carthaginezes, assenhoream-se os Romanos de

numerosas cidades, e ganham (260) a primeira batalha naval mediante um estratagema novo. Consistiu este em collocar na prôa dos navios uma pequena machina da fórma de um corvo, a qual, movida por um mechanismo e aferrando o navio inimigo, permittia combater corpo a corpo. Esta victoria valeu ao consul Duillio o triumpho naval e uma columna rostral. Como os Carthaginezes, victoriosos em diversos logares, recuperassem quasi tudo o que tinham perdido na Sicilia, o consul *Marco Attilio Regulo Serrano* levou a guerra ás portas de Carthago, onde cégo de orgulho, se deixou (255) surprehender e derrotar pelo lacedemonio Xantippo. Feito prisioneiro e mandado a Roma como embaixador, deu um exemplo raro de patriotismo e de fidelidade aconselhando ao senado que não concedesse a paz, nem trocasse os prisioneiros. Remindo, porém, generosamente a palavra empenhada, regressou de prompto para o seu carcere.

A guerra, no entretanto, continuava na Sicilia com egual furor de parte a parte. Hamilcar Barca defendia-se habilmente em Lilybéo emquanto os Romanos perdiam duas frotas: uma perto de Drepano, outra no alto mar (249). Tendo afinal o consul Lutacio Cátulo obtido uma grande victoria ao pé das ilhas Egátes (242), os Romanos tomaram Lilybéo, e dictaram a paz com a condição de que Carthago pagaria em dez annos tres mil e duzentos talentos (perto de cinco mil contos de réis), e consentiria na troca dos prisioneiros. Em virtude deste tratado a Republica se tornou senhora da Sicilia, e adquiriu a preponderancia no Mediterraneo.

129) **Intervallo.**—*Roma.* Mal assignára Roma esse tratado, quando alguns soldados Carthaginezes da Sardenha mataram seus chefes, e, passando para a Italia, invocaram a protecção da Republica. Invadindo, portanto, os Romanos a Ilha, impuzeram novo tributo a Carthago, e exigiram que se lhes entregasse tambem a Corsega. O consul Pomponio Mathos trabalhou sete annos (238—31) em subjugar os indigenas desta ultima ilha, que resistiram com heroico valor. Ameaçando neste interim os Gaulezes a Republica com uma nova invasão, Marcello, a *Espada de Roma*, os anniquilou perto de Pisa, e, passando o Pó, tornou tributaria toda a Gallia Cisalpina (332—22). Foi em uma destas guerras que Marcello, matando com sua propria mão o rei *Viridomar*, recebeu as honras dos *despojos opimos*. Além disto, a pretexto de acabar com os piratas do Adriatico, reduziram

nesta epoca os Romanos a provincia a Istria e parte da Illyria (229—19).—**Carthago**. *Guerra Inexpiavel*. Tendo Carthago feito a proposta de pagar a seus mercenarios só a metade do soldo promettido, estes, capitaneados pelo campano *Spendio* e pelo africano *Mathos*, revoltaram-se pondo a capital em extremo perigo; esmagaram-nos, porém, sem demora Hamilcar e Hannon, que nutriram animaes bravios com os corpos dos revoltosos. Foi, pois, com boa razão que esta *guerra* se denominou *inexpiavel*.—Mandou, todavia, Carthago neste mesmo tempo conquistar a Hespanha por seus generaes *Hamilcar Barca* e *Asdrubal*. Aquelle fundou *Bárcino*, hoje Barcellona, e pereceu em uma batalha (236—27); este prometteu aos Romanos de jamais transpor o Ebro, e respeitar a independencia de Sagunto, colonia grega, posta sob a protecção de Roma; fundou Carthagena, e foi morto por um dos vinte mil escravos que occupava na exploração das minas (221).

130) **II guerra (219—201)**.—Successor de Asdrubal, seu cunhado, Annibal, que jurára odio eterno contra Roma, encetou a II guerra punica apoderando-se de Sagunto; passando o Ebro (219); atravessando os Pyrenéos e os Alpes apesar de infinitos e quasi insuperaveis obstaculos. Bateu os consules P. C. Scipião no *Tessino*, e Sempronio Longo no *Trebia* (218); recebeu a submissão espontanea da Gallia Cisalpina; matou o consul Flaminio no *Trasimeno* (217), e, bem que tivesse perdido um dos olhos nos charcos do Arno, e fosse por Fabio Cunctator, *o Escudo de Roma*, fechado em um desfiladeiro de Minturno, derrotou em *Cannes* (216) os consules Varrão e Paulo Emilio. Remetteu então a Carthago tres alqueires de anneis de ouro, recolhidos no campo, e, sem perda de tempo, tratou de marchar sobre a Cidade Eterna; deteve-o, porém, a falta de recursos que solicitara de toda a parte. Pois Carthago recusou mandar-lhe reforços; Asdrubal, seu irmão, que vinha da Hespanha pelos Alpes, perdeu a vida na beira do Metauro (207); o pretor Levino desfez e entregou ás chammas na foz do Aous uma frota, enviada por Philippe V da Macedonia (214), emquanto Marcello tomava e punia severamente Syracusa e Capua, que se tinham levantado (212—211), infligindo tambem, perto de Nola, duas grandes derrotas ao general carthaginez (216, 215). Roma, no entretanto, não esmorecia; armava novas legiões; invadia a Hespanha; levava a guerra até á Africa; desbaratava Annibal (201) nas planicies de Zama e constrangia Carthago a acceitar uma paz muito one-

rosa. Prohibiu-lhe fazer guerra, sem licença do senado, até mesmo na Africa; obrigou-a a reconhecer Massinissa como alliado da Republica, a entregar todos os seus navios, menos dez, e a pagar dez mil talentos em cincoenta annos. Coube a Scipião, o heróe de Zama, o mais brilhante triumpho; déram-lhe o sobrenome de Africano, e offereceram-lhe o consulado e a dictadura perpetua. Foi elle, todavia, mais tarde, desterrado, fallecendo em 184 obscuramente na sua quinta de Literne na Campania.—Annibal, que se refugiara em Hadrumetum, regressou dentro em breve a Carthago. Sendo, ao depois, banido, passou á Syria e dalli á Bithynia, onde se envenenou para evitar de ser entregue aos Romanos (183).

131) **III guerra** (149—46).—Havendo Carthago apresentado á Republica queixas relativamente a uma usurpação de Massinissa, mandou-lhe Roma embaixadores afim de examinar a questão; longe, porém, de fazer-lhe justiça, resolveu arrasar a sua rival que resurgia florescente e forte. E' bem conhecido o *Delenda est Carthago*, com que Catão rematava todos os seus discursos pronunciados no senado. Não tardou a dar-se azada conjunctura; pois, tendo Carthago repellido pelas armas um novo ataque de Massinissa, os Romanos declararam que a paz estava acabada; apresentaram-se deante da sua rival exigindo a entrega de todas as armas, da frota e de trezentos refens. Intimaram, por ultimo, a seus inimigos que, abandonando a cidade, fossem fundar outra no interior a quatro leguas do mar. A este annuncio, loucos pelo desespero, juram os Carthaginezes que hão de resistir a todo o transe, fabricam novos instrumentos bellicos; armam-se todos, e, por tres annos, oppõem aos invasores uma resistencia sem exemplo. Entra finalmente Publio Cornelio Scipião á viva força na cidade; entrega á rapina dos soldados suas ruinas fumegantes e declara o territorio carthaginez, provincia romana, sob a denominação de Africa. A ultima peleja, no alto da cidade, durou seis dias e seis noites sem interrupção.—**P. C. Scipião** *Emiliano*, que recebeu o nome de *Africano II*, e mais tarde o de *Numantino*, era filho *adoptivo* de Publio Cornelio Scipião, filho do vencedor de Zama; era filho *legitimo* de Paulo Emilio, que pereceu em Cannes, e irmão de Paulo Emilio, o vencedor de Perseu na I batalha de Pydna.

132) **Guerras Orientaes.**—Pela II guerra punica tornára-se Roma potencia de primeira ordem. Conquistára toda a Italia e suas ilhas com quasi toda a Illyria e a Hespanha.

Massinissa e Siphax, reis da Numidia, eram seus alliados; Ptoloméu Epiphanio do Egypto e Attalo de Pergamo, seus protegidos. Chegara, portanto, o tempo de dirigir a mira para o Oriente.—**Syria.** Antes de tudo acommetteram os Romanos Antiocho III da Syria, outrora alliado de Philippe V da Macedonia, e actualmente protector de Annibal e da Liga Etolia. Vencido tres vezes, cedeu Antiocho a Asia Menor até o Tauro, entregou a frota, e pagou todas as despesas da guerra (190). O heróe desta campanha foi Lucio Cornelio Scipião, o Asiatico I, irmão do vencedor de Zama, que lhe serviu de logar-tenente.—**Macedonia.** Nem se esqueceram os Romanos de punir Philippe V da Macedonia, que durante a II guerra punica, apoiara Annibal e se ligára com Antiocho III da Syria contra Ptoloméu Epiphanio, protegido de Roma. Marchando, pois, contra elle, o consul Tito Quincio Flaminio derrotou-o em *Cynocephalos* (197), e o obrigou a entregar Demetrio, seu filho mais velho. Desbaratou, passados annos, Paulo Emilio na I batalha de Pydna (168) e conduziu para a Cidade Eterna Perseu, irmão de Demetrio, que, subindo ao throno, tivera a imprudencia de declarar guerra á poderosa Republica. Dividiram então os Romanos a Macedonia em quatro pequenas republicas, e, aproveitando dahi a pouco o ensejo offerecido pelo aventureiro *Andrisco*, que pegara em armas, reduziram a Macedonia a provincia romana (148). O heróe desta ultima campanha foi Quinto Cecilio Metello, que, como Paulo Emilio, recebeu o appellido de *Macedonio*. — **Grecia.** Logo depois de vencerem em *Cynocephalos* (197), annunciaram os Romanos nos jogos isthmicos que restituiam á Grecia a liberdade e o uso de suas leis. Espalhavam, no entretanto, astutamente por toda a parte sementes de discordia; dissolviam a *Liga Etolia;* levavam para Roma mil achéos das primeiras familias, e declaravam guerra aberta á *Liga Acheana*, contra a qual protegiam Sparta (147). Derrotando, no anno seguinte, o consul *Lucio Mummio* aos Gregos perto de *Leocopetra* e incendiando Corintho, infundiu tanto terror em todas as outras cidades, que nenhuma ousou mais resistir, e os Romanos reduziram a Grecia toda a provincia sob o nome de Achaia. *Mummio*, que transportou para a capital do mundo preciosos objectos de arte, as riquezas, os costumes e a corrupção da Grecia, recebeu as honras do triumpho e o titulo de *Achaico* (146).

133) **Hespanha.**—*Os tres Scipiões.*—Durante a II guerra punica, mandou Roma para a Hespanha os irmãos Publio

Scipião e Cneu Scipião, que, vencidos por Asdrubal depois de conquistarem a maior parte da Peninsula, succumbiram combatendo (212). Então o joven Publio Scipião, o futuro heróe de Zama, que no Tessino salvára a vida a Publio Scipião, seu pae, quiz acommetter a empresa de vingar a patria e a sua familia (211). Partiu com o titulo de pretor; tomou Carthagena e Cadiz, e subjugou toda a Hespanha, grangeando por sua generosidade, justiça e affabilidade, a sympathia geral. Passando á Africa e ligando-se com Massinissa e Siphax, preparou o seu triumpho sobre Annibal.—**Viriatho.** —*Os irmãos Fabio Servilio* e *Servilio Cepião (153—40).* —Comtudo outros governadores romanos vexaram em seguida cruelmente os Hespanhóes. Sulpicio Galba, por exemplo, tirou em um só dia a vida a trinta mil luzitanos. Portanto *Viriatho*, notavel pastor, caçador, e chefe de salteadores, levantando seus patricios, desbaratou successivamente quatro pretores, e dictou a *Fabio Serviliano* um tratado de paz mui vergonhoso (141). Foi, todavia, no anno seguinte, Viriatho cobardemente morto á traição por dois de seus officiaes, vendidos a *Servilio Cepião*, successor de Serviliano. —**Numancia.** Submetteram-se então os Luzitanos, porém os habitantes de Numancia, cidade principal dos Celtibéros, resistiram ainda longo tempo aos Romanos, que por fim desalentaram. Nesta difficil conjunctura chegou Scipião Emiliano, o *Africano II*, que restaurou (134) a disciplina sujeitando os soldados a duros trabalhos. Cingiu no mesmo tempo Numancia com uma linha de circumvallação, e reduzindo os Numantinos a uma horrenda fome, tomou á escala vista a cidade, que destruiu até aos alicerces. Seus habitantes foram vendidos como escravos, á excepção de cincoenta, reservados para o triumpho do vencedor, a quem déram tambem o sobrenome de *Numantino* (133).

Epoca IV.—Consequencias da conquista do mundo

134) **Catão.**—A conquista do mundo foi extremamente perniciosa á Republica, não só por ficar deste modo privada de inimigos exteriores e cahir na guerra civil; mas sobretudo, porque, depois dessa conquista, entraram em Roma o luxo, a molleza e toda essa vida oriental que transformou e perdeu o povo dos Quirites. Marco Porcio Catão o Censor trabalhou debalde com afinco para impedir a transformação. Já não era, com effeito, um homem qualquer que pudesse acudir aos males da Sociedade.

135) **Os Gracchos (133—21).** — Os irmãos Tiberio e Caio Graccho, educados com grande esmero por sua mãe Cornelia, (1) emprehenderam inutilmente pôr um dique aos soffrimentos dos pobres. *Tiberio*, elevado ao tribunato, fez propostas neste sentido, mas deparou com a opposição do tribuno Octavio, creatura do senado, e, no tempo das novas eleições, pereceu ás mãos dos partidarios da nobreza, açulados por Scipião Nasica Serapião, bisneto de Cneu, tio do Africano I. Tendo-se declarado abertamente contra as pretenções da plebe, Scipião Emiliano, o Africano II, foi achado morto na cama (129).—*Caio Graccho*, eleito tribuno seis annos depois, grangeou tanta popularidade, que conseguiu ser eleito de novo no anno seguinte; porém não tardou em ser assassinado, e a sua cabeça foi paga pelo consul a peso de ouro.—**O motivo** principal das queixas do povo era a *lei agraria*, isto é, a questão relativa ás terras nacionaes, já usurpadas em grande parte pelos nobres. Conseguiu **Tiberio** que passasse a famosa *Lei Sempronia*, a qual limitava a quinhentas geiras as porções de terra nacional que podiam possuir os patricios, e accrescentava um quinhão para cada filho. Obteve, de mais a mais, Tiberio que se repartissem entre os cidadãos pobres os bens deixados ao povo romano por Attalo, rei de Pergamo.—**Caio** quiz effectuar reformas ainda maiores. Alcançou que fossem adoptadas *a lei agraria* e *a lei frumentaria*. A primeira mandava que todos os annos se distribuissem terras aos cidadãos pobres; a segunda, que todos os mezes se vendessem cereaes a preço infimo. Concebera tambem o plano de reformar o senado, transferir aos cavalleiros o poder judiciario, extender a todos os italianos o direito de cidadãos romanos, bem como reerguer Capua, Tarento e Carthago.

136) **Guerra servil** (139—32).—Durante o assedio de Numancia, um tal *Eunus*, captivo da Syria, collocando-se na Sicilia á testa de sessenta mil escravos, assenhoreou-se de Enna; sitiou Messina; tomou o titulo de rei, e resistiu successivamente a tres consules. Derrotado afinal perto de Enna, foi esquartejado com cêrca de vinte mil dos seus.—**Uma segunda** revolta de escravos realizou-se na Sicilia e na Campania pouco antes da guerra social. Pereceram neste segundo levantamento para mais de um milhão desses infelizes.

137) **Guerras exteriores.** — Continuando no mesmo

(1) Filha de Scipião Africano I, era casada com o orador Tiberio Sempronio Graccho.

tempo a trabalhar em suas guerras exteriores, occupava Roma o reino de Pergamo; entrava na Gallia transalpina a convite de Marselha, conquistando tambem a Provença, as Baléares e novo territorio na Dalmacia—**Guerra jugurthina** (118—104).—Jugurtha, neto de Massinissa, educado na côrte de Micipsa, seu tio, depois de distinguir-se no assedio de Numancia, usurpou o throno da Numidia (118) com damno de seus primos *Hiempsal*, queprivou da vida, e *Adherbal*, a quem perseguiu. Como este se collocasse sob a protecção do senado (112), prometteu Jugurtha dividir com elle o throno. Matou-o, porém, o usurpador, e com seu ouro subornou uma deputação romana, mandada para pedir-lhe conta do seu proceder (111). Chamado a Roma, tudo conseguiu pelo ouro, chegando até a assassinar seu primo, Massiva (110), que alli estava reclamando para si o throno da Numidia. Teve, portanto, de sahir da Cidade Eterna, e sustentar uma guerra em que obrigou os Romanos a passar sob o jugo. Vencido, afinal, por *Cecilio Metello* (109), perdeu quasi todo o seu territorio, e, acolhendo-se á Mauritania, Boccho, seu sogro, o entregou a Sylla, questor de Mario, que neste comenos succedera a Metello (106). Levado para Roma, morreu a fome no Tulliano (104) emquanto a Numidia era reunida á provincia da Africa.

138) **Cimbros e Teutões** (113—101).—Em consequencia de uma inundação do *Baltico* partiram os Cimbros da sua patria, e, unindo-se aos Teutões, invadiram a Gallia com toda a Peninsula Iberica, assolando o paiz e espalhando o terror por toda a parte. Seis exercitos romanos haviam sido vencidos com gravissimas perdas, quando Mario, posto que ausente, foi, apesar das leis, nomeado consul pela segunda vez. Emquanto os barbaros devastavam a Hespanha, disciplinou Mario os seus recrutas; marchou a encontral-os até o Rhodano, e, na grande batalha de *Aix* na Provença, anniquilou os Teutões (102). Os *Cimbros*, que tinham seguido outro caminho mais ao norte, apesar de seu grande valor, pereceram todos no proximo anno em *Vercelli*. Mario, que nesta occasião recebeu o titulo de *Terceiro fundador de Roma*, foi em vista das circumstancias, eleito consul tres annos consecutivos, caso que até então nunca se déra.

139) **Guerra social** (90—88).—A causa propriamente da guerra social foi a aspiração dos Italianos ao direito de cidadãos romanos, e bem assim a resistencia do senado, que chegou a assassinar os tribunos *Saturnino* (100) e *Livio Druso* (91), favorecedores desses desejos. Irritados os

animos por esta perfidia, o marso *Pompedio Silo* e o samnita *Papio Mótulus*, á frente de quasi todos os povos da Italia Meridional, organizaram uma vasta confederação, cuja capital foi *Corfinio*. Batendo dois consules e invadindo a Campania, marcharam sobre Roma consternada. Sylla, porém, os desconcertou fazendo a proposta de outorgar o direito de cidadãos romanos aos Latinos, Etruscos, Umbrios e Gaulezes, alliados que tinham permanecido fieis. Privados do esperado apoio de tantos povos, desalentaram os insurgentes, e Roma poude, no anno immediato, tomar a offensiva em toda a parte; occupou Asculum, Corfinio e Nola, conseguindo dentro em pouco a submissão de todos os rebeldes, a quem concedeu o direito de cidadãos romanos, mas com tantas restricções, que o reduziu a quasi nada. O heróe da guerra social foi Sylla.

140) **I Guerra civil (88—80).** —*Caio Mario*, obscuro cidadão de Arpino, tornou-se notavel no assedio de Numancia, na guerra de Jugurtha e na invasão dos Cimbros; teve, porém, um proceder equivoco durante a guerra social.—**Sylla**, descendente da nobre familia cornelia, foi questor de Mario na guerra jugurthina, e adquiriu tão grande gloria pela guerra social, que logrou ser nomeado consul. Compellido por Mario a fugir, reuniu seus veteranos da Campania; voltou com elles; expulsou o seu rival, e obteve do povo o commando da guerra contra Mithridates, rei do Ponto. Então Mario, que se refugiára nas lagôas de Minturno, e de lá passara ás ruinas de Carthago, regressando a Roma, fez barbaramente morrer a todos os seus inimigos (87), perecendo elle mesmo no anno seguinte, victima de seus excessos. Continuaram a sua politica Cinna; o Joven Mario, seu filho adoptivo; Sertorio e Papirio Carbão.— No entretanto **Sylla**, derrotando Mithridates em Cheronéa e em Orchomena (86), dictava-lhe a paz com a condição de entregar todos os seus navios, larga parte do thesouro e todas as conquistas.—Desbaratava tambem a Fimbria, general mandado a esta guerra por Mario. Dirigindo-se então (83) para a Italia, seduziu o exercito do consul Scipião que ia combatel-o; infligiu duas derrotas ao Joven Mario, que se suicidou; obrigou Sertorio a fugir; desfez nas portas de Roma um exercito de Samnitas (82); obteve a dictadura perpetua; abdicou e succumbiu a uma horrivel enfermidade, consequencia da sua devassidão (78). O seu epitaphio, dictado por elle mesmo, dizia: «Ninguem fez tanto bem a seus amigos, nem tanto mal a seus inimigos.»

141) **Sertorio** (78—72).—Recomeçaram, por morte de Sylla, as perturbações. Cátulo e Pompêu, apoiando o senado, venceram Lepido, adepto do partido popular, e constrangeram Perpenna a fugir para a Hespanha, onde já dominava o general Sertorio. Proscripto por Sylla e chamado da Africa pelos Luzitanos, Sertorio armou, organizou e disciplinou á romana os seus soldados, e não se esqueceu de, por todos os modos, converter a Hespanha em uma imagem do Lacio. *Ebora* foi feita capital da Luzitania; *Osca*, hoje Huesca, da Celtiberia. Um senado, composto de trezentos senadores, todos romanos, representava o senado de Roma. Osca ficou sendo o centro da reforma intellectual, como Ebora o era da civil e politica. Na capital dos Celtibéros se estabeleceu uma como universidade, onde as litteraturas grega e latina eram ensinadas por mestres dessas duas nações. Destroçou Sertorio numerosas vezes as tropas do senado, e pereceu afinal pela traição de Perpenna, que se vendera a seus inimigos, e no anno subsequente deixou a vida na batalha do Tejo combatendo contra Pompêu (72).

142) **Gladiadores** (73—70).—Fugindo da escola dos gladiadores de Capua juntamente com sessenta de seus collegas, e vendo-se incontinenti cercado de cem mil escravos, assolou Spartaco a Campania; venceu um pretor e tres consules, e estava a ponto de realizar o seu intento que consistia em abrir-se um caminho para a Thracia, sua terra natal, quando assentou retroceder afim de saquear a Cidade Eterna. Esta resolução o perdeu; pois foi pouco depois esmagado e morto na beira do Silaro (71) pelo consul Licinio Crasso. Todo o merito dessa victoria coube a Pompêu, que, ao voltar da Hespanha, acabou nos Alpes com os ultimos restos dos gladiadores.

143) **Catilina**—joven patricio, devasso, e sobrecarregado de dividas, adquiriu celebridade por meio de uma conspiração que tramou contra o senado, e foi desde o principio energicamente atalhada pelo consul Cicero. Morreu na batalha de Pistoia pelejando contra as tropas do senado.

144) **O I triumvirato** (60—44) consistiu em uma alliança secreta entre *Crasso*, *Pompêu* e *Julio Cesar*, que se obrigaram a prestar-se mutuo auxilio com o fim de dominar na Republica.—**Crasso** conquistára celebridade reprimindo a rebellião de Spartaco, e por suas riquezas devidas ás confiscações de Sylla, mas estava mal com o senado, que o deixára sem

influencia politica. Nomeado mais tarde governador da Syria, e incumbido da guerra contra os Parthos, roubou, de passagem, os thesouros de Jerusalém. Vencedor a principio, já ia occupar Babylonia e Seleucia, quando o desfez e matou em Carrhes, Surena, general do rei Orodes (53). —**Pompêu**, cavalleiro de rara felicidade, conseguiu as honras do triumpho sendo ainda muito moço, por ter prestado a Sylla util apoio.

Logo recebeu o titulo de *Grande*, que justificou anniquilando na Hespanha as reliquias do partido de Mario, e do exercito de Spartaco que encontrou nos Alpes; exterminando os piratas da Cilicia e concluindo muito vantajosamente a guerra contra Mithridates. Agora, todavia, estava de máu humor, porque o senado recusava approvar o que fizera na Asia.—**Julio Cesar**, da nobre familia Julia, cêdo se tornou popular por sua eloquencia, suas liberalidades e suas maneiras encantadoras. Era, porém, impio, ambicioso, devasso. Obteve por cinco annos o governo das Gallias e da Illyria; repelliu uma invasão de Helvecios e de Suevos, a quem perseguiu até além do Rheno (58); passou duas vezes á Gran-Bretanha, e domou com muita energia (55) duas insurreições dos Gaulezes.

145) **Guerra civil**.—No entretanto *Pompêu* em Roma, ao ver que Cesar ganhava cada vez mais a opinião do povo e do exercito, exigiu delle que licenciasse as tropas e se demittisse do governo das Gallias — *Cesar* por seu lado quiz obrigar Pompêu a renunciar os governos da Hespanha e da Africa, que exercia por meio de seus logar-tenentes. Transpondo finalmente o Rubicon, Cesar conquistou toda a Italia em sessenta dias, e, entrando em Roma, apossou-se do thesouro publico; voou á Hespanha, fazendo-se, na volta, nomear dictador e consul. Dirigiu-se então á Thessalia; bateu Pompêu em Pharsalia, e, seguindo-o para o Egypto, puniu os que lá o haviam assassinado. Deu o throno a Cleopatra, e sopeou a revolta de Alexandria. Dahi marchou contra Pharnace, que se insurgira, derrotando-o em *Zeleia*, no Ponto Occidental com tanta rapidez, que poude escrever ao senado: *Vim, vi, venci*. Regressando emfim a Roma, e de lá passando á Africa, acabou em *Thapso* (46) com os Pompeianos, capitaneados por Scipião e Catão. Quando entrou, ainda uma vez, victorioso, na Cidade Eterna, recebeu do senado todos os poderes e dignidades do Estado; teve o mais glorioso triumpho; proclamaram-no *Pae e Salvador da Patria*, e collocaram a imagem delle entre as estatuas dos deuses no templo de Marte.

Cesar usou da victoria com moderação: perdoou a seus inimigos; enviou muitos cidadãos pobres para as colonias; reergueu numerosas cidades; reformou o calendario; protegeu as lettras, e tencionava realizar um sem numero de planos uteis, quando, a 15 de Março de 44, o assassinaram em pleno senado Cassio e Junio Bruto, genro de Catão.

146) **II triumvirato** (43—30). — A noticia da morte de Cesar commoveu o povo romano, que perseguiu os conspiradores obrigando-os a fugir. Formou-se então um *segundo triumvirato*, composto de *Marco Antonio*, *Lepido* e *Octavio*, sobrinho de Cesar. Immolaram estes triumviros muitos de seus amigos e inimigos, e, dirigindo-se para o Oriente, derrotaram Bruto e Cassio nas planicies de Philippe na Macedonia (42). Antonio e Octavio dividiram então entre si o imperio, deixando apenas a Africa para Lepido. Antonio no Oriente, depois de fascinado por Cleopatra, emprehendeu a guerra contra os Parthos. Octavio tornou-se dentro em pouco senhor da Italia vencendo a Lepido e a Sexto Pompêu. Vieram, por ultimo, ás mãos os dois rivaes. Antonio, mal succedido na batalha de *Accio (31)*, fugiu para o Egypto, onde se suicidou. Cleopatra, presa por Octavio, fez com que fosse mordida por um áspide afim de esquivar-se á vergonha de ornar o triumpho do vencedor.

PERIODO III — O IMPERIO

Epoca I. — Os Cesares

147) **Augusto.** — Tanto que Octavio se viu livre de seus competidores, occupou-se em dar uma organização regular ao novo governo. Conservando de nome quasi todas as fórmas exteriores da Republica, reuniu em si mesmo todos os poderes de Roma. Tomou o titulo de *imperador perpetuo*, e o de *Augusto* que até então só se dava aos deuses.—**Augusto**, pois, instituiu a guarda pretoriana; aformoseou a cidade; mandou fazer o recenseamento; multiplicou os espectaculos, e, protegendo as lettras e as artes, herdou o seu nome ao seculo aureo da litteratura latina. No anno trinta do seu reinado, achava-se todo o mundo em paz, quando se realizou o maior dos acontecimentos da historia, a saber: o **Nascimento de N. S. Jesus Christo.** —Enluctou-lhe seus ultimos dias a derrota que Varo, seu general, á testa de tres legiões, levou na Germania o nono anno da éra christan.

Roma no tempo de Augusto tinha 6 milhões de habitantes
Todo o imperio tinha cerca de 100 milhões.

148) **Os successores**—de Augusto formam essa triste serie de monstros coroados que desceram ao ultimo ponto de degradação a que póde chegar o homem.—*Tiberio* (14—37) deu cabo da velha aristocracia romana; e tirou a vida, dizem, a seu sobrinho Germanico, illustre por tantas façanhas na Germania e na Asia, bem como ao famoso *Elio Sejano*, pouco antes principal instrumento de suas crueldades. Foi emfim Tiberio asphyxiado sob os travesseiros por *Macronte*, prefeito de suas guardas.—*Caligula* (37—41), comparado por Tiberio a uma serpente e ao Phaethonte da fabula, desejava que o povo romano tivesse uma só cabeça para decepal-a com um unico golpe. Fez innumeraveis victimas, e quiz loucamente triumphar, assumir o nome de Britannico, elevar o seu cavallo *Incitatus* á dignidade consular, e passar por Jupiter arremessando raios do alto de uma torre. Morreu finalmente assassinado por Cheréas, tribuno dos pretorianos. Durante o reinado de Caligula, *Poncio Pilatos*, já deposto e chamado a Roma por Tiberio, foi banido para Vienna das Gallias, onde mais tarde se suicidou. Foi, neste mesmo tempo, degradado para Lyão Herodes Antipas, o incestuoso carnifice de S. João Baptista.—*Claudio* (41—54), fazendo a cada soldado presente de quinze grandes sestercios (uns 140$000), deu origem a esse donativo que havia de causar tantos males. Expulsou de Roma os Judéus, e deixou-se governar por seus libertos: Pallas, Narciso e Polybio, assim como por suas mulheres, Messalina que por fim executou, e Agrippina que o mandou envenenar pela celebre *Locusta*.—*Nero* (54—68), sob a disciplina de seus preceptores, Seneca e Burrho, começou bem, mas entregou-se dentro em breve a todos os vicios que déram a seu nome tão horrenda fama. Britannico, filho de Claudio; Octavia, esposa; e Agrippina, mãe deste monstro; Seneca, Burrho e o general Corbulon, foram as victimas mais illustres. Decretou contra os Christãos a I perseguição accusando-os do incendio de Roma, cujo autor fôra elle mesmo. Começando afinal a revolução que elevou Galba, fugiu Nero transido de susto, e matou-se exclamando: *Que artista vae o mundo perder!* (1)

(1) *Augusto* era sobrinho de Julio Cesar; *Tiberio* era filho adoptivo de Augusto e marido de Julia, filha do primeiro imperador. *Germanico* era sobrinho e filho adoptivo de Tiberio, e marido de Agrippina, a mãe, neta de Augusto. *Caligula* era filho adoptivo de Tiberio, legitimo de Germanico e de Agrippina, a mãe. *Claudio* era filho de Druso o irmão de Tiberio. *Nero* era filho de *Enobarbo* e de Agrippina a filha, quinta mulher de Claudio e filha de Germanico.

149) **Galba, Othão, Vitellio.**—Como os Romanos estivessem cançados de soffrer as loucuras de Nero, os pretorianos acclamaram Galba, a quem tiraram a vida, decorridos apenas sete mezes, porque recusou o donativo que promettera. Foi então elevado ao throno, e pelo senado reconhecido, *Othão*, que sem demora marchou contra *Vitellio*, proclamado na Germania pelas legiões do Rheno. Victorioso tres vezes na Alta Italia, suicidou-se Othão depois de derrotado na batalha de *Bedriacum* entre Verona e Cremona.—**Vitellio**, monstro cruel, e de voracidade brutal, permittindo tudo aos soldados, só se occupou de mandar buscar em remotos paizes raras e dispendiosas comidas. No entretanto as legiões do Oriente saudaram imperador a Vespasiano, entretido neste comenos em castigar os Judéus levantados. Enviou Vespasiano á Italia um seu logar-tenente, que bateu os inimigos junto a Verona. Soffria no mesmo tempo Vitellio horriveis affrontas em Roma; era morto e atirado ao Tibre pelo povo (20 de Dez. de 69).

Epoca II.—Flavios e Antoninos

150) **Os Flavios**—foram Vespasiano, Tito e Domiciano. —1) *Vespasiano* (69—79), incumbindo seu filho Tito de continuar a guerra contra os Judéus, dirigiu-se a Roma, onde foi recebido em triumpho. Administrador economico e algum tanto avarento, soube restaurar a ordem e afastar os perigos de fóra. Reedificou o templo de Jupiter; lançou os alicerces do Coliséu; levantou o elegante arco de Tito; reprimiu com severidade uma insurreição dos Batavos e perseguiu cruelmente os Druidas.—2) *Tito* (79—81), *Delicias do genero humano*, tomou Jerusalém (70), acabou o Coliséu, e morreu do veneno que, segundo dizem, lhe deu Domiciano, seu irmão. O seu reinado assignalou-se por grandes calamidades publicas: um incendio devorou parte de Roma, e a primeira erupção do Vesuvio sepultou as cidades de Herculanum, Pompeia e Stabia.—3) *Domiciano* (81—93), louco e cruel, como Nero e Caligula, decretou a II perseguição contra os Christãos; comprou aos Dacios uma paz vergonhosa; fez morrer Agricola, que conquistara toda a Bretanha (85); expulsou de Roma os philosophos; prohibiu aos Bretões a cultura da vinha, e foi envenenado por sua mulher Domicia Longina.

151) **Os Antoninos**—serie de imperadores adoptivos, foram os seguintes:—1) *Nerva* (96—98), velho consular, não tendo alcançado conter a guarda pretoriana, abdicou em favor do hespanhol *Ulpio Trajano*, seu filho adoptivo. —2) *Trajano*, (98—117) construiu os portos de Civitavecchia e de Ancona; decretou a III perseguição; reduziu a provincia romana a Dacia, a Armenia, a Mesopotamia, a Assyria, e falleceu em Selinonte na Cilicia. Celebrou Trajano suas victorias com jogos que duraram 123 dias, perecendo nelles dez mil gladiadores! Consultado por Plinio o Moço, governador da Bithynia, a respeito dos Christãos que eram muitos e innocentes, respondeu que os não procurasse, mas, si fossem denunciados e permanecessem firmes em sua religião, os mandasse matar!—3) *Adriano* (117—38) duplicou o *donativo* aos soldados, perseguiu os Christãos, declarou guerra implacavel aos Judéus, que se tinham insurgido de novo, arrasou Jerusalém, erguendo em seu logar Elia Capitolina, visitou pessoalmente todas as provincias, recolheu no *Edicto Perpetuo* os principaes decretos e decisões da jurisprudencia romana e denegriu o seu nome tributando honras divinas ao escravo Antinoo.—4) *Antonino Pio* (138—61), *Pae do genero humano*, mandou cessar a perseguição contra os Christãos e solemnizou o IX centenario da fundação de Roma.—5) *Marco Aurelio* (161—80), philosopho da seita dos Estoicos, dividiu o governo com *Lucio Vero*, seu genro; sopeou diversas insurreições; repelliu numerosos barbaros, e decretou a IV perseguição. Achando-se na Germania cercado por um grande numero de Marcomanos, ficou livre em virtude de uma chuva (1) milagrosa, que valendo o nome de *Fulminante* á legião *Melitina*, salvando o exercito e assegurando a victoria, fez com que a perseguição fosse interrompida por um momento.—6) *Commodo* (180—92), monstro cruel e devasso ainda mais do que Nero e Domiciano, adquiriu o nome de Hercules Romano, combatendo na arena gigan-

(1) Occupavam os Marcomanos as duas margens do Elba, nos montes Hercinios. Além de Dion Cassio, Xiphilino, Julio Capitolino, Claudiano, Suidas e Themistio, contam este facto S. Irineu, S. Apollinario, Tertulliano, Eusebio, S. Jeronymo, S. Gregorio Nysseno e Orosio. Todos o relatam como portentoso, porém os pagãos, conforme era de suppor, ou negam o milagre ou o attribuem a seus deuses. A memoria delle foi perpetuada com um monumento, que ainda existe em Roma na columna antonina.—*Melitina* de Métiléne ou Méliténe, hoje Medední ou Macia na confluencia do Melas com o Euphrates.

tes imaginarios; offereceu sacrificios humanos; mudou o nome de Roma pelo de Colonia Commodiana e foi assassinado por *Marcia*, sua concubina.

Epoca III. – Despotismo e anarchia militar

152) **A purpura em leilão.**—*Pertinax*, successor de Commodo, pereceu dentro em pouco ás mãos daquelles mesmos pretorianos (193) que lhe haviam offerecido o throno. Sendo então a purpura posta em leilão, *Didio Juliano* a comprou por uma immensa quantia. A' esta vergonhosa noticia, as legiões das provincias acclamam diversos imperadores encetando essa grande anarchia que vae ser causa de tantos males. Como a sua historia não mereça muita attenção, indicaremos apenas os imperadores principaes, que foram os seguintes:—1) *Septimo Severo* (93—211), que proscreveu cruelmente seus inimigos; decretou a V perseguição e falleceu em York, na Bretanha, dizendo: *Tudo fui e vi que nada vale.*—2) *Caracalla, o animal feroz* (211—18), concedeu o direito de cidadãos romanos a todos os habitantes do imperio que fossem livres por nascimento; derramou por toda a parte rios de sangue; tentára assassinar seu pae; matou Geta, seu irmão, nos braços da mãe, e pereceu ás mãos de *Macrino*, prefeito do pretorio.—3) *Heliogabalo* (218–22), outrora sacerdote do sol na Syria, cruel, devasso, louco mais do que nenhum dos seus predecessores, foi assassinado pelos pretorianos.—4) *Alexandre Severo* (222—35), educado com o maior cuidado por *Mammêa*, sua mãe, governava recta e sabiamente, quando morreu em uma revolta de seus soldados.—5) *Maximino* (235—38), gigante da Thracia e tyranno muito cruel, cahiu victima da sua soldadesca depois de decretar a VI perseguição.—6) *Philippe* (244—49), arabe de nação, que usurpou a purpura matando ao pequeno (1) *Gordiano III*, celebrou as festas seculares pelo X centenario da fundação de Roma.—7) *Decio* (249—51), depois de decretar a VII perseguição, pereceu na Mesia emquanto tratava de repellir uma grande invasão de godos.—8) *Gallo* (251—53) foi ac-

(1) *Gordiano I*—era proconsul na Africa quando as legiões, muito a seu pesar, o saudaram imperador em 237. Suicidou-se, nesse mesmo anno, ao receber a noticia de que seu filho, já associado ao throno com o nome de Gordiano II, succumbira combatendo contra *Capellião*, general de Maximino.—*Gordiano III* (238--44) foi na edade de treze annos acclamado pelos Romanos, que recusavam acceitar Maximino.

clamado e logo morto por seus soldados, que déram a purpura ao general *Emilio Emiliano*, o qual não tardou em ter a mesma sorte.—9) *Valeriano* (253—60) decretou a VIII perseguição; viu o imperio inundado de barbaros, e, preso pelos Persas, foi esfolado vivo depois de soffrer as maiores affrontas.—10) *Galliano* (260—68), associado ao throno por Valeriano, seu pae, nada tentou para o libertar ou vingar.

153) **Epoca dos 30 tyrannos.**—Chegou neste tempo a ponto tal a anarchia, que, durante 18 ou 20 annos, houve simultaneamente de 20 a 30 imperantes ou usurpadores. Tal o motivo porque déram a este periodo o titulo de *Epoca dos 30 tyrannos*. No meio de tantas desordens, a invasão dos barbaros vae-se tornando cada vez mais assustadora. Os Francos, os Godos, os Herulos, os Alamanos, os Saxonios, os Pictos, os Scotos e tantos outros, apresentam-se em todas as fronteiras, que não raras vezes transpõem com damno incalculavel do paiz e de seus habitantes.

154) **Os imperadores illyrios**—restauraram a ordem dando cabo dos usurpadores e repellindo os barbaros. Com effeito:—1) *Claudio II* (268—70), a quem a peste matou na Pannonia, mereceu o titulo de *Gothico* rechassando da Mesia os Godos;—2) *Aureliano* (270—75) resistiu a diversos barbaros que estavam invadindo a Italia; arrasou Palmyra; permittiu que os Godos fizessem assento na Dacia de Trajano; decretou a IX perseguição, e quando marchava contra os Persas Sassanidas, cahiu, perto de Byzancio, victima de uma conspiração tramada por seu secretario;—3) *Tacito* (275—76), que foi morto por seus soldados, repelliu os Alanos;—4) *Probo* (276—82), afim de oppor uma barreira ás invasões dos Alamanos, construiu uma grande muralha desde o Danubio até o Necker. Morreu ás mãos da sua soldadesca.—5) *Caro* (282—83), tendo associado ao throno seus filhos *Carino* e *Numeriano*, fez uma expedição gloriosa no Oriente, mas foi, junto de *Ctesiphonte*, assassinado por *Aper*, prefeito do pretorio, que em seguida tirou a vida tambem a *Numeriano*. Então o soldado *Dioclés* (Diocleciano) matou Aper e dirigiu-se contra *Carino*, que na Pannonia acabou pelo ferro de um dos seus soldados.

Epoca IV.—Éra dos martyres

155) **Tetrarchia.**—Dotando o imperio de uma organização nova e oriental, apagou **Diocleciano** (284—305) os

ultimos vestigios da republica e da anarchia militar. Associou ao throno *Maximiano Hercules*, que encarregou de pacificar o Occidente, emquanto elle vigiava o Oriente residindo em Nicomedia. Adoptou, com o titulo de *Cesar*, *Constancio Chloro* e *Maximiano Galerio*, e estabeleceu quatro capitaes, a saber: *Nicomedia* para os negocios da Asia; *Sirmio* para os da Illyria e da Pannonia; *Milão* para os da Italia; *Treveris* para os da Bretanha, das Gallias e da Hespanha. E' a esta divisão de poderes que se dá o nome de *tetrarchia;* pois *tetrarcha* significa *principe sujeito a um soberano.*

Maximiano Hercules (86—305) no Occidente sopeou um levantamento dos Bretões e outro dos Gaulezes; perseguiu os Christãos e induziu Diocleciano a publicar o edicto da X perseguição (303). Depois de conquistarem diversas victorias, celebraram em Roma, os dois Augustos, um grande triumpho blasonando de ter acabado com o nome christão,—*Christiano nomine deleto*.—Cêdo, porém, foram por Galerio compellidos a abdicar.—*Diocleciano* retirou-se para Salona, sua patria, onde cuspiu a lingua, roida pelos vermes, e se deixou morrer a fome (1).

Hercules, havendo duas vezes tentado privar da vida Constantino, seu genro, foi por este constrangido a enforcar-se com suas proprias mãos.—**Constancio Chloro** (92—306) recusou molestar os Christãos e transmittiu a purpura a Constantino, seu filho.—**Maxencio** (306—12) assumiu o titulo de Augusto quando Maximiano Hercules, seu pae, renunciou a purpura; perseguiu os Christãos e toda a gente honesta; matou *Severo*, e, a pretexto de vingar seu pae, declarou guerra a Constantino. Afogou-se, porém, no Tibre em seguida á batalha da Ponte Milvia.—**Severo** (305—7), illyrio de nação, nomeado *Cesar* por Diocleciano quando se retirou, e posteriormente (6) Augusto por Galerio, recebeu o governo da Italia e da Africa. Marchando contra Maxencio, foi preso em Ravenna e obrigado a deixar-se abrir as veias.—**Galerio** (92—311) que deu a purpura a *Severo*, a *Maximino Daia* e a *Licinio*, perseguiu os Christãos, viu o seu corpo, apodrecido, cahir aos pedaços e morreu de consumpção (2).—**Maximino Daia** (305—313) empregou a perfidia contra o Christianismo; partilhou com Licinio as provincias de Galerio; alliou-se com Maxencio, e, sendo

(1) Vide S. Jeronymo e Lactancio. *De morte persecutorum*.
(2) *Lactancio*.—De morte persecutorum.

mais tarde batido por Licinio, succumbiu a horriveis dôres, causadas pelo veneno que tomára.—**Licinio** (7—324), associado ao throno por Galerio, recebeu o governo da Illyria e da Rhecia. Ligando-se com Constantino contra Maxencio e desfazendo-se de varios competidores, tornou-se imperador do Oriente em 312. Inimigo cruel dos Christãos, derrotado por Constantino, obteve a paz em 314. Declarando guerra uma segunda vez, foi vencido, e preso em Thessalonica, onde afinal pereceu enforcado.

Epoca V.—Triumpho do Christianismo

156) **Constantino** (306—37)—natural de Naïsso, na Mesia Superior, educado em Nicomedia, e já illustre por suas façanhas, foi na morte de seu pae, saudado imperador pelas legiões. Governou sabiamente a Bretanha e a Gallia; repelliu um sem numero de barbaros; fez alliança com Licinio, e marchou contra Maxencio, a quem, depois da prodigiosa apparição da cruz, desbaratou na Ponte Mulvia perto de Roma. Então, sem perseguir os Pagãos, declarou se abertamente protector do Christianismo. Reconheceu aos Christãos o direito de profes-arem publicamente a sua religião; á Egreja, o de possuir bens immoveis, e de manter seus tribunaes; alliviou a sorte dos escravos facilitando a sua alforria e prohibindo o supplicio da cruz, bem como os combates dos gladiadores; derrotou duas vezes Licinio, tirando-lhe por ultimo a vida; amparou a Egreja contra os Arianos; concorreu muito para a reunião do concilio de Nicéa (325); acabou de organizar o imperio, cuja capital transferiu para Byzancio, hoje Constantinopla, e falleceu em Nicomedia com sentimentos de grande piedade. Lastima-se que, illudido por intrigas de côrte, tenha, em seus ultimos annos, protegido o Arianismo, desterrado S. Athanasio e vertido o sangue de seu filho Crispo, e bem assim o de Fausta, sua segunda mulher.

157) **Successores de Constantino.**—A Constantino succederam:—1) seus tres filhos, *Constantino II*, que teve as Gallias; *Constante I*, que recebeu a Italia e a Illyria; e *Constancio* que governou o Oriente. Tendo **Constantino II** aggredido Constante, perdeu a vida em Aquiléa (340).—**Constante** foi morto ao pé dos Pyrenéos (350) quando se rebellaram as legiões da Bretanha acclamando o general Magnencio.—**Constancio**, tornando-se unico senhor do

imperio, abafou a revolta de Magnencio; favoreceu os Arianos; perseguiu os Catholicos e morreu na Cilicia quando ia combater a usurpação de Juliano.—2) **Juliano Apostata** (360—63), sobrinho de Constantino, depois de servir como acolyto na egreja de Nicomedia, passou a estudar em Athenas, onde, iniciando-se na seita dos mysterios de Eleusis, adquiriu grande affeição ao Paganismo. Enviado ás Gallias, derrotou os Alamanos em Strasburgo; repelliu os Francos; aformoseou Lutecia, e grangeou de tal modo a estima dos soldados, que estes o saudaram imperador. Vendo-se por isto e pela morte de Constancio, arbitro do imperio, arrojou a mascara dando-se com todo o ardor a executar um systema novo para restabelecer a religião pagan e acabar com o Christianismo. Astucia, hypocrisia, dinheiro, protecção, escriptos, mansidão simulada, crueldade: tudo tentou, porém nada conseguiu. Vedou aos Christãos o estudo dos autores classicos e da philosophia; tratou de reerguer o templo de Jerusalém, e pereceu na expedição contra os Persas bradando: *Venceste, Galiléu!* Era o nome com que por desprezo chamava a N. S. Jesus Christo.—3) **Joviano** (363—64), que se mostrou favoravel aos Catholicos, salvou o exercito assentando pazes com os Persas, a quem cedeu duas provincias. —4) **Valentiniano I** (364—75) abandonou a *Valente*, seu irmão, as provincias orientaes, e, a principio, governou com muito tino; porém, depois de uma doença que lhe perturbou o juizo, tornou-se tyranno, e protegeu os Arianos. Succumbiu a um accesso de cólera na occasião de responder a uma deputação de barbaros que tinham violado a fronteira.—5) **Graciano e Valentiniano II**, seus filhos, mostraram sufficiente habilidade. O primeiro, todavia, tendo recusado o titulo de *Pontifice Maximo*, perdeu a vida na revolta do general *Maximo*, que fixou a sua residencia em *Treveris* (83); o segundo, havendo rejeitado o pedido de reerguer o altar da *Victoria*, foi morto pelo seu ministro Arbogasto (92).—6) **Valente** (364—78). Entregava-se, no entretanto, Valente em Constantinopla ás disputas religiosas; protegia os Arianos, e perseguia os Catholicos. Comtudo, sendo pela invasão dos *Hunos* na Europa, e dos Wisigodos na Mesia (76), obrigado a pegar em armas, pereceu na batalha de *Andrinopla* (78). Os barbaros, portanto, triumphavam, e Constantinopla se achava em extremo perigo, quando Graciano chamou Theodosio, dando-lhe a prefeitura do Oriente com o titulo de Augusto, e incumbindo-o de restaurar a ordem. Era Theodosio filho de um general hes-

panhol do mesmo nome, morto (76) por Valente em consequencia de algumas suspeitas infundadas.

158) **Divisão do imperio em 395.**—*Theodosio* (379—95) submetteu os barbaros, aos quaes cedeu a Mesia; reabriu em Constantinopla as egrejas catholicas, fechadas por Valente; desbaratou na Pannonia e matou em Aquiléa (88) o falso imperador Maximo, e, na batalha do *Amnis Frigidus* (94), batendo-o, privou da vida o usurpador Eugenio, creatura de Arbogasto, o algoz de Valentiniano II. Comtudo a maior e mais bella de suas glorias consiste no perdão generosamente outorgado á cidade de Antiochia, que se revoltara, e aos christãos de Callinico, réus de terem destruido uma synagoga, bem como em acceitar com nobre resignação a penitencia publica que, em satisfacção pela matança de Thessalonica, (1) lhe impoz S. Ambrosio, bispo de Milão. Antes de fallecer, Janeiro de 95, dividiu o imperio entre seus filhos: Arcadio, de dezenove annos; e Honorio, de onze. Ao primeiro deixou o Oriente sob a direcção do gaulez *Rufino;* ao segundo, o Occidente sob a tutela do vandalo *Stilicon*. Esta divisão foi a ruina do imperio, que já pela ineptidão de seus imperantes, já em consequencia da rivalidade de seus ministros e favoritos, vae logo ser miseravel presa dos barbaros que o invadem de todos os lados.

CIVILIZAÇÃO ROMANA

Litteratura, sciencias, bellas artes, etc.

159) **Litteratura.**—Costuma-se dividir a historia da litteratura latina em cinco grandes periodos.—**No I periodo**, que se chama *edade barbara* e vae até o fim da I guerra punica, apenas deparamos com alguns trechos de cantos dos Pontifices e dos Arvaes, umas inscripções e o texto da Lei das Doze Taboas.—**No II periodo**, denominado *edade de bronze*, que se extende até a morte de Sylla (78 antes da éra ch.), temos os comicos *Plauto*, de Sarcina, na Umbria (254—184.; e *Terencio*, natural de Carthago (194—158). Encontramos tambem os autores seguintes, dos quaes restam só alguns fragmentos: *Livio Andronico* (III sec.), escravo tarentino, que traduziu a Odisséa; *Nevio* (270—202), comico, que verteu a Iliade, e teceu um poema sobre a I guerra punica; *Ennio* (239—169), amigo do grande Scipião e autor de um poema intitulado *Annaes*; *Fabius Pictor* (III sec.), o mais antigo historiador de Roma.—*A eloquencia* era egualmente cultivada, e a representavam os Gracchos, Catão o Censor, Licinio Crasso,

(1) Havendo Theodosio mandado reprimir uma insurreição do povo dessa cidade, os seus soldados tinham feito um morticinio geral sem perdoar nem a sexo nem a edade.

e Marco Antonio, avô do triumviro. Destes, porém, nada existe, a não ser o tratado—*De re rustica* de Catão.—**No III periodo**,—*edade de ouro*—que chega até á morte de Augusto, refulgem os nomes mais illustres da litteratura latina.—*Na poesia* destacam-se Lucrecio, Virgilio, Horacio, Phedro, Ovidio, Tibullo, Catullo e Propercio; *na historia*, Julio Cesar, Sallustio, Tito Livio, Cornelio Nepos, Trogo Pompêu etc.; *na eloquencia*, Julio Cesar, Hortensio, Cicero, Seneca o rhetorico, e outros.—**No IV periodo**—*edade de prata*—que termina com a epoca dos Antoninos, encontramos: *na poesia* Lucano, Juvenal e Marcial; *na historia*, Paterculo, Quinto Curcio, Suetonio, Tacito, Floro, Valerio Maximo e Aulo-Gellio, bem como Seneca, poeta e philosopho moralista; Quintiliano, rhetorico; Plinio o Antigo, naturalista; e Plinio o Joven, estadista, orador e historiador.—**No V periodo**—*edade de decadencia*—apparecem só Eutropio; Sulpicio Severo, o Sallustio christão; Vegecio, Ausonio, Nemesiano, Claudiano, Rutilio Numanciano, etc: quasi todos do IV sec.—**Bellas artes**: Os Romanos protegeram muito as bellas artes, e levaram para Roma obras preciosas dos povos vencidos; julgaram, porém, indigno dos conquistadores do mundo cultival-as (1). Isto mesmo se pode dizer da philosophia, das mathematicas, etc.

160) Religião—Do mesmo modo que na Grecia, em Roma tudo era deus, mesmo o proprio Deus. Na verdade os Romanos admittiam todas as religiões, excepto a Christan e a dos Druidas. Attribuiam á divindade a fórma humana com todos os defeitos e vicios do homem. Os deuses, solemnemente reconhecidos e adorados em todo o imperio, dividiam-se em *quatro grandes* categorias, a saber: os maiores, os menores, os semi-deuses e os extrangeiros. *Os maiores* eram os vinte seguintes: Jupiter, Vesta, Minerva, Céres, Diana, Mercurio, Neptuno, Apollo, Venus, Marte, Vulcano, Jano, Saturno, Rhéa, o Genio do povo romano, Plutão, Bacchо, o sol e a lua, que muitas vezes se distinguiam de Apollo e de Diana. Os doze primeiros formavam, por assim dizer, o senado do céo.—*Os menores* ou nacionaes eram quatro, isto é, Quirino, Hercules, Castor e Pollux.—*Os semi-deuses* eram innumeraveis. Contavam-se entre elles as tres *Parcas*, as tres *Graças*, as nove *Musas*, *Pan*, *Fauno*, *Sylvano*, *Flora*, *Pomona*, *Termo* e todos os imperadores, que, ao morrerem se tornavam semi-deuses por decreto do senado (*apotheose*). Entre os *extrangeiros* occupavam o logar principal os egypcianos, v. g., Isis Osiris, Serapis, Anubis, etc. Para o culto de tão grande multidão de deuses existiam em Roma 97 templos de segunda classe, 91 de primeira; 300 sacellos ou ediculas; 30 altares publicos, e 14 bosques sagrados. Celebravam-se annualmente de 40 a 50 festas clamorosas. Algumas dellas duravam cinco, sete e mais dias, praticando-se publicamente, em honra dos deuses, hediondos excessos. Nem se deixavam desejar os jogos, os combates de gladiadores e as representações theatraes.—Distinguiam-se os dias *festos*, *profestos*, *intercisos*, *fastos*, *nefastos* e *feriaes*.—Os dias *festos* eram consagrados exclusivamente ao culto; nos dias *profestos* se podiam tratar os negocios publicos e privados; os *intercisos* se consideravam sagrados só até meio dia. Tanto os tribunaes como a curia funccionavam nos dias *fastos*; nunca, porém, nos *nefastos*.

161) Usos, costumes, etc. Nomes.—Levavam, por via de regra, os Romanos tres ou mais nomes, a saber: o nome da familia, *nomen*; o nome proprio do individuo que se collocava no primeiro logar, *prænomen*; o sobrenome, *cognomen*, que se punha depois do *nome*. Assumiam não raras

(1) Vide Virg. Eneida, liv. VI, verso 846, *Excudent alii.. et debellare superbos.*

vezes um segundo ou terceiro sobrenome, que lembrava alguma grande façanha, a adopção em alguma familia ou algum defeito natural. Até a epoca de Constantino não existiu em Roma nenhum titulo, salvo o de emprego que alguem occupava; porém, durante esse reinado, appareceram os *clarissimi*, os *nobilissimi*, os *condes*, *duques*, etc.—**Os vestidos** eram sempre de lan, e consistiam no *indusium* ou camisa, na *tunica* e na *toga*. Sendo esta ultima bastante incommoda, cahiu em desuso no tempo de Augusto. As senhoras, em logar da toga, trajavam um vestido longo de varias côres, *stola*; na occasião de sahirem de casa, occupavam tambem uma especie de manto, *palla*, e cobriam a cabeça com um véo amarello. Os meninos nobres levavam uma bolinha de ouro pendurada no pescoço e uma veste chamada *toga praetexta*, que na edade de 17 annos trocavam pela *toga viril*. —O distinctivo dos *senadores* eram a *toga laticlava* ou *praetexta*, bordada com uma larga banda de purpura; e uns calçados que chegavam até á metade da perna. Além do annel de ouro, distinguia *os cavalleiros uma praetexta*, cuja purpura era menos larga do que a dos senadores. Na guerra, depondo a toga, vestiam o casaco ou *chlamide*. *O saio* ou farda era o habito da infanteria. Para se defenderem contra a chuva, cobriam a cabeça e os hombros com um capucho, *cucullus*.—Os calçados eram sandalias, botinas e borzeguins ou cothurnos. Faziam os Romanos muito uso de banhos, que a principio tomavam no Tibre, e mais tarde em estabelecimentos publicos, que dentro em pouco se tornaram o *rendez-vous* dos ociosos, bem como novo manancial de molleza e de corrupção.

162) Moradas.—Roma tomou a physionomia de cidade apenas na epoca dos Tarquinios. Construida com maior regularidade depois de incendiada pelos Gaulezes, foi calçada no fim da II guerra punica. Cobriu-se de monumentos, durante o reinado de Augusto e o de seus successores. Nas casas dos particulares, logo apoz a entrada, deparava-se com um pateo, *atrium*, cercado por um portico que assentava sobre columnas.—**Refeições.** Tomavam os Romanos tres refeições diarias, denominadas *jentaculum*, almoço; *prandium*, jantar; *caena*, cêa, que era a principal. Os comilões tomavam de noite uma quarta refeição, chamada *commessatio*. A principio comiam em pé, porém não se demoraram em adoptar o uso oriental dos leitos. As mesas eram de madeira preciosa, redondas e sustentadas por um unico pé de marfim. Nos banquetes havia muito luxo, musica, representações e até combates de gladiadores. Dir-se-ia que muitos romanos viviam unicamente para comer e beber. Os mais famosos gastronomos e glutões conhecidos foram o comico Esopo, Apicio, Lucullo e o imperador Vitellio, que em cada banquete gastavam quantias fabulosas.—**Casamentos.** Distinguiam os Romanos tres especies de casamentos. *Na I*, propria dos plebéus e denominada *coemptio*, o noivo comprava a noiva, que se tornava realmente escrava. Celebrava-se por meio de uma cerimonia analoga ao rapto das sabinas.—*A II*, propria dos ricos, chamava-se *confarreatio*, porque os noivos comiam juntos um bolo de farro, *far*.—*A III*, á qual davam o nome de *cohabitatio*, realizava-se pelo simples facto de, os noivos, morarem juntos, durante um anno e um dia. O divorcio era extremamente facil; e, por isto, muito frequente.

163) Prisioneiros e escravos.—Os prisioneiros de guerra, quando não eram mortos ou trocados, vendiam-se como escravos. Dahi veiu o existirem na republica romana tantos escravos, que, segundo dizem, estavam na proporção de duzentos para cada homem livre; tratavam-nos como animaes, e forral-os era muito difficil, até quando o dono o desejava. O pae podia vender, como escravo, o seu filho, nem este lograva isentar-se da autoridade paterna emquanto não se tivesse remido tres vezes.—**Funeraes.**

O mais proximo parente fechava os olhos ao defunto. O corpo era embalsamado, vestido ricamente e exposto em uma cama nobre com o rosto descoberto Passados oito dias celebrava-se o funeral com grande pompa, musica e prantcadeiras assalariadas. Nos primeiros tempos o corpo enterrava-se simplesmente: adoptou-se, porém, mais tarde o costume grego da cremação, que durou até o II sec. da era vulgar.

164) Estado moral do mundo.—Podemos affirmar que no tempo de Augusto e de seus successores até Trajano ou Marco Aurelio, Roma representava o mundo inteiro, porque avassallava quasi toda a Europa e larga parte da Asia e da Africa. O seu estado, sob o respeito da riqueza, dos prazeres e de alguma civilização material, era esplendido. Estradas excellentes, palacios sumptuosos e commodos, aqueductos, banhos, espectaculos, litteratura, e tudo o mais que póde agradar aos sentidos, achava-se em maravilhosa abundancia. Porém o seu estado moral era horrivel. Uma pequena parte da Sociedade dominava a grande maioria, tratando-a de tal modo, que ácha si fosse um bando de animaes. Nas classes elevadas não se encontrava nem crença, nem boa ié, nem humanidade, nem sentimento de honra, porém o mais absurdo scepticismo, o orgulho, a molleza, a venalidade e uma desmedida ambição. A familia ia-se dissolvendo, e o suicidio era a unica consolação de quem deparava com difficuldades na vida. As classes inferiores não pediam sinão *panem et circenses* mostrando-se sempre dispostas a perpetrar qualquer crime para conseguil-os. Ensinavam os philosophos doutrinas absurdas: a litteratura, o theatro e a propria religião eram fócos de hedionda immoralidade. (1)

HISTORIA DO CHRISTIANISMO

Periodo I—(1—312). — De Jesus Christo a Constantino

LUCTA COM O JUDAISMO E O PAGANISMO

165) Jesus Christo.—Segundo (2) a éra christan *Jesus* Christo nasceu no anno trinta do reinado de Augusto, 753 de Roma. Baptizado por S. João Baptista, encetou a sua divina prégação no XV anno de Tiberio, contando uns trinta annos de edade. Morreu, resuscitou e subiu ao céo no XVIII anno do mesmo imperador, XXXIII da sua edade. Jesus Christo demonstrou a divindade da sua missão por innumeraveis milagres e bem assim por sua vida e doutrina santa. Insistiu muito em provar a sua humanidade e divindade; ensinou a Unidade e a Trindade de Deus, a eterni-

---

(1) Vide S. Paulo, ep. ad Romanos, I, 24; S. Agostinho—*De Civitate Dei*; toda a historia dos imperadores romanos e muitos autores latinos e gregos, que preferimos não citar em particular.—Vide tambem Cesar Cantú. —Historia Universal, epoca VI, livro VI, cap. XV.

(2) Sabe-se que a *éra christan* ou *vulgar* foi introduzida por Dionysio o Pequeno, fallecido em 540, monge de origem scytha, que a fixou no anno 753 de Roma. Parece, porém, que neste calculo se insinuou um pequeno erro, e que o nascimento de N. S. J. C. se tenha de collocar, pelo menos, no anno 749 ou 748 de Roma; pois de um lado é certo pelo Evangelho que J. C. veiu ao mundo dois ou tres annos antes da morte de Herodes I o Grande; por outro lado a historia assevera que Herodes I falleceu em Março do anno 750 de Roma.

dade da vida futura, o amor de Deus e do proximo, a humildade, a mortificação da carne, a pobreza *affectiva* ou de espirito e a castidade, como obrigação; a pobreza *effectiva* e a virgindade, como conselho, etc. Elevou a sacramento o matrimonio, que declarou indissoluvel por sua natureza; instituiu o sacerdocio e o episcopado, etc. Ao mandar os Apostolos prégar em todo o mundo, conferiu-lhes o poder de perdoar os peccados (poder das chaves), e lhes prometteu a sua assistencia perpetua. Em fim collocou S. Pedro á testa da sua Egreja contra a qual *portae inferi non praevalebunt*.

166) Os Apostolos—depois de receberem o divino Espirito Santo, fundaram a egreja de Jerusalém, celebrando (50) alli mesmo o primeiro concilio. Dividindo então entre si todo o mundo e inaugurando os primeiros bispados, sellaram a sua fé com o proprio sangue. S. Pedro passou a Antiochia, e, mais tarde, a Roma, onde derrotou Simão Magico, e recebeu a coroa do martyrio (67) juntamente com S. Paulo, que tinha prégado na Asia Menor, na Grecia, na ilha de Chypre, e, talvez, tambem nas Gallias, na Hespanha e na Gran-Bretanha. (1)—**Propagação rapida.** Ter-se o Christianismo propagado com admiravel rapidez consta pela carta de Plinio a Trajano e pela do proconsul Graniano a Adriano, os quaes no principio do II sec. affirmaram que na Asia havia cidades inteiras de christãos. Pelos fins do mesmo sec. II, Tertulliano, S. Irineu e S. Justino em escriptos apologeticos puderam asseverar que os Christãos já tinham penetrado por toda a parte, de sorte que, si fossem desterrados, muitas cidades e provincias ficariam desertas. Nem se diga que só se convertiam os pobres e os ignorantes; porque achamos, entre elles, philosophos, litteratos, senadores, proconsules, generaes e até proximos parentes do imperador. —**Os meios** que de algum modo facilitaram esta propagação, cifram-se na unidade do imperio romano; na diffusão da lingua grega, na civilização material e intellectual soffrivelmente adeantada, bem como em uma certa espectação vaga de um reparador.

167) Obstaculos.—Cumpre, todavia, confessar que estes meios não eram por nenhum modo proporcionados ao fim que se conseguiu, e aos obstaculos que foi mister superar; pois o mundo naquelle tempo estava abysmado na mais hedionda corrupção, e dominado por um orgulho satanico. A propria religião favorecia e amparava todos os vicios e todas as paixões. Os Apostolos, pelo contrario, prégavam a mortificação da carne, a pureza dos costumes, a humildade, a caridade, e dogmas superiores á intelligencia humana. Não era, porém, só isto. Apresentavam como autor dessa doutrina um *Judéu*, crucificado qual reu de levantar o povo contra os Cesares. (2) Elles mesmos eram judéus obscuros, ignorantes, timidos,

---

(1) A viagem de S. Pedro a Roma torna-se manifesta: —1) pela existencia do episcopado catholico e da supremacia do Papa; —2) pelo testemunho de numerosos autores latinos, gregos, syriacos, armenos, etc., dos primeiros seculos, quasi todos inimigos da egreja romana; —3) pela autoridade de vinte e sete escriptores dos mais distinctos entre os protestantes. Deixamos de citai-os em particular unicamente por brevidade; — 4) por todos os argumentos e testemunhos que demonstram a supremacia do bispo de Roma, visto como todos elles affirmam ou suppõem a viagem de S. Pedro para a Cidade Eterna, o seu episcopado, martyrio, etc.

(2) Afim de comprehender cabalmente o alcance destas expressões, cumpre não esquecer os factos seguintes: —1) eram os Romanos extremamente ciosos da sua dominação; — 2) para elles *judéu* e *christão* era a mesma

desprovidos, numa palavra, de todos os dotes e auxilios humanos.—**Perseguições.** Obstaculos ainda maiores provinham da parte dos proprios Judéus, dos imperadores, dos philosophos, e dos hereges de toda a sorte.—**Os Judéus** desde o principio perseguiram o Christianismo matando S. Estevam e S. Thiago, o Maior e o Menor, ambos bispos de Jerusalém; prendendo S. Pedro, accusando S. Paulo, e privando da vida numerosos christãos que recusaram pegar em armas contra os Romanos.—**Quanto aos imperadores,** observaremos que elles, em tres seculos, repetiram o assalto não menos de dez vezes, sempre com maior furia e maior crueldade; porém, apesar do seu grande poder, foram afinal vencidos; que, durante os primeiros seculos, a perseguição foi, a bem dizer, continua e sempre geral, e que o odio contra os Christãos era grande, por serem confundidos com os Judéus, em consequencia do escandalo dado pelos hereges e das calumnias espalhadas pelos philosophos, bem como porque os Christãos celebravam clandestinamente suas reuniões, guardando profundo segredo a respeito de seus mysterios *ne darent sanctа canibus*; porque recusavam jurar pelo genio do imperador, tomar parte nos sacrificios pagãos offerecidos para a patria, etc. Eram, portanto, os Christãos considerados não só como *antipatriotas*, mas até como *inimigos publicos e figadaes da patria, impios, atheos*, etc.

168) As heresias—podem dividir-se em duas classes.—*A I* pertencem as que derivam directamente do Judaismo, e foram ensinadas por Cerintho, pelos Ebionitas e pelos Nazarenos. Estes defendiam a necessidade da lei mosaica; negavam a divindade de J. C., e a virgindade de Nossa Senhora.—*A II* classe é das heresias que dimanam do Paganismo. Seus chefes foram Nicolau, Menandro, Hymeneo, Phileto e varios outros, que assumiam o titulo de *gnosticos*, ou sabios. A sua doutrina, mescla indigesta das opiniões philosophicas do Egypto, da India e da Persia, referia-se sobretudo á creação da materia e á existencia do mal. Recusando a solução dada pela Egreja e pretendendo guiar-se exclusivamente pela razão natural, cahiram nos maiores absurdos.—**No II sec.** appareceram:—1) Valentim, Marcião e Cerdão, que, revestindo o Gnosticismo com uma côr de religião christan, o tornaram ainda mais perigoso. Foi deste novo Gnosticismo que nasceram heresias e heresiarchas sem numero. Todos ensinavam erros altamente grosseiros; admittiam a doutrina dos dois principios; praticavam grande immoralidade, e mostravam satanico orgulho blasonando de sabios. —2) *Montano* teve a pretenção de limitar o poder das chaves;—3) *Praxéas* negou a distincção das tres pessoas divinas;—4) os *Millenarios* diziam que no fim do mundo os justos ficariam ainda por um milheiro de annos nesta terra a gosar toda a sorte de prazeres. E' de observar que o Millenarismo, ensinado por dois ou tres dos SS. PP. e condemnado pelo papa S. Damaso, era muito diverso do dos hereges, proscripto immediatamente no II sec. Os SS. PP. excluiam delle todo o goso sensual, que, no entretanto, era admittido pelos hereges. Erra, pois, ou mente Draper quando sem distincção alguma attribúe aos SS. PP. a doutrina do Millenarismo.—**No III sec.** entre muitos outros deparamos com *Paulo de Samosata*, bispo de Antiochia, e com os Manichéos. Paulo ensinou haver em J. C. duas pessoas: uma divina, outra humana; deposto pelos bispos, foi pelo imperador Aureliano obrigado a sahir do palacio episcopal que recusava deixar. Os *Manichéos*

---

cousa;—3) nutriam um odio implacavel contra os Judéus, porque estes tentavam a cada passo sacudir o jugo romano, e nas duas grandes revoluções que fizeram, uma no tempo de Néro, outra sob Trajano e Adriano, assassinaram com refinada crueldade a milhares e milhares de romanos.

professavam a doutrina dos dois principios juntamente com uma infinidade de outros erros. Perseguidos na Persia, onde *Manes*, seu chefe, morreu esfolado vivo, invadiram a Europa pelo méado do sec. III, perpetuando-se, sob diversos nomes, até os nossos dias.—Todos esses hereges causavam gravissimos males á Egreja, porque corrompiam seus dogmas fundamentaes, e porque, não sabendo os Pagãos distinguir entre christão e christão, imputavam a todos as infamias dos excommungados. Dahi o odio e a perseguição até dos infeis bem intencionados.

169) Philosophos.—Outro obstaculo não menos formidavel encontrou a Egreja nos philosophos pagãos, que combateram o Christianismo com seus escriptos. Para falarmos tão sómente dos mais conhecidos, citaremos apenas estes:—1) *Celso*, philosopho epicuréu do tempo de Marco Aurelio;—2) *Luciano* (sec. II) samosateno, cynico e sceptico, que acommetteu o Christianismo com a satyra;—3) *Porphyrio* (III sec.), que trabalhou 40 annos escrevendo um sem numero de obras contra os Christãos;—4) *Maximo*, mestre de Marco Aurelio;—5) Plotino, Jamplico, etc. Emfim, os Christãos, e os dogmas e ritos da sua religião eram sem repouso ridicularizados nos theatros, nos espectaculos, nos jogos, em toda a parte e por todos os modos. Comtudo o Christianismo não só se conserva, mas até se propaga com pasmosa rapidez, e, no fim de tres seculos da lucta mais renhida e sangrenta, vence e triumpha! Como explicar este facto sem admittir um milagre ou antes uma larga serie de milagres?

170) Sciencias e artes.—A Egreja Catholica deve necessariamente e sem descanço promover toda a sorte de sciencias e de artes, visto como tem mister dellas, já para desenvolver, ensinar e propagar seus dogmas; já para o seu culto, e para defender-se dos continuos ataques de seus inimigos. A Egreja Catholica, por conseguinte, é uma sociedade *essencialmente sabia e civilizadora*, não só no sentido de civilização moral, mas tambem no de civilização intellectual e material. Foi por isto que a Egreja Catholica desde o tempo dos Apostolos, seguindo o conselho de S. Pedro (I Petri III, 15) e de S. Paulo (II Tim., II, 2) estabeleceu as escolas episcopaes, que foram os melhores fócos de sciencia, de artes e de civilização verdadeira. Por seu lado os simples fieis não tardaram em tomar o exemplo da Egreja escrevendo desde o I sec. o *Pastor de Hermes* e os *Reconhecimentos Clementinos*. Com o mesmo intuito fundaram no II sec. as escolas philosophicas de Alexandria, de Carthago e de Roma. Em Roma ensinava S. Justino martyr; em Carthago, Tertulliano, S. Cypriano e outros. A escola de Alexandria que começou propriamente com S. Marcos, foi illustrada por Pantheno, Clemente Alexandrino, Origenes, Didymo o Cégo, Demetrio e muitos outros, a um tempo philosophos, theologos e oradores distinctos. Além destes grandes doutores, temos nos primeiros seculos avultado numero de sabios que deixamos de mencionar unicamente para não sermos prolixo.—Terem os Christãos dos primeiros seculos cultivado tambem as bellas artes deprehende-se dos trabalhos que se acham nas catacumbas e nas primeiras egrejas.

171) Summo Pontifice.—Desde S. Pedro até Leão XIII teem governado a Egreja 260 Papas. Oitenta destes foram elevados ás honras do altar com o titulo de santos; quatro, com o de bemaventurados. *No I* sec. houve oito; *no II*, onze; *no III*, quinze: todos canonizados, e, com a unica excepção de S. Dionysio, todos receberam a palma do martyrio.—**A supremacia** do Papa nos primeiros seculos prova-se com toda a evidencia:—1) pelo recurso da egreja de Corintho á S. Sé. (I sec.);—2) pela questão da Paschôa entre os papas S. Aniceto e S. Victor de um lado; S. Polycarpo, bispo de Smyrna, e Polycrates, bispo de Epheso, do outro (II sec.):

pois estes não negavam poder o Papa intervir nos negocios da sua diocese, embora recusassem obedecer appellando para o uso; — 3) pelo que se deu na perseguição de Decio, entre Roma e Carthago. Em primeiro logar foi S. Cypriano, bispo dessa cidade, accusado em Roma de ter abandonado o seu rebanho. Pouco depois, recusando S. Cypriano reconciliar os apostatas que pediam tumultuariamente fossem recebidos na Egreja, estes recorreram ao papa S. Cornelio. Em ambos os casos, o S. Bispo, longe de negar a supremacia do Summo Pontifice, justificou perante elle o seu proceder.—4) Pela questão do baptismo dos hereges entre o mesmo S. Cypriano e o papa S. Estevam I. Embora S. Cypriano sustentasse, durante algum tempo, que o baptismo, dado pelos hereges, é nullo; todavia nunca recusou a autoridade do Papa, á cuja decisão por fim se submetteu. — 5) Pelo que houve na occasião do scisma de Novaciano, que foi antipapa e negou o poder das chaves. Tendo o papa S. Cornelio deposto tres bispos que tinham sagrado o antipapa, foi applaudido por toda a Egreja.— 6) Pelo facto de ter o papa S. Dionysio chamado a Roma, S. Dionysio, patriarcha de Alexandria, que, accusado de negar a SSma. Trindade, não recusou obedecer ao Bispo de Roma, em cuja presença se justificou.—Entre os numerosos testemunhos dos primeiros seculos em favor da supremacia do Summo Pontifice é precioso o de Tertulliano, o qual, posto que já apostata, disse que *o Papa é o bispo dos bispos*.

172) A disciplina—da penitencia publica é cousa bem diversa do sacramento da penitencia. Tinha por fim reparar o escandalo, e consequentemente só se impunha por peccados publicos e escandalosos. A absolvição sacramental podia dar-se e, ás vezes dava-se de facto ao peccador arrependido; sendo-lhe defeso, porém, receber a SS. Eucharistia antes de acabar a penitencia publica. Distinguiam-se quatro classes de penitentes, a saber: *chorões*, *ouvintes*, *prostrados* e *stantes* ou que estavam em pé. Os *chorões* ficavam na porta da egreja; os *ouvintes* podiam entrar e ouvir ler a S. Escriptura, mas deviam sahir antes de começar a oração commum; aos *prostrados* era licito ir até ao pulpito e assistir ás orações, não ao sacrificio; permittia-se aos que estavam em pé chegar até o altar e tomar parte no sacrificio; era-lhes, porém, vedado fazer oblações e receber a Eucharistia. —Impor, regular, prolongar, afrouxar, etc., a penitencia publica pertencia ao bispo, que a principio fazia tudo isto pessoalmente, e ao depois substituia a si um ou mais sacerdotes.—Em vista de alguma boa obra especial, perdoava-se total ou parcialmente a penitencia publica. Chamava-se isto *indulgencia*. Dahi a nomenclatura de indulgencia *plenaria*, *parcial*, *de tantos annos*, *tantas quarentenas*, etc. Quem tivesse para com a Egreja merecimentos distinctos, como (1) os *martyres* e *os confessores*, podia obter esta indulgencia tambem para outros.—A disciplina desta penitencia publica, inaugurada desde o tempo dos Apostolos, esteve em todo o seu vigor nos primeiros quatro seculos; declina no V, e desapparece quasi de todo nos seculos VII e VIII. Em 390 o patriarcha Nectario aboliu em Constantinopla o officio de penitenciario.

137) SS. PP. e doutores da Egreja.—Para que algum escriptor consiga o titulo de *S. Padre* da Egreja, é necessario:—1) que seja antigo; —2) que seus escriptos sejam de grande alcance quanto ao desenvolvimento e defeza da tradição apostolica;—3) que tenha levado uma vida santa

(1) Applicava se o titulo de *confessor* aos que tinham confessado a fé perante os tribunaes; o de *martyr*, aos que haviam padecido alguma cousa por ella.

permanecendo sempre na communhão da Egreja Catholica Apostolica Romana; — 4) que haja a approvação da Egreja, a qual nunca falta, si existirem as notas precedentes. Para o titulo de *doutor*, a saber: que ensina á propria Egreja *docente* ou que é echo fiel e seguro da palavra divina, além das notas precedentes, menos a antiguidade, exige-se uma excellencia e amplidão maior de doutrina. E' por isto que alguns santos trazem o titulo de *doutor* sem o de *padre*, emquanto outros que já gosavam do titulo de *padre*, foram honrados tambem com o de doutor.—Os SS. PP. Jeronymo, Ambrosio, Agostinho e Gregorio I; Athanasio, Basilio, Gregorio Nazianzeno e Chrysostomo, possuem desde tempo immemorial o titulo de *Doutor Maximo*. Os quatro primeiros pertencem á Egreja Latina, os mais á Egreja Grega. Outros foram mais tarde decorados simplesmente com o titulo de doutor. Denomina-se *escriptor ecclesiastico* quem trata de assumptos relativos á Egreja sem reunir em si todos os dotes de doutor ou de padre. Taes são: v. g. Tertulliano, Origines, Eusebio e muitos outros. —A edade dos SS. PP. é aquella em que a doutrina christan foi desenvolvida, proposta e defendida; porém, como nunca se pode dizer acabada a explicação e defeza da doutrina christã, a edade dos PP. não é bem determinada, nem todos lhe marcam os mesmos limites. Suppõe-se geralmente que o ultimo dos PP. é S. Bernardo.

174) Concilios.— Celebraram-se neste primeiro periodo trinta concilios particulares.—*Concilio* é uma reunião de pessoas ecclesiasticas, convocadas pela legitima autoridade com o fim de tratarem de questões religiosas. Si a reunião não fôr legitima, recebe o nome de *conciliabulo*. O concilio póde ser *geral* ou *ecumenico* e *particular*. Convocar, presidir e confirmar o concilio geral cabe unicamente ao Papa ou por si mesmo ou por meio de seus representantes. O concilio particular póde ser *nacional*, *provincial* ou *diocesano*, que mais propriamente se chama *synodo*. O concilio nacional é presidido pelo *primaz*; o provincial, pelo arcebispo; o diocesano, pelo bispo. O concilio geral faz leis para toda a Egreja; o nacional, para a nação; o provincial, para a provincia; o diocesano, para a diocese — Tem sido até hoje celebrado um grande numero de concilios particulares, e 19 geraes, que se pódem facilmente conservar na mente por meio da formula seguinte: *Ni. Co. E. Chal. Co. Co. Ni. Co. La. La. La. Lo. Lu. Lu. Vi Flo. La. Tri. Va.*, isto é, niceno, constantinopolitano, ephesino, chalcedonense, lateranense, lugdunense, viennez, florentino, tridentino, vaticano. Faltam o de *Sardica*, que se considera como appendice ao de Nicéa; o de *Constança*, por ser confirmado só em parte; e o de *Basiléa*, que degenerou em conciliabulo revoltando-se contra a legitima autoridade ecclesiastica.

175) Conclusão.—Tal, em resumo, é a historia da Egreja, durante os tres primeiros seculos. Os factos são innegaveis, e attestados por todos os autores. E' falso, portanto, o que affirmam alguns protestantes, a saber: que nos primeiros seculos não havia nem Papa, nem bispos, nem concilios, nem jerarchia inteiramente constituida; que o Christianismo era uma simples associação livre de crenças; que a sua propagação foi *naturalmente* facil; que o mundo então tendia ao monotheismo; que os martyres foram pouco numerosos; que os primeiros christãos eram todos pobres, ignorantes e de baixa condição; que era livre crer na divindade de J. C., na SS. Trindade, etc. etc.

Periodo II.—De Constantino a Carlos M.

Lucta com o paganismo, as grandes heresias, os barbaros e o cesarismo byzantino.

Seculo IV—A historia da Egreja no sec. IV resume-se nas perseguições, na vida monastica, nos concilios e nos Summos Pontifices.

176) Perseguições.—1) A perseguição, inaugurada por Diocleciano em 303, continuou no Oriente sob Galerio, Maximino Daia e Licinio até o anno de 324, dando numerosos martyres á Egreja. A de Daia distinguiu-se pelo emprego da perfidia ensinando-se nas escolas uma vida imaginaria de J. C., e umas actas forjadas de Pilatos.—2) A *perseguição pagan* foi renovada na epoca de Juliano, e tambem neste tempo correu muito sangue christão.—3) *Sapor II*, rei da Persia decretou a perseguição, tirando a vida com refinada crueldade a milhares de fieis, porque, sobre a palavra de alguns judeus, acreditou que os Christãos eram traidores, e cumplices dos Romanos que então faziam guerra á Persia. Durou esta perseguição desde 347 até 369.—4) *Os Arianos*, que negavam a divindade do Verbo e, por conseguinte, a de J. C., apoiados por Constantino, Constancio e Valente, perseguiram tanto a Egreja Catholica, que a derrubariam, si Ella pudesse perecer. Recorreram a toda a sorte de calumnias e de artes, sem omittirem a crueldade, mas foram egualmente vencidos.—5) *Os Donatistas* fizeram no sec. III um grande scisma na Africa, e, apesar de condemnados em diversos concilios, perturbaram gravemente e por longo tempo a Egreja, assumindo por fim o nome de *circumcelliões* e praticando excessos sem exemplo. A estas perseguições oppoz a Egreja:—1) a virtude heroica de innumeraveis filhos seus, que sellaram a sua fé com o martyrio;—2) a sabedoria de numerosos doutores, que defenderam a doutrina catholica com a penna;—3) as escolas, quer episcopaes, quer não episcopaes, que, durante o sec. IV e seguintes, floresceram maravilhosamente.

A vida solitaria—e religiosa de pessoas que se apartavam do mundo afim de praticarem os conselhos evangelicos, si não começou no *I ou II sec.*, como querem alguns autores, principiou com certeza *no III*, e desenvolveu-se exuberantemente nos sec. IV, V e VI. Os solitarios mais conhecidos deste IV sec. foram *S. Paulo*, o primeiro eremita; *S. Pacomio*, o legislador dos monges; *S. Hilarião*, que propagou a vida monastica na Palestina, Idumêa, Mesopotamia, etc.; *S. Ammon*, que povoou de monges o deserto de Nitria.

177) Concilios—Celebraram-se, durante o IV sec., dois concilios geraes, 70 particulares e 12 conciliabulos.—Os dois geraes foram o de *Nicéa* em 325, e o de *Constantinopla* em 381. O de Nicéa excommungou Ario; ordenou que a Paschôa fosse em toda a Egreja solemnizada no primeiro domingo depois do plenilunio de Março; moderou o rigor da penitencia publica, etc. Foi, em nome do papa S. Silvestre, presidido por dois presbyteros e por Osio, bispo de Cordova. O de Constantinopla, que, era particular, e se tornou geral pela approvação do papa S. Damaso, condemnou Macedonio, que negava a divindade do Espirito Santo.—Entre os particulares, sobresae o de *Sardica* (347), que determinou o modo de appellar para a S. Sé.—Dos *conciliabulos* assignalamos tres:—(o de *Sardica* (347), celebrado pelos Arianos com o fim de enganar os ignorantes;—2) o de *Tyro* (335) em que S. Athanasio respondeu victoriosamente ás calumnias propaladas pelos Arianos;—3) o de *Rimini* (359), onde alguns bispos catholicos, enganados, assignaram um formulario de fé em que se omittira a palavra *consubstantialis*, e se dizia *anathema* a quem affirmasse que J. C. é *creatura como as outras*. **Papas.** Occuparam, no sec. IV, a sé pontificia onze Papas, todos canonizados. Destacam se entre elles:—1) *S. Silvestre* (314—37), que baptizou Constantino;—2) *S. Liberio* (352—66), illustre por sua firmeza em defender a fé catholica contra os Arianos, apesar do desterro a que foi condemnado pelo imperador Constancio. E' falso que assignasse algum formulario de fé ariana ou consentisse na condemnação de S. Athanasio, o qual nunca foi condemnado, excepto pelos hereges e pagãos. Do contrario não

seria S. Liberio honrado, como o foi, por S. Ambrosio, S. Basilio, S. Epiphanio, e muitos outros, com o titulo de—*Pontifice de santo memoria e glorioso athleta da fé*;—3) *S. Damaso* (366—84), natural, segundo alguns, de Guimarães; segundo outros, de Roma, mas oriundo de Portugal, é notavel por seu saber, suas poesias e seus trabalhos nas catacumbas. Accusado de adulterio por um antipapa, defendeu-se juridica e triumphalmente perante o imperador. Foi por ordem do papa S. Damaso que S. Jeronymo fez a versão da Biblia, conhecida com o nome de *Vulgata*.

HISTORIA DA EDADE MEDIA

178) **Divisão.**—Dividimos a historia *da Edade Media* em quatro periodos.—**O I periodo** vae desde a morte do Grande Theodosio (395) até o fim do reinado de Carlos Magno (814). Temos neste periodo as invasões, o imperio grego, o Islamismo, os Merovingios e os primeiros Carlovingios. —**O II** prolonga-se até o concilio de Latrão (1123), em que se poz termo á questão das investiduras. Nelle assiste o leitor á quéda dos Carlovingios, á formação do imperio romano—allemão, á decadencia do imperio grego, ás novas invasões, ao Feudalismo e á I cruzada.—**O III** acaba com a morte de Bonifacio VIII (1303). Realizam-se neste periodo as outras cruzadas, formam-se as nações modernas, apparecem os Albigenses, progride a civilização; são creadas novas Ordens religiosas e presencia-se o primeiro renascimento das sciencias, lettras e artes.—**O IV periodo** extende-se até a quéda de Constantinopla em 1453. Apresenta-nos este periodo o triste espectaculo da decadencia, da guerra dos cem annos, do grande scisma do Occidente, da Invasão dos Turcos e do renascimento do Paganismo.—**As fontes historicas** da Edade Media são muito difficeis de indicar, quer por serem ellas assaz numerosas, quer porque aqui é mister seguirmos mais a ordem chronologica do que a ethnographica. Limitar-nos-emos, portanto, a dizer que estas fontes são de duas especies, a saber: *directas e indirectas*. *As directas* são as obras dos historiadores e dos chronistas; as *indirectas*, as obras dos oradores, rhetoricos, philosophos, theologos, etc.; documentos de compra e de venda, sellos, bullas, decretaes, testamentos, inventarios, cartas particulares e publicas, actas de parlamentos, sociedades, etc.

179) **Mundo romano.**—Entre os ministros de Honorio e de Arcadio, quatro reclamam neste logar a attenção do historiador. São Stilicon, Rufino, Gaïnas e Eutropio. **Stilicon**, tutor e sogro de Honorio, tinha a pretenção de governar ambos os imperadores.—**Rufino**, que dominára ao proprio Theodosio, ardia em desejos de dar a sua filha a Arcadio e de ser associado ao throno.—**Eutropio**, outrora escravo e eunucho de baixa condição, logrou supplantar Rufino conseguindo que Arcadio se casasse com *Eudoxia*, filha do conde Bauton, que elle recebera como orphan e educára com o maior cuidado. Então, por ordem secreta de *Rufino* que buscava tornar-se necessario, os Wisigodos, capitaneados por Alarico, saquearam toda a peninsula dos Balkanos, emquanto os Hunos pela mesma razão invadiam

e assolavam a Asia Menor até Antiochia e Jerusalém (Julho de 395). Estes, todavia, dentro em pouco recuaram por ordem publica e ameaçadora do mesmo Rufino, a quem Arcadio, assustado, fez grandes promessas conferindo-lhe o titulo e as honras de *Salvador da Patria*.

No entretanto *Stilicon*, informado secretamente por *Eutropio*, marchava contra *Alarico*, e estava a ponto de lhe dar batalha ao pé do monte *Olympo*, quando recebeu de *Arcadio* ordem peremptoria de retirar-se deixando tranquillos os Wisigodos e restituindo a Constantinopla as tropas do imperio que ainda permaneciam no Occidente. Envia-lhe Stilicon essas tropas por meio do gaulez **Gaïnas**, a quem incumbe de aproveitar o primeiro ensejo para tirar a vida a *Rufino*. E', portanto, este barbaramente assassinado por *Gaïnas* e torna-se alvo de selvagens insultos na occasião de uma grande revista em que ia ser associado ao throno. Succedendo-lhe no ministerio, e adoptando a mesma politica, *Eutropio* afastou do governo seus antigos protectores; aboliu o direito de asylo nas egrejas (97); rebellou a Africa contra Stilicon; conferiu a Gaïnas o titulo de mestre da milicia imperial para os godos auxiliares, e mandou Alarico invadir mais uma vez a Grecia. Nesta conjunctura Arcadio enviou a Stilicon, que no Peloponeso ia travar batalha com os Wisigodos, ordem terminante de evacuar o territorio grego, e a Alarico os titulos de *patricio* e *de generalissimo na Illyria* (1). Stilicon, portanto, depois de pacificar a Africa (98) levantou contra Eutropio uma tribu de ostrogodos que estanciavam na Phrygia (99). Instrumento secreto de Stilicon, Gaïnas, mandado contra os rebeldes, evitou combatel-os, representou-os invenciveis e suggeriu-lhes que pedissem como premio da sua submissão a cabeça do ministro. Este no mesmo tempo, irritando a imperatriz Eudoxia, perdia a graça do imperador e refugiava-se na cathedral, onde S. João Chrysostomo o protegeu contra o furor do povo e da côrte (399). Tendo posteriormente fugido, foi preso e decapitado em Chalcedonia.

Unia-se neste interim Gaïnas aos barbaros e ameaçava pôr a capital a ferro e fogo, si não se lhe entregassem as cabeças de tres grandes da côrte. Esses infelizes, postos

---

(1) O *patricio* era superior a todos os grandes funccionarios da curoa, e tinha entrada livre junto ao imperador todos os dias e a toda a hora. Ao titulo de *generalissimo*, além da autoridade, correspondia um ordenado assaz consideravel.

postos á disposição do gaulez, foram salvos por S. João Chrysostomo, que os acompanhou, mas desterrados (400) por Gainas, o qual, depois de extorquir uma quantia fabulosa, ainda exigiu que o proprio imperador fosse ter com elle em Chalcedonia. Consentindo afinal em regressar pacificamente a Constantinopla, insultou, por diversas vezes, em publico, a religião catholica, e, expulso pelo povo enfurecido, reuniu na Thracia um grosso exercito, espalhando com elle o terror na capital. Annuiu, comtudo, á proposta de uma dilação, sendo por ultimo derrotado e morto pelo general godo Fravita (3 de 401).—*Eudoxia*, que no entretanto recebera o titulo de *Augusta*, desaveiu-se com S. João Chrysostomo, a quem fez desterrar pelo imperador (404). Dentro em breve a imperatriz morria de parto (404); e Arcadio, em consequencia de seus vicios (408), ficando no mesmo tempo Constantinopla victima de medonhas calamidades.

180) **Mundo barbaro**.—Applicavam os Romanos o epitheto de *barbaro* a todos os povos que não faziam parte do imperio romano, como os Gregos davam outrora este mesmo titulo a qualquer povo que não fosse de raça hellenica. Dahi é que na historia da *Edade Media* com o nome de *barbaros* se comprehendem ora os povos que derrubaram o imperio, ora aquelles que mais tarde assolaram os reinos fundados sobre as ruinas do antigo mundo romano. Dividem-se estes povos em cinco raças principaes, a saber: *celtica, germanica, slava, scythica, arabe*.—**A' raça celtica** pertencem os Pictos e os Scotos ou Escossezes.—**A' raça germanica**, os Francos, os Alamanos ou Allemães, os Saxonios, os Anglos, os Longobardos ou Lombardos, os Burgundios ou Burguinhões, os Vandalos, os Godos e os Hérulos.—**A' raça slava**, os Russos, os Polacos, os Borussos (Prussianos), os Bohemios, os Lithuanios e os Livonios.—**A' raça scythica**, os Hunos, os Turcos, os Mongoles, os Tartaros, os Avaros, os Madgyares ou Hungaros, os Búlgaros e os Finnezes.—**A' raça arabe**, os Arabes, que tambem se chamam Mahometanos, Sarracenos, Musulmanos, Mouros e Agarenos.—Relativamente á *religião*, alguns desses povos, quando invadiram o imperio, já eram christãos, mas arianos; outros professavam o Paganismo adorando *Odim* e outros deuses que com pouca differença correspondem aos deuses da Grecia e de Roma. Quanto aos *costumes*, eram, por via de regra, nomades, muito dados á caça e á guerra, pouco á agricultura, nada ao estudo das lettras, sciencias e artes.

181) **Invasões.**—A grande invasão dos povos do norte costuma dividir-se em dois periodos. **No I** apresentam-se os barbaros que destróem tudo e quasi nada estabelecem de duradouro. **No II** apparecem os que fundam reinos mais estaveis. *O I periodo* vae pouco além da primeira metade do sec. V, *o II* occupa a segunda parte desse mesmo seculo com quasi todo o VI. —*Os povos* que invadem o imperio durante *o I periodo*, fórmam tres bandos, que são os Wisigodos, capitaneados por Alarico; os Vandalos juntamente com os Burgundios, Alanos e Suevos, cujos chefes mais conhecidos foram Genserico e Radagasio; os Hunos, á cuja frente estava Attila.—**No II periodo** o imperio é invadido pelos Saxonios, Anglos, Francos, Ostrogodos e Lombardos ou Longobardos.

PERIODO I

182) **Os Wisigodos**—ou Godos do occidente eram apenas uma fracção da grande familia dos Godos, que, partindo da Scandinavia, se tinham em tempos antigos estabelecido ao noroéste do mar Negro. Em 376 recuaram perante a invasão dos Hunos, e transpuzeram o Danubio com licença do imperador Valente, a quem, dois annos depois, mataram na batalha de Andrinopla. Capitaneados posteriormente por Alarico, da nobre familia dos Baltes (atrevidos), devastaram toda a Grecia (397) e passaram á Italia; porém, batidos por Stilicon em Verona (402) e em Pollencia (403), retiraram-se para a Illyria. *Honorio*, que nesta occasião transferiu a sua residencia de Milão para a cidade de Ravenna, recebeu em Roma as honras do triumpho, permittindo pela ultima vez os combates dos gladiadores, nos quaes cahiu assassinado o eremita Telemaco.

183) **Os Vandalos**—que vinham das costas do *Baltico*, invadiram a Germania e a Italia juntamente com os *Burgundios*, *Alanos* e *Suevos*. Derrotados por Stilicon nos rochedos de Fiesole (406), onde pereceu Radagasio, chefe dos Burgundios, retrocederam, dirigindo-se para a Gallia. Fixaram-se, por ultimo, os Burgundios na bacia do Rhodano (410—534); os Vandalos na antiga Betica (409), hoje Andaluzia (Vandaluzia); os Alanos na Luzitania, e os Suevos na Galliza. Os *Alanos* desappareceram logo depois de serem vencidos por Wallia em 418. *Os Suevos* tiveram um momento de grandeza, mas foram em breve subjugados por Leovigildo (585), rei dos Wisigodos. Os *Vandalos*, passando para

a Africa (429) e assenhoreando-se de todo o paiz outrora romano, vieram a ser o terror do Mediterraneo. Perseguindo mais tarde os Catholicos, déram avultado numero de martyres á Egreja.

184) **Saque de Roma por Alarico. 410.** — Tendo Honorio mandado assassinar Stilicon que se tornára suspeito, Alarico invadiu outra vez a Italia sob o pretexto de vingal-o (408). Afastado pelos Romanos á força de ouro, e de promessas que não foram cumpridas, voltou no anno seguinte ainda mais embravecido; deu a purpura ao senador Attalo que não tardou em depor; seguiu para a cidade de Ravenna; tratou com Honorio por intermedio do papa Innocencio I; chegou a um ajuste, e tudo parecia pacificamente acabado, quando, sendo uma noite aggredido por alguns salteadores, suspeitou que fosse traição secreta do imperador. Dirigiu-se, portanto, furioso sobre Roma que abandonou ao saque, e passou a fio de espada a população poupando apenas quem se refugiava nas egrejas de S. Pedro e de S. Paulo. Morreu tempos depois na Calabria, e foi enterrado no leito de um riacho ao pé de Cosenza.

185) **Reino dos Wisigodos.** — Casou-se então *Ataulfo*, cunhado e successor de Alarico, com Placidia, irman de Honorio, e, pondo-se ao serviço do imperador, emprehendeu libertar a Gallia de tres usurpadores que haviam tomado a purpura, e a Hespanha de tres povos que a tinham invadido. Em paga destes serviços recebeu Wallia, successor e cunhado de Ataulfo, a Segunda Aquitania, onde fundou o reino dos Wisigodos, que dentro em breve se extendeu a quasi toda a Peninsula Iberica pela conquista dos reinos dos Alanos (418), dos Vandalos (428) e dos Suevos (585). A sua capital foi Tolosa, e posteriormente Toledo.

186) **Seus reis mais illustres**—foram— *Theodorico I* (419—51), que succumbiu na batalha de Châlons, a qual repelliu Attila para além do Rheno. *Eurico* (466—85) dominou sobre quasi todo o paiz comprehendido entre o Loira e Gibraltar. *Alarico II* (485—507) publicou o codigo chamado *Breviarium Alaricianum* ou *Lex Romana*, e pereceu na batalha de *Vouillé* combatendo contra o rei dos Francos (1). Passando a coroa, por morte de Amalarico,

(1) Como *Alarico II* fosse genro de Theodorico, rei dos Ostrogodos, este, posto que unido em matrimonio com *Alboflêda* (flôr branca), irman de Clovis, interveiu na lucta, e, obrigando o monarcha franco á paz, tomou o titulo de rei dos Wisigodos (507—26). *Amalarico* casou-se mais tarde (526) com Clotilde, filha de Clovis.

filho e successor de Alarico II, a ser totalmente electiva, os reis succederam se com rapidez até *Athanagildo* (552—67). Este protegeu os Catholicos, e casou suas filhas, Brunechilda e Galsuintha, com os dois reis francos, Sigeberto e Chilperico. *Leovigildo* (572—86) pela conquista do reino dos Suevos elevou a monarchia a uma grande gloria, mas perseguiu os Catholicos, e fez morrer Hermenegildo, seu filho, porque abraçára o Catholicismo. *Recaredo o Catholico* (596—601), irmão menor de S. Hermenegildo, converteu o seu povo ao Catholicismo, e resistiu aos Francos que tratavam de occupar a Septimania. *Sisebut* (612—20) repelliu os Gregos da Betica e da Luzitania. *Suintila* (620—31), talvez filho de Recaredo o Catholico, reformou as leis; protegeu o povo contra a oppressão dos grandes, e expulsou definitivamente os Gregos da Peninsula toda (624). *Egiza* (687—701) reinou com gloria, porém *Vittiza* (701—10), seu filho, tornou se odioso por suas extravagancias e desordens. *Rodrigo* (710—11), filho de um conde de Cordova, elevado ao throno por uma revolução, perdeu a vida na batalha de *Xérès de la Frontéra* (1) quando tratava de oppor-se aos Sarracenos que invadiam a Hespanha. Dizem que haviam sido convidados por alguns judéus, e pelo conde Juliano, cunhado do deposto Vittiza. Os Mouros, capitaneados pelo general *Tarik*, e mais tarde por *Musa*, assenhoreando-se da Peninsula, galgaram os Pyrenéos e tentaram occupar toda a Europa.

187) **Os Hunos**—eram barbaros que dos confins da China vieram estabelecer-se ao norte do Danubio (376), fundando nesse paiz immenso e poderoso imperio. Entre seus chefes ou imperadores destaca-se *Attila*, que se intitulava a si mesmo o *flagello de Deus* e se gabava de que nunca mais havia de crescer a relva onde o seu cavallo tivesse pisado. Depois de assassinar Bléda, seu irmão, de impor vergonhoso tributo a Theodosio II e de recuar perante a firmeza de Marciano, invadiu a Europa a pedido de Genserico; atravessou a Germania e a Gallia, devastando tudo até Orléans, que foi salva por S. Aniano, seu bispo. (2) Re-

(1) Antiga *Asta Regia* a 50 kil. N. E. de Cadiz, na margem do rio Chryssus, hoje Guadalete.

(2) Pariz deveu a sua salvação ás orações de S. Genoveva; Troyes, á coragem de S. Lobo, seu bispo, que, sahindo ao encontro do barbaro, lhe ordenou da parte de Deus deixasse socegado o seu povo.—Foi nesta retirada de Attila que se realizou em Colonia o martyrio de S. Ursula e de suas onze mil companheiras. Vide os Bollandistas, Thierry, Darras, etc.

chassado por Aëcio á frente dos Francos, Wisigodos e Gallo-romanos, e derrotado em Châlons sobre o Marna (451), tornou a passar o Rheno. Atira-se no anno seguinte contra a Italia e destróe todas as cidades ao nordéste da Peninsula; contido, porém, pelo papa S. Leão, recúa, indo morrer na Pannonia. O seu imperio desappareceu com elle (1).

188) **Genserico em Roma**, 455.—Tres annos depois desta invasão de Attila, Roma ficou victima dos Vandalos da Africa; pois Genserico, seu rei, chamado pela imperatriz *Eudoxia* contra *Petronio Maximo* que acabava de assassinar *Valentiniano III*, saqueou Roma, e só por intercessão do papa S. Leão deixou de incendial-a. Levou para a Africa immensas riquezas e sessenta mil prisioneiros juntamente com a imperatriz Eudoxia (2) e suas duas filhas. Passados sete annos, o imperador Leão I o Thracio resgatou, mediante uma quantia fabulosa, a imperatriz e sua filha Placidia. Recusára esta ultima com heroica firmeza unir-se em matrimonio ao segundo filho de Genserico. Outra filha, do mesmo nome que a mãe, não poude esquivar-se a contrahir enlace matrimonial com o principe Hunerico, que a tratou como escrava, e foi só dezesseis annos depois que logrou fugir a seu salvo para Jerusalém.

189) **Fim do imperio do Occidente**, 476.—*A Honorio*, fallecido em 423, succedeu *Valentiniano III* (423—55) sob a tutela de Placidia, sua mãe, que se casára em segundas nupcias com o general Constancio. Por morte delle e de Petronio Maximo, dirigiram os destinos do imperio:—1) *Avito* (455—56), que dahi a pouco foi deposto pelo general *Ricimero*, filho de um principe suevo da Hespanha, neto de Wallia por sua mãe, outrora discipulo de Aëcio na arte militar e actualmente illustre por suas façanhas.—2) *Majoriano* (456—61) elevado ao throno pelo general Ricimero, que mais tarde mandou assassinar, reformou toda a administração; repelliu os Vandalos da Italia e os Wisigodos da Gallia. Preparou contra a Africa uma grande expedição, que não deu resultado algum por se terem, no porto de Carthagena, vendido ao inimigo os primeiros officiaes da frota, a qual ficou presa das chammas.—3) *Vibius Severus* (461—65) foi nomeado pelo general Ricimero, que pouco depois o envenenou e, durante dois annos, impediu a eleição

(1) E' desta epoca que data a primeira origem de Veneza.
(2) Esta Eudoxia (Licinia) era filha de Theodosio II. Tentando Petronio Maximo fugir, foi despedaçado pelo povo em furor.

de um novo imperador.—4) *Anthemio* (67—72), esforçado e nobre general grego, cedido ao Occidente pelo imperador Leão I, tentou ganhar a affeição de *Ricimero* casando com elle a sua filha, e a opinião publica tomando p..sse com pompa extraordinaria. A sua grande esquadra, reunida á dos Gregos, rechassou os Vandalos de todas as ilhas do Mediterraneo, e estava já a apoderar-se de Carthago, quando foi incendiada pelo inimigo, mediante a traição de Ricimero e do almirante grego Basilisco. Tendo-se o imperador irritado bastante, Ricimero, além de lhe crear inimigos por toda a parte, deu a purpura ao grego Olybrio; saqueou Roma e matou ao proprio Anthemio; porém dentro em breve elle mesmo succumbiu a medonhas convulsões.—5) *Olybrio* (72) tomou posse e morreu repentinamente.—6) *Glycerio* (73) foi reconhecido no Occidente, mas Leão I mandou contra elle *Julius Nepos*, principe de Salona.—7) Este (474—75) prendeu Glycerio, e conseguiu fazel-o sagrar bispo de Salona; sendo, porém, expulso pelo general *Orestes*, outrora secretario de Attila, voltou para a sua terra natal, onde foi recebido com demonstrações de jubilo pelo povo e por seu bispo *Glycerio*.—8) *Romulo Augustulo* (75—76), nomeado imperador por Orestes, seu pae, foi deposto pelo hérulo *Odoacro*, que assumiu o titulo *de rei dos Hérulos*, e teve posteriormente de ceder o logar a Theodorico.

Periodo II das invasões

190) **Os Saxonios**—estanciavam nas margens do *Weser* e do *Elba* quando passaram para a Bretanha a pedido dos Bretões, que, desamparados pelos Romanos (411), se viam expostos ás pilhagens dos Pictos e dos Scotos. Seus chefes principaes foram (1):—1) os dois irmãos *Hengisto* e *Horsa*, que, depois de receberem a ilha de *Thanet* em premio de seus relevantes serviços, invadiram de novo o paiz fundando o reino de *Kent*, capital *Cantuaria* (Kanterbury, 455);—2) *Ælla* deu principio ao reino de Sussex (saxonios do sul), capital *Chichester* (491);—3) *Cerdic*, o fundador do reino de *Wessex* (saxonios do oéste), capital *Winchester*

(1) Conservára a Bretanha, sob os Romanos, tres povos distinctos, a saber: os *Cambrios* ou *Gallezes* no oéste que pareciam indomaveis; os *Caledonios* (Pictos e Scotos), que eram ainda independentes; os *Locrios* no léste e no sul, que tinham adoptado a civilização romana, e que, ao retirarem-se as legiões romanas, começaram a soffrer as invasões dos outros povos.

(516): —4) *Erkenwin* creou o reino de *Essex* (saxonios do léste), capital Londres (526). Comquanto um chefe bretão, chamado *Arthur* ou *Artus*, resistisse aos Saxonios derrotando-os por diversas vezes, a independencia da Bretanha pereceu com elle em 542.

191) **Os Anglos**—chegaram mais tarde, e, sob a direcção de seus chefes *Idda*, *Offa* e *Cida*, lançaram os alicerces dos reinos de *Northumberland* (547), capital *York*; de *Est-Anglia* (571), capital *Norwich*; e de *Mercia* (584), capital *Lincoln*. Completada deste modo a *Heptarchia* ou confederação de sete reinos, os Anglo-saxonios mudaram o nome de Bretanha pelo de Inglaterra, e perseguiram os antigos habitantes, que fugiram, parte para as montanhas do oéste, parte para a *Armorica*, que por isto se chamou *Bretanha Menor*.— O facto mais notavel da Heptarchia é a *conversão* da Inglaterra por S. Agostinho, que, mandado por S. Gregorio Magno á frente de quarenta benedictinos, converteu (597) o reino de Kent juntamente com *Ethelberto*, seu rei (560—616), e, fundando a sé metropolitana de Cantuaria, propagou o Christianismo em quasi todo o resto da Ilha. Em consequencia de guerras civis e do perigo de novas invasões, *Egberto*, rei de *Wessex*, eleito *Bretualda* ou general em chefe de toda a confederação, reuniu a Heptarchia sob o mesmo sceptro e tomou o titulo de rei da Inglaterra em 827.

192) **Os Francos**—cujo esforço era desde longo tempo conhecido em todo o imperio, moravam nas margens do Rheno quando reclamaram o seu quinhão na Gallia Romana, já tão fraccionada por tantos barbaros e usurpadores. Como estivessem divididos em diversas tribus, pouco nos conta a historia a respeito de seus chefes antigos. De *Pharamundo* e de *Clodion*, mal nos transmittiu os nomes; de *Meroveu* (448—58), sabemos que concorreu para a derrota de Attila, e legou o seu nome á primeira dynastia franca. *Childerico* (458—81), expulso por devasso (464), voltou e, procedendo com acerto, mereceu deixar o throno a seu filho, o rei mais illustre da primeira dynastia.— *Clovis ou Clodovéu* (81—511) estabeleceu, consolidou e dilatou o poder dos Francos na Gallia. No principio do seu reinado, seis povos occupavam esse paiz dividindo-o entre si. Os Francos, ao norte; os Romanos, no centro; os Bretões ou Armoricanos, no oéste; os Alamanos ou Allemães, ao nordéste; os Burgundios, no léste; os Wisigodos, no sul. Estes dois eram arianos; os Romanos e os Bretões, catholicos; os

Francos e os Allemães, pagãos. Havendo *Clovis* obtido do imperador Zenon o titulo de *mestre* da milicia romana nas Gallias, aggrediu, venceu e matou Syagrio, que governava os Romanos. Casou-se com *Clotilde*, sobrinha do rei dos Burgundios, (1) ao qual mais tarde declarou guerra para vingar a morte do seu sogro (500); tirou aos Wisigodos o paiz comprehendido entre o Loira e o Garonna; fixou a sua capital em Pariz (506), e resistiu a uma invasão de Alamanos, que esmagou em *Tolbiac*, hoje Zuipick, em 495. Estavam os Francos a ponto de voltar costas, quando conseguiram uma gloriosa victoria fazendo o seu rei voto de adorar o Deus de Clotilde. Abraçou, portanto, este o Christianismo, e foi baptizado por S. Remigio, bispo de Reims (496). Como nesta epoca todos os thronos do mundo fossem occupados por principes pagãos ou hereticos, esta conversão alegrou summamente todos os Catholicos, e valeu á França o bello titulo de *Filha Primogenita da Egreja*.

193) **Os Ostrogodos**—ou Godos do oriente submetteram-se aos Hunos (376), e conservaram-se além do Danubio, emquanto os Wisigodos invadiam a Europa occidental e se fixavam na Hespanha. Recuperando a liberdade em seguida á morte de Attila, fizeram assento na Pannonia, e devastaram por diversas vezes a peninsula dos Balcanos. Theodorico, seu rei, apoiou o imperador Zenon contra os seus competidores, e foi remunerado com a investidura da Italia. Entrando, pois, na Peninsula e derrotando duas vezes a Odoacro, derrubaram os Ostrogodos a monarchia dos Hérulos e fundaram um poderoso reino fixando a capital em Ravenna. *Theodorico* (488—526) matou em um banquete a Odoacro, que despira as armas com a condição de ter parte no governo; conseguiu por via de casamentos e allianças uma especie de supremacia entre os outros reis barbaros; extendeu a sua protecção até a Hespanha, a Illyria e a Pannonia; cercou-se de sabios catholicos como *Boecio, Symmaco* e *Cassiodoro*; deu impulso á agricultura, ás artes, ao commercio; introduziu, entre seus barbaros, os costumes romanos e governou com moderação. Respeitou por algum tempo o Catholicismo; porém, tornando-se, no fim da vida, violento e perseguidor, fez morrer cruelmente o papa S. João I, Boecio, Symmaco e varios outros.

(1) Este rei dos Burgundios era *Gondebaud* que assassinára Gondemar e Chilperico, seus irmãos, bem como a rainha, mulher deste ultimo e mãe de Clotilde. Em seguida tirou egualmente a vida a Godegisile, seu terceiro irmão. Vide Greg. tur., liv. II, n. 32, 33.

194) **Seus successores**—foram *Athalarico* (526—34), seu neto, que reinou sob a tutela de *Amalasuntha*, (1) sua mãe; teve por ministro Cassiodoro, e pereceu victima da sua intemperança.—*Theodato* (534—36), assassinando Amalasuntha, sua prima e mulher, que o elevára ao throno, offereceu a Justiniano um plausivel pretexto para mandar invadir a Peninsula pelo general Belisario.—*Vitiges* (36—39), acclamado rei pelo exercito que acabava de depor Theodato, foi vencido por Belisario e levado a Constantinopla, onde passou na obscuridade o resto de seus dias.—*Totila* (541—52), eleito depois do curto reinado de *Ildibaldo* e de *Ararico*, combatendo heroicamente contra Belisario, reconquistou toda a Italia; vencido, porém, pelo general Narsés em (2) Tagina (52), succumbiu ás feridas que recebera no combate.—*Teia* morreu na batalha de *Nocera* (3) (553), e com elle acabou para sempre o reino dos Ostrogodos. Irritado, comtudo, por um insulto grosseiro da imperatriz Sophia, perdeu pouco mais tarde (70) Narsés o fructo das suas victorias convidando os *Lombardos* para a Peninsula. (4) Os Gregos conservaram apenas a Baixa Italia, o ducado de Roma, e o territorio de Ravenna com o nome de *Exarcado*.

195) **Os Lombardos**—que tinham outrora sahido das costas do Baltico e actualmente estanciavam na *Pannonia*, responderam pressurosos ao convite de Narsés passando á Italia e fundando um reino, cuja capital foi *Pavia*. Seu governo era feudal; seus reis, electivos. Os mais distinctos delles foram estes:—1) *Alboino* (570—73) conquistou grande parte da Peninsula, que dividiu em 36 ducados, e pereceu assassinado por ordem de Rosamunda, sua mulher e filha do rei dos Gepidas, a quem elle matára.—2) *Cleph* (73—75), cuja morte foi seguida por um interregno de dez annos. —3) *Autharis* (85—91) casou-se com Theodolinda, filha de Garibaldi, duque da Baviera, a qual converteu ao Catholicismo os Lombardos, até então arianos, e fabricou a *Coroa de Ferro* encerrando nella um cravo da Cruz de N. S. J. C. que recebera de S. Gregorio Magno.—4) *Agilulpho* (91—615),

(1) *Amalasuntha* (a virgem dos Amales), filha de Theodorico, casou-se primeiro com *Eutherico*, e depois com Theodato. Athalarico era fructo do primeiro casamento.

(2) Chamava-se tambem *Busta gallorum*, hoje *Lentagio* ou *Bastia*, na Umbria ao N. E. de Perusa.

(3) A 14 k. N. O. de Salerno.

(4) Remetteu-lhe a imperatriz um fuso e uma roca mandando-lhe dizer que em suas mãos estavam melhor esses instrumentos do que a espada, e que por isso voltasse a Constantinopla para alli tomar conta do gynecéu.

duque de Turim, elevado ao throno por Theodolinda, com a qual se uniu em matrimonio, abateu o orgulho dos nobres.—5) *Adaloaldo* (15—25), filho de Theodolinda, foi o primeiro que cingiu a *Coroa de Ferro*. (1)—6) *Ariowaldo* (25—36), genro de Theodolinda.—7) *Rotharis* (36—52) protegeu os Arianos, tirou a Liguria aos Gregos, publicou o primeiro codigo lombardo e forcejou para subtrahir o throno á eleição dos duques.—8) *Luitprando* (712—44), eleito e reconhecido por todos apoz meio seculo de anarchia e de guerra civil, humilhou os nobres e assolou o territorio romano, consentindo afinal em assentar pazes com o papa S. Zacharias.—9) *Rachis* (44—49), abdicando, retirou-se para o Monte-Cassino.—10) *Astolpho* (49—55), tendo occupado o *Exarcado* e a *Pentapole* (2), estava tratando de tomar tambem Roma, quando *Pepino* o *Breve* o obrigou a restituir tudo (54).—11) *Desiderio* ou *Didier* (755—74), havendo renovado a mesma tentativa, foi por Carlos Magno vencido, deposto e fechado em um mosteiro, conforme diremos em outro logar.

IMPERIO DO ORIENTE, 395—640.

196) Os primeiros imperadores—do Oriente foram:—1) *Arcadio* (395—8), inepto e vicioso, morreu na edade de 32 annos, alvo do odio e do desprezo geral.—2) *Theodosio II*, o *Calligrapho* ou o *Joven* (408—50), apesar dos sabios conselhos de Pulcheria, sua irman, que dirigira os destinos do paiz, durante a sua menoridade, abandonou o governo a seus ministros, *Anthemio* e *Chrysaphio*, que protegeram os heresiarchas Nestorio e Eutychio. Pagou vergonhoso tributo aos Hunos, mas conseguiu a gloria de impor aos Persas a liberdade religiosa em beneficio dos Christãos; de promover o estudo das sciencias, lettras e artes, e de publicar o codigo theodosiano, redigido pelo jurisconsulto Antiocho. E' o primeiro codigo official conhecido.—3) *Marciano* e *S. Pulcheria* (450—56) arredaram com sua firmeza os barbaros, e restituiram a paz ao imperio concorrendo efficazmente para a reunião do concilio de Chal-

(1) Theodolinda residia em *Monza*, onde ainda se conserva a *Coroa de Ferro*, que é muito rica, mas leva este nome em vista do cravo que encerra. Tem sido sempre a coroa do rei da Italia.

(2) A Pentapole comprehendia Rimini, Pesaro, Fano, Senegaglia e Ancona.

cedonia (51) que condemnou a heresia de Eutychio.—4) *Leão I o Grande* (457—74), natural da Thracia, eleito pelo senado, foi o primeiro imperador que se fez sagrar. Deu dois imperadores ao Occidente e sua filha Arianna a Zenon, chefe de salteadores na Isauria; excluiu dos empregos publicos todos os acatholicos; remiu a imperatriz Eudoxia, e legou o throno a Leão II, seu neto, que dentro em breve falleceu, talvez, por culpa de Zenon, seu pae.—5) *Zenon o Isaurico* (474—91), auxiliado por Theodorico, a quem cedeu a Italia, derrotou diversos competidores. Favorecendo os Monophysitas e o scisma de Acacio, acabou detestado por todos. Parece ter sido enterrado vivo por sua mulher Arianna, que logo depois contrahiu matrimonio com o *silenciario Anastacio* (91—518).—6) Este, apoiando os hereges e a facção dos *Azues* contra a dos *Verdes* (1), bem como tentando mudar a disciplina ecclesiastica e reformar o Evangelho, causou sanguinolentas desordens na capital e nas provincias. Pereceu victima de um raio em um subterraneo do seu palacio.—7) *Justino o Velho* (518—21), outrora pastor na Thracia, não sabia nem ler, nem escrever, mas possuia grande tino para os negocios e a escolha de seus ministros. Como fervoroso catholico, poz termo ao scisma de *Acacio*; hospedou dignamente em Constantinopla o papa S. João I, e renovou contra os acatholicos as leis publicadas por Theodosio II e Leão I.

197) **Justiniano I** (527—65)—já associado ao throno por Justino, seu tio, era dotado de vasto e profundo saber, mas falto de energia. Comtudo adquiriu Justiniano gloria immorredoura, graças a seus bravos generaes e sabios jurisconsultos. Mandou Belisario contra os Vandalos da Africa que em 534 foram vencidos na batalha de Tricameron (2); e contra os Ostrogodos da Italia, subjugados posteriormente por Narsés.—Belisario foi ainda util na revolta *Nika* ou

(1) Dois partidos rivaes nos jogos do circo.

(2) A Genserico, fallecido em 477, succedera Hunerico, seu filho, cujo reinado foi uma serie de crimes de toda a qualidade. Desterrou todos os bispos, e, segundo dizem, tirou a vida a mais de 40.000 catholicos, muitos dos quaes deportou para o interior da Africa depois de arrancar-lhes a lingua. A Africa estava mudada em um deserto, e os Vandalos haviam perdido todo o seu esforço militar, quando *Gilimerio* derrubou do throno a *Hilderico*, alliado de Justiniano e favoravel aos Catholicos. Apresentou-se, portanto, Belisario como libertador. Batendo duas vezes a Gilimerio e cercando-o no monte *Papuas, na Numidia*, obrigou-o pela fome a entregar-se. *Tricameron*, na Byzacena, a 32 k. S. O. de Carthago.

sedição dos *Azues* e dos *Verdes*, que, incendiando larga parte de Constantinopla, estiveram a ponto de derrubar do throno o imperador.—Contra os Persas sustentou Justiniano tres guerras, que exigiram grandes sacrificios, e não déram em resultado vantagem alguma. Pois *na I guerra* (29—31), Belisario, desbaratado em *Callinico*, na Mesopotamia, mal poude conservar a Syria e obter uma tregua de nove annos. —*Na II guerra* (540—45), Chosróes o Grande, embora repellido de Antiochia, que acabava de reduzir em cinzas, logrou occupar *Edessa* e impor ao imperio avultada contribuição de guerra.—*Na III* (549—62), renovando Chosróes as hostilidades antes do prazo ajustado e derrotando por muitas vezes os Romanos, dictou-lhes em fim um tratado pelo qual, cedendo a Colchida, obrigou-os a pagar um vergonhoso tributo annual (1).

No interior, o reinado de Justiniano tornou-se notavel por diversas reformas uteis, por grandes trabalhos legislativos, por sumptuosos monumentos levantados na capital e pela protecção concedida ao commercio, ás lettras e ás bellas artes. Deshonrou-se, porém, Justiniano cedendo á influencia de Theodora, sua mulher, favorecendo os hereges e opprimindo a Egreja, cujo ministerio usurpou. Teve a pretenção de decidir a controversia dos *Tres Capitulos*, de dominar o concilio V (553), de depor o papa S. Silverio, e o papa Vigilio a quem por sete annos teve preso em Constantinopla.

198) **Sob os successores de Justiniano**—cahiu de novo o imperio na obscuridade e desordem. Com effeito Justino II (565—78), seu sobrinho, vicioso e mentecapto, perdeu a Italia (70) e pagou tributo aos Avaros. Quem governou o paiz em nome delle, foi a orgulhosa imperatriz Sophia, sobrinha de Theodora. Os Persas assolaram neste mesmo tempo as provincias orientaes.—*Tiberio II* (578—82) e *Mauricio* (82—602) luctaram sem vantagem contra os Persas o os Avaros.—*Phocas* (602—10), elevado por uma sedição militar, executou Mauricio com toda a sua familia, e trabalhou só em satisfazer suas paixões, emquanto o imperio era devorado pela anarchia e invadido pelos barbaros. Assassinou-o por fim Heraclio, filho do exarca da Africa, que se proclamou a si mesmo imperador. Entregando-se

(1) Foi durante esta ultima guerra que alguns missionarios trouxeram, dentro de uma bengala, da China para a Grecia, a semente do bicho da seda.

Heraclio (610—40) á molleza e á dissipação, o imperio foi ameaçado da ultima ruina pelos Persas, que chegaram até Chalcedonia, e pelos Avaros, que talaram o paiz até os muros da capital. Tendo finalmente cobrado animo, marchou contra os Persas, e, levando-os de vencida em tres campanhas consecutivas, obrigou-os a restituir todas as suas conquistas juntamente com a *verdadeira cruz*. O seu esforço, todavia, pouco durou. Quiz occupar-se de questões religiosas, e, depois de ser derrotado pelos Arabes na Syria, contrahiu uma grave doença mental que o atormentou quasi todo o resto de seus dias. Apagou-se com Heraclio o ultimo vislumbre da gloria do imperio grego, que desta data em deante recebe o titulo de *Baixo Imperio*.

Francos (511—752)

199) **Successores de Clovis**.—Ao grande Clovis ou Clodovéu, que falleceu em 511, succederam seus quatro filhos: *Thierry I*, rei de Metz; *Clodomiro*, rei de Orléans; *Childeberto*, rei de Pariz; *Clotario I*, rei de Soissons. Emquanto *Thierry I* se entretinha em conquistar a Thuringia alongando seus dominios até á fronteira da Bohemia (530), os outros tres levavam as armas contra os Burgundios, a quem submetteram de todo em 534. Como nesta guerra perecesse *Clodomiro*, os outros dois assassinaram os filhos delle á excepção de *Clodoaldo*, que se salvou fugindo para um mosteiro. Então Childeberto e Clotario I dividiram entre si os estados de Clodomiro. Clodoaldo (S. Cloud) foi mais tarde elevado ás honras dos altares. Reuniu dentro em breve (558) *Clotario I* sob o mesmo sceptro toda a monarchia franca por ter falhado a descendencia masculina de seus irmãos; havendo, porém, tirado a vida a *Chrammer*, seu filho, que se revoltára, acabou elle mesmo ralado de remorsos.

200) **Os filhos de Clotario I** (561—93)—desmembraram novamente a França: *Cariberto* (61—67) reinou em Pariz; *Gontran* (61—93), em Orléans e na Borgonha; *Chilperico I* (61—84), em Soissons, capital da *Neustria* ou paiz do oéste; *Sigeberto* (61—75), em Metz, cabeça da *Austrasia* ou paiz do léste. Tendo *Cariberto* fallecido sem posteridade, seus estados foram repartidos entre seus tres irmãos, que se dilaceraram em crua e longa guerra fratricida. E' nesta lucta que sobresaem por sua rivalidade e seus crimes *Brune-*

childa, mulher de Sigeberto, e *Fredegonda*, favorita e logo mulher de Chilperico. Pois querendo *Brunechilda*, vingar a morte de *Galsuintha*, sua irmã e mulher de Chilperico, assassinada provavelmente por *Fredegonda*, impelliu Sigeberto a declarar-lhe guerra. Estava esta a concluir-se com a victoria de Brunechilda e da *Austrasia*, quando Sigeberto foi morto (75) por emissarios de Fredegonda, infame mulher, que matou tambem seus enteados e ao proprio Chilperico (84) afim de assegurar o throno ao seu filho *Clotario*.

201) **Prefeitos do Palacio.**—A Sigeberto succedia, no entretanto, na Austrasia *Childeberto II* (75—96), seu filho, sob a tutela de Brunechilda e de um dos grandes senhores, que tomou o titulo de *Mordomo* (major domus) ou *Prefeito do Palacio*. Pelo tratado de *Andelot* (87) permittiu *Childeberto II* em favor dos leudas que os feudos se tornassem *vitalicios*, e obteve que a herança de *Gontran*, seu tio, ficasse para elle, si este morresse sem filhos varões, como aconteceu de facto. Deixou o reino a seus filhos: *Theodeberto II* (96—613) e *Thierry II* (96—613), que o quinhoaram entre si; porém Brunechilda dirigiu os destinos da Austrasia em nome de seus netos, como Fredegonda, emquanto viveu, governára a Neustria em logar de Clotario II, seu filho (84—628). Esmerava-se *Brunechilda*, em promover a civilização romana e proteger a religião, mas era detestada pelos leudas, á cuja arrogancia se oppunha com aspereza. Na occasião, portanto, de uma guerra contra a Neustria, os leudas apoiaram Clotario II, que, victorioso, reuniu sob o seu sceptro toda a monarchia franca, e fez barbaramente morrer *Brunechilda*, ligando-a á cauda de um cavallo feroz. Reconheceu, todavia, Clotario, no anno seguinte, os privilegios dos leudas, e a inamovibilidade do cargo de prefeito do palacio, acceitando no mesmo tempo o que se chamou *Constituição Perpetua de Paris*. Esta convenção que assegurava o triumpho da aristocracia sobre a realeza, marcou o primeiro passo á decadencia da I dynastia.

202) **Apogéu.**—No reinado de *Dagoberto I* (628—38), filho e successor de Clotario II, attingiram os Merovingios o apogéu da gloria. Pois Dagoberto *no exterior* arredou as incursões dos Wendes, Slavos e Bulgaros, que assolavam a Baviera, a Thuringia e a Bohemia. *No interior* dominou em quasi toda a Gallia, recebendo a submissão dos Bascos, e a homenagem de *Judicaël*, duque da Bretanha. Protegeu

o commercio, as lettras e as artes; fundou a abbadia de S Diniz, e cercou-se de ministros tão ficis, como Pepino de Landen o Velho, mordomo da Austrasia; S. Cuniberto, bispo de Colonia; (1) S. Arnaldo, bispo de Metz; S. Ouen, mais tarde bispo de Ruão; S. Eloy, habil ourives e posteriormente bispo de Noyon.

203) Decadencia. — *Reis indolentes (638—752).* — Os successores de Dagoberto I formam essa triste serie de reis indolentes, cuja historia não merece a honra de se contar. Durante esta epoca de decadencia, os prefeitos do palacio, que a principio eram apenas mordomos da casa real e simples tutores do rei em sua menoridade, adquiriram tão grande poder, que para serem monarchas só lhes faltava o nome. Os mais conhecidos delles foram Ebroino, Pepino de Heristal, Carlos Martello e Pepino o Breve.—*Ebroino*, sendo mordomo da Neustria, teve serias desavenças com S. Leger, bisbo de Autun, a quem atormentou por mil modos barbaros prendendo-o, vasando-lhe os olhos, cortando-lhe a lingua e decepando-lhe, por fim, a cabeça. Tirou a vida a diversos senhores e ao proprio rei Dagoberto II, acabando elle mesmo assassinado em 681. Os autores contemporaneos o compararam a Nero, a Decio e a Diocleciano (2).—*Pepino de Heristal*, duque da Austrasia, ganhando sobre a *Neustria* a victoria decisiva de *Testry* (687), governou desde essa data os dois paizes com o titulo de prefeito do palacio. Venceu os duques da Bretanha, da Frisia e da Germania, e legou o seu posto a *Carlos Martello*, seu filho. Este conquistou gloria immorredoura na batalha de *Poitiers* (732), onde anniquilou os Mahometanos. Esta victoria que valeu a Carlos o sobrenome de *Martello*, salvou a Europa e abriu a estrada para, ao depois, rechassar esses barbaros tambem da Provença e da Septimania. — *Pepino o Breve*, filho de Carlos Martello, foi no começo prefeito da *Neustria*, emquanto *Carlomano*, seu irmão, o era da *Austrasia*; porém, retirando se este para o Monte-Cassino (747), Pepino tornou-se

---

(1) *S. Arnaldo* que falleceu em 740, foi bispo de Metz desde 611 até 626. Antes de entrar na vida ecclesiastica era casado com uma tal *Dodé*, que se retirou para um mosteiro. Foi pae de *Anségise*, prefeito do palacio sob Sigeberto II, o Joven, rei da Austrasia (832—56): foi avô de Pepino de Heristal; bisavô de *Carlos Martello*; terceiro avô de Pepino o Breve e quarto avô de Carlos Magno.

(2) Vide D. Pitra:—Historia de S. Leger ou Leodegarius.

o unico arbitro da França. Havendo então consultado o papa S. Zacharias (752), relativamente á sua posição, e fechado Childerico III, ultimo rei merovingio, em um mosteiro, tomou o titulo de rei e foi sagrado por S. Bonifacio, apostolo da Germania.

MAHOMET — 570—632

204) **Invasão arabe.** — Mal haviam as invasões do Norte e do Oriente consentido algum repouso á Europa, quando appareceu outra raça de barbaros que puzeram em extremo perigo a civilização christan, e para os repellir foram necessarios longos seculos de gravissimos sacrificios. **A Arabia**—é uma vasta peninsula banhada pelo golpho Persico e pelo mar Vermelho. O seu clima é geralmente ardente; suas producções, variadas e preciosas. Seus habitantes dividiam-se antigamente em *mestiços* e *puros;* estes descendiam de tres filhos de *Heber*; aquelles de *Abrahão* por *Ismaël*, Céthura e Esaú. Antes do apparecimento de Mahomet, as cidades principaes da Peninsula eram *Meca* e *Yatreb*. Rival da primeira, foi mais tarde *Yatreb* honrada com o titulo de *Medina-al-Nabi* ou cidade do propheta. Existia em Meca um templo, chamado *Caaba*, que encerrava uma *pedra preta*, cahida, diziam, do céo e objecto de grande veneração. A religião dos arabes no seculo VII eram o *Sabeismo* ou culto dos astros, o *Judaismo* e o *Christianismo*, que penetrára no paiz desde o seculo precedente.

205) **Mahomet**—o fundador do Islamismo e do imperio dos Arabes, nasceu em Meca pelos annos de 570. Pobre, e orphão desde a edade de cinco annos, foi successivamente conductor de caravanas, negociante e militar. Tendo-se tornado rico por meio de um casamento, quiz tambem distinguir-se propagando pela espada uma religião nova de sua propria invenção. Começou prégando em segredo, recorrendo a diversas imposturas, e a apparições extranhas do archanjo S. Gabriel. Seus primeiros proselytos foram *Khadidja*, sua mulher; *Ali*, seu primo de onze annos, a quem prometteu nomeal-o seu successor; e *Zeide*, seu escravo, ao qual concedeu a liberdade. Afim de furtar-se ao odio do povo que tratava de matal-o, em 622 fugiu para Yatreb, onde adquiriu numeroso partido, fallecendo alli mesmo em 632, depois de occupar toda a Arabia e de fazer muitos preparativos para a conquista da

Syria.—**Korão ou Alkorão.** Dizia Mahomet que o archanjo S. Gabriel lhe mostrára o *Alkorão* ou livro por excellencia que se conserva no céo, e que o mesmo archanjo lhe trazia aos pedaços, conforme a exigencia das circumstancias. Contém, pois, o Alkorão a doutrina de Mahomet, mistura indigesta de *Sabeismo*, *Judaismo* e *Christianismo*. Estabelece antes de tudo a excellencia de Mahomet sobre todos os prophetas sem exceptuar o proprio J. C.; um paraizo todo sensual; um inferno, eterno só para os infies, e uma predestinação cega; faz Deus autor do mal moral e de todas as paixões humanas; ordena a oração cinco vezes por dia, o jejum de um mez cada anno; uma romagem á Meca uma vez na vida, e a guerra contra os infieis. Prohibe a virgindade, a carne de porco, o jogo e a musica; toléra o infanticidio, a polygamia e a escravidão.

206) **As conquistas dos Arabes**—são notaveis por seu numero, e pela celeridade com que foram realizadas. No correr de apenas um seculo conquistaram a Syria, a Palestina, a Persia e o Egypto com todo o resto da Africa romana. Passando para a Hespanha e galgando os Pyrenéos, occupariam a Europa toda, a não ser a victoria de Poitiers, ganha em 732 pelo grande Carlos Martello. A propria Constantinopla foi muitas vezes acommettida, devendo o ter-se salvado á preciosa invenção do *fogo* (1) *grego*. E', comtudo, de observar que essas conquistas foram alcançadas sobre povos desde longo tempo em decadencia, e que, por conseguinte, são muito menos admiraveis do que, a primeira vista, parecem.

207) **Os successores de Mahomet**—podem reduzir-se a tres categorias diversas. **A' I** pertencem os successores *directos* ou *electivos* que residiram em Meca até 664; **á II**, os successores *hereditarios* ou os *Ommiadas*. Estes transferiram a capital para Damasco, onde dominaram até 750. Passando dentro em breve para a Hespanha, senhorearam a Peninsula até 1031, época do desmembramento do califado de Cordova.—**A III** categoria é dos *Abbassidas*, que reinaram em *Bagdad* até 1258, quando cederam o logar aos Mongoles.—**Os Califas electivos** foram qua-

(1) *Callinico*, architecto natural de Heliopolis no Egypto, deu a invenção do *fogo grego* a Constantino Pogonato, que por meio delle incendiou (673) a frota dos Sarracenos em Cyzico. O segredo desta invenção perdeu-se. Dizem que Luiz XV, comprando-o, o occultou.

t
A
se
fi
le
A
a
blic
Medit
por um e
Cufa e de Ba
se da Persia, da
qual tirou os restos
genro e primo de Mah
desde longo tempo, suste
tra os generaes *Amru* e *M*
que o detestava. Finalmente
Mohaviah, filho de *Ommiah* e
miadas, na qual o califado se to
pois, começa essa scissão religiosa que ha de produzir o desmembramento do vasto imperio dos Arabes. Os partidarios dos Ommiadas tomaram o nome de *sunnitas* (de *sunna*, tradição), os de Ali receberam a alcunha de *schyitas*, que significa *separatista*. Estes reconhecem como legitimos unicamente Ali e seus onze successores; aquelles, tambem os tres califas precedentes.

208) **Califado hereditario** (661—750).—1) *Mohaviah* (61—80) levou a capital para Damasco, e luctou constantemente contra os partidarios de Ali. A sua frota foi repellida de Constantinopla por meio do *fogo grego*.—2) *Yesid I* (80—85). *Mohaviah II* e *Merwan I* não fizeram mais que assistir ás medonhas scenas da guerra civil, cujo fructo foi a usurpação de Abdallah, proclamado califa em Meca. — 3) *Abd el-Maleck* (85—705), filho de Merwan I, restabeleceu a unidade do califado tomando Carthago e subjugando os Berbéres.—4) *Walid I* (705—15), posto que indolente, teve um reinado brilhante, graças a seus generaes *Tarich* e *Musa*, que conquistaram a Hespanha (711).

---

(1) Tendo *Demetrio Poliorcete* doado suas machinas á cidade de Rhodes, esta ergueu o famoso colosso, todo de bronze massiço, obra de *Lachés* e de *Chares de Lindo*. Derrubado por um terremoto, esteve em pé apenas 56 annos: tinha 33 m de altura. Foram necessarios seiscentos camelos para transportar esses restos que um judéu, comprando-os, levou a vender na Asia. *Bouillet*.

la
os
a da
pcir-
a o
dite
reu
.tino-
.imo de
seus costu-
.nia.—7) *Yesid*
.oindo-lhes o culto
(24—43), em cujo rei-
/s (732), reprimindo di-
um momento a decadencia
tornou irreparavel.
I (43) foi sem detença assassi-
.rimo. Morrendo este de peste,
.m, seu irmão, que não tardou a ser derrubado por *Merwan II.* — 10) *Merwan* (44 — 50), bem que dotado de grandes qualidades, não conseguiu impedir o desmembramento do califado, porque as numerosas nações, vencidas e não assimiladas, começaram a reclamar cada uma a sua independencia. Finalmente *Abul-Abbás*, bisneto de Abbás, tio de Mahomet, collocou-se na Persia á frente de uma grande revolta assumindo em *Cufa* o titulo de califa com a *côr preta* por emblema afim de oppor-se aos Ommiadas, que tinham a *branca*. Merwan, derrotado perto de Mossul (749) e na batalha do Nilo, foi morto em uma mesquita (750).

209) **Os Abbassidas**—foram:—1) *Abul-Abbás* (750—54), que recebeu o nome de *sanguinario (al-saffah)*, inaugurou a dynastia dos *Abbassidas* matando noventa ommiadas. Salvou-se, fugindo, só o pequeno *Abderame*, que fundou o califado de Cordova — 2) *Abu-Giaffar-al-Mansor (o Victorioso*, 54—75)—transferiu a capital para *Bagdad*, que fundou sobre o Tigre (62), nos arrabaldes da antiga Seleucia.—3) *Harun-al-Raschid* (86—809)—cujo reinado foi o mais glorioso dos Abbassidas, subiu ao throno depois de tres califas obscuros. Cruel para com seus competidores, grande e generoso em tudo o mais, enviou a Carlos Magno um elephante e as chaves do S. Sepulchro; promoveu a litteratura; conquistou a Asia Menor, e reprimiu diversos levantamentos.—4) *Al-Mamun* (813—33), filho e successor de

Harun-al-Raschid, tirou Creta aos Gregos e imitou seu pae na protecção outorgada aos estudos (1)—5) *Al-Matassem* (33—42) destruiu Amorium, patria de *Miguel o Gago*, pae do imperador *Theophilo* (841). Luctou com as numerosas seitas musulmanas que appareceram no seu tempo, e, tomando ao seu serviço 50.000 turcos, excitou tanto a indignação publica, que foi obrigado a retirar-se para Sumara, sobre o Tigre. No entretanto os Turcos, tornando-se sempre mais prepotentes, elevando e depondo a seu bel-prazer os califas, causavam o *desmembramento definitivo do califado*. Pois os Musulmanos da *Hespanha* haviam desde 756 proclamado a sua independencia chamando o ommiada *Abderame* que fundou o califado de Cordova. Um pouco mais tarde tornaram-se tambem independentes, lacerando-se entre si em guerras civis, os *Aglabitas* em Carthago (800—919); os *Edrissitas* na Mauritania (785—919) e os *Fatimitas* no Egypto (900—1171).

210) Civilização arabe.—Comquanto *Mahomet* se gabasse de não saber nem ler, nem escrever, dizendo que só por milagre lia os trechos trazidos pelo archanjo S. Gabriel, e bem que seus primeiros successores, fieis aos preceitos do *Alkorão*, mostrassem não pequena antipathia ás sciencias e ás lettras; comtudo, quando os Arabes se tornaram senhores de tantos povos civilizados, sentiram pejo da sua ignorancia, e receberam de seus vencidos o gosto para o estudo e a civilização. Isto mesmo se havia dado outrora com os Romanos a respeito dos Gregos, e com os barbaros do norte relativamente aos povos civilizados da Europa. De facto os Arabes não tiveram nenhum autor respeitavel, nem fundaram collegios ou academias sinão depois de suas conquistas, e de travarem relações com os Christãos. E', portanto, do Christianismo, não do Alkorão, que deriva toda a gloria da civilização arabe. Não ha, porém, duvidar que, durante o periodo da sua grandeza, elles sobresaem particularmente em *Cordova* e em *Bagdad*. Cumpre tambem observar que a esta supremacia da civilização arabe dá grande realce a sombra, fructo das invasões dos barbaros, em que nesse mesmo periodo estava abys-

(1) Favoreceu com particular predilecção a medicina botanica, chimica e astronomia. Mandou traduzir um grande numero de autores gregos, rever as taboas de Ptoloméu, medir de novo a obliquidade da ecliptica e um gráu do meridiano; fundou diversos collegios; possuia em seus jardins arvores de ouro e de prata. No seu palacio assistiam 700 porteiros.

mada a Europa (1). Os principaes autores dos Arabes são os seguintes: *Alkindi* ou *Alkindius*, medico do seculo IX; *Alfarabi*, philosopho do seculo X; *Albufeda e Edrissi*, geographos, que no seculo XI viveram na côrte de Rogerio, rei da Sicilia; *Averroë*, philosopho do seculo XIII; *Avicenna*, philosopho e medico persa do seculo X; *Abdallatif*, medico e historiador arabe do seculo XIII, muito estimado, residia em Damasco, visitou o Egypto e foi protegido pelo grande Saladino. Os califas, notaveis pela protecção outorgada ás lettras e ás artes, foram: Abu-Giafal-Mansor, Harun-al-Raschid e Al-Mamum em *Bagdad*; *Al-Haken* I e II, Abderame II e III em *Cordova*. Quanto ás artes, os Arabes adquiriram immensa gloria por sua architectura e agricultura, pelo fabrico das armas, da seda, lan, etc.

CARLOVINGIOS (752—937)

211) **Pepino o Breve (752—68)**—pae de Carlos Magno, foi o primeiro rei da segunda dynastia franca.—*Suas façanhas* principaes, depois de subir ao throno, cifram-se em diversas expedições contra os barbaros da Germania, na expulsão dos Musulmanos da Septimania (59), numa guerra sanguinolenta de nove annos contra o duque da Aquitania, que por ser da dynastia precedente, lhe recusava a homenagem, e em duas expedições contra os Lombardos. Pois os *Lombardos* capitaneados por Astolpho, seu rei, tratavam de occupar a Cidade Eterna e o resto da Italia Portanto o papa *Estevam II* ou *III* (2), depois de reclamar inutilmente o auxilio de *Constantino Copronymo* e de ir em pessoa ter com Astolpho em Pavia, recorreu a Pepino, que, vencedor em duas campanhas, tirou aos Lombardos o Exarcado e a Pentapole doando tudo a S. Pedro, conforme promettera na assembléa de Kiersy (53).

212) **Carlos Magno (68—814).**—Pepino deixou o reino a seus filhos *Carlos* e *Carlomano*. Fallecendo este dentro em breve, seus filhos, depostos pelos leudas da Neustria, retiraram-se para Pavia. Começou então o glorioso reinado de Carlos, a quem a posteridade conferiu o titulo de *Magno*, por suas façanhas, por sua fé profunda, por seu

(1) Vide Carlos Lenormant—*Questões historicas: seculos V—IX*.

(2) Como Estevam II fallecesse antes de ser consagrado, alguns não o collocam entre os Papas Para evitarmos, pois, a difficuldade, diremos: Estevam II ou III, etc.

vasto genio e por ser o primeiro imperador do novo imperio do Occidente—**As principaes empresas** militares de Carlos Magno foram *cincoenta e tres campanhas*, em que sahiu sempre vencedor quando commandou em pessoa. Resumem-se, estas campanhas, nas tres guerras seguintes:—*I contra os Lombardos* (73);—*II contra os Saxonios* (72—803);—*III contra os Sarracenos da Hespanha* (78).

A guerra da Hespanha—teve origem na animosidade de alguns walis do nordéste contra o emir de Cordova. Carlos fez atravessar as montanhas por dois exercitos, um dos quaes elle proprio capitaneava. Depois de occupar Pamplona, foi obrigado a retirar-se não tanto por um levantamento geral dos Sarracenos, como em consequencia de uma nova invasão dos Saxonios no territorio franco. E' celebre nesta retirada a destruição total da retaguarda, commandada pelo paladino *Rolando*, sobrinho de Carlos. Os assaltantes foram os Vasconios, montanhezes selvagens descendentes dos antigos Ibéros, que, soltando rochedos do cimo dos barrocaes sobre os Francos, fizeram nelles horrivel matança. Deu se este desastre nos desfiladeiros de *Roncesvalles*.

Provocaram a **Guerra contra os Saxonios** as correrias e pilhagens destes no territorio franco. Tomaram-lhes na primeira campanha a fortaleza de *Ehresburgo*, onde deram cabo do idolo colossal *Irmensul*; como, porém, os Saxonios, capitaneados por *Wittikind*, recusassem submetter-se violando por muitas vezes suas promessas e assassinando numerosos missionarios; Carlos invadiu lhes o territorio todo, transferiu parte de suas tribus para o interior do imperio, castigou outros com severidade exemplar e por fim os subjugou a todos em 802 (1). **A guerra contra os Lombardos**—ateou-se, porque o rei *Desiderio*, pretendendo imitar Astolpho, seu predecessor, ameaçava Roma e o mais da Italia. Galgando, pois, os Alpes, a pedido do papa *Adriano I*, occupando Pavia, e fechando Desiderio em um mosteiro, Carlos tomou a *Coroa de Ferro* e renovou a doação feita por Pepino á S. Sé.

213) **C. Magno, imperador.**—A gloria e grandeza de Carlos parecia já tocar o zenith, quando o papa S. Leão III a elevou ainda mais na noite de Natal de 800; pois,

(1) E' verdade que C. M. decretou a pena de morte contra quem professasse a idolatria; mas, admoestado pelo Papa, annullou, como bom catholico, esse decreto que na verdade seria injusto e até cruel.

havendo o convidado a Roma para punir alguns salteadores que pouco antes o tinham privado da lingua e dos olhos, deu-lhe a coroa de ouro e o titulo de imperador com summo jubilo de todo o mundo christão. Cumpre, porém, observar que este titulo de imperador não conferia direito algum civil ou religioso sobre Roma, nem sobre a Egreja; porque seu valor cifrava-se *tão sómente em constituir* quem o recebia *protector armado* de Roma, de seus estados e da Egreja em geral: *Sanctæ Romanæ Ecclesiæ ensis clipeusque*, como se assignava Carlos Magno. Tal é a interpretação apresentada pelo proprio S. Leão em uma bulla expedida naquelle mesmo dia; e tal é outrosim a idéa que deste novo imperio romano formaram todos os successores de S. Leão III, aos quaes pertencia exclusivamente declarar qual fosse o valor de um titulo *livremente* creado e concedido por elles. Com effeito C. M., em virtude desse novo titulo, não augmentou seus dominios; pelo contrario, confirmou mais uma vez a doação feita por Pepino. E' verdade que o imperador muitas vezes exercia em Roma o poder judiciario e que os Romanos lhe prestavam juramento de fidelidade, mas é egualmente verdade que tudo isto se fazia por ordem do Papa, e que a formula do juramento ao imperador acabava sempre com estas palavras: *Salva, tamen, fide debita Domino Papæ*, salva a fidelidade devida ao Papa (1).

DECADENCIA DO IMPERIO DE C. MAGNO

214) **Luiz o Piedoso (814—40).** *A decadencia do imperio franco-romano*—começou logo depois da morte de C. Magno, que occorreu em Aquisgrana ou Aix-la-Chapelle em 814, septuagesimo segundo anno da sua edade. Como Luiz o Piedoso, seu successor, carecesse das prendas necessarias para tão alta posição, o seu imperio ficou victima de grandes desordens no interior, e dos barbaros no exterior. O erro fundamental de Luiz consistiu em dividir (817) seus dominios entre seus filhos, *Lothario*, *Pepino* e *Luiz* o *Germanico*, de modo, que nada reservou para si. Tratando mais tarde de modificar esta primeira divisão para dar uma parte a *Carlos*, fructo de um novo casamento, foi por seus filhos rebeldes vencido, preso, e fechado em um mosteiro. A dieta de *Nimega* restituiu-lhe

(1) Vide Brunengo—*Le origini della sovranità temporale dei Papi.*

o throno, porém seus desnaturados filhos pegaram em armas ainda duas vezes, fazendo morrer de amargura seu velho pae (1).

215) **Desmembramento.**—Mal fallecera o bom rei Luiz, quando *Lothario (40—55)*, não satisfeito com o titulo de imperador que recebera do seu pae, pretendeu impor a seus irmãos uma suzerania effectiva. Travou-se, portanto, uma guerra em que, sendo Lothario batido por Carlos e por Luiz em Fontenay (2) (23 de Junho 841), foi deposto na dieta de *Aquisgrana*. Recuperou, todavia, Lothario o titulo de imperador na paz de *Verdun* (43), que consagrou a divisão do imperio creando os quatro reinos seguintes: —*O Reino Oriental* ou *Allemanha*, ao norte da Italia e a léste do Rheno; *o Occidental* ou *França*, comprehendido entre a Mancha, o Atlantico, o Ebro, o Rhodano, o Saôna e o Mosa; o *Central*, composto dos paizes situados entre a França e a Allemanha; *o da Italia* que abrangia toda a Peninsula, fóra o que ainda era occupado pelos Gregos. —*Carlos o Calvo* conservou a França sem reinar na Bretanha, onde *Nomenoe*, já se tornára independente, nem na Aquitania em que *Pepino II* succedera a Pepino I, seu pae, fallecido em 838.—*A Luiz* o Germanico coube a Allemanha; a *Lothario*, o Reino Central e a Italia. *Lothario* abdicou (855) em favor de seus filhos:—*Luiz*, que recebeu a Italia com o titulo de imperador; *Carlos*, que tomou a Provença; e *Lothario II*, que ficou com a parte norte do Reino Central. E' o paiz que desta data em deante se chamou *Lotharingia* e mais tarde *Lorena*.

Luiz II (855—75) restaurou a ordem na Italia desalojando de Bari os Sarracenos e subjugando os ducados de Benevento, de Salerno e de Capua. **Carlos o Calvo** (875—77) coroado imperador pelo papa João VIII, deixou que os grandes senhores se tornassem quasi independentes (3),

---

(1) O primeiro a revoltar-se foi *Bernardo*, neto de C. M. e rei da Italia. Feito prisioneiro (818), foi condemnado á morte; mas *Luiz*, seu tio, mudou esta pena pela de ter os olhos vasados.

(2) *Fontenay* ou *Fontanet*, na Borgonha, a 28 kms. S. O. de Auxerre.

(3) Havendo *Carlos o Calvo*, antes de cingir a coroa imperial, pelo capitular de *Pistes* (64), como rei da França, ordenado a demolição dos castellos que os nobres erguiam em toda a parte com o pretexto de se defenderem contra os Normandos, ninguem lhe obedeceu. Mais tarde o mesmo *Carlos o Calvo* pelo capitular de *Kiersy-sur-Oise* (77) declarou hereditarios os *beneficios* ou *feuaos*, bem como os *cargos de governador de provincias e districtos*.

e a França fosse invadida pelos Normandos contra os quaes, no entretanto, combatia heroicamente *Roberto o Forte*, conde de Pariz —**Carlos o Gordo (881—87)**.—Depois de uma vaga de quatro annos, deu o papa João VIII a coroa imperial a *Carlos o Gordo*, filho de Luiz o Germanico, que restabeleceu a unidade do imperio de C. Magno reunindo (1) sob o seu sceptro a Allemanha, a Italia e a França. Sendo elle, todavia, deposto na dieta de *Tribur* (887), o imperio desmembrou-se definitivamente nos reinos da Germania, da França, e das duas Borgonhas, transjurana e cisjurana (d'além e d'áquem do monte Jura).—A Bretanha, a Aquitania e a Navarra já tinham nesse tempo conquistado a sua independencia. Alguns annos depois tornaram-se independentes tambem a Lorena e a Borgonha Cisjurana ou *Provença*, chamada mais tarde *Reino de Arles*. Organizou-se nesta mesma epoca o reino da *Italia* ou antes da *Lombardia*, cuja coroa disputaram por largo tempo juntamente com a coroa imperial *Guido e Lamberto* de Spoleto, *Berengario* (Berenger) do Friule e os reis da *Borgonha* e da *Provença* ou de *Arles*.

INVASÕES DOS SECULOS IX E X

216) Slavos e Hungaros—Durante os seculos IX e X invadiram a Europa os *Slavos*, *os Hungaros* ou *Madgyares*, os *Sarracenos* e os *Normandos*. — **Os Slavos** foram contidos sem muito custo na Germania, onde fundaram diversos reinos, dos quaes diremos alguma cousa em outro logar.—**Os Hungaros**, que vinham dos montes *Uraes* estanciavam na *Dacia* (889) quando os chamou o imperador *Arnulpho* afim de oppol-os aos *Moravios*. Assolaram toda a Germania e parte da França, chegando até á Provença, donde os rechassou o rei Raul. Penetraram tambem por varias vezes na Italia avançando até ás portas de Roma e deixando profundos vestigios da sua passagem. Obrigaram-nos por ultimo *Henrique o Passarinheiro* e *Othão o Grande* a fazerem assento na *Pannonia* que desde então se ficou chamando *Hungria*. Abraçaram mais tarde o Christianismo, e *S. Estevam*, seu duque, recebeu do papa Silvestre II, no anno mil, o titulo de rei e de apostolo da Hungria.

---

(1) O facto desta reunião deu-se por morte de *Luiz III* (882) e de *Carlomano* (84), filhos e successores de *Luiz o Gago*, que occupára o throno da França como rei desde 77 até 79.

217) **Os Sarracenos**—da *Sicilia* e da *Hespanha* invadiam neste mesmo tempo bem frequentemente o sul da França e quasi toda a Italia, pondo a ferro e fogo o paiz, e levando captivos a quantos habitantes conseguiam prender. Na Italia haviam chegado até os arrabaldes de Roma, occupado varios pontos principaes, erguido diversas fortalezas, e já tratavam de conquistar a Peninsula inteira. Em conjuncturas tão arriscadas, os Papas, armando-se e repellindo a pouco e pouco os invasores, salvaram do extremo perigo a Italia e a Christandade.

218) **Os Normandos**—ou homens do Norte, eram barbaros da Jutlandia, que, sahindo do Baltico em frageis barcas, espalhavam o terror, havia já tempos, pelas praias da Inglaterra e da França. Subindo pelos rios visitavam com estragos, roubos e mortes os povos ribeirinhos fazendo saltos em terra e saqueando os logares abertos. Fugiam então de subito com velocidade incrivel, levando presos a quantos logravam apanhar. O seu numero era incalculavel. A Hollanda, a Belgica, a Inglaterra, a França e parte da Hespanha foram por elles devastadas do modo mais completo. Em 886 sitiaram, durante treze mezes, a cidade de Pariz, defendida com heroico valor pelos monges, por Goslin, seu bispo, e por *Eudes*, filho de Roberto o Forte. Foi neste lance difficil que o imperador *Carlos o Gordo*, em logar de esmagar esses barbaros, concedeu-lhes a Borgonha para seus quarteis de inverno, sendo por isto deposto na dieta de *Tribur* em 887.—*O rei Carlos o Simples* em 911 tratou com um dos chefes, chamado *Rollon;* casou com elle a sua propria filha Giséla, e cedeu-lhe aquella parte da *Neustria* que se chamou *Normandia*. Rollon, primeiro duque desse paiz, recebeu no baptismo o nome de Roberto.

Pelo meado do seculo XI alguns normandos, tendo á sua frente *Roberto Guiscardo* e emigrando para o sul da Italia, fundaram o reino das *Duas-Sicilias*. Outros, na mesma epoca, ás ordens do seu duque *Guilherme*, conquistaram a Inglaterra, onde inauguraram uma nova dynastia.

219) **Consequencias.**—As invasões do IX e X seculo tiveram consequencias muito funestas para a Europa. A' vista do gravissimo perigo, creado por ellas, todo o paiz cobriu-se de castellos e de fortalezas; as cidades ficaram quasi inteiramente desertas, o commercio tornou-se impossivel, e pegaram em armas todos, até os presbyteros, os monges e os bispos. Dahi o abandono dos estudos, a de-

cadencia da disciplina, o desenvolvimento do feudalismo e mil outras desordens: em uma palavra, as trevas tão decantadas do seculo X—trevas que com summa injustiça alguns pretendem attribuir a toda a Edade Media, ao clero e á religião.

220) **Inglaterra** (827—1066).—Entrára apenas a Inglaterra no goso da paz que Egberto lhe procurára em 827, quando se viu exposta aos ataques dos Normandos, conhecidos na Ilha pelo nome de *Dinamarquezes*.—*Ethelwulfo* (36—58), filho e successor de Egberto, os repelliu duas vezes, porém não poude impedir que elles saqueassem Cantuaria e Londres, bem como um grande numero de egrejas e de mosteiros. A Ethelwulfo succederam regularmente seus filhos: *Ethelbaldo* (58—60), *Ethelberto* (60—66), *Ethelredo* (66—71) e *Alfredo o Grande* (71—901). Foi durante o reinado de *Ethelredo* que os dinamarquezes assolaram toda a Gran-Bretanha.—*Alfredo o Grande*, educado em Roma pelo papa S. Leão IV, irritou a principio seus patricios tentando introduzir no seu paiz a civilização romana. Derrotado completamente pelos barbaros, tornou dentro em breve a reunir seus subditos; bateu os inimigos; resistiu a novos invasores, e, restaurando a paz, fixou a sua capital em Londres (894). Construiu em seguida diversas fortalezas; esquipou uma frota, e protegeu o commercio, as lettras e as artes. No sentir de alguns autores, a universidade de *Oxford* deve seu principio a Alfredo o Grande.

Eduardo I o Antigo (901—25)—continuando a sabia politica do seu pae e predecessor, conservou a paz no interior e afastou os perigos do exterior. Deu *Ogiva*, sua filha, a Carlos o Simples, rei da França, e fundou, dizem, a universidade de *Cambridge*. Depois de *Athelstan* (925—41), que submetteu os dinamarquezes do Northumberland, os reis succederam-se rapidamente até *S. Eduardo II o Martyr* (975—79), envenenado por sua madrasta que elevou ao throno o fraco *Ethelredo II*. Este pagou a principio tributo aos barbaros que logo mandou assassinar (13 de Novembro de 1002). Foi consequentemente a Inglaterra invadida por Suenon, rei da Dinamarca, e conquistada por Canuto o Grande, apesar dos esforços heroicos de todo o povo. Durante algum tempo, Canuto governou como tyranno, porém não se demorou em tornar-se moderado, reinando dahi por deante com muito tino. Casou-se com *Ema, viuva de Ethelredo*, e legou o throno a *Haroldo*, seu filho, a quem succedeu *Hardicanuto*, com o qual acabou a dynastia dina-

marqueza.—*Eduardo III* o **Confessor** (1041—66), filho de Ethelredo e de Ema, mãe de Hardicanuto, foi então elevado ao throno pela influencia do conde Godwin, seu sogro. Eduardo consolidou a paz, as leis e a religião; assignalou-se por suas virtudes e pela abolição do *danegeld (dengheld)*, imposto pago em consequencia das invasões dinamarquezas; comtudo não logrou restituir a antiga fórma á monarchia anglo-saxonia. Falleceu venerado por todos seus subditos. O papa Alexandre III registrou o seu nome no catalogo dos santos.

IMPERIO GREGO, 640—1118

221) **Os successores de Heraclio**—foram—1) *Constante II* (641—68), o qual, pela protecção concedida aos Monothelitas, pelo veneno que deu a Theodosio, seu irmão, por ter desterrado o papa S. Martinho e por suas numerosas extravagancias, attrahiu tanto sobre si o odio de seus subditos, que foi obrigado a abandonar a capital. Visitou Athenas, Roma e a Sicilia, onde morreu assassinado—2) *Constantino Pogonato* ou *o Barbudo* (668—85) vingou a morte de seu pae; permittiu que os Bulgaros se estabelecessem entre o Danubio e o Hemus; repelliu os Arabes, e protegeu a Egreja concorrendo para a celebração do concilio VI, que condemnou o Monothelismo (680).—3) *Justiniano II Rhinotmète ou Nariz cortado* (85—711)—celebrou o concilio *in Trullo* (92); perseguiu o papa Sergio I, e não soube nem afastar os perigos de fóra, nem tutelar a ordem no interior. Foi banido (95) pelo patricio Leoncio, que lhe cortou o nariz. *Leoncio* é egualmente deposto e fechado em um calabouço por Tiberio III (98), mas Justiniano, voltando do desterro, decepa a cabeça aos dois, sendo afinal elle mesmo privado da vida por um tal *Bardano Philippico*, que se faz proclamar imperador. Este é dentro em breve (713) deposto e substituido por *Anastacio II*, que se retira em consequencia de uma nova revolução, a qual dá a purpura a *Theodosio III* (716).

222) **Dynastia da Isauria** (717—802).—1) *Leão III o Isaurico* (17—41) depois de derrubar Theodosio e de repellir os Arabes, bem como outros barbaros, inaugurou a perseguição contra as santas imagens (726), apesar das reclamações do povo e do patriarcha S. Germano.—2) *Constantino Copronymo* (741—75), um dos mais assanhados perse-

guiadores da Egreja, verteu rios de sangue christão; abandonou a Italia, e povoou de slavos a Macedonia e a Grecia. —3) *Leão IV e Kasáro* (775—80) venceu os Arabes na Asia Menor e falleceu quando ia renovar os decretos contra o culto das santas imagens.—4) *Irene* (80—802), governando em nome de Constantino VI, seu filho, restituiu a paz á Egreja, concorreu efficazmente para a reunião do segundo concilio de Nicéa (86), que proscreveu a heresia dos Iconoclastas, vasou os olhos a seu filho (90), foi vencida por Harun al-Raschid, fez alliança com C. Magno, e perdeu o throno em consequencia de uma insurreição. A sua dynastia desappareceu com ella.

Subindo então ao throno *Nicephoro I* (802—11), comprou a paz de Harun (6), perdeu Veneza que se tornou independente, favoreceu os Iconoclastas, e morreu em uma expedição contra os bulgaros que devastavam a Thracia. *Stauracc*, seu filho, foi, seis mezes depois, derrubado por uma revolta que elevou *Miguel I Curopalata* ou *Mordomo-mór* do palacio. Este recuou perante uma sedição militar que deu o throno a *Leão o Armeno* (813—20), o qual foi da mesma sorte deposto por *Miguel II o Gago*. *Miguel* (20—29), perfido, avarento e cruel, perseguiu os Catholicos e succumbiu a uma violenta inflammação de entranhas. *Theophilo* (829—42) protegeu as lettras e as artes (1). Ganhando algumas victorias sobre os Musulmanos, destruiu *Sozópetra*, patria do califa Al-Matassem. Comquanto tivesse perseguido muito cruelmente o culto das santas imagens, converteu-se antes de morrer.

Miguel III o Beberrão (842—67)—succedeu a seu pae sob a tutela de Theodora, sua mãe, que tratou seriamente de dar remedio aos males causados pela perseguição; mandou missionarios a Bogoris, rei dos Bulgaros, e dirigiu com muito acerto os destinos do imperio. Foi, todavia, obrigada pelas intrigas de Bardas, seu irmão, a retirar-se e a passar o resto de seus dias fechada em um mosteiro (54). Abandonou-se então *Miguel* a vicios muito grosseiros; depoz e perseguiu o patriarcha S. Ignacio; elevou Phocio, ainda leigo, á sé patriarchal e tentou enganar o Papa a este respeito. Foi em fim assassinado por *Basilio*, que associára ao throno.

---

(1) Promoveu principalmente a musica, a pintura, a esculptura e a mechanica. Mandou executar diversas obras curiosas neste genero: v. g., dois leões de ouro que rugiam; uma arvore de ouro massiço, em cujos ramos varios passarinhos do mesmo metal faziam, mediante um mechanismo occulto, ouvir um canto harmonioso.

223) **Dynastia da Macedonia (867—1056).** *Basilio* (67—86) desterrou Photio restituindo a S. Ignacio a sé patriarchal; facilitou a reunião do Concilio VIII (69); acabou com os ultimos restos dos Manichéos, e combateu vantajosamente contra os Sarracenos. Tornou, comtudo, a pôr Photio na Sé de Constantinopla e pereceu em uma caçada. *Leão VI o Philosopho* (86—911)—filho de Basilio, deu cabo do scisma, mas, entregando-se excessivamente ao estudo, tolerou que os Bulgaros e os Russos, renovando suas correrias, chegassem até ás portas da capital.—*Constantino VII Porphyriogeneto* (912—59), succedendo a Alexandre, seu irmão e tutor, começou a reinar sob a tutela de *Zöe*, sua mãe, que pagou tributo a Simeão, rei dos Bulgaros, e dentro em pouco foi encarcerada em um mosteiro pelo almirante *Romano Lecapéno*. Este, associado ao throno juntamente com *Christoforo*, seu filho (919), concluiu uma paz honrosa com os Bulgaros; pagou tributo aos Hungaros e repelliu os Russos, sendo por fim mandado para um mosteiro pelo imperador, seu sogro. Abandonou-se então Constantino aos conselhos de sua mulher, e morreu envenenado, talvez, por seu filho Romano e por Theophania, sua nora. *Romano II* (59—63) não tardou a perecer do veneno que lhe deu Theophania, sua mulher. *Nicephoro Phocas* (963—66) —general, que as victorias sobre os Hungaros e os Musulmanos haviam tornado illustre, elevado ao throno por Theophania, tirou aos Arabes Tarso e Antiochia (66); recusou Theophania, sua enteada, a Othão o Grande, e foi morto por Zemisces, seu general.—*João Zemisces* (966—76) baniu os cumplices de seu crime; encerrou em um mosteiro a viuva Theophania; repelliu os Russos; recuperou a Palestina; alliou-se com Othão o Grande, a quem concedeu a princeza Theophania (1), e foi envenenado por seu primeiro ministro. —*Basilio II* e *Constantino VIII* (76—1028), filhos de *Romano II*, acclamados pelo povo, luctaram contra diversos competidores, e contra os Normandos na Baixa Italia (1018); conquistaram a Media e o reino dos Bulgaros, e déram Anna, sua irman, a *Wladimiro*, rei dos Russos, que, convertendo-se, propagou o Christianismo (988).—*Romano Argyro, Miguel o Paphlagonio, Miguel o Calaphate* e *Constantino XI—Monomaco* (gladiador)—apenas assistiram ás desordens causadas pelas intrigas das imperatrizes *Zöe* e *Theodora*, com as quaes

(1) Esta *Theophania* era filha de Romano II e da outra Theophania, que se casára, em segundas nupcias, com Nicephoro Phocas. Era, por conseguinte, enteada deste ultimo.

terminou a dymnastia da Macedonia, que déra aos Gregos sete imperadores e duas imperatrizes. No meio desta anarchia o patriarcha *Miguel Cerulario* renovou o scisma, causa principal da ruina dos Gregos.

224) **Os Ducas e os Comnênos.**—Estas duas poderosas familias disputavam nesta epoca entre si a influencia em Constantinopla.—*Isaac Comnêno* (1057—59), elevado ao throno, restaurou a ordem, e, abdicando, entregou o poder a *Constantino Ducas*, o qual não poude impedir que os Turcos se assenhoreassem da Mesopotamia e da Armenia. *Miguel VII* (1067—78)—implorou contra os Turcos o auxilio do Occidente, e foi dentro em breve preso em um mosteiro por *Nicephoro Botoniate* (77).—*Alexio Comnêno* (1081—1118), clemente e habil administrador, combateu na Grecia contra Roberto Guiscardo (85); derrotou por diversas vezes os Turcos, e obteve do papa Urbano II uma cruzada, mas o seu proceder relativamente aos soldados da Cruz foi muito equivoco.

HISTORIA DA LITTERATURA

225) Seculo V.—Effectuou-se no seculo V uma verdadeira revolução nas lettras e nas sciencias. A litteratura *pagan* desappareceu; a christan, posto que enfraquecida pela invasão dos barbaros, conservou bastante vida para mais tarde mostrar-se de novo rica e viçosa. Temos, pois, os pagãos: *Proclo*, philosopho neoplatonico; *Hypathia* (1), filha do mathematico *Clemte*, a qual se distinguiu na Escola de Alexandria; *Claudiano* e *Rutilio Numaciano*, poetas que escreviam epigrammas.—Entre os christãos sobresahiram **na poesia**, Prudencio; S. Paulino, bispo de Nola, natural de Bordéos; S. Prospero, da Aquitania; S. Sidonio Apollinario; e S. Avito, bispo de Vienna nas Gallias, cujo *Paraiso Perdido*, segundo Guizot, tem muita analogia com o de Milton. **A historia**—era cultivada por Sulpicio Severo, S. Eucherio, Sozomenes, Socrates, Paulo Orosio, Rufino, Palladio, Theodoreto, Moysés de Khoréne; Victor, bispo de Vite; Zozimo e Eunapio. Estes dois ultimos são pagãos muito hostis ao Christianismo.—**A litteratura sagrada** enriqueceu-se das obras de S. Jeronymo, S. Agostinho, S. Cyrillo de Alexandria, S. João Chrysostomo, S. Epiphanio, Cassiano, Salviano, S. Vicente de Lerins, S. Eucherio, S. Leão I. e de muitos outros. —**No sec. VI** deparamos com o codigo de Justiniano redigido em latim pelo famoso jurisconsulto *Tribonianо*; *S. Fulgencio*, notavel por suas obras theologicas; *Arator*, poeta mediocre; *Dionysio o Pequeno*, celebre pela *Era Christan* e por uma collecção de canones; *Venancio Fortunato*, bispo de Poitiers, poeta, etc.; *S. Ennodio*, bispo de Pavia, autor da vida de S.

(1) *Hypathia* foi barbaramente assassinada pela populaça que a culpava da desharmonia existente entre S. Cyrillo e Orestes, governador de Alexandria. Sendo a questão ventilada na capital, os réus receberam um castigo exemplar. E' falso que S. Cyrillo tivesse alguma parte nesse crime horroroso. Vide Baronio no anno 416, t. V, pag. 298, e tambem os Bollandistas.

Epiphanio, seu predecessor; de varias poesias, sermões, etc. Deparamos tambem com o illustre *Cassiodoro*, o philosopho *Boecio*; *S. Gregorio*, bispo de Tours e historiador dos Francos; *S. Cesario*, de Arles; *Mario*, bispo d'Autun e autor de uma chronica; *Jornandis*, monge e bispo de Ravenna: —*De Getarum sive Gothorum origine et rebus gestis*; *Evagrio*, que escreveu uma historia ecclesiastica desde 431 até 594; *S. Gregorio o Grande*, bem conhecido por suas cartas, homilias e canto-chão. Por fim mencionaremos *Procopio*, secretario de Belisario e muito adulador de Justiniano—Historia do seu tempo.—**No sec. VII** sente-se ainda mais a decadencia. A litteratura profana produz apenas *romances*, a *historia* torna-se uma chronica arida; os mosteiros, copiando as obras dos antigos, as conservam, mas dão só vidas de santos e algum trabalho de ascetica, como é, por exemplo, a *Escada Espiritual* de S. João Climaco e o *Prado Espiritual* de João Moschus. Comtudo os nomes seguintes são respeitaveis: *S. Izidoro de Sevilha*, que, além de suas numerosas obras theologicas e litterarias, deixou uma *chronica desde Adão até o seu tempo*; *S. Braulio*, bispo de Saragossa; *S. Ildefonso*, de Toledo; S. Beda, o Veneravel, etc.

226) No sec. VIII—appareceu um primeiro *renascimento*, devido a *C. Magno*, que se cercou de sabios, taes como *Pedro de Pisa*; *Paulo Diacono* (Warnefride), o historiador dos Lombardos; e *Alcuino*, discipulo de Beda e alma do movimento litterario do seculo. Sobre o modelo da escola *regia* ou *palatina*, abriram-se perto das egrejas e dos mosteiros muitas outras, que déram principio á celebridade litteraria das abbadias de *Fleury sobre o Loira*, *de Corbia*, *de Fontenelle*, *de S. Riquier*, etc. etc., e principalmente da de *Tours*, fundada pelo proprio Alcuino.—**As sciencias e as artes** dividiam-se nesta epoca em *trivium* e *quatrivium*. O primeiro abrangia a grammatica, a rhetorica e a dialectica; o segundo continha a arithmetica, a geometria, a musica e a astronomia. A musica conservava-se no culto, sendo favorecida pela invenção do orgam; a pintura, a esculptura e a architectura iam decahindo. A theologia, sciencia superior, estudava-se com afinco. Nella, entre outros, sobresae neste seculo *S. João Damasceno*.—**A agricultura**, a industria e o commercio foram promovidos com muita actividade por C. Magno. Os monges contribuiram immensamente para toda a sorte de industria agricola e domestica—E' neste seculo que da corrupção do latim começam a formar-se as linguas *romanicas*, das quaes a pouco e pouco nascem varias das linguas modernas. É tambem nesta epoca que principia a introduzir-se a architectura chamada *romana*, e bem assim a *arabe*, a qual é uma imitação da que recebeu o nome de *byzantina*. Da mistura destes tres estylos, surgiu, sob a inspiração da *Egreja*, a grande architectura christan da Edade Media, conhecida pelo nome de architectura *gothica* ou *ogival*.

227) No sec. IX—citamos *Eginhardo*, que deu a vida de C. Magno e os *Annales regum francorum*; *Adon*, arcebispo de Vienna nas Gallias, autor de um martyrologio muito estimado; *Raban Mauro*, bispo de Moguncia, que escreveu varias obras; *Anastacio o Bibliothecario*, secretario de S. Leão IV, notavel pela sua erudição. Publicou o *Liber Pontificalis* ou vidas dos Papas, e verteu do grego o concilio VIII e as obras de Dionysio o Areopagita. *Hincmar*, arcebispo de Reims, theologo, canonista distincto; *João Scoto Eriçena*, considerado como um dos fundadores da philosophia escolastica; *Photio*, celebre scismatico e erudito grego, deixou diversos livros de erudição; *Ratramno*, monge de Corbia, autor de varias obras theologicas em latim puro. **No sec. X**—podemos mencionar apenas *Flodoardo*, conego da egreja de Reims, que contou a historia dos Papas desde S. Pedro até Leão VII (939); *Abbon o Curvo*, monge, que escreveu um poema latino sobre o cerco de Paris pelos Normandos; outro *Abbon*, abbade de

Fleury; *Fulbert*, bispo de Chartres; *Gerbert* ou Silvestre II, famoso no seu tempo pelo conhecimento que possuia das mathematicas, etc.; *Roswitha*, abbadessa de Gondersheim, que nos legou poemas, dramas, etc., em latim soffrivel; *Luitprando*, bispo de Cremona, dedicado ao partido allemão contra o partido italiano, e por isto muito parcial. Escreven uma historia geral desde 888 até 948. *Metaphraste* (o traductor), grande chanceller e protegido de Constantino VII. Traduziu mais de 500 vidas de santos, das quaes só ficam 122. As abbadias de *Reichnau*, de *S. Gallo*, de *Bobbio* e de *Cluny* eram nesta epoca os melhores fócos de sabedoria.

228) No sec. XI—começa o *renascimento*: escolas e homens illustres apparecem de todos os lados. Os centros principaes das sciencias eram as abbadias ou escolas do *Bec*, na Normandia; de *Jumiège*, de *Fécamp*, de *Fontenelle*, de *Pariz*, de *Fleury*, de *Cluny*, de *Tours*, de *Reims*, e de *Laon*, na França. *Salerno*, *Bolonha* e *Pavia*, na Italia; *Oxford* e *Cambridge*, na Inglaterra. *No sec XI* começa a progredir de um modo admiravel essa nova philosophia a que foi dado o nome de *Escolastica*, cujo fim é applicar a dialetica á theologia e confirmar com o raciocinio os dogmas da fé. Ella toma da philosophia pagan as formulas e os argumentos com o intento de fazel-os servir ao Christianismo. A *Escolastica* assujeita o homem a Deus e considera a philosophia como a ancilla da theologia, *ancilla theologiæ*. Entre os escolasticos do seculo XI destacam-se dois varões: ambos italianos, ambos monges e professores na abbadia do *Bec*, bem como arcebispos de *Cantuaria*. Um delles é *S. Anselmo* (1033—1109), natural da Aosta no Piemonte; o outro é *Lanfranco* (1005—1089), outrora professor illustre de jurisprudencia em Bolonha, Pavia e Avranches.

HISTORIA DA EGREJA.—SEC. V

229) Perseguições.—Além da invasão dos barbaros que tantos males causou á civilização christan, perturbaram a Egreja no sec. V os Vandalos na Africa e na Sicilia desde 437 até 499 sob Genserico e Hunerico, seu filho.—**Os hereges**—principaes deste seculo foram *Pelagio* e *Celestio*, que negaram o peccado original e a necessidade da graça *sobrenatural*. Condemnados estes por dois concilios da Africa e pelos papas S. Innocencio I e S. Zozimo (1), appareceram os *Semipelagianos*, que foram proscriptos por S. Celestino I (431) e pelos concilios de Orange (529), e de Valencia (530). O defensor da Egreja contra esta heresia foi S *Agostinho*, que por isto mereceu o titulo de *doutor da graça*.—**Nestorio**, arcebispo de Constantinopla, que, ensinando haver em *Jesus Christo duas pessoas unidas accidentalmente*, negou a *divina maternidade de Nossa Senhora*. O heróe nesta luctu foi S. Cyrillo, patriarcha de Alexandria, legado da S. Sé no concilio de Epheso (31), que condemnou a heresia e o heresiarcha obstinado.—**Eutychio**, monge orgulhoso de Constantinopla, sonhou que em J. C. a natureza humana estava misturada de modo tal com a divina, que formava uma só. Dahi o nome de *Monophysita* e *Monophysismo*. Avisado debalde por seus amigos e por S. Flaviano, seu bispo, foi obrigado a comparecer perante o concilio de Epheso (49), que as intrigas do heresiarcha e do ministro *Chrysaphio* mudaram no conciliabulo conhecido com o nome de *Latrocinio de Epheso*.—*Em 451* o concilio de Chalcedonia, com-

(1) É falso o que diz Draper, i. é, que S. Zozimo absolveu Pelagio e Celestio. O que elle fez foi tão sómente ouvil-os com bondade, examinal-os com cuidado, informar-se prudentemente da doutrina delles, e, tendo-os descoberto pelo que eram deveras, condemnal-os.

posto de 520 bispos e presidido por cinco legados do papa S. Leão I, proscreveu a heresia e puniu os culpados.—Diversos bispos orientaes fizeram nesta occasião uma segunda tentativa (a primeira fôra feita em 381) para que á Sé de Constantinopla se concedesse o primeiro logar de honra depois da de Roma. Comquanto o pedido fosse apoiado pelo proprio imperador Marciano, o Papa respondeu *negativamente*.—A egreja oriental foi neste mesmo seculo perturbada tambem pelo scisma de *Acacio*, arcebispo de Constantinopla (482—518.)

230) Papas.—Governaram a Egreja neste seculo onze summos pontifices, todos canonizados. Os mais *notaveis* (1) foram:—*S. Leão I o Grande* (440—61), que desterrou os Manichéos que se haviam acolhido em Roma; condemnou de novo os Prescillianistas da Hespanha e das Gallias; salvou por duas vezes do furor dos barbaros a Cidade Eterna, e foi o primeiro Papa que com o titulo de *apocrisiario* acreditou um seu representante na côrte de Constantinopla. E' deste facto que data a origem dos *nuncios*, etc. O gaulez *Victor de Aquitania* fixou, por ordem de S. Leão I, as regras do calendario ecclesiastico resumindo toda a serie das lunações desde o principio do mundo. O seu cyclo, adoptado pela Egreja Latina em 457, tem servido de base a todos os trabalhos feitos depois com relação a este assumpto—*S. Hilario* (461—67), outrora legado pontificio no *Latrocinio de Epheso*, confirmou os concilios geraes precedentes; estabeleceu duas bibliothecas no palacio de Latrão e excommungou de novo todos os hereges.—*S. Gelasio* (492—96)—expulsou de Roma os Manichéos queimando-lhes os livros; compoz um sacramentario; confirmou os concilios ecumenicos; prohibiu sob pena de excommunhão que os Christãos tomassem parte na festa pagan e obscena dos *Lupercaes*; redigiu um canon dos livros da Escriptura Sagrada e publicou um catalogo de livros que distribuiu em tres categorias: collocou *na I* as obras dos SS. PP., que recommendou; *na II*, as obras de varios autores que permittiu sob a condição de serem lidos com cautela; *na III*, as obras, cuja leitura vedou *absolutamente*. E' o principio do *indice dos livros prohibidos*. Sessenta canones de S. Gelasio acham-se no *Corpus juris*. Foram neste seculo celebrados *sessenta* concilios particulares e *dois* geraes. Estes foram o de *Epheso* e o de *Chalcedonia*.

Seculo VI

231) Papas—A historia da Egreja, durante o seculo VI, cifra-se na vida dos Papas seguintes:—*S. Symmaco* (*498—514*)—teve de luctar com um antipapa e um scisma excitado pelo senador *Festo*, que promettera ao imperador *Anastacio* obter que fosse eleito um Papa qual elle o desejava. Symmaco foi apoiado por Theodorico: como, porém, os scismaticos persistissem em suas pretenções accusando o Papa de varios crimes e appellando para uma supposta *Lei de Odoacro* (2), reuniram-se successivamente

(1) Por este qualificativo não entendemos propriamente indicar os Papas que se distinguiram por sua santidade, seu saber ou suas obras; mas aquelles que tiveram mais relação com a historia profana que vamos narrando. Pois todo este resumo da historia ecclesiastica é destinado a completar a explicação dos factos que referimos laconicamente em outro logar.

(2) A supposta *Lei de Odoacro* era a primeira tentativa do poder civil para intervir na eleição do Papa, facto este que se déra na eleição de S. Felix III (483), successor immediato de *S. Simplicio*. Pois o patricio *Basilio*, prefeito do pretorio e logar-tenente de Odoacro, apresentou-se repentina-

em Roma *quatro concilios*, que resolveram radicalmente esta melindrosa questão. O Papa justificou-se, o antipapa reconheceu a sua falta, e os scismaticos que recusaram o perdão offerecido, foram excommungados.—*S. Felix* IV (526—30) foi eleito regularmente, mas a pedido de Theodorico.—*Bonifacio II* (530—32), considerando o perigo que a Egreja corria na eleição do seu chefe, decretou que dahi por deante cada Papa nomeasse o seu successor. Elle mesmo nomeou o diacono *Vigilio*; porém, sendo nisto muito desapprovado por toda a Egreja, annullou e queimou pouco depois esse decreto.—*João II* (532—35), havendo feito suas queixas á côrte de Ravenna a respeito das discordias que ella costumava excitar na eleição do Summo Pontifice, recebeu em resposta uma carta, assignada pelo rei *Athalarico*, em que se affirmava, embora condemnando-se ao mesmo tempo a cabala, o supposto direito da côrte de intervir na eleição do Papa e dos bispos, bem como o de confirmal-a mediante uma quantia bastante avultada. Esta usurpação que dos Ostrogodos logo passou aos Gregos e mais tarde ao novo imperio do Occidente, causou tantos males á Egreja, que não hesitamos em qualifical-a com o Baronio como *a peior das perseguições*.—*S. Agapito I* (535—36) foi, a pedido do rei *Theodato*, até Constantinopla tratar com Justiniano I, que tencionava invadir a Italia. Como o imperador tivesse collocado na sé patriarchal, *Anthimo*, herege eutychiano, e procurasse extorquir do Summo Pontifice a approvação deste seu acto, esqueceu-se tanto em uma conferencia, que chegou a ameaçar S. Agapito com um degredo para a Crimêa. Commovido, todavia, pela resposta firme deste, retractou-se annuindo a que fosse nomeado *Menna* em logar de Anthimo.—*S. Silverio* (536—38) foi imposto por Theodato, que jurou cortaria a cabeça a quem oppuzesse a minima resistencia; porém, essa imposição foi regularmente legitimada pelos eleitores. Comtudo, tendo pouco depois Belisario occupado Roma, prendeu Silverio deportando o para a ilha *Ponzia* e logo para a Lycia, onde o fez apunhalar em segredo.— *Vigilio* (538—55), já vendido á imperatriz *Theodora*, foi então posto no throno pontificio pelo inexoravel Belisario. Todavia, ao serem os eleitores informados de que Silverio tinha perecido, legitimaram essa usurpação dando seus votos a Vigilio. Sentindo-se então este totalmente mudado, escreveu a *Theodora* que não podia nem queria rehabilitar Anthimo, embora o tivesse outrora promettido. Prenderam-no, por conseguinte, e levaram-no para Constantinopla, onde o imperador o maltratou barbaramente chegando até ao excesso ridiculo de excommungal-o. Mandava no mesmo tempo Justiniano para as minas a quantos ficavam fieis ao Papa, e fazia correr no Occidente o boato de que Vigilio reprovára o concilio de Chalcedonia; convocava elle mesmo um concilio na capital, impondo-lhe a proscripção dos (1) *Tres Capitulos* com o intuito de infamar o concilio IV. Publicou finalmente o chefe da Egreja uma encyclica pela qual, condemnando os *Tres Capitulos* e a pessoa de *Theodoro*, *excommungava a quem dissesse que isto involvia a reprovação do concilio de Chalcedonia*.—*S. Gregorio Magno* (90—604), outrora

---

mente na eleição dizendo que fôra pelo Papa fallecido encarregado de intervir afim de evitar qualquer desordem: «*Tanto mais*, accrescentou, *que nada se deveria fazer sem mim*»!

(1) **Os Tres Capitulos**—eram as obras de *Theodoro*, bispo de Mopsueste; de *Theodoreto*, bispo de Cyrrhus; e de *Ibas*, bispo de Edessa, na Mesopotamia. O concilio IV recusára proscrevel-as, quer porque Theodoro fallecera, havia muito tempo, quer porque os outros dois já se tinham submettido, e porque os erros, contidos nessas obras, sendo favoraveis a Nestorio, estavam já reprovados implicitamente na condemnação do heresiarcha. Agora, porém, os Eutychianos, afim de infamar o concilio de Chal-

rilhano. Então Alberico se proclama dictador; domina os proprios papas: *João XI*, seu irmão; *Leão VII*, *Estevam IX*, *Marinho II* e *Agapito II*, que procederam bem como Summos Pontifices e como particulares, mas careceram da liberdade necessaria ao chefe da Egreja. Estava, no entretanto, a Italia abysmada em temerosa anarchia por culpa de *Hugo* e de *Berengario*: ambos tyrannos, e um rival do outro. Finalmente, fechando este ultimo em um calabouço *Adelaide*, que recusára a mão ao filho delle, occasionou a intervenção de Othão I, rei da Germania (951). Tomou Othão a Corôa de Ferro casando-se com Adelaide, viuva de Lothario II, rei da Italia, e filha de Rodolpho II, rei das Duas Borgonhas. Não poude ir a Roma, onde ainda dominava Alberico, que succumbiu pouco depois.—*João XII* (955—64), *Leão VIII* (963—65), *Bento V* (64).—Antes de morrer obrigou Alberico os Romanos a jurarem que, fallecendo Agapito, elevariam ao throno pontificio Octaviano, seu filho, menino de 18 annos de edade. Este tomou o nome de João XII e coroou imperador Othão I (962). Tendo, porém, dentro em breve chamado *Berengario*, Othão voltou furibundo, e, depondo João, deu a tiara a Leão VIII, que sem detença conduziu para Spoleto. O Papa legitimo, que, ao chegar de Othão se retirára para a Campania, voltando pune com severidade os rebeldes e morre repentinamente. Elegem, portanto, os Romanos outro Papa na pessoa de *Bento V*. Este é, mezes depois, desterrado para Hamburgo por Othão, que entrando de novo na Cidade Eterna, colloca prepotentemente o antipapa no throno pontificio.—*João XIII* (965—72). Sendo este Papa preso e tratado cruelmente pelo conde da Campania, Othão voa mais uma vez a Roma, castiga os rebeldes e associa ao throno imperial Othão II, seu filho.—*Bento VI*, (72—74) foi enforcado por *Cencio (Crescencio)*, filho de *Theodora*, irman de *Marocia*. Fizeram neste mesmo tempo os Italianos um levantamento geral contra os Allemães.—*Bento VII* (974—83) foi defendido contra Cencio pelo povo e por Othão II, que veiu punir os culpados.—*João XIV* (83—84), posto que optimo em tudo, foi preso e assassinado por emissarios gregos.—*João XVI* (85—96), bom e grande Papa, serviu de alvo ao furor do tyranno Cencio.—*Gregorio V* (983—99), bisneto de Othão I, eleito regularmente a pedido de Othão III, foi na ausencia do imperador, expulso de Roma por Cencio, Othão, portanto, voltou e infligiu o merecido castigo aos rebeldes. Gregorio decretou que o imperador fosse eleito pelos duques da *Austria*, da *Baviera*, da *Saxonia*, e do *Brabante*, juntamente com os bispos de *Colonia*, de *Moguncia* e de *Saltzburgo* (1).—*Silvestre II* (99—1003), muito estimado por seu alto saber, outrora arcebispo de *Reims* e de *Ravenna*, eleito regularmente a pedido de Othão III, seu antigo discipulo, foi maltratado pelo conde do Tusculo, que do partido imperial passára para o italiano. Concedeu Silvestre a corôa e o titulo de rei a *S. Estevam*, duque da Hungria, a quem constituiu legado perpetuo da S. Sé; estabeleceu a commemoração dos finados e o jubileu, chamado *anno santo*.

O seculo X viu celebrar 52 concilios particulares. E' o *unico* seculo, em que não appareceu nenhuma heresia nova.

Seculo XI

239) Papas.—Durante o seculo XI governaram a Egreja 18 summos pontifices, entre os quaes merecem particular attenção os seguintes:—*Ser-*

(1) Vemos neste decreto o principio do que no seculo XIV decretou o imperador Carlos IV pela famosa *Bulla de Ouro*.—Este *Cencio* que tantas vezes apparece aqui, é sempre da mesma familia, porém não é sempre o mesmo individuo.

gio IV (1009—12), em cujo tempo começaram numerosas romarias a Jerusalém por terem os Musulmanos reerguido a egreja do S. Sepulchro, incendiada no sec. VII e demolida de todo no fim do X. Occorreu tambem na França um grande morticinio de judéus, indigitados como cumplices dos Musulmanos. Foram protegidos pelo clero. *Bento VIII* (1012—24)—filho de Gregorio, conde do Tusculo, coroou S. Henrique; fixou as insignias imperiaes em um globo de ouro, dominado por uma cruz e dividido em quatro partes por fileiras de pedras preciosas; renovou as leis a respeito do celibato ecclesiastico e da eleição do Papa—*exclusão dos leigos e assistencia dos commissarios imperiaes*; repelliu uma invasão de Sarracenos que derrotou no Garilhano e desalojou da Sardenha. *João XX* (1024—33)—irmão (1) de Bento VIII, cingiu a coroa imperial a *Conrado de Franconia*, e foi bom papa, mas odiado porque favorecia os Allemães. *Bento IX* (1033—46), *Silvestre III* (1045—46). *Gregorio VI* (45—46). Bento IX, no ver de Darras, foi certamente antipapa, porque imposto prepotentemente por *Alberico*, seu pae e conde do Tusculo, nem foi reconhecido pela Egreja. Pois o *Regestum* que se lhe attribuia, diz Darras, é de Bento VIII. Com effeito, si aquelle Regestum pertencesse a Bento IX, elle não seria máu papa. Contava apenas dez ou doze annos de edade, nunca recebeu ordens sacras, e procedeu de modo muito censuravel. Retirou-se afinal para o mosteiro de Grottaferrata, onde, depois de uma vida edificante, morreu piamente.—*De Silvestre III* sabemos só que, deposto no concilio de Sutri, como intruso, consumiu o resto de seus dias na obscuridade de um mosteiro.—*Gregorio VI* comprou a tiara afim de acabar com o escandalo de Bento IX; abdicou no concilio de Sutri; acolheu-se a Cluny, e alli mesmo entregou a alma ao Creador com fama de santidade. *Clemente II* (1046—47) eleito a pedido de *Henrique III o Negro*, a quem concedeu a coroa imperial, bem como o direito de intervir na eleição do Papa e na dos bispos feudatarios, condemnou a simonia e foi muito odiado por ser allemão. *Alexandre II* (1061—73) continúa a obra da reforma e lucta com o antipapa *Cadalãus*, creado pela côrte da Germania. Os 96 concilios particulares, reunidos no seculo XI, mostram que a vida da Egreja não fôra de modo algum paralyzada pelas desordens da epoca.

FEUDALISMO, TREGUA DE DEUS, CAVALLARIA

240) **Definição.** — Chama-se *feudalismo uma fórma de governo segundo a qual o mesmo proprietario exercia limitadamente a soberania em terras que recebera de alguem como presente ou retribuição*. Esta nova fórma de governo que prevaleceu na Europa durante o I e o II periodo da Edade Media, tira a origem da fusão dos costumes barbaros com os costumes romanos. Pois quando os chefes barbaros fixavam a sua morada em algum paiz, distribuiam a seus soldados as terras que haviam tirado aos antigos habitantes. Os elementos, portanto, constitutivos do systema

(1) E' o segundo dos dois casos que temos, de um irmão succeder immediatamente a outro na Sé Pontificia. O primeiro occorreu no seculo VIII nas pessoas de S. Paulo I e de Estevam II ou III.

feudal eram dois, a saber: — 1) que o feudatario ou donatario do feudo *fosse verdadeiro proprietario e soberano delle*; — 2) que o feudo *se recebesse de alguem*, para com o qual o donatario contrahia certas obrigações. Quem doava o feudo denominava-se *senhor suzerano*; quem o recebia, *vassallo*. — **Diversas especies de feudos**. Podemos distinguir tres especies de feudos, i. é., *temporaneo*, *vitalicio* e *hereditario*. O primeiro revertia ao *suzerano* depois do prazo ajustado; o segundo, por morte do donatario; o terceiro, na falta de descendentes directos masculinos. E' de observar que a principio quasi todos os feudos foram temporaneos, tornando-se, ao depois, pouco a pouco, vitalicios e hereditarios. **Collação**. — Conferia-se um feudo pela *investidura*, que o suzerano dava entregando ao vassallo algum objecto que representasse o poder concedido. Este objecto era já um *galho de arvore*, já um *môlho de relva*, já um *punhado de terra*, *o sceptro*, *a espada*, etc. *E'*, pois, *investidura a entrega do feudo pelo suzerano ao vassallo*. — **Homenagem** era um *acto* ou *juramento pelo qual o vassallo se ligava ao seu suzerano*. Era de duas especies, i. é., *ligia* e *simples*. Era *simples* quando o vassallo de pé e armado confirmava a formula do juramento, lida pelo capellão ou chanceller: era *ligia* quando o vassallo de joelhos, de cabeça descoberta, sem boldrié, sem esporas e sem espada, jurava *fé*, *lealdade e soccorro*. O vassallo prestava a homenagem na occasião de receber a investidura.

241) **Obrigações e direitos**. — O vassallo devia, cada anno, offerecer ao suzerano alguma cousa que denotasse a sua dependencia, fazer o serviço militar e contribuir, tanto para o resgate do seu senhor, como para o dote das filhas delle. Assistia-lhe, porém, o direito de ser julgado por seus pares: de ser defendido, si atacado; de appellar de qualquer sentença para um combate singular com o seu accusador, e de enfeudar seus dominios a outros, que então se denominavam *vavassallos*, i. é., vassallos de vassallo. — *O suzerano* por sua vez gosava de muitos direitos, entre os quaes se mencionam o de administrar a justiça com poder de vida e de morte, de intervir na successão do feudo e outros semelhantes. **Jerarchia feudal**. — A' frente de toda a dignidade feudal estavam o imperador e o rei. As primeiras dignidades, depois delles, eram a de — *duque* e a de *marquez*; em seguida vinham gradualmente os condes, viscondes e barões; o cavalleiro, o castellão, o burguez, o peão e o

servo da gleba. Esta graduação, todavia, era mais theorica do que pratica, porque acontecia as vezes que o mesmo individuo, rei em um paiz, era feudatario em outro, ao mesmo tempo suzerano e vassallo, etc.

242) **Tregua de Deus**. — Chama-se *tregua de Deus a suspensão das hostilidades em certos dias da semana* consagrados de um modo particular á recordação de algum mysterio da vida de Nosso Senhor Jesus Christo. Extendia-se a principio desde sabbado até segunda-feira, mas a pouco e pouco foi esta suspensão prolongada desde quarta até segunda. Em virtude da mesma tregua nunca era licito aggredir sacerdotes, monges, mulheres ou creanças; nem se podiam saltear os inimigos nas egrejas, nos cemiterios e nos logares em que cresciam plantações uteis. Esta medida salutar tomou o clero, nos seculos X e XI, com o intento de suavizar os costumes da epoca. Iniciada na França, extendeu-se gradualmente a quasi toda a Europa com grande proveito da religião, da paz e da civilização.

243) **Cavallaria**. — Posto que a *cavallaria* derive dos costumes allemães, a Egreja a reformou e quasi creou de novo. E' certo que a cavallaria, emquanto não degenerou nos desvarios dos *cavalleiros andantes*, foi uma das melhores instituições da Edade Media, que, protegendo o fraco contra o forte, atalhou innumeraveis desordens. — Quem ambicionava o titulo de cavalleiro devia antes de tudo passar pelos gráus de *donzel*, de *pagem* e de *escudeiro*. A cerimonia da recepção do gráu era comprida e uma das mais commovedoras e religiosas. Depois de varios jejuns e outras penitencias, depois de confessar-se e commungar, o aspirante gastava em oração a noite que precedia essa cerimonia. Tomava então um banho, vestia uma tunica *branca*, outra *vermelha* e uma terceira *preta*. Collocado emfim ante o altar, jurava honrar a Deus e á religião; recebia dos padrinhos a armadura, as esporas e a espada benta. O senhor que o armava, dava-lhe um abraço e tres pancadas dizendo: — *Em nome de Deus, de S. Jorge e de S. Miguel, eu te armo cavalleiro: sê piedoso, leal e destemido.* Punha-se fim á cerimonia por um torneio em que o graduado mostrava a sua habilidade. Gosava o cavalleiro de varios direitos, mas no mesmo tempo contrahia por juramento numerosas obrigações. — Enumera-se entre os direitos o de poder tomar parte nos torneios; assentar-se á mesa do rei; trazer brazão e escudo de armas; levar certas

armas, prohibidas aos outros; ter o tratamento de *sire*; conferir a outros o gráu de cavalleiro, etc. As obrigações, em resumo, vinham a ser as seguintes: — combater com denodo em defeza da fé e morrer antes que renunciar ao *Christianismo*; servir fielmente ao seu senhor; apoiar o direito dos fracos; nunca offender pessoa alguma; evitar, nos combates, qualquer fraude; nunca servir-se, nos torneios, da ponta da espada, nem matar o cavallo do seu adversario; ser leal, etc. *O cavalleiro* que faltasse com suas obrigações, perdia o seu gráu, e, privado de todas as insignias da cavallaria, era estigmatizado com os titulos de *fellon*, *villão*, *traidor* e *malcreado*.

IMPERIO ROMANO—ALLEMÃO. SUA LUCTA COM O SACERDOCIO. 911—1250

244) **Casa de Franconia.** — Em 911, por morte de **Luiz IV o Menino**, extinguiu-se na Germania a familia de Carlos Magno, passando a coroa a ser electiva. O primeiro monarcha electivo foi *Conrado, duque de Franconia* (911—19), que, ao fallecer, recommendou aos eleitores Henrique de Saxonia, seu rival.— **Casa de Saxonia.** — Henrique de facto foi eleito rei, e recebeu o appellido de *Passarinheiro* (919—36), porque se entregava muito ao divertimento da caça. — *Othão I (36—73)*, succedendo a Henrique, seu pae, desceu, pelo menos, duas vezes á Italia, com o fim de reprimir a anarchia, que alli reinava (936) por culpa dos reis de Borgonha e dos grandes senhores. A primeira vez (951) tomou a *Coroa de Ferro* casando-se com S. Adelaïde que o chamára contra Berengario, duque do Friule. A segunda vez foi coroado imperador (962) pelo papa João XII que o convidára contra Berengario e os Sarracenos; porém, vexando os Romanos e creando um antipapa, causou immenso damno á Egreja. (1) *Os successores* de Othão I foram os seguintes: — 1) *Othão II (973—84)*, que tentou conquistar a Baixa Italia, dote da sua mulher Theophania. Vencido pelos Gregos em Squillace (2) ou Basaniello (982), voltou para Roma, onde falleceu. — 2) *Othão III (984—1002)*, educado pelo sabio Gerbert (Silvestre

(1) *Othão I*, filho do Passarinheiro, foi pae de Othão II e avô do III. *Henrique II, o Santo*, foi neto de Henrique o Queixoso, irmão de Othão I.

(2) Antiga *Scylacium* na Calabria Ulterior 2.ª a 24 kms. S.O. de Catanzaro.

II), posto que fosse de uma piedade singular, ficou sendo muito odiado pelo partido italiano que não podia soffrer os Allemães. Combateu contra os Gregos na Baixa Italia; sopeou em Roma a revolta de um tal Crescencio que mandou executar; e elle mesmo ahi falleceu santamente na edade de 22 annos. Foi durante o seu reinado que S. Estevam, duque da Hungria, recebeu do papa Silvestre II a coroa e o titulo de rei. — 3) *Henrique II o Santo* (1002—24), casado com S. Conegonda, passou diversas vezes á Italia para castigar as desordens de Arduino o Episcopicida, marquez de Ivréa, e para combater os gregos da Calabria, que estavam tratando de recuperar o dominio da Peninsula toda. E' o unico imperador elevado ás honras dos altares.

245) Casa de Franconia. — Por morte de S. Henrique, voltou a coroa imperial para a casa de Franconia na pessoa de *Conrado II o Salico (1024—39)*, que reuniu ao imperio as Duas Borgonhas e, a seus estados hereditarios, a Suabia e a Baviera. *Henrique* (1) *III o Negro (1039—56)*, seu successor, poz, no concilio de *Sutri* (46), côbro ao scisma dos tres Papas. Embora usurpasse o poder de eleger o Summo Pontifice, usou delle sabiamente e para o bem da Egreja. Ajustou o casamento de Henrique, seu filho de quatro annos, com Bertha, filha de Othão, marquez de Suza, e falleceu na edade de apenas 39 annos. Logo depois da sua morte começou a **lucta do imperio com o Sacerdocio — Divisão**. A historia desta lucta póde dividir-se em tres periodos bem distinctos — *O I periodo* vae desde S. Leão IX (1049—54) até a paz feita sob Calisto II em 1122. Neste I periodo a questão é *religiosa*, tratando-se apenas da reforma do clero e da liberdade da Egreja. O poder secular entra nella incidentemente por causa das investiduras. — *O II periodo* abrange só parte do reinado de Frederico I Barbaroxa desde 1156 até á paz de Veneza em 1177. Neste II periodo a questão é *politico-religiosa*, porque entra em discussão a independencia da S. Sé e das republicas italianas. — *O III periodo* extende-se desde a coroação de Henrique VI em 1191 até á morte de Frederico II em 1250. Tambem neste III periodo a questão é *politico-religiosa*, visto como se trabalha para a independencia da Italia e da S. Sé contra um tyranno que, apesar de seus juramentos, tenta opprimir uma e outra

(1) *Henrique III*, filho de Conrado II, foi pae de Henrique IV e avô de Henrique V.

PERIODO I (1049-1122)

246) **Investiduras.**—Como a lucta no primeiro periodo assume o nome de *questão das investiduras*, cumpre antes de tudo declarar em que ellas consistiam. A *investidura* de um bispado era a entrega da autoridade e dos bens episcopaes ao bispo eleito e confirmado. Dava-se de dois modos, a saber: —pelo sceptro, e pelo annel e baculo: *pelo primeiro modo* se entregavam os bens do bispado exigindo-se do bispo a homenagem de vassallo; *pelo segundo* conferia-se a autoridade espiritual. Está claro que este *segundo modo* pertencia exclusiva e inalienavelmente ao Papa, como o primeiro tocava ao imperador todas as vezes que o bispo era seu vassallo feudal. Comtudo o imperador pretendia dar tambem o segundo, e por abuso já o dava de facto desde longo tempo. Havia um tal abuso produzido á Egreja males tão grandes, que, si Ella pudesse perecer, bastariam de sobra para a derrubar. Entendeu, portanto, o Papa que lhe cumpria desarraigar este abuso já reclamado como direito pelo imperador. Dahi a grande questão e a lucta. E' falso que São Gregorio VII ou qualquer outro Papa pretendesse tirar ao poder civil ambos os modos de conferir a investidura; porém o papa Paschoal II, para não ceder o segundo modo, queria antes renunciar aos bens temporaes, e fizera bem, si isto fôra possivel.

247) **Reforma do clero.**—Agora, entrando no assumpto, cabe aqui referir que a reforma do clero já havia sido tentada por diversos Papas; sempre, porém, com pouco ou nenhum resultado em consequencia das difficuldades da epoca. Afinal *S. Leão IX (1049—54)* trabalhou energica e efficazmente para este fim fazendo tres vezes a viagem da Germania e presidindo em pessoa doze concilios em que renovou com severidade as antigas leis disciplinares contra *a simonia* e *a clerogamia*. Chegou até a prohibir que os fieis communicassem *in sacris* com os clerigos escandalosos. Além disto *Nicoláu II* (1059—61), que lhe succedeu depois do curto pontificado de *Victor II* (1055—57) e de *Estevam X* (1057—58), observando que todo o mal procedia de serem as *investiduras ecclesiasticas dadas pelos leigos*, vedou aos clerigos que recebessem delles *essa investidura*. A côrte da Germania ficou tão altamente despeitada por este decreto, que declarou deposto o papa Nicoláu II condemnando a sua memoria como infame e creando um antipapa. *Alexandre II* (1061—73)—proseguiu no mesmo

plano de reforma, e, em virtude de numerosas queixas dos principes allemães, citou perante o seu tribunal o rei Henrique IV para que respondesse a diversas accusações gravissimas (1).—**Consequencias.** Do que acabamos de ver é facil inferir — que a lucta não foi provocada pela Egreja, a qual tratava tão sómente da reforma do clero, mas pela côrte, a qual pretendia dominar os bispos;—que, quando Hildebrando subiu ao throno pontificio, a lucta já começára e estava bastante adeantada;—que erram grosseiramente alguns autores affirmando ter sido S. Gregorio VII o primeiro Papa que condemnou a simonia, impoz ao clero o celibato e prohibiu as investiduras.

248) **Henrique IV** (1056—1106)—foi na edade de cinco annos coroado rei da Germania sob a tutela de Ignez, sua mãe, assistida por um conselho de regencia. Como a sua educação fosse grandemente descuidada, elle teve um pessimo proceder desde a sua puericia, entregando-se de modo tal á devassidão, que não podemos, por decencia, relatar os factos em pormenores. Tanto que tomou as redêas do governo, entregou-se ainda mais a toda a sorte de excessos; vendeu em hasta publica as dignidades ecclesiasticas, e tratou muito tyrannicamente a seus subditos. Pelo que os bispos e os grandes do reino dirigiram gravissimas queixas ao papa Alexandre II, que, afim de evitar conflictos mais lastimosos, citou Henrique IV perante o seu tribunal. Havendo, todavia, Henrique buscado pretextos para differir, o Papa falleceu e a citação ficou sem effeito.

249) **S. Gregorio VII (1073—85).**—Tal era a situação do imperio á frente da Egreja quando foi regularmente elevado ao throno pontificio *Hildebrando*, filho de um carpinteiro de *Sôana* (2), outrora monge em Cluny, illustre por diversas legações e intimo conselheiro de seis Papas. Apesar dos pedidos em contrario de alguns bispos escandalosos, a eleição foi ratificada por *Henrique IV*, o qual, vencido pelos Saxonios, tinha neste momento interesse em simular uma conversão, e o fez com tanta hypocrisia, que Gregorio chegou a acredital-o por longo tempo. Pois a grande arte do rei teutonico consistia em dar-se por convertido, quando se achava em lance difficil, e em saber inventar um meio termo para mudar de rumo, logo que julgas-e favora-

(1) Baronio ad annum 1073, Darras, o. c., Brunengo—I destini di Roma
(2) Não Savona ou Saôna, mas Sôana, pequena terra da Toscana perto de Siena.

veis as conjuncturas.—São Gregorio, porém, tratando desde o principio de pôr em execução o plano de reforma já traçado por seus predecessores, publicou de novo os decretos contra a simonia e a clerogamia (73), evitando falar das investiduras para não offender Henrique, a quem suppunha sinceramente convertido. Vendo-o, todavia, ir cada vez de mal a peior, depois de admoestal-o com severidade, renovou (75) outrosim os decretos relativos a este assumpto. Arrojando então a mascara, fez Henrique com que o Papa fosse preso (25 de Dezembro de 1075) em Roma por alguns salteadores, emquanto era deposto (principio de Jan. de 76) pela dieta de *Wormacia* ou *Worms*, que lhe escreveu uma carta cheia dos maiores insultos. Gregorio, portanto, a pedido de um concilio reunido em Roma, excommungou solemnemente o rei da Germania.

250) **Dieta de Tribur.**—Ao serem os grandes senhores allemães informados da excommunhão lançada pelo chefe da Egreja contra o seu monarcha, reuniram-se em Tribur afim de eleger novo rei. Cedendo, todavia, ás representações dos legados pontificios, consentiram em devolver a questão ao successor de S. Pedro para que a decidisse, de conformidade com a lei civil e canonica, em uma dieta nacional que se reuniria em Augusta. Henrique, no entretanto, devia retirar-se para Spira, viver como privado e obter, dentro de um anno e um dia, a absolvição das censuras que attrahira sobre si.

251) **Astucia do rei.**—Não duvidou o excommungado prometter com juramento quanto os deputados de Tribur exigiram; porém tratou com todo o esforço de impedir a reunião da dieta nacional, porque sabia que, si fosse julgado segundo as leis do paiz, havia de ser infallivelmente condemnado e deposto para sempre. Foi com este intento que, fugindo de Spira, simulou em Canossa (1077) tanto arrependimento e, de sua propria vontade, fez tanta penitencia. Foi tambem com este intuito que tentou apoderar-se da pessoa do Papa, a quem recusou obstinadamente um passaporte para a Germania, etc., etc. Conseguiu com effeito o seu fim, mas não poude evitar a sentença final que o abateu.

252) **Deposição.**—Como Henrique IV, depois do facto de Canossa, rejeitando qualquer accommodação, continuasse a tratar tyrannicamente os Saxonios, estes de accordo com muitos outros grandes senhores, elegeram Rodolpho de Suabia. Gregorio, porém, mostrando como sempre a mais con-

summada prudencia, recusou por longo tempo declarar-se para qualquer dos dois competidores; quiz ir pessoalmente á Germania afim de examinar a questão, mas, não podendo obter um passaporte, voltou para Roma; assentou pazes com Roberto Guiscardo, e, em diversos concilios, discutiu madura e profundamente este gravissimo assumpto. Finalmente, depois de ouvir as duas partes e de convencer-se da perfidia do rei teutonico, excommungou, a pedido dos bispos, e depoz para sempre Henrique IV da Germania.

253) **Furores do rei**.—Recebida a nova da sentença definitiva, Henrique passou de novo á Italia, creando um antipapa e occupando Roma em seguida a um assedio de quatro annos; informado, porém, da proxima vinda de Roberto Guiscardo, fugiu a toda a pressa. Roberto, de facto, entrando em Roma, libertou o Papa que se abrigara no Castello S. Angelo, levando-o para Salerno, onde a 25 de Maio de 1085 falleceu dizendo: «*Amei a justiça e odiei a iniquidade: eis porque morro no exilio*». **Fim do rei**. Henrique foi ainda feliz durante algum tempo; não tardou, todavia, em ser desamparado pela fortuna das armas. A sua primeira derrota realizou-se precisamente ao pé de Canossa e por mão de Mathilde. Abandonado por sua segunda mulher e por seus filhos que revelaram cousas incriveis; expulso do throno e feito alvo do desprezo e do odio de todos, succumbiu em Liége qual um miseravel em 1106. Temivel exemplo para os perseguidores da Egreja!

254) **Henrique V, o Joven** (1106—25)—que a principio combateu o seu proprio pae e fingiu devoção para subir ao throno, logo mudou instaurando a questão das investiduras e vendendo as dignidades ecclesiasticas. Tendo ido receber a coroa de ouro na capital do mundo christão, prendeu o papa Paschoal II, de quem, á força de violencias, obteve concessões excessivas a respeito das investiduras e da eleição do Summo Pontifice. Como tudo isto excitasse grandemente a indignação da Egreja toda, Paschoal revogou em um concilio essas concessões, aliás *nullas* de pleno direito, porque violentas. Comtudo Henrique continuou a perseguir a Egreja creando um antipapa e forcejando perfidamente para prender *Gelasio II*, successor de Paschoal. Por fim as conjuncturas especiaes da Germania, que estava cançada da guerra, obrigaram o imperador a pedir a paz, que se fez em 1122 na dieta de *Worms* ou *Wormacia* sendo papa *Calixto II*. O imperador renunciou á investidura pelo

annel e baculo, ficando-lhe a do sceptro; á intervenção nas eleições dos bispos e ao pretendido direito de approvar a eleição do Summo Pontifice. *O I concilio* de Latrão confirmou esta concordata no anno seguinte (1123).—O resultado do primeiro periodo da lucta não póde deixar de ser muito satisfactorio para a Egreja, que deste modo se viu livre da escravidão de Cesar e reformada radicalmente na sua disciplina.

255) **Casa de Suabia.**—Voltava, no entretanto, a coroa imperial para a *casa de Saxonia* na pessoa de *Lothario II* (1125—37), passando por morte delle para a *casa de Suabia* —que deu os quatro imperadores seguintes:—*Conrado III* (1138—52), *Frederico I Barbaroxa* (1152—90), *Henrique VI* (1190—97) e *Frederico II* (1213—50) (1).—*Conrado III* tomou parte na segunda cruzada e falleceu quando se dispunha a ir receber em Roma a coroa imperial. Combateu o partido da *casa de Baviera*, cujo duque, *Henrique o Soberbo*, seu competidor ao throno, lhe recusava a homenagem de vassallo.

256) **Guelfos e Gibellinos.**—Foi nesta guerra que appareceram pela primeira vez os *Guelfos* e os *Gibellinos:* aquelles eram partidarios da casa de Baviera; estes, da de Suabia. Os Guelfos tiravam o nome de *Welfo* ou *Guelfo*, tio de Henrique o Soberbo; os Gibellinos, do castello ou feudo *Wiblingen*, pertencente a Conrado III. Quando se renovou a lucta entre o pontificado e o imperio, estes dois nomes foram applicados na Italia aos parciaes do Papa e do imperador. Os *Guelfos* defendiam o papado, os *Gibellinos* apoiavam o imperio.

PERIODO II DA LUCTA (1156—77)

257) **Frederico Barbaroxa**—sendo coroado em Roma pelo papa *Adriano IV*, mandou enforcar *Arnaldo de Brescia* que, fingindo-se monge vagabundo e revolucionando a cidade, expulsara o chefe da Egreja. Açulado, todavia, pelos Legistas da Peninsula, pretendeu pouco depois sustentar principios intoleravelmente despoticos publicando, na dieta de Roncaglia, uma constituição que abolia o poder temporal da S. Sé e todos os privilegios das *communas italianas*. Não lhe bastando crear successivamente dois anti

(1) Frederico I, sobrinho de Conrado III, foi pae de Henrique VI e avô de Frederico II, assim como bisavô de Conrado IV.

papas e assediar mais de uma vez Roma, praticou na Lombardia crueldades incriveis, e reduziu em cinzas Milão por se ter nobremente declarado em favor do Papa legitimo (62). Uniram-se, porém, os Lombardos sob a protecção de *Alexandre III*; ergueram *Alexandria delle Paglie* (das palhas); anniquilaram (1176) em Legnano as forças de Frederico, e obrigaram o imperador a acceitar a tregua de Veneza (1177), bem como a confirmar pelo tratado de Constança (1183) os privilegios das cidades lombardas. Tomando mais tarde Frederico parte na *terceira cruzada*, afogou-se no Selef ou antigo Calycadno, na Cilicia.

258) Inaugurou o **III periodo da lucta** Henrique VI, que, logo depois de cingir em Roma a coroa imperial, commetteu a conquista do reino de Napoles contra a prohibição expressa do Papa. Mostrou-se tão cruel, que mereceu o appellido de *Cyclope*; tentou tornar hereditaria, na sua familia, a coroa imperial, e, estando ainda sob o peso da excommunhão, morreu em Napoles detestado por todos.

259) **Casa de Brunswick.**—Disputaram então a coroa imperial *Othão de Brunswick* e *Philippe de Suabia*, filho de Frederico I. O Papa favoreceu por longo tempo Othão, asseverando não querer um imperador da casa de Suabia. Deixou-se finalmente arrastar para o partido de Philippe, que por isso ia triumphar, quando cahiu victima de uma vingança privada. Othão, pois, subiu ao throno, mas procedeu tão mal, que dentro em pouco (1209—13) foi deposto por Innocencio III.

260) **Frederico II**—logo depois de receber a coroa imperial, reconheceu pela *bulla de ouro* todas as prerogativas espirituaes da Santa Sé; obteve o reino da Sicilia para o seu filho e prometteu que faria uma cruzada; porém, depois da morte de Innocencio III (1216), adoptou a politica de seus antepassados, que aspiravam a tornar hereditaria, na sua familia, a coroa imperial, e a formar uma grande monarchia pela união da Allemanha e da Italia. Perseguiu, além disto, a Egreja; protegeu os Sarracenos; causou o mallogro de duas ou trez cruzadas, sendo afinal excommungado pelo papa *Gregorio IX*, porque violara o tratado de S. Germano (1225), onde promettera passaria á Palestina dentro de dois annos. Partindo, por fim, escandalizou no Oriente com seu proceder os proprios Musulmanos, com os quaes concluiu uma *alliança offensiva e defensiva de dez annos*. Na volta alcançou a absolvição fingindo-se convertido,

porém não tardou a declarar nova guerra proclamando o seu dominio absoluto sobre todas as cousas temporaes e espirituaes, bem como appellando do Papa para um concilio geral, cuja reunião elle mesmo impediu. Nem se deu por satisfeito com a eleição de *Innocencio IV*, já conhecido como gibellino e seu amigo pessoal; pelo contrario o perseguiu, e tratou de prendel-o. Tendo, portanto, Innocencio conseguido fugir para Lyão, convocou um concilio ecumenico, em que excommungou e depoz o perseguidor (1245), o qual, derrotado pouco depois em Parma, e feito alvo do odio de todos, foi morrer (1250) em seus estados napolitanos.

CRUZADAS

261) Definição.—Chamam-se cruzadas as diversas expedições militares, emprehendidas, na Edade Media, pelos Christãos da Europa contra os infieis do Oriente que occupavam os Santos Logares da Palestina (1). Devem o seu nome á cruz vermelha que os cruzados levavam no fato. *Silvestre II* e *S. Gregorio VII* haviam desde o seu tempo formado este projecto, quer para salvaguardar a Christandade contra a invasão musulmana, quer para proteger os romeiros que iam visitar Jerusalém. Finalmente *Urbano II*, nos concilios de Placencia e de Clermont, impressionou profundamente a multidão, e *Deus o quer* foi o grito geral (1095). Não obstante os esforços dos scismaticos da Germania, excitou-se um movimento indescriptivel, e o poder do Papa, eclipsado por um momento, refulgiu mais uma vez no mundo (2).

262) I Cruzada (1095—99).— A primeira expedição, que constava quasi exclusivamente de romeiros desarmados, dirigidos por *Pedro—o—Eremita*, partiu de Colonia em

(1) Quando falamos destas expedições, dizemos simplesmente *Cruzadas*. Quando, porém, queremos indicar outras expedições semelhantes, á palavra *cruzada* accrescentamos sempre um epitheto dizendo: *cruzada hespanhola, cruzada franceza*, etc.

(2) O Papa entendeu que, para uma expedição desta ordem, era indispensavel nomear com plenos poderes um chefe espiritual e um temporal. O espiritual foi Adhelmar de Monteil, bispo do Puy; o temporal, Ladisláu, rei da Hungria. Porém, fallecendo este repentinamente quando se dispunha a partir, a cruzada ficou sem chefe ou general. Pois era impossivel recorrer aos reis da Germania, da França ou da Inglaterra, e por outro lado não se podia esperar que os barões acceitassem por seu general em chefe pessoas não dotadas de grande prestigio. Vide Darras, O. C.

Abril de 1096. Subindo pela beira do Rheno e do Meno até Nuremberg, descendo pelo Danubio, atravessando os Balcanos e o Bosphoro, foram esperar em *Civitot ou Helenopolis* a cruzada militar. Estes romeiros tiveram que padecer muito na sua viagem, já pela insubordinação de alguns delles, já pela má disposição dos povos, e pela perfidia do imperador Alexio Comnéno (1).

—**Falsos cruzados.**—Appareceram neste mesmo tempo, na Germania, tres bandos de fanaticos, que, dando-se por soldados da cruz, praticaram numerosas e graves desordens, maxime perseguindo e assassinando por toda a parte os Judéus. Foram todos mortos ou dispersados na Germania e na Hungria. Cumpre, porém, observar que estes bandos, á cuja frente se achavam o conde Emicho e os padres rebeldes Godescalc e Folcmar, não eram cruzados e nunca pertenceram á comitiva de *Pedro—o—Eremita*; eram apenas alguns scismaticos reunidos com o fim de infamar os catholicos que tinham recebido a cruz (2).

Cruzada militar.—Em Agosto do mesmo anno partiu a verdadeira cruzada, cujo heróe principal foi *Godofredo de Bouillon*, duque da baixa Lorena. Constava ella de immenso exercito, que, de varios pontos da Europa e por diversos caminhos, foi reunir-se em Constantinopla. Seus chefes mais illustres foram *Balduino* e *Eustachio*, irmãos de Godofredo; *Roberto*, duque da Normandia; *Hugo* de Vermandois, irmão de Philippe I, rei da França; *Raymundo de S. Gil*, conde de Tolosa; assim como *Boemundo* e *Tancredo*: aquelle filho, este sobrinho de Roberto Guiscardo. Havendo de passagem tomado Nicéa e Antiochia, sitiaram Jerusalém, que cahiu em poder delles a quinze de Julho de 1099 em uma sexta feira pelas tres horas da tarde. Offereceram a coroa real a Godofredo, que, acceitando apenas o titulo de *Barão e Defensor do S. Sepulchro*, recusou collocar na sua fronte a coroa de ouro no logar em que Jesus Christo, rei dos reis, levara a de espinhos.—**Ordens militares.**—Para proteger os christãos da Palestina contra os assaltos dos infieis, a que ainda estavam expostos em diversos logares, fundaram-

(1) O chefe da Egreja, que desapprovou a ida destes romeiros, foi desattendido.—*Pedro* era acompanhado por tres fidalgos francezes á frente de quinze mil homens que serviam para a vanguarda e para manter a ordem. Pereceram muitos romeiros, porém não todos.—Vide Darras, O. C.

(2) Tiramos estas informações do—*Libellus hierosolimitanus*—de Ekkeard descoberto por M. Pertz. Deprehende-se isto tambem de uma carta do antipapa Guiberto. Vide Darras, O. C.

se neste tempo duas Ordens *Religioso—militares*, a saber: a dos *Cavalleiros de S. João ou Hospitalarios* e a dos *Templarios*. O mesmo fim se propoz a *Ordem Teutonica*, que os Allemães organizaram depois da *terceira cruzada* (1190).

263) **II Cruzada** (1147—49).—Tendo Nuradino, sultão da Syria, occupado Edessa (44), prégou S. Bernardo, por ordem do papa *Eugenio III*, a segunda cruzada, cujos chefes foram *Conrado III*, imperador da Germania; e *Luiz VII*, rei da França. Como os christãos depositassem confiança extraordinaria nesses poderosos monarchas, todos tinham concebido grandes esperanças a respeito desta expedição, que, todavia, não deu resultado notavel. Atrahiçoados os heróes da cruz pelos Gregos, que os entregaram aos Turcos guiando-os por desfiladeiros e desertos, pereceram quasi todos na Syria e na Asia Menor. Os poucos que sobreviveram a esses desastres, regressaram para a Europa depois de sitiar inutilmente Damasco—**III Cruzada** (1189—93).—O facto de se ter *Saladino*, sultão do Egypto, assenhoreado de Jerusalém (87), fez com que na Europa se estabelecesse o dizimo saladino e se prégasse a terceira cruzada. Tomaram a cruz o imperador *Frederico Barbaroxa*, *Ricardo Coração de Leão* e *Philippe Augusto de França;* porém Frederico afogou-se no Selef (1190) Philippe regressou para o seu reino depois de occupar S. João d'Acre (91), e Ricardo, ficando na Palestina, assignalou-se por façanhas pasmosas. Apoderar-se-ia, talvez, de Jerusalém, si o não obrigasse a abrir mão da empresa *João—sem—Terra*, seu irmão, que, por conselho de Philippe Augusto, lhe usurpara o throno. Concluiu com Saladino uma tregua, e, na volta, fazendo naufragio nas costas da Dalmacia, foi por Leopoldo, duque da Austria, entregue ao imperador Henrique VI, que durante onze mezes o conservou preso no fundo de uma torre, consentindo apenas em deixal-o livre mediante uma somma equivalente a onze mil contos de réis.

264) **IV Cruzada** (1202—4).—Em consequencia de ter *Maleck Abdel* violado a tregua, que assignara Saladino, seu predecessor, o papa *Innocencio III* mandou prégar uma quarta cruzada, á cuja testa se collocaram *Bonifacio II*, marquez de Monferrato, Simão de Montfort, e *Balduino IX*, conde de Flandres. Embarcaram os cruzados em Veneza, e desviaram-se infelizmente do seu unico fim, quer para reduzir Zara á obediencia dos Venezianos, quer para restituir o throno de Constantinopla a *Isaac o Anjo* der-

rubado por *Aleixo III*, seu irmão. Tendo derrotado o usurpador, estanciaram dois annos perto de Constantinopla a espera da recompensa promettida pelo monarcha que haviam reintegrado no throno. Como neste interim um tal *Ducas Murtzufle* expulsasse Isaac, resolveram tomar a cidade por conta propria, rechassando o novo usurpador e fundando o imperio latino, que durou apenas 57 annos. *Balduino* foi eleito imperador da Romania—nome dado ao territorio deste imperio latino; *Bonifacio*, rei de Thessalonica e da Macedonia; *Dandolo*, o doge de Veneza, foi nomeado principe do Peloponeso, occupando os Venezianos o bairro de Constantinopla mais favoravel ao commercio (1). — **V Cruzada** (1213—21).—Mandou, portanto, *Innocencio III* prégar a quinta cruzada, cuja direcção confiou a *André II*, rei da Hungria; a *Guilherme*, conde da Hollanda; e a *Frederico o Glorioso*, archiduque da Austria. Desbaratando Maleck-Abdel, marcharam os cruzados sobre o Egypto, onde occuparam Damiata (Damiette) (17). A desharmonia veiu infelizmente annullar estes bons principios; pois, desejando *João de Brienne*, rei titular de Jerusalém, negociar, e o legado do Papa, conquistar todo o Egypto, perderam nesta deliberação um tempo precioso, e dahi a pouco foram dizimados pelas doenças, aggredidos pelos inimigos e obrigados a capitular restituindo Damiata.

265) **VI Cruzada** (1227—29)—A sexta expedição não é propriamente uma cruzada; é apenas a viagem de *Frederico II*, que ainda estava sob o peso da excommunhão, para tomar posse do reino de Jerusalém, que lhe pertencia como herança de *Yolanda*, sua mulher e filha do finado rei João de Brienne. Recusando obedecer-lhe, receberam-no os Christãos como inimigo, e não se achou quem quizesse dar-lhe a coroa, que tomou por si mesmo. Obteve dos infieis a cessão de Jerusalém a troco de uma alliança offensiva e defensiva de dez annos.—**VII Cruzada** (1248—54).

---

(1) Foi logo depois da quarta cruzada que se deu na Europa o facto inexplicavel, chamado *Cruzada dos Meninos. Inexplicavel*, dizemos, porque ninguem a prégou; pelo contrario os bispos lhe fizeram notavel opposição. Aconteceu, entretanto, que dos diversos paizes da Europa se moveram numerosos mocinhos de todas as condições entre os 12 e os 20 annos de edade com o intento de, passando á Palestina, libertar o S. Sepulchro. Muitos, cedendo ás exhortações dos bispos e de outras pessoas sisudas, regressaram para seus lares; outros, porém, enganados por negociantes sem consciencia, passaram o mar, sendo, na Asia, mortos, ou vendidos barbaramente aos turcos.

O heróe da setima cruzada foi S. Luiz, rei da França, que estando gravemente enfermo, fez voto de tomar a cruz. Marchou directamente sobre o Egypto, e occupou Damiata, que breve, cahindo prisioneiro, restituiu para o seu resgate. Dirigindo-se então á Palestina, tratou de reparar as fortificações das cidades christans emquanto não foi informado da morte de sua mãe, que deixára regente do reino. —**VIII Cruzada** (1270). Em vista dos progressos realizados pelos infieis na Palestina, resolveu S. Luiz emprehender uma nova expedição pondo desta vez a mira sobre *Tunis*, cujo sultão parecia disposto a abraçar o Christianismo, mas alli perdeu quasi todo o exercito dizimado por uma doença contagiosa, á qual succumbiu elle mesmo. Carlos de Anjú, seu irmão e rei da Sicilia, salvou as reliquias do exercito e concluiu com o sultão de Tunis um tratado muito vantajoso. No entretanto os *Santos Logares* ficavam para sempre abandonados.

266) **O resultado**—das cruzadas foi: — 1) *libertar*, ao menos por algum tempo, o S. Sepulchro;—2) *abater* tanto o poderio dos Musulmanos, que a Europa ficou livre e segura da invasão delles;—3) *acabar* na Europa com o despotismo feudal e com a anarchia das guerras privadas;—4) pôr em relação o Occidente com o Oriente, desenvolver o commercio e muitos conhecimentos scientificos, bem como introduzir na Europa diversas producções até então desconhecidas: v. g. o café, a canna de assucar, etc. E', todavia, excusado observar que o verdadeiro fim destas expedições procurado pelos Papas quando as prégaram, foi o que notámos no primeiro e segundo logar. O mais não passa de um effeito casual. Esta, pois, claro que as cruzadas foram expedições *licitas e muito uteis*.—*Licitas*, visto como póde e deve uma nação guerrear e tentar abater outra, pela qual é ameaçada da ultima ruina. Ora os Musulmanos haviam desde o seculo VII forçejado para infligir esse exterminio á Christandade, que é uma reunião de nações. —*Uteis*, porque salvaram a Europa e com ella a civilização christan. O não terem conseguido resultado mais satisfactorio, foi devido ás gravissimas difficuldades que, desde o principio, a desgraça lhes deparou em toda a parte.

FRANÇA (887—1328)

267) **Os ultimos Carlovingios e os primeiros Capetos**—(887—987). Pronunciando em 887 a deposição

de *Carlos o Gordo*, a dieta de Tribur nomeou rei de França Eudes, filho de Roberto o Forte e notavel por seu heroismo em pelejar contra os Normandos. Começou então entre os primeiros Capetos e os ultimos Carlovingios um periodo de guerra civil que durou até 987, época em que os descendentes de Carlos Magno foram definitivamente excluidos do throno da França. *Eudes* teve de partilhar o throno com *Carlos o Simples*, terceiro filho de *Luiz o Gago*, apoiado por Arnulfo, seu parente e rei da Germania. Por morte de *Eudes* (898), *Carlos* reinou sem companheiro, e, pelo tratado de *Saint-Clair-sur-Epte* (911), cedeu aos Normandos aquella parte da Neustria que se chamou *Normandia*. Em 922 uma insurreição dos nobres fecha em uma torre o rei *Carlos o Simples*, transferindo a coroa a *Roberto I*, irmão de Eudes e pae de *Hugo o Branco* ou *o Grande*, mas perecendo Roberto, no anno seguinte, na batalha de Soissons, succede-lhe *Raul* ou Rodolpho, que, pela morte de Carlos o Simples, fica unico senhor da monarchia (929). (1) Depois da morte do rei Raul, succederam-se regularmente os *Carlovingios*— Luiz IV d'Além-mar (936—54), Lothario II (954 — 86) e Luiz V o Indolente (986—87), que luctaram de continuo contra os nobres, á frente dos quaes estavam os Capetos. Fallecendo afinal Luiz V, os grandes senhores elegeram em Noyon a *Hugo Capeto* (987), desprezando os direitos de Carlos de Lorena, segundo filho de Luiz IV, pela razão de ser elle vassallo da Germania. Carlos pegou em armas; porém, vencido, esteve preso em Orleans até morrer (992). A elevação, portanto, desta nova dynastia significava a victoria do partido nacional sobre o elemento allemão, representado pelos Carlovingios.—Na época da morte de Hugo (996) a casa dos Capetos dominava apenas na ilha de França; tinha, porém, a vantagem de ser reconhecida pelos grandes senhores, que, nesse tempo de feudalismo, gosavam de grande influencia.

268) **Os primeiros successores**—de Hugo Capeto foram os seguintes: 1) *Roberto II o Piedoso* (996—1031), que a principio foi excommungado (998) pelo papa Gregorio V, porque recusava separar-se de Bertha, sua prima, com

(1) Roberto o Forte foi pae de Eudes e de Roberto I. Este foi pae de Hugo o Branco; avô de Hugo Capeto, e bisavô de Roberto o Piedoso.—*Raul* era casado com *Emma*, filha de Roberto I. Hugo o Branco, pae de Hugo Capeto, era genro de Henrique o Passarinheiro, rei da Germania.

a qual apesar das leis da Egreja, contrahira enlace matrimonial. Rompendo por fim essa união, casou-se com a imperiosa Constancia, filha do conde de Tolosa. Reuniu á monarchia o ducado de Borgonha (1002) e recusou a coroa imperial (1024). Durante o seu reinado, a Europa ficou victima de uma fome sem exemplo (1025—28).—2) *Henrique I* (1031—60) combateu seus proprios irmãos *Roberto* e *Eudes*, que se insurgiram por instigação de Constancia, sua mãe; Roberto, porém, teve de contentar-se com o ducado de Borgonha, e Eudes, de expiar seu crime com dois annos de prisão.—3) *Philippe I* (1060—1108), molle e devasso, alterou o valor da moeda e vendeu as dignidades ecclesiasticas. Mereceu ser excommungado pelo papa Urbano II (94), porque, repudiando sua mulher Bertha, raptou Bertrada, mulher de Fulques de Anjú.

269) **Sorte da coroa nos seculos XII e XIII.** Confirmaram, durante estes dois seculos, os Capetingios a sua autoridade e dilataram o seu dominio favorecendo o movimento das communas e guerreando o feudalismo. Foram os seguintes :—1) *Luiz VI* (1108—37), *o Esperto, o Lidador, o Grosso*, augmentou o dominio da casa real protegendo as communas e luctando contra os grandes vassallos colligados com o intuito de abater a coroa. Desbaratou em *Gisors* (1108) os Inglezes, e foi por sua vez derrotado na batalha de Brenneville (1119), onde pereceram só tres francezes. Formam então os Inglezes e os Allemães uma liga temivel (1124); não ousam, porém, transpor a fronteira vendo os grandes preparativos dos Francezes, que, unidos, correm contra o inimigo commum ao grito de : Mon joy *Saint Denis*—2) *Luiz VII o Moço* (1137—80), saqueando as terras do conde de Champanha e incendiando Vitry, queimou o povo, refugiado na egreja. Hospedou S. Thomaz Becket, desterrado da Inglaterra por Henrique II, e, ao voltar da segunda cruzada divorciou-se de Leonor de Guyenna, cujo dote triplicára o dominio da coroa (1151). Como Leonor fosse dahi a pouco elevada ao throno da Gran-Bretanha, este divorcio produziu consequencias desastrosas para a França.—3) *Philippe Augusto* (80—1223)—tendo repudiado Ingelburga da Dinamarca, viu o seu reino sotoposto ao interdicto pelo papa *Innocencio III*; aformoseou Pariz e augmentou o dominio da casa real combatendo os vassallos, instigados á insurreição por Alice, sua mãe. Logo depois da terceira cruzada, tentou privar do throno a *Ricardo Coração de Leão*, e, mais tarde, com o pretexto de vingar a morte de Arthur, filho

delle, tirou a *João-sem-Terra* todas as possessões do continente com a excepção apenas da Guyenna e da Gasconha. —4) *Luiz VIII o Leão* (1223—226) reuniu um grande numero de feudos á coroa, e, intervindo em favor dos Catholicos nas guerras contra os Albigenses, alongou suas fronteiras até o Mediterraneo.

270) **Os Albigenses**—eram apenas um ramo de Manichéos, que, desde o seculo III, apesar dos esforços de ambos os poderes, appareceram repetidas vezes em varios logares e com diversos nomes. Além do Oriente e da Italia, durante a Edade Media, infestaram o sul da França, onde, da cidade de Alby, seu centro, foram denominados *Albigenses*. A sua doutrina era não menos perniciosa á sociedade civil e á familia do que á religião. Negavam os sacramentos, a realidade da Encarnação, a honestidade do matrimonio, a resurreição e outros dogmas. Protegidos pelo conde de Tolosa, *Raymundo VI*, baldaram todos os meios de doçura empregados pelo poder ecclesiastico. Como chegassem ao excesso de assassinar o legado apostolico, Pedro de Castelnau (1208), *Innocencio III* prégou contra elles uma cruzada, que consistiu nas tres campanhas seguintes. — **Na I campanha** (1209), foram poupados os dominios de Raymundo, que cedera e até tomára a cruz. Querendo, todavia, os cruzados reduzir á obediencia alguns vassallos ainda rebeldes, occuparam Béziers e Carcassona, onde os soldados praticaram varias desordens, reprovadas pelos chefes e muito mais pelo Papa. **Na II campanha** (1212—15), abraça Raymundo abertamente o partido dos hereges, e chama em seu auxilio *Pedro II*, de Aragão; porém, desbaratado por Simão de Montfort na prodigiosa batalha de Muret (12 de Set. de 1213), retira-se para a Inglaterra, e é deposto pelo concilio IV de Latrão (1215), que transmitte o feudo ao vencedor de Muret.—**Na III campanha** (1216—29), Raymundo e seus filhos, voltando da Inglaterra, conquistaram de novo todo o condado e perseguiram os Catholicos. Comtudo, batidos por Luiz VIII e pela rainha Branca, foram obrigados a acceitar taes condições, que em breve haviam de causar a reunião do feudo á coroa. A principal destas condições era que Raymundo VII casasse a sua unica filha com o conde de Poitiers, um dos irmãos do joven monarcha, e lhe désse como dote o condado de Tolosa.

271) **Os ultimos Capetos directos**—foram—1) *Luiz IX* ou *S. Luiz* (1226—70), que augmentou o dominio da

coroa, porém sempre com a mais rigorosa justiça. Suas virtudes lhe grangearam o amor, e sua firmeza, o respeito de seus subditos. Foi o primeiro monarcha francez que chamou para o seu conselho os burguezes, os quaes tomaram mais tarde o nome de *terceiro estado*. Reprimindo as desordens do feudalismo, fixando o titulo da moeda, decretando penas severas contra o duello e a blasphemia, bem como multiplicando as escolas, conseguiu que tudo prosperasse no seu reinado. As sciencias, as artes e a litteratura attingiram o apice do esplendor; a industria, o commercio e a agricultura progrediram de um modo notavel. Foi neste tempo que um tal *Sorbon* fundou a faculdade theologica, á qual deixou o seu nome (1258). Nem este reinado adquiriu menor gloria no exterior; pois, além de duas cruzadas, sustentou S. Luiz uma guerra contra os Inglezes, tirando-lhes diversas provincias depois de derrotal-os em Saintes (1242).—2) *Philippe III o Audaz* (1270—85) succumbiu na expedição contra *Pedro III de Aragão*, que apoiava os autores das *Vesperas Sicilianas*.—3) *Philippe IV o Bello* (1285—1314) fez uma guerra infructuosa contra a Inglaterra e outra contra as Flandres, cujo conde prendeu e depoz.—*No interior*, tratando Philippe de tornar a sua autoridade sempre mais absoluta, combateu a todo o transe a nobreza e o clero; alterou por 35 vezes o valor da moeda e decretou impostos exorbitantes. Bonifacio VIII, portanto, interveiu afim de proteger os direitos da Egreja e de lembrar a Philippe as leis da justiça; porém este, além de acolher na sua côrte Estevam e Sciarra Colonna, banidos de Roma, fechou em um calabouço o legado apostolico, incumbido de aplanar as difficuldades; convocou os Estados-Geraes, apresentando-lhes uma bulla pontificia falsificada, e teve a pretenção de depor o Papa mandando-o prender em Anagni por Nogaret e Sciarra Colonna (1303). Bonifacio, posto em liberdade pelo povo, morreu dahi a pouco em Roma, talvez envenenado. Conseguiu a suppressão da Ordem dos Templarios, mas não alcançou que fosse condemnada a memoria de Bonifacio VIII. Deus o puniu com gravissimos desgostos domesticos; pelas *Matinas de Bruges* (1302), onde pereceram 3500 francezes; pela grande derrota de Courtray (1302), chamada *Batalha das Esporas* (1); e pela morte repentina que o salteou em uma caçada.—4) *Luiz X o Turbulento*

(1) Déram-lhe este nome em attenção ao largo numero de *esporas* recolhidas no campo.

(1314—16), cujo reinado se assignalou por uma grande reacção do feudalismo, e uma guerra infeliz contra as Flandres.—5) *Philippe V o Longo* (1316—22). Tendo João I, filho posthumo de Luiz X, fallecido no anno de 1316 em que nasceu, devia subir ao throno Joanna de Navarra, filha egualmente de Luiz X; porém Philippe, que governava o reino em nome de seus sobrinhos, fez declarar pelos Estados-Geraes que, segundo *a Lei Salica, as mulheres não podem reinar*. Conseguindo deste modo cingir a coroa real, levou a effeito uteis reformas, e poz côbro aos excessos dos camponezes que, tomando o nome de *pastores*, devastavam o paiz.—6) *Carlos IV o Bello* ou *o Justiceiro* (1322—28), foi o ultimo dos Capetos directos, que occuparam o throno por 341 annos, succedendo-se sempre regularmente de pae a filho desde Hugo Capeto até Luiz X, do qual foram irmãos Philippe V e Carlos IV.

INGLATERRA (1066—1377)

272) **Os Normandos (1066—1154).**—Por morte de S. Eduardo (1066), *Guilherme o Bastardo*, duque da Normandia, conquistou a Inglaterra desfazendo e matando na batalha de *Hastings* o seu competidor Haroldo, cunhado do santo. Guilherme reinou com muita severidade; foi injusto a respeito da Egreja, e deixou a Normandia a Roberto, seu filho mais velho. Seus successores na Inglaterra foram: —1) *Guilherme o Ruivo* (1087—100), segundo filho do Conquistador, pereceu em uma caçada, alvo do odio universal em consequencia de seus vicios, do seu despotismo, e por ter perseguido S. Anselmo, arcebispo de Cantuaria.—2) *Henrique I Beauclerc* (1100—35), terceiro filho do Conquistador, usurpou a coroa, que pertencia a Roberto, a quem despojou tambem da Normandia arrancando-lhe os olhos (1106) e deixando-o preso até morrer (1116). No interior Henrique conciliou os espiritos chamando do desterro a S. Anselmo, casando-se com S. Mathilde da Escossia e concedendo aos barões uma *Carta*, que é considerada como a primeira origem das liberdades inglezas. Sendo pela morte de *Guilherme Adeling*, seu unico filho, privado de successor directo, legou o throno á sua filha Mathilde, viuva do imperador Henrique V e mulher de Geoffroy Plantageneta, conde de Anjú.—3) *Estevam de Blois*, (1135—54), neto do Conquistador por sua mãe, protestou contra o testamento do seu tio; e, tomando posse do reino, fez largas concessões aos barões. Occupando no en-

tretanto, a Normandia, alliando-se com S. David da Escossia e invadindo a Inglaterra, Mathilde prendia o neto do Conquistador obrigando-o a consentir em um tratado que garantiu a successão da Inglaterra a Henrique Plantageneta, filho de Geoffroy, porém só depois da morte de Estevam.

273) **Os Plantagenetas** — foram: — 1) *Henrique II* (1154—89), que pela acquisição de mais de dois terços da França actual, pela conquista da Irlanda e por sua suzerania sobre a Escossia, se tornou um dos mais poderosos monarchas do seu tempo. Comtudo não lhe ficou na historia sinão a reputação de um tyranno. Afim de dominar melhor o clero deu a sé primacial de Cantuaria a Thomaz Becket, seu chanceller, mas achou nelle um heroico defensor dos direitos da Egreja. A morte violenta de Thomaz excitou contra Henrique a indignação geral e a revolta de Leonor, sua mulher, bem como a de seus quatro filhos.—2) *Ricardo I, Coração de Leão* (1189—99), não podia deixar de ser infeliz, visto ter, por tres vezes, pegado em armas contra o seu proprio pae. Ao regressar da terceira cruzada ficou preso na Germania, sendo depois obrigado a luctar com *João-sem-Terra*, seu irmão, que usurpara o throno.—3) Tendo *João sem-Terra* (99—1216) assassinado Arthur, filho de Ricardo (6), declarou-lhe Philippe Augusto a guerra e o desbaratou na batalha de Bouvines (1214), tirando-lhe quasi todas as possessões do continente. Compelliam-no nesse mesmo tempo os barões a conceder a *Magna Carta* (1), base da constituição actual da Inglaterra. O papa Innocencio III, afim de punil-o pela sua tyrannia, seus crimes e a perseguição contra o clero, declarou-o deposto e excommungado, incumbindo Philippe Augusto de executar a sentença (1212); porém o absolveu e reintegrou no throno ao vel-o convertido. —4) *Henrique III* (1216—72), filho de *João-sem-Terra*. Irritados os nobres por verem o monarcha cercado de favoritos extrangeiros, levantaram-se induzindo-o a convocar o grande conselho da nação que pela primeira vez recebeu o nome de *parlamento*.—O seu resultado principal foi a lei intitulada *Estatutos de Oxford* (1258) que limitava muito a autoridade do rei. Preso em uma nova insurreição, perdeu Henrique quasi todo o seu poder (1264); mas, depois da batalha de *Evesham* (1265) em que pereceu o conde de *Leicester*, chefe da nobreza, recuperou a autoridade confirmando a *Magna*

(1) As disposições principaes da *Magna Carta* são a lei do *Jury* e a do *Habeas-corpus*.

Carta e restaurando a tranquillidade publica que durou até a sua morte.—5) *Eduardo I* (72—1307) maculou pela crueldade o seu reinado, aliás glorioso para a Inglaterra. Teve com a França uma guerra que acabou pela intervenção pacifica de Bonifacio VIII e pelo casamento do futuro *Eduardo II* com Isabel, filha de Philippe IV (1299). Conquistando o principado de Galles, fez em postas o seu ultimo duque; intervindo nos negocios da Escossia, recebeu o juramento feudal de João Baliol; mas causou por sua tyrannia uma guerra (1296), na qual havendo preso Guilherme Wallace que tentava libertar a sua patria, o esquartejou, mandando expor os pedaços do seu corpo em varias cidades da Inglaterra (1305). *Roberto Bruce*, filho do que fôra competidor de Baliol, vingou mais tarde a morte de Wallace restituindo a liberdade á Escossia.—6) *Eduardo II* (1307—27), o primeiro que levou o titulo de *Principe de Galles*, foi devasso, e, por se ter rodeado de favoritos, descontentou a seus barões, que, insurgindo-se por diversas vezes, enforcaram os validos e assassinaram o rei.—7) *Eduardo III* (1327—77), tanto que subiu ao throno, executou o conde de Mortimer, assassino de seu pae e favorito de sua mãe, a quem fechou em um castello.

FRANÇA E INGLATERRA.—GUERRA DOS CEM ANNOS

274) **Definição.**—Leva o nome de *Guerra dos Cem Annos* uma lucta obstinada que no ultimo quartel da Edade Media se travou entre a França e a Inglaterra, e que abrange um periodo de 114 annos (1339—1453). A França esteve a tornar-se uma provincia ingleza, e foi salva só por intervenção especial de Deus na pessoa de Joanna d'Arc. (1)

Divisão. Póde a historia desta guerra dividir-se em quatro periodos. O I, que relata os desastres francezes, extende-se até a paz de Bretigny em 360.—O II *periodo*, glorioso para a França, vae até a morte do condestavel *Du-Guesclin* e do rei *Carlos o Sabio* em 1380.—O III leva a Filha

(1) Durante todo este tempo governaram a França e a Inglaterra os reis seguintes:

Na Inglaterra		*Na França*	
1327—77	Eduardo III	1328—50	Philippe VI de Valois
1377—99	Ricardo II	1350—64	João II o Bom
1399—13	Henrique IV	1364—80	Carlos V o Sabio
1413—22	» V	1380—22	» VI o Louco
1422—72	» VI	1422—61	» VII o Victorioso.

Primogenita da Egreja até a beira do abysmo e acaba no assedio de Orléans em 1428. —O *IV periodo* termina com a victoria definitiva da França em 1453.

275) **Periodo I**—*Desastres.*—Por morte de *Carlos IV o Bello* (1328), *Eduardo III* reconheceu *Philippe VI de Valois* por legitimo herdeiro da coroa de França que, a não ser a *Lei Salica*, lhe pertencia como neto de Philippe IV o Bello (1). Instigado, todavia, mais tarde pelo conde Roberto de Artois, assumiu solemnemente (1339) o titulo de rei da França; fomentou uma insurreição dos Flamengos; destruiu a frota inimiga nas *Comportas ou Eclusas* (1340); invadiu a Normandia; esmagou os Francezes em *Crécy* (1346) e occupou a cidade de *Calais*, da qual baniu todos os subditos do seu rival. Concluiu-se então, mediante a intervenção de Clemente VI, uma tregua de um anno; porém, dahi a pouco, os Inglezes, capitaneados pelo *Principe Negro* ou *de Galles*, assolaram o occidente da França, infligindo perto de *Poitiers* (1356) tal derrota aos Francezes, que abysmou a monarchia na maior confusão e no maior perigo. Sendo o proprio rei João preso e conduzido para Londres, assignou um tratado excessivamente oneroso que os *Estados-Geraes* recusaram ratificar. Passam, portanto, os inglezes de novo ao continente, são bem succedidos em numerosos recontros, e dictam a paz de *Bretigny* (1360), que lhes dá plena soberania em larga parte da França. Fixam, no mesmo tempo, o resgate do monarcha numa quantia equivalente a tres mil contos de réis. Poude então João regressar a Pariz; como, porém, não conseguisse ajuntar a somma promettida e fosse informado da fuga de seu filho que deixára em refem, voltou, com raro exemplo de lealdade, para a sua prisão (1363), fallecendo, no anno seguinte, na Torre de Londres.— **O estado interior da França**—durante este primeiro periodo, foi lastimoso. *Philippe VI*, para acudir ás despezas da guerra, decretou um imposto muito pesado sobre o sal, e alterou bem cincoenta vezes o valor da moeda. Viu-se, de mais a mais, a França, nesta época, a braços:—1) com a *peste* ou *morte negra* que em Pariz chegou a fazer 800 victimas por dia;—2) com as intrigas de *Carlos o Máu*, rei de Navarra, que, levantando o povo, tratava de apoderar-se do throno;—3)

(1) *Eduardo III* era neto por sua mãe; *Carlos o Máu*, bisneto, tambem por sua mãe, de *Philippe IV o Bello*, ao passo que *Philippe VI de Valois* era sobrinho delle, i. é., neto de *Philippe III* pelo lado paterno. Portanto, a não ser a *Lei Salica*, a coroa pertencia a Eduardo III.

com a *Jaqueria* e com as *Grandes Companhias* (1). Comtudo Philippe VI adquiriu, nesse tempo, o *Delphinado* e o condado de *Montpellier*.

276) **Periodo II.**—*Gloria da França.*—O segundo periodo coincide com o reinado de *Carlos V o Sabio*, que governára, como regente, durante o captiveiro do rei João. Achou Carlos a França em um estado altamente deploravel, mas logo restaurou tudo fazendo optimas leis para a paz e segurança publica, creando o tribunal das contas, erguendo a Bastilha, livrando o paiz de Carlos o Máu e das Grandes Companhias, e dando mais uma vez principio ás hostilidades contra os Inglezes, aos quaes tirou larga parte de suas conquistas. Formou uma bibliotheca publica e extendeu a sua influencia sobre a Bretanha e além dos Pyrenéos. Distinguiu-se neste reinado glorioso o condestavel *Du-Guesclin*, que capitaneou a expedição da Hespanha (2); tomou parte na guerra da Bretanha; cahiu diversas vezes prisioneiro, remindo-se sempre por si mesmo e pelejando com valor sempre novo. Succumbiu aos trabalhos da guerra dois mezes antes da morte de Carlos, que lhe tributou a honra tão rara de enterral-o no proprio sepulchro dos reis em S. Diniz.

277) **A guerra da Bretanha ou das Duas Joannas** —era apenas uma contenda entre dois competidores para succederem nesse feudo ao duque *João III*; porém, intervindo os Inglezes em favor de João de Montfort, e, apoiando os Francezes Joanna de *Ponthièvre*, casada com Carlos de Blois, não tardou em assumir grandes proporções. Recebeu esta lucta o nome de— *Guerra das Duas Joannas*, porque, sendo João preso pelos Francezes (1343), e Carlos pelos Inglezes (1345), as duas senhoras, ambas chamadas *Joanna*, continuaram as hostilidades com valentia superior a seu sexo.

---

(1) Deu-se nesta epoca o nome de *Jaqueria* ás desordens praticadas pelos camponezes, que tratavam de acabar com os nobres, e reconheciam como chefe um tal *Guilherme Caillet*, alcunhando-o de *Jaques bon homme*.—*As Grandes Companhias* eram soldados desordeiros já despedidos do exercito, que, reunidos em diversos corpos, assolavam as provincias com gravissimo detrimento do paiz. Alistando-os de novo, levou-os Du-Guesclin para a guerra da Hespanha.

(2) Motivaram esta expedição as desavenças entre Pedro o Cruel e Henrique de Trastamara, que disputavam entre si o throno de Castella e de Leão. Os Inglezes apoiaram Pedro, e a França interveiu em auxilio de Henrique.

278) **O estado interior**—da Inglaterra ia, no entretanto, de mal a peior. Eduardo perdeu (1377) o *Principe Negro* que devia succeder-lhe, e, em consequencia de sua vida irregular, elle mesmo acabou desprezado por todos. No mesmo tempo o parlamento augmentava o seu poder conseguindo que fossem sanccionados os tres principios fundamentaes (1376) da constituição britannica, a saber: *O direito de votar os impostos, o de manter ou mudar a lei e o de metter em accusação os ministros da coroa.*—Durante a menoridade de Ricardo II, filho do Principe Negro, tudo correu de um modo ainda peior, quer pelas intrigas dos tios do rei, quer pelas declamações do heresiarcha *Wiclef*, que então appareceu (1). Nem a situação melhorou quando Ricardo assumiu as redêas do governo; porque seus tios e os barões, prendendo o infeliz monarcha, o constrangeram a abdicar e talvez o privaram da vida (400). Assenhoreou-se então do throno a *casa de Lancaster* com damno da de Clarence, e *Henrique IV* reinou pelo terror afogando no sangue as sedições. Foi principalmente em virtude deste estado da Inglaterra que as hostilidades ficaram suspensas por mais de trinta annos.

279) **Periodo III.**—*Desastres francezes.*—O bom estado do thesouro, a energia com que o joven rei, sahindo da menoridade começava a governar, o modo facil com que diversas insurreições eram domadas: tudo, no principio deste periodo, promettia optimo futuro á Filha Primogenita da Egreja. Tendo, porém, o rei Carlos VI enlouquecido (1392), disputaram entre si o governo os Borgonhezes, capitaneados pelo duque de Borgonha, e os Armagnacs, á cuja frente se achava o duque de Orléans, genro do de Armagnac. Estas

(1) *João Wiclef* nasceu em Wiclif, ou Wiclef na provincia de York, em 1324. Entrando na carreira ecclesiastica, logrou ser nomeado *principal* do collegio da rainha em Oxford. Como esse logar fosse pouco depois confiado a alguns religiosos, e o Papa, para o qual o nosso João appellára, se pronunciasse em favor delles, começou Wiclef a prégar e a escrever contra o poder temporal e espiritual do chefe da Egreja, contra o clero em geral, os principes, etc., etc. Protegido a principio pelo duque de Lancaster (o futuro Henrique IV), propagou erros tão antisociaes, que *cem mil* lavradores pegaram em armas contra os ricos. Condemnado em 1382, falleceu impenitente em 1384. Comquanto Ricardo II mandasse que os escriptos delle fossem queimados, e Henrique V exterminasse os ultimos Wiclefidas, que assumiam o nome de *Lollardes*, um fidalgo bohemio, que estudava em Oxford, achou modo de levar os livros do heresiarcha para a Bohemia, onde João Huss, então reitor da universidade de Praga, adoptou as suas doutrinas.

desavenças, que degeneraram em verdadeira guerra civil, expuzeram a França a um risco extremo. Pois, renovando *Henrique V* as hostilidades e invadindo a Normandia, esmagou os Francezes em *Azincourt*, onde fez um grande numero de prisioneiros distinctos (1415). Então os *Borgonhezes* e a propria rainha mãe, Isabel de Baviera, não duvidaram alliar-se com os extrangeiros contra os Armagnacs, assignando o tratado de Troyes, que entregou a França aos Inglezes (20). Casando-se, portanto, *Henrique V* com Catharina, filha de Carlos VI, foi declarado regente e herdeiro do throno. Era no mesmo tempo o Delphim (o futuro Carlos VII) compellido a retirar-se para o sul do Loira com alguns cavalleiros que ainda lhe ficavam fieis. Tal era a situação dos dois paizes quando falleceram Henrique V e o infeliz Carlos VI.

280) **A Henrique V**—succedeu na Inglaterra *Henrique VI*, seu filho, sob a regencia do duque de *Bedford*, o mais habil politico do seu tempo. Durante ainda sete annos foi Carlos VII levado de vencida em toda a parte, e Orléans, unica fortaleza que lhe restava, tinha de luctar com medonho cêrco. Já não havia, pois, esperança de salvação para a França, a não ser o apparecimento de Joanna d'Arc.

281) **Periodo IV.**—*Victoria da França.*—Era *Joanna d'Arc* uma pobre pastorinha de Domrémy, perto de Vaucouleur na Lorena, onde nascera em 1410. Asseverando que recebera de Deus a missão de expulsar da França os Inglezes, obteve do rei um pequeno exercito com o qual libertou Orléans (1—8 de Maio de 1429), bateu os inimigos em diversos recontros e conduziu Carlos VII a Reims, assistindo alli á sagração delle (17 de Jun. de 29). Quiz então retirar-se affirmando que a sua missão estava acabada; porém, detida pelo rei, foi, no assedio de *Compiègne*, presa (30) pelos Borgonhezes e entregue aos extrangeiros. Estes que lhe votavam um grande odio, obtiveram á força de intrigas que fosse, como feiticeira, queimada viva em Ruão (31). Cuidando então os Inglezes que iam triumphar, coroaram Henrique VI em Pariz como rei de França. Foram, todavia, desbaratados em toda a parte, sendo afinal repellidos de todos os lados e perdendo as possessões do continente com a excepção apenas de Calais. Levaram a ultima derrota em Castillon (1453), sobre o Dordonha, onde pereceu o general *João Talbot*, que por suas façanhas merecera o nome de *Achilles da Inglaterra*.

HESPANHA—MUSULMANA

282) **Califado de Cordova.** — Fundou o califado de Cordova *Abderame I* (756—87), que resistiu com vantagem aos Abbassidas, porém não conseguiu subjugar os christãos das Asturias.—*Seus successores* mais illustres foram estes:—1) *Al-Hakem I* (796—822), que restaurou a ordem; protegeu a litteratura; organizou uma bibliotheca de 40.000 volumes, e concluiu a famosa mesquita de Cordova (1) já começada por Abderame I, seu avô.—2) *Abderame II o Victorioso* (822—52), que poz côbro á anarchia; rechassou os Normandos; venceu Ordonho, rei das Asturias; perseguiu os christãos *mozarabicos* ou arabes por adopção, aos quaes vedou o eleger novos bispos e o reconstruir suas egrejas. Seguiram-se 60 annos de anarchia e de guerra civil, que levaram o califado a uma decadencia extrema.—3) *Abderame III o Grande* (912—61), que assumiu o titulo de *Emir al Mumenin* (principe dos crentes), inaugurou uma nova éra de prosperidade e de grandeza restabelecendo a ordem, combatendo os Christãos, passando os Pyrenéos e levando suas armas victoriosas até a Mauritania na Africa. Foi, todavia, tambem elle derrotado diversas vezes pelos Christãos. Elevando a seu auge a civilização arabe na Peninsula pela protecção outorgada ás lettras, ás artes e ao commercio, mereceu as congratulações dos imperadores gregos; de *Hugo*, rei da Italia; de *Carlos o Simples*, da França; e de *Othão I*, da Germania.—4) *Al-Hakem II* (961—76) imitou seu pae na protecção concedida ás lettras, sciencias e artes; sopitou um levantamento da Africa, e tirou *Zamora* (63) aos Christãos.—5) *Hixam* (76—1006), voluptuoso e indolente, deixou-se dominar totalmente pelo seu primeiro ministro (hajib) *Mohamed-al-Mansor*, que, desbaratando numerosas vezes os Christãos durante 25 annos, assolou os reinos de *Navarra* e de *Leão*, bem como os condados de *Castella* e de *Catalunha*. Esmagaram-no, afinal, os principes christãos (2) na grande peleja de *Calatanazor* (pincaro dos abutres), perto de *Medina-Cœli* (999), onde pouco depois cessou de viver

(1) Contava 1093 columnas; estava dividida em 19 naves; ardiam nella 4700 lampadas. E' hoje a cathedral de Cordova.

(2) Foram *Affonso V*, de Leão; *Garcias*, conde de Castella; e *Garcias III*, rei de Navarra. Levava este ultimo o appellido de *Tremulo*, porque, quando revestia a couraça, apoderava-se do seu corpo um tremor involuntario, e elle costumava dizer: *O meu corpo treme pelo perigo a que o vae expor minha coragem.*

(1001).—Com elle pereceu a gloria do califado, que, apoz dilatada agonia de guerra civil e de desgoverno, foi desmembrado (1031) em dez pequenos reinos independentes, os quaes cahiram pouco a pouco nas mãos dos Christãos.

HESPANHA CHRISTAN

283) **Pelagio.**—Quando nos primeiros annos do seculo VIII os Arabes invadiram a Hespanha, um punhado de heróes ao mando de D. Pelagio retiraram-se para as montanhas das *Asturias*, onde, unindo-se aos Bascos e derrotando os invasores em *Covadonga* (718), déram principio a essa pasmosa cruzada que durou quasi oito seculos e que salvou a Hespanha christan. A sua capital no começo, segundo alguns, foi *Gijon* ou *Gigia;* segundo outros, *Cangas* ou *Canicas;* logo depois *Oviedo* (760) e mais tarde *Leão* (914). Os principaes successores de D. Pelagio foram os seguintes: — 1) *Affonso II o Casto* (791—835), que protegeu as lettras; ligou-se com Carlos Magno e fundou diversas cidades, entre as quaes se distingue *Santiago de Compostella*, (1).—2) *Ramiro I* (835—50) repelliu os Normandos e venceu *Abderame II*.—3) *Ordonho I* (850—66) tomou aos Arabes Toledo e Salamanca.—4) *Affonso III o Grande* (66—910), dividindo o seu reino entre seus filhos, facilitou as victorias de *Abderame III* e adiou por largo tempo o triumpho dos Christãos.—5) *Sancho III o Grande* (1000—1035), successor de *Garcias III o Tremulo*, realizou uma união momentanea de toda a Hespanha christan, que dahi a pouco quinhoou entre seus filhos, formando os reinos de *Navarra*, do *Aragão*, de *Castella* e de *Leão*.

284) **A Navarra** — depois da morte de Sancho III, passou successivamente para diversas familias. A sua historia não tem interesse geral. Em 1512 foi por Fernando o Catholico reunida a Castella.

285) **Aragão.**—Os principaes monarchas do Aragão foram os seguintes: —1) *Affonso I o Lidador* (1104—34), casando-se com D. Urraca, herdeira de Castella e de Leão, reuniu por um momento toda a Hespanha christan, e tirou Saragossa aos Mouros (1118). —2) *Ramiro II o Monge* (1134—37) havendo desposado Petronilla, sua filha de dois

(1) Dizem que Compostella é corrupção das palavras *Jacomo Apostolo*.

annos, com o conde de Barcellona, abdicou, voltando para o mosteiro, donde sahira a pedido do povo e por ordem do Papa. Os novos reis do Aragão, adquirindo os condados da Provença, do Roussillon e de Montpellier, conseguiram o dominio do Mediterraneo occidental.—3) *Pedro II* (1196—1213) pereceu na batalha de Muret, combatendo ao lado dos Albigenses.—4) *Jayme I o Conquistador* (1213—76) assenhoreou-se do reino de Valencia e das ilhas *Baleares*. Em 63 annos de reinado e de guerra, nunca foi vencido, fundando numerosas egrejas e conseguindo trinta victorias.—5) *Pedro III* (1276—85), favorecendo os autores das *Vesperas Sicilianas*, apoderou-se da Sicilia, que dizia pertencer lhe em virtude do seu casamento com *Constancia*, filha de Manfredo. —6) *Affonso V o Magnanimo* (1416—58), sendo adoptado (1420) por Joanna II de Napoles, annexou o reino de Napoles a seus dominios do Aragão, da Sicilia e da Sardenha (1442), que antes de descer ao sepulchro repartiu entre seus filhos. Emfim o casamento (1474) de *Fernando o Catholico*, rei do Aragão com Isabel, rainha de Castella, effectuou definitivamente a reunião dos dois reinos.

286) **Castella e Leão**—foram reunidos (1037) por *Fernando I*, filho de *Sancho III*. Assustados os Mouros pelas façanhas gloriosas de *Affonso VI* (1072—1109) e do famoso Rodrigues Dias de Bivar, mais conhecido sob o nome de *Cid* (sr.), chamaram em seu auxilio os *Almoravides*, seita politico-religiosa, que acabavam de fundar *Marrocos*. Sendo, portanto, os Christãos desbaratados em diversas pelejas, imploraram o soccorro dos Francezes. Entre os que acceitaram este nobre convite, sobresahiam dois principes capetingios da casa de Borgonha, *Raymundo* e *Henrique*. A desharmonia enfraqueceu os Almoravides; porém, os Almohadas ou Unitarios que sobrevieram, derrotaram *Affonso IX de Castella* na batalha de *Alarcos* (1195). Unindo-se então os Hespanhóes, por conselho de *Innocencio III*, contra o inimigo commum, conseguem a grande victoria das *Navas de Tolosa* (1212), que rechassa os Mouros até a Andaluzia (1).—*Fernando III o Santo* (1217—52), primo-irmão de S. Luiz de França, reuniu definitivamente os dois reinos de Castella e de Leão. Tirando aos Mouros Cordova, Sevilha e Cadiz, os reduziu ao pequeno reino de Granada, ultimo

(1) Foi pouco mais ou menos neste tempo que em soccorro dos Christãos se instituiram as Ordens Religioso-militares de Alcantara, de Calatrava, de Santiago e de Aviz, as quaes prestaram serviços mui relevantes á Hespanha Christan.

asylo que ainda lhes ficou na Hespanha —*Affonso X o Sabio* (1252-84) tomou a cidade de *Niebla* depois de uma resistencia heroica da parte dos Mouros, que, segundo dizem, nesta occasião fizeram pela primeira vez uso das armas de fogo (1257) (1).—*Affonso XI* (1312—50), ajudado por *D. Affonso IV* de Portugal, infligiu ao pé de *Tarifa sobre o Salado* (1340) uma derrota tal aos Mouros, que de-ta data em deante nunca mais passaram da Africa para a Peninsula (2).—*Pedro o Cruel* (1350—68) luctou com *Henrique de Trastamara*, seu irmão natural, que lhe disputava o throno. Estas desavenças provocaram a intervenção do condestavel *Du-Guesclin*, o qual cahiu prisioneiro do *Principe Negro*, que apoiava Pedro contra Henrique. Dahi por deante estes dois reinos foram sempre decahindo até a *Henrique IV* (1454—74), cuja irman e herdeira, contrahindo enlace matrimonial com *Fernando do Aragão*, reuniu quasi toda a Hespanha christan sob o mesmo sceptro.

PORTUGAL

287) **Origem.**—Entre os numerosos christãos francezes que pelos fins do sec. XI tomaram parte na cruzada hespanhola contra os Mouros, sobresahiam *Raymundo* e *Henrique*, principes capetingios da casa de Borgonha, descendentes de Hugo Capeto. O primeiro casou-se com D. Urraca; o segundo com D. Thereza: ambas filhas de Affonso VI de Leão. Aquelle recebeu do seu sogro o governo da Galliza (1094); este, o condado de Portugal (Porto-Cale) com todo o mais territorio que conquistasse aos Mouros (1095). Raymundo não se demorou em fallecer; Henrique tratou de reparar os males da guerra; partiu para o Oriente (1103—5), e, morrendo em 1114, deixou *Affonso Henriques*, seu filho, aos cuidados de D. Thereza e de Egas Muniz. Estes resistiram a Affonso VII de Castella e de Leão, que cercou Guimarães (27).

288) **Dynastia de Borgonha** (1139—1383).—*D. Affonso Henriques* (1114—85)—instigado pelos nobres, pegou em armas contra a sua mãe, que tentava continuar a governar, e derrotando-a na batalha de S. Mamede (28), a desterrou de Portugal juntamente com Fernando Peres, filho do

(1) *Niebla*, burgo da Hespanha, Huelvas, sobre o Tinto, a 52 klms. de Sevilha.

(2) *Salado*, rio da Andaluzia, que passa perto de Tarifa no S. E. de Cadiz.

conde de Trava. Marchando então D. Henriques contra os Mouros, desbaratou-os no campo de *Ourique* (1139), onde foi acclamado rei por seus soldados. Venceu pouco depois em *Valdevez* (40) a seu primo D. Affonso de Castella e Leão, que, na paz de Zamora (43), o reconheceu monarcha independente, graças á intervenção pacifica do Papa, ao qual offerecera o seu reino com o censo annual de quatro onças de ouro.—*Succederam-lhe* os reis seguintes:—1) *Sancho I o Povoador (85-1211)*, que restaurou as cidades e tornou a povoar as provincias desoladas pela guerra; tirou aos Mouros uma parte do Algarve e completou a conquista do Alémtejo. Buscando submetter ao seu dominio a Egreja, usurpou-lhe os direitos; porém, antes de morrer, reconciliou-se com o papa Innocencio III.—2) *Affonso II o Gordo* (1211—23) convocou em Coimbra as primeiras côrtes; fez guerras muito vantajosas aos Mouros; concorreu para a grande victoria das *Navas de Tolosa* (1212), e foi excommungado por suas violencias contra os nobres e o clero; porém não tardou em ser absolvido.—3) *Sancho II o Capello* (1223—48) visitou as provincias e conquistou diversas cidades aos Mouros. Como os nobres e os bispos se queixassem ao Papa de que seu monarcha carecia dos dotes necessarios para dirigir os destinos do paiz, foi D. Sancho no concilio de Lyão (1245) suspenso de suas funcções por Innocencio IV. Então D. Affonso, seu irmão, nomeado regente, sustentou uma guerra civil, que pouco durou, porque quasi todos abandonaram D. Sancho, o qual se retirou para Toledo, onde falleceu no anno seguinte. Entre os poucos barões que lhe ficaram fieis, merecem ser recordados *Martim de Freitas*, governador de Coimbra; e *Fernão Rodrigues Pacheco* que commandava em Celorico, os quaes recusaram ceder as cidades da sua jurisdicção emquanto não tiveram plena certeza do fallecimento do rei.

4) *D. Affonso o Bolonhez* (1248—79) — rechassando os Mouros e recuperando o Alémtejo e o Algarve, assumiu o titulo de—*rei de Portugal e dos Algarves*; restaurou varias cidades, e levou a capital para Lisboa. Fundou alguns mosteiros, chamou para as côrtes os procuradores dos municipios; e taxou o preço ao ouro, á prata e a toda a sorte de mercadorias. Tendo-se separado de Mathilde, condessa de Boulogne e sua mulher legitima, para viver com Beatriz, filha natural de Affonso X de Castella e Leão, o papa Gregorio X o excommungou e sotopoz o reino a um interdicto que durou até á morte da mulher repudiada (1262). Casou se então regularmente, e conseguiu ser

absolvido, mas continuou a usurpar os direitos da Egreja. —5) *D. Diniz* (1279—25)—mereceu os titulos de *Justo*, de *Lavrador*, de *Pae da Patria* e *das Musas*. Educado pelo sabio bispo de Cahors, possuia uma instrucção muito superior á dos monarchas do seu tempo; promoveu a agricultura, o commercio, a industria e a exploração das minas; augmentou a frota; fundou a Ordem de Christo e a universidade de Lisboa (1290), transferida mais tarde para Coimbra; domou a ousadia dos nobres; creou escolas em quasi todas as terras do reino; reintegrou o clero em seus direitos (89), e reconciliou Castella com o Aragão (1305). No principio do seu reinado combateu *D. Affonso*, seu irmão, que lhe disputava o throno, e seus ultimos annos foram amargurados por uma revolta de *D. Affonso*, seu filho. Ambas estas questões acabaram pacificamente pela intervenção da rainha S. Isabel.

6) *D. Affonso IV o Bravo* (1325—57) — appellidado *filho ingrato, irmão injusto* e *pae cruel*, perseguiu Affonso Sanches, seu irmão natural, esbulhando-o de todos os bens que recebera de seu pae. Teve com o reino de Castella uma guerra que acabou pela mediação amigavel do Papa e do rei de França; consentiu no assassinato (55) da infeliz D. Ignez de Castro, casada secretamente com o principe D. Pedro; concorreu para a victoria do *Salado* (40), e instituiu (1) os *juizes de fóra*, que iam administrar a justiça nos concelhos — 7) *D. Pedro I.* (1357—67) tomára as armas contra seu pae, e, apesar da intervenção da rainha e do arcebispo de Braga, mal consentira em depol-as com a condição de serem expatriados os tres cumplices do assassinato da sua esposa. Tanto que subiu ao throno, renovando com o rei de Castella o tratado de extradicção, logrou prender dois dos assassinos (2) da sua mulher, puniu-os cruelmente e rehabilitou a memoria de D. Ignez. Baniu os advogados; decretou a pena de morte e a confiscação dos bens contra os magistrados que protrahissem as demandas ou se deixassem subornar; prohibiu a seus vassallos, sob pena de serem açoutados e, si reincidentes, degollados, *comprar ou vender, fiado, objectos de luxo*.—8) *D. Fernando I o Formoso*

(1) Chamavam-se *de fóra*, porque deviam ser sempre extranhos á terra em que exerciam o seu ministerio.

(2) Eram Pedro Coelho e Alvaro Gonçalves, aos quaes D. Pedro mandou, na sua presença, arrancar o coração em vida, e elle mesmo os affrontou nos ultimos momentos O corpo de D. Ignez, desenterrado e revestido de todos os ornatos de rainha, foi assentado no throno, onde os nobres tiveram de beijar-lhe a mão.

(1367—83) fez contra Castella tres guerras, cujo resultado foi o matrimonio de *D. Brites*, sua filha, com *D. João I* desse reino; poz um dique aos abusos dos nobres: animou o commercio, a marinha e a agricultura (1), mas deshonrou-se dando-se a viver com D. Leonor Telles, mulher legitima de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiros, que ainda vivia.

289) **Interregno** (1383—85).—Fallecendo D. Fernando sem deixar filho varão, assumiu a regencia D. Leonor emquanto a rainha de Castella não tivesse filho capaz de moderar as redêas do governo. O povo, todavia, mostrou-se muito irritado, quer pelo receio de cahir sob o jugo castelhano, quer pelas relações escandalosas de Leonor com João Fernandes Andeiro, conde de Ourem. Afinal *D. João, Grão Mestre da Ordem de Aviz* (2), filho natural de D. Pedro I e de Thereza Lourenço, matou o conde e foi pelo povo acclamado *Restaurador da liberdade* e *defensor do reino*. Apoiado então pelo condestavel *Nuno Alvares Pereira* e pelo jurisconsulto *João das Regras*, venceu os Castelhanos em *Atoleiros*, e, libertando Lisboa (84), foi proclamado rei pelas côrtes reunidas em Coimbra (6 de Abril de 85).

290) **A dynastia de Aviz** (1385—1580)—que se manteve no throno durante 195 annos, deu os reis seguintes: —1) *D. João I* (85—1433), casado com D. Philippa, irman de Henrique IV da Inglaterra, depois de destroçar os Castelhanos em Trancoso, os anniquilou em Aljubarrota (14 de Ag. de 85), onde fundou o grandioso mosteiro da batalha. Foi o primeiro monarcha portuguez que realizou conquistas na Africa tirando Ceuta aos Mouros (1415); formou uma nobreza nova, composta de seus adherentes, e convocou 25 vezes as côrtes. *D. Henrique*, seu terceiro filho e fundador da Escola de Sagres, assignalou-se pelo estudo da marinha e por notaveis descobrimentos na costa da Africa: v. g., o Cabo Bojador, Porto Santo, Madeira, os Açores, as ilhas

(1) E' notavel a lei das *sesmarias* pela qual as terras abandonadas deviam passar para outro possuidor, si o proprietario recusasse cultival-as.

(2) A Ordem Religioso-militar de *Aviz* foi fundada (1146) por alguns particulares. D. Affonso I, que a organizou, incumbiu esses cavalleiros da defesa de Evora que acabava de conquistar (66), cedendo-lhes, em 1181, a cidade de Avis ou Aviz. Dahi os nomes de *Nova Milicia*, *de Ordem de Evora* e *Ordem de Aviz*, que successivamente levou essa religião, a qual contribuiu muito para a expulsão dos Mouros. Desaveiu-se muitas vezes com a Ordem de Alcantara, e em 1213 fôra reunida á de Calatrava, mas D. João I lhe restituiu a sua independencia.

de Cabo Verde e a costa da Serra Leôa.—2) *D. Duarte o Eloquente* (1433—38), autor de varias obras, incumbiu Fernão Lopes, o pae da historia portugueza, de escrever as chronicas de seus antecessores; publicou a *Lei Mental* (1); refreou o luxo excessivo dos nobres, e mandou para a Africa seus irmãos D. Henrique e D. Fernando, que foram desbaratados e presos nos campos de Tanger. D. Henrique libertou o exercito promettendo a restituição de Ceuta e deixando seu irmão em refem; recusando, todavia, as côrtes entregar a praça, teve D. Fernando de gemer na prisão até á morte. Seus ossos foram remidos por D. Affonso V.—3) *D. Affonso V*, o Africano (1438—81), em consequencia de suspeitas infundadas, perseguiu, e matou na batalha de *Alfarrobeira* D. Pedro, seu tio e sogro, que, sendo regente, governára o reino com muito tino; levou a effeito conquistas notaveis na Africa tirando aos Mouros Alcacer-Cequer (58), Arzila e Tanger (71). Casando-se com D. Joanna, sua sobrinha e filha de Henrique IV de Castella, tentou reunir esse reino a Portugal; mas foi em Touro vencido pelos Castelhanos que déram a coroa a Isabel, irman do mesmo Henrique IV. A seu titulo de *Rei de Portugal e dos Algarves*, ajuntou *d'áquem e d'além mar na Africa*. Falleceu em um mosteiro depois de, duas vezes, abdicar e tomar de novo a coroa.—Durante o seu reinado os Portuguezes, passando a linha equinoxial, descobriram as ilhas de Fernando Pó, Anno Bom, S. Thomé e Principe.

REPUBLICAS ITALIANAS E REINO DAS DUAS-SICILIAS

Além do reino das Duas Sicilias, existia na peninsula italiana, durante a Edade Media, um grande numero de republicas e de pequenos estados, em que, apesar da anarchia e das guerras quasi continuas, prosperaram notavelmente o commercio, as lettras e as artes.

291) **Reino das Duas-Sicilias.**—Pelo méado do seculo XI alguns aventureiros normandos, filhos de Tancredo de Hauteville ou Altavilla, passando para o sul da Italia, collocaram-se ao serviço dos Gregos contra os Sarracenos.

(1) Em virtude desta lei os bens de doação regia deviam reverter á coroa na falta de herdeiro directo varão. Recebeu esta lei o nome de *Mental*, porque D. Duarte, quando a publicou, por conselho de João das Regras, disse que D. João I, ao dar tantas terras da coroa aos fidalgos, ou teve ou devia ter na mente esta lei.

Sobresahiam entre elles *Roberto Guiscardo*, que dentro em breve se tornou conde da Apulia (1043); e *Rogerio*, que não tardou em tomar o titulo de conde da Sicilia (1072). Ambos dilataram seus dominios á custa dos Gregos e dos Sarracenos, contra os quaes formaram um dique de grande vantagem, embora a principio fossem vizinhos notavelmente incommodos para a S. Sé. Depois da batalha da *Dragonara* (1053), onde aniquilaram as tropas pontificias, offereceram suas terras ao papa S. Leão IX, que lhas restituiu como feudo mediante um tributo annuo.—Dos descendentes de *Rogerio I*, é digno de menção particularmente *Rogerio II*, seu filho, que recebeu do Papa o titulo de *rei da Sicilia* (1129), e, recolhendo a herança de *Roberto Guiscardo*, fundou o reino de *Napoles* ou *das Duas-Sicilias*. Passou em seguida este reino para a casa de Suabia ou de *Hohenstaufen*, em virtude do casamento (1194) do imperador Henrique VI com Constancia, filha de Rogerio II. Por morte de Frederico II (1250) pretendeu para si o reino das Duas-Sicilias *Conrado IV*, seu filho legitimo, e, depois delle, *Manfredo*, seu filho natural (1); porém o papa *Urbano IV*, como suzerano, o deu a *Carlos de Anjú* (1266—1285), que o conquistou matando Manfredo na batalha de *Grandella* (66), perto de Benevento, e derrotando em *Tagliacozzo* (68) o *Conradino*, que dahi a pouco executou. Era Conradino filho de Conrado IV e ultimo descendente dos *Hohenstaufen*. Carlos, todavia, menosprezando as paternaes admoestações do Papa, tratou duramente a seus novos subditos, que, depois das *Vesperas Sicilianas* (1282), se déram aos reis do Aragão (2)

292) Successores de Carlos de Anjú.—Entre os successores de *Carlos de Anjú* nomearemos os seguintes:—1) *Carlos o Coxo* (1285—1309), que continuou sem resultado

(1) No sentir commum dos autores, Manfredo envenenou Frederico II e Conrado IV.

(2) As *Vesperas Sicilianas* são um horrivel morticinio de francezes levado a effeito na Sicilia pelo povo dessa ilha. Para reconhecerem os francezes faziam-lhe pronunciar a palavra *Cece*. A matança começou em Palermo na hora das *vesperas* quando um siciliano matou a um francez que acabava de lhe insultar a joven esposa. A generalidade do movimento, a presteza com que Pedro do Aragão interveiu, a palavra de ordem já conhecida em toda a ilha, mostram claro que a conspiração foi premeditada, embora talvez se antecipasse algum tanto. Os principaes autores desse crime foram o medico *João de Procida* e *Pedro III de Aragão*. Aquelle assistira á execução de Conradino e recolhera a luva que o condemnado arremessou do cadafalso; este tinha pretenções á coroa da Sicilia em virtude do seu casamento com Constancia (1262), filha de Manfredo.

a guerra para a posse da Sicilia.—2) *Roberto o Sabio* (1309—43), sendo por Clemente V nomeado vigario do imperio (26) e senador de Roma, adquiriu grande importancia como chefe dos Guelfos, e deixou a coroa a *Joanna I*, sua neta e mulher de André da Hungria, que logo depois morreu assassinado.—3) *Joanna I* (1343—82), ao ser informada de que Luiz da Hungria vinha com forte exercito vingar a morte de André, seu irmão, renunciou a qualquer direito sobre a Sicilia e retirou-se para Avinhão. Vendeu esse condado ao papa Clemente VI; voltou; casou-se em terceiras nupcias com Jayme do Aragão, e logo em quartas nupcias com Othão de Brunswick. Havendo mais tarde Joanna prestado obediencia ao antipapa Clemente VII, foi deposta por Urbano VI, que offereceu a coroa de Napoles a *Carlos de Durazzo* (82—86). Este enforcou Joanna, sustentou a guerra contra a Sicilia e morreu assassinado na Hungria. Em seguida *Joanna* II (1414—35), herdeira dos direitos da casa de Durazzo, adoptou por successor *Affonso V do Aragão*, e dentro em pouco *Luiz III* e *Renato*, duques de Anjú. Porém, depois da morte de Joanna, Renato, vencido por Affonso do Aragão, transmittiu seus direitos aos monarchas da França (1).

293) **Republicas.**—Entre as numerosas republicas italianas da Edade Media, chamam particularmente a attenção do historiador as seguintes:—**Veneza**, cuja primeira origem data da invasão de Attila (452), era uma republica aristocratica e mysteriosa. Em 697 elegeu o seu primeiro *doge ou duque*, que foi um tal *Anafesto* (697—717). O poder delle era limitado apenas pela assembléa nacional. Formou-se mais tarde o *conselho* que não tardou em assumir o titulo de *grande conselho*, composto de 480 membros: nomeava o *doge* e era investido de todas as attribuições da assembléa nacional. Do seculo XIV em deante adoptou-se o costume de se inscrever no *livro de ouro*, ao chegarem aos 25 annos, os nomes dos nobres, cujas familias tinham feito parte do *grande conselho*. Adquiriam deste modo o direito de entrar para esta assembléa, da qual o povo era excluido. *O conselho dos dez* e *os tres inquisidores do Estado* são de data posterior: foram creados em consequencia de algumas

(1) *Carlos de Anjú*, irmão de S. Luiz, rei da França, foi pae de Carlos o Coxo; avô de Roberto o Sabio; bisavô de Carlos da Sicilia, tataravô de Joanna I.—*Joanna II* era filha de Carlos de Durazzo e tataraneta de Carlos o Coxo.

conspirações e investidos de poder absoluto. Estes dois tribunaes podiam dispor do thesouro publico, da vida e da fortuna dos cidadãos. Processo, sentença, execução: tudo corria no maior segredo. *Veneza* prosperou, sobretudo por occasião da IV cruzada; porém a guerra de *Caffa* (1350—55) contra Genova tirou-lhe a navegação do mar Negro e das paragens da Syria. Comtudo a guerra de *Chiozza* ou *Chioggia* (1378—81) contra a mesma Genova terminou com vantagem de Veneza, que recuperou a navegação do mar Negro. Em seguida Veneza extendeu a sua dominação na Italia e continuou ainda por largo tempo a ser uma das grandes potencias da Peninsula.

294) **Genova**—tornou-se independente pelos principios do seculo X. No seculo XI já era notavel pelo commercio e navegação: enriqueceu-se na época das cruzadas transportando os christãos para a Palestina. Durante os seculos XII e XIII teve numerosas guerras com Pisa, á qual tirou a Corsega depois de derrotal-a na batalha naval da Melloria (1284). Tendo contribuido para a restauração do imperio grego (1261), adquiriu um grande numero de possessões no Oriente, donde no fim da guerra de *Caffa* (50—55) expulsou os Venezianos; foi-lhe, porém, necessario deixal-os entrar de novo no mar Negro depois de ser derrotada na guerra de Chiozza ou Chioggia (78—81).—*Genova* assignalou-se pela inconstancia na fórma do seu governo. Regida a principio por magistrados que assumiam o titulo de *consules*, de *potestá* e de *capitães do povo*, conferiu mais tarde (1339) o titulo de *doge* a Simão Boccanegra; logo lho tirou, e dentro em breve lho concedeu novamente. Deu-se á França (1391—1458), ao marquez de Monferrato e á Milão. *André Doria*, seu doge, entregou-se outra vez á França, alliou-se com Carlos V e decretou uma nova constituição (1528).—Suas casas ducaes mais conhecidas foram as familias *Doria*, *Spinola*, *Fieschi* e *Grimaldi*. As familias plebéas mais influentes eram as dos *Adorni*, dos *Fragosi*, etc. A guerra civil entre Guelfos e Gibellinos era, a bem dizer, continua, como em quasi todo o resto da Italia.

295) **Pisa**—constituiu-se em republica independente pelos fins do seculo IX (888), e desde o seculo X até o seculo XIII foi uma das maiores potencias maritimas da Peninsula. Recebeu do Papa (1092) a Corsega em feudo; tirou a Sardenha aos Sarracenos, e realizou numerosas conquistas no Oriente; porém, depois da quéda dos

Hohenstaufen, começou a decahir; perdeu a Corsega, a ilha de Elba e diversas cidades, de que se apoderaram Genova e outras republicas confederadas contra o seu poder. Passou, por fim, para o dominio dos Visconti de Milão, que a venderam a Florença (1405), á qual obedeceu até á expedição de Carlos VIII (1494). Sobrepuja na historia de Pisa o vulto do conde *Ugolino della Gherardesca*, que, tendo perdido a batalha da Melloria (1284) e sendo accusado de tyrannia, foi (1288), juntamente com tres de seus filhos e um seu neto, condemnado a morrer de fome no fundo de uma torre, á qual ficou por isto o nome de *Torre da Fome*.

296) **Lombardia**.—Dos varios tyrannos, que nesta época dominaram nas diversas cidades da Alta Italia, indicaremos só os seguintes:—1) *Ezzelino de Romano*, cruel, devasso e impio tyranno de Padua, que morreu em 1259. —2) Os *Scaligeri* ou *della Scala*, que imperaram em Verona desde 1259 até perto do fim do seculo XIV.—**Em Milão** senhoreavam os *Torriani* ou *Torreggiani* (della Torre), que não tardaram em ceder o logar aos *Visconti*. Entre estes ultimos assignalamos como mais distinctos:—1) *Othão* (1277—95), que inaugurou a grandeza da sua familia.—2) *Matheus* (95—1322), que conseguiu que o poder se tornasse hereditario, na sua casa; apoderou-se de varias cidades, e foi pelo imperador *Henrique VII* elevado á categoria de conde (1311). —3) *João Galeás* (1378—1402), que morreu no assedio de Florença, tornou-se o mais illustre dos Visconti conquistando quasi toda a Alta Italia, comprando do imperador Vencesláu o titulo de duque (95), derrotando o imperador Ruperto (1401) e aspirando á honra de rei da Italia.—*Valentina Visconti*, uma de suas filhas, ao casar-se com *Luiz I* de Orléans, irmão do rei Carlos VI, recebeu em dote o condado de Asti. E' deste casamento que tiraram origem as pretenções da casa de França ao ducado de Milão. Desta epoca em deante os Visconti decahiram sempre até serem em 1450 supplantados por Francisco Sforza, filho do *condottiere Attendolo* e genro do ultimo duque.

297) **Florença**—era uma republica tão democratica, que os nobres não podiam exercer cargos publicos. Em 1266 decretou a sua primeira constituição democratica, completada em 1324. Apoz longos annos de anarchia, foi por fim eleito chefe da republica com o titulo de *gonfaloneiro*, o rico negociante *João de Medicis* (1421—34), ao qual succedeu *Cosme*, seu filho. Este (1434—64) restaurou a ordem,

e, acolhendo os sabios desterrados de Constantinopla, outorgou protecção excessiva ás lettras, ás artes, etc. Como em quasi todo o resto da Italia, existiam em Florença os dois partidos dos *Guelfos* e dos *Gibellinos*, que se dilaceravam em continua guerra civil. Os *Gibellinos* defendiam sempre o imperador; os *Guelfos*, sempre o Papa. Subdividiam-se estes ultimos em *neri* (pretos) e *bianchi* (brancos): aquelles eram guelfos puros, estes aspiravam á conciliação. —**Roma** foi no seculo X perturbada pela familia de um tal *Cencio ou Crescencio*, que trabalhava em restaurar a republica. Isto mesmo tentou no seculo XII Arnaldo de Brescia, que expulsando o Papa, se manteve dez annos no poder. Depois da retirada do Summo Pontifice para Avinhão, restaurou mais uma vez a republica em Roma *Nicoláu (Cola) Rienzi*, que se fez (1347) nomear tribuno e encarregar de redigir uma constituição. Gosou a principio de algum prestigio; porém não tardou em cahir no ridiculo por suas extravagancias e em ser obrigado a abandonar os negocios publicos. Passou algum tempo em um mosteiro dos Apeninos; visitou o imperador Carlos IV (1348), que o remetteu preso ao papa Clemente VI (52); voltou a Roma; assumiu de novo o poder, em nome, esta vez, do chefe da Egreja, e pereceu finalmente assassinado pelo povo (54).

298) **Grandes Companhias ou Compagnie di ventura.**—Eram na Italia estas companhias, largas associações de aventureiros, que, dedicando-se á profissão das armas, estavam sempre promptos a combater em favor de quem mais lhes désse. Quando não achavam quem os pagasse, viviam de pilhagem devastando por toda a parte o paiz. Alistavam-se nellas indifferentemente pessoas de todas as condições e nacionalidades: italianos, hespanhóes, francezes, allemães. Dava-se geralmente a essas companhias o nome de *masnada;* aos soldados, o de *masnadieri;* e aos chefes, o de *condottieri* (conductor, capitão). Os *condottieri* mais conhecidos foram: *Fra Moriale*, *João Aguto*, *Facino Cane*, *Atténdolo Sforza*, *Braccio da Montone*, *Carmagnóla*, *Rogerio de Flôr* e *Guarnerius.*—*Rogerio de Flôr*, á testa de uma companhia de hespanhóes, combateu na Palestina, na Sicilia e na Grecia, onde foi morto como suspeito de aspirar ao throno.—*Guarnerius*, duque de Urlingen na Germania, com tres mil soldados de cavallo e numerosa infanteria assolou por diversas vezes toda a Alta Italia até Ancona.—Entre as companhias destaca-se a da *Morte*, que contribuiu muito para a victoria de Legnano (1176) contra Frederico Barbaroxa.

ALLEMANHA DESDE 1250 ATÉ 1453

299) **Grande Interregno.**—Chama-se *Grande Interregno* o periodo que corre desde 1250 até 1273, em que a Allemanha esteve realmente sem chefe, e perdeu a preponderancia de que gosava desde a epoca de Othão I. Pois em seguida á morte de Frederico II, *Guilherme de Hollanda* (50—56), reconhecido pelo papa Innocencio IV e por uma parte da nação, teve de luctar contra Conrado IV (50—54), que era apoiado pelos Gibellinos. Morrendo Guilherme, disputaram o titulo de imperador *Affonso X o Sabio* (57—84), rei de Castella, e *Ricardo de Cornuailles*, irmão de Henrique III da Inglaterra (57—71); porém, aquelle nunca sahiu da Hespanha; este, apoz algumas viagens á Germania, renunciou a essa honra que nada lhe produzia. Lavrava, no entretanto, a anarchia no paiz: os nobres opprimiam tyrannicamente seus vassallos, e os reis da Hungria, da Polonia e da Dinamarca sacudiam o jugo imperial. Formaram-se, por isto, a *Confederação do Rheno* (55) e a *Liga Hanseatica*. Adheriram desde o principio a esta ultima as cidades de *Bremen*, *Lübeck* e *Hamburgo*. O fim de ambas estas associações era a defesa commum e o progresso do commercio. Por ultimo os nobres, cedendo aos conselhos do papa *Gregorio X*, reuniram seus suffragios em favor de Rodolpho de Habsburgo, pequeno, mas piedoso e leal feudatario da Suissa.

300) **Rodolpho** (1273—91)—abandonando a Italia que chamava *Antro do leão*, e restaurando a ordem na Germania, venceu e matou, em *Marchfeld* (78), *Ottokar II*, duque da Bohemia, seu competidor ao throno, que agora lhe recusava a homenagem; tirou-lhe a Austria, a Styria e a Carniola, que deu a seus filhos Rodolpho e Alberto.—**Os successores** de Rodolpho no throno imperial foram:—1) *Adolpho de Nassau* (1291—98), que dentro em breve foi deposto, vencido e privado da vida por Alberto, duque da Austria e filho de Rodolpho.—2) *Alberto* (98—1308), ambicioso e violento, só tratou de engrandecer a sua familia. Foi assassinado nas margens do Réuss por João de Suabia, e por diversos senhores da Suissa, cuja independencia elle preparára com a sua tyrannia.—3) *Henrique VII de Luxemburgo* (1308—13), depois de consolidar o seu poder na Germania, occupou-se dos negocios da Italia, onde ainda reinava a anarchia. Havendo recebido a *Coroa de ferro* em Monza e a de ouro em Roma (1312), morreu repentinamente emquanto, não obstante as

graves reclamações do papa Clemente V, fazia preparativos para conquistar o reino de Napoles. Seguiu-se um interregno de 14 mezes, durante o qual disputaram a coroa imperial *Luiz V* de Baviera e *Frederico o Bello*, filho de Alberto I. No entretanto a Suissa conquistava a sua independencia.

301) **Independencia da Suissa** (1308—88). Irritados os Suissos contra o imperador Alberto e seus agentes, revoltaram-se por conselho, segundo dizem, de *Guilherme Tell*, e proclamaram a independencia, derrotando os Austriacos nas margens do *Réuss* (8), e anniquilando, no desfiladeiro de *Morgarten* (1315), Frederico o Bello e Leopoldo, filhos de Alberto, que iam combater a insurreição. Apoiados por Luiz de Baviera, rival da Austria, declararam os Suissos, perpetua, a *liga de Brunnen* (1315) e desbarataram em *Sempach* (36) Leopoldo III. Conseguiram afinal o reconhecimento da sua independencia pela Austria em 1388.

302) **Luiz de Baviera (1314—47) e seus successores.**—Havendo Luiz na batalha de *Muhldorf* (22) derrotado e preso Frederico, seu rival, pretendeu subtrahir a coroa á confirmação da S. Sé. Como fosse admoestado pelo papa *João XXII*, invadiu a Italia, favorecendo em toda a parte os Gibellinos, e espalhando um sem numero de libellos em que applicava ao chefe da Egreja os nomes mais hediondos. Pronunciou em Roma, com grande solemnidade, a deposição de João e creou um antipapa, do qual recebeu a coroa imperial (1328). Obrigado pelo rei de Napoles, Roberto o Sabio, a fugir para a Germania, continuou na perseguição da Egreja apesar das disposições muito conciliativas do papa Bento XII, e chegou até a conceder dispensa matrimonial para o casamento do seu filho (40). Sendo, portanto, deposto por *Clemente VI* (46), morreu, no anno seguinte, de uma apoplexia fulminante. Foi então reconhecido Carlos de Luxemburgo, o qual, eleito em Reims desde o anno precedente, promettera que havia de respeitar e defender os direitos da Egreja.—*Carlos IV de Luxemburgo* (1347—78), filho de *João o Cégo*, rei da Bohemia, vendeu os direitos que o imperio ainda possuia sobre a Italia e a Provença. Fundando a universidade de Praga (48), e a de Vienna (65), protegeu os estudos e conseguiu que o imperio gosasse de uma profunda paz. Desceu duas vezes á Italia: uma para ser em Roma coroado imperador (1354), outra afim de auxiliar o papa *Urbano V* (1368) contra os Visconti de Milão e de Pavia. O acto mais glorioso do seu reinado foi a publicação

da *bulla de ouro* (1) pela qual determinou o modo de eleger o imperador. Os eleitores foram reduzidos a sete, sendo tres ecclesiasticos e quatro leigos. *Os ecclesiasticos* eram: os arcebispos de Moguncia, de Colonia e de Treveris; *os leigos*: o rei da Bohemia, o conde palatino do Rheno, o duque de Saxonia e o margravio de Brandeburgo. O rei dos Romanos, herdeiro presumptivo do imperio, devia ser eleito em *Francfort-sobre-o-Meno*, sagrado em Aquisgrana (Aix-la-Chapelle) pelo arcebispo de Colonia, e coroado em Roma pelo Papa.

Vencesláu (78—400) — alcunhado de *Indolente* e de *Ebrio*, entregando-se a prazeres baixos, deixou que o paiz fosse em toda a parte devorado pela anarchia. Assassinou São João Nepomuceno, porque recusou nobremente cometter o crime de revelar a confissão da rainha; vendeu a Galeás Visconti o titulo de duque da Lombardia, fazendo-o tambem soberano de quasi todas as cidades lombardas que dependiam do imperio. Mereceu, portanto, ser deposto pelos eleitores, que déram a coroa imperial a Roberto ou Ruperto, conde palatino do Rheno e fundador da universidade (1386) de Heidelberg.—*Ruperto* (1400—10), apesar da sua grande actividade, foi infeliz em tudo quanto emprehendeu, e não conseguiu atalhar a anarchia que perturbava a Allemanha. Por morte delle houve tres imperadores: pois *Vencesláu* conservava o seu titulo e suas pretenções, ao passo que *Josse de Moravia* disputava a coroa imperial a seu primo *Sigismundo*, segundo filho de Carlos quarto e rei da Hungria. —*Sigismundo* (1410—37), antes de tudo restituiu ao imperio a paz e a segurança interior conciliando os principes allemães e contribuindo quanto poude para que se reunisse e celebrasse o concilio de Constança (1414—18), cujo alvo era acabar com o grande scisma, reformar os costumes e a disciplina, bem como condemnar a heresia de *Wiclef* e de *Huss*.

303) Hussitas. — Tanto que os erros de *Wiclef* penetraram na Bohemia, foram recebidos e propagados pelo P. João Huss, então reitor da universidade de Praga. Além de um fatalismo absurdo, ensinava elle, como seu mestre, que o Papa é o antichristo, e a Escriptura, a unica regra da fé; que os simples fieis são juizes competentes nas controver-

(1) Redigida pelo abalisado jurisconsulto Bartolo, foi esta bulla adoptada na dieta de Nuremberg em 1356. Os eleitores podiam bater moeda e exerciam plena jurisdicção em seus dominios, que sem divisão alguma, deviam passar directamente aos filhos mais velhos. Os crimes contra as pessoas dos eleitores eram equiparados aos de lesa-magestade.

sias theologicas; que ao clero não é licito possuir bens temporaes, e que os principes, quando estão em peccado mortal, não teem direito de mandar a seus subditos. Negava a liberdade humana, e reprovava a communhão sob uma unica especie e bem assim o culto da SS. Virgem e dos Santos. Huss foi grandemente auxiliado por um tal Jeronymo de Praga, fidalgo assaz eloquente. Sendo no concilio de Constança ambos convictos de heresia e persistindo nella obstinadamente, foram entregues ao braço secular, que os queimou de conformidade com as leis do paiz e da epoca (1).—Irritados por este supplicio, os *Hussitas* pegaram em armas, e, ao mando de *João Ziska*, assolaram toda a Bohemia fazendo a *Primeira Defenestração de Praga* (1419), derrotando diversas vezes os imperiaes (20—21) e não cedendo sinão longo tempo depois da morte do seu general (24) e a condições muito onerosas para o imperador.—*Alberto II* (1437—39).—Com a eleição de Alberto II, descendente de Rodolpho de Habsburgo, a coroa imperial voltou para a casa da Austria, em que permaneceu constantemente, posto que continuasse a ser electiva de direito e pela fórma. A divisão da Germania em circulos, já esboçada

(1) Excusado é observar aqui que a doutrina de Huss, como evidentemente heretica, havia sido já condemnada pelas universidades de Praga (1408) e de Pariz, pelo Papa, por um concilio de Roma e geralmente por toda a Egreja. E' inutil tambem contar que Huss era já réu de tantos crimes que o proprio Venceslão, rei da Bohemia, o obrigára a sahir da capital. Alguns accusam o imperador Sigismundo de não ter respeitado o *salvo-conducto* que concedera a Huss para se apresentar ao concilio. Antes de tudo é certo ter o mesmo Huss mais de uma vez affirmado que esse *salvo-conducto* não existia:—*Reliqui post me litteram, quae lecta est in Bethlehem, in qua petivi quod esco sine salvo-conducto*, ep. 49; *Et veniemus sine salvo-conducto*, ep. 5. Além disto, supposto que o tivesse, consta que Huss abusou delle, porque em Constança continuou a declamar uriosamente contra o clero, os reis, etc., e só foi preso em consequencia dessa declamação. Em terceiro logar, dando de barato que seja authentico o *salvo-conducto* que se costuma citar e é datado de Spira, 18 de Outubro de 1414, elle não é mais que um simples *passaporte*, o qual garantia a segurança na viagem, porém não ha nelle nem uma só palavra, que nos autorize a dizer que se lhe garantia a vida ou a liberdade, caso fosse convicto de heresia e ficasse obstinado. Consta tambem que, tanto o concilio como o imperador, offereceram, diversas vezes, pleno perdão a Huss e a Jeronymo, seu amigo, comtanto que quizessem renunciar a seus erros e deixar de prégal-os. *Vide Clochlaeus*, Hist. Hussit. l. I.—*Historia eccles. pelo protestante* Schroeckh, t. 34, pag. 505, 593, 598, 606, 611—914—*Von der Hardt*, t. IV, pag. 21 e 22, 209, 212.—*L'Enfant*, Hist. do conc de Const. t. I, pag. 38, 39, 59, 314, 334, 337, 423, etc. *Reichenthal*, pag. 203, 204, edit. de Francfort, an. 1576. Vide tambem *Bergier, Dictionnaire de Theologie, art. Hussites.*

por Vencesláu, e mais tarde aperfeiçoada por *Maximiliano I*, foi obra de Alberto II.—*Frederico III o Pacifico* (40—93)—primo de Alberto II, foi o ultimo imperador, que recebeu em Roma a coroa imperial. Casou-se com D. Leonor de Portugal e concorreu activamente para a extincção do scisma de Basiléa.

SCANDINAVOS E SLAVOS

304) **Scandinavos.**—Passando os povos scandinavos da Asia para o norte da Europa em epoca incerta e muito remota, fundaram os tres reinos scandinavos, i. é., *a Dinamarca*, *a Suecia* e *a Noruega*. Todos foram civilizados pelo Christianismo, que, no seculo IX, lhes prégou S. Anscario.—**Dinamarca.**—O primeiro rei de toda a Dinamarca foi *Haraldo Blaatand* (936—85), que se converteu depois de perseguir o Christianismo. *Suenon I* (985—1014) perseguiu o Christianismo e conquistou a Inglaterra. *Canuto o Grande* (1014—36) adquiriu a supremacia nos paizes do norte dominando na Inglaterra e conquistando a Noruega, da qual expulsou *Olávo II o Santo*—**No seculo XI**, *Suenon II* (1047—74) dá principio á dynastia dos *Esthrithidas* e protege o Christianismo. *S. Canuto o Martyr* (1080—86) propaga o Christianismo e a civilização.—*Erico III* (1096—1103), tomando parte na primeira cruzada, morre na ilha de Chypre.—**No seculo XII**, cae a Dinamarca em grande anarchia, mas em breve *Valdemar I o Grande* (1157—82) restabelece a ordem promulgando boas leis e realizando numerosas conquistas, que, continuadas por *Canuto VI* (82—1202) e por *Valdemar II* (1202—41), asseguram a supremacia do paiz. Comtudo pelos fins do *seculo XIII* fica a Dinamarca, mais uma vez, victima da anarchia, e varios de seus reis morrem assassinados. Finalmente *Margarida*, filha de *Valdemar III* e mulher de *Hakim*, rei da Noruega, tomando as redêas do governo, restitúe ao reino a ordem, a segurança e a paz; merece o nome de *Semiramis do Norte*, e consegue a *União de Calmar* (1397).

305) **Suecia**—A lucta entre o Paganismo e o Christianismo foi muito mais renhida na Suecia, onde se prolongou por quasi todo o *séc. X*. *Erico VI* (964—95), rei de Upsal, converte-se depois de perseguir a religião christan propagada por *Olávo III* (95—1026), primeiro monarcha de toda a Suecia.—*No sec. XI* continúa a lucta no meio

da anarchia, que lavra por toda a parte; porém, *no sec. XII*, o rei *Sverker* (1139—55) restaura a ordem decretando sabias leis, protegendo o Christianismo, e organizando a constituição ecclesiastica de accordo com o legado pontificio. *Erico IX o Santo* (1155—61), conseguindo numerosas conquistas, propagou a religião de Jesus Christo. O mesmo fez *Carlos VII* (1162—68), seu successor, que não tardou em ser morto por *Canuto Ericson* (1168—99), o qual acabou retirando-se para um mosteiro. Durante os seculos XIII e XIV luctou a Suecia quasi sem descanço contra a anarchia, causada pelos grandes que ambicionavam o throno. A ordem foi afinal restabelecida pela União de Calmar em 1397. — **Noruega.**—O reino da Noruega converteu-se ao Christianismo no seculo X. O seu primeiro monarcha foi Haraldo, que o fundou pelos fins do seculo IX. Como nos seculos seguintes estivesse este reino quasi de continuo abysmado em grande anarchia, toda a sua gloria cifra-se na descoberta e conquista das ilhas Shetland, Orcadas, Hebridas, Feroe, Islandia e Gröenlandia. Nesta ultima terra fez assento *Erico o Ruivo ou o Roxo*. *Em 986 Bjarn* foi por um temporal arrastado até a costa da futura *Nova Inglaterra*, da qual no anno *mil* tomou posse *Leif*, filho de Erico o Ruivo, dando-lhe o nome de *Vineland*.

306) **União de Calmar. 1397.**—Afim de pôr um termo á grande anarchia que desde largo tempo perturbava o estado, concordaram os Scandinavos em dar a coroa dos tres reinos a *Margarida Valdemar*, a Semiramis do Norte, reconhecendo-lhe por successor Erico de Pomerania, seu sobrinho. Conservando cada um a sua constituição particular e suas leis, deviam os tres reinos apoiar-se mutuamente, e ter o mesmo rei, electivo na descendencia de Erico. Esta convenção, que, do logar em que foi assignada, é conhecida com o nome de *União de Calmar* e parecia prometter brilhantes resultados, dissolveu-se pouco depois da morte de Margarida (1412). Pois foi por esse tempo (1448) acclamado rei da Suecia *Carlos Canutson*, emquanto Christiano de Oldenburgo o era da Dinamarca e da Noruega. Desde essa data até o principio do sec. XIX, seguiu a Noruega os destinos da Dinamarca.

307) **Slavos.**—Os povos slavonicos, que como os Germanos e os Latinos, são um ramo da grande familia indo-européa, só muito tarde começaram a figurar no theatro da historia. Foram no *sec. IX* em grande parte civilizados, e

convertidos ao Christianismo pelos santos Cyrillo e Methodio, irmãos e monges. Este povo immenso que fez por muitas vezes tremer a propria Constantinopla, fundou no oriente da Europa, diversos reinos, entre os quaes sobrepujaram a Polonia e a Russia. Destes dois, portanto, daremos aqui um summario historico.—**A Polonia** principiou a apparecer entre os povos pelo méado do sec. IX sob o governo do camponez *Piast* (842), que legou o seu nome á primeira dynastia. De seus successores nomearemos só os seguintes:—*Bolesláu I* (992—1025), illustre pela conquista da Bohemia e da Moravia, por suas victorias sobre os Russos, pela propagação do Christianismo e pelo titulo de rei, que recebeu, parece, de Othão III.—*Casimiro I* (1041—58), assustado por uma reação do Paganismo, retirou-se para o mosteiro de Cluny (35), donde voltou a pedido de seus subditos e do Papa afim de restaurar a paz e a prosperidade da Polonia.—*Bolesláu II* (1077—83) cruel, tyranno e devasso, levou a effeito numerosas conquistas. Tendo assassinado S. Estanisláu, bispo de Cracovia, fugiu para um mosteiro da Carincia, onde, desconhecido, occupou até a morte o officio de cozinheiro. Cae então a Polonia em grande anarchia; é assolada pelos Mongoles, e geme sob o jugo da Bohemia até o reinado de *Uladisláu IV* no principio do sec. XIV. O seu filho *Casimiro o Grande* (1333—70), que mereceu o titulo de *rei dos camponezes*, redigindo um codigo de leis, promovendo a civilização e tirando um largo tracto de paiz aos Russos, restituiu ao seu reino a gloria, a paz e a segurança. Depois da sua morte, obtendo os nobres privilegios muito notaveis, a coroa tornou-se semi-electiva e passou para a casa de *Jagellon*, duque da Lithuania (86), que sob o nome de *Uladisláu II* realizou numerosas conquistas. Por ultimo *Casimiro IV* (1444—92) dilatou seus dominios desfechando golpes fataes nos *Cavalleiros Teutonicos*, que apoz a epoca das cruzadas, abandonando a Palestina, tinham passado a converter os barbaros das costas do Baltico.

308) **Russia.**—O fundador da monarchia russa foi **Rurik**, chefe dos *Varegues*, piratas normandos, que infestavam o Baltico. Repellindo os Finnezes a pedido dos slavos de *Novgorod*, fixou *Rurik* nessa cidade a capital do novo estado, e assumiu o titulo de Grão-duque. Seus descendentes, que levaram a capital para *Kiew*, (1037) e mais tarde para *Moscou*, alcançaram grandeza notavel sob *S. Wladimiro o Grande* (980—1015), que, dilatando seus dominios,

propagou o Christianismo, e promoveu a instrucção, as artes, a ordem, a justiça. Depois delle, foi a Russia, durante longos annos, lacerada pela guerra civil e pela anarchia, que solaparam as bases da nação. *No sec. XII* póde citar-se apenas o reinado de *Wladimiro II* (1113—25), que, chegando até ás portas de Constantinopola, dictou a paz a *Aleixo Comneno*, do qual recebeu um crucifixo, feito com o santo lenho da *verdadeira cruz*, e uma gorra de ouro, que ainda se conserva na Russia para a coroação do czar. *No sec. XIII* cahiu a Russia sob o jugo dos Mongoles, a quem pagou tributo até o ultimo quartel do sec XV (1478).

309) **Os Mongoles**—divididos em diversas hordas, vagueavam pelas *steppes* da Asia Central, quando foram reunidos por *Temudgin*, chefe de uma dellas, a cujo mando espalharam o terror em grande parte da Asia e da Europa.—**Temudgin ou Gengis-Khan**—Khan dos khans ou chefe dos chefes (1162—1227) — conquistando uma larga parte da Asia, lançou os alicerces de um vasto imperio que se alongava desde a China até o mar Caspio. Seus descendentes, invadindo e avassallando a Russia, a Polonia, a Silesia, a Moravia e a Hungria, fundaram no Caucaso o imperio da *Horda Dourada*, e, posto que repellidos da Europa, dominaram ainda por longo tempo na Asia. — Entre estes descendentes de *Gengis-Khan*, sobresae **Timur-Lenck ou Tamerlão** (1370—1405), que estabeleceu um novo estado em *Samarcanda*, apoderando-se rapidamente de toda a Asia desde o Indo até o Tanaïs (Don), e desde os montes Altaï até o Mediterraneo. Desbaratou Bajazet em Ancyra (1402), e falleceu em Otrar emquanto se apercebia para invadir a China. De seus immensos dominios ficou apenas o imperio do *Grão Mogol* na India, cuja capital foi Delhi.

310) **Os Turcos—Ottomanos**—vinham do Turkestan e deviam este nome a *Osman* ou *Ottoman I* (1299—1326), que os tirou da obscuridade assenhoreando-se de quasi toda a Asia Menor. Os descendentes e successores de *Ottoman I* foram:—*Orkam* (1326—60), o qual, saqueando os arrabaldes de Constantinopla, bem como tomando Nicomedia e Nicéa, assumiu o titulo de *sultão* e começou a organizar a infanteria dos *Janizaros*, corpo de tropas composto de jovens christãos, educados na lei de Mahomet, que, não conhecendo nem paes, nem patria, inteiramente se dedicavam

ao sultão e á sua bandeira.—*Amurat I* (1360—89) completou a organização dos *Janizaros*, que, com a cavallaria dos *Spahis*, foram os principaes instrumentos da grandeza dos Ottomanos; fixou a sua capital em *Andrinopla*, e desfez em *Cassovia* (89) os Servios, Hungaros e Bulgaros colligados; morreu, porém, no seu triumpho.—*Bajazet I, o Raio* (89—1402) conquistou a Bulgaria, a Macedonia, a Thessalia e a Moldavia; venceu em (96) *Nicopolis* a Sigismundo então rei da Hungria, e sitiou Constantinopla. Vencido em *Ancyra* por Tamerlão (1402), teve de soffrer, dizem, horriveis humilhações em quanto viveu. Seguiram-se onze annos de anarchia e de guerra civil. — *Mahomet I* (1413—21), depois de occupar a Servia e a Bosnia, e de sitiar Constantinopla, foi derrotado pelos Genovezes.—*Amurat II* (1421—51), posto que repellido (35) de Belgrado por *João Hunyades*, waiwoda (governador) da Transylvania, desbaratou em *Varna* (1444) os Christãos, unidos por conselho do papa Eugenio IV e guiados por Uladislau V, rei da Hungria. Vencedor na II batalha de *Cassovia* (48), Amurat foi dahi a pouco rechassado de Croya, na Albania, por *Jorge Castrioto*, mais conhecido debaixo do nome de *Scanderbeg* (capitão Alexandre), que se apoderou da Macedonia.—*Mahomet II* (1451—81), tendo comprado a neutralidade dos Genovezes, tomou Constantinopla, não obstante a resistencia heroica dos Gregos, a 29 de Maio de 1453.

311) **Fim do imperio grego.**—Quando os Gregos foram expulsos de Constantinopla pelos latinos da IV cruzada (1204), fundaram um imperio em Trebizonda, outro em Nicéa. No primeiro reinou a familia dos Commenos; no segundo, a dos Lascaris. — **Paleologos.** — *Em 1260 Miguel Paleologo* usurpou o throno vasando os olhos a *João Lascaris*, seu pupillo. Restaurou, no anno seguinte, o imperio grego expulsando de Constantinopla o imperador Balduino II. Fizeram-lhe grande opposição o povo e o clero por ter no concilio de Lyão (1274) reunido a egreja grega á latina.—**Seus successores** foram quasi todos indignos do throno. Pois *Andronico II* (1282—1328) deu seus primeiros cuidados ao rompimento da união com Roma punindo severamente os que tinham annuido á reconciliação das duas egrejas; chamou em seu auxilio o *condottiere Rogerio de Flôr* e combateu sem resultado contra os Turcos. —*Andronico III* (1328—41) tirou o throno a seu pae, e entregou-se a uma indolencia completa. — *João VI Paleologo* (1341—91) por suas desavenças com *João Contacuséno* facili-

tou as victorias dos Turcos, que levaram a capital para Andrinopla (62). Fez pessoalmente em Roma (69—70) a sua submissão ao papa Urbano V, e mais tarde foi por Andronico, seu filho, obrigado a refugiar-se na côrte de Bajazet, onde falleceu.—*Manoel II* (1391—1425) obteve do papa Bonifacio IX uma cruzada, á cuja frente se collocou *João-sem-Pavor*, conde de Nevers. Os cruzados foram vencidos em *Nicopolis* (96) juntamente com o rei Sigismundo, que fugiu para Constantinopla.—*João VII* (1425—48), assistindo ao concilio de Florença (39) em Ferrara, levou a effeito a reunião das duas egrejas; porém na volta, prégando contra a união os proprios prelados que o tinham seguido, os Gregos bradaram: *Antes a meia-lua do que a tiara.*—*Constantino XII Draçosés* (1448—53) tendo de luctar com Demetrio, seu irmão mais moço, que lhe disputava o throno, não duvidou submetter a controversia ao sultão Amurat, do qual recebeu uma resposta favoravel. Apesar dos esforços do Papa, cujo auxilio implorára contra os Turcos, conseguiu mui pouco, quer em virtude do estado melindroso da Europa, quer em consequencia da inveterada aversão mutua entre Gregos e Latinos. Defendeu-se, todavia, heroicamente succumbindo nas trincheiras.

PROGRESSO DA CIVILIZAÇÃO NOS SEC. XII E XIII

312) Durante os sec. XII e XIII o estado politico e social da Europa deu um grande passo no caminho do progresso e da civilização. A theologia, a philosophia, a jurisprudencia, as lettras, as artes e as sciencias, tudo progredia briosamente. No mesmo tempo a industria e o commercio se desenvolviam, as cidades conquistavam privilegios, e o terceiro estado se ia formando.—**A emancipação** dos servos da gleba foi devida principalmente á influencia da Egreja, que nunca deixou de recommendal-a. O clero deu o exemplo, imitado depois pelos reis e pelos senhores feudaes. —**Communas.** Applicava-se, na Edade Media, o nome de *communa* (communitas) ou de *republica* (respublica) ás cidades, postas, por privilegio especial, fóra do regime feudal propriamente dito, as quaes tinham governador proprio, constituição particular e taes liberdades, que faziam dellas como tantos pequenos estados no estado. Na Italia prevaleceu o nome de *republica;* nos outros paizes, o de *communa.* Costuma-se geralmente referir o movimento das communas ao reinado de *Luiz VI o Grosso* (1108—37), porque elle o favoreceu com particular afinco; mas é certo que esse movimento foi promovido por todos os reis, e que principiou antes e continuou depois de Luiz VI.

313) Estados-Geraes.—A representação de toda a nação no conselho do monarcha, recebeu em Portugal e na Hespanha o nome de *côrtes;* na Inglaterra, o de *parlamento;* na Germania, o de *dieta;* na França, o de *Estados-Geraes.* Era esta representação convocada pelo soberano em logares e epocas indeterminadas para tratar de negocios graves do paiz.

Os primeiros Estados-Geraes foram convocados na França por *Philippe IV o Bello*. Na Inglaterra o *primeiro parlamento* reuniu-se (1258) durante o reinado de *Henrique III*, e a camara dos communs, separada da dos *lords*, foi definitivamente constituida (1295) por *Eduardo I*. Na Germania a origem do uso de convocar a *dieta* perde-se na obscuridade dos tempos. *As primeiras côrtes* da Hespanha foram reunidas pelo meado do *sec. XII*. E' impossivel falarmos da Italia, onde cada *republica* formava, por assim dizer, uma nação, e mudava frequentemente seus estatutos.

314) Lettras, sciencias e artes.—O movimento impresso nos espiritos, durante o *sec. XI*, produziu resultados maravilhosos nos seculos seguintes. **A questão** entre os *nominaes*, *realistas* e *conceptualistas*, começada no *sec. XI*, durou ainda por largo tempo. Consiste esta controversia em decidir si as idéas universaes, *universalia*, de genero, especie, etc., sejam simplesmente *nomes sem sentido*, *realidades a parte rei* ou *puras concepções do espirito*. *Roscelino* deu principio á escola dos *nominaes*, sustentando que os *universaes* não teem realidade alguma fóra do nosso espirito, ou, por outra, que são nomes sem sentido; mas, applicando esta doutrina ao mysterio da SS. Trindade, cahiu na heresia dos *trithcitas*. Confutado energicamente por S Anselmo, retractou-se no concilio de Soissons (1092). *Guilherme de Champeaux*, ensinando os universaes *a parte rei* em Pariz e na abbadia de S. Victor, tornou-se o chefe dos realistas. *Abelardo ou Abailardo* inaugurou o *conceptualismo* buscando conciliar os realistas com os nominaes, porém admittiu a heresia negando o peccado original e ensinando a *duvida methodica*. Combatido por S. Bernardo e condemnado no concilio de Soissons (1120) e no de Sens (1141), submetteu-se, fez penitencia, etc.

315) Universidades.—Durante o periodo de anarchia geral dos sec. IX e X, quando os nobres blasonavam de analphabetos, a instrucção extincta por toda a parte, refugiára-se nos mosteiros e nas escolas episcopaes. Os monges aproveitaram a pouco e pouco a influencia da religião e o credito que suas luzes lhes tinham grangeado junto dos novos soberanos, para propagar a instrucção e fundar escolas, que se tornaram celebres, sobretudo na Italia, Suissa, França e Inglaterra. Seguindo este primeiro impulso, tambem os leigos se dedicaram á cultura das sciencias e das lettras espalhando os conhecimentos recebidos nos conventos. E' destes ultimos que tiram origem a escola de medicina de *Salerno*, cujos primordios remontam ao tempo dos Lombardos; a de *jurisprudencia de Pavia*, instituida na epoca de Carlos Magno; a de *theologia de Pariz*, fundada no sec. XI; a de *Oxford*, cujo principio é attribuido a Alfredo o Grande; as de direito e de medicina de *Montpellier*, assim como a famosa escola de direito romano de *Bolonha*, que sob os auspicios da condessa Mathilde, recebeu do celebre *Irnerio* seus estatutos e seu primeiro esplendor.—*Estas escolas* foram por longo tempo apenas reuniões de professores livres, que ensinavam diversas materias; porém mais tarde, foram pouco a pouco dotadas já pelo Papa, já pelos reis, de privilegios especiaes e decoradas com o titulo de *universidade*. As universidades, que nesta epoca conquistaram maior fama, foram:—a de Pariz, fundada em 1200 por *Philippe Augusto*; a de Oxford (1206); a de Palencia (1208) na Hespanha; de Tolosa (15), Salamanca (23), Napoles (24), Cambridge (31), Vienna no Delphinado (36), Upsal (40), Montpellier (83), Orléans (1305), a de Lisboa ou de Coimbra (1290) (1). Ensinavam-se nas universidades as *quatro faculdades*, a saber: —

(1) Não temos a pretenção de decidir ácerca da epoca precisa da fundação de cada escola ou universidade. Repetimos apenas o que dizem com-

as sete artes liberaes, divididas em *trivium et quatrivium*; *a theologia*, *a jurisprudencia* e *a medicina*.

316) Linguas e litteraturas modernas.—A' medida que as nações modernas se iam organizando, formavam-se linguas e litteraturas novas. A lingua grega conservava-se, mas soffria alterações nos paizes extrangeiros em que outrora se tinha espalhado. Na Europa oriental o *slavo* deu origem aos dialectos russo, polaco, bohemio, moravio, croato e bulgaro, que mais tarde se tornaram outras tantas linguas.—*O teutonico* produziu os dialectos gothico antigo, allemão, flamengo, hollandez, inglez, dinamarquez, sueco e irlandez.—As primeiras obras escriptas em allemão foram (*séc. XIII*) os cantos dos *Minnesingers* e o poema heroico intitulado *Nibelungen*.

317) Linguas romanicas.—Deu-se o nome de linguas romanicas aos idiomas que nasceram da mistura do latim degenerado com as linguas dos povos invasores do imperio romano. Os principaes dialectos da *lingua romanica* são:—a lingua *d'oc* (*hoc isto*), que veiu a ser o *provençal*; a de *oil* ou do *oui*, que produziu o *francez*, e a do *si*, da qual tiraram origem o *italiano*, o *castelhano* e o *portuguez*. **O provençal** falou-se no sul da França até o Loira, na Catalunha, no Aragão, no reino de Valencia e em alguma parte do Piemonte. Foi o primeiro a ter uma poesia, a dos *trovadores*, que uniam a rima, tomada dos orientaes, a uma sabia e harmoniosa combinação de syllabas accentuadas e mudas. Pouco produziu de notavel, decahindo logo depois da guerra contra os Albigenses e sendo substituido por dialectos locaes.—**A lingua de oil ou do oui**, dialecto particular da Normandia, Picardia e Champagna, deveu seus primeiros progressos aos Normandos, que a levaram para a Inglaterra e para a Sicilia. *O Codigo preto* de Guilherme o Conquistador; *os costumes da Normandia*; *as Assisas de Jerusalim*; *as Chronicas de S. Diniz* ou *Grandes Chronicas*, começadas por ordem de Luiz VII o Moço, e o *Livro dos Bretões*, especie de historia fabulosa dos reis da Inglaterra (1155), são seus documentos mais antigos em prosa. Os poetas do norte ou *wallons* tomaram o nome de *trouvères*. *No séc. XII* Roberto Wace de Jersey compoz o *Romance de Brut* (Arthur da Inglaterra) e *Rou* ou *Rollon*. Christiano de Troyes escreveu diversos poemas *Alexandre de Bernay* teceu em versos que receberam o nome de *Alexandrinos*, uma vida imaginaria de Alexandre o Grande.—**No séc. XIII** *o wallon* ou lingua do *oui* já não é um dialecto, é o francez, e produz varias obras notaveis: v. g. o romance da *Tavola Redonda*, o da *Rosa* e o dos *Quatro filhos de Aymon*.—*Geoffroy de Villehardoin* (1160—1213) relata em francez a historia da IV cruzada, de que fizera parte. Um pouco mais tarde *Joinville* (1223—1319) escreveu, tambem em francez, suas *Memorias de S. Luiz*.—**O italiano** começou a formar-se na côrte de Frederico II e foi aperfeiçoado pelo historiador *Ricordano Malaspina* (1281) em sua *Historia de Florença*; por *Marco Paulo* (1250—1323) na relação de suas viagens ao Oriente; por *Guido Cavalcanti* (1301) em suas poesias; por *Brunetto Latini*, etc.

318) Sciencias, artes e invenções.—Limitar-nos-emos a citar os varões que, durante esta epoca, se distinguiram em taes estudos. São estes: *Guido de Arezzo* (995—1071), que inventou ou certamente aperfeiçoou a gamma musical; João Gualtiero *Cimabúe* (1240—10), que introduziu na Europa Oriental a pintura a fresco, e foi mestre do famoso Giotto; *João de Mo-*

---

mummente os outros, porque sabemos que estas discussões, por via de regra, eriçadas de graves difficuldades, excedem os limites marcados a este compendio.

dena (1280), o inventor da *pintura a oleo*; *Nicolão Pisano*, esculptor, e bem assim os pintores *Giunto de Pisa* e *Guido* de *Siena*; *Rogerio Bacon*, ao qual se attribúe a invenção da polvora, presentiu a vantagem que se podia tirar da applicação do vapor; *Salviati de Florença*, o inventor dos oculos; *Arnaldo de Villeneuve*, que achou o modo de distillar os licores; e *Vicente de Beauvais*, que demonstrou scientificamente a redondeza da terra. — **A architectura** deve á religião e ao feudalismo os progressos pasmosos que realizou na Edade Media, durante a qual foram edificados os mais bellos mosteiros, castellos e cathedraes. Nestas prevaleceu a *architectura ogival*, denominada tambem *gothica*, posto que nada tenha de commum com os Godos (1). Entre os mais vetustos monumentos de architectura citaremos a egreja de *S. Diniz*, começada sob *Luiz VII*; a cathedral de Pariz (1163), a capella de *Westminster-Hall* (1220); as cathedraes de Colonia, de Strasburgo e de Sevilha; a torre inclinada de Pisa, a de Garisendi e Degli Asinelli em Bolonha, etc. Nem deixaremos de mencionar as pontes construidas por uma associação religiosa. Uma das primeiras foi a de Avinhão (1177), depois a do Espirito Santo sobre o Rhodano, etc.

319) A historia—começava a resurgir, sendo cultivada pelos chronistas e historiadores seguintes:—Sigeberto de Gemblurs; Guiberto de Nogent, que intitulou a sua historia da I cruzada: *Gesta Dei per Francos*; João Zonaras, monge do monte Athos autor de uma chronica desde o principio do mundo até 1111; Guilherme de Malmesbury, bened. inglez: —*Gesta regum anglorum desde 455 até 1120*: Othão, monge e bispo de Frisinga—*Chronica desde Adão até 1146*; Guilherme, bispo de Tyro, que deu a *Historia das Cruzadas* até 1184; Nicetas, historiador grego refugiado em Nicéa, teceu a historia desde 1118 até a conquista de Constantinopla pela IV cruzada; Martinho de Polonia, que nos deixou uma chronica, e *Bernardo o Thesoureiro*, autor da historia das cruzadas.—**A philosophia e a theologia**—eram gloriosamente representadas pelos grandes doutores seguintes: Pedro Lombardo—*Mestre das sentenças*—que organizou a academia de Pariz; Alexandre de Hales, *doctor irrefragabilis*, franciscano inglez; Alberto Magno; S. Boaventura, *dr. seraphico*; e sobre tudo pelo incomparavel S. Thomaz de Aquino, *doutor angelico, anjo das escolas*, etc.

320) Renascimento.—Chama-se *Renascimento* das artes, sciencias e lettras, o enthusiasmo extraordinario, que a respeito dos estudos se excitou na Europa pelos fins da Edade Media e principios da Moderna. Póde o Renascimento dividir se em tres epocas distinctas, a saber: *sec. XIV—epoca de transição*—que assiste á decadencia da arte christan e aos primeiros estudos da antiguidade. *Sec. XV—epoca de erudição*, das grandes invenções e dos grandes acontecimentos, que dão principio á arte moderna. *Sec. XVI —epoca do Renascimento puro.*

Seculo XIV.—Epoca de transição

321) Italia. — A supremacia da Italia nesta epoca é reconhecida por todos e assegurada pelos tres grandes litteratos seguintes, i. é., *Dante Alighieri*, o autor da Divina Comedia; *Petrarca*, muito notavel por suas maviosas poesias; *Boccaccio* que escreveu o *Decamerone*. Ao lado destes podemos mencionar com honra *Cecco d'Ascoli*, poeta e astronomo; *Fazio degli Uberti*, autor do *Ditlamondo*; *Cino de Pistoia*; os tres historiadores *Villani* (João, Matheus e Philippe); *Passavanti*, que deu o Espelho da ver-

(1) Vide Bouillet, art. *Arch. gothique.*

dadeira penitencia; *Agnolo Pandolfini*, que tratou do bom governo da familia; *Franco Sacchetti* e *Giovanni Fiorentino*, imitadores de Boccaccio. No mesmo tempo *André Pisani* conservava as boas tradições da esculptura, e *Giotto* (*Angiolotto*) com *Taddeo Gaddi* elevavam ainda mais a fama da escola florentina de pintura e de architectura, fundada por *Cimabúe*; o veneziano *Marco Cornaro* visitava a Persia; *Bartolo* mantinha a gloria da jurisprudencia, e a mechanica assignalava seus progressos dando um relogio a Padua (1312).

322) As outras nações—não podem nesta primeira epoca gabar-se de nomes tão grandes como estes; pois o imperio grego ia perecendo, e quasi nada contribuia para o *renascimento* mandando seus sabios para o Occidente.—**A Germania**, que póde citar só os sermões do *Tauler*, vê renascer a pintura, graças ao pincel de *Whilhelm Meister*.—**A França** conta apenas *Froissard*, que pertence ás Flandres, e que contribuiu muito para a importancia do dialecto wallon.—**Na Inglaterra** *Chaucer* fórma a lingua nacional imitando Petrarca; *Widef* traduz a Biblia, e *Gower* escreve um romance em francez, latim e inglez.—**A Hespanha** tem o principe Dom *João Manuel*, escriptor de *Novellas*; *Pedro Lopes de Ayala*, que traduziu Tito Livio em Castelhano e compilou uma *Chronica*; o *Romanceiro*, collecção de romances religiosos e heroicos entre os quaes occupa um logar distincto o do *Cid Campeador*.—**Portugal** neste seculo pode gloriar-se apenas do rei *D. Diniz* e de *Vasco Lobeira*. O primeiro inaugurou a litteratura portugueza compondo diversas poesias, imitadas de autores francezes; o segundo é geralmente reconhecido como autor dos primeiros quatro livros do *Amadis de Gaula* ou *de Gallés*, cavalleiro andante que, percorrendo esse paiz imaginario—*Gaula*—realiza façanhas pasmosas.

Sec. XV.—Epoca de erudição

323) A Italia—toma a deanteira tambem neste seculo, porque o amor das lettras depara nella aos litteratos um grande numero de protectores muito generosos. De facto o papa *Nicoláu V* chama para junto de si os refugiados de Constantinopla, a quem distribúe com mão larga quantias consideraveis. Elles são: o cardeal *Bessarion*, *Jorge de Trebizonda*, *Theodoro de Gaza* e outros: dá quinhentos escudos de ouro a *Lourenço Valla* por uma versão de Thucydides; *dez mil* escudos de ouro e uma casa em Roma a *Francisco Philadelphio* por uma traducção de Homero em verso latino. Outro tanto fazem *Affonso de Aragão* em Napoles, os *Visconti* e os *Sforza* em Milão. *Pio II* em Roma, os principes da casa d'*Este* em Ferrara e os *Gonzaga* em Mantua; mas todos estes são superados pelos Medicis, que tornam Florença a verdadeira capital litteraria da Peninsula. E' impossivel nomear todos os sabios dessa cidade nesta epoca. Quasi todos escreviam em lingua latina, como Poggio Braccioliní, Leonardo Bruno de Arezzo, João Aurispa; Marcilio Ficino, que traduziu Platão; Angelo Polizziani, cujos versos latinos lembram os de Virgilio; Pico della Mirandola, que blasonava de poder disputar *de omni re scibili*. *Os poetas* Luiz Pulci, autor do Morgante Maggiore, e o conde Bocardo, que compoz o *Orlando Amoroso*. *Os Antiquarios* Nanni de Viterbo, Ciriaco d'Ancona e Pomponio Leto. *Os Historiadores* Bartholomeu Platina, Sabellico, Simocatta, etc. Até as mulheres se dedicavam á litteratura: v. g., *Constancio de Varona e Lucrecia Tornabuoni*, filha della e mãe de Lourenço o Magnifico; *Isabel de Aragão*; *Seraphina Colonna*, *Branca* d'Este, etc.—**As bellas artes**—eram representadas pelo architecto *Phi-*

lippe Brunelleschi; pelos esculptores *Donato* e *Simão Donatello;* pelos pintores *Masaccio*, e *Fra Giovanni* chamado tambem *Fra Angelico*, cujas miniaturas são celeberrimas; por *Verocchio*, a um tempo ourives, musico, pintor, esculptor e gravador, que foi mestre do *Perugino* e *de Leonardo da Vinci*, assim como élo de união entre a escola romana e a florentina; por *Squarcione*, o pae dos pintores e fundador da escola lombarda; pelos irmãos *Gentili* e *João Bellini*, que, fundando a escola veneziana, propagaram a *pintura a oleo*.

324) As outras nações—citam alguns nomes:—**A França**, Carlos de Orléans, pae de Luiz XII; Willon, Alain Chartier; Gerson, chanceller da universidade de Pariz; Thomaz a kempis, monge de S. Ignez, perto de Zwall; *os historiadores* João Chartier, Enguerrand de Monstrelet, Jorge Chastelain e Philippe de Commines.—**A Allemanha** tem apenas Martim Schoen, rival do Florentino Finiguerra, ao qual disputa a gloria da invenção da gravura em *talho doce*.—**Os Paizes Baixos** produzem alguns pintores, discipulos de *João Van Eyck* de *Bruges* que aperfeiçoou a *pintura a oleo*.—**Portugal**, além do rei D. Duarte, autor do Leal Conselheiro, cita os chronistas seguintes: *Fernão Lopes* (1380—1460), o primeiro chronista-mór do reino de que ha noticia certa, compilou as chronicas de varios reis portuguezes: *Gomes Eannes de Azurara* deu a historia da conquista de Ceuta e do descobrimento e conquista de Guiné; *Ruy de Pina* (1451—1521) produziu as chronicas de alguns reis de Portugal.

325) As sciencias—foram neste seculo cultivadas pelos autores seguintes;—O franciscano *Lucas Paccioli*, que, ensinando as mathematicas em Napoles, Veneza e Milão, verteu Euclides para latim; *Purbach*, o traductor do *Almagesto* de Ptolomeu, professou astronomia em Vienna da Austria, contando entre seus discipulos o famoso *Regiomontano*. Este traduziu Appolonio, Sereno, Aristoteles, Heron, etc.; compoz um tratado de trigonometria, e, fundando um observatorio astronomico em Nuremberg, estudou o curso de um cometa (1472). Foi mais tarde chamado a Roma pelo papa *Sixto IV* para trabalhar na reforma do calendario. Falleceu em 1476.—*Waltero* é o primeiro que, nas observações astronomicas, faz uso dos novos relogios; *Novára* dá, em Bolonha, licções a Copernico, e o cardeal de *Cusa* (1464) renova o systema de *Pythagoras* relativamente ao duplice movimento da terra ou systema heliocentrico.

326) Invenções e descobertas (1).—A invenção da *polvora* e das *armas de fogo* é um producto da Edade Média, quer se attribúa ao franciscano inglez *Rogerio Bacon*, quer ao allemão *Bertholdo Schwartz*, ou aos Arabes. E' opinião geralmente recebida que os Arabes usaram pela primeira vez a polvora na defesa de *Niebla em 1257;* e os Francezes, na batalha de *Crecy em 1346*. Alguns teem para si que os chinezes já conheciam a polvora ou cousa equivalente desde muito antes, mas é certo que na Europa ella não se empregou antes do seculo XIII.—Foi tambem na Edade Media que o napolitano *Flavio Gioya* inventou ou certamente melhorou a *Bussola*, á qual tanto deve a navegação.—**A imprensa**, segundo alguns já existia na China, porém não ha duvidar que na Europa ella foi introduzida ou inventada apenas no principio do sec. XV. Imprimiram, nessa epoca, com uma prancheta de madeira, mappas geographicos, figuras de santos e até uma biblia. Tempos depois o hollandez *Coster* excogitou em *Harlem* o processo de imprimir com typos de metal fundido.

---

(1) *Invenções e descobertas* são duas cousas diversas. Inventa-se o que ainda não existe, descobre-se o que já existia, mas não era conhecido.

O moguntino *João Guttemberg* (1400—68) levou a tal perfeição este systema, que elle passa pelo verdadeiro inventor da imprensa. Idéando em Strasburgo os typos moveis, bem como a liga do chumbo com o antimonio, e fazendo sociedade com seus patricios *Schöeffer* e *Fust*, deu em Moguncia principio a seus trabalhos. Expulso pela inveja de seus socios, voltou a Strasburgo, onde estabeleceu a primeira typographia. Regressou, todavia, mais tarde para a patria a pedido do seu bispo que lhe concedeu avultada pensão.—Os diversos paizes da Europa multiplicaram sem demora e com pasmosa actividade as officinas de imprimir. E' facil ver a grande influencia conquistada pela imprensa em todos os ramos do conhecimento humano; no commercio, na politica, e em tudo o mais que pertence á Sociedade; porém é para deplorar que se tenha tanto abusado de tão sabia e tão vantajosa invenção.

HISTORIA DA EGREJA

Periodo IV.—De Calixto II a Bonifacio VIII

Lucta com o cesarismo allemão e francez; com os infieis e com os hereges

Sec. XII

327) Papas—Durante o sec. XII a cadeira de S. Pedro foi digna e gloriosamente occupada por 16 Summos Pontifices. Os mais illustres foram —1) *Gelasio II* (1118—19), que, escapando de cahir nas mãos do imperador Henrique V, fugiu para Gaëta, donde excommungou Mauricio Burdin (Gr. VIII), antipapa creado pelo imperador. Sendo no anno seguinte perseguido em Roma por Cencio Frangipani, retirou-se para Cluny, onde falleceu.—2) *Calixto II* (1119—24), anteriormente bispo de Vienna nas Gallias, excommungando e depondo o imperador Henrique V, concluiu a questão das investiduras e convocou o conc. IX, I de Latrão. — 3) *Honorio II* (1124—30)— outróra Lamberto, bispo de Ostia. A sua eleição é caso unico na historia da Egreja; pois foi a seu pesar acclamado por alguns desordeiros, á cuja frente estava Leão Frangipani, precisamente quando os eleitores acabavam de dar a tiara ao cardeal *Theobaldo*, que tomára o nome de *Celestino II*. Demittindo-se então Theobaldo de sua propria vontade, Lamberto foi eleito legitimamente. Dahi a uma semana offereceu a sua demissão, que os cardeaes recusaram. Foi optimo papa, e mostrou grande zelo para o bem da Egreja.—4) *Innocencio II* (1130—43) lidou com o antipapa Pedro de Leone; coroou Luiz VII e Lothario II; lançou o interdicto sobre a França, e reuniu o II concilio de Latrão, que condemnou as doutrinas anarchicas de Arnaldo de Brescia, o qual começava a perturbar a Italia.—5) *Celestino II* (1143—44) é o primeiro dos Summos Pontifices aos quaes se refere o famoso catalogo dos futuros successores de S. Pedro, attribuido por alguns a S. Malachias, amigo de S. Bernardo e arcebispo de Armagh na Irlanda.—6) *Lucio II* (1144—45) succumbiu a uma ferida que os asseclas de Arnaldo de Brescia lhe fizeram atirando-lhe uma pedra.—7) *Adriano IV* (1154—59), Nicolau Breakspear, unico papa inglez, cingiu a coroa imperial a Frederico Barbaroxa e excommungou *Guilherme o Máu*, rei da Sicilia, que, invadindo Benevento, apoiava os revolucionarios de Roma. — 8) *Alexandre III* (1159—81), louvado pelo proprio Voltaire, esteve, durante 20 annos, a braços com Frederico Barbaroxa e com Victor III, Paschôal III e Ca-

lixto III, antipapas creados successivamente pelo imperador; refugiou-se na França, em Anagni e em Veneza, onde por fim recebeu a submissão de Frederico; confirmou a sentença de Thomaz Becket contra Henrique II da Inglaterra, e celebrou o III concilio de Latrão (79).—9) *Gregorio VIII* (87) pregou a III cruzada que se realizou no pontificado de *Clemente III* (1187—91), seu successor.—10) *Celestino III* (1191—98) deu a coroa imperial a Henrique VI e reclamou contra a prisão injusta de Ricardo Coração de Leão.

328) Concilios.—Celebraram-se no sec. XII, 77 concilios particulares e tres geraes. Estes foram todos presididos e confirmados pelo mesmo Papa que os convocou. São: *O lateranense I* (1123) por Calixto II; concluiu a questão das investiduras. *O lateranense II* (1139), por Innocencio II; annullou os actos dos antipapas, condemnou Arnaldo de Brescia e fez varios canones disciplinares. *O lateranense III* (1179), por Alexandre III; condemnou os Catharos, deu cabo do scisma creado por Frederico I e decretou que, para ser Papa, era mistér reunir dois terços dos votos legitimos.—**Hereges**—Além de Abailardo e de Roscelino, de Arnaldo de Brescia e dos Albigenses, appareceram neste sec. os hereges seguintes:—1) *Tanquelino*, leigo devasso, que, prégando um sem numero de erros grosseiros na Hollanda, pereceu em uma sedição que elle mesmo excitára.—2) *Eon da Estrella*, fidalgo bretão, perverteu muita gente fazendo-lhe crer que elle era o proprio *Filho de Deus*.—3) *Valdo*, negociante de Lyão e chefe dos *Valdezes*, que ainda existem nos Alpes, ensinou que todos os christãos são sacerdotes, que o Evangelho prohibe possuir bens temporaes, que o divorcio é licito, que o culto dos santos é uma idolatria, etc. etc.—4) *Paulicios*, *Cátharos*, *Patharinos*, *Begardos*, etc. que, sendo manicheos, se confundiam com os Albigenses.

329) Ordens Religiosas.—No sec. XII foram fundadas as Ordens religiosas seguintes:— 1) *Os Cistercienses*, por S. Roberto e S. Alberico, que adoptaram a regra de S. Bento (1098). S. Bernardo entrou nesta Ordem (1113) com mais trinta moços, iniciando, dois annos depois, o mosteiro de *Claraval*.—2) *Os Premonstratenses* (1120) por S. Norberto, fidalgo allemão, que tomou a regra de S. Agostinho.—3) As Ordens religioso-militares dos *Hospitalarios de S. João* (1113), por alguns negociantes italianos; a dos *Templarios* (28), por Hugo de Payens e Godofredo de S. Aldemar; a *Ordem de Aviz*; a de *Santiago da Espada*; a *Ordem Teutonica*, etc.—4) *A Ordem hospitaleira do Espirito Santo*, por Guido de Montpellier, a qual, no sec XIII, possuia em Roma um hospital immenso com um salão que podia conter um milheiro de camas, e uma roda para receber creanças engeitadas. Educavam-se alli mil meninos, que, quando se casavam, recebiam um dote de 50 escudos romanos.—5) *A Ordem de S. Lazaro*, cujo superior geral devia ser sempre um leproso, foi fundada por alguns particulares afim de assistir os atacados pela lepra.—6) *A Ordem da SS. Trindade da Redempção dos captivos* (1198) por S. João de Matha (não da Matta, como alguns erradamente dizem e escrevem). Desde 1198 até 1787 remiram os Trinitarios, **novecentos mil** escravos christãos, presos pelos Mouros, o que vem a dar, termo-medio, *mil quinhentos e vinte oito cada anno*.

Seculo XIII

330) Papas.—Occuparam a Sé Apostolica, no sec. XIII, 17 Summos Pontifices, todos muito illustres. Os mais notaveis foram:—1) *Innocencio III* (1198—16), outrora estudante em Pariz e em Bolonha, adoptou na liturgia

os hymnos *Stabat Mater* e *Veni Creator*; nutriu, na occasião de uma grande fome, oito mil pessoas durante seis mezes; restaurou na Italia o poder temporal da S. Sé, já quasi todo usurpado pelos imperadores; conferiu a investidura da Sicilia a Constancia, viuva do imperador Henrique VI; protegeu e educou o futuro Frederico II; excommungou Philippe Augusto de França e João-sem-Terra da Inglaterra; deu a coroa imperial a Othão de Brunswick e, por deposição deste, a Frederico II; mandou prégar a quarta e a quinta cruzada, bem como a contra os Albigenses, e convocou o conc. IV de Latrão (15).—2) *Honorio III* (1216—27) protegeu Henrique III da Inglaterra, que se achava a braços com a nobreza; continuou a guerra contra os Albigenses, e fundou a inquisição.—3) *Gregorio IX* (1227—41) excommungou duas vezes Frederico II.—4) *Innocencio IV* (1243—54), escapando de ser preso por Frederico II, convocou o I concilio de Lyão que depoz o tyranno (45).—5) *Alexandre IV* (1254—61) buscou um refugio em Viterbo quando Manfredo invadiu Roma.—6) *Urbano IV* (1261—64) offereceu a coroa da Sicilia a Carlos de Anjú, irmão de S. Luiz, e autorizou a festa do *Corpo de Deus* (1).—7) *Clemente IV* (1265—68) coroou Carlos de Anjú, desapprovou a execução de Conradino (68), e admoestou paternalmente o rei de Napoles que o desattendeu.—Por morte de Clemente IV, reuniram-se os cardeaes em Viterbo, não logrando entender-se, por tres annos, a respeito da eleição do novo Papa. Déram por fim a tiara a *Theobaldo dei Visconti*, arcediago de Liège, que se achava na Palestina como legado apostolico.—8) *Gregorio X* (1271—76) trabalhou de balde para mandar uma nova expedição contra os turcos; adquiriu o condado *Venaissino*, que lhe cedeu Philippe III de França; obteve que os principes allemães acabassem com o *Grande interregno*; e no II concilio de Lyão decretou que, fallecendo o Papa, os cardeaes se reunissem em um logar conveniente ficando fechados até levar a effeito a eleição do successor.—9) *Adriano V* (76) revogou a bulla de Gregorio X; mas, por sua morte, o povo de Viterbo, receioso de um longo interregno, obrigou os cardeaes a fecharem-se na fórma da bulla.—10) *João XXI* (1276—77), portuguez, annullou novamente a bulla relativa ao *Conclave*, e morreu das consequencias de uma quéda, levada quando visitava o novo palacio papal em construcção.—Depois da sua morte, recusando os cardeaes entrar em Conclave, a S. Sé ficou vaga por mais de seis mezes.—11).—*Nicolau III* (1277—80) prohibiu a Carlos de Anjú que fizesse guerra a Miguel Paleologo, imperador de Constantinopla.—12) *Martinho IV* (1281—85), embora consentisse em ser eleito senador de Roma, continuou a residir em Viterbo; excommungou e depoz Pedro III (83), autor principal das *Vesperas Sicilianas*.—13) *Celestino V* (94), eleito apoz uma vaga de dois longos annos, reconhecendo-se falto de capacidade para governar, breve renunciu a tiara.—14) *Bonifacio VIII* (1294—1303) soffreu graves amarguras de Jayme II da Sicilia, de Philippe IV o Bello e dos Romanos, excitados á revolta pela familia Colonna.

231 Concilios—Reuniram-se, no *sec. XIII*, 85 concilios particulares e tres geraes, sendo estes presididos e confirmados pelos mesmos Summos

(1) Fôra esta festa instituida (1252) pelo bispo de Liège, Roberto de Toroto, a pedido de S. Juliana, religiosa do Monte Carmillo, perto de Liège. Urbano IV (63) a tornou obrigatoria em toda a Egreja. João XXII (1316) lhe accrescentou a oitava e uma procissão solemne. S. Thomaz de Aquino, por ordem de Urbano IV, compoz seis hymnos e todo o officio. Desde o principio do *sec. XIII* já se introduzira o uso de tocar a campainha na occasião de levantar a *Hostia*, e bem assim na de levar o *Viatico* aos enfermos (1203, ou 1210). Então começaram tambem a usar-se os sacrarios, *alberia*, e as custodias, *ostensoria*, para guardar e expor o *SS. Sacramento*.

Pontifices, que osco nvocaram! Foram os seguintes: O *IV de Latrão* (1215) por Innocencio III, condemnando os casamentos *clandestinos* e generalizando o uso de ler na egreja os banhos, determinou que o casamento entre parentes fosse illicito até o IV gráu inclusivamente; promulgou diversas leis em beneficio da instrucção; mandou que todo o fiel christão se confessasse pelo menos uma vez cada anno, e commungasse na Paschoa, concedeu ao patriarcha latino de Constantinopla o primeiro logar de honra depois de Roma, e approvou as ordens religiosas de S. Domingos e de S. Francisco.— *O I de Lyão* (1245), por Innocencio IV, pronunciou a deposição de Frederico II. — *O II de Lyão* (1274), por Gregorio X, em que a egreja grega se reuniu á latina.

332) As Ordens Religiosas— creadas neste seculo são: — 1) *A dos Dominicanos* ou *Frades Prégadores* (8), fundada por S. Domingos, natural de Castella, na diocese de Osma, o qual se dedicou á conversão dos Albigenses.—2) *A dos Franciscanos* ou *Frades Menores*, por S. Francisco de Assis (10).—3) *A das Claristas* (12), por S. Clara sob a direcção de S. Francisco.—5) *Os Agostinhos*, que desde longo tempo existiam separados em diversas congregações, foram por Alexandre IV reunidos em um só corpo debaixo do governo de um superior geral.—5) *Os Carmelitas*, que desde tempo immemorial viviam no Monte Carmelo, remontando, segundo dizem, até o propheta Elias, receberam (1205) do Bemaventurado Alberto, patriarcha de Jerusalém, uma regra, que, a pedido do inglez *S. Simão Stock*, foi confirmada por Honorio III e diversos outros successores de S. Pedro.—6) *A Ordem de N. S. das Mercês da Redempção dos Captivos*, foi creada (1223) em Barcellona por S. Pedro Nolasco, fidalgo do Languedoc.—7) *A Ordem dos Servos de Maria* (1223), por sete negociantes florentinos. Estes sete senhores receberam, ha muitos annos, o titulo de bemaventurados, e ultimamente foram pelo papa Leão XIII postos no catalogo dos santos.—8) *A dos Celestinos* (1254), por Pedro de Morone, mais tarde Summo Pontifice com o nome de *Celestino V.*

PERIODO V.— DE BONIFACIO VIII A LUTHERO

Lucta com o cesarismo francez, que produz o grande captiveiro de Avinhão; com as paixões humanas, que dão causa ao grande scisma e ás heresias, bem como com os Turcos que ameaçam a Christandade.

Seculo XIV

333) Os Papas— do sec. XIV foram os seguintes: — 1) *Clemente V* (1305—14), outrora arcebispo de Bordéos, eleito em Perusa depois do curto pontificado de Bento XI (3—4), não quiz ir viver na Italia em consequencia da anarchia que lá dominava; convocou, presidiu e confirmou o concilio de Vienna nas Gallias; recuperou Ferrara, occupada por Veneza contra a qual lançou o interdicto, e recusou condemnar a memoria de Bonifacio VIII.—2) *João XXII* (1316—34) excommungou Luiz de Baviera; acolheu paternalmente o antipapa Nicoláu V, e retirou com muita humildade uma proposição pouco exacta que pronunciára em um sermão.—3) *Bento XII* (1334—42) desejou voltar a Roma, como o desejára o seu predecessor; porém, detido pelo estado anarchico da Italia, ergueu o palacio pontifical de Avinhão; obteve uma tregua entre a Inglaterra e a França, e definiu que — *os justos, quando não teem peccados para expiar, ao morrerem, entram sem detença na gloria.* —

4) *Clemente VI* (1342—52), nobre e faustoso, recebeu uma solemne embaixada dos Romanos que ardiam em desejos de o ver em Roma. Depondo Luiz de Baviera, cingiu a coroa imperial a Carlos de Luxemburgo.—5) *Innocencio VI* (1352—62), effectuando diversas reformas, levou uma vida pobre e mortificada; porém antes de tudo annullou o compromisso, feito no Conclave, e que elle assignára com alguma restricção. Por este compromisso o Papa futuro se obrigava a não nomear, sem o consentimento do Sacro Collegio, nem novos cardeaes, nem altos funccionarios da côrte pontificia, nem governadores de provincias ou cidades.—6) *Urbano V* (1362—70) excommungou *Pedro o Cruel* de Castella. Achando-se em Roma de volta da França, foi visitado pelo imperador da Germania e pelo de Constantinopla, mas, em vista das gravissimas difficuldades desse novo estado, regressou para Avinhão, onde falleceu dentro em breve, conforme lhe predissera S. Brigida.—7) *Gregorio XI* (1370—78), ultimo francez que occupou o throno pontificio, apesar de um levantamento geral dos Italianos contra o poder temporal do Papa, voltou a Roma, e falleceu em Anagni.—8) *Urbano VI* (1378—89), Bartholomeu Prignano, arcebispo de Bari,—foi nomeado *Invezmente* e reconhecido por todos os cardeaes, que com jubilo de toda a Egreja, annunciaram ao mundo esta eleição. Todavia, tres mezes depois, os cardeaes francezes, movidos, parte pelas saudades que nutriam da França, parte pela energia algum tanto aspera com que Urbano promovia a reforma da sua côrte, reunindo-se na cidade de Fundi, elegeram um antipapa na pessoa de Roberto de Genébra, que, tomando o nome de *Clemente VII* (1378—94), foi residir em Avinhão. A França, onde imperava *Carlos V*, e Napoles, onde reinava *Joanna I*, declararam-se sem demora para o antipapa, ficando o resto da Egreja com o Papa legitimo. Urbano occupou-se seriamente com o bem da Egreja. Depondo a rainha Joanna, concedeu a coroa de Napoles a Carlos de Durazzo pelo qual em breve foi preso; poniu com severidade alguns cardeaes, réus de traição, e mostrou-se fraco a respeito de um seu sobrinho.—9) *Bonifacio IX* (1389—1404) restabeleceu a sua autoridade em Roma por meio de Ladisláu, filho de Carlos de Durazzo, a quem apoiou em Napoles contra Luiz de Anjú, sobrinho de Carlos V de França. Como no entretanto fallecesse em Avinhão o antipapa Clemente VII, *Pedro de Luna* que lhe succedeu com o nome de Bento XIII, não sendo reconhecido pela universidade de Pariz, foi obrigado a retirar-se para Marselha sob a protecção de Luiz de Anjú, conde de Provença e rei titular de Napoles.

334) Concilios.—Foram celebrados, no *sec. XIV*, 42 concilios particulares e um geral que foi o de Vienna no Delphinado (1310—11). Condemnou este concilio diversas heresias, aboliu a Ordem dos Templarios e decretou a guerra contra os Turcos.

Seculo XV

335) Os Papas—deste sec. foram:—1) *Innocencio VII* (1404—6), que foi auxiliado por Ladisláu, rei de Napoles, contra os Romanos sempre revoltosos.—2) *Gregorio XII* (1406—14), Angelo Corrario, apesar de ter, no *Conclave*, promettido que convocaria um concilio geral com o fim de pôr termo ao scisma, e de ter escripto neste sentido a Bento XIII; comtudo, quando se viu na posse da Sé Pontificia, nomeou quatro novos cardeaes e recusou comparecer na conferencia de Savona. Resolveu, portanto, a França conter-se entre os limites da neutralidade a respeito dos dois competidores e convocou o concilio de *Pisa* (1409), o qual, pronunciando a deposição de Gregorio, que se retirára para Gaeta, e a de Bento, que fugira para Sara-

gossa, nomeou Alexandre V (1409—10) Adheriram a este a França, a Inglaterra, a Alta Italia e Portugal. Gregorio era obedecido em Napoles, na Hungria, Baviera, Polonia e nos reinos do Norte. Para Bento XIII ficaram Castella, Navarra, Aragão e a Escossia com as ilhas da Corsega e da Sardenha. Morrendo Alexandre V, succedeu-lhe *Balthazar Cossa*, homem ambicioso e mundano, que assumiu o nome de *João XXIII* (1410—14). Pouco depois Sigismundo, rei da Hungria, subindo ao throno imperial (10), induziu João a convocar o concilio de Constança (1414—18), o qual desde o principio declarou que a votação se faria por nacionalidade As nações que tinham direito de voto, eram a Italia, a França, a Germania e a Inglaterra. Foi mais tarde admittida tambem a Peninsula Iberica. João desejava ser reconhecido unico Papa legitimo, porém, apoz a publicação de um memorial ácerca da sua vida privada, renunciou a tiara a pedido do concilio e com a maior satisfacção de todos. Comtudo, tendo fugido secretamente e protestado contra a sua abdicação, foi deposto pelo concilio e preso pelo imperador.—*Gregorio* mandou ao concilio uma bulla, pela qual reconhecia a sua legitimidade e abdicava.—*Bento* ficando firme na sua obstinação, foi deposto, e abandonado por todos. O scisma recebeu finalmente o ultimo golpe pela eleição legitima de Martinho V.—3) *Martinho V* (1417-31), além de tratar paternalmente a Balthazar Cossa, occupou-se com a reforma da Egreja convocando o concilio de Basiléa, que se mudou em conciliabulo.—4) *Eugenio IV* (1431-47) salvou a Egreja dos principios de gallicanismo que se iam espalhando; usou uma heroica paciencia com o concilio de Basiléa; convocou e presidiu o de Florença, e recebeu a submissão de *Enéas Sylvio*, ex-secretario do concilio,—5) *Nicoláu V* (1447-55) celebrou uma *concordata* com o imperador Frederico III, reconciliou com a Egreja o antipapa Felix V, creado pelo conciliabulo de Basiléa; agasalhou os sabios desterrados de Constantinopla; protegeu a litteratura, etc.—6) *Calixto III* (1455—58) prégou uma cruzada contra os Turcos,—7) *Pio II* (1458—64), Enéas Sylvio Piccolomini, deu a Fernando I a investidura do reino de Napoles; condemnou os actos do conciliabulo de Basiléa, e a *Pragmatica Sanção* de Bourges, que Carlos VII publicára, e que foi mais tarde revogada por Luiz XI; prohibiu pela bulla *Execrabilis* o appellar do Papa para o concilio, e promoveu uma cruzada que elle mesmo quiz acompanhar, mas succumbiu em Ancona no momento de embarcar.—8) *Paulo II* (1464—71) permittiu aos cardeaes o uso da *purpura e do chapéo vermelho*, que até então haviam sido o *distinctivo* do Papa; activou a guerra contra os Turcos, e concedeu a Ladisláu o throno da Bohemia, tirando-o a Podiebrad que protegia os Hussitas.—9) *Sixto IV* (1471-84) lançou o interdicto contra Florença e a excommunhão contra Lourenço de Medicis, que, depois da conspiração dos Pazzi e Salviati, prendera o legado apostolico, e executára sem julgamento o arcebispo de Pisa. Unindo se então contra o Papa a França, Florença, Veneza e Milão, Sixto por sua consummada prudencia soube fazer frente a todos e dissipar a tormenta.—10) *Innocencio VIII* (1484-92), depondo Fernando I, que opprimia o seu povo, deu a investidura do reino de Napoles a Carlos VIII de França.—Como Innocencio VIII fosse casado antes de ser sacerdote, e tivesse tido numerosos filhos, são injustas as accusações de alguns contra elle.—11) *Alexandre VI* (1492—1503) em sua vida privada talvez não fosse qual devia ser; mas com certeza não foi aquelle monstro que alguns impios pretendem. Em todo o caso é certo que como Papa e como rei foi grande. Não só não ensinou erro algum, mas mostrou para o bem da Egreja e da Sociedade não menor zelo do que qualquer outro successor de S. Pedro. Restaurou em Roma a ordem e a segurança: puniu *Savonarola*, por fanatico e desobediente, e recusou a Carlos VIII a investidura do reino de Napoles.

336) Concilios.—Entre os concilios celebrados neste seculo reclamam particularmente a nossa attenção os seguintes:—1) *o de Pisa* (1409), cuja legitimidade é, pelo menos, duvidosa;—2) *o de Constança* (1414—18), confirmado por Martinho V, porém só a respeito do que se tratou depois da eleição do novo Papa;—3) *o de Basiléa* (1431—43), que, rebellando-se contra o chefe da Egreja, degenerou em conciliabulo;—4) *o de Florença* (1438—42), que, em attenção aos Gregos, começou em Ferrara.

337) Ordens Religiosas.—Pelos fins do *sec. XV* foram fundadas as Ordens Religiosas seguintes:—1) *A dos Minimos*, por S. Francisco de Paula (16—1507);—2) *A das Annunciadas*, por S. Joanna de Valois, filha de Luiz XI e mulher repudiada de Luiz XII;—3) *A dos Pobres Voluntarios*, pelo zelo de alguns particulares;—4) *A dos Penitentes Pretos*, cujo fim era assistir os condemnados ao ultimo supplicio.—*A heresia*—principal deste seculo foi a de Wiclef, desenvolvida e propagada pelos Hussitas, predecessores genuinos dos Protestantes.

HISTORIA MODERNA

338) Sua divisão em epocas.—*A historia*—dos tempos modernos, incluindo tambem o que chamamos *historia contemporanea*, póde dividir-se em seis periodos. Esta divisão serve para auxiliar a memoria e a intelligencia afim de tirar dos factos particulares lições geraes de sabedoria moral e politica, sem o que o estudo da historia torna-se insipido e quasi inutil.—**O periodo I** é de *transição*: abrange a passagem da *Edade Media* para a *Edade Moderna*, e vae desde 1453 até 1517.—**Periodo II**:—A Reforma protestante e a Reforma catholica.—**Periodo III**:—Primeiras consequencias da Reforma protestante:—Guerras de religião em toda a Europa, que solapam o edificio social.—**Periodo IV**:—A nova base social, posta no equilibrio europeu, mostra a sua insufficiencia levando a Sociedade á revolução.—**Periodo V**:—Ultimas consequencias da Reforma protestante, isto é, revolução franceza.—**Periodo VI**:—Abalo geral da Sociedade—consequencia dos principios proclamados pela revolução franceza.—**Os factos principaes**—que marcam de um modo distincto a passagem da *Edade Media* para a *Moderna* são os seguintes:—1) *A invenção* da polvora e das armas de fogo, que muda o antigo systema das guerras:—2) *A invenção* da imprensa e do papel de trapos, que introduz novo modo de diffundir as ideas:—3) *A invenção* da bussola, que dá vigoroso impulso á navegação;—4) *Os descobrimentos maritimos*, que, abrindo outra direcção ao commercio, rasgam á civilização christan horizontes até então desconhecidos:—5) *A Reforma protestante*, que agita quasi toda a Sociedade:—6) *A Reforma catholica*, que, no Concilio de Trento, imprime novo cunho e novo vigor á disciplina da *Egreja Catholica*. Relativamente ás *fontes historicas* dos Tempos Modernos repetimos o que dissemos no principio da historia da *Edade Media*, a saber: que é impossivel indicar todas essas fontes, visto terem crescido de um modo pasmoso, nestes ultimos seculos, não só as *directas*, como tambem as *indirectas*.

PERIODO DE TRANSIÇÃO

Estado politico e geographico da Europa no méado do sec. XV

339) A Peninsula Iberica—estava ainda dividida nos cinco estados ou reinos seguintes:—1) *Portugal*, que se entre-

gava quasi exclusivamente ás descobertas e conquistas na Africa occidental;—2) *Granada*, unico asylo que ainda ficava aos Mouros, ia-se enfraquecendo pela guerra civil entre *Muley-Haçan* e *Boabdil* (Abu-Abdallah), seu filho.—3) *Castella e Leão* já se extendiam desde o golpho de *Gasconha* até o *Mediterraneo*, mas tão fraca era alli a realeza, que o rei *João II* não conseguiu salvar das mãos dos nobres *Alvaro de Luna*, seu favorito (1453).—4) *Em Navarra* existe a guerra civil entre João, marido de *Branca II*, e seu filho *Carlos*, principe de Vianna.—5) *No Aragão*, Affonso o Magnanimo (1416—58) divide as coroas de *Aragão*, *Sardenha*, *Sicilia* e *Napoles* entre *João II*, seu irmão, e *Fernando I*, seu filho.—**A Inglaterra**, conservando a Irlanda e o principado de Galles, acabava de perder todas as possessões do continente com a excepção apenas de *Calais*. A realeza era fraca, e o throno ia ser disputado na guerra assoladora das *Duas Rosas*.—**A Escossia**, muito acabrunhada pelas continuas rivalidades entre o rei e seus barões, ainda pagava tributo á Inglaterra.

340) **A França**—rechassando os Inglezes e concluindo na batalha de *Castillon a Guerra dos Cem Annos*, fundava a sua nacionalidade de um modo inabalavel. Comtudo a realeza tinha de luctar quasi de continuo com o novo feudalismo, que constava de *principes do sangue* (1). Existiam neste tempo na França as grandes casas seguintes, todas de sangue real:—1) *A de Borgonha*, que, além do condado e ducado desse nome, possuia mais onze condados. Fóra da França occupava a maior parte dos *Paizes-Baixos*. —2) *A da Bretanha* dominava na Peninsula Armericana. —3) *A de Anjú*, que tinha pretenções ao reino de Napoles, estava de posse de dois ducados e de tres condados.—4) *A de Burbon* era senhora de dois ducados, de tres condados e de tres feudos menores.—5) *A de Orléans* tinha dois ducados, quatro condados e duas baronias.—6) *A casa de Alençon* possuia o ducado do mesmo nome.—*O dominio da casa real* limitava-se á Normandia, á Ilha de França, a uma parte da Picardia, á Champanha, Berry, Turena, Poitou, Aunis, Saintonge, Guyenna, ao Languedoc, ao Delphinado e ao Lyonez.

---

(1) Com o fim de abaterem o antigo feudalismo, tinham os reis da França, desde o tempo de S. Luiz, dado os feudos a *principes* da sua propria familia, que, durante a *Guerra dos Cem Annos*, formaram um feudalismo ainda mais perigoso do que o precedente.

A Italia—entregava-se com ardor ao estudo das lettras, sciencias e artes, e libertava-se quasi totalmente da supremacia alleman; porém ainda se achava dividida em um grande numero de pequenos estados.—**No Norte** dissolvia-se a *União de Calmar* (1448) com a eleição de *Carlos VIII Canutson* a rei da Suecia, e em breve havia de travar-se uma lucta secular entre esse reino e a Dinamarca, á qual coube a preponderancia.—**A Polonia** occupava o primeiro logar entre os *Estados Slavos*, e fazia novas conquistas á custa da Prussia, e da Russia que ainda gemia sob o jugo dos Tartaros.—**O Imperio** luctava com a decadencia. Quasi que cada principe, quer leigo quer ecclesiastico, tornara-se independente; quasi cada cidade formava uma pequena republica: o imperador perdera a influencia na Italia, e a coroa passára de facto para a casa da Austria. *A Liga Hanseática*, pelo contrario, adquiria sempre mais poder e riqueza.—**Os Turcos**, tendo occupado Constantinopla, a Servia e a Albania, tratavam de conquistar o resto da Europa.

FRANÇA (1453-93)

341) Carlos VII (1453—61).—depois da expulsão dos Inglezes, occupou-se seriamente das reformas, cuja necessidade conhecera durante a guerra. Creou um exercito permanente; organizou a cavallaria e a artilharia; restaurou as finanças; favoreceu as artes, o commercio, a justiça, e trabalhou em abater o novo feudalismo.

342) Luiz XI (1461—83)—A tarefa de Luiz foi difficil. Quando succedeu a Carlos VII, seu pae, o dominio da coroa era muito pequeno, e a sua autoridade pouco mais que nominal; ao passo que os grandes senhores, a cuja frente se achava *Carlos o Temerario*, dispunham de numerosos recursos e podiam contar com o apoio de Eduardo IV da Inglaterra. Logrou, todavia, dissolver em breve a *Liga do Bem Publico* fazendo opportunas concessões e apoiando-se no povo (65). Preso em *Peronne*, aonde fôra visitar *Carlos o Temerario*, conde de Charolais e chefe da liga, recuperou a liberdade á força de intrigas, mas foi obrigado a ir pessoalmente sopear uma insurreição de Liége que elle mesmo excitára (67), e a assignar um tratado humilhante que no anno seguinte fez annullar pelos *Estados-Geraes* de Tours (1468). Como os Estados-Geraes decretassem a confiscação dos bens de Carlos o

Temerario; este, formando uma *segunda liga*, começou uma guerra desoladora, na qual se distinguiram as mulheres de *Beauvais*, que, guiadas por *Joanna Hachette*, repelliram os rebeldes com valor heroico (1473). Por meio da astucia, Luiz deu cabo de uma terceira e mais formidavel liga, mandando desta vez executar o condestavel de *Saint Pol*, seu cunhado. Foram punidos tambem o conde de *Armagnac*, o duque de *Nemours*, e o duque de *Alençon* que falleceu no carcere. Em fim, *Carlos o Temerario*, que desde 1467 succedera a *Philippe o Bom*, seu pae, no throno da Borgonha, dirigiu suas armas contra os *Allemães*, e mais tarde contra os Suissos, mas levou uma grande derrota no desfiladeiro de *Granson* (76), uma segunda em *Morat* (76) e outra em *Nancy* (1477), onde perdeu a vida. Pela morte de *Carlos o Temerario* um bom numero de feudos reverteram á coroa da França; porém Luiz, com o intento de tomar tudo, propoz o casamento do Delphim Carlos, seu filho, com Maria, filha e unica herdeira do duque de Borgonha. Como esta preferisse Maximiliano, duque da Austria, levou-lhe em dote o *Franco-Condado*, o *Artois* e larga parte dos *Paizes-Baixos*. Seguiu-se dahi uma guerra, em que a França soffreu uma derrota na batalha de Guinegatte (79). Encontra-se não pequena difficuldade em pronunciar um juizo ácerca do rei Luiz. E' certo que, desfechando um golpe mortifero no feudalismo, engrandeceu a casa real; installou os parlamentos de *Bordéos*, de *Grenoble* e de *Dijon*; tornou inamovivel a magistratura; creou a universidade de *Caen* e a de *Besançon*, e protegeu o commercio estabelecendo em Tours as manufacturas de sêda, introduzindo na França o correio e a imprensa, bem como instituindo feiras e mercados. Comtudo é egualmente certo que inaugurou a pessima politica ensinada mais tarde por *Machiavelli*, e que se mostrou cruel, principalmente em seus ultimos annos. Morreu, todavia, como christão no castello de Plessis-les-Tours, para onde se tinha retirado, assistido por S. Francisco de Paula, que mandára vir da Italia. Floresceram, durante o seu reinado, o poeta *Willon* e o historiador *Commines*.

343) **Carlos VIII o Affavel** (1483—98)—succedeu a Luiz, seu pae, sob a regencia de sua irman, *Anna de Beaujeu*, a qual convocou os Estados-Geraes afim de ser confirmada no officio de Regente que lhe disputavam os duques d'Orléans e de Burbon. Soube Anna com muita habilidade desfazer uma liga dos grandes senhores, da qual,

entre outros, faziam parte o *duque da Bretanha*, *Maximiliano d'Austria* e *Ricardo III da Inglaterra*. Sendo os revoltosos batidos em *S. Aubin du Cormier* (1488), *Luiz d'Orléans* (1) foi encarcerado no castello de Bourges, e a liga recebeu o titulo de *louca*. Negociou, por ultimo, a regente o casamento do seu irmão com *Anna*, herdeira do ducado da Bretanha. Produziu este casamento uma dupla ferida no animo de Maximiliano, porque elle já contrahira esponsaes com *Anna*; e *Carlos*, com *Margarida*, filha do duque da Austria. Nasceu, portanto, dahi essa funesta rivalidade entre a França e a Austria, que tem sido a origem de tantos males para a Europa e a Christandade. *Carlos* ao tomar as redeas do governo, assignou os tratados de *Étaples* (92), de *Barcellona* e de *Senlis* (93). Pelo primeiro assentou pazes com Henrique VII da Inglaterra, pelo segundo cedeu o *Roussillon* e a *Cerdanha* a Fernando o Catholico, pelo terceiro restituiu a Maximiliano o *Artois* e o *Franco-Condado*. Feito isto partiu para a guerra da Italia.

GUERRA DAS DUAS ROSAS, 1455—85

344) **Inglaterra**. — Desde o dia em que tão injusta e cruelmente derramou o sangue de *Joanna d'Arc*, soffreu a Inglaterra uma longa serie de revezes tanto no exterior como no interior. Com effeito os desastres do continente, irritando o orgulho nacional, déram occasião á sanguinolenta guerra civil das *Duas Rosas*, em que as casas de Lancaster e de York disputaram entre si por trinta annos o throno com gravissimo prejuizo da nação; pois, durante a *Guerra dos Cem Annos*, *Henrique IV de Lancaster*, usurpára a coroa, que pertencia á *casa de Clarence*, cujos direitos tinham, por meio de um casamento, passado para a casa de York. Emquanto Henrique IV e V triumphavam na França, ninguem se lembrou de reclamar contra a usurpação, mas, depois que Henrique VI soffreu tantos revezes, *Ricardo*, duque de York e herdeiro da casa de *Clarence*, começou as hostilidades annunciando a sua intenção de reivindicar seus direitos, assumindo o titulo de *Protector* e accusando de traição

(1) E' o futuro Luiz XII, que, quando subiu ao throno, disse: *O rei de França não vinga as affrontas feitas ao duque de Orléans*.

ao duque de *Suffolk*, que foi executado pelos nobres (1). Recebeu esta lucta o nome de Guerra das *Duas Rosas*, porque a casa de *Lancaster* trazia em seu brazão uma *rosa vermelha*, e a de *York*, uma *rosa branca* (2).

345) **Divisão**. — Póde a historia desta lucta dividir-se em tres epocas distinctas. — **Na I epoca** — *Ricardo*, duque de York, auxiliado pelo conde de Warwick, o *Fazedor de Reis*, assumindo o titulo de *Protector* bem como vencendo em *S. Albano* (1455) e em *Northampton* (60), conseguiu fazer declarar pelo parlamento que elle tinha direito ao throno, o qual passaria para o seu filho Eduardo depois da morte de Henrique VI, que o occupava de facto; porém Margarida, protestando em nome do seu filho, derrota a Rosa Branca em *Wakefield* (60), mata e affronta Ricardo, tomando então a guerra um caracter assustador de ferocidade. Consegue, todavia, o *Fazedor de Reis* pôr no throno *Eduardo IV* (61), filho de Ricardo, e, apesar de desbaratado na segunda batalha de *S. Albano* (61), vence na de *Towton* (61), que dura dois dias, e na de *Exham* (1463) onde prendendo Henrique VI e compellindo Margarida a fugir para a França, assignala o seu triumpho com vinganças horrorosas. — **Na II epoca**, Eduardo IV, desamparado pelo conde de *Warwick* e por seu proprio irmão, o *duque*

---

(1) Dos varios filhos de *Eduardo III*, quatro reclamam neste logar a attenção do historiador, a saber: o *Principe Negro* (davam lhe este appellido porque levava sempre uma couraça preta), seu primogenito, cuja descendencia se extinguiu com a morte de *Ricardo II*, *Leonel*, duque de *Clarence*, seu segundo-genito; *João de Gand*, duque de *Lancaster*, seu terceiro filho; *Edmundo de Langley*, duque de *York*, seu quarto filho. — Parece-nos claro que falhando a descendencia do primogenito, o throno pertencia á casa de *Clarence*, porém de facto apoderou se delle a *casa de Lancaster*. Aconteceu mais tarde que *Ricardo*, duque de York, filho de *Edmundo de Langley* e pae do que assumiu o titulo de *Protector*, herdou os direitos da *casa de Clarence* contrahindo matrimonio com *Anno Mortimer*, bisneta de *Leonel*, duque de *Clarence*. — *Eduardo IV*, filho do *Protector*, era bisneto de *Edmundo de Langley*. Por outro lado era tataraneto de Philippa, filha de Leonel e neta de Eduardo III. — *Ricardo III* era irmão de Eduardo IV, cujos filhos, Eduardo V e Ricardo, elle matou na Torre de Londres (1483). *Margarida* era mulher de Henrique VI e filha de *Renato*, rei titular da Sicilia. O filho de Margarida chamava-se *Eduardo de Lancaster*. — *Henrique VII* era filho de Margarida Beaufort, bisneta de *João de Gand*, terceiro filho de Eduardo III; e de Eduardo Tudor, conde de Richmond, que era filho de Catharina de Valois, viuva de Henrique V, rei da Inglaterra.

(2) Achará grande auxilio para a memoria quem reflectir que a *Rosa Vermelha*, a qual tem **L**, pertence á casa de *Lancaster* que tambem tem **L**, e vice-versa.

de Clarence, que passam para o partido da *Rosa vermelha*, é obrigado a fugir para a Borgonha (70); porém, reconciliando-se com seu irmão e regressando para a Inglaterra, derrota e mata *Warwick* no recontro de *Barnet* (71), prende no de *Tewkesbury* (1471) *Margarida*, tira a vida ao filho della e, pouco depois, ao proprio *Henrique VI*.—**Na III Epoca**, *Eduardo IV* abusa cruelmente da victoria executando o duque de Clarence, seu irmão, a quem devia o triumpho. Por morte de Eduardo IV, o duque de *Glocester*, nomeado regente, fez na Torre de Londres morrer secretamente dois filhos delle e logrou ser acclamado rei com o nome de Ricardo III. A este que mereceu o titulo de *Nero do Norte*, despojou da vida e do throno no combate de *Bosworth* (1485) *Henrique de Richmond*, ultimo herdeiro da casa de Lancaster, o qual, assumindo o titulo de rei, casando-se com *Isabel*, herdeira da *casa de York*, e fechando na Torre de Londres *Eduardo*, ultimo herdeiro da casa de *Clarence*, poz termo a essa guerra, em que pereceram 80 principes do sangue e um milhão de inglezes.

346) **Os Tudors**.—Subindo ao throno da Inglaterra com *Henrique VII*, reinaram os Tudors até 1603, quando cederam o logar aos *Stuarts da Escossia*. Restituindo á Inglaterra a paz, a segurança e a riqueza, elevaram a nação a *potencia de primeira ordem*, mas governaram tyrannicamente, e, por uma vil paixão, separaram o seu paiz da unica verdadeira *Egreja de Jesus Christo*.—**Henrique VII** (1485—1509), o *Salomão da Inglaterra*, distinguiu-se por sua avareza. Restaurou a ordem prendendo dois impostores, governando com mão de ferro e prohibindo as guerras privadas. Estabeleceu a *Camara Estrellada*, tribunal destinado a punir os que escapassem ao jury; humilhou os nobres diminuindo-lhes os privilegios; promoveu o commercio e a industria celebrando um tratado com os *Paizes-Baixos*; melhorou algum tanto a sorte da Irlanda, e preparou a reunião de Escossia dando *Margarida*, sua filha, a *Jayme IV* desse paiz.

HESPANHA E PORTUGAL, 1453-1519

347) **Hespanha** (53—1519). Na epoca da tomada de Constantinopla, a Hespanha estava ainda longe dessa unidade que, no seculo seguinte, devia tornal-a uma das primeiras potencias da Europa. Achava-se dividida em diversos estados e tinha de luctar com a anarchia, a guerra

civil e outras desordens. Por fim o casamento de *Fernando do Aragão com Isabel de Castella* (1469) reuniu de facto quasi toda a Hespanha christan, posto que os dois reinos ficassem por emquanto separados, sendo Castella governada por Isabel, e o Aragão por Fernando. Estes dois soberanos que se completavam, um ao outro, de um modo admiravel, receberam do Papa o titulo de *Reis Catholicos;* desfecharam, tomando *Granada*(1 de Jan. de 92), o ultimo golpe no poder dos Mouros; instituiram a *inquisição hespanhola* (1), e forneceram a *Colombo* os meios necessarios para o descobrimento do Novo Mundo. Organizou, além disto, Fernando a *S. Irmandade*, especie de milicia composta de burguezes encarregados de manterem a segurança nas estradas; collocou-se á testa das Ordens de *Calatrava, de Santiago e de Alcantara;* tomou parte nas guerras da Italia; reuniu á monarchia hespanhola o reino de Napoles (1505) e metade da Navarra, que tirou a João de Albret (1512). Cessando de viver em 1516, deixou o reino a Carlos I, seu neto,

(1) **Inquisição** — Quanto á substancia a *inquisição* tem havido sempre na Egreja, que, cumprindo com o seu dever, tem vigiado sempre os hereges, condemnado os erros e punido os criminosos. Assim vemos que, desde os primeiros seculos, a Egreja expulsou do seu gremio os christãos que se tornavam réus de heresias ou de outros crimes abominaveis; e nos seculos V e VI diversos Summos Pontifices, desterrando de Roma os Manichéos, lhes queimaram os livros. Durante a Edade Media, a inquisição tomou um caracter especial, e o Papa a organizou de um modo particular quando os Albigenses infestavam o sul da França.—*Caracter e fórma* ainda mais especial recebeu a inquisição na Hespanha, onde Fernando e Isabel a estabeleceram em Castella (80) e no Aragão (84). Destinada a julgar os *Judeus*, applicou-se dentro em breve aos Mouros e, no seculo seguinte, a todos os hereges. O chefe da Egreja approvou a sua constituição, e seus membros principaes eram ecclesiasticos; porém tudo dependia do poder civil, ao qual se devem, por conseguinte, imputar todas as desordens que nella se déram, contra as quaes os Papas protestaram por diversas vezes. Sixto IV, que em 1478 confirmára os estatutos desse tribunal regio, em 1483 desapprovou com uma bulla o seu rigor excessivo exhortando o rei a moderal-o com a caridade christan. O Summo Pontifice nunca favoreceu a *Inquisição hespanhola*. Leão X quiz abolil-a; Paulo III, Pio IV e Gregorio XIII oppuzeram-se com toda a energia aos reis da Hespanha quando trataram de introduzil-a em Napoles e em Milão. Comtudo é certo que as desordens attribuidas á inquisição teem sido muito exaggeradas pelos inimigos da Egreja e dos *Reis Catholicos*, e que, como o confessa o proprio Voltaire, ella produziu um grande bem para a Hespanha—o de conservar-lhe a unidade de crenças. *Auto da fé* – era a cerimonia pela qual se applicavam publicamente as penas merecidas pelos culpados. Pronunciava-se nella a quitação dos innocentes; os obstinados eram entregues ao braço secular; os penitentes, reconciliados com a Egreja. Feito isto, o *Auto da fé* estava acabado, e os inquisidores se retiravam. E' verdade que então os obstinados, já entregues ao braço secular, eram punidos de conformidade com a *lei civil*, mas isto não pertencia ao *Auto da fé*.

que em breve recebeu a coroa imperial com o nome de Carlos V. Fallecendo em 1504, legou Isabel o throno á sua filha Joanna, casada com *Philippe o Bello de Austria* (é Philippe I da Hespanha); porém Joanna não tardou a enlouquecer, e Philippe a morrer (1506). Proclamaram então rei de Castella Carlos I (V como imperador) sob a regencia de Fernando com a condição de que Joanna tornaria a ser de novo rainha, si recuperasse o uso da razão. O primeiro ministro de Fernando, como regente de Castella, foi o cardeal *Ximenes de Cisnéros*, arcebispo de Toledo, que, fazendo a sua custa uma expedição na Africa, tirou aos Mouros *Oran* (1509), *Bugia* e *Tunis*.

348) **Portugal**—tornou-se, no seculo XV, poderoso e rico por seus descobrimentos e suas conquistas. No reinado de *D. João II o Perfeito* (1481—95), que assumiu o titulo de *Senhor* de Guiné, constróe *Diogo de Azambuja* (82) o forte de S. Jorge da Mina; *Diogo Cão* descobre o Congo (84); *João Affonso de Aveiro*, o Benim; *João Pedro da Covilhan* visita a Abyssinia, e *Bartholomeu Dias* toca a ultima ponta meridional da Africa, dando-lhe o nome de *Cabo Tormentoso*, nome que D. João muda pelo de *Boa Esperança*.—*No interior*, D. João governou com muita energia diminuindo os privilegios dos nobres, aos quaes tirou o direito de vida e de morte que exerciam sobre seus vassallos; revogando as concessões de dominio feitas á custa da coroa; mandando executar *D. Fernando*, duque de Bragança (1483) e chefe dos rebeldes, bem como apunhalando, com sua propria mão, *D. Diogo*, duque de Viseu, seu primo e cunhado, que os nobres tratavam de collocar no throno. Falleceu D. João com o pesar de ter recusado as exhibições de *Colombo*, que acabava de dar um Novo Mundo á Hespanha. Succedeu-lhe seu primo, D. Manuel o Venturoso, irmão do duque de Viseu e filho de Fernando, irmão de D. Affonso V.

349) **Allemanha.**—*Frederico III* (1440—93), seguindo a politica pessoal da sua familia, deu seus maiores cuida-

---

Escreveu, no tempo de Napoleão I, a historia da inquisição hespanhola *Llorente*, presbytero devasso, apostata (1756—1823) e punido por seu máu procedimento. (91). Não é, pois, para extranhar que exaggerasse as desordens da inquisição com o intuito de adular aos francezes, seus protectores, e de infamar os Reis Catholicos que atraiçoára *Tous les écrits de Llorente*, diz Feller, *respirent un général l'erreur, le chisme et l'amertume. Il est impossible de pousser plus loin la haine, la perfidie et la mauvaise foi.* Vide Rohrbacher.—Hist. Univ. de l'Eglise Cath., vol. XXII, pag. 46 e seguintes.

dos ao augmento de seus estados hereditarios; e descurou-se tanto dos negocios do imperio, que os eleitores o ameaçaram com a deposição (57). Luctou contra *Sigismundo*, seu primo, e *Alberto*, seu irmão, que lhe disputavam a Austria. Sendo em seus ultimos annos reduzido a uma vida errante por *Mathias Corvino*, rei da Hungria, que se assenhoreou de Vienna (85), não se esforçou por nenhum modo para recuperar seus estados. Comtudo, depois da morte de Corvino (90), entrando de novo na sua capital, preparou a grandeza de sua familia, quer pelo tratado de Presburgo (1491), que lhe reservou a successão eventual de *Ladisláu*, rei da Bohemia e da Hungria, quer pelo casamento de *Maximiliano*, seu filho, com *Maria*, filha de Carlos o Temerario e herdeira da Borgonha, do Artois, do Franco-Condado e dos Paizes-Baixos. E' por isso que se lhe attribúe a celebre formula: a. e. i. o. u., a saber: *Austriæ est imperare orbi universo.* — **Maximiliano I** (93—1519) tomou parte pouco vantajosa nas guerras da Italia, e, sendo derrotado pelos Suissos, reconheceu-lhes mais uma vez a independencia no tratado de Basiléa (1499). A obra prima de Maximiliano (1496) foi o casamento de *Philippe o Bello*, seu filho com *Joanna a Louca*, filha de Fernando o Catholico e mãe do imperador Carlos V; e bem assim o de *Fernando*, seu neto, (1) com a filha de Ladisláu II, rei da Bohemia e da Hungria. Concluido em *Presburgo* (1515), este segundo casamento assegurava á casa da Austria a herança de Ladisláu depois da extincção da sua familia. Além disto, reuniu Maximiliano a seus estados hereditarios os *Paizes-Baixos*, o *Franco-Condado*, a *Goricia*, parte do Tyrol, a *Alsacia* e a *Baviera;* promulgou na dieta de *Wormacia* ou Worms (1495), sob o nome *Paz publica e perpetua*, uma nova constituição pela qual prohibiu sob penas severas os combates particulares, e as guerras entre os diversos estados do imperio. Foi tambem Maximiliano que dividiu a Allemanha em dez circulos, quem aboliu o tribunal secreto da *Santa-Vehme*, quem creou os *Reiters* e os *Lansquenetes* (2),

---

(1) E' bem conhecido o distico exarado nesta occasião: *Bella gerant alii; tu, felix Austria, nube. Nam quæ Mars aliis, dat tibi regna Venus.*

(2) *Os Reiters* (de *reiter*, cavalleiro) formavam um corpo de cavallaria, composto de mercenarios de qualquer paiz, principalmente da Allemanha. —*Os Lansquenetes* (*de landsknechte*, servo da gleba) a principio eram lacaios e servos armados: cada *reiter* tinha dois delles a seu serviço; mais tarde formaram corpos separados de infanteria. Eram todos mercenarios, alistados em qualquer paiz.

assim como o *conselho aulico*, que oppoz ao poder excessivo da *camara imperial*.

Italia e Turquia, 1453—1520

350) **A Italia**—luctava ainda com a anarchia em diversos logares e via-se exposta ao perigo de ser invadida pelos Turcos, que se apoderaram (1480) de *Otranto*. — **O reino das Duas-Sicilias**, reunido por *Affonso I* (V como rei do Aragão), *o Magnanimo* (1458), foi por morte delle partilhado entre *João I* (II como rei do Aragão), seu irmão e *Fernando I*, seu filho legitimado. Além do Aragão e da Sardenha, coube a João a Sicilia. *Fernando* recebeu o reino de Napoles, cuja posse lhe assegurou a batalha de *Troia* (62) contra João de Calabria, filho de Renato de Anjú; mas perdeu *Otranto* (80) e se tornou odioso a seus barões que atacou com muita perfidia e crueldade. Falleceu (1494) no meio dos preparativos de defesa contra *Carlos VIII* de França, ao qual *Carlos do Meno*, seu sobrinho e herdeiro de Renato de Anjú, transmittira a Provença e suas pretenções á coroa de Napoles. *Affonso II* (94), herdando o throno e a odiosidade do seu pae, abdicou em favor de Fernando, seu filho, e retirou-se para um mosteiro da Sicilia.—*Fernando II* (1495), sendo derrotado tres vezes pelos Francezes, retirou-se para a ilha de *Ischia*. Um levantamento popular contra os invasores e a espada de *Gonçalo de Cordova* lhe restituiram o throno, mas falleceu pouco depois. *Frederico III*, seu successor, a pedido de *Fernando o Catholico* e de *Luiz XII*, consentiu em trocar o reino pelo ducado de Anjú, onde passou na obscuridade o resto de seus dias. — **Só os Papas** — comprehenderam que a politica justa, e util para a Italia nesta epoca, era restaurar a união, luctar contra os Musulmanos e repellir o extrangeiro. Tal foi o alvo dos esforços de Nicoláu V, de Calixto III, de Pio II, de Paulo II e de Sixto IV que recebeu o nome de *Pae da Patria*.

351) **Florença**.—*Pedro I* (1464—67), filho e successor de Cosme, perdeu a popularidade exigindo dos Florentinos a restituição das quantias emprestadas por seu pae, e teve mister de muita actividade para luctar com os nobres, que, capitaneados pelos Salviati e pelos Pazzi, buscavam derrubal-o. Ao succederem-lhe Lourenço e Julião, seus filhos, esta rivalidade extendeu-se a quasi toda a Italia, tomando

Veneza e Milão partido em favor dos Medicis; o papa Sixto IV e Fernando, rei de Napoles, em favor dos Pazzi e dos Salviati. Cumpre observar que Lourenço já governava de facto com poder absoluto e fazia grande opposição ao Papa, quer protegendo os salteadores e os usurpadores dos bens ecclesiasticos, quer recusando acceitar o arcebispo de Pisa, quer protestando contra o facto de dar Sixto IV Imola e Forli a Jeronymo Riario, seu sobrinho. Tal era o estado das cousas quando os Pazzi e os Salviati juntamente com Jeronymo Riario e muitos outros tramaram em grande segredo uma conspiração com o intento de assassinar Lourenço e Julião. Para levarem a effeito seus planos fixaram o dia 26 de Abril (1478), emquanto os dois Medicis estivessem assistindo á missa na cathedral de Florença. Julião cahiu morto na egreja no momento da elevação da Hostia; Lourenço escapou. Como o povo com o qual os rebeldes haviam contado, se pronunciasse a favor dos Medicis, estes prenderam os conspiradores e, sem nenhuma fórma de processo, os executaram arrastando-os barbaramente pelas ruas. O seu numero subia a cento e poucos. Fecharam em um calabouço o cardeal de S. Jorge, sobrinho do Papa, que casualmente se achava em Florença. Recusando Lourenço dar qualquer satisfacção ao Summo Pontifice e restituir o cardeal, injustamente preso, Sixto IV lançou o interdicto sobre a cidade e a excommunhão contra o chefe da republica. Seguiu-se uma guerra de Florença, Milão e Veneza contra Roma e o rei de Napoles, na qual Sixto IV mostrou grande firmeza de animo. Essa guerra, que durou quasi dois annos, e parecia querer assolar a Italia inteira, acabou pela invasão dos Turcos (80) em Otranto, porque os principes italianos, assustados, cedendo aos conselhos do Papa, uniram-se contra o inimigo commum. Que Sixto IV se mostrasse excessivamente indulgente a respeito de seus sobrinhos, ninguem o nega; mas ter elle tomado parte nesta horrivel conspiração dos Pazzi e dos Salviati, isto é falso, e só existiu na cabeça dos inimigos da Egreja e do Papado (1). Depois desta guerra, *Lourenço* de Medicis tratou de dar remedio aos males da sua patria; mas, outorgando excessiva protecção ás lettras, deixou reviver numerosas idéas do Paganismo. — Durante a administração de Pedro II, o dominicano *Savonarola*, tentando uma reacção christan, con-

(1) Vide *Balan*:—Storia d'Italia, vol. V, livro XXXVIII, par. XLIII. *Rohrbacher*:—Histoire Universelle de l'Église Cath., vol. 22, pag. 324.

seguiu mudar Florença em um como mosteiro; excedeu-se, todavia, implicando-se em questões politicas e atacando a propria pessoa do papa *Alexandre VI*, a quem recusou obedecer. Accusado, pois, de heresia e desamparado por todos, morreu queimado vivo no meio da cidade (1498). No entretanto *Pedro II*, que fôra expulso porque tratara com os francezes invasores, a quem devia combater, não logrou restabelecer a sua autoridade, e seus descendentes só o conseguiram em 1512.

352) **Genova**—enfraquecida pelas conquistas dos Turcos e pelas discordias intestinas, sendo por Luiz XI cedida a Francisco Sforza (1464), recuperou a sua liberdade depois da morte de *Galeás-Maria* (1476), porém não tardou em cahir sob o jugo de *Ludovico o Mouro*, que a recebeu como feudo da coroa de França (1490).—**Veneza** fortificava o seu governo interior, concentrando o poder dos *dez* no tribunal dos *tres inquisidores de estado*, que gosavam de uma autoridade absoluta e temivel. Além do ducado de Veneza, esta republica ainda possuia o Friule, a Istria, a Dalmacia, Treviso, Padua, Brescia, Ravenna; as ilhas de Corfú, Creta, Negroponto, Tenedos; as cidades de Patras, Lepanto, Modon, Coron, etc; mas a conquista da ilha de Chypre não compensava as perdas que lhe faziam soffrer os Turcos. Por outro lado os povos do continente que ella despojára, iam-se colligando contra a sua prepotencia, e o descobrimento do Novo Mundo havia dentro em breve de privál-a do seu commercio, primeiro manancial da sua força e de suas riquezas.—**Em Milão**, a Francisco Sforza succedera *Galeás-Maria*, seu filho (1466-76), casado com Bonna de Saboia, cunhada de Luiz XI. Sendo Galeás-Maria assassinado por tres fidalgos, succedeu-lhe *João Galeás*, seu filho de tres annos, sob a regencia de Bonna, sua mãe, e do ministro *Simonetta*, que governaram com bastante tino. Comtudo, quando elles tomaram parte na guerra de Florença contra o papa Sixto IV, *Ludovico o Mouro*, irmão de *Galeás-Maria*, usurpou o poder (1479) afastando a regente, matando o ministro Simonetta, prendendo e, talvez, envenenando ao pequeno *João* (94). Então o usurpador chamou os Francezes; porém, desavindo-se com elles, perdeu tudo (1500), e teve de ir viver preso no castello de Loches, onde morreu em 1510. *Maximiliano Sforza*, primogenito de Ludovico o Mouro, posto em 1512 no throno ducal pela Liga de Roma, foi pelos francezes (13) assediado em Novara, e voltou para Milão nesse mesmo anno; mas, depois da ba-

talha de Marinhano (15), cedeu, a troco de uma pensão, o seu ducado a Francisco I, e, retirando-se para a França, falleceu em 1530.—*Francisco Maria*, segundo-genito de Ludovico, recebeu (1522), de Carlos V, o Milanez, que lhe confirmaram em 1525 depois da derrota de Francisco I em Pavia. Cessou de viver em 1535.

353) **A Saboia**—durante este tempo (1440-1553) adoptou geralmente a politica da França, parte em virtude das relações de familia, parte afim de se defender contra os duques de Borgonha, e parte por causa de suas vistas ambiciosas.—*Luiz I* (1440—65), successor de Amadeu VIII, antipapa debaixo do nome de Felix V, sendo casado com Carlota de Lusinhano, mostrou pretenções á coroa de Chypre e á de Jerusalém. Tentou reivindicar este direito contra Veneza, porém nada alcançou, nem foi mais feliz na questão relativa á herança dos Visconti.—*Amadeu IX* (1465-72) mereceu as honras da beatificação.—*Philisberto I* (1472-82) succumbiu aos trabalhos de uma caçada.—*Carlos I* (1482-89), posto por um momento sob a tutela de Luiz XI, assumiu o titulo de rei de Chypre.—*Carlos II* (1489-96). O facto mais importante do reinado deste menino, que falleceu na edade de dezeseis annos, foi a passagem atravez de seus estados, permittida aos Francezes por Branca de Monferrato, sua mãe e regente.—*Philippe II* (1496—97) foi pae de *Luiza de Saboia*, que veiu a ser mãe de Francisco I, rei de França; e de *Philisberto II o Bello* que lhe succedeu (97—1504), e que, sendo casado com Margarida, filha do imperador Maximiliano I, recusou a Luiz XII a licença de atravessar seus estados para entrar na Italia. A Philisberto, que não deixou descendencia, succedeu *Carlos III o Bom* (1504—53), cujo infeliz reinado fluctuou sempre entre Francisco I, seu sobrinho, e Carlos V, seu cunhado.

354) **Turquia (1453—1520).** — *Mahomet II* (53-81)— que concebera o plano de conquistar o Mundo todo (1) e de mudar em uma estrebaria a egreja de S. Pedro de Roma, seguindo o curso de suas victorias, depois da quéda de Constantinopla, occupou o ducado de *Athenas*, a *Servia*, a *Albania*, a ilha de *Lesbos*, *Negroponto* e até *Otranto* na Italia (80). Repellido pelos cavalleiros de *Rhodes* apoz 99 dias de continuos e furibundos assaltos, jurou que havia

(1) Escrevera em torno da meia lua da sua bandeira: *Donec totum impleat orbem.*

de vingar-se; esquipou uma immensa frota, e armou um exercito de 300.000 homens. Toda a Europa esperava, consternada, o golpe fatal, e o papa *Sixto IV* ordenára preces publicas, quando chegou a feliz noticia de que o imperador dos Turcos perecera na Bithynia *a tres de Maio de 81*. Mahomet, tyranno, devasso e cruel, matou Mustaphá, seu filho, e fez a seus successores um dever de tirar a vida a todos os seus parentes que pudessem parecer perigosos.—**Bajazet II** (1481—1512)—perseguiu *Zizim* (1), seu irmão, que lhe disputava o throno; conquistou a Bosnia, a Croacia, a Valachia, a Moldavia, e executou dois de seus filhos, réus de capitanearem uma revolução; porém não tardou a ser preso e morto por *Selim*, seu terceiro filho, que foi proclamado imperador.—**Selim I** (1512—20), tendo logo a principio morto seus irmãos e sobrinhos, fez immensos preparativos com o fim de conquistar o mundo. Obrigado por seus *Janizaros* a regressar do centro da Persia, aonde já chegára, dirigiu-se para o Egypto que occupou facilmente e tratou com brandura. Apercebia-se para invadir a Europa quando falleceu em uma villa da Rumelia, no mesmo logar em que outrora déra combate a Bajazet, seu pae.

GUERRAS DA ITALIA, 1494—1519

355) Periodo I.—Póde a historia das guerras da Italia dividir-se em dois periodos. *O primeiro* occupa o espaço de 19 annos e póde subdividir-se em tres epocas.—**Na I epoca** (1494—95), *Carlos VIII* invade a Italia qual uma torrente; entra triumphante em Roma; dicta a paz ao papa Alexandre VI, que lhe entrega *Zizim*, e compra de *André Paleologo* vãos direitos ao imperio grego. Ganha as batalhas do *Garilhano*, de *S. Germano* e de *Capua*, e, coberto do manto imperial, cinge solemnemente em Napoles a quadrupla coroa de França, das Duas-Sicilias, de Constantinopla e de Jerusalém (22 de Fev.). Ao ver, todavia, que no norte se fórma contra elle uma liga temivel de quasi toda a Europa, retrocede a toda a pressa abrindo-se em *Fornovo* uma passagem atravez de seus inimigos e chegando á França com a

(1) *Zizim*, fugindo, implorou a protecção dos Cavalleiros de Rhodes, que o mandaram ao papa Alexandre VI. Cedido a Carlos VIII, morreu dentro em breve, envenenado, talvez, por algum emissario de Bajazet.

gloria apenas de ter salvado o exercito. Uma reacção, provocada em Napoles pela altivez dos invasores, obrigando os Francezes a retirarem-se, restituia, no entretanto, o throno a Fernando II, que se refugiara na ilha de *Ischia* (96). Concluiu *Carlos VIII* a sua carreira mortal no meio dos preparativos para uma segunda invasão.—**Na II epoca** (98—1503), *Luiz XII*, reclamando a coroa de Napoles como herança de *Renato* de Anjú, e o Milanez como herança de *Valentina Visconti*, sua avó, procura alliados em toda a parte, e faz um tratado secreto com *Fernando o Catholico* para occupar, e dividir entre si o reino de Napoles, dando em compensação o ducado de Anjú a Frederico III (1501). Introduzindo-se, porém, a discordia entre os contractantes a respeito da divisão da presa e sendo o general *Gonçalo de Cordova* bem succedido em diversas refregas, foram os Francezes obrigados de novo a sahirem do reino de Napoles (1).—Neste mesmo tempo o general *Trivulcio* occupava o *Milanez*, depois de derrotar duas vezes Ludovico o Mouro e de envial-o para o castello de *Loches* na França. —**Na III epoca** (1508—13), liga-se Julio II em *Cambraia* (8) com a França, Hespanha e Austria contra *Veneza*, que, derrotada em *Agnadelo* (1509), restitúe á Santa Sé as cidades que lhe tirára, pedindo humildemente a paz. Fórma então Julio II a *Santa Liga* contra a França, que, recusando tratar com Veneza, pretendia proseguir em suas conquistas, e até tentava depor o Papa. Porém os Francezes, apesar das brilhantes victorias de *Gastão de Foix*, *o Raio da Italia*, perdem a batalha de Ravenna (1512), e são mais esta vez compellidos a retirarem-se da Peninsula. Sendo no anno seguinte (13), Luiz XII vencido em *Guinegatte na segunda batalha das esporas* (2), acceitou a paz cedendo parte da Navarra a Fernando o Catholico, quatro bailiados aos Suissos, e o Milanez a Maximiliano Sforza, filho de Ludovico o Mouro.

356) **No II periodo** (1515—19)—*Francisco I*, atravessando os Alpes por um desfiladeiro intransitavel, derrota na batalha de Marinhano (1515) os Suissos, á cuja frente estava

---

(1) Com *Carlos VIII* acaba o ramo *directo dos Valois*. *Luiz XII* é o unico rei dos *Valois—Orléans—Angoulême*. Todos descendem de *Carlos V o Sabio*, do qual Luiz XII era *bisneto*, Carlos VIII e Francisco I, *tataranetos*.

(2) Recebeu esta batalha um tal nome, porque os Francezes, segundo dizem, fizeram mais uso das *esporas* que das *espadas*.

o cardeal *Schinner*, bispo de Sião. Depois desta batalha Francisco I se fez armar cavalleiro por Bayardo; concluiu com os Suissos a *Paz Perpetua*; tomou posse do Milanez, de Parma e de Placencia; visitou em Bolonha o papa Leão X, com o qual acabava de assignar um tratado de paz, e, a pedido delle, differiu a conquista que meditava, do reino das *Duas-Sicilias*. Comtudo havendo Francisco I, por morte de Fernando o Catholico (1516), manifestado a intenção de invadir o reino de Napoles, o imperador Maximiliano atacou o Milanez, que foi bravamente defendido pelo condestavel de Burbon. Por ultimo a morte de Maximiliano (19) e a intervenção do Papa, que ordenou ao cardeal *Schinner* depuzesse as armas, déram em resultado a suspensão das hostilidades e o termo do *II periodo das guerras da Italia*.

RIVALIDADE ENTRE A CASA D'AUSTRIA E A DE FRANÇA, 1521—59

357) **Francisco I (1515—47)**—chefe do III ramo dos Valois, teve brilhantes qualidades a par de grandes defeitos. Foi immoral e inaugurou a funesta politica, segundo a qual *o interesse religioso geral deve ceder ao interesse temporal local*. Alliou-se com os Protestantes que buscavam esmagar aos Catholicos, e com os Turcos que se esforçavam para acabar com a *Christandade* (1).—**Carlos V (1500—58)**, natural de Gand, na edade de seis annos succedeu em *Castella a Joanna a Louca*, sua mãe, sob a regencia de Fernando o Catholico, seu avô. Suas primeiras medidas, ao sahir da menoridade (16), irritaram tanto os Castelhanos, que formaram uma conspiração, da qual o joven rei deu cabo enforcando *João Padilha*, seu chefe (21).—A rivalidade entre estes dois soberanos que preparou o triumpho dos Protestantes, e, a não serem os Papas, ia produzir o dos Turcos, teve origem nas pretenções de ambos á coroa imperial. *Francisco I* assustou-se pelo grande poder de *Carlos*, a um tempo imperador, rei da Hespanha, senhor da Italia, e herdeiro das casas da Austria e da Borgonha. Conceben-

(1) Tiramos estas informações principalmente de Daniel, Rohrbacher e Chantrel, e julgamos que os Francezes não levarão a mal, si não tratamos a França, ou antes alguns de seus reis, mais brandamente do que o fazem esses tres bem conhecidos autores. Esperamos que este aviso sirva para tudo o mais que vamos dizer a respeito da *Filha Primogenita da Egreja* que amamos de coração.

do, portanto, contra elle um odio implacavel, assentou de combatel-o a todo o transe.

358) **Cinco guerras.**—Dividimos a historia desta lucta deploravel em cinco guerras principaes.—**Na I guerra** (1521—26), os Francezes, dando principio ás hostilidades pela invasão da *Navarra*, tomam *Pamplona* (21), defendida pelo general *Ignacio de Loyola*; são, porém, dentro em breve obrigados a retirar-se e vêem a França invadida de todos os lados. Repelle *Francisco I* os Imperiaes até Milão; perdendo, porém, a batalha de *Pavia* (25), (1) é levado preso para Madrid, onde consente (26) em um tratado que ao depois recusa observar.—**Na II guerra** (1527—29), Roma é saqueada pelos Allemães, capitaneados pelo condestavel de *Burbon* (27), que desertando da sua patria, passára para o partido imperial. Libertando a Cidade Eterna ganham os Francezes a sympathia geral, e rechassam os Imperiaes até Napoles. Põe-se finalmente termo á guerra (29) pelo tratado de *Cambraia*, que se chama *Paz das Senhoras*, porque a obtiveram e negociaram *Margarida de Austria* e *Luiza de Saboia*: esta, mãe de Francisco I; aquella, filha de Maximiliano I, e actualmente governadora dos Paizes-Baixos (2). Nos seis annos de paz que se seguiram a este tratado, *Carlos V* restabeleceu o seu credito livrando o Mediterraneo dos piratas da Berberia, aos quaes tirou Tunis; protegendo a Egreja contra os Protestantes e cedendo *Malta* aos Cavalleiros de S. João de Jerusalém, que acabavam de ser expulsos da ilha de Rhodes. *Francisco I*, pelo contrario, perdeu a sympathia dos Catholicos ligando-se com os Protestantes e com os Turcos.—**A' III guerra** (1535—38) deu occasião a morte de *Francisco Maria*, duque de Milão e 2.º filho de Ludovico o Mouro. Como ambos os monarchas tivessem pretenções a esse ducado, os Imperiaes invadiram repentinamente a Lombardia, o Piemonte e a Provença; mas, encontrando este ultimo paiz mudado em um deserto, foram constrangidos a retirarem-se. A guerra prolongou-se ainda por um anno no norte e no Piemonte, acabando afinal na *Tregua de Nizza*, obtida pela intervenção do papa Paulo III.—**IV guerra** (1540—46). Havendo Carlos V, ao passar pela França (40), promettido

(1) E' celebre a carta que, segundo disseram, nesta occasião escreveu á rainha, sua mãe: *Madame, tout est perdu hormis l'honneur*. Consta, porém, que a carta não foi concebida nestes termos.

(2) E' aquella mesma que devia casar com Carlos VIII.

conferir a investidura do *Milanez* ao 2.º filho de *Francisco I* e recusando depois manter a palavra, deu azo á *IV guerra*, em que os Francezes bombardearam Nizza juntamente com os Turcos e ganharam a batalha de *Cerasole* no Piemonte (44). No mesmo tempo o imperador invadia a França pelo norte, e chegava, victorioso, até a cidade de Meaux, mas consentia no tratado de Crespy (44). Dois annos depois Francisco I pelo tratado de *Guines* (46) assentou pazes tambem com Henrique VIII da Inglaterra, que como alliado do imperio, occupara *Boulogne*.—**V guerra (1552—59)**. Instigado pelos Protestantes e pelos Turcos, Henrique II (1547—59), successor de Francisco I, renovou a guerra, conquistando os *Tres Bispados*, i. é., *Metz*, *Toul* e *Verdun*. Tendo Carlos V exgottado debalde todos seus recursos para recuperar essas praças, concluiu a tregua de *Vaucelles* (1556) e abdicou entregando o imperio a Fernando I, seu irmão; a Philippe II, seu filho, as coroas dos Paizes-Baixos, de Napoles e da Hespanha. Retirou-se afinal para o mosteiro de Yuste ou São Justo na Extremadura hespanhola, onde falleceu dahi a dois annos.

359) **Henrique II e Philippe II.** — A guerra, que recomeçou no mesmo anno entre Henrique II e Philippe II, assignalou-se por dois grandes factos, a saber: a batalha de *S. Quintino* (1557), ganha pelos Hespanhóes ao mando de Manuel Philisberto, duque de Saboia; e a tomada de *Calais* (58) por Francisco de Lorena, duque de Guise. Assentou-se, portanto, no anno seguinte (1559), a paz de *Cateau-Cambresis* com a condição de que seriam restituidas todas as conquistas realizadas na *Picardia* e nos *Paizes-Baixos*. A França devia conservar *Calais* e os *Tres Bispados*, evacuar a Toscana e a Corsega, bem como restituir os estados ao duque de Saboia. Por ultimo Henrique II casou Isabel, sua filha, com Philippe II; e *Margarida*, sua irman, com *Manuel Philisberto*, o heróe de S. Quintino.

360) **Os generaes** — illustres deste *I periodo* foram *Gonçalo de Cordova, o Grão Capitão*, que se distinguiu em Granada contra os Mouros, e na Italia contra os Francezes; —*Pedro de Navarra*, logar-tenente de Ximenes na expedição da Africa;— *Gastão de Foix, o Raio da Italia*, que na batalha de Ravenna (12) pereceu no seu triumpho, o qual, por conseguinte, se mudou em derrota;— *Trivulcio*, general milanez, que, sendo por Ludovico o Mouro removido dos negocios, passou a Napoles; desertou para os Francezes; teve

grande parte nas guerras da Italia e chegou a ser (44) marechal de França.—*Lautrec* acompanhou Luiz XII na Italia e combateu em Ravenna, em Pavia e em muitos outros logares distinguindo-se quasi sempre por sua crueldade. Nomeado logar-tenente general na Italia (15), submetteu parte do Milanez, porém attrahiu tanto sobre si o odio dos italianos, que foi obrigado a fugir. Morreu de uma doença contagiosa emquanto assediava Napoles (28); — *La Trémouille* assignalou-se tambem nas guerras da Italia, particularmente na batalha de *Agnadelo*; — *Bayardo, o Cavalleiro sem medo e sem mancha*, modelo do soldado christão, conquistou gloria immorredoura na Peninsula italiana.

DESCOBRIMENTOS MARITIMOS

361) Descobrimentos castelhanos.—*Colombo*.—Excitára-se pelo méado do sec. XV, na Europa, um grande desejo de achar um caminho novo para a *India* com o fim de enfraquecer os Turcos tirando-lhes o commercio desse paiz. Os *Portuguezes* já trabalhavam, havia muitos annos, procurando esse caminho ao redor da Africa, mas *Christovam Colombo* opinou que melhor seria navegar directamente para o Oéste, até ir dar na costa oriental da India. Tendo exposto sem resultado este projecto a Genova, sua patria; á França, á Inglaterra e a Portugal, recorreu por fim á Hespanha, onde, apoz oito longos annos de demora, recebeu de *Isabel a Catholica*, tres navios, i. é., *Santa Maria*, *Pinta* e *Ninha*; sarpou de *Palos* no dia tres de Agosto de 1492, e, superadas gravissimas difficuldades, aportou no dia *doze* de Outubro do mesmo anno á ilha *Guanahani*, que denominou S. Salvador. Alli cantou o *Te-Deum*, e, erguendo uma cruz, tomou posse da terra em nome de *Suas Magestades Catholicas*. Descobriu egualmente a ilha de *Cuba*, e a de *Haity* a que deu o nome de *Hispaniola*, e regressou triumphante para a Hespanha (Março de 93). Em suas tres viagens seguintes (1) visitou mais algumas ilhas e explorou parte notavel da costa do continente, zelando sempre o bem da religião e da sua

(1) A 2.ª viagem realizou-se em 93; a 3.ª, em 98. Foi durante a 3.ª que o prenderam. Isabel fel-o pôr em liberdade, mas Fernando recusou restituir-lhe seus titulos, permittindo-lhe apenas emprehender uma 4.ª viagem (1502), que foi mui desastrada.

patria adoptiva (1). Incapaz, todavia, de furtar-se ao odio e á inveja dos malvados, foi preso e remettido para a Hespanha, onde morreu em 1506. Escreveram no seu tumulo em Sevilha: *A Castilla y a Leon* (2) *Nuevo Mundo dió Colon.*

Navegantes.— Ao espalhar-se pela Europa a noticia do descobrimento do *Novo Mundo*, appareceram numerosos navegantes, que buscavam recolher o fructo dos trabalhos do illustre Genovez. Os principaes foram os seguintes: *O florentino Americo Vespucci*, que fez duas viagens por conta da Hespanha (99, 1507), e uma ou duas por conta de Portugal (1501, 1502). Redigindo um diario de suas explorações na maior parte da America meridional, adquiriu tanta celebridade, que legou o seu nome ao *Novo Mundo*. *Os hespanhóes: João Dias de Solis* que descobriu (1507) o Yucatan; *João Ponce de Leon*, a Florida (12); *Balbôa*, o Pacifico (13); *Grijalva*, o Mexico (18), conquistado logo depois por *Fernando Cortez* que deu provas de refinada crueldade; *Francisco Pizarro*, rodeando a America, visitou o Perú (26), possuido pelos *Incas*, e o conquistou apoiando *Atahualpa* contra o seu irmão *Huescar*, e matando á traição o seu incauto protegido (33). Neste mesmo tempo *Almagro*, logar-tenente de Pizarro, visitava o Chile, subjugado mais tarde por *Pedro Valdivia*, o fundador de Santiago. *O portuguez Magalhães*, que, estando ao serviço da Hespanha, descobriu o estreito que ainda lhe conserva o nome, e, tentando fazer a primeira viagem ao redor do globo, pereceu nas *Ilhas Philippinas*. *O veneziano João Caboto* (1496), que, procurando por ordem de Henrique VII da Inglaterra, um caminho novo para a India, descobriu a *Terra Nova* e visitou as costas meridionaes da America do Norte. *O florentino Verazzani*, que, sendo por Francisco I mandado visitar as costas da America Septentrional, tomou posse da *Terra Nova* em nome da França (24). *O francez Jaques*

---

(1) *O descobrimento* do novo mundo deu occasião a questões sérias. A principal dellas refere-se á origem de seus habitantes. E' sabido como os philosophos atheos do seculo XVIII sonharam que os primeiros habitantes da America nasceram do pó fecundado pelo calor; porém hoje esta opinião absurda tem sido abandonada por todos. Os Catholicos, seguindo a recta razão, a revelação e a historia, affirmaram que tambem os habitantes da America são filhos de Adão, e que os primeiros puderam passar facilmente pelo estreito de Behring, como mais tarde passaram da Europa pela Islandia até a Gröenlandia, chegando pelo menos até o parallelo da moderna Nova York. Além disto, ficaria ainda por saber si a America esteja realmente e tenha estado sempre separada do Antigo Continente.

(2) Outros dizem: «Por Castilla y Aragon, nuevo mundo halló Colon».

Cartier que explorou (1534) o golpho e rio S. Lourenço, bem como grande parte do *Canadá* que denominou *Nova França*.

362) Imperio colonial castelhano.—Pelo meado do sec. XVI, os Hespanhóes já possuiam as Lucayas, as Antilhas, a Florida, o Yucatan e o Mexico na America do Norte; a Colombia, o Perú, o Chile e o Paraguay na America rica Meridional. Carlos V creou os vice-reinados do Mexico e do Perú: o primeiro comprehendia as possessões da America Septentrional; o segundo, as da America do Sul. Mandou numerosos missionarios, estabeleceu diversos bispados e formou o *Conselho Real Supremo das Indias*. Baixou no mesmo tempo ordens severas para que os indios fossem tratados com brandura, e não se poupassem esforços para ensinar-lhes o Christianismo. Como, porém, o imperador carecesse dos meios necessarios para reprimir a cobiça excessiva e a crueldade dos conquistadores, teve de tolerar que os desditosos selvagens perecessem em largo numero.

363) Descobrimentos portuguezes. — Haviam os *Portuguezes* desde longo tempo e com admiravel constancia explorado toda a costa occidental da Africa até o *Cabo de Boa-Esperança*, quando *Vasco da Gama*, por ordem do rei *D. Manuel*, partiu (1497) para uma nova viagem aventurosa. Dobrando o famoso Cabo, tocando em *Moçambique*, *Mombaça e Melinde*, aportou finalmente a *Calicut*, onde, a não serem os Mouros, concluiria um tratado de commercio e amizade com o sultão ou samorim. *A Vasco da Gama*, que voltou triumphante para a patria e realizou mais duas viagens á India (1501, 1524) onde morreu (25) com o titulo de *vice-rei*, succederam os varões seguintes: *Pedro Alvares Cabral* (1500), que descobriu casualmente o *Brasil*; estabeleceu uma feitoria em *Calicut*, e castigou terrivelmente uma insurreição do povo matando a uns quinhentos mouros, queimando alguns navios e demolindo numerosos edificios. Ligou-se com os reis de Cochim e de Cananor, carregou especiarias e regressou para Portugal (1501). *Francisco de Almeida* (1505—9), o primeiro vice-rei da India, desbaratando o sultão do Egypto, alliado do samorim, augmentou notavelmente o dominio portuguez. *Lourenço de Almeida*, seu filho, descobriu a ilha de *Ceylão* e as *Maldivas*. *Affonso d'Albuquerque, o Marte Portuguez* (1509—15), foi o verdadeiro fundador do imperio colonial na India. Derrotando, no estreito de *Bab-el-Mandeb*, os Venezianos, Turcos e Arabes colligados, bem como assenhoreando-se de *Socotorá* e de Or-

muz, fechou os antigos caminhos do commercio indiano. Occupou Gôa, onde fixou a capital das colonias portuguezas (10); conquistou Malaca, centro do commercio da China e do Japão; assegurou a alliança dos reis de Sião e do Pegú; apoderou-se das *Molucas*, e enviou a sua esquadra até á China. Já formara o plano de arruinar o Egypto dirigindo o curso do Nilo para o mar Vermelho, e a Arabia arrasando Meca e Medina, quando D. Manuel ordenou que fosse substituido por *Lopo Soares d'Albergaria*. *Affonso* fôra calumniado, e succumbiu ao sentimento em Gôa poucos dias depois de entregar o governo.

364) **Imperio colonial portuguez** — Na epoca da morte de *Affonso de Albuquerque*, o imperio colonial luzitano attingira o apogeu do seu poder. Além do Brasil, possuia Portugal nesse tempo os portos e as ilhas mais consideraveis do littoral do occidente e oriente da Africa até o mar Vermelho, do mar das Indias, da costa do Malabar, de Coromandel, do golpho de Bengala, da peninsula de Malaca, das ilhas da Sonda e das Molucas. As causas principaes da decadencia deste vastissimo imperio colonial foram antes de tudo a sua propria immensa extensão, a grande distancia das terras conquistadas, a pequena população da metropole e o desgoverno de alguns vice-reis.

365) **D. Manuel o Venturoso** (1495—21)—primo e cunhado de *D. João II*, protegeu a litteratura; galardoou com munificencia real *Duarte Galvão* e *Ruy de Pina*, que por sua ordem escreveram as chronicas de seus predecessores, cujas leis mandou el-rei colligir no codigo *Manuelino*. Levantou egrejas, fortalezas, palacios, etc.; concedeu um por cento de suas rendas em beneficio dos pobres; foi justo, magnanimo, sobrio, e dado á caça; baniu de Portugal os Judeus e os Mouros; convocou as côrtes só quatro vezes, e a seu titulo, já bastante extenso, addicionou o — *da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India*. — O poder e a riqueza de Portugal neste periodo eram taes, que numerosos reis da Europa, Asia e Africa, buscavam a sua amizade e alliança. Durante este reinado glorioso, os Portuguezes chegaram á India; descobriram o Brasil; conquistaram Ormuz, Gôa e Malaca na Asia; Azamor, Çafim, Almedina e Mazagão na Africa, onde impuzeram tributo ás provincias de Xerquia, Garabia e Dabida. Foi na epoca de D. Manuel que os irmãos *Gaspar* e *Miguel Côrtereal* emprehenderam suas desas-

tradas viagens. *Gaspar* (1500), tentando descobrir pelo norte um caminho para a India, visitou a terra do *Lavrador*, que chamou *Terra Verde;* entrou no rio *S. Lourenço* e regressou a Europa. Em uma segunda viagem no anno immediato desappareceu perto da costa do *Lavrador*. Sahindo *Miguel* em demanda de seu irmão, sumiu-se egualmente no mesmo logar. Quiz então Vasco ver si achava seus irmãos, mas foi detido pelo rei. Partiram com este fim dois navios, que voltaram sem nenhuma noticia dos infelizes navegantes.

PERIODO II

Reforma protestante e reforma catholica

366) Reforma protestante.—Chama-se Reforma protestante uma rebellião levada a effeito no *sec. XVI* por alguns povos da Europa contra a legitima autoridade ecclesiastica. Tomaram por pretexto os abusos que, segundo elles, existiam então na *Egreja Catholica;* supposta porém, até a realidade de taes abusos, extranha-se:—1) que esta reforma fosse emprehendida por pessoas que de nenhum modo estavam autorizadas para isto:—2) que se attribuisse *á Egreja* o que era defeito do homem:—3) que estes srs., em geral de costumes muito perversos, em vez de reformar as desordens, tratassem de abolir as leis, os usos e os dogmas mais substanciaes, mais santos e mais consoladores da Egreja, a respeito dos quaes nunca se excitara a minima duvida. Taes são, por exemplo, os votos religiosos, o celibato ecclesiastico, a confissão auricular, a indissolubilidade do matrimonio, as indulgencias, a reza para os finados, a devoção a Nossa Senhora e aos Santos, a Eucharistia, etc.—Além disto é de observar que os Papas depois do Grande Scisma, tinham trabalhado com afinco para desarraigar os abusos, e que tal foi o alvo dos concilios de *Constança*, de *Florença*, e de *Latrão* que acabou precisamente no anno de 1517—anno em que *Luthero* hasteou o pendão da revolta.

367) Occasião. — A revolta começou na occasião de se prégarem na Germania as *indulgencias* que o papa Leão X concedera aos fieis, pedindo-lhes auxilios pecuniarios para levar ao cabo a basilica de S. Pedro e para a cruzada contra os Turcos; é certo, porém, que *Martim Luthero*, seu

chefe, era herege desde muito antes, e só aguardava o ensejo para sahir ao publico.—*Luthero* (1), chamado precedentemente *Luder*, era um joven frade da Ordem de S. Agostinho, dotado de grande intelligencia, mas insoffrivelmente orgulhoso. Ficando, em 1517, altamente sentido ao ver que não lhe confiavam o officio que ambicionava, de prégar o jubileu, atacou os prégadores e logo tambem o principio das indulgencias. Desejando no mesmo tempo enganar o chefe da Egreja a respeito do verdadeiro estado da controversia, escrevia-lhe com a maior humildade e devoção. Comtudo, longe de submetter-se, quando em 1520 Leão X o condemnou, prorompeu nos mais grosseiros insultos contra a *Egreja, o Papa e todos os doutores catholicos*; queimou publicamente em *Wittemberg* a bulla pontificia; propagou a rebellião com furor incrivel, e seduziu a freira *Catharina de Bora*, com a qual viveu escandalosamente. Desde esse momento não se falou mais em desarraigar os abusos, mas unicamente de fundar uma *religião nova* sob a direcção de Luthero.

368) **O principio fundamental** — *a essencia dessa religião* ou, para dizer melhor, dessa immensa agglomeração de erros, que recebeu o nome de *Protestantismo*, consiste em collocar *a razão individual sobre a autoridade da Egreja de Jesus Christo divinamente inspirada*. O nome de *protestante e de protestantismo* deriva da *protestação* que os rebeldes fizeram (1529) contra o decreto da dieta de Spira, que vedava a propaganda das novas doutrinas.—**Protectores da Reforma**. Luthero foi em geral grandemente protegido pelos principes da Germania, que cobiçavam os bens dos mosteiros e das egrejas. Os principaes delles foram: *Frederico*, duque e eleitor de Saxonia; *Philippe de Hesse*, a quem Luthero permittiu tomar uma segunda mulher, sendo ainda viva a primeira; *Alberto de Brandeburgo*, grão mestre da Ordem teutonica, que, apesar de seus votos, se casou e apostatou afim de tornar a Prussia ducado hereditario na sua familia; *Carlostadt*, que, não obstante ser

(1) *Luthero* ou *Luder*, natural (1483) de *Eisleben*, Saxonia, estudava em *Eisenach*, quando, assustado por um raio que lhe matou um collega, entrou (1505) na Ordem de S. Agostinho em *Erfurt*, mas infelizmente a religião não entrou nelle. Nomeado pouco mais tarde professor na universidade de *Wittemberg*, procedeu de tal modo desde o principio, que não admira o que se viu depois.—Vide Bossuet:—*Histoire des Variations*—e Rohrbacher, vol. XIII

sacerdote, se deu a viver escandalosamente com uma freira até antes de Luthero, seu mestre.—**Discordia**. Como a concordia e a unidade de doutrina não possam existir com o *livre exame*, os primeiros *reformadores* não se demoraram em dividir-se e ter graves desavenças entre si. Com effeito, querendo *Melanchthon* ser conciliante, teve de soffrer as perseguições dos outros; *Carlostadt* negou a *presença real*, affirmada por seu mestre, e reprovou o *culto dos santos* que Luthero desejava conservar. *Osiander* sonhou que Deus predestina só os escolhidos; *Stork* e *Thomaz Münzer*, prégando a egualdade de todos os homens, condemnaram todo o poder espiritual e temporal. Os discipulos de *Stork* e de *Münzer* receberam o nome de *Anabaptistas*, porque reiteravam o baptismo dado ás creanças. Começaram pelo anno de 1520, tornando-se em breve tão poderosos, que levantaram o povo da Suabia, da Thuringia, da Franconia, da Alsacia e do Palatinado. Luthero, que no começo applaudira esse levantamento, mudou dentro em pouco, e, professando principios sanguinarios, mandou seus asseclas reprimir a insurreição. Houve *cem mil* victimas, *sete* cidades destruidas, *mil* mosteiros arrasados, *trezentas* egrejas incendiadas, *immensos thesouros* de manuscriptos e de obras de arte perdidos (30). Seis annos depois os Lutheranos trataram muito cruelmente aos Anabaptistas que se tinham apoderado da cidade de *Münster*.

369) **Carlos V**— a principio usou de muita brandura para com os innovadores deixando logar á discussão e até fazendo concessões excessivas com o intento de reunir todos contra os Turcos, que invadiam a Austria até *Vienna* (29). Os Protestantes, pelo contrario, ao passo que manifestavam desejos favoraveis á invasão musulmana, uniam-se contra os Catholicos pelas ligas de Torgáu (25) e de *Smalkalde* (1531). Nestas circumstancias criticas Francisco I alliou-se com os inimigos do Catholicismo e da Christandade. Carlos V, portanto, vendo-se impotente para combater abertamente os rebeldes, recorreu á astucia, conseguindo separar do partido protestante o general Mauricio de Saxonia, que na batalha de *Mülhberg* (47) acabou com a liga de Smalkalde. Sendo no mesmo tempo o imperador bem succedido em diversos recontros e apoderando-se de varias cidades, podia esmagar seus inimigos, si não cahisse no erro de propor o famoso *Interim*, que egualou, até o futuro concilio, os Protestantes aos Catholicos (1548). Esta medida desagradou a todos, e Mauricio, desertando, tentou prender ao proprio

imperador, que afinal teve de consentir no acto de *Paz perpetua e de tolerancia reciproca*, redigido pela dieta de *Augsburgo* (55).

370) **Propagação da Reforma.** — Espalhou-se brevemente a Reforma em quasi toda a Europa, quer pela negligencia dos principes, quer por vistas politicas, quer em consequencia de revoltas sociaes.—**Nos Estados Scandinavos** introduziu a Reforma *Gustavo Wasa*, o qual precisava de apoio para consolidar a independencia que acabava de proclamar na Suecia contra a Dinamarca. Perseguiu os catholicos que permaneciam fieis ao seu rei, e protegeu os lutheranos que se mostravam dispostos a cooperarem com elle.—**Na Inglaterra** entrou o Lutheranismo durante o reinado de Eduardo VI e o consolidou mais tarde Isabel, que enviou para o cadafalso a tantos milhares de catholicos.—Pelo méado do sec. XVI propagou a Reforma **na Escossia** um tal *João Knox*, outrora expulso desse paiz e da Inglaterra em virtude de seus crimes. Professando a doutrina de Calvino, tomam os protestantes escossezes o nome de *Presbyterianos* e de *Puritanos*: o primeiro, porque recusam o episcopado; o segundo, porque blasonam de reduzir a Egreja ao *puro* estado primitivo. — **Na Suissa** prégaram a Reforma *Zuinglio* e *Calvino*. — *Ulrico Zuinglio* desempenhava o officio de cura de Nossa Senhora dos *Eremitas*, quando, ficando despeitado porque o não incumbiram de prégar as *indulgencias*, atacou (1516) a autoridade do Papa, os sacramentos e o peccado original; aboliu a missa e o celibato ecclesiastico, entregando-se a uma vida escandalosa. Seguiu-se uma guerra civil entre os sectarios e os catholicos, em que Zuinglio, á frente dos seus, foi derrotado e morto na batalha de *Cappel* (30).—*Calvino*, cujo nome primitivo era *Cauvin*, nasceu em *Noyon* (9) de paes pobres; estudou em Pariz, em Orléans e em Bourges, onde o lutherano *Wolmar* acabou de o perverter; porém seu procedimento a respeito dos costumes era pessimo desde muito antes. Expulso da França em consequencia de suas desordens, passou para a *Suissa*, fixando a residencia em Genébra (1535), cujo povo rebellou contra o seu legitimo principe. Negou o livre arbitrio e o merito das boas obras; ensinou uma predestinação céga; proscreveu todo e qualquer culto *externo*; condemnou á fogueira *Miguel Servet*, réu de professar, em materia de religião, opiniões diversas das suas; approvou o divorcio de Henrique VIII, e falleceu

em 1564. Seus sectarios, na França tomaram o nome de *Huguenotes*, que significa *confederados por juramento* (1).

371) **Reforma catholica**.—*A Egreja Catholica*, forte pelo poder que recebeu de N. S. J. C., e pelo apoio que Elle de continuo lhe fornece, oppoz á Reforma protestante: —1) o *Concilio de Trento*, que, condemnando os erros dos innovadores, reformou ao mesmo tempo todos os abusos. Convocado por Paulo III em 1537, foi aberto (45) em Trento e, depois de varias interrupções, fechado po: Pio IV em 1563; — 2) *a santa vida*, o zelo e a sciencia de innumeraveis filhos seus. A Egreja Catholica nos sec. XV e XVI produziu um grande numero de santos, missionarios e martyres muito gloriosos; essa mesma Egreja salvou a Europa da invasão dos Turcos, a quem desfechou um golpe mortal em Lepanto (1571). Roma ainda era o centro das sciencias, das artes e da verdadeira civilização; — 3) *a creação* das novas Ordens Religiosas dos Theatinos, Capuchinhos, Barnabitas, Somascos, das Ursulinas, dos Irmãos da Caridade, dos PP. do Oratorio, dos PP. da Doutrina Christan, da Companhia de Jesus, e dos Clerigos Menores (2).

PORTUGAL E HESPANHA. 1521—1598

372) **Portugal** — que já tocára o zenith da sua grandeza, foi nesta epoca governado pelos reis seguintes: — 1)

(1) Do Allemão *eidgenossen*, associados por juramento—nome este dado primeiro aos habitantes de Genébra, levantados contra o duque de Saboia.

(2) Fundaram a ordem dos Theatinos S. Caetano de Thiéne, e João Pedro Caraffa, ao depois Papa com o nome de Paulo IV; a dos *Capuchinhos* (25) Matheus Baschi de Urbino; a dos *Barnabitas* (30). Morigia, Ferrari e Zacharias, sacerdotes italianos: deve o seu nome á egreja de S. Barnabé que obtiveram em Milão: a dos *Somascos* (30) Jeronymo Emiliani, nobre veneziano: tira o seu nome da aldêa de *Somasco* perto de Milão. A das *Ursulinas* que tomou o nome de S. Ursula, sua padroeira, reconhece por sua fundadora (37) a Bemaventurada Angela de Brescia, que a principio deixava suas filhas em casa de seus paes, e, mais tarde, as recolheu no claustro, occupando-as com a educação das meninas. Estabeleceu a *Ordem dos Irmãos da Caridade* (40) um portuguez, chamado *João*, que nasceu em 1495; seguiu a carreira militar; abandonou (35) o mundo; recebeu do arcebispo de Granada o nome de *João de Deus*, e falleceu (50) de uma doença contrahida acudindo a um homem que se estava afogando. Formou a *Congregação dos PP. do Oratorio* (64) em Roma S. Philippe Neri. A *Companhia de Jesus*, fundada (34) por S. Ignacio de Loyola (1491-56), foi (40) approvada por Paulo III; supprimida (1773) por Clemente XIV, e restabelecida (1814) por Pio VII. O seu fim é procurar a santificação propria e a do proximo; a dos *Clerigos Menores* foi (88) fundada por S. Francisco Caracciolo; a dos *PP. da Doutrina Christan* foi inaugurada em Avinhão (92) pelo veneravel Cesar de Bus.

D. João III o Piedoso (1521—57), filho de D. Manuel e muito amante do seu povo, protegeu a litteratura, as sciencias, o commercio e a colonização; introduziu em Portugal a inquisição; favoreceu a nascente Companhia de Jesus; mandou S. Francisco Xavier para a India; Nobrega, Anchieta e outros, para a Terra de S. Cruz. Depois de dividir o Brasil em capitanias (34), estabeleceu nelle um governo geral.—O primeiro governador geral do Brasil foi *Thomé de Souza (49)* que lançou os alicerces da Bahia. Durante este reinado floresceu *Luiz de Camões*, e os Portuguezes, além de ampliarem bastante seus dominios na India, sustentaram na fortaleza de Diu *dois cercos* (34, 40) memoraveis, em que conquistaram gloria immorredoura *Antonio da Silveira*, *João de Mascarenhas* e *D. João de Castro*.—2) *D. Sebastião o Desejado* (1557—78), na edade de t es annos, succedeu a D. João III, seu avô, sob a regencia de D. Catharina, sua avó (57—61), e do cardeal, D. Henrique, seu tio (61—67). O seu reinado resume-se em duas expedições na Africa. Na primeira, que emprehendeu a pretexto de visitar os dominios portuguezes, mas na realidade com o intuito de assignalar-se por algum feito de armas, derrotou diversos mouros ao pé de *Tanger* (74); na segunda, a que se atirou contra o parecer de todos os seus conselheiros e amigos, foi esmagado em Alcacer-kibir (78). Pereceu sem que nunca se chegasse a saber nem onde nem como. Apresentando-se mais tarde um ou dois individuos que se davam por D. Sebastião, e não conseguindo provar a sua identidade com o rei de Portugal, foram presos e nunca mais se falou delles.—3) *D. Henrique* (78—80), irmão de D. João III e principe virtuoso, illustrado e amante da justiça, tomou as redeas do governo apoz o desastre de *Alcacer-kibir*. Recusando decidir a controversia da successão, convocou as côrtes em Lisboa (79) e em Almeirim (80), mas foi tanta a divergencia de opiniões, que ellas se limitaram a nomear cinco governadores para substituir o rei, e onze jurisconsultos para resolver a melindrosa questão. E' que o monarcha hespanhol comprára quasi toda a nobreza luzitana, a qual entregou o reino ao extrangeiro. Os principaes pretendentes eram Philippe II, D. Catharina de Bragança; D. Antonio, Prior do Crato; e Manuel Philisberto, duque de Saboia (1). Todos eram ne-

(1) Dizem alguns que se apresentou tambem Greg. XIII *como herdeiro do cardeal*. Si o Papa realmente se apresentasse, elle nunca faria isso como *herdeiro de um cardeal*; porque, como todos sabem, os *herdeiros dos car-*

tos de *D. Manuel*, porém *Philippe II* e *Manuel Philisberto* o eram por sua mãe, ao passo que *D. Catharina* o era pelo lado do pae. D. Antonio tambem o era por seu pae, mas era filho natural. Acclamado pelo povo, tomou D. Antonio posse em Lisboa, sendo dentro em breve destroçado pelo duque de Alba, que, mediante a connivencia dos governadores, occupou facilmente Portugal e obrigou o Prior a fugir. Como, em logar dos auxilios efficazes que esperava da França e da Inglaterra, recebesse apenas algumas palavras de animação, teve D. Antonio, depois de varias tentativas estereis, de ir morrer desterrado na França (1595). Entrou, pois, Philippe II triumphante em Portugal, e as *côrtes de Thomar* o proclamaram rei a 20 de Abril de 1581.

Hespanha.—Philippe II, 1556—98

373) **Philippe II**—é pelos historiadores protestantes *Watson* e *Schöell* representado como activo, justo, prudente, moderado, e zeloso do bem do seu povo. Com effeito elevou Philippe a Hespanha a grande gloria e poder favorecendo o commercio, as artes, as lettras e as sciencias; protegendo a *Liga Catholica* na França; transferindo a capital de Toledo para Madrid; erguendo o famoso *Escurial* e mandando contra a Inglaterra a *Invencivel Armada*, que se perdeu no mar da Mancha. Comtudo a maior de suas glorias consiste em ter preservado a Hespanha da heresia e de suas fataes consequencias. A não ser elle, talvez o Protestantismo triumpharia em toda a Europa, e se veriam por toda a parte os horrores que soffreram a Inglaterra, a França e a Germania. Tal é a razão pela qual Philippe II tem sido sempre odiado pelos Protestantes e seus fautores, que chegaram a denominal-o *demonio meridiano*. Accusam-no de ter feito morrer D. Carlos, seu filho rebelde, mas nisto é justificado pelo proprio *Llorente*, que diz o contrario. Accusam-no egualmente de ambição, mostrando deste modo os seus adversarios que não acham cousas mais sérias contra elle.

374) **Independencia da Hollanda**.—O Protestantismo, que desde o tempo de Carlos V penetrára pouco a pouco nos *Paizes-Baixos*, começou a mostrar-se forte du-

---

deaes são seus parentes, não o Papa. E' certo, porém, que Gregorio não se apresentou de modo nenhum. Deprehende-se isto com a maior evidencia do que diz Rebello da Silva na sua Historia de Port., vol. II.

rante o governo de *Margarida de Parma* (1559—67). Instigados secretamente por *Guilherme de Orange*, o *Taciturno*, os rebeldes reduziram a cinzas numerosas egrejas; mataram um grande numero de sacerdotes e assumiram o nome de *Mendigos—Les Gueux* O duque de Alba, mandado por Philippe II, decepou a cabeça aos condes d'*Eguemont* e de *Hornes*, réus de traição; porém o *Taciturno*, que, ao chegar do duque, fugira para a Germania, levantando as provincias do norte, apoderou-se de varias cidades, e fez decretar a expulsão das tropas hespanholas. Havendo os insurgentes recusado os meios de brandura a que Philippe II recorrera, o general *Alexandre Farnese*, duque de Parma, empregou mais uma vez as armas, conseguindo salvar apenas o sul. Nada poude contra as provincias do norte, que, na *União de Utrecht* (1579) proclamaram a sua independencia com o nome de *Republica das Provincias Unidas*. A de *Hollanda*, uma das provincias rebeldes, devia mais tarde dar o nome a todo o paiz. — *Guilherme o Taciturno*, principe de Orange, nomeado *Stathouder* (logar-tenente), dominou com poder absoluto; morreu, porém, dentro em breve assassinado (84) Succedeu-lhe *Mauricio de Nassau*, seu filho, que deu grande impulso á nova republica já por suas brilhantes victorias, já por uma alliança offensiva e defensiva com a França e a Inglaterra (96). A partir desta epoca o commercio hollandez tomou grandes proporções, e a *Companhia das Indias Orientaes*, organizada em 1602, levou a influencia hollandeza até o extremo Oriente. Em 1621 formaram os Hollandezes a *Companhia das Indias Occidentaes* afim de fazer conquistas no Brasil e na Africa; chegaram no sec. XVII a fundar um imperio colonial, no Oriente e outro no Occidente, tão vasto e tão poderoso, que lograram guerrear com vantagem a Inglaterra, a Hespanha e Portugal. A sua independencia foi officialmente reconhecida por Philippe IV no tratado de *Westphalia* em 1648.

INGLATERRA E ESCOSSIA

375) **A Escossia**—onde desde 1371 occupava o throno a familia dos Stuarts, era constantemente perturbada pela anarchia, e pela rivalidade entre os nobres e os reis. Os unicos factos dignos de memoria em seus annaes até a epoca da Reforma, são: — O casamento de *Margarida*, filha de Roberto III, com Luiz XI de França; o de *Jayme III* com Margarida da Dinamarca, que recebeu em dote as ilhas

Orcadas e *Shetland* (1468); o de *Jayme IV* com Margarida, filha de Henrique VII da Inglaterra; e a alliança com a Filha Primogenita da Egreja contra Henrique VIII—alliança que produziu a morte de Jayme IV e da flôr da nobreza na desastrada batalha de *Flodden* (1513) (1).

376) **Inglaterra**.—*Henrique VIII* (1509 — 47), que a principio deixou o governo ao cardeal *Wolsey*, seu ministro, derrotou em *Guinegatte* (13) *Luiz XII*, ao qual deu mais tarde *Maria*, sua irman; preteriu, depois da celebre entrevista do *Comp* ou *Champ du drap d'or* (20), a alliança do imperador á da França, e, escrevendo um livro contra os erros de Luthero, recebeu do Papa o titulo de — *Defensor da Fé*. Comtudo mudou totalmente de rumo em virtude de uma vil paixão para com *Anna Bolena* (Boleyn), dama de honor da rainha Catharina de Aragão, com a qual estava casado, havia dezoito annos. Não podendo obter de Clemente VII a dissolução do seu casamento, e aconselhado por dois cortesãos tão devassos, como *Thomaz Cromwell* e *Thomaz Cranmer*, fechou em uma fortaleza a infeliz Catharina; casou-se com *Anna Bolena* e assumiu o titulo de *chefe temporal e espiritual* da egreja ingleza (34). Certo então da docilidade servil do Parlamento, supprimiu todas as Ordens Religiosas, e começou a perseguição publicando o *bill* dos seis artigos, conhecido pelo nome de—*Blood statute*—estatuto de sangue. Este *bill* fez 72,000 victimas, entre as quaes se destacam o chanceller *Thomaz Moure* e o bispo *Fisher* (2).—**Eduardo VI** (1547—53), filho de Joanna Seymour, foi dominado por *Somerset* e por *Cranmer*, seus ministros, que introduziram o Lutheranismo na Inglaterra. Comtudo *Somerset* (52) deixou a cabeça no cadafalso como réu de alta traição. Por morte de Eduardo VI, *João Dudley*, conde de Warwick e duque de Northumberland, que accusára Somerset, tentou collocar no throno *Joanna Grey*, bisneta de Henrique VII.—**Maria Tudor** (1553—58), filha de Catharina de Aragão, executou Joanna Grey, Dudley e

---

(1) *Flodden*, pequeno logar no Northumberland.

(2) Casou se Henrique VIII seis vezes: *Catharina de Aragão*, mãe de Maria, acabou fechada em uma fortaleza; *Anna Bolena*, mãe de Isabel, perdeu a cabeça no cadafalso; *Joanna Seymour* falleceu dando á luz Eduardo VI; *Anna de Clèves*, repudiada desde o principio, passou o resto de seus dias em uma praça forte; *Catharina Howard* foi decapitada por simples suspeitas; *Catharina Parr*, que lhe sobreviveu, tendo mostrado algum tanto de vivacidade em uma discussão com o rei, correu o risco de ter egual sorte, e só se salvou por meio da adulação.

varios de seus cumplices. Professando-se abertamente catholica, reconciliou o reino com a S. Sé; mostrou-se severa com os criminosos; casou-se com Philippe II da Hespanha, e morreu de sentimento pela perda de Calais (58). Déram-lhe injustamente os Protestantes o titulo de *Sanguinaria*.

Isabel (58—1603), filha de Anna Bolena, fingiu se catholica para subir ao throno. Declarando-se então abertamente protestante, mandou redigir, e approvar pelo parlamento, o *Credo* da egreja anglicana em 39 artigos (71); inaugurou uma perseguição digna da *Era dos Martyres;* apoiou por toda a parte os Protestantes e causou a ruina de Maria da Escossia, sua prima, á qual cortou injustamente a cabeça. Foi orgulhosa, despotica e devassa até o ultimo ponto, embora blasonasse de *virgem!* Em compensação elevou a Inglaterra a potencia de primeira ordem concluindo a conquista da Irlanda, travando relações com a Russia e preparando a reunião da Escossia. Durante o seu reinado floresceram os navegantes *Drake*, *Cook*, *Walter Raleigh*, o fundador da Virginia; e *Davis*, o descobridor do estreito do mesmo nome; assim como o poeta *Shakespeare* e o philosopho *Bacon*.

377) **Escossia**.—*Maria Stuart* (1542—87), filha de Jayme V, mãe de Jayme VI da Escossia e bisneta de Henrique VII da Inglaterra, casou-se com Francisco II (58) de França, e, ficando em breve viuva (60), voltou para a Escossia (61), onde foi recebida em triumpho. Comtudo alli começaram seus infortunios. Pois *Isabel*, sua prima, empregou todas as artes da politica para levantar contra ella os Puritanos e pôr-lhe em revolta todo o reino. Por seu lado *Maria* commetteu o erro de unir-se em matrimonio com um tal *Henrique Darnley*, homem devasso, que, além de tratar com muita aspereza a sua infeliz consorte, assassinou nos proprios aposentos reaes o italiano *Rizzio*, conselheiro particular da rainha. Cahiu pouco depois *Maria* em um segundo erro casando-se com *Bothwell*, que acabava de tirar a vida a *Darnley*. Accusada de cumplicidade, presa e forçada a abdicar, conseguiu fugir, indo procurar um asylo junto da sua prima com a qual entretinha, havia diversos annos, uma correspondencia amigavel (68). *Isabel*, todavia, lançando-a em um calabouço, nem a protegeu, nem lhe permittiu passar para o continente, posto que Maria tivesse demonstrado a sua innocencia a respeito do assassinato de *Darnley*. Acreditando mais tarde Isabel, embora sem nenhum fundamento, ter a sua prima tomado parte na conspiração

de *Babington* contra a rainha da Inglaterra, a fez executar apoz um arremedo de julgamento (87) (1).

PERIODO III

Primeiras consequencias da Reforma protestante (2)

FRANÇA

378) Guerras de religião (1559—96). — Durante o reinado de *Francisco II* (59—60) (3), os *Huguenotes* tramaram a conspiração de *Amboise* (60), cujo fim era apoderar-se da pessoa do rei, assassinar o duque de Guise e dar ao principe de *Condé* o titulo e o poder de *Logar-Tenente general* do reino. A conspiração falhou, mas, fallecendo repentinamente o monarcha, *Catharina de Medicis*, que assumiu a regencia em nome de Carlos IX, pareceu mudar de partido mostrando-se favoravel aos Protestantes. Uniram-se, portanto, com o intuito de defender a religião de seus paes, o duque de *Guise*, o condestavel *Anna de Montmorency* e o marechal de *S. André*. Nesta conjunctura arriscada teve logar o famoso colloquio de *Poissy* (61) em que a regente se portou como juiz em materia de religião. Deu-se no anno seguinte o encontro de *Vassy* (62), onde os Catholicos, *insultados e feridos* pelos Protestantes, vieram ás mãos, matando alguns delles. Este facto, que os Reformadores chamaram *matança de Vassy*, foi o signal da guerra. Estas guerras de religião na França foram *oito*: quatro sob Carlos IX, quatro sob Henrique III. — **Na I guerra (1562—63)**, *Condé* e *Coligny*, para obterem auxilios da Inglaterra, en-

(1) Vide Hume—*History of England*.

(2) As primeiras consequencias da Reforma protestante foram:—*Na Inglaterra*, a revolução e o regicidio; *na França*, uma sanguinolenta guerra civil, conhecida pelo nome de *guerra de religião*; *na Germania*, a guerra dos *trinta annos*.—Está claro que a culpa dessas guerras deve recahir toda sobre os *Protestantes*, que eram os aggressores; não sobre os *Catholicos*, que procuravam tão sómente defender seus haveres, a sua religião e um systema politico que por tantos seculos tinha formado a gloria da Europa.

(3) *Henrique II*, filho de Francisco I e pae de Francisco II, a dez de julho de 1569 morreu de uma ferida que recebera em um torneio; *Francisco II*, casou-se (58) com Maria Stuart; subiu ao throno em 59, e falleceu em 60. *Carlos IX* e *Henrique III* eram irmãos de Francisco II. *Catharina de Medicis*, filha de Lourenço II de Medicis, era mãe dos tres irmãos coroados.

tregam aos Inglezes a cidade do Havre. Comtudo o duque de Guise, depois de tomar Ruão e de vencer na batalha de *Dreux*, cercou Orléans, onde foi assassinado traiçoeiramente pelo calvinista *Poltrot*. Assignou-se a paz em *Amboise*, concedendo a regente aos Huguenotes a liberdade de culto nos castellos e em algumas cidades. **II guerra (1567—68)**. Suppondo os Huguenotes ser dirigida contra elles uma entrevista, que a regente teve em Bayonna com o duque de Alba, insurgiram-se mais uma vez e foram derrotados em *São Diniz*, onde depois da batalha, assassinaram cobardemente o velho condestavel *Anna de Montmorency*. A paz de *Longjumeau* que confirmou a de Amboise, leva o nome de *Pequena Paz*, porque durou apenas seis mezes.—**III guerra (1568—70)**. Havendo Catharina de Medicis tentado prender *Coligny* e *Condé*, os Huguenotes, depois de assegurar a cooperação da Germania, da Inglaterra e da Navarra, pegaram de novo em armas, e foram batidos (1) em *Jarnac* (69) e em *Moncontour* (70). Na paz de *S. Germano*, (2) todavia, obtiveram muito mais do que teriam direito de esperar, si fossem vencedores. E' que Catharina de Medicis, na sua politica antichristan, favorecia sempre os vencidos para deste modo dominar facilmente os dois partidos postos em equilibrio. Desde esse momento os Protestantes se tornaram omnipotentes na côrte para onde affluiram de todos os lados. Comtudo, pouco depois, Catharina, assustada pelo poder delles, resolveu perdel-os, e obteve do rei uma ordem para exterminal-os fazendo-lhe crer que estavam conspirando (3) contra a sua vida. Este morticinio cuja responsabilidade pertence *unicamente a Catharina*, effe-

(1) Nesta batalha pereceu *Condé*, irmão de *Antonio de Burbon*, rei de Navarra e pae do futuro Henrique IV. Tencionava *Condé* supplantar Carlos IX, e chegou a cunhar moeda com este lettreiro:—*Louis XIII, premier roi chrétien de France*. Outro Condé, que escapou de ser morto na noite de S. Bartholomeu, era filho deste. O almirante Gaspar de Coligny, assassinado na noite de S. Bartholomeu, era da casa de Chatillon.

(2) Chama se paz *boiteuse* e *Malassise*, porque um dos negociadores era *coxo*; outro, senhor de *Malassise*. Na realidade essa paz era mesmo *coxa* e *malassente*.

(3) Os documentos achados nestes ultimos annos nos diversos archivos da Europa, vieram finalmente inundar de luz esta medonha tragedia da noite de S. Bartholomeu. Não podendo entrar em particularidades, diremos tão sómente como hoje consta com certeza:—1) que a matança não foi nem premeditada, nem disposta de antemão;—2)que ella não foi inspirada por *motivos religiosos*, mas por *politicos;* não pelo odio á heresia, mas por mal entendida razão de estado;—3) que nem a Egreja Catholica, nem o seu chefe teve nella alguma cumulicidade. Até os historiadores

ctuou-se na noite de *São Bartholomeu*, 23 de Agosto de 1572.—**IV guerra (72—73)**.—Irritados por esta barbara carnificina, começaram os Protestantes uma nova guerra, e, posto que derrotados, obtiveram, na paz da *Rochella*, vantagens muito consideraveis.—No entretanto a *Carlos IX* succedia *Henrique III* (74—89), outrora duque de Anjú e rei da Polonia (73—74).—**V guerra (1574—75)**.—Aconselhados pelo partido dos politicos, cujo chefe era o proprio irmão do rei, os Protestantes renovaram a guerra, e, apesar de vencidos, obtiveram a promessa de que receberiam os melhores empregos do reino, a liberdade de culto em toda a França e uma satisfacção pela matança de S. Bartholomeu. Tudo isto indicava claramente que *Henrique III* protegia os hereges, e que a França Catholica estaria perdida, si a *Liga* não viesse salval-a.

---

protestantes *Ranke*, *Raumer*, *Soldan*, etc., concordam hoje sobre este ultimo ponto.

Para entender toda esta historia deve-se observar:—1) que os Catholicos estavam altamente irritados contra os Protestantes, não só por vel-os subir a tão grande favor depois de os ter derrotado tantas vezes, mas tambem porque tinham padecido grandemente por causa delles. Com effeito os Protestantes haviam nos annos precedentes feito matanças horrorosas de catholicos em Lyão, Nimes, Montpellier, Beziers, Castres, Tolosa, Orléans, Troyes, Tours, Orthez, etc. O barão *Des Adrets* não só prendia os catholicos e lhes confiscava os bens, mas atormentava-os cruelmente para se divertir. O capitão *Briquemont* levava no pescoço uma longa enfiada de orelhas cortadas a sacerdotes catholicos. Em *Orthez* assassinaram de uma vez a trez mil catholicos; em *S. Sever* atiraram por um despenhadeiro duzentos sacerdotes; no *Beam* (24 de Agosto de 1569) o capitão *Montgomery* mandou apunhalar á traição os membros mais illustres da nobreza catholica. O morticinio de *Nimes* (29 de Setembro de 1567) recebeu o nome de *Michelada*. Não é, pois, para extranhar que os Catholicos se mostrassem promptos quando souberam que podiam impunemente tirar desforra de tantas injustiças e crueldades; porquanto, o homem, por ser christão, não deixa de ser homem, e de sentir suas paixões, embora tenha obrigação de reprimil-as segundo os preceitos da sua religião. 2) Em segundo lugar cumpre saber que Catharina ficou assustada pelo grande prestigio de que *Coligny* gosava na côrte e particularmente junto do rei, a quem tentava arrastar a uma guerra contra a Hespanha. *Catharina* via bem que neste caso ella ia perder toda a sua influencia. Resolvendo, portanto, desfazer-se do Almirante, ordenou que lhe dessem um tiro (22 de Agosto) que falhou. Accentuou-se com isto mais que nunca a situação, porque os Protestantes, mostrando-se altamente irritados, proferiram palavras de ameaça até contra a rainha, dizendo que sabiam donde partira aquelle tiro. Assentou pois, *Catharina* prevenir o golpe; reuniu o conselho secreto, e disse ao rei que toda a casa real corria perigo de ser assassinada pelos Huguenotes e que o unico modo de salvar-se era matal-os a todos immediatamente. Tendo o rei annuido depois de alguma hesitação, chamaram o duque de Guise, déram as providencias necessarias e principiaram a horrenda matança. Passados dois dias, declarou publicamente o monarcha

379) A Liga — era uma associação que os Catholicos francezes capitaneados por *Henrique*, duque de *Guise*, (1) organizaram para defender a fé e a patria. A sua divisa era — **Uma fé, uma lei.** Esta associação tem sido o alvo das calumnias dos hereges, mas é fóra de toda a duvida que prestou os mais relevantes serviços á Filha Primogenita da Egreja, e que seu fim, nunca desmentido pela generalidade de seus membros, era legitimo e glorioso. Henrique III a principio tratou de oppor-se á *Liga*, e foi com esta intenção que convocou os Estados-Geraes; porém, como estes se pronunciassem energicamente em favor do *Catholicismo*, o rei assumiu o titulo de chefe da Liga, esperando acabar com ella sob o pretexto de protegel-a. — **VI e VII guerra (77—80).** — Os Calvinistas pegaram novamente em armas logo depois da separação dos Estados-Geraes, e, comquanto não tivessem obtido nenhuma victoria, foram na paz de *Bergerac (77) egualados* aos Catholicos. Ordenou-se então que ambos os partidos depuzessem as armas; mas, como nenhum delles obedecesse, não tardou a começar a **VII guerra**, chamada guerra dos amantes, em que não se déram factos de interesse geral. — **VIII guerra (85—89).**

---

que o autor do morticinio era elle mesmo, e annunciou a toda a Europa que escapára de ser assassinado. Não era mentira, era *engano*, porque elle não sabia o que nós hoje sabemos. O papa Gregorio XIII, ao receber esta noticia, assistiu a um *Te-Deum* solemne e a uma procissão para dar graças a Deus de ter salvado a vida ao Rei Christianissimo; porém, quando conheceu a verdade, *derramou lagrimas de dôr por tanta injustiça e crueldade*.

Vide *Theiner*—Annales Ecclesiastici, L. I;—*Ranke*—Histoire de France pendant le XVI e XVII siècle, L. I, p. 259;—*Ménard*—Histoire de la ville de Nimes, t. X, p. 16;—*Vaisette*—Histoire générale du Languedoc, t. V;—Essai sur les évenements qui ont précédé et amené la S. Barthélemy par J. J. Fauriel, 1838;—Relazione di Alvisi Contarini, 1572, presso l'Alberi;—Relazioni venete, serie I, vol. IV; *Sigismundo Cavalli* embaixador de Veneza em Paris, 1574: *Gandy*—La Saint-Barthélemy etc. na Revue des questions historiques, première livraison. Paris 1866;—*Capefigue*—Histoire de la Reforme, de la Ligue, etc. *Civiltà Catt*, serie VI, vol. VIII—XI.

(1) **Guise**—cidade, a 24 K. N. O. de Virvins, fundada no sec. IX, erigida em ducado por Francisco I (1525) em favor de *Claudio de Lorena*, casado (13) com a tia do pae do futuro Henrique IV. Claudio tornara-se notavel por suas proezas nas guerras de Francisco I.—*Francisco de Guise*, o *Balafré*, primeiro filho de Claudio, distinguiu-se brilhantemente nas guerras contra a casa d'Austria; tomou *Calais* e foi no assedio de *Orleans* (63) cobardemente assassinado pelo calvinista *Poltrot de Méré*—*Henrique de Guise*, o 2.º *Balafré*, filho de Francisco, achou-se na matança de São Bartholomeu, capitaneou a *Liga* e foi mais tarde vilmente morto á traição por ordem de Henrique III (88).

Tendo a *Liga* obrigado o rei a revogar as concessões feitas aos Protestantes, travou-se a lucta que recebeu o nome de **Guerra dos Tres Henriques**, porque nella tomaram parte *Henrique de Navarra* (H. IV); *Henrique de Guise*, chefe da Liga; e *Henrique III*, rei de França. Foi durante esta guerra que o povo de Pariz, levantando-se todo em favor do duque de Guise, obrigou (88) o rei a convocar os Estados-Geraes e a conceder diversos privilegios á Liga. Não duvidou, portanto, o monarcha francez mandar cobardemente assassinar o duque, e o cardeal de Lorena, irmão delle, causando deste modo summa e geral indignação. Como o *duque de Mayenne* que escapára á matança, se declarasse chefe da Liga e vingador de seus irmãos, *Henrique III* houve por bem abandonar a capital, ir reunir-se ao rei de Navarra e marchar juntamente com elle sobre Pariz, occupada pelos Catholicos. Apunhalou-o, todavia, dahi a pouco em *S. Cloud* o joven fanatico *Jaques Clemente* que, ou era, ou certamente se fingia frade (1 de Ag. de 89).

380) **Henrique IV (89—1610).**—Por morte de Henrique III, os Catholicos proclamaram rei, com o nome de Carlos X, ao velho cardeal de Burbon, e resistiram heroicamente a Henrique de Navarra, que combatia para se apoderar do throno (1). Os factos principaes da lucta entre *Henrique IV* e a *Liga* foram diversos combates de pouca monta, a convocação dos *Estados-Geraes*, e o assedio de Pariz, tão notavel pela resistencia dos habitantes apesar de todos os horrores da fome. Posto que os *Estados-Geraes* se pronunciassem contra as vistas ambiciosas de Phi-

(1) Segundo a lei fundamental da França, o rei devia ser essencialmente catholico. Poude, por conseguinte, a nação resistir legitimamente ao rei de Navarra emquanto se conservou protestante, embora pelo nascimento tivesse direito ao throno. Eis porque Sixto V, que protegera a Liga, ao ser informado de que Henrique IV desejava converter-se, mudou de procedimento apesar de todas as reclamações da Hespanha.—Vide Chantrel, Darras, Rohrbacher, etc.

Com *Henrique III* acabou o ramo dos *Valois*, que occuparam o throno por 261 annos; com *Henrique IV* começa a linha dos Burbons, descendentes de *Roberto*, conde de Clermont e sexto filho de Luiz IX. *Amboise*, sobre o Loira, a 20 K. E. de Tours.—*Poissy*, sobre o Sena entre Pariz e Ruão, a 18 K. N. O. de Versalhes.—*Vassy* (Haute Marne).—*Dreux*, a 34 K. N. de Chartres.—*Longjumeau* no S. O. de Pariz.—*Jarnac* (Charente) entre Angoulême e Cognac.—*Moncontour* (Vienne) sobre o Dive.—*S. Germain* (Seine et Oise), 21 K. N. O. de Pariz, 12 K. N. O. de Versalhes.—*La Rochelle*, Santonum portus, Rupella (Charente), no fundo de um golpho do Atlantico, a 470 K. S. O. de Pariz.—*Bergerac* (Dordogne), 49 K. S. O. de Perigueux.

lippe II, que pretendia a coroa da França para Isabel, sua filha e mulher do joven Carlos de Guise; comtudo declararam energicamente que nunca acceitariam um rei *protestante*, e que escolheriam uma *nova dynastia*, si o de Navarra persistisse em seus erros. Abandona finalmente Henrique IV a heresia (94); toma solemne posse do throno, e pouco a pouco obtem a submissão da Liga e a de toda a França.—Favorecendo o commercio, as artes, a agricultura; melhorando as finanças; assentando pazes com a Hespanha e com o Piemonte, logrou Henrique IV reinar com gloria; porém, outorgando pelo *Edicto de Nantes* (98) aos Calvinistas ainda (1) mais do que elles pediam, lançou a semente de futuros disturbios. Continuou, de mais a mais, Henrique IV a professar a funesta politica contra a casa de Austria protegendo por toda a parte os hereges, preparando a guerra dos trinta annos e apoiando os Mouros da Hespanha. Formou tambem o plano que recebeu o nome de *grande projecto*, o qual consistia em renovar, segundo suas vistas, todo o estado politico da Europa. Occupava-se com estas idéas irrealizaveis quando em 1610 foi morto no meio de Pariz por um fanatico de Angoulême chamado *Francisco Ravalhac*.

INGLATERRA—OS STUARTS (1603—49)

381) Jayme I (3—25).—Tendo em 1603 fallecido *Isabel* sem deixar filhos legitimos, Jayme VI da Escossia, como seu parente mais proximo, reuniu as tres coroas da Escossia, Irlanda e Inglaterra assumindo o titulo de rei da *Gran-Bretanha* com o nome de *Jayme I*. Deixando-se governar por favoritos e entregando-se ás disputas theologicas, perseguiu cruelmente os Catholicos, maxime em seguida á conspiração (5) da polvora (2). Durante o seu reinado, os Inglezes to-

(1) O Edicto de Nantes concedeu aos Huguenotes a liberdade de culto, a admissão aos empregos publicos, um largo numero de praças de segurança em que elles tinham guarnição propria, o direito de se reunirem por deputados, de terem na côrte um seu representante, etc. Protestaram contra esse edicto o parlamento, a Sorbona, a Universidade e o proprio *Sully*, posto que huguenote, e ministro do rei. Entendia este habil economista e politico que taes privilegios, creando um estado no estado, eram incompativeis com as attribuições da monarchia.

(2) Cançados alguns catholicos das perseguições que padeciam desde tantos annos, cuidaram que podiam licitamente livrar-se dellas mandando aos ares o rei com todos os deputados da nação. Accumularam com este intuito no subterraneo de uma casa, contigua ao palacio do parlamento, uma grande quantidade de polvora, e de outras materias inflammaveis

maram posse das *Bermudas* (9); realizaram-se as descobertas geographicas de *Hudson* (10) e de *Baffin* (16); appareceu na Inglaterra o *primeiro jornal regular* (22), e o parlamento começou a reerguer a cabeça recusando numerosas vezes os impostos pedidos pelo rei, que, por conseguinte, se viu obrigado a vender os empregos e os titulos.—**Carlos I (1625—49)**, filho e successor de Jayme, foi victima das dissensões religiosas causadas pela Reforma. Depois de derrotar os rebeldes da Escossia (39) e de dissolver tres parlamentos que recusavam votar os impostos, convocou (40) o *Longo Parlamento*. Rompendo, porém, abertamente com elle, retirou-se e desbaratou por duas vezes os insurgentes (42). Vencido, todavia, em consequencia da sua lentidão, e esmagado em *Naseby* (45), entregou-se ao parlamento escossez, que o vendeu aos Inglezes pela quantia de 8.000 libras esterlinas. Então *Cromwell*, á testa de seus soldados, invadindo e dispersando o parlamento que buscava salvar o desditoso monarcha, formou o *Rump parliament*, e, proclamando a soberania do povo, executou o infeliz Carlos I no dia 30 de Janeiro de 1649.

382) Cromwell (1648—58).—Em seguida ao supplicio de Carlos I organizou-se um phantasma de republica, mas quem governou absoluta e despoticamente foi *Cromwell*, que matou os chefes do partido realista e dissolveu mais dois parlamentos por serem pouco doceis. Derrotando os Escossezes em *Dunbar* (50), e o principe de Galles em *Worcester* (51), afogou no sangue a insurreição da Irlanda e a da Escossia. Assumiu então solemnemente o titulo de *Protector da Republica*, restaurou a ordem e protegeu o commercio. Seus ultimos annos foram amargurados por algumas conspirações, tramadas contra o seu governo, e por certos terrores inexplicaveis que, causando-lhe uma febre lenta, o levaram bem cêdo ao tumulo.—*No exterior* o reinado de Cromwell foi glorioso. Conseguiu elle ser reconhecido pelos monarchas

---

que deviam ser incendiadas quando o rei fosse abrir a assembléa. Sendo a conspiração descoberta, *Guy Fawkes*, o encarregado de lançar fogo á polvora foi preso no subterraneo. Encarcerados dentro em pouco tambem os cumplices *Percy* e *Catesby*, todos padeceram o ultimo supplicio. Os conspiradores eram bem poucos, porém o governo attribuiu a culpa aos Catholicos em geral, e particularmente aos Jesuitas. Até estes ultimos annos costumavam os Inglezes celebrar o anniversario deste attentado levando pelas ruas de Londres um manequim decorado com o nome de *Guy Fawkes*, que por fim queimavam repetindo contra o Papa e os Catholicos quanta praga lhes vinha á bocca.

da Europa, que o temiam; tirou á Hespanha diversos galeões, a Jamaica e a cidade de *Dunkerque;* sustentou contra a Hollanda uma guerra em que o almirante inglez *Blake*, apesar de vencido a principio, desbaratou tres vezes os Batavos (1).

FRANÇA E ALLEMANHA

383) **Luiz XIII** (1610—43)—succedeu a Henrique IV sob a regencia de *Maria de Medicis*, sua mãe (2). Como a regente se deixasse governar pelo florentino *Concini*, os nobres, irritados, levantaram-se, tentando apoderar-se da pessoa do rei. Sendo por isso declarados rebeldes, foram absolvidos pelo joven monarcha, o qual, ao sahir da menoridade, lhes outorgou privilegios consideraveis. Logrou, todavia, *Concini* prender Condé, chefe dos *Descontentes*, (tal era o nome que esses nobres receberam); porém, dentro em breve foi elle mesmo preso, feito em postas e barbaramente queimado na Ponte Nova No entretanto os Huguenotes, fortificando-se na *Rochella* e ligando-se com os Inglezes, estavam tratando de formar uma republica federativa (21); mas foram refreados pelo cardeal *Richelieu* (1624—42), que, chegando ao ministerio, se propoz um triplice fim, a saber—: *humilhar a casa de Austria, enfraquecer os Calvinistas na França e abater os grandes senhores do reino.* Para conseguir o *primeiro*, apoiou os Protestantes na Germania tomando parte activa na *guerra dos trinta annos;* afim de obter o *segundo*, menosprezou o *Edicto de Nantes* tirando aos Huguenotes a Rochella e outras praças fortes; alcançou o *terceiro* recorrendo a confiscações e execuções severas. Além disto Richelieu levou a effeito numerosas e grandes obras em beneficio da nação; protegeu as lettras, as artes, o commercio, e, para apurar e fixar a lingua nacional, fundou (34) a *Academia Franceza*, que podia ter só quarenta socios effectivos.

384) **Allemanha.**—*A Carlos V* succederam no imperio *Fernando I* (1556—64), cujo reinado tornaram algum tanto

(1) A causa da guerra da Hollanda contra a Inglaterra foi a lei, chamada *Act of Navigation*, que Cromwell publicou. Segundo esta lei, nenhuma mercadoria extrangeira podia entrar na Inglaterra, excepto por meio de navios inglezes. Era fechar os portos britannicos a todos os extrangeiros. As outras nações calaram-se; a Hollanda declarou a guerra.

(2) Maria de Medicis, 2.ª mulher de Henrique IV, era filha de Francisco I, grão duque de Toscana.

infeliz as continuas insurreições dos Protestantes Fernando é considerado como o fundador da monarchia austriaca que dividiu entre seus tres filhos, *Maximiliano*, *Fernando* e *Carlos*, aos quaes, fallecendo, recommendou sobretudo o amor á Egreja Catholica. *Maximiliano II* (1564—76) tolerou que o Protestantismo penetrasse em toda a parte; *Rodolpho II* (76—1612), filho de Maximiliano, foi bom catholico, mas fraco como imperador, e assistiu aos preludios da *guerra dos 30 annos*; *Mathias* (1612—19), irmão de Rodolpho, presenciou o principio da temivel lucta que não poude evitar. *Fernando II* (1619—37), filho de Carlos e neto de Fernando I, defendeu heroicamente os direitos do imperio e da Egreja. *Fernando III* (1637—57) concluiu o medonho duello da guerra dos 30 annos.

385) **Guerra dos 30 annos.**—Chama-se guerra dos 30 annos uma lucta deploravel, que, na primeira metade do sec. XVII, se travou na Germania entre os Catholicos e os Reformadores. A sua causa propriamente foi a má vontade dos Protestantes, que buscavam derrubar o imperador, despojar os Catholicos e escravizar a Egreja. Deu-lhe occasião uma ordem pela qual o arcebispo de Praga, segundo a lei do paiz, prohibiu que em seus estados se erguessem capellas de hereges. Insurgiram-se então os reformadores, á cuja testa se achava *Mathias, conde de Thurn*, que mandou para o conselho de regencia, reunido em Praga, uma deputação escoltada por militares armados. Estes no meio da conferencia atiraram os membros do conselho pelas janellas que estavam a vinte metros de altura. Semelhante acto de barbaridade, conhecido pelo nome de *Segunda Defenestração de Praga*, foi apenas a introducção desta horrivel tragedia (23 de Maio de 1618).—**Divisão.** Póde a historia desta guerra dividir-se em quatro periodos bem distinctos:—*O I* (18—20) recebeu o nome de *palatino*, porque nelle tomou grande parte *Frederico V*, eleitor palatino.—*O II* (25—29) chamou-se *dinamarquez*, porque nelle interveiu a Dinamarca em favor dos innovadores.—*O III* (30—35) foi denominado *sueco* em virtude da intervenção de Gustavo Adolpho, rei da Suecia.—*Deu-se ao IV* (35—48) o nome de periodo *francez* em vista do papel principal que nelle representou a França.

386) **Periodo I.**—Logo depois da *Defenestração de Praga*, os Protestantes, correndo ás armas e perseguindo os Catholicos, derrotaram por diversas vezes aos imperiaes. Como neste interim fallecesse Mathias, o levantamento con-

tra o seu successor foi geral. Poude, todavia, *Fernando II* reprimir a insurreição, rechassar o inimigo, receber em *Francfort* a coroa imperial e obrigar a fugir para a Hollanda *Frederico V*, eleitor palatino, que os rebeldes acabavam de elevar ao throno da Bohemia. Puniu então o imperador diversos chefes da revolta, revogou os privilegios dos Protestantes e declarou solemnemente que o Catholicismo era a *Religião do Estado*.—**Periodo II.** Tendo os Protestantes procurado o apoio de *Christiano IV*, rei da Dinamarca, déram principio a novas hostilidades. Comtudo, em seguida a diversas victorias e derrotas, ganhas e levadas de parte a parte, Fernando triumphou de novo e publicou o celebre edicto de *restituição*, pelo qual exigia que fossem restituidos á Egreja os bens ecclesiasticos tirados injustamente.—**Periodo III** Como o *edicto de restituição* tivesse irritado altamente os Protestantes, o imperador convocou a *dieta de Ratisbona* (30), mostrando-se disposto a fazer largas concessões; porém *Richelieu* que desejava a ruina da Austria, interveiu e, por suas intrigas, persuadiu o imperador a demittir o general *Wallenstein*, o melhor apoio dos imperiaes. No mesmo tempo por meio de uma avultada pensão, o cardeal-ministro armava contra o imperio Gustavo Adolpho rei da Suecia, o qual, entrando em campanha, conseguiu tantas e tão gloriosas victorias que assustaram ao proprio Richelieu (1). Havendo, todavia, o imperador restituido o poder a *Wallenstein*, Gustavo Adolpho pereceu, em seu triumpho, na batalha de Lutzen (32), e os Suecos não tardaram a serem completamente destroçados (2). A paz de *Praga* (30 de Maio de 35) ia então pôr termo a esta guerra desoladora, quando a intervenção *directa* da França veiu sossobrar tudo, e dar aos Protestantes a ultima e a mais desastrada victoria.—**Periodo IV.**

---

(1) «E' tempo, disse Luiz XIII, de mandar parar esse godo». Perguntou, pois, Richelieu ao rei da Suecia até onde pretendia levar a sua bandeira victoriosa. «Até onde meus interesses o exigirem», foi a resposta. Tendo o cardeal ameaçado de atacal-o com cem mil homens, o Sueco replicou: «A' testa de cem mil lanças, eu mesmo irei a Pariz resolver essa questão».

(2) *Praga*, capital da Bohemia, na beira do Moldau ou Moldava, está sobre sete outeiros.—*Ratisbona* (Regensburg, castra regia ou colonia augusta Tiberii), na Baviera junto do Danubio e do Regen.—*Lutzen* (Lucena), na Saxonia, a 14 K. S. E. de Merseburg, e a 85 K. S. E de Bruxellas.—*Recroy* (Ardennes), a 20 K. da fronteira da Belgica. *Nordlingen*, na Baviera.—*Lens*, no Pas-de-Calais.—*Westphalia*, paiz da Germania occidental, entre o Weser e o Rheno.—*Munster*, monasterium, cidade dos estados prussianos, capital da provincia de Westphalia.—*Osnabruck*, cidade forte do Hannover.

A guerra tornou-se geral desde o começo deste *IV Periodo*: derramava-se sangue em grande copia desde os *Pyrenéos* até o *Baltico;* na Italia e em toda a Germania. Soffreram a principio os Francezes grandes desastres, sendo a França invadida de todos os lados. A sorte das armas, todavia, não se demorou em virar, triumphando os Francezes nas grandes batalhas de *Turim* (40), de *Rocroy* (43), de *Friburgo*, de *Nordlingen* (45), e de *Lens* (48) em que os Imperiaes foram totalmente derrotados com immensas perdas. Poz finalmente termo á guerra o tratado de *Westphalia* (48), (1) que consagrou a existencia politica do Protestantismo; reduziu a Allemanha á impotencia, e desorganizou o antigo edificio social da Christandade substituindo o *Equilibrio* á religião, que até esta epoca havia sido a base da Sociedade. O papa Innocencio X protestou contra os artigos do tratado que offendiam os interesses religiosos, porém não foi attendido (2).

387) **Generaes illustres.**—Distinguiram-se durante esta guerra: *entre os imperiaes*: O conde de Dampierre; o conde de Bucquoy; Tilly, general de Maximiliano de Baviera, chefe da Liga Catholica; Wallenstein, Gallas, Piccolomini, Mercy, o marquez de Leganez, e o conde de la Fuentes: *dos protestantes*: O conde de Thurn; Ernesto de Mansfeld; Bethlém de Gabor, calvinista, usurpador da Transylvania e alliado dos Turcos; Gustavo Adolpho, Banner, Torstenson, Wrangel, e Henrique Frederico, stathouder da Hollanda e neto do Taciturno: *entre os francezes:* Veimar, Guébriant, Crequi, Turenna; Henrique de Lorena, conde d'Harcourt, appellidado *Cadet la Perle;* e sobretudo o joven duque d'Enghien e

(1) O imperador Fernando III fizera desde 1641 propostas de paz, cujos preliminares foram assignados em Hamburgo pelos representantes do imperio, da França e da Suecia. Escolheram as cidades de *Munster* e de *Osnabruck* na Westphalia para reunir dois congressos que trabalhassem a uma obra commum. Porém tudo se dilatou de tal modo, que a paz não se concluiu sinão depois da batalha de *Lens*. Assignaram o tratado de *Munster* no dia seis de Agosto, o de *Osnabruck*, no dia oito de Setembro.

(2) Durante o *IV periodo* da guerra falleceram Fernando II, Luiz XIII e Richelieu. A este ultimo succedeu Mazarino, que pelo tratado de Westphalia completou a obra do seu predecessor. «Não é possivel fazer se uma idéa da desolação em que ficou a Allemanha depois désta guerra. As terras jaziam incultas, grande parte das habitações haviam desapparecido; apenas restava um terço da população. O fanatismo religioso exerceu seus furores de preferencia sobre as egrejas e conventos, que outrora faziam a gloria e o ornamento do paiz.» —Daniel:—Hist. Univ.

principe (1) de Condé, o heróe de Rocroy, de Friburgo, de Nordlingen e de Lens.

PERIODO IV

O EQUILIBRIO, 1648—1789

Mazarino e Luiz XIV, 1643—1715

388) Idéa geral.— O reinado de *Luiz XIV* que durou 72 annos, foi um dos mais dilatados e gloriosos da historia. A França neste tempo attingiu o apogeu da sua grandeza; mas, sem advertil-o, lançou a semente da sua ruina. Póde esse grande reinado dividir-se em tres partes, a saber: *a regencia, o governo pessoal do rei e as guerras* — **Regencia** — Confiara *Luiz XIII* a regencia á rainha mãe, *Anna de Austria* (2), assistida por um conselho de grandes senhores; ella, porém, afim de dominar com poder absoluto, fez com que o parlamento annullasse essa disposição do monarcha. Comtudo quem dirigiu os destinos da França em nome da rainha mãe, foi o cardeal Mazarino. *No exterior* o governo da regencia continuou *a guerra dos trinta annos*, que concluiu pelo tratado de Westphalia (1648) e pelo dos *Pyrenéos* (59); alcançou (59) o casamento do joven rei com *Maria Thereza de Austria*, filha de Philippe IV da Hespanha, e, organizando a *Liga do Rheno*, adquiriu o protectorado de quasi toda a Germania.—*No interior* Mazarino foi menos feliz, porquanto os grandes fidalgos, insurgindo-se por duas vezes, obrigaram a côrte a sahir da capital. Ambas estas revoltas levam o nome de *Fronda* (funda), de um jogo de rapazes muito usado nesse tempo em Pariz. A primeira recebeu o nome de *Fronda Parlamentar*, porque o parlamento representou nella o papel principal; a segunda, o de *Fronda dos Principes*, por serem estes os seus promotores e cheles. Capitaneou a primeira *Paulo de Gondi*, arcebispo de Corintho e coadjutor de Pariz, mais conhecido pelo nome de *Cardeal de Retz*. Dirigiu a *segunda* o *Grão Condé*, que combatera contra a primeira, e se julgava mal remunerado.

---

(1) Este é o *Grão Condé*, filho do chefe dos *Descontentes*, no tempo de *Concini*, e neto do que escapou de morrer na noite de S. Bartholomeu.

(2) *Luiz XIV* filho de Luiz XIII e de Anna de Austria, era, por sua mãe, neto de Philippe III.

389) **Governo pessoal do rei.** — *Luiz XIV* em seu governo pessoal foi muito absoluto e inflexivel. Logo depois da morte de Mazarino declarou que *seu primeiro ministro era elle mesmo*, e mais tarde pronunciou a celebre formula: *O estado sou eu*. Abatendo os nobres, elevou os burguezes, entre os quaes escolheu sempre seus ministros, não advertindo que deste modo solapava os alicerces do throno preparando essa democracia desenfreada que por fim o havia de derrubar. — *No interior* Luiz protegeu a litteratura e as artes; reformou a marinha, o exercito e a legislação, dotando tambem a França de numerosas obras de arte, especialmente do sumptuoso palacio de *Versalhes*, do canal do *Languedoc*, da columnada do *Louvre*, do *observatorio* e do hospicio dos *invalidos*; porém com suas despesas excessivas arruinou tanto as finanças, que nunca mais se reergueram. — *Na sua politica exterior* mostrou-se assaz prepotente e perfido para com todos, pondo muitas vezes a ferro e fogo a Europa, que pretendia governar a seu modo. — Relativamente *á religião*, o procedimento de Luiz XIV foi uma extranha mescla de bem e de mal; pois, si de um lado promoveu as missões do *Oriente*, si apoiou a Egreja contra os *Jansenistas*, si desenvolveu demasiado zelo na revogação do *Edicto de Nantes*; por outro lado, tirou *Avinhão* ao Papa; exigiu delle reparações exaggeradas na questão da guarda corsa (1); apoiou as pretenções injustas do seu embaixador em Roma e poz a confusão na Egreja por meio da assembléa gallicana de 1682 (2). Em sua vida privada apparece identica mistura de bem e de mal.

390) **As guerras** — emprehendidas pela França, durante o reinado de Luiz XIV, pódem reduzir-se a quatro, i. é. — 1) *A guerra de devolução contra a Hespanha (1666—68)*; — 2) *A guerra da Hollanda (72—78)*; — 3) *A guerra da Grande Liga (86—97)*; — 4) *A da successão da Hespanha*

(1) Os corsos que estavam ao serviço do Papa, travaram-se um dia de razões com os empregados do embaixador francez. O Summo Pontifice desapprovou alta e immediatamente o facto offerecendo a devida satisfacção; porém Luiz XIV, interrompendo as relações diplomaticas, esteve a ponto de declarar guerra formal ao chefe da Egreja, e não se deu por satisfeito emquanto dois cardeaes não foram a Versalhes pedir-lhe perdão de joelhos. Exigiu egualmente a demissão da guarda corsa, e que na frente do quartel que fôra della, se erguesse uma pyramide, sobre a qual uma inscripção pronunciasse os Corsos para sempre incapazes de servir o Papa pela razão de terem offendido o grande rei. Quem diria nessa epoca que um homem sahido da Corsega havia de assentar-se no throno dos Burbons?

(2) Vide par. 429, 8, Innocencio XI.

(1700—13). — **Guerra de devolução**. — Motivou a primeira guerra o *direito de devolução* em vigor nos Paizes-Baixos, que Luiz reclamou depois da morte de *Philippe IV*, seu sogro. Em virtude deste direito as filhas do primeiro casamento eram, na herança, preferidas aos filhos *varões* do segundo. Tal era o caso da rainha de França a respeito de Carlos II da Hespanha. Nem, segundo o Francez, valia a razão de ter ella renunciado todos os seus direitos no tratado dos *Pyrenéos* (59); porque o dote, promettido como condição, não fôra pago. *Luiz XIV*, portanto, invadiu e conquistou rapidamente as Flandres e o Franco-Condado, derrotando os Hespanhoes em toda a parte. Contido, todavia, pela *triplice alliança* da Hollanda, Inglaterra e Suecia, depoz em 1668 as armas consentindo em assignar o tratado de Aquisgrana (1). Ficou a Hollanda tão orgulhosa com este tratado, que mandou cunhar uma bella medalha representando nella *Josué*, seu embaixador em Pariz, com esta inscripção: — *In conspectu meo stetit sol.* Esta medalha, irritando os nervos aos Francezes que entenderam bem a allusão, foi a verdadeira causa da guerra seguinte. — **Guerra da Hollanda**. — Tendo o governo hollandez recusado aos Catholicos a liberdade do *culto privado* que a França reclamára, *Luiz XIV* invadiu o paiz á frente de immenso exercito. Estava já a poucas leguas de *Amsterdam*, e a victoria parecia certa, quando foi compellido a retirar-se por terem os Hollandezes inundado todo o territorio. Une-se então a Europa contra a França; a guerra torna-se geral por mar e por terra; ganham os Francezes numerosas e grandes victorias, e a paz de *Nimega*(78), rompendo o equilibrio europeu, dilata notavelmente as fronteiras da *Filha Primogenita da Egreja*. Este tratado é o zenith da gloria da França. Adoptou-se então o francez como *lingua diplomatica*, e Luiz XIV recebeu solemnemente o titulo de *Grande*. **A Grande Liga**. — Como Luiz XIV, depois da paz de Nimega, irritasse a todos por seu orgulho e pelo modo arbitrario e injusto com que interpretava aquelle tratado, formou-se contra elle em *Augsburgo* uma grande liga em que tomaram

(1) *Aquisgrana* ou *Aix-la-Chapèlle* nas provincias rhenanas perto da fronteira da Belgica, entre Colonia e Bruxellas. — *Amsterdam*, sobre o Amstel, é a cidade mais importante da Hollanda — *Nimega*, Nymegem ou Nimwegem, cidade forte da Hollanda, sobre o *Wahal* a 64 K. S. E de Amsterdam — *Augsburgo*, na Baviera. — *Ryswick* (Holl. mer.) a 3 K. S. E de *La Haye* ou *Haia*: é um logar muito pequeno — *Utrecht* a 32 K. S. E. de Amsterdam.

parte todas as potencias da Europa, menos a Dinamarca e a Turquia, alliadas da França. A guerra foi geral, sanguinolenta, desoladora e dilatada. Assignalaram-se os Francezes por gloriosos feitos de armas; tendo, porém, levado algumas derrotas, consentiram, por ultimo, no tratado de *Ryswick* (97) restituindo aos alliados quasi todas as suas conquistas.

391) **Guerra da successão da Hespanha.** — Sabendo a França que pela proxima morte de *Carlos II* havia de extinguir-se o ramo mais velho da casa de Habsburgo na Hespanha, disputou de antemão essa herança á Austria e á Baviera. Pois Luiz XIV era casado com a mais velha das filhas de Philippe IV; o imperador Leopoldo, com a mais moça; e o eleitor da Baviera, com a filha desta. *Carlos II*, que no primeiro testamento deixára tudo a Carlos, filho do imperador Leopoldo, offendeu-se justamente ao ver que a França estava já tratando de dividir a sua herança, e, em um segundo testamento, deixou tudo ao filho do eleitor da Baviera. Fallecendo, todavia, este dentro em pouco, *Carlos II* legou o seu throno ao duque de Anjú, filho do Grão-Delphim. Exclamando que *já não havia Pyreneos*, acceitou Luiz XIV a coroa para seu neto, a quem ainda reservou o direito de successão eventual ao throno da França. A esta noticia, a Europa estremeceu e, unindo-se, deu principio a uma guerra geral. Sendo os Francezes levados de vencida em toda a parte, achava-se a França exgottada, fraca, empobrecida; recusaram-lhe os alliados a paz que ella pedira, e tudo ia de mal a peior, quando, ganhando duas victorias, conseguiu o tratado de *Utrecht* (1713). Cedeu neste tratado Luiz XIV diversas possessões, e reconheceu os reis da Prussia e da Inglaterra; obteve, porém, que Phillipe V, seu neto, se assentasse pacificamente no throno da Hespanha com a condição de nunca reunir a sua coroa á da França.—**Os ultimos** annos do grande rei foram enluctados não só pelos grandes desastres da guerra, mas ainda pela morte (11) do *Grão Delphim*, seu filho; e pela de seus netos, o duque de *Borgonha* (12) e o duque de *Berry* (14). Fallecendo, portanto, em 1715, teve a magua de ver o seu reino que deixava a seu bisneto de cinco annos, exposto aos perigos de uma regencia.

PORTUGAL, HESPANHA E ITALIA NO SEC. XVII

392) **Portugal**—sob a dominação hespanhola que durou 60 annos, padeceu bastante e começou a decahir, quer

em consequencia das guerras em que se achou implicado, quer pela diminuição do seu commercio, quer pela perda de varias colonias, quer porque a sua marinha foi absorvida e o thesouro exgottado pela Hespanha. Apoiados pela Inglaterra e pela França, sacudiram finalmente os Portuguezes o jugo extrangeiro a pedido de *Ribeiro Pinto*, secretario do duque de Bragança, a quem proclamaram rei com o nome de *D. João IV*. Envidou a Hespanha todos os esforços para sopear a insurreição; vencida, porém, em diversos logares, viu-se obrigada a reconhecer a independencia de Portugal no tratado de Lisboa em 1668.

Os reis da casa de Bragança, no seculo XVII, foram os seguintes:—1) *D. João IV, o Restaurador (1640—56)*, que tratou de consolidar o seu throno reparando as perdas feitas pelo paiz durante a dominação extrangeira, alliando se com os Inglezes e derrotando os Castelhanos em *Badajós* (44) e em *Montijo*. Assignalou-se nesta ultima batalha o general *Mathias de Albuquerque*.—2) *D. Affonso VI, o Victorioso (1656—83)*, ao ver-se livre (62) da tutela de D. Luiza, sua mãe, entregou-se a taes e tão grandes desordens, que (68) foi pelos tres estados do reino convidado a entregar o governo a D. Pedro, seu irmão, o qual governou como regente durante quinze annos. D. Affonso VI ou antes o regente concluiu a paz com a Hollanda (61) e com a Hespanha (68); derrotou os Castelhanos em Villaviçosa, em Elvas, no Ameixial, em Castello Rodrigo, em Montes Claros, etc. Casou a infanta D. Catharina com *Carlos II da Inglaterra* cedendo-lhe, como dote, *Tanger*, a ilha de *Bombaim* e todos os dominios que elle conseguisse tirar aos Hollandezes na India.—3) **Pedro II o Pacifico** (1683—1706) contrahiu enlace matrimonial (68) com Maria Francisca Isabel de Saboia, cujo casamento com D. Affonso VI fôra declarado *nullo* pela autoridade ecclesiastica. Celebrou tambem D. Pedro com a Inglaterra (1703) o tratado de *Methuen* (1), pelo qual se obrigou a tomar parte activa contra a França na guerra da successão da Hespanha, e admittir em Portugal, com diminuição de direitos, todos os lanificios inglezes. A Inglaterra por sua vez prometteu receber com a mesma condição os vinhos de Portugal.

393) **A Hespanha**—pelos fins do sec. XVI começou a sentir a sua decadencia precisamente em virtude da sua desmedida grandeza. Essa decadencia, que se tornou ainda

(1) É o nome do diplomata inglez que obteve este tratado.

mais patente durante o sec. XVII, appareceu irreparavel no sec. XVIII. Os ultimos reis da casa da Austria na Hespanha foram:—*Philippe III (1598—21)*, fraco e indolente, deixou-se governar pelo *duque de Lerma*, seu favorito e ministro. O seu reinado assignalou-se por uma tregua de doze annos (1609) com a Hollanda, por uma alliança com a França e pela expulsão dos Mouros, que, instigados pelo rei de Marrocos e por Henrique IV da França, haviam tramado uma grande conspiração para restaurar o poder dos Sarracenos na Peninsula. Estava ella em vesperas de arrebentar, quando, sendo descoberta, recebeu o golpe fatal. —2) *Philippe IV (1621—65)* reconheceu a independencia da Hollanda no tratado de *Westphalia (48)*; fez no dos *Pyreneos* (59) muitas concessões á França, e presenciou a restauração de Portugal (40). *O conde de Olivares* foi ministro todo-poderoso durante este reinado.—3) *Carlos II* (65—1700), fraco de corpo e de espirito, em virtude do *direito de devolução* teve de ceder a Luiz XIV o Franco-Condado e boa parte das Flandres. Soffreu tambem o dissabor de ver a sua herança disputada antes da sua morte.

394) **A Italia**—victima de tantas guerras, estava no sec. XVII em plena decadencia. Quatro systemas oppostos disputavam entre si a preponderancia na Peninsula; pois a *Hespanha* aspirava á conquista total *del bel paese*; a *casa de Saboia* dilatava seus dominios alliando-se ora com o imperador, ora com a França; *Veneza* luctava por manter o equilibrio e salvar suas possessões do Oriente; a *Santa Sé* procurava conservar a independencia do paiz.

Veneza—indemnizava-se da perda de *Creta* (1669) conquistando o Peloponeso e diversas ilhas mediante a espada do bravo general *Francisco Morosini*, que posteriormente foi doge (1688—94). Depois delle começou a decadencia. —**Genova** ia sempre mais declinando em consequencia das intrigas da casa de Saboia, e da prepotencia de Luiz XIV, que lhe bombardeou a cidade por se ter alliado com a Hespanha e ter vendido, aos corsarios da Argelia, armas e munições. Apesar da lei fundamental que vedava ao doge o sahir do territorio da republica, teve elle de ir com quatro senadores levar aos pés do monarcha francez a expressão humilde do arrependimento dos Genovezes (1685).

395) **Toscana.**—Desde 1512 Florença passára a ser patrimonio da familia dos *Medicis*. Em 1532 Alexandre de Medicis assumiu o titulo de *Duque de Florença*, que em

1569 se mudou no de *Grão-duque da Toscana*. Comtudo no sec. XVII tambem este novo ducado começou a decahir notavelmente Durante a menoridade de Fernando II (1621—70), filho de Cosme II e neto de Fernando I, a Toscana perdeu toda a influencia exterior. Tomando as redêas do governo, Fernando procurou guardar honrosa neutralidade entre as potencias belligerantes. Amigo da paz, das lettras e das sciencias, protegeu generosamente o grande Galileu e a *Academia del Cimento*, fundada, para promover as sciencias physicas, pelo cardeal Leopoldo, seu irmão (1657).—*Cosme III* (1670—1723), opprimindo o povo com impostos, causou a ruina do commercio e da agricultura, e preparou o fim da casa dos Medicis. Como seus dois filhos não tivessem prole, Cosme fez declarar pelo senado que a sua filha Anna, casada com o principe palatino *Guilherme*, reinaria depois do ultimo varão da sua familia; porém a França, o imperio, a Inglaterra e a Hollanda, dividindo (1718) a Italia entre a casa de Burbon e a da Austria, reservaram a Toscana para um infante da Hespanha menosprezando os direitos da princeza palatina.—**A Saboia**, graças ao apoio da França, era o unico estado italiano que se engrandecia no meio de tantas ruinas. *Victor-Amadeu II* (1675—1732) recuperou no tratado de *Turim* (1696) as cidades que perdera unindo-se á *Liga de Augsburgo* contra a França. Casando *Maria Adelaide*, sua filha, com o duque de Borgonha, pae de Luiz XV, obteve que a seus embaixadores se tributassem as mesmas honras que aos embaixadores dos reis; adquiriu o Monferrato, cedido pela Austria (1708), e a Sicilia (13), que dahi a pouco (20) trocou pelo titulo de rei da Sardenha.—**Os Estados-Pontificios**—apesar de tantas guerras, ficaram geralmente tranquillos, resultado este da politica paternal dos Papas.

INGLATERRA, 58—1702

396) **Restauração.**—A Oliveiro Cromwell succedeu *Ricardo*, seu filho (1658—59), que, carecendo de energia e de experiencia, não se demorou em abdicar retirando-se para a vida privada. Cahindo então a Inglaterra em grande anarchia, o general *Monk*, collocando-se á frente do movimento monarchico, convocou em Londres um parlamento regular, que adoptou a proposta da restauração dos Stuarts. Portanto, *Carlos II*, que se refugiára na França e actualmente se achava na Germania, promettendo olvidar o passado, regressou para a Inglaterra com grande jubilo de seus subditos.—**Car-**

Ios II (1660—85) casou-se com Catharina de Portugal (62), filha de D. João IV, convertendo-se pouco depois *secretamente* (1), porém foi muito acabrunhado por uma peste que lhe dizimou o povo, por um incendio que devorou larga parte de Londres, por uma conspiração imaginaria que um tal *Tito Oates* revelou com malicia, e pela continua opposição do parlamento que lhe attribuia a culpa de todos estes desastres. Viu-se, portanto, obrigado a sanccionar (74) o *bill do test* (2), a desterrar o seu proprio irmão e a deixar perseguir cruelmente os Catholicos. Durante o reinado de Carlos II, o parlamento approvou definitivamente a lei do *Habeas Corpus*, e começaram a usar-se os nomes de *Whigs* (3) e de *Tories*, indicando o primeiro o partido opposto; o segundo, o favoravel á realeza.—Apesar da viva opposição do parlamento, a Carlos II succedeu sem difficuldade **Jayme II (1685—88)**, seu irmão, que se mostrou abertamente catholico decretando a liberdade de consciencia para todos, prohibindo a perseguição, abolindo o juramento do *test*, recebendo officialmente o Nuncio pontificio e convidando para a Inglaterra diversos religiosos. Como estas e outras medidas de egual alcance lhe alienassem grande parte da nação, *Guilherme de Orange*, chamado secretamente, apoderou se do throno sem resistencia (88). Retirou-se então Jayme para a França, e seus descendentes *catholicos* perderam para sempre a coroa.

397) **Guilherme III (88—1702)**—neto de Carlos I e genro de Jayme II, stathouder da Hollanda e illustre por suas victorias nas guerras contra Luiz XIV, tanto que chegou á Inglaterra, recebeu do parlamento o titulo de rei, e fez decretar que, si elle morresse sem filhos, a coroa seria herdada pela princeza *Anna da Dinamarca*, 2ª filha pro-

(1) E' opinião de Lingard e de varios outros autores que Carlos só se converteu na hora da morte; porém duas ou tres de suas cartas, encontradas nestes ultimos annos em um archivo de Roma, provam com toda a evidencia que elle, embora secretamente, voltou para o seio da Egreja Catholica muito antes da sua morte, e que as perseguições do seu reinado foram de todo contrarias á sua vontade.

(2) Chama-se *bill do test* uma lei que obrigava todo o empregado publico a jurar que não acreditava na *transubstanciação* e que repudiava como *idolatria e culto da Santissima Virgem e dos Santos*.

(3) Dizem que a palavra *Whig* se formou reunindo-se as iniciaes das palavras que os Escossezes tinham escripto na bandeira quando combatiam contra Carlos I. Essas palavras são: *We hope in God*.—A palavra *Tory*, segundo Bouillet e Webster, deriva do irlandez *torce*, dai-me. Empregavam na os salteadores, e foi por desprezo applicada aos realistas irlandezes no tempo de Cromwell. No parlamento inglez usou-se pela primeira vez em 1679.

testante de Jayme II; afogou no sangue uma insurreição da Irlanda e outra da Escossia; lidou com o parlamento, pelo qual foi obrigado a assignar a *declaração dos direitos*, que limitava muito o poder real, e pereceu das consequencias de uma quéda de cavallo.

SUECIA E RUSSIA

398) **A Suecia**—que desde a *União de Calmar* (1397) seguia os destinos da Dinamarca com a qual estava em continua lucta, recuperou a sua independencia em 1523 (1), graças a *Gustavo Wasa* (1523—60), que, assumindo o titulo de rei da Suecia, perseguiu os Catholicos e protegeu os Lutheranos. Os successores de Gustavo Wasa foram:—*Erico XIV* (1560—68), que, tornando-se, em consequencia de seus vicios, alvo do odio commum, não tardou a ser preso e deposto por *João III* (1568—92), seu irmão, que tentou restabelecer a religião catholica.—*Sigismundo* (92—1604), filho de João III, outrora rei da Polonia e catholico fervoroso, foi derrubado por *Carlos IX*, seu tio e terceiro filho de Gustavo Wasa.—*Carlos IX* (1604—11), zeloso protestante, consummou a ruina do Catholicismo, e succumbiu ao sentimento, porque os Estados-Geraes lhe recusaram os subsidios de que precisava para continuar a guerra contra a Polonia e a Dinamarca.—*Gustavo Adolpho* (1611—32), filho de Carlos IX, comprou a paz da Dinamarca; bateu os Russos; concluiu uma tregua com a Polonia; prote-

(1) Em 1448 dissolveu-se a *União de Calmar*, sendo *Carlos VIII Canutson* eleito rei da Suecia, e *Christiano I de Oldemburgo*, rei da Dinamarca e da Noruega. *Canutson* foi expulso duas vezes por Christiano. *Stenon I Sture*, seu sobrinho, conseguiu apenas o titulo de *administrador* (1497), e não se demorou em ser deposto pelos nobres Succederam-lhe *Svant Nilson Sture* (1501) e *Steuon II Sture* (1512), porém com o simples titulo de *administrador*. O clero e a nobreza em geral estavam para a união; o povo, para a independencia. Eis porque Gustavo Wasa introduziu o Protestantismo, i. é. para separar o povo do clero. *Christiano I* da Dinamarca, por morte de Affonso, seu tio, herdou os estados do *Slesvig* e do *Holstein* (1459), e foi pelo Papa autorizado a fundar a universidade de Copenhague (1475).—*João I* (1484—1513) restaurou de facto por um momento a união que ainda existia de direito.—*Christiano II* (1513—25) recebeu solemnemente a coroa real da Suecia em Stockolmo (20) depois de vencer uma batalha em que pereceu *Stenon II Sture*; mas, praticando muitas crueldades, preparou o triumpho de *Gustavo Wasa*, que, fugindo de Copenhague (19), onde estava como refem, refugiou-se nas montanhas da *Delicarlia*, adquiriu partidarios e proclamou triumphalmente a independencia.

geu a exploração das minas, e tomou parte gloriosa na *guerra dos trinta annos*.—*Christina* (1632—54), filha de Gustavo Adolpho, abdicando em favor de *Carlos*, seu primo, e filho de *João Casimiro*, conde palatino de **Duas-Pontes**, fez com que a coroa passasse para essa familia, que deu os reis seguintes: (1)—1) *Carlos X* (*1654—60*), dotado de grandes talentos militares, assenhoreou-se da Polonia e ia conquistar a Dinamarca, quando foi contido pelas potencias da Europa. —2) *Carlos XI* (*1660—97*), triumphando de um grande levantamento, estabeleceu o seu poder absoluto e obteve a supremacia nos paizes do norte.—3) *Carlos XII* (97—1718), notavel por suas guerras e extravagancias, mostrou, desde seus mais verdes annos, ambição e habilidade extraordinaria. Não foi propriamente um heróe, mas um homem original. Durante o seu reinado, a Suecia desceu a potencia de segunda ordem.

399) **Russia.**—*Os fundadores* do imperio e da grandeza da Russia foram:—1) *Ivão III* (1462—1505), que, depois de libertar a sua patria do jugo dos Tartaros e dos Mongoles, reprimiu diversas insurreições interiores, submetteu algumas republicas, sanccionou um novo codigo de leis, humilhou os nobres, promoveu o scisma grego e tomou o titulo de *Autocrata e Czar* (2) *de todas as Russias* (1492). Casando-se com *Sophia*, neta de Miguel Paleologo, adquiriu pretenções ao throno de Constantinopla.—2) *Vasili IV* (1505—33) continuou a obra do seu pae.—3) *Ivão IV, o Terrivel* (1533—84), inaugurou o seu reinado por um castigo severo infligido aos nobres, que se tinham insurgido durante a sua menoridade. Em seguida á morte da czarina *Anastacia*, sua mulher (60), cedendo á influencia de favoritos perversos, entregou-se á devassidão e á crueldade. Conquistou a Siberia, mas foi muitas vezes derrotado pelos Turcos, Suecos, Polacos e Tartaros; formando os Russos para o despotismo, preparou o reinado de Pedro I. Acabou ralado de remorsos e vestido de monge apoz quasi meio seculo de governo, extranha mistura de vicios e de virtudes, de coragem e de cobardia.—4) *Feodor I* (1584—98) deixou se governar por *Boris Godunov*, seu ministro e cunhado, que colonizou a Siberia; separou a egreja russa da de Constan-

(1) *Carlos* era filho de Catharina, irman de Gustavo Adolpho. *Christina* abdicou para abraçar o Catholicismo.

(2) Dizem que *Czar* é abreviação de *Cesar*.

tinopla, e matou Demetrio, irmão do monarcha Acclamado rei (98—1605), *Boris* most[illegible] ne com a familia dos *Romanov*, [illegible] *k*. Afinal o povo se revoltou, e [illegible] consequencia desta revoluç[illegible] *Demetrios*, os Polacos ince[illegible] [illegible] herdado pela familia dos **Roma**[illegible]

400) **Os primeiros Romanov**—foram estes:—1) *Miguel* (1612-45), filho do unico *Romanov* que se furtára á deshumanidade de Boris, restaurou a ordem no interior; travou relações commerciaes com a Persia, e mandou uma embaixada á China.—2) *Aleixo Michaëlowitch* (filho de Miguel—1645—76) publicou um novo codigo de leis, e construiu o primeiro navio da marinha russa. De seus filhos, são notaveis *Sophia*, *Feodor*, *Ivão* e *Pedro*.—3) *Feodor III* (1676—82) aboliu todos os titulos que não se fundassem no merito pessoal, e legou o throno a *Pedro*, embora fructo do segundo casamento, por ser mais prendado do que Ivão, que o era do primeiro.—**Pedro I** (82—1725) contava apenas dez annos quando succedeu a seu irmão; era, porem, dotado de qualidades extraordinarias. *Sophia* conspirou duas vezes contra elle obrigando-o a dividir o poder com Ivão, e corrompeu-lhe os costumes afim de embrutecel-o. Pedro, todavia, ao sahir de menoridade, começou a reinar sem companheiro enforcando os sediciosos, constrangendo o seu irmão a abdicar e fechando Sophia em um mosteiro. —Deu seus primeiros cuidados á organização de um grande exercito e de uma respeitavel marinha. Sahiu-se mal em uma expedição contra *Azof*, mas, repetindo o assalto, compelliu aquella praça a capitular. Emprehendendo então uma viagem de instrucção atravez da Europa, trabalhou, em *Saardam* na Hollanda, como simples carpinteiro. De volta para Moscou puniu cruelmente os soldados *Strelitz*, réus de uma terceira conspiração; decretou reformas radicaes; attrahiu ao seu paiz numerosos extrangeiros; fixou o primeiro de Janeiro para o principio do anno, que até então, na Russia, começava com o primeiro de Setembro, e transferiu a capital para *São Petersburgo*, que fundou sobre o Neva a despeito de innumeraveis difficuldades (1703).

401) **Carlos XII e Pedro I**.—Como a Dinamarca, a Polonia e a Russia se tivessem colligado com o fim de humilhar a Suecia, cujo poderio já se tornara assustador, *Carlos XII*, marchando de repente contra a primeira dessas

potencias, invadindo a ilha de Seeland e ameaçando aggredir Copenhague, dictou a paz de *Travendahl* (1700) Infligiu no mesmo anno uma grande derrota a 60.000 russos, que sitiavam *Narva*, e, dirigindo-se para a Polonia, expulsou os Saxonios da Livonia e da Curlandia. Invadiu a Lithuania; entrou em Varsovia, e obrigou Augusto II a reconhecer como rei da Polonia Estanisláu Leczinski. Tendo recusado a paz que Pedro I pedira, e sendo esmagádo no assedio de Poltava, entregou-se aos Turcos, que o hospedaram em Bender na Bessarabia. (1709). No entretanto Augusto II recuperava o throno da Polonia. Frederico IV da Dinamarca (1699—1730) atacava a Suecia, e Pedro I, depois de conquistar diversas provincias do norte marchava contra os Turcos, que lhe haviam declarado guerra a pedido de Carlos. Achando-se Pedro nesta expedição cercado de Turcos, no *Pruth*, ficou livre seguindo um conselho que lhe deu uma dançarina, com a qual dentro em breve se casou. Ella, pois, veiu a ser *Catharina I.—Carlos* desaveiu-se muito seriamente com os Turcos em Bender; regressou para a Suecia, e, em vista das disposições do povo que detestava a guerra, assentou pazes com Pedro Alliou-se, porém, com o cardeal Alberoni, ministro de Philippe V, e pereceu no assedio de *Frederikshall* (1718).

402) **Fim de Pedro I.**—Tanto que a paz lhe consentiu algum repouso, emprehendeu o czar uma segunda viagem atravez da Europa, visitando desta vez a Inglaterra e a França. De volta a S. Petersburgo, cortou a cabeça a Aleixo, seu filho, unicamente porque se mostrava pouco satisfeito com as novas reformas e pouco affeiçoado a Catharina, sua madrasta (18). Acabou de escravizar o clero; fez uma expedição feliz contra a Persia (22), e morreu das consequencias da sua devassidão ou, talvez, envenenado pela Czarina, sua mulher. (1725). Merece reparo o seu *testamento politico*. em que recommenda a seus successores a conquista de toda a peninsula dos *Balkanos;* mas a sua authenticidade é duvidosa.

PRUSSIA

403) **A Prussia**—civilizada pelos *Cavalleiros Teutonicos* apoz a epoca das cruzadas, foi posteriormente absorvida pelos principes de *Hohenzollern*, uma das mais antigas familias da Europa. A grandeza da Prussia data do sec. XVII, quando pelo tratado de *Westphalia* (1648) e pelas guerras

seguintes logrou dilatar bastante os seus dominios. Por ultimo *Frederico III*, eleitor de Brandeburgo e duque da Prussia, comprou do imperador Leopoldo o titulo de rei; coroou-se em *Konigsberg* (1701), e fundou a Academia das sciencias, que foi illustrada por *Leibnitz*.— Seus primeiros successores foram: — 1) *Frederico Guilherme I* (1713 — 40), descortez e injusto, obteve no tratado de *Utrecht* (13) ser reconhecido por toda a Europa, menos pelo Papa e pelos Cavalleiros Teutonicos. Proscreveu o luxo, e teve em pouca conta a litteratura reservando toda a sua predilecção para o exercito. — 2) *Frederico II, o Grande* (1740—86), educado rudemente por seu pae, herdou delle apenas o gosto para a arte militar. A par de boas qualidades teve desmedida ambição, impiedade e máus costumes. Embora protegesse os Jesuitas, tornou a Prussia o centro da incredulidade européa desprezando egualmente Deus e os homens, e professando-se intimo amigo de Voltaire, com o qual mais tarde se desaveiu muito seriamente. Abrindo tres canaes, levantando diversos diques para conter o mar, fabricando o hospicio dos invalidos e a cidade de *Swinemunde*, bem como favorecendo a agricultura, o commercio e a industria, elevou a Prussia a potencia de primeira ordem. Extendeu seus dominios acceitando um quinhão na partilha da Polonia e intervindo na guerra da *successão da Austria*, assim como na dos *sete annos*.—3) *Frederico Guilherme II* (786—97), sobrinho do precedente, recebeu ainda uma parte da Polonia, mas perdeu as provincias rhenanas, conquistadas pela Republica Franceza.

404) **Austria**. — *A Leopoldo I* (1658 — 1705), filho e successor de Fernando III, succederam: — 1) *José I* (1705—11), dotado de grande tino para a escolha de seus ministros e generaes, a quem remunerava com generosidade. Na guerra da successão da Hespanha, o principe Eugenio (1), seu general, conseguiu as gloriosas victorias de Turim (6) e de Malplaquet (9).—2) *Carlos VI* (1711—40), filho de Leopoldo e irmão de José I, renunciando pelo tratado de *Radstadt* (14) a suas pretenções sobre a Hespanha, obteve Napoles, Milão, Mantua, a Sardenha e os Paizes-Baixos; tomou parte

(1) O principe Eugenio, filho de uma sobrinha de Mazarino, nasceu em Pariz em 1663. Ao ver que Luiz XIV recusava occupal-o, entrou, como voluntario, no serviço da Austria, tornando-se illustre por suas victorias contra os Francezes e os Turcos. *Malplaquet*, burgo ao norte da França.— *Radstadt*, cidade forte do grão-ducado de Baden.

na alliança contra Philippe V, e na guerra da successão da Polonia. Derrotou duas (16,17) vezes os Turcos, a quem mais tarde abandonou (39) a Valachia, a Servia e Belgrado. Publicou a *Pragmatica Sancção* (13), pela qual alcançou que Maria Thereza, sua filha, fosse reconhecida capaz de succeder-lhe em seus dominios hereditarios: — 3) *Maria Thereza, a Mãe da Patria* (1740—80), casada (36) com *Francisco I de Lorena*, foi uma grande princeza, cheia de energia, e de amor para com seus subditos; protegeu as artes, a litteratura e o commercio; cedeu a Silesia a Frederico II, mas, pela partilha da Polonia, adquiriu a Galicia e a Lodomiria.

FRANÇA—LUIZ XV, 1715—74 (1)

405) **Regencia** (1715—22).—Annullando as disposições testamentarias do rei, entregou o parlamento a regencia a Philippe, duque de Orléans e sobrinho de Luiz XIV. Dotado de brilhantes qualidades, mas libertino e irreligioso, Philippe autorizou na côrte vergonhosas desordens; corrompeu os costumes do joven rei; protegeu os Jansenistas; restituiu ao parlamento o poder de fazer representações, e acceitou a proposta do economista escossez *João Law*, que creou o papel moeda, o banco real e a companhia do Mississipi, destinada a absorver todo o commercio extrangeiro (16). Esta medida, que no começo teve incrivel prestigio, e que, a ser moderada, podia salvar a França, produziu a quebra do banco, a ruina de 100.000 familias, e a fuga do seu autor (21), que falleceu pobre em Veneza (29). Durante esta regencia, a França declarou guerra á Hespanha para frustrar os planos do cardeal *Alberoni*, que tencionava recuperar os paizes já desmembrados da monarchia hespanhola, derrubar o regente e pôr a coroa da França na cabeça de Philippe V, seu amo (20). — **Reinado.** — Tornou-se, neste reinado, manifesta a decadencia da França, principalmente pela ruina das finanças, pela agitação geral dos espiritos e pela insupportavel ousadia dos Jansenistas. O rei, em consequencia da sua má educação, entregou-se a vicios grosseiros deixando-se successivamente dominar por tres mulheres deshonradas. *Os principaes ministros de* Luiz

(1) *Luiz XV*, filho de Luiz, duque de Borgonha (o celebre discipulo de Fénélon) e 1.º filho do Grão-Delphim, casou-se 1) com Maria Anna Victoria, filha de Philippe V; 2) com Maria Leczinski, filha de Estanisláu Leczinski, rei da Polonia.

XV foram: — 1) *O Cardeal Fleury*, que forcejou por melhorar as finanças e manter a paz, mas pouco alcançou:—2) *Choiseul*, que protegeu abertamente os Jansenistas e os Philosophos; expulsou os Jesuitas (1764); adquiriu a Corsega (68) (1), e formou o *Pacto de familia* (61), pelo qual os diversos ramos da casa de Burbon se obrigavam a prestar-se mutuo auxilio; — 3) *Maupeou* supprimiu o parlamento, porque recusava registrar as bullas do Papa contra os Jansenistas. Embora conseguisse alguma vantagem, não tardou em ser desmoralizado pela satyra dos Philosophos. —*Luiz XV* morreu de bexigas, arrependido dos grandes escandalos que haviam deshonrado o seu throno. Foi neste tempo que, no cemiterio de S. Medardo em Pariz, se déram as scenas escandalosas e ridiculas dos *convulsionarios*, e Marselha ficou victima (1720) de uma peste sem exemplo em que tanto se distinguiu por sua caridade e dedicação o bispo *Belsunce*.

GUERRAS.—POLONIA—AUSTRIA, ETC.

406) **A Guerra da successão da Polonia (1733—35)** —ateou-se por ter a Russia imposto a esse paiz *Augusto III* em logar de *Estanisláu Leczinski*, que os Polacos desejavam e já tinham livremente eleito. Derrotados em *Dantzig*, os Francezes, que apoiavam Leczinski, conquistaram a Lorena e a Lombardia emquanto os Hespanhóes, seus alliados, occupavam o reino das Duas-Sicilias. Dictaram, portanto, os Francezes a paz de Vienna (35), pela qual parte do Milanez passou á casa de Saboia; o reino das Duas-Sicilias, á casa dos Burbons da Hespanha; a Lorena, a Estanisláu Leczinski com o titulo de rei; a Toscana, a Francisco de Lorena, que breve se casou (36) com Maria Thereza da Austria. —**Guerra da successão da Austria (1740—48)** — A causa propriamente desta guerra foi o desejo em que ardia a França, de acabar com a casa da Austria. A occasião ou antes o signal foi a morte do imperador *Carlos VI* (40). Posto que os diversos soberanos da Europa, e particularmente o da França, tivessem reconhecido e approvado a *Pragmatica Sancção* (1713), pela qual Carlos transmittia a sua herança a Maria Thereza, sua filha; comtudo, por morte delle, quasi toda a Europa se levantou reclamando o seu quinhão nessa mesma herança. Emquanto *Frederico II*, sem

(1) *Napoleão I* nasceu em Ajaccio a 15 de Agosto de 1769!

nenhuma declaração de guerra, occupava a *Silesia*, os Francezes chegavam até *Vienna* tentando apoderar-se della (40). Em conjuncturas tão difficeis, *Maria Thereza* convocou os Estados-Geraes em Presburgo, onde, ao expor a sua critica situação, ouviu os Hungaros exclamarem com enthusiasmo: *Moriamur pro rege nostro Maria Thereza* (41). Formando-se, portanto, um grande exercito em seu favor, são os Prussianos, Bavaros e Francezes batidos em diversos logares, acossados de toda a parte e compellidos a retirarem-se repentina e vergonhosamente. Colliga-se então a Austria com a Inglaterra e a Sardenha; desbarata os Francezes em Dettingen (43); invade a Alsacia, e obtém que *Francisco de Lorena*, casado com Maria Thereza, seja eleito imperador da Germania (45). Comtudo, os Francezes, capitaneados pelo proprio monarcha, vencedores em *Fontenoy* (45), conquistam quasi toda a Belgica; effectuam uma diversão na *Escossia* (46), e, bem que derrotados na Italia (46 — 47), invadem duas vezes a Hollanda; conseguem diversas vantagens, e pelo tratado de *Aquisgrana* põem termo a uma guerra desastrada e injusta reconhecendo o engrandecimento da Prussia, a dynastia do Hannover na Inglaterra e a de Lorena na Austria. Reduziu esta guerra a marinha militar franceza a *dois navios*, e fez á divida publica um accrescimo de *cento e vinte milhões*.

407) **A Guerra dos sete annos** (1755—63) — teve origem em questões de limites, entre a França e a Inglaterra, na America e nas Indias Orientaes. Tendo os Inglezes em plena paz capturado trezentos navios francezes, travou-se a guerra entre as duas nações. Colligou-se a França com a Austria, a Russia, a Suecia, a Saxonia e a Hespanha. A Inglaterra, que do seu lado tinha apenas a Prussia, bloqueou todos os portos francezes; occupou o Canadá, numerosas colonias na America, na Africa e no Oriente. No mesmo tempo *Frederico II*, invadindo a Saxonia e resistindo a todos os alliados, infligia aos Francezes (57), mediante um estratagema novo, uma derrota completa nas alturas de *Rosbach* (1). Nos quatro annos seguintes, alter-

(1) *Rosbach*, villa da Prussia na Provincia da Saxonia.—Inspiraram os Prussianos grande confiança ao inimigo ficando em suas tendas quietos, como si estivessem dormindo. Os Francezes, portanto, adeantaram-se sem precaução, sem ordem e com pressa, julgando a victoria inteiramente certa; porém, ao chegarem perto do campo prussiano, viram, pasmados, abaterem-se todas as tendas e apparecer o exercito em ordem de batalha. Sendo então acomettidos de repente, entregaram-se á fuga e foram derrotados com gravissimas perdas.

naram-se de parte a parte os desastres e as victorias na Germania. Por ultimo a Inglaterra, dictando o tratado de Pariz (63), ao qual déram o nome de *Paz Vergonhosa*, adquiriu o dominio do mar e duas mil leguas de terra, despojando ao mesmo tempo a França da marinha, do Canadá e de muitas outras possessões transmarinas.

408) **Polonia (1000—1795).**—Desde o anno *mil*, pouco mais ou menos, quando recebeu o titulo de *reino*, até 1795, quando foi definitivamente desmembrada, contou a Polonia tres dynastias, a saber: a dos *Piastes* (842—1386), a de *Jagellon* (1386—1572), e a de varios principes electivos, 1573—1794. O reinado dos ultimos *Piastes* e o dos *Jagellons* formam o periodo de gloria desta nação. Logo depois, a força que recuperou o feudalismo; o ter sido declarada electiva a coroa; a introducção do Protestantismo e cousas semelhantes, acceleraram a decadencia do paiz. O seu ultimo acto de poder foi a intervenção nos negocios da Russia pelos principios do sec. XVI e a batalha de Vienna (1683) contra os Turcos, ganha por *João III Sobieski*. Dessa data em deante a Polonia não fez sinão decahir, perdendo pouco a pouco o seu territorio. A rivalidade de Augusto II e III apoiados pela Russia, e de *Est. Leczinski*, que o era pela França, acabou de perdel-a. Finalmente os Russos, com o pretexto de tutelar a ordem, occuparam a Polonia, e Catharina II (1764) lhe impoz o rei *Estanisláu Poniatowski*, seu favorito. Sendo um partido de patriotas que então se formou, afogado no sangue apoz prodigios de valor, dividiram pela primeira vez a Polonia entre si, a Russia, a Prussia e a Austria em 1772. A pequena parte que deixaram intacta com o titulo de reino, era na realidade apenas uma provincia russa. Os Polacos capitaneados por um tal *Kosciusko*, travaram mais uma vez das armas; foram, porém, esmagados pelos Russos, que em 1793 effectuaram uma segunda partilha. Levantaram-se pela terceira vez os patriotas; mas, batidos de novo, tiveram de ver a sua infeliz patria definitivamente quinhoada entre a Russia, a Prussia e a Austria em 1795. Nunca se viu assassinio politico mais horroroso, nunca violação mais flagrante do direito das nações!

RUSSIA.—CATHARINA II

409) **Os successores de Pedro I** foram:—1) *Catharina I* (1725—27), que embora não soubesse nem ler, nem

escrever, não era inferior a Pedro, seu marido, nem pelos vicios, nem pela habilidade. Submetteu Catharina os Cosacos e, por conselho de *Menzikof*, seu ministro, deixou o throno a Pedro, filho de Aleixo:—2) *Pedro II* (1727—30) abandonou-se a seus favoritos, que levaram de novo a capital para Moscou:—3) *Anna* (1730—40), filha de Ivão V, entregou-se de todo aos validos allemães, que restituiram a dignidade de capital a S. Petersburgo, e governaram como tyrannos:—4) *Isabel* (1740—61) apoiou Maria Thereza contra Frederico II na guerra da successão da Austria e na dos sete annos:—5) *Pedro III* (1761—62), duque de *Holstein-Gottorp* e neto de Pedro I por sua mãe, renunciou ao Lutheranismo para subir ao throno; assignou a paz com a Prussia; concedeu uma amnistia geral, e foi assassinado em uma conspiração que Catharina, sua mulher, inspirára:—6) **Catharina II** (1762—96), muito estimada pelos philosophos athéos da França, quiz ser coroada solemnemente em Moscou. Comquanto fosse alleman, affectava estimar e amar unicamente o que era *russo*. Assassinou a Polonia, e, depois de sustentar uma guerra contra Gustavo III da Suecia, restituiu-lhe na *Paz de Varella* (1790) as provincias perdidas pelo rei Carlos XII. Guerreando os Turcos e derrotando-os por muitas vezes, dictou-lhes a paz de *Kainardji* (1774) que estipulou a independencia dos tartaros da Criméa, do Budjiak e do Kuban. Deu, pois, a Russia este tratado o paiz situado entre o Dnieper e o Bog, abrindo-lhe deste modo o mar Negro. Tendo a Porta neste tratado promettido proteger a religião christan, a Russia pretendeu ter nelle adquirido o direito de vigiar neste sentido os actos do governo turco. Foi, portanto, desta paz que tiraram origem as outras guerras entre estas duas potencias. Intrigas ulteriores da Russia produziram a occupação da *Criméa*, aonde Catharina II fez uma viagem triumphal em companhia de José II da Austria e de *Poniatowski*, rei da Polonia. Chamando, portanto, o Divão officiaes francezes e organizando um exercito, declarou guerra a Catharina, que foi auxiliada por José II (87). A Austria na paz de *Sistova* (1791) restituiu a Moldavia e a Valachia que occupára, e Catharina na paz de *Iassy* (92), conservando a Criméa e o Kuban, extendeu suas fronteiras até o Don. Obteve, de mais a mais, a Russia neste tratado o direito de intervir nos negocios dos Principados Danubianos.

INGLATERRA

410) **Os successores de Guilherme III** foram:—1) *Anna* (*1702—14*), que se deixou governar pela duqueza de *Marlborough*. O seu reinado assignalou-se pela fusão do parlamento escossez com o inglez, pelo progresso do governo parlamentar com prejuizo da realeza, bem como por novas e barbaras leis contra os Catholicos, particularmente da Irlanda. Prohibiu-se a todos os Catholicos herdar, comprar ou possuir qualquer propriedade territorial, e decretou-se a pena de prisão perpetua para os bispos e sacerdotes que abrissem alguma escola! (1)—2) *Jorge I* (1714—27), injusto para com sua mulher e perseguidor dos Catholicos, occupou-se quasi exclusivamente do seu eleitorado do Hannover, abandonando a Inglaterra a *Roberto Walpole*, seu habil ministro. O systema politico de *Walpole* consistia em evitar a guerra, em ampliar o mais possivel as prerogativas da coroa e em recorrer tanto á corrupção, que se gabava de conhecer a tarifa de cada consciencia. Occorreu na Inglaterra neste tempo um caso analogo ao de *Law* na França. Pois a *Companhia do Mar do Sul*, que no começo gosára de um grande prestigio, quebrou fraudulentamente com perda de innumeraveis familias e com perigo do rei, accusado de cumplicidade:—3) *Jorge II* (1727—60) conservou como ministro *Roberto Walpole*, que obteve do parlamento leis opportunas para refrear a liberdade excessiva do theatro e da imprensa. Na questão do *mar livre e do direito de visita* (2), resistiu quanto poude ao desejo, mostrado pela nação, de romper com a Hespanha. Cedeu afinal declarando a guerra (39), mas retirou-se do ministerio ao ver os Inglezes derrotados na altura de Carthagena.—Occupava-se, no entretanto, *Jorge II* com o Hannover; tomava parte contra a França na guerra da *successão da Austria*; batia os Francezes em *Dettingen* (43), e repellia o pretendente Carlos Eduardo, que, desembarcando na Escossia, chegára triumphante até perto de Londres (46):—4) *Jorge III* (1760—1820), neto de

(1) Posto que todos considerassem Jayme II como unico herdeiro legitimo da coroa britannica; repelliram-no, todavia, por ser catholico! Fallecendo, pois, sem filhos a rainha Anna, o parlamento chamou para o throno *Jorge*, filho da princeza *Sophia*, neta de Jayme I; e de Ernesto-Augusto, primeiro electot do *Hannover*.

(2) Como os Hespanhóes visitassem os navios britannicos, que com grave prejuizo do Rei Catholico praticavam o contrabando em grande escala, os inglezes proclamaram o principio que *cumpria abolir o direito de visita, porque o mar é livre*.

Jorge II, religioso e economico, concluiu pelo tratado de Pariz (63) a *guerra dos sete annos*, e perdeu as colonias da America, que conquistaram a sua independencia. Em compensação adquiriu um poderoso imperio nas Indias Orientaes. O seu governo foi a alma de todas as colligações da Europa contra a republica e o imperio francez. Durante o seu reinado, floresceram *Pitt* (1), *Burke* e *Sheridan*, distinctos oradores parlamentares, assim como *Jervis* e *Nelson*, almirantes notaveis.

411) **Conquistas na India Oriental** (2). O fundador do imperio britannico na India foi *Roberto Clive*, que

(1) *Guilherme Pitt* (Lord Chatam), um dos maiores estadistas da Inglaterra, n. em 1708, m. em 1778. *Guilherme Pitt*, 2.º filho do precedente, n. em 1759, m. em 1806. Ambos foram ministros de Jorge III.

(2) Logo que os Portuguezes descobriram um novo caminho ao redor da Africa para a India Oriental, excitou-se na Europa immenso desejo de ver si não se poderia chegar a esse mesmo paiz pelo Oéste, ou pelo Nórte. Tal foi o alvo das duas ultimas viagens de Colombo; da de João Caboto, que descobriu a Terra Nova; de Sebastião Caboto, filho do precedente, que em 1525, entrando no Baltico, travou relações commerciaes com a cidade de Archangel. O mesmo deve dizer-se das viagens de muitos outros illustres navegantes, com particularidade de *Davis*, *Hudson* e *Baffin* (fim do sec. XVI e principio do XVII), que descobriram os mares e estreitos a que legaram seus nomes. Afinal *Drake* passou á India pelo estreito de Magalhães; porém os negociantes inglezes preferiram o caminho da Asia indo por terra até o golpho Persico. Comtudo a decadencia de Portugal e da Hespanha em breve deixou livre a viagem ao redor da Africa. Organizou-se então na Inglaterra a *Companhia das Indias* com 30,000 libras esterlinas de capital, e o monopolio do commercio além do *Cabo de Boa Esperança*. Collocou esta Companhia o seu primeiro estabelecimento em *Surate* (1611); logo occupou *Madrasta* (1624), e em 1650 comprou do medico inglez *Broughton* o privilegio que elle adquirira curando a filha do Grão-Mogol, de praticar o commercio em todo o imperio. Em 1686 fundou uma feitoria na foz do *Hugly*, no logar em que mais tarde surgiu Calcuttá. Em consequencia da guerra de Cromwell contra a Hollanda, que tambem conquistára numerosas possessões no Oriente, o governo britannico mandou uma força militar para a India, e *Carlos II* (1662) fez, á Companhia, presente da cidade de *Bombaim* que recebera como dote de *Catharina de Portugal*. A fusão (1702) da companhia precedente com outra, cuja existencia remontava apenas a 1698, produziu a Grande Companhia da India, que dentro em pouco veiu ás mãos com a franceza, fundada em 1664 por Colbert, ministro de Luiz XIV. A companhia franceza, depois de ser arruinada por Law, que comprára o seu privilegio (1721), reergueu-se sob a direcção de *Duplexis*, que lhe prestou os mais relevantes serviços; vencido, porém, Duplexis por *Lord Clive*, foi chamado para a França, onde morreu de sentimento. O conde *Lally-Tollendal* (francez, filho de um irlandez estabelecido na França), mandado contra Clive (1758), repelliu os Inglezes da parte meridional da costa de Coromandel, porém não se demorou em perder a cabeça no cadafalso (1763) por ter entregue *Pondichery* (1761), capital das colonias francezas.

occupou *Chandernagor* e todas as boccas do Ganges (1755). O poder da Companhia ingleza pelo méado do sec. XVIII era tanto, que ella possuia tres presidencias, a saber: *Calcuttá*, *Madrasta* e *Bombaim*.—**Warren Hastings**, seu primeiro governador geral (1774—85), que se apoderou de *Benares*, a Roma da India, e da ilha de *Salsette*, junto a Bombaïm, distinguiu-se por suas extorções pecuniarias, e por seu processo, que durou doze annos (86—98). Bem que seus crimes fossem innegaveis, como o confessa o proprio Macaulay, absolveram-no por considerações politicas! — **Lord Cornwallis** (1785—97), recomeçando a guerra, obrigou *Tippou-Saëb*, nababo do Mysore, a ceder metade de seus estados (92) e a pagar uma enorme quantia. Alliou-se *Tippou* com Bonaparte, que estava no Egypto, mas pereceu defendendo *Seringapatam*, sua capital (99), tomada á escala vista pelo general *Ricardo Colley* (1), successor de Cornwallis (97—1805). Tomaram os Inglezes para si uma parte deste reino, dando um quinhão ao Nizam, seu alliado; o mais continuou a formar o reino de *Mysore*, em cujo throno collocaram um descendente dos antigos *radjahs*, ao qual não deixaram nem se quer uma sombra de independencia. Nos annos seguintes depuzeram os Inglezes o vice-rei de *Oude*, o rei de *Tandjore* e os nababos de *Surate* e de *Arcot*, substituindo-lhes principes doceis a suas vontades. Tendo os *Mahrates* opposto viva resistencia, foram pelas armas compellidos á paz. Nestas guerras contra os Mahrates encetou sua carreira militar o coronel *Arthur Colley Wellesley*, irmão do governador geral, e posteriormente duque de *Wellington*, o heróe de *Waterloo*.

412) **Independencia dos Estados-Unidos do Norte (1776—83).**—As colonias inglezas da America, cujo desenvolvimento data apenas do méado do sec. XVII, tinham, até o reinado de Jorge III, ficado isentas de toda a lei e tributo da mãe patria. Estavam, de mais a mais,

---

(1) *Ricardo Colley*, mais tarde marquez de *Wellesley*, inaugurou o *systema protector* adoptado geralmente depois por seus successores. Consiste este systema em *garantir os dominios de alguns principes indigenas mediante uma pequena somma paga á Companhia, e a entrega das capitaes e dos pontos estrategicos a um presidio inglez, que os occupa*. Acantonaram deste modo os inglezes suas guarnições na maior parte das cidades importantes, reduzindo o dominio dos principes indigenas a uma simples realeza nominal. Apresentando-se em seguida circumstancias opportunas, assenhoream-se desses estados outorgando aos donos avultada pensão, comtanto que desappareçam da scena dos negocios publicos.

desde algum tempo, eivadas das dou'rinas de Rousseau e dos outros philosophos francezes do seculo. Por conseguinte, quando o ministro inglez *lord Granville* (65) quiz obrigal-as ao imposto do *sello* ou, pelo menos, a reconhecerem no parlamento inglez *o direito de legislar tambem para ellas*, os Americanos, protestando e resolvendo resistir, prepararam-se para a guerra. *Lord North*, que neste interim succedera a Granville, abolindo o imposto do sello, manteve, para salvar o principio, o do *chá*, que reduziu a uma bagatella (70). Longe, todavia, de se mostrarem satisfeitos, renunciaram (74) os Americanos ao uso do chá, que em Boston atiraram ao mar em grande quantidade; derrotaram os Inglezes (75) em *Lexington* (Massachusetts); confiaram o mando supremo do exercito a *Jorge Washington (75)*, rico lavrador da Virginia, e declararam-se para sempre *independentes da mãe patria* (76). Succederam-se então em grande numero de parte a parte as derrotas não menos que as victorias, e a Inglaterra talvez triumpharia, a não ser a Europa, que apoiou os insurgentes por todos os meios. A potencia que interveiu com maior enthusiasmo, foi a França, que, armando diversas esquadras, desbaratou os Inglezes em varios recontros maritimos. Consentiu finalmente a Inglaterra (3 de Set. de 1783) na *Paz de Versalhes*, pela qual restituindo Minorca á Hespanha e guardando Gibraltar (1), reconheceu a *Independencia dos Estados-Unidos da America*. Na Inglaterra, depois desta lucta, o ministro Pitt occupou-se do modo de pagar a divida publica, e, melhorando algum tanto a sorte cruel dos Catholicos, premiou-lhes a fidelidade que haviam mostrado durante a guerra.—Redigiam, no entretanto, os *Estados-Unidos* a sua constituição, que só poude ser publicada no *Congresso de Philadelphia, a sete de Setembro de 87*, e posta em execução dahi a dois annos. Esta constituição, concedendo e recusando alguma cousa a cada partido extremo, soube conciliar os *Democratas*, que pediam pouco mais do que uma simples alliança entre os diversos Estados, e os *Federalistas*, que desejavam *a re-*

(1) *Minorca*, uma das ilhas Balcares, foi em 1708 occupada pelos Inglezes. Os Francezes, tomando-a em 1756, a restituiram á Inglaterra em 1763. A paz de Versalhes confirmou a posse della aos Hespanhóes, que a tinham recuperado desde 1779. Em 1713 o tratado de Utrecht reconheceu aos Inglezes o direito de conservar Gibraltar, de que se tinham assenhoreado em 1704. A França e a Hespanha, reunidas, tentaram muitas vezes, mas sempre de balde, tirar essa praça forte á Inglaterra (1704, 27, 79, 82).

publica una e indivisivel. Sem abolir a escravatura, outorgou muitas liberdades individuaes. Cada Estado possúe o seu poder legislativo, que está na camara alta e na baixa, e o seu poder executivo, que é representado pelo governador. O governo *central* consta de tres grandes poderes, isto é, *do judiciario; do legislativo*, que reside no congresso; do *executivo*, de que é investido o presidente. *O congresso* é constituido pela reunião das duas camaras, a saber: da dos *representantes*, eleitos pelo suffragio universal, e da dos *senadores*, nomeados pelas camaras dos diversos Estados. *O presidente*, eleito de quatro em quatro annos pelo suffragio universal, é apenas o instrumento do congresso e não tem mais do que um veto suspensivo.

HESPANHA, PORTUGAL E ITALIA NO SEC. XVIII

413) Hespanha.—Burbons.—Com o principio do sec. XVIII subiu ao throno da Hespanha a familia dos Burbons, que deu os reis seguintes:—1) *Philippe V* (1700—46), que, para apossar-se do throno, impoz tantos sacrificios á nação. A Hespanha perdeu nesta epoca os Paizes-Baixos, o Milanez, Napoles, a Sicilia, a Sardenha, Gibraltar e Minorca. No mesmo tempo as côrtes (13) declararam que *as mulheres seriam incapazes de reinar, excepto na falta de descendentes masculinos*. Deixou-se Philippe levar pelo cardeal *Alberoni*, aventureiro italiano, e por *Guilherme Ripperda*, hollandez. *Alberoni* (15—19) reergueu por um momento a Hespanha restaurando as finanças, animando o commercio e a industria, reformando o exercito e a marinha; déram-lhe, porém, a demissão, porque tentou collocar a coroa da França na cabeça do seu amo (1). *Ripperda*, depois de formar numerosos planos utopistas, descoberto por impostor, gemeu em um calabouço, donde, fugindo, passou para a Africa, abraçou o Islamismo e morreu combatendo contra os Hespanhóes.—2) *Fernando VI* (1746—59), governando sabiamente, reorganizando a marinha e deixando no thesouro uma economia de sessenta milhões, promoveu bastante a prosperidade da nação.—3) *Carlos III* (1759—88) reinava nas Duas-Sicilias (35—59), quando foi chamado a succeder na Hes-

(1) *Alberoni* (1664—1752), filho de um jardineiro de Firenzuola, perto de Placencia, sendo pelo duque de Parma nomeado seu agente politico em Madrid, negociou o casamento de Philippe V com Isabel Farnese, filha desse mesmo duque, a qual lhe obteve o chapéo de cardeal, o titulo de grande da Hespanha e o posto de primeiro ministro.

panha a Fernando VI, seu irmão. Sacrificou os Jesuitas ás exigencias e intrigas de seus ministros: Aranda, Campomanes e Florida Branca (67). Adheriu (61) ao *Pacto de familia;* fundou a *Ordem de Carlos III (77);* tentou por diversas vezes punir os piratas da Argelia; abriu canaes e estradas; estabeleceu escolas militares e maritimas, o gabinete de historia natural, o jardim botanico e as academias de pintura e de desenho. Emfim, auxiliando a França nas guerras contra a Inglaterra, recuperou (83) Minorca e a Florida. — 4) *Carlos IV* (88—1808), filho de Carlos III, foi dominado por *Manuel Godoy*, Principe da Paz, causa de sérias perturbações na familia real. Havendo declarado guerra á França (93), teve de fazer alliança com ella (95) e, por conseguinte, de combater contra a Inglaterra, que lhe tirou as melhores colonias. Depois de abdicar em favor de *Fernando*, seu filho, entregou a coroa e o reino a Napoleão I, indo viver em Compiégne, Marselha, e Roma onde falleceu em 1819.

414) **Portugal** — foi neste seculo governado pelos reis seguintes:—1) *D. João V, o Magnanimo* (1706—50), que procurou energicamente o bem do paiz protegendo a religião, a litteratura, o commercio e as artes; fundando a academia de historia, o sumptuoso convento de *Mafra*, o hospital das Caldas da Rainha, duas casas de armas e uma para cunhar moeda; estabelecendo uma fabrica de sedas, outra de marroquins, uma terceira de papel e uma quarta de vidros; organizando quatro bibliothecas, construindo o grande aqueducto das *Aguas Livres*, moderando o rigor da inquisição e obtendo do papa Bento XIV (48) o titulo de *Magestade Fidelissima*. No fim da guerra da successão da Hespanha, em que apoiára a Inglaterra e a Austria, recebeu no tratado de Utrecht (13) *a Colonia do Sacramento* e aquella parte da Guiana que Portugal perdera. Durante este reinado realizou o Brasil um desenvolvimento admiravel, e descobriu suas numerosas e riquissimas minas de ouro e de diamantes. A memoria de D. João V tem sido sempre tão cara aos catholicos sinceros, quanto detestada pelos impios; — 2) *D. José I, o Reformador* (1750—77), abandonou-se em tudo a *Sebastião José de Carvalho e Mello*, conde de Oeiras e marquez de Pombal, que D. João V havia sempre afastado da côrte. D. José, pois, ou antes Pombal, melhorou as finanças; prohibiu a exportação do dinheiro; reformou a universidade, o exercito e a marinha; aboliu o *Indice Expurgatorio* substituindo-lhe a *Real Mesa Censoria;* fundou a academia dos Arcades; creou o subsidio litterario, imposto

destinado á manutenção das escolas publicas; tomou medidas energicas contra os desordeiros na occasião do grande terremoto, que destruiu Lisboa (1 de Nov. de 55); perseguiu a nobreza; enforcou sem julgamento toda a familia Tavora; prendeu o bispo de Coimbra; tentou separar-se de Roma; queimou o P. Malagrida e baniu os mais Jesuitas, confiscando-lhes todos os bens. Sendo, depois da morte de D. José, julgado unanimemente digno de *castigo exemplar*, D. Maria I mudou-lhe a pena de morte pelo desterro a vinte leguas da capital. Falleceu em 1782.—3) *D. Maria I, a Piedosa* (77—1816), casada com *D. Pedro III* (1), 2.º filho de D. João V, levantou em Lisboa o convento do *Coração de Jesus*, construiu o hospital da marinha; fundou a academia das sciencias, creou as escolas de fortificação, instituiu a academia dos guardas-marinha, estabeleceu uma bibliotheca publica e formou um gabinete de historia natural. Sendo D. Maria acommettida por uma (92) grave doença mental, governou como regente o filho della, que, afim de furtar-se á ira de Napoleão I, transmigrou com toda a côrte (1808) para o Rio de Janeiro, e mais tarde subiu ao throno com o nome de D. João VI.

415) **A Italia**—continuava como sempre a ser victima de seus vizinhos *per servir sempre, o vincitrice, o vinta.*—**Na Toscana**—*João Gastão*, ultimo descendente dos Medicis (1723—37), apesar dos protestos seus e de Cosme, seu pae, soffreu o desgosto de ver as potencias européas disporem livremente da sua herança antes da sua morte. Teve tambem de acolher em Florença o principe D. Carlos, que, rodeado de tropas, ia receber a homenagem dos florentinos (35). Mudando-se, todavia, neste mesmo anno as combinações politicas, a Toscana, em virtude do tratado de Vienna (35), passou a *Francisco de Lorena* (37), que acabava de ceder o seu ducado a Estanislau Leczinski, pouco antes rei da Polonia. Subindo mais tarde Franciso ao throno imperial, conservou a administração da Toscana, que deu a *Pedro Leopoldo*, seu 2.º filho.—**Na Sardenha**, *Carlos Manuel III* (1730—73), filho e successor de Victor Amadeu II, no principio da guerra da successão da Austria, alliou-se

(1) D. Pedro assumiu o titulo de rei, porém não se occupou do governo.—A respeito de Pombal, vale a pena ler o que escrevem Rohrbacher, Cretineau Joly, Chantrel, Camillo Castello Branco—*Perfil do Marquez de Pombal*—Candido Mendes de Almeida—Introducção ao direito civil ecclesiastico,—e a obra intitulada—*Suppression of the Society of Jesus in the Portuguese dominions by A Weld.*

com a França que abandonou quando a viu derrotada. Unindo-se então com Maria Thereza, recebeu duas provincias em premio de seus serviços (48). Occupou-se dessa epoca em deante da prosperidade do seu reino levando a effeito diversas reformas e protegendo as artes, a agricultura e o commercio.—**Genova**. Como os Austriacos estivessem saqueando Genova para castigal-a do auxilio prestado á França na guerra da successão da Austria (46), foram rechassados pelo povo enfurecido. Logo depois o tratado de *Aquisgrana* restituia á republica genoveza a integridade do seu territorio, dava a D. Carlos o reino das Duas-Sicilias, e a D. Philippe (1) os ducados de Parma, Placencia e Guastalla.—**Veneza**, cujo territorio ia cada vez mais diminuindo, caminhava a largos passos para uma ruina completa em consequencia da dissolução geral dos costumes e da venalidade de seus ministros e officiaes. A sua unica obra notavel nesta epoca é a construcção de uma gingantesca muralha de marmore—*i murazzi*—destinada a conter o mar (82).—**O reino das Duas-Sicilias**, reconstituido em favor de *Carlos VII* (1735—59), filho de Philippe V da Hespanha, recobrou neste tempo alguma importancia. Carlos VII, governado pelo philosopho febroniano Tanucci, seu ministro, protegeu o commercio, as artes, as sciencias e as lettras; instituiu o collegio naval; ergueu o soberbo palacio de Caserta e fundou a academia de Herculano (2). — Succedeu-lhe *Fernando IV* (59), seu filho, que em 1809 abdicou na pessoa de Francisco I, seu primogenito; tomou de novo o poder em 1812, e em 1816, declarando-se independente, assumiu o titulo de Fernando I. Falleceu em 1825.

HISTORIA DA LITTERATURA

Sec. XVI. — Renascimento puro

416) **A Italia**—brilha tambem neste seculo, porque os Papas e os principes protegem com grande generosidade as artes, as lettras e as sciencias. Com effeito o architecto *Bramante* por ordem de Julio II dá principio á obra colossal da basilica de S. Pedro, continuada depois pelo incomparavel *Miguel Angelo Buonarroti*, architecto, pintor, esculptor e poeta, autor da Capella Sixtina e do mausoléo de Julio II.— Citam-se, ao lado destes

(1) Ambos filhos de Philippe V da Hespanha. D. Carlos, o mesmo que devia ser duque da Toscana, foi rei das Duas Sicilias com o nome de Carlos VII e da Hespanha com o de Carlos III

(2) As ruinas de Herculano foram descobertas em 1713; as de Pompeia em 1755.

dois, Vinhola, o *legislador da architectura moderna*; Balthazar Peruzzi, Sansovino e André Palladio.—No mesmo tempo a **escola florentina** ou de Miguel Angelo educava Leonardo da Vinci, André del Sarto, Rosso del Rosso e Daniel Volterra.—No entretanto na **escola romana** floresciam Raphael Sancio ou de Urbino, o Perugino, João de Udine, o Caravagio, Julio Romano e o Primaticcio—**A escola veneziana** era illustrada por Giorgione, Salviati, o Tiziano, Paulo Veronese e o Tintoretto, ao passo que a **escola lombarda** produzia Corregio, o Parmesan e Miguel Angelo de Caravagio.—**Os poetas** principaes da Italia nesta epoca foram: —*Ariosto*, autor do Orlando furioso; *Bernardo Tasso*, o autor de um novo Amadiz de Gaula e pae de *Torquato Tasso*, o autor da Jerusalém libertada; *Luigi Alamanni*, que cantou a agricultura, emquanto *Rucellai* celebrava as abelhas, e *Erasmo de Valvasone*, a caça; *Guarini*, autor do Pastor fido; *Berni*, que introduziu o genero burlesco; *Agnolo Firenzuola*, que tratou da conversa dos animaes; *o Aretino*, famoso pela satyra mordaz (1); *o cardeal Bembo*, secretario de Leão X, bem como prosador, poeta, latinista e grecista distincto; *João della Casa*, autor do galateo; *Annibal Caro*, que traduziu a Eneida; *Angelo de Costanzo*, que, além de numerosas poesias, escreveu a historia de Napoles; *Sannazaro*, celebre por sua Arcadia; *Vida*, que nos deixou a Arte poetica e a Christiada; *Fracastoro*, medico e poeta, que em verso virgiliano cantou a peste da peninsula italiana—Nem faltaram poetizas, taes como *Victoria Colonna*, *Veronica Gambara*, *Gaspara Stampa* e muitas outras.—**Prosadores.** O rei dos prosadores italianos nesta epoca foi *Machiavelli*, secretario da Republica Florentina e autor do *Principe*, livro em que ensina que *o fim justifica os meios!* *A historia* foi escripta por Guicciardini, Paulo Giovio, Jacopo Nardi, Philippe Nerli, Bernardo Segni, Bento Varchi, Bernardo Davanzati, Maffei, etc., etc. Nem podemos deixar de citar Julio Cesar Scaligero; Jorge Vasari que nos legou a vida dos pintores, esculptores e architectos; e *Benvenuto Cellini*, ourives e esculptor, que teceu uma auto-biographia. São tambem notaveis os typographos *Paulo* e *Aldo Manucio Junior* em Veneza; *Giunti* em Florença; *Viotto* em Parma, etc., etc. Teriamos ainda de falar dos oradores, novelleiros, mathematicos, medicos, theologos, musicos e dos que ensaiaram a decifração dos hieroglyphos; mas, como isto excederia os limites marcados a este breve compendio, concluiremos com o nome de *Palestrina*, o creador da musica religiosa.

417) Hespanha e Portugal—*A Hespanha* póde gloriar-se dos poetas seguintes:—João Boscan Almogaver, chefe da escola italo-hespanhola; Garcilaso de la Vega, autor de eglogas; Diogo Hurtado de Mendonça, escriptor de satyras mordazes; os portuguezes Sá de Miranda e Jorge de *Monte-Mayor*, que escreveram bellos idyllios em castelhano; Alonso de Ercilla, autor do poema *Araucana*, dedicado a Philippe II; Christoval de Castillejo, autor de poesias lyricas; Fernando de Herrera, que nos deixou um hymno incomparavel sobre a batalha de Lepanto, e *Miguel Cervantes*, que, além de outras obras, escreveu o D. Quichotte.—Cita tambem a Hespanha *os historiadores* Herrera, Florian de Ocampo; e Marianna, o Tito Livio hespanhol; os *pintores* Luiz de Vargas, Luiz de Morales, Paulo Cespedes e Domingos o Grego, que imita perfeitamente o Tiziano, seu mestre; os *theologos* João de Avila, Luiz de Granada, Laynes, Salmeron, Rodrigues, Molina e Soares. Comtudo o fim do seculo presenciou a decadencia do espirito catholico na litteratura, e no seculo seguinte, ao lado

(1) Escreveram no seu sepulchro—Qui giace l'Aretin, poeta tosco—Di tutti disse mal, fuorché di Christo-Scusandosi col dir: *Non lo conosco*.

dos grandes nomes de *Lopes de la Vega* e *de Calderon*, appareceram os nomes de *Gongora* e *de Quevedo Villegas*, o Voltaire hespanhol.—**Portugal.** O sec. XVI foi o seculo de ouro tambem para Portugal, que apresenta os grandes nomes seguintes: *Luiz de Camões*, o principe dos poetas portuguezes e cantor dos Luziadas; *Francisco Sá de Miranda*, legislador do Parnaso e chefe da escola classica; *Antonio Ferreira*—Poesias, comedias, etc., Ignez de Castro, Cioso, etc; *Pedro Andrade Caminha*—Eglogas e elogios, etc.; *Bernardim Ribeiro*—poeta e romancista, celebre principalmente pelo romance *Menina e Moça*; *Gil Vicente*, o Plauto portuguez; *Jeronymo Côrte Real*—O naufragio de Sepulveda, e o 2.º cêrco de Diu; *Luiz Pereira Brandão*—Elegiada, poema heroico sobre o desastre de Alcacer-kibir; *Diogo Bernardes*—Flores do Lima, etc.; *Luciano André de Rezende*—Poesias latinas, etc.; *Frei Bernardo de Brito*—Chronica de Cistér, e Monarchia luzitana; *Garcia de Rezende*—Chronica de D. João II; *D. Frei Amador Arraes*—Dialogos sobre a Providencia; *Fernão Mendes Pinto*—Peregrinação; *D. Jeronymo Osorio*, o Cicero portuguez—Vida de D. Manuel e varias outras obras, todas em latim; *João de Barros*, o Livio portuguez—Decadas, etc.; *Rodrigues Lobo*—Tres romances pastoris; *Lucena*—Vida de S. Francisco Xavier; *Balthazar Dias*, natural da Madeira, cégo desde o nascimento—Comedias, etc.; *Francisco de Moraes*—Chronica do Palmeirim da Inglaterra; *Diogo Fernandes*—III parte do Palmeirim; *Balthazar Gonçalves Lobato*—V e VI parte do Palmeirim; *Damião de Góes*—Chronica do rei D. Manuel; *Diogo do Couto*—Continuação de J. de Barros; *Diogo de Teive*—Carmina latina; *Eloy de Sá Sotomayor*—Poesias; *Fernão Lopes de Castanheda*—Historia do descobrimento e da conquista da India pelos Portuguezes; *Heitor Pinto*—Imagem da vida christan; *Joanna da Gama*—Sonetos; *P. José de Anchieta*, S. J., apostolo do Brasil—Poema latino, Grammatica e Diccionario da lingua tupy; *Lopo de Sousa Coutinho*—Historia do naufragio de Sepulveda e do cêrco de Diu; *P. Manuel Alvares*, S. J.—Grammatica latina; *Frei Thomé de Jesus*—Trabalhos de Jesus.

418) Nos Paizes Baixos—deparamos com Erasmo de Roterdam, litterato, philosopho e theologo mais protestante que catholico; o *philosopho* Justo Lipsio; os *philelogos* Despanteres Cleanardus, Nannius, etc., os *pintores* João de Mabuse, beberrão, que exercitou o seu pincel no carcere de Middelburgo; Breughel o Velho, que cultivou o genero grotesco; Breughel de Velour, pintor de paisagens e de flores; Lucas de Leyda, fundador da *escola hollandeza*; e Otto Vaenius, mestre de Rubens.—**A Allemanha** cita apenas o biographo certozino Surio, Luthero, o *poeta* Hans Sachs e os *pintores* Alberto Durer, Lucas de Cranach e Hans Holbein.—**A Inglaterra** tem Thomaz Mouro, autor da Utopia (1), e os *poetas* Sir Philippe Sidney, autor da Arcadia; Sir Walter Raleigh; Thomaz Sackville; Roberto Southwell; Spencer, o Ariosto inglez, e Ben Johnson, autor de numerosas obras dramaticas.—**A França**—é a nação, que, depois da Italia, apresenta neste seculo o maior numero de grandes nomes. Pois na *poesia*—gaba se de Marot, que legou o seu nome ao estylo elegante e burlesco; de Regnier e de d'Aubigné, que escreveram satyras; de Jodelle, autor da Cleopatra captiva, a primeira tragedia franceza; de Ronsard, o rei da poesia, de Malherbe e de muitos outros. A *eloquencia* é representada por S. Francisco de Salles; pelos advogados Du Prat, De l'Hôpital, Rabelais, Miguel Montaigne, Charron, Amyot, etc., e pelos *historiadores* Tavanes, Montluc, Brantôme, Estevam Pasquier, De Thou e outros.—As *artes* são

(1) E' o titulo de uma obra do grande Th. Morus. Significa uma *fórma governo perfeito*, mas por isto mesmo impraticavel e imaginario.

cultivadas pelos *architectos* Lescot, que levanta o antigo Louvre; João Boullant, que dá principio ao Palacio das Tulherias juntamente com Philisberto Delorme (74); pelos *esculptores* João Justo que erige em S. Diniz o mausoléo de Luiz XII; Miguel Colombo, que constróe em Nantes o de Francisco I; e por João Goujon, o pae da esculptura franceza; pelos *pintores* Claudio Baudoin, Simon Leroy, Carlos e Thomaz Dorvigny: todos discipulos dos mais estimados pintores italianos.

419) As sciencias—realizaram neste seculo progressos pasmosos e citam como representantes; na *philosophia*, o inglez Bacon; na *jurisprudencia*, os francezes Dumoulin, Languet, Cujas, Brisson, etc, o inglez Walsingham, o portuguez Gouvêa, o hespanhol Augustinus, o belga Wesembeck, etc, nas *mathematicas*, o francez Viéte, que introduz na algebra o uso das lettras; o escossez Napier, inventor dos logarithmos; o polaco Copernico, autor do systema heliocentrico; o dinamarquez Tycho-Brahé, que revela a variação e a equação annua da lua, bem como os effeitos da refracção no calculo astronomico; o saxonio Kepler, que publica suas famosas leis.—No mesmo tempo o Papa reforma o *calendario* (82), o napolitano Porta inventa a experiencia da *camara obscura*; Paracelso acha o *zinco* entregando-se a seus estudos hermeticos ou de chimica; a *geologia* começa seus trabalhos; a *medicina* gloria-se dos nomes de Fracastoro, de Botal, de Santorius, etc., ao passo que a *botanica* se enriquece pelos cuidados de Cesalpini, Camerarius, Gesner, etc, e a *geographia* rasga novos horizontes, graças ás viagens de ousados navegantes.

Sec. XVII

420) França. Quem toma a deanteira nesta epoca é a França, porque Luiz XIV outorgou tanta protecção ás lettras, etc., que mereceu legar o seu nome a este seculo.—**A philosophia** foi representada pelos *francezes* Renato Descartes, autor da duvida methodica; Pascal, Bossuet, Fénélon, Malebranche, etc.; pelos *inglezes* Hobbes e Lockio; pelos *hollandezes* Spinosa e Hugo Grocio; e pelo *suece* Puffendorfio.—Os representantes das **outras sciencias naturaes** foram Leibnitz, natural da Saxonia; Otto de Guerricke, de Magdeburgo, que inventou a *machina pneumatica*; o dinamarquez Romer, que calculou a *velocidade da luz*; *os hollandezes* Cornelio Drebbel, e Huyghens: aquelle inventou o *thermometro a ar* (1621), este patenteou o *annel de Saturno*; os *francezes* Mariotte, autor da lei *de compressão do gaz*, e Tournefort, que fez o primeiro ensaio serio de classificação botanica; os *inglezes* Harvey, que revelou (1619) *a circulação do sangue*, e Newton, que descobriu a lei da *attracção* e inventou o *telescopio a reflexão* —invenção esta que lhe disputa o *escossez* Jayme Gregory; os *italianos* Galiléu, Castelli e Torricelli, o inventor do barometro (1643).

421) Na historia—distinguiram-se os *francezes* Petavio, Labbe, Brumoy, Jouvency, os irmãos Henrique e Adriano de Valois, Moréri, Baluze, Ducange, Mabillon, Ruinart, Basnage, Tillemont; e *Launoy*, jansenista, que inaugurando a critica extremamente exaggerada, mereceu o titulo de *dénicheur des saints*; *os italianos* Davila, Bartoli, Bentivolho, os dois Scaligeri, os dois Pagi, Pallavicini, etc.; o *irlandez* Usserio ou Usher; os *hollandezes* Saumaise e Vossio (pae e filho); os *allemães* Gronovio e Freinshemius. **No latim**—sobresahiram os *jesuitas*, Masenius, que deplorou a quéda do primeiro homem, e Sarbievius, que, no ver de Grocio, em algumas de suas poesias lyricas, é superior ao proprio Horacio; os *francezes* Santeul, que imitou Horacio; o P. Rapin, que cantou os jardins; o P. Vaniére, que celebrou os prazeres da agricultura; e o cardeal de Polignac, que confutou

Lucrecio.—**Na lingua vernacula** temos os *francezes* Pedro Corneille, João Racine, Molière, Regnard, J. B. Rousseau, La Fontaine, Bossuet, Bourdaloue, Fénélon, Massillon, Mascaron, Flechier, etc., etc.—*Os hespanhóes*, Antonio Solano; Lopes de la Vega, autor de 1800 peças de theatro; *Calderon de la Barca*, que compoz 1500 peças; e o famoso Gongora, que inaugurou a decadencia.

422) Outras nações.—**A Italia** neste sec. cahiu no genero *precioso* e cita apenas o P. *Segneri*, orador distincto, *Marini*, o grande corruptor do gosto; *Alexandre Tassoni*, autor da *Secchia Rapita* (balde furtado); Chiabrera, Filicaia e Guidi.—**A Inglaterra** é representada por Samuel Butler, Dryden, Shakespeare e outros.—**Portugal**, posto que em decadencia, gaba-se dos nomes seguintes: — *P. Antonio Vieira*, orador incomparavel; *P. Balthasar Graciano*—Arte poetica do Gongorismo; *Gabriel Pereira de Castro*—a Ulyssêa; *Vasco Mousinho ou Mousinho*—O Affonso Africano; *Braz Mascarenhas*—Viriatho tragico; *Frei Luiz de Souza*—Historia de S. Domingos, Vida de D. Frei Bartholomeu dos martyres; Annaes de D. João III; *Frei Affonso da Cruz*—Espelho de perfeição; *Frei Agostinho da Cruz*—Varias poesias; *Agostinho de Gouvy*—Historia do cêrco de Mazagão; *Frei Aleixo de S. Ant.*—Philosophia moral e commentarios sobre os Evangelhos; *P. Alvaro Semmedo*—Historia das missões dos Jesuitas na China; *P. Amaro de Roboredo*—Grammatica Portugueza, etc.; *Frei Antonio Brandão*, chronista-mór do reino—III e IV parte da monarchia Luzitana; *Antonio Gomes*—Vida de S. Izabel; *Antonio de Souza de Macedo*—Ulyssipo, poema heroico em 13 cantos, e muitas outras obras; *P. Balthazar Telles*, jesuita—Chronica da Companhia de Jesus em Portugal, Historia geral da Ethiopia, Preste João, etc.; *P. Simão de Vasconcellos*—Chronica da Companhia de Jesus no Brasil; *Gregorio de Mattos Guerra*, natural da Bahia e grande poeta satyrico—Poesias; *D. Fernando de Menezes*—Vida de D. João I, Historia de Tanger, Historia de Portugal; *P. Fernão Cardim*—Narrativa epistolar de uma viagem ao Brasil; *Macedo* (Frei Francisco de S. Agostinho)—Muitas obras de toda a especie; *Frei Francisco Brandão*, chronista-mór—V e VI parte da Monarchia Luzitana; *Francisco de Brito Freire*—Historia da guerra brasilica; *Mello* (Francisco Manuel)—Muitas obras em verso e em prosa; *Francisco de Sá de Menezes*—Malaca conquistada; *Menezes* (D. Luiz)—Portugal Restaurado; *P. Manuel Bernardes*—Luz e Calor, Nova Floresta, etc. *Manuel Quintano de Vasconcellos*—Poesias pastoris.

423) Nas bellas artes—é tambem a França que goza da primasia, e apresenta os grandes nomes seguintes: — *Nicolau Poussin*, que se formou em Roma e juntamente com *Vouet* fundou a *escola franceza de pintura*; *Le Sueur*, o Raphaël Francez; *Philippe de Champaigne*, *Mignarol* e *Lebrun*, que pintaram os paineis da grande galeria do palacio de Versalhes; *Claudio, o Lorenez*, pintor de paizagens; *Noël Coypel*, admiravel quanto ao colorido; *Parrocel*, pintor de batalhas; *Jouvenet* e *Rigaud*, cujos defeitos annunciam a decadencia.—**A esculptura** devia suas obras primas a *Serrasin*, a *Puget*, a *Girardon*, a *Coyzevox* e a *Coustou*—**A architectura** era representada por *Francisco Mansart*, tio, e por *Harduino Mansart*, sobrinho, que levantou a cupula do hospicio dos invalidos e os castellos de Marly, de Versalhes e do Grande Trianon, por *Claudio Perrault*, que deu o plano da columna do Louvre, e por *Lepautre*, o constructor do castello de Saint-Cloud.—**A gravura** foi devedora do adeantamento a *Callot*, a *Nanteuil* e a *Audran*. No mesmo tempo o florentino *Lulli*, o creador da *Opera*, representava a *musica*. Em fim o architecto *Le Nôtre* creava a arte da *jardinagem* delineando os jardins de Versalhes, das Tulherias, de Chantilly, de Saint Cloud, de Fontainebleau—**A pintura** florescia tambem:

na *escola italiana*, em que temos o Dominiquino, Guercino, Guido Reni, Salvador Rosa, e Bernino: a um tempo pintor, esculptor e architecto; — na *escola hespanhola*, illustrada por Herrera o Velho, Velasquez, Murillo, e Ribera, appellidado o *hespanholito*; — na *escola flamenga* fundada por *Van-Dyck*, mestre de Murillo e primeiro pintor de retratos: sobresahiram nella os dois *Teniers*, autores do genero grotesco, e *Rubens*, o melhor colorista de todas as escolas; na *escola hollandeza*, que cita apenas Rembrandt, Wouvermans e Van-Laar, denominado o *Bamboche*, que se deleitava em pintar caçadas, pescas e festas de aldêa. Este ultimo genero tem conservado em italiano o nome de *Bambocciata*.

Sec. XVIII

424) Decadencia e fermentação geral. — No sec. XVIII tudo estava em fermentação, porque já se chegára ás ultimas consequencias da Reforma protestante. Não só negavam a divindade da Egreja Catholica, mas até a de Jesus Christo, e a propria existencia de Deus. Estas doutrinas, prégadas por homens que usurpavam o nome de *philosophos*, contribuiram poderosamente para a revolução franceza e suas consequencias. — **Litteratura**. Na *França* sobresaem, na *litteratura*, Voltaire, J. J. Rousseau, Montesquieu, Le Brun, Luiz Racine, Guilbert, Florian, André e José Chenier: Os *poetas dramaticos*, De Stouches, Crebillon, Piron, Grosset, Ducis, Laharpe; os *oradores sagrados*, Massillon, Bridaine e La Poulle; os *oradores profanos*, D'Aguesseau, Beaumarchais, Fronchet, Malesherbes, Mirabeau, Maury, e Fontenelle, appellidado o Novo Seneca; os *historiadores*, Rollin, Crévier, Le Beau, Gaillard, Hardouin, Montfaucon, D. Bouguet, etc.; os *criticos catholicos*, Freron, Des Fontaines, Clement, Sabbathier, Bergier, Feller, Guénée. — **A Inglaterra** foi illustrada pelos poetas e prosadores seguintes: Daniel de Foe, o creador da novella ingleza; John Gay, Milton, Addison, Swift, Pope, Sheridan, Eduardo Young, Thomaz Gray e Samuel Johnson, autor de um diccionario; os *oradores parlamentares*, Pitt (pae e filho), Burke, Fox, etc.; os *historiadores*, Goldsmith, Eduardo Gibbon e David Hume. — **A Allemanha** cita Klopstock, notavel por sua *Messiade*, poema em 20 cantos; o grande tragico Schiller; Wieland, o Voltaire allemão; Bodmer, Lessing e Goethe. — **A Italia**, posto que em decadencia, tem *Gravina* e *Crescimbeni*, chefes da Arcadia, fundada em Roma com o fim de reagir contra a decadencia; Beccaria, de Milão, amigo dos philosophos francezes; *Vico*, de Napoles, cujo systema philosophico leva ao fatalismo; *Giannone* e *Denina*, historiadores muito hostis á Egreja; *Tiraboschi*, autor de uma historia da litteratura italiana; *Muratori*, que nos deixou os Annaes da Italia e muitas outras obras de erudição; os *poetas* Alfieri, Gozzi, Verri, Filangieri, Metastasio, Parini, e os dois Goldoni: um de Veneza, outro de Verona; os *eruditos*, Muzzarelli, Zacharia, Maffei, etc., etc.

425) A Hespanha—cada vez mais em decadencia apresenta apenas os poetas seguintes:—Ignacio de Luzan, Cadalso, Melandez Valdez, Thomaz de Yriarte e Alvares de Cienfuegos.—**Portugal**, embora sentisse a decadencia geral póde neste seculo gloriar-se dos nomes seguintes:—*P. André Nunes da Silva*—Poesias; *D. Frei Caetano de Souza*—Varias obras relativas á historia de Portugal; *P. Antonio Cordeiro, S. J.*—Historia Insulana; *Antonio Cordeiro da Silva*—Poema sobre N. S. Immaculada; *Antonio Cruz e Silva*—Poesias; *Antonio José da Silva*, celebre poeta comico, natural do Rio de Janeiro—Diversas obras em prosa e em verso; *Antonio Lobo de Carvalho*—Poesias satyricas; *Jaboatão*, natural de Pernambuco—

Orbe Seraphico; *Antonio Pereira de Figueiredo*, *Antonio Ribeiro dos Santos*, *Bernardo Pereira de Berredo*—Annaes do Maranhão; *Soto-Mayor*—Poesias; *Claudio Manuel da Costa*, distincto poeta brasileiro—Poesias; *Caldas Barbosa* (P. Domingos)—Poesias; *Torres* (Domingos Maximiano)—Poesias lyricas; *Quita* (Domingos dos Reis)—Poesias bucolicas; *Filinto Elysio*, alias *Nascimento*—Muitas obras poeticas; *José Basilio da Gama*—Uruguay e outras obras poeticas; *Frei José de S. Rita Durão*—O Caramurú; *Ayres do Casal*—Chorographia brasilica; *Figueiredo* (Manuel)—Poesias; *Alvarenga* (Manuel Ignacio da Silva), poeta brasileiro—Poesias *Bocage* (Manuel M. Barbosa du)—Numerosas obras de toda a especie; *Garção* (Pedro Antonio Corrêa), fundador da Arcadia portugueza—Poesias; *Rocha Pitta* (Sebastião da)—Historia da America portugueza; *Gonzaga* (Thomaz Antonio)—Poesias muito estimadas. Natural de Portugal e morador de Minas Geraes no Brasil.

426) Artes e sciencias.—**As artes**—durante o sec. XVIII, decahiram notavelmente em toda a Europa, porque procuravam nellas o prazer e não o fim que lhes é proprio, a saber: a reproducção do bello que eleva a alma á suprema formosura. A *musica* foi cultivada pelo italiano Pergolese e pelos allemães Haendel, Haydn, Glück e Mozart; a *esculptura*, pelo veneziano Canova; a *pintura*, por Carlos Vanloo; Watteau, o pintor dos pastores, e José Vernet, que pintava sempre scenas de familia.—**A philosophia** encaminhou-se neste seculo para o materialismo e a impiedade.—**Na França**, *Voltaire* e *Rousseau* proclamavam principios anti religiosos e anti-sociaes; *D'Alembert* e *Diderot* escreviam a encyclopedia sob a mesma inspiração; *Cabanis* propagava o materialismo; *Condillac* rebaixava a philosophia á sensação; *D'Holbach* e *Lamettrie* professavam abertamente o athelsmo, emquanto *Helvecio* destruia a moral sustentando que a unica base da virtude é o interesse presente. No mesmo tempo *Condorcet* sonhava que o homem é indefinitamente perfectivel e que, si se acabasse com toda a religião, isto seria um progresso!—**Na Inglaterra** ensinavam o materialismo lord Bolingbrocke, David Hume e Locke. Os *philosophos escossezes* Thomaz Reid e Dugald Steward, embora menos ruins, estão longe de serem bons.—**Na Allemanha**, a philosophia se ia perdendo em subtilezas inuteis, quando appareceu *Manuel Kant*, o fundador do criticismo, que não foi capaz de dar uma base solida á moral, produzindo apenas uma nova fórma de scepticismo. **A economia politica**—começou com *Adão Smith*, que resumiu e commentou os economistas francezes Turgot, Condillac, Raynal, Condorcet e Mirabeau.

427) Nas sciencias naturaes—distinguiram-se *Buffon*, que escreveu a historia natural; *Adanson* que fez progredir a botanica, á qual os cinco *Jussieu* (1) em breve haviam de dar uma classificação conveniente já em parte preparada pelo sueco *Linneu*. *Nas mathematicas* merecem ser lembrados com honra Clairant, Maupertuis, D'Alembert, Lagrange, Lalande; e Monge, o creador da geometria descriptiva, bem como Laplace, autor da mechanica celeste. Descobrindo (1775) a decomposição do ar na cremação dos corpos, *Lavoisier* creou a **chimica**, estabelecida pouco depois (1787) por *Guyton de Morveau*, que idéou a nomenclatura della. No entretanto as viagens de Bougainville, de Laperouse, d'Entre-Casteaux e de Cook rasgavam novos horizontes á *geographia*; *Euler*, de Basiléa, aperfeiçoava o

(1) *Os cinco Jussieu* foram todos da mesma familia e todos notaveis por seus estudos sobre a botanica. *Antonio* falleceu em 1758; *Bernardo*, em 1777; *José*, irmão dos dois precedentes, em 1779; *Antonio-Lourenço*, sobrinho dos tres, morreu em 1836; *Adriano*, filho deste ultimo, viveu até 1853

calculo differencial e integral; o inglez *Bradley* revelava a aberração da luz e a fluctuação do eixo da terra; *Guilherme Herschel*, do Hannover, descortinava Urano e dois satellites de Saturno; o americano *Benjamim Franklin*, de Boston, inventava o para-raio observando a identidade do raio com a faisca electrica (1); *Galvani*, medico de Bolonha, achava o phenomeno da rã e da electricidade, origem de tantas descobertas scientificas; *Volta*, de Côrno, inventava (1794) a pilha voltaica; *Réaumur*, da Rochella, o thermometro; o marquez de *Jouffroy* experimentava pela primeira vez a navegação a vapor (1783); o P. Bartholomeu de Gusmão (1686—1724), natural de Santos, no Brasil, ensaiando a navegação aérea, e tentando voar, conquistava o nome de Voador. Em fim os dois irmãos *Montgolfier* aperfeiçoavam os aërostatos na França.

HISTORIA ECCLESIASTICA

Periodo VI.—De Luthero a Napoleão I, 1517—1814

LUCTA COM O PROTESTANTISMO E SUAS CONSEQUENCIAS

Sec. XVI

428) Papas.—Dos 17 Summos Pontifices que governaram a Egreja durante o sec. XVI, os mais notaveis foram os seguintes:—1) *Julio II* (1503—13), Della Rovere—papa guerreiro, que trabalhou com tanto afinco para restituir á Italia a ordem e a independencia, convocou o V concilio de Latrão (12); favoreceu a litteratura e incumbiu o architecto *Bramante* de começar a grande obra da basilica de S. Pedro:—2) *Leão X* (1513—21)—João de Medicis—dispensou tanta protecção ás lettras, sciencias e artes, que mereceu legar o seu nome ao seculo; proseguiu a construcção da basilica de S. Pedro; concluiu (17) e confirmou o concilio V de Latrão; assentou pazes com Luiz XII e pouco depois tambem com Francisco I, com o qual celebrou uma concordata (16); deu a D. Manuel o Venturoso a investidura das terras descobertas pelos navegantes portuguezes; excommungou Luthero, e conferiu a Henrique VIII, o titulo de *Defensor Fidei*.—3) *Adriano VI* (1522—23)—hollandez, outrora preceptor de Carlos V, humilde e sem ambição, mas illustrado, tratou de reformar a côrte pontificia.—4) *Clemente VII* (1523—34)—Julio de Medicis—primo de Leão X, adheriu á Santa Liga da França, Inglaterra, Veneza, Genova, Florença e Milão contra Carlos V, a quem mais tarde cingiu a coroa imperial em Bolonha (30); presenciou o saque de Roma pelo condestavel de Burbon (27), e fluctuou entre a França e o Imperio. Separou da Egreja Henrique VIII, cujo casamento com Anna Bolena pronunciou nullo.—5) *Paulo III* (1534—49)—Farnese—já illustre por seu saber e suas legações, reformou a côrte pontificia e diversas Ordens religiosas; approvou (40) a Companhia de Jesus; excommungou de novo Henrique VIII; conseguiu a tregua de Nizza (38) entre Francisco I e Carlos V; convocou o concilio de Trento, e viu as gloriosas conquistas da Egreja na America, na India e no Japão. Como Paulo III fosse casado antes de entrar na carreira ecclesiastica, são injustas as accusações de alguns contra elle a esse respeito.—6) *Julio III*—(1550—55) Del Monte—legado pontificio no concilio de Trento, reconciliou a Inglaterra com a S. Sé; alliou-se com Carlos V; e reabriu o concilio de Trento apesar da opposição de Henrique II de França.—7) *Paulo IV*

(1) Applicaram-lhe o bem conhecido verso: *Eripuit coelo fulmen, sceptrumque tyrannis.*

(1555—59)—Caraffa—a pedido de Maria da Inglaterra conferiu o titulo de reino á Irlanda; uniu-se á França contra a Hespanha, e baniu de Roma tres de seus sobrinhos que abusavam da sua protecção.—8) *Pio IV* (1559—65)—De Medicis—levou ao cabo e confirmou o concilio de Trento.—9) *Pio V* (1566—72)—Ghisliéri—lançou a excommunhão contra Isabel da Inglaterra; e, mediante a união de Veneza, da Hespanha, da Saboia e dos cavalleiros de Malta, conseguiu a grande victoria de *Lepanto* (7 de Out. de 71). D. João da Austria estava á frente da esquadra christan.—10) *Gregorio XIII* (1572-85)—Buoncompagni—reformou (82) o calendario; recusou a D. Henrique, cardeal-rei de Portugal, a licença para contrahir enlace matrimonial. E' falso que Gregorio manifestasse pretenções á coroa de Portugal. Pelo contrario, em toda aquella melindrosa questão, entre este paiz e a Hespanha, o Papa, para o qual apellavam ambas as côrtes, mostrou a mais consummada prudencia, como o confessa o proprio Rebello da Silva na sua historia de Portugal.—11) *Sixto V* (1585—90)—Peretti—governando com severidade e expurgando os Estados Pontificios dos salteadores (*banditi*), restaurou a ordem, a segurança e a tranquillidade publica; instituiu diversas congregações romanas; excommungou mais uma vez a rainha da Inglaterra, contra a qual se alliou com Philippe II, e protegeu a Liga na França; mudou, porém, de politica quando soube que Henrique IV tratava de converter-se.—12) *Clemente VIII* (1592—05)—Aldobrandini—reconciliou com a Egreja Henrique IV; reuniu o ducado de Ferrara aos Estados Pontificios; concorreu para a *Paz de Vervins* (98) entre a França e a Hespanha; declarou *nullo* o casamento de Margarida de Valois com Henrique IV, que então se casou com Maria de Medicis, mãe de Luiz XIII.

NB. Pio III (3), Marcello II (55), Urbano VII (90), Gregorio XIV (90) e Innocencio IX (91), não fizeram mais que passar pelo throno pontificio.

Seculo XVII

429) Papas.—1) *Paulo V* (1605—21)—Borghese—em cujo pontificado a Fé penetrou na China, e foi perseguida no Japão, na Inglaterra, etc.—2) *Gregorio XV* (1621—23)—Ludovisi—fundou o collegio de Propaganda (22).—3) *Urbano VIII* (*1623-44*)—Barberini—protegeu as sciencias; presenciou a medonha guerra dos trinta annos; reuniu o ducado de Urbino aos Estados da Egreja, e proscreveu o jansenismo.—4) *Innocencio X* (*1644—55*)—Panfili—recusou apoiar a revolta de *Masaniello* (47) em Napoles contra Philippe IV da Hespanha; protestou contra o tratado de *Westphalia* (48) no que tocava á Egreja; censurou cinco proposições extrahidas do famoso *Augustinus* de Jansenio, e confirmou a sentença do concilio de Pariz, o qual declarára que as *cinco propotições eram proscriptas como contidas no Augustinus*.—5) *Alexandre VII* (*1655-67*)—Chigi—teve de dar a Luiz XIV satisfacções exaggeradas pelas desavenças entre o embaixador *Créqui* e a guarda *corsa*; declarou que *as cinco proposições eram censuradas no mesmo sentido que teem no Augustinus*. Foi neste tempo (64) que *Montecuculli*, marechal austriaco, á testa de varias tropas da França, Austria e Italia, ganhou a grande batalha do *S. Gothardo*, perto do Raab, affluente do Danubio, sobre os Turcos que invadiam a Hungria. Comtudo pouco depois os Turcos occuparam a ilha de Creta.—6) *Clemente IX* (*1667—69*)—Rospigliosi—proscreveu mais uma vez o jansenismo que, unindo-se ao gallicanismo, continuou ainda por longo tempo a causar muitas perturbacções.—(7) *Clemente X* (1670—76)—Altieri—em cujo pontificado foi por Luiz XIV inaugurada a questão das regalias.—8) *Innocencio XI* (*1676—89*)—Odescalchi

—eleito, a seu pesar, unanimemente por *homenagem*, reprovou a declaração do clero gallicano e todos os actos da assemblea de 1682; soffreu muito de *Lavardin*, embaixador francez, que buscava prepotentemente conservar o pretendido direito de asylo, segundo o qual os officiaes pontificios não podiam prender os criminosos que se abrigassem no palacio do embaixador e suas dependencias. Era subtrahir metade de Roma á policia pontificia. Esse abuso fôra já abolido com applauso ou, pelo menos, com resignação de todos os mais soberanos. Foi nestas conjuncturas que o parlamento francez appellou do Papa para um concilio, e que Luiz XIV occupou Avinhão. Obteve Innocencio uma alliança entre o imperador *Leopoldo I* e *João Sobieski*, rei da Polonia, contra os Turcos, que, ás ordens de Kara-Mustaphá, assediavam Vienna de Austria. Sobieski então, pela immortal victoria de Vienna (83), alegrou todos os Catholicos, excepto o *rei christianissimo*, que pouco depois (85), revogando o edicto de Nantes, fazia as famosas dragonadas.—9) *Alexandre VIII* (1689-91)—Ottoboni—conseguiu que Luiz XIV renunciasse ao pretendido direito de asylo e restituisse Avinhão; permittiu ao mesmo rei a nomeação dos bispos de Metz, Toul, Verdun, Arras e Perpinhano que não se incluiam na concordata entre Leão X e Francisco I. —10) *Innocencio XII* (1691-700)—Pignatelli—inaugurou o seu pontificado prohibindo a seus sobrinhos que se apresentassem em Roma, e condemnando o abuso do *Nepotismo*; recebeu paternalmente a submissão de Luiz XIV e dos bispos que este nomeára; concedeu ao mesmo rei o extender as *regalias* a todo o reino; prohibiu o livro de Fénélon—*Maximas dos Santos*—e enviou um rico presente ao *Principe Eugenio*, que, commandando as tropas de Leopoldo I, acabava de esmagar os Turcos (97) em *Zentha*, *sobre o Theisse*, na Hungria. Esta victoria que produziu a *Paz de Carlowitz* entre a Austria e a Turquia, causou o principio da decadencia do imperio ottomano. Sendo consultado por Carlos II da Hespanha ácerca do seu testamento, respondeu Innocencio que podia com justiça legar a sua herança a um principe francez ou austriaco, mas, a fim de conservar a integridade da Hespanha, era conveniente pôr como condição que o herdeiro não pudesse reunir a sua coroa nem á da França, nem á da Austria. Foi precisamente o que se estipulou depois no tratado de Utrecht em 1713. Quanto sangue, pois, e quanto dinheiro não teriam poupado os monarchas da Europa, si tivessem dado ouvido aos conselhos do Papa!

N. B. Leão XI (1605) assentou-se apenas no throno pontificio.

430) Ordens Religiosas.—Durante o sec. XVII foram fundadas as Ordens ou Congregações religiosas seguintes:—1) A da *Visitação* (1610), por S. Francisco de Salles com o auxilio de S. Joanna Francisca Fremiot, viuva do Barão de Chantal;—2) A das *Annunciadas Celestes*, por Maria Victoria Fornari;—3) A de *Nossa Senhora do Calvario*, por Antonia d'Orléans-Longueville;—4) A das *Filhas da Caridade*, por S. Vicente de Paulo, mediante a cooperação da senhora de Gras. Em nosso ver não ha melhor argumento para provar o poder da religião do que o heroismo mostrado por essas frageis senhoras, já nos campos de batalha, já nos hospitaes, e na educação das meninas!—5) A dos *PP. Lazaristas* (1625), por S. Vicente de Paulo, admiravel apostolo de caridade e um dos maiores santos do seculo XVII.—6) A de *S. Sulpicio* (1642), por Oliveiro, cura de S. Sulpicio em Paris.

Sec. XVIII

431) Papas—Como a Egreja devia, durante este seculo, sustentar luctas extraordinarias, Jesus Christo, que nunca desampara a sua Esposa, deu

lhe os oito Papas seguintes, todos fornecidos de dotes superiores ao commum dos homens:—1) *Clemente XI* (700-21)—Albani—eleito com grande magua sua, protestou contra a occupação de Comachio (5) por José I; enviou em soccorro de Marselha (20), que luctava com uma peste medonha, vinte navios carregados de trigo, e prégou contra os Turcos uma cruzada, da qual fizeram parte Genova, a Hespanha, Portugal, a Austria, a Toscana e os Cavalleiros de Malta. *O Principe Eugenio*, depois de vencer os Turcos em Peterwardein (16) e em Belgrado (17), conseguiu o tratado de Passarowitz, muito vantajoso para a Austria—2) *Innocencio XIII* (1721-24)—Conti—esforçou-se por converter os Jansenistas com meios brandos, mas pouco alcançou.—3) *Bento XIII* (1724-30)—Orsini—reconciliou com a Egreja a *Sorbona* e o cardeal de Noailles arcebispo de Pariz.—4) *Clemente XII* (1730-40)—Corsini—recusou o protectorado da Corsega, offerecido pelo povo dessa ilha que acabava de levantar-se contra Genova; censurou severamente o cardeal *Alberoni* por ter invadido a republica de *S. Marino*, á qual confirmou todos os privilegios que lhe haviam outorgado Martinho V, Urbano VI, Clemente VIII e Leão X; canonizou S. Vicente de Paulo.—5) *Bento XIV* (1740-58)—Lambertini—celebre por sua illustração e suas obras, escreveu muitas bullas contra todos os abusos, e apoiou os b spos francezes contra os Jansenistas.—6) *Clemente XIII* (1758-69)—Rezzonico—luctou contra os athéos, que, usurpando o nome de philosophos, conspiravam contra o throno e o altar; annullou o decreto, pelo qual o parlamento de Pariz expulsára os Jesuitas; queixou-se a Carlos III da Hespanha; publicou uma bulla em favor da Companhia de Jesus; prohibiu a obra de *Febronio* (1) e a encyclopedia dos philosophos athéos da França.—7) *Clemente XIV* (1769-74)—Ganganelli—supprimiu a Companhia de Jesus.—8) *Pio VI* (1775-99)—Braschi—principiou o exgotto das paludes *Pontinas*; foi até Vienna da Austria afim de pedir ao imperador José II que deixasse socegada a Egreja, porém nada conseguiu; proscreveu a *constituição civil do clero*; deplorou os horrores da revolução franceza, e foi violentamente arrastado de Roma para Valença, onde succumbiu aos soffrimentos Então os impios, cantando o hymno do triumpho, disseram que finalmente *as portas do inferno haviam de prevalecer e que não haveria mais Papas!* Não sabiam esses cegos que, quando Diocleciano cunhou a medalha com o famoso—**Christiano nomine deleto**—o Christianismo estava já na vespera do seu triumpho! Do mesmo modo, emquanto os athéos se regosijavam em suas infernaes orgias, a eleição de um novo e grande Summo Pontifice era protegida em Veneza pelos Russos e Turcos! Tanto é verdade que *Non est sapientia, non est prudentia, non est consilium contra Dominum.* Prov. XXI, 30.

432) Ordens Religiosas.—No sec. XVIII foram fundadas as congregações:—1) *Do Santissimo Redemptor* (1722), por S. Affonso Maria de Ligorio, hoje dr. da Egreja:—2) A dos *Irmãos da doutrina christan* por João Baptista de la Salle, conego da egreja de Reims;—3) A dos *Passionistas*, pelo B. Paulo da Cruz, approvada por Bento XIV em 1741.

---

(1) *Justinus Febronius* é o pseudonymo do autor de um livro contra o primado do Papa, escripto por *João Nicolau de Hontheim*, bispo de Myriophita *in partibus*, e coadjutor do de Tréveris. O autor reprovou a sua obra, mas os athéos adoptaram o livro vertendo-o em todas as linguas da Europa.

PERIODO V

ULTIMAS CONSEQUENCIAS DA REFORMA PROTESTANTE

Revolução franceza

433) **As causas** (1), tanto proximas como remotas, da revolução franceza cifram-se nas seguintes: — 1) a *reforma protestante*, cuja consequencia ultima, em virtude de seus principios, não póde deixar de ser *o socialismo* e *o communismo* na Sociedade, *o idéalismo* na philosophia, *o racionalismo* na religião; —2) o *despotismo* de Luiz XIV, que abateu os nobres, deixou de convocar os Estados-Geraes e poz a confusão na Egreja promovendo o cesarismo e o gallicanismo;—3) o *jansenismo*, que, sob o pretexto de devoção, estragou o sentimento religioso pervertendo numerosos membros do clero, corrompendo os costumes de Luiz XV e da côrte, introduzindo a discordia entre os dois poderes, propagando a immoralidade e perseguindo a Egreja Catholica; — 4) os *philosophos*, que organizaram uma associação afim de acabar com o throno e o altar. Deu-lhes Voltaire a palavra de ordem dizendo: *Écrasez l'infâme*, isto é, J. C. ou a Egreja Catholica, que vem a ser o mesmo. Estabeleceram uma especie de dictadura litteraria valendo-se da satyra e lançando o ridiculo sobre a religião, e seus ministros que accusavam de toda a sorte de crimes, adulterando a historia, declamando contra os abusos, que parte fingiam, parte exaggeravam, e empregando, para enganar os simples, muitas palavras em sentido novo e capcioso. Estas palavras eram principalmente:—*fanatismo*, *philosophismo*, *philantropia*, *espirito forte*, *preconceito*, *prevenção*, *progresso*, *atrazo*, *civilização*, *ignorancia*, *instrucção*, *liberdade*, *obscurantismo*, *tolerancia*, etc.—5) *A ruina* das finanças;—6) a *agitação geral* dos espiritos exasperada pela imprensa e pelo theatro;—7) a *falta* de pessoas capazes de dominar a situação.

(1) *Indagar as causas*—da revolução não significa buscar razões para a justificar, mas quer dizer tão sómente procurar a origem e esboçar os progressos e as diversas phases desta gravissima doença da Sociedade. E' certo que uma reforma se tornára necessaria, e é egualmente certo que, si á frente da nação estivessem pessoas capazes de levar a effeito essa reforma em tempo opportuno e de um modo conveniente, se evitaria um grandissimo mal; isto, porém, não basta para desculpar o que desde o principio da revolta se fez contra todo o direito; e muito menos, os crimes horrorosos, praticados depois.

434) **Os preludios**—da revolução começaram logo nos primeiros annos do reinado de *Luiz XVI* (74—93), neto de Luiz XV e casado com Maria Antonieta, filha de Maria Thereza da Austria. Desejava Luiz ardente e sinceramente o bem do seu povo; era dotado de optimos costumes e de muita generosidade; mas de caracter timido e indeciso. Suas primeiras medidas, maxime o apoio prestado á revolução americana, serviram só para augmentar o *deficit* e a agitação geral. Empregou os maiores esforços afim de melhorar as finanças, (1) mas, baldado em tudo, recorreu, por fim, á reunião dos Estados-Geraes, que não haviam sido convocados mais desde 1614. Commetteu então o erro de não influir nos eleitores como o fizeram com todo o afinco os que conspiravam contra o throno e o altar. Outro erro do monarcha consistiu em conceder ao *terceiro estado* o que até então nunca tivera, a saber: uma *dupla representação*. Feito isto, para o triumpho da democracia faltava apenas a *fusão das tres ordens*, visto como o terceiro estado contava um numero de votos maior que o da nobreza e do clero (2)

435) **Os Estados-Geraes**— *No dia 5 de Maio de 1789* abriu-se com solemne pompa em Versalhes essa grande assembléa, que constava de 1145 deputados. Como a nobreza e parte do clero recusassem consentir na fusão das tres ordens, os deputados do *terceiro estado*, capitaneados por Mirabeau, retirando-se, constituiram-se em *assembléa nacional* (17 de Jun.), e, jurando que não se haviam de separar emquanto não tivessem dado uma *constituição* á França, assumiram o nome de *assembléa constituinte* (20). Afinal,

(1) Os ministros principaes de Luiz XVI foram *Maurepas*, que aconselhou a reintegração dos parlamentos; *Turgot*, que se declarou em favor do parlamento *Maupeou*, porém não alcançou que a sua opinião prevalecesse; *Lamoignon de Malesherbes* era da opinião de Turgot; eivado, porém, como elle, do espirito philosophico da época. Estes ministros levaram a effeito algumas reformas uteis, mas insufficientes; outras imprudentes e até perigosas.—*Necker* (1776—81), por mais que fizesse para procurar dinheiro, só conseguiu augmentar o medonho *deficit*.—*Vergennes* (1781—87), querendo seguir as tradicções da politica franceza, nada obteve, principalmente por falta de apoio e de união. Uma assembléa de *notaveis*, convocada em 1787, separou-se sem resolver cousa alguma. Havendo o rei decretado um imposto, foi-lhe recusado sem piedade. Tendo annullado a revogação do Edicto de Nantes para ver si ganhava a sympathia dos Protestantes, estes revelaram-se seus maiores inimigos!

(2) Antigamente cada estado votava separadamente, formando a maioria de cada um delles um voto. Quando o bom do rei concedeu ao terceiro estado a dupla representação, não previu que elles em seguida exigiriam a fusão das tres ordens e a votação, como dizem, por cabeça.

tanto o rei como os outros deputados, cederam indo reunir-se ao terceiro estado.—**A constituinte** aboliu (4 de Ag.) os privilegios feudaes, o direito de primogenitura e os titulos de nobreza; reformou toda a administração do reino; substituiu a bandeira *tricolor* á branca; decretou a liberdade de consciencia e a da imprensa; declarou, bens nacionaes, todos os bens ecclesiasticos, e, pela *constituição civil do clero*, invadiu os direitos mais sacrosantos da Egreja. Tendo á força de ameaças conseguido que o rei sanccionasse estes decretos, a assembléa separou-se no dia 30 de Julho de 91.—**Factos**. No entretanto em Pariz a populaça, açulada pelos jornaes incendiarios, arrasava a Bastilha (14 de Jul. de 89), e, dirigindo-se furiosa sobre Versalhes (5 de Out.), obrigava o monarcha a mudar-se para a capital, para onde foi em breve seguido pela assembléa, que se installou perto das Tulherias. Então 300 deputados e muitos nobres, assustados pela ousadia sempre mais crescente do povo, afastaram-se de Pariz e até da França. Reparando, pois, Luiz XVI no desamparo e no grave perigo em que se achava, tentou fugir; mas, preso em *Varennes* (20 de Jun. de 91) e levado a Pariz, foi suspenso de suas funcções, ao passo que a populaça, arrastada pelos *Jacobinos*, pedia a sua deposição. Appareceu pouco depois (27 de Ag.) a convenção de Pillnitz, pela qual a Prussia e a Austria promettiam reintegrar o rei no throno. O seu unico resultado foi aggravar ainda mais a cruel posição do infeliz monarcha.

436) **Assembléa Legislativa** (1 de Out. de 91—20 de Set. de 92)—A maior parte dos deputados da *assembléa legislativa* eram jovens atrevidos sem principios determinados, sem moralidade e sem experiencia. Um pequeno numero de homens honestos e prudentes, que desejavam guiar-se pela constituição, formavam a *direita*. Occupavam a *esquerda os Girondinos; a extrema esquerda, a Montanha*, partido formidavel que tinha a seu serviço os jornaes incendiarios.—Tirando ao rei o titulo de *Sire* e o de *Magestade*, a *legislativa* decretou a pena de morte contra os emigrados, prohibiu o exercicio até do culto privado aos sacerdotes que recusavam prestar juramento á constituição civil do clero, e logo depois os condemnou á deportação. Emfim, obedecendo ao vulgacho, convocou a convenção e separou-se, deixando a França abysmada em medonha anarchia, e em guerra com a Europa, o monarcha preso, e toda a gente honesta entregue ao systema de

proscripção em massa.— **Acontecimentos.** Pouco depois da abertura da assembléa legislativa a noticia de que os Francezes tinham sido derrotados na fronteira da Belgica, causou graves desordens em Pariz. *Marat* pediu diversos milhares de cabeças, e a populaça, armada por *Bailly*, adoptou o barrete phrygio, dando um assalto ao palacio real e humilhando seriamente o rei (20 de Jun. de 92). Dahi a pouco essa mesma populaça (10 de Ag. de 92), exaltada até ao delirio pela invasão dos Prussianos e pela chegada dos *Marselhezes*, invade e saquea as Tulherias, e, penetrando na sala da assembléa, pede a altos brados uma *convenção nacional* e a deposição do *tyranno*. O infeliz monarcha, que, no entretanto, se acolhera ao recinto da assembléa, é por esta mandado para a prisão do Templo. Chega, portanto, a anarchia a seu auge, fugindo todos os nobres que podem. Occorreu no meio destas desordens a selvagem matança dos dias 2, 3, 4, 5 e 6 de Set. por culpa dos jornaes incendiarios, e da municipalidade de Pariz, á cuja frente estava *Danton*.

437) **A convenção nacional** (21 de Set. de 92 — 2 de Jun. de 93)—estreou pronunciando a deposição do rei, proclamando a republica e substituindo o *tu* ao *vós*, assim como o titulo de *cidadão* ao de *senhor*. Dois partidos encarniçados disputaram entre si a supremacia nesta assembléa. Na *esquerda* estava a *Montanha*, partido composto de demagogos furiosos, como *Danton*, *Robespierre*, *Carnot*, *Fouché*, *Marat*, etc. que desejavam a republica *uma e indivisivel*: apresentavam-se na *direita os Girondinos*, que pediam uma *republica federativa* como a dos Estados-Unidos. Estes, embora apoiados por varios departamentos, em Pariz eram impotentes. A *Montanha*, afim de perder os Girondinos, proclamou a republica *uma e indivisivel*; accusou o rei de traição, e, por um arremedo de julgamento, o condemnou á morte, que elle soffreu com heroica resignação (1). Este horrendo crime teve as mais funestas consequencias. No *exterior* uma grande guerra com toda a Europa, que então formou a *I Colligação* contra a França; *no interior*

(1) Luiz XVI—ouviu com firmeza a impia sentença; despediu-se soccegadamente da sua familia; entreteve-se largo tempo com o seu confessor; assistiu á missa; commungou, e dirigiu-se nobremente para o cadafalso. Lá quiz falar ao povo, mas o rufo dos tambores abafou a sua voz. «*Filho de S. Luiz, sobi ao ceo*», exclamou então o seu confessor, e o rei entregou ao algoz sua augusta cabeça.—21 de Jan. de 93, pelo meio dia, na praça de Luiz XV, então praça da Revolução, hoje da Concordia.

a insurreição de varios departamentos e o triumpho da *Montanha*, que instituiu o *tribunal revolucionario* para julgar os conspiradores; decretou as visitas domiciliarias, e creou a *Junta de segurança geral* e a *da salvação publica*.—**Proscripção dos Girondinos.** Tendo a Convenção permittido ao tribunal revolucionario condemnar os proprios membros da assembléa, os *Girondinos* accusaram *Robespierre* de tyrannia, *Danton* da matança de Set. e *Marat* de ter pedido 270,000 cabeças; conseguiram levar *Marat* ao tribunal revolucionario e crear a commissão dos *doze* para examinar os actos da *communa;* porém foram elles por seu turno accusados de quererem dividir a França e de serem cumplices dos reis e dos emigrados. *Marat* foi absolvido e pela populaça levado em triumpho á Convenção. No mesmo tempo a commissão dos *doze* era supprimida, e a *communa*, furiosa, bloqueava as Tulherias com 160 canhões, levantava o povo e o impellia contra a assembléa pedindo a proscripção de 21 girondinos. Estes na verdade foram presos e dentro em breve levados ao cadafalso.

438) **Terror.**—O regime do terror começára de facto desde o dia em que a revolução, reconhecida legitima, immolou suas primeiras victimas em nome da salvação publica; foi legalmente estabelecido pelos decretos revolucionarios que se seguiram á morte do rei, e ficou completo pelas medidas sanguinarias que a *Montanha* tomou depois de encarcerar os Girondinos. Com effeito a Montanha então proclamou o principio que *não ha crime em tempo de revolução;* decretou o alistamento em massa; ordenou aos generaes que sem excepção fuzilassem os prisioneiros, poz premios sobre a vida dos insurgentes, e promulgou a lei dos suspeitos, que autorizou a *Junta da salvação publica* a prender e guardar preso, até o fim da guerra, todo o cidadão que se mostrasse indifferente em negocios relativos á republica. —As façanhas destes *terroristas* foram dignas dos principios que professavam, e taes que não se encontram semelhantes em toda a historia do genero humano. A *santa guilhotina*, como diziam, decepou milhares e milhares de cabeças por suspeitas infundadas e ás vezes ridiculas. As victimas mais illustres foram—a rainha *Maria Antonieta;* o duque d'Orléans, apesar do appellido de *Égalité* e de ter votado para a morte do soberano, seu primo (1); a senhora

(1) *Philippe Égalité*, pae do rei Luiz Philippe I, era bisneto do *Regente*, cujo pae foi Philippe d'Orléans, irmão de Luiz XIV.

Rolland, *Bailly*, *Barnave* e cinco illustres generaes pela unica razão de terem sido derrotados. Violaram os sepulchros dos reis em S. Diniz, e profanaram barbaramente seus restos mortaes. Um decreto permittiu o divorcio, outro egualou os filhos legitimos aos naturaes (1). Academias, collegios, universidades: tudo destruiram, e, para acabar melhor com o passado, aboliram o velho calendario substituindo-lhe nova divisão e nomenclatura de mezes e de dias (2). A *ultima scena* do governo do terror foi uma das mais horrendas da historia. Tendo a *santa guilhotina* acabado com todos os

(1) Foi contra a religião que exerceram principalmente o seu furor os terroristas. Pois decretaram o culto da *deusa Razão* vedando o Christianismo, e, sob pena de morte, prohibiram fazer qualquer signal de religião christan, conservar qualquer objecto que lhe pertencesse, guardar os dias santos e mostrar, ainda que levemente, desapprovar o culto nacional da referida deusa. Sob a mesma pena de morte ordenaram a todos os sacerdotes jurassem que tinham até então enganado o povo ensinando-lhe uma religião falsa. Derrubaram por toda a parte as egrejas ou as dedicaram á infame deusa, que era uma dançarina impudica; roubaram os vasos sagrados e outros instrumentos do culto, e, depois de os macular indecentemente os queimaram em publico; parodiaram a confissão, o sermão e as mais funcções da Egreja, vestiram de bispo um burro (não só em Pariz, como em diversos outros logares), conduzindo-o processionalmente pela cidade até o seio da Convenção com vivo applauso dos deputados. Collocaram, além disto, a infame deusa sobre um carro triumphal *em acto de pisar aos pés um crucifixo* (horresco referens!), levando-a do mesmo modo pela cidade até a Convenção, onde ella, assentada na cadeira do presidente, recebeu as homenagens dos deputados. Transferindo-a, por fim, á cathedral e collocando-a no throno de Nossa Senhora, offereceram-lhe honras divinas. Vide — Wouters, Rohrbacher, Darras, C. Cantú, Thiers, Rivaux, Daniel, Alzog, Chantrel, Salzano, Blanc, Bercastel e Henrion, Lacretelle, Victor Duruy, Amadeu Gabour; Peter Fredet D. D.; Jorge Weber, protestante allemão; Jorge Park Fisher, protestante americano; Glaire, art. Hebert; Bouillet, item; Feller, item. Vide tambem a *Revue des Questions Historiques* em um artigo anterior a 1878. Todos estes autores falam destas glorias da revolução como de um facto bem conhecido, incontestado e incontestavel; porém nem todos referem as mesmas circumstancias. Com receio de offenderem o leitor empregam geralmente euphemismos, mas alguns se explicam claramente. Conhecemos um ou outro autor do nosso tempo, que não refere estes horrores, mas não achamos algum que os negue. Observamos isto, porque, não ha muitos annos, um certo deputado teve a coragem de negar em publico parlamento a existencia de semelhantes façanhas.

(2) Supprimindo a *era christan* (5 de Out. de 93) decretaram a *franceza*, que devia começar no dia 22 de Set. de 92, dia da fundação da republica. Dividiram o anno civil em doze mezes de trinta dias. Chamaram os mezes do outono, *vendémiaire, brumaire, frimaire*; os do inverno, *nivôse, pluviôse, ventôse*; os da primavera, *germinal, floréal, prairial*; os do verão, *messidor, thermidor, fructidor*. Cada mez foi dividido em trez *decadas*, e seus dias foram denominados: *primidi, duodi, tridi, quartidi, quintidi, sextidi, septidi, octidi, nonidi, decadi*. O *decadi* era dia santo. Aos santos do calendario chris-

inimigos da Montanha, esta dividiu-se em tres partidos, a saber: *os exaggerados*, cujo chefe era *Hebert; os moderados*, á cuja frente estava *Danton*, e o *triumvirato*, em que dominava Robespierre. Aggredidos os primeiros por *Danton* e *Robespierre*, foram condemnados á morte, que soffreram com vil pusillanimidade. Pouco depois *Danton* e seus collegas, culpados de moderantismo pelo mesmo *Robespierre*, perderam a cabeça no cadafalso. Então o terror subiu ao ultimo ponto fazendo Robespierre correr rios de sangue humano. Contam-se entre as numerosas victimas a *irman de Luiz XVI*, o grande chimico *Lavoisier*, os poetas *Roucher* e *André Chénier* com todo o parlamento de Tolosa. Acoimados por fim de tyrannia e condemnados á morte pela Convenção, *Robespierre* e seus collegas tentam fugir e suicidar-se; porém são presos e levados ao cadafalso no meio das imprecações dessa populaça que pouco antes os proclamava regeneradores da humanidade.

439) **Reacção Thermidorial**—*9 Thermidor* (27 de Jul. de 94—26 de Out. de 95).—A morte de Robespierre privou a *Montanha* da sua força, passando a maioria da assembléa para a *Planicie*, partido composto de moderados. Estes, portanto, abolindo as leis sanguinarias do *Terror* e acabando com a *communa de Pariz*, mandaram para a guilhotina *Carrier*, autor das *noyades* (1) e dos casamentos republicanos de Nantes; *Maigret* e outros que em Lyão e em Toulon haviam realizado matanças mais que selvagens. Desarmaram por duas vezes o povo, que, sublevando-se, havia invadido a sala da assembléa bradando: *Pão e a constituição do anno II*. Crearam, de mais a mais, o grande livro da divida publica; organizaram o museu; adoptaram a uniformidade de pesos e de medidas; estabeleceram o telegrapho *aëreo;* autorizaram diversas escolas de medicina

---

tão substituiram nomes de legumes, de animaes etc., v. g. *Raisin, safran, châtaigne, calchique, cheval, balsamide, carotte, amarante, panais*, etc. etc. O principio do anno fixou-se no equinoxio do outono, i. é., no dia 22 de Setembro. Os doze mezes eram seguidos por cinco dias complementarios chamados *sanculottides*. O periodo de quatro annos, no fim do qual os dias *complementarios* eram *seis* em logar de cinco, chamava-se *franciada*. O quarto anno da *franciada* denominava-se *sextil*.

(1) Com o pretexto de deportar proscriptos para a Guiana, *Carrier* enchia com elles em Nantes diversos navios, que depois punha a pique praticando um buraco no fundo. E' esta crueldade que recebeu o nome de *noyades*. Deu o mesmo *Carrier* por desprezo o nome de *casamento republicano* ao facto de atirar ao rio um homem e uma mulher amarrados juntamente.

e de direito; decretaram um vasto systema de instrucção nacional e a fundação da escola normal, do conservatorio, do instituto nacional, etc. Tendo por fim concluido a constituição do anno III (94), separou-se convocando o *Directorio*. Foi nesta occasião que *Bonaparte* ensaiou seu tino militar, reprimindo habilmente por meio do canhão um novo levantamento popular.

440) I Colligação (93-95)—Resistia, no entretanto, gloriosamente em toda a parte, o exercito francez á *I Colligação européa*. Assumindo a direcção de todas as operações militares, acudiu *Carnot* aos revezes experimentados no principio da guerra, devidos principalmente á defecção de (1) *Dumouriez* (93). *Toulon* foi retomada aos Inglezes, que, sendo desbaratados outrosim no norte, foram compellidos a levantar o cêrco de *Dunkerque*. No mesmo tempo *Dugommier* e *Moncey* derrotavam os Hespanhóes nos Pyrenéos (94); *Jourdan*, os Allemães em *Wattignies* (93) e em *Fleurus* (94), emquanto *Pichegru*, invadindo a Hollanda, se apoderava da frota inimiga, presa no gelo (Jan. de 95). Produziram estas victorias o *tratado de Basiléa* (22 de Jul. de 95), pelo qual a Prussia e a Hespanha reconheceram a republica franceza.

441) O Directorio (27 de Out. de 95—9 de Nov. de 99)—reanimou por um instante o credito substituindo ao papel-moeda, já totalmente desconceituado, apolices territoriaes que dentro em pouco tiveram a mesma sorte. Declarou-se, portanto, o governo fallido de uma immensa quantia. Conservou o Directorio as leis da Convenção contra o *Christianismo*; mandou Bonaparte á Italia e ao Egypto; arrancou brutalmente de Roma o papa Pio VI, e luctou com varias conspirações entre as quaes se destaca a de *Graccho Babeuf*. Como as eleições de 97 enviassem para a Camara uma notavel maioria realista, 53 deputados e dois ministros foram presos e deportados (18 de Fructidor ou 4 de Set. de 97).

442) II Colligação (1798)—Tendo o Directorio, durante a ausencia de Napoleão, organizado alguns governos republicanos (*Republica Romana*, *Helvetica*, *Parthenopéa*, etc.),

---

(1) *Dumouriez* já era marechal quando começou a revolução. Posto á frente do exercito do Norte, ganhou numerosas victorias, conquistou a Belgica e repelliu os Prussianos; soffrendo, porém, na batalha de Nerwin, (18 de Março de 93) um pequeno desastre, foi chamado pela Convenção, á qual recusou obedecer desertando para o campo inimigo, donde se retirou para a Inglaterra.

dependentes da França, as potencias da Europa, excepto a Prussia e a Hespanha, formando uma *II Colligação*, derrotaram os Francezes em muitos logares. O governo *directorial*, por conseguinte, estava ameaçado da ultima ruina quando Bonaparte, ao voltar do Egypto, lhe perguntou:— *Que haveis feito dessa França, que eu vos deixei tão brilhante?*

443) **Napoleão.**—*Seus principios.*—Era Napoleão ainda muito moço e simples ajudante-general, quando se distinguiu expulsando os Inglezes de Toulon. Incumbido pelo Directorio de capitanear a expedição da Italia, conquistou rapidamente todo o norte da Peninsula, e obteve o tratado de *Tolentino* (17 de Fev. de 97), pelo qual Pio VI cedeu Avinhão e a Romanha. Penetrou no Friule e dictou á Austria o tratado de *Campo-Formio*, (17 de Out.), que lhe deu as ilhas Jonias, a Belgica e toda a margem esquerda do Rheno. Sacrificando Veneza e a Istria, que entregou á Austria, organizou a republica *Ligurina*, cuja capital foi Genova, e a *Cisalpina*, que comprehendia Mantua, a Lombardia e a Romanha. Encarregado então de expulsar os Inglezes do Egypto, e de prestar apoio a *Typpou-Saëb*, o heroico defensor do Hindostão, occupa *Malta* de passagem; desembarca perto de *Alexandria* (1 de Jul. de 98); ganha a batalha (1) das *Pyramides* (21 de Jul.) e, tomando *Gaza* e *Jaffa*, vae pôr cêrco a *S. João d'Acre*. Destroça a *Turquia* na batalha do *Monte Thabor* (16 de Ab. de 99), e, de volta ao Egypto, dispersa em *Aboukir* 18.000 Janizaros (24 de Jul.). Passa á França (Ag.), apesar de lhe ter *Nelson* destruido a frota; humilha o Directorio, e, pelo golpe de estado de 9 de Nov. de 99, apossa-se do supremo poder com o titulo de *primeiro consul*.

444) **Consulado.**—10 de Nov. de 99—1804).—Subindo ao consulado, dotou Napoleão a França de uma *nova constituição* em que attribuiu tanta autoridade ao primeiro consul, que para ser monarcha só lhe faltava o nome. Captivou a sympathia geral reabrindo as egrejas, restituindo a liberdade aos sacerdotes, assignando uma *concordata* com Pio VII, abolindo o emprestimo forçado e reformando toda a administração. Interrompe por um instante estes trabalhos; vôa a Italia e derrota os Aus-

(1) *Soldados*, exclamou Napoleão ao travar-se a peleja, *quarenta seculos vos estão contemplando do alto destas pyramides!*

triacos em *Marengo*, a quem tira a Lombardia. Assignando pouco depois a paz com a Austria, consegue colligar a Russia, a Dinamarca e a Suecia contra a Inglaterra, que pelo tratado de *Amiens* (1802) obriga a restituir todas as conquistas feitas em dez annos — **Imperio** (4—15). Desde o anno de 1802 foi Napoleão, em recompensa de seus grandes serviços, nomeado *consul por toda a vida*. Por outro lado a conspiração da machina infernal, e a guerra que devia em breve atear-se contra a Inglaterra, grangearam notavel importancia ao restaurador da França. Havendo, portanto, um tribuno proposto dar-lhe a coroa com o titulo de imperador, o senado approvou a proposta, Pio VII o sagrou, e elle se coroou a si mesmo e a imperatriz na cathedral de Pariz no dia dois de Dezembro de 1804. A convite das republicas italianas cingiu tambem a *Coroa de Ferro* com o titulo de rei da Italia.

445) III Colligação, 1805. — Irritadas com a noticia desta nova gloria de Bonaparte, as potencias européas unem-se uma terceira vez contra a França; porém Napoleão, partindo de subito para a Germania, atravessando em seis semanas a Baviera e transpondo o Danubio, bate os austriacos em diversos logares; entra em *Vienna* (3 de Nov. de 1805); persegue o imperador, que foge para a *Moravia*, e, na planicie de *Austerlitz*, esmaga o exercito austro-russo (1). O fructo desta memoravel victoria foi o tratado de *Presburgo* (5), tão humilhante para a Germania, e a *Confederação do Rheno*, que, dissolvendo o antigo imperio allemão, obrigou *Francisco II* a depor o titulo de *imperador da Germania*, e a tomar o de *imperador da Austria* com o nome de *Francisco I* (2). No mar a fortuna das armas mostrou-se menos risonha a Napoleão, porquanto

---

(1) *Soldados*, disse Napoleão depois desta batalha, *estou satisfeito comvosco. Vós cobristes de gloria as aguias imperiaes.*

(2) *A Maria Thereza* e a Francisco I haviam succedido: —1) *José II* (1765—90), seu filho, que, a despeito das paternaes admoestações de Pio VI, perseguiu a Egreja usurpando-lhe o ministerio, e propagou os principios dos *philosophos athéos*. *Os Paizes Baixos* revoltaram-se contra elle:—2) *Leopoldo II* (1790—92), irmão de José II, acolheu os emigrados francezes, e combateu contra a França, etc—3) *Francisco II* (92—1835) ou I, filho de Leopoldo II e sobrinho de Maria Antonieta, achou-se envolvido em todas as commoções da época. Foi pae de *Fernando I* e avô de Francisco José, o actual imperador. *Fernando I*, successor de Francisco II ou I e genro de Victor Manuel I da Sardenha (31), era tio de Francisco José e irmão de Maria Luiza, mulher de Napoleão I. Abdicou em 1848 e falleceu em 1875.

na batalha de *Trafalgar* (21 de Out. de 1805), apesar da morte de *Nelson*, os Inglezes destroçaram completamente a esquadra hispano-franceza.—**IV Colligação, 1806.**—Tendo o imperador constituido o ducado de *Berg* á custa da Prussia, esta formou a IV Colligação unindo-se á Inglaterra, Suecia e Russia. Marcha, portanto, Napoleão incontinenti contra a Prussia, aniquilando-a na batalha de *Iena* (14 de Out.); entra em Berlim (28) e decreta o bloqueio continental contra a Inglaterra. As victorias de *Eylau* (7 e 8 de Fev. de 1807) e de *Friedland* (14 de Jun.), conseguidas sobre os Russos e os Prussianos, facilitaram a conclusão do tratado de *Tilsit*, pelo qual *Bonaparte* e *Alexandre I* (1) dividiram amigavelmente entre si o mundo. A linha imaginaria demarcadora, passando por Tilsit, devia alongar-se de polo a polo, ficando o Oriente para a Russia, o Occidente para a França.

446) **A' guerra da Hespanha**—déram occasião as desavenças domesticas, estimuladas pelo *Principe da Paz*, entre *Carlos IV* e *Fernando VII*, seu filho. Pois Napoleão, nomeado arbitro entre elles, attrahiu a Bayonna a familia real; obrigou o filho a restituir a coroa a seu pae, e o pae a cedel-a ao imperador da França (1808)! Comtudo os Hespanhóes, apoiados pelos Inglezes, oppuzeram heroica resistencia aos imperiaes, que invadiram a Peninsula. O proprio Napoleão transpondo os Pyrenéos, occupou *Saragossa* e *Madrid* (9), e porventura conquistaria toda a Hespanha, si não fosse chamado repentinamente á Germania pela—**V Colligação, 1809.**—Como a Austria tivesse, por conselho da Inglaterra, tomado a offensiva ao mesmo tempo na *Polonia*, na *Baviera* e na *Italia*, Bonaparte voa á Germania; ganha em quatro dias consecutivos quatro grandes batalhas; entra em Vienna (13 de Maio); persegue os Austriacos além do Danubio; alcança as memoraveis victorias de *Essling* (22 de Maio) e de *Wagram* (6 de Jul.); dicta a *Paz de Vienna* (14 de Out.) e obtem as provincias illyricas.—O imperio francez neste tempo tocou o auge da sua gloria e grandeza, porém já em toda a parte iam apparecendo symptomas de dissolução.

447) **Pio VII.**—*Napoleão bate na pedra angular e fica perdido.*—Recusando Pio VII expulsar de seus estados os Inglezes, foi, por ordem de Napoleão, preso (6 de Julho

(1) *Alexandre I* (1802—25) era filho de Paulo I (96—1801), filho e successor de Catharina II.

de 1809), fechado na fortaleza de *Savona* e, por cinco annos, privado de toda a communicação com os cardeaes e o mundo catholico. Transferido mais tarde para *Fontainebleau*, foi tratado muito indignamente pelo proprio imperador em pessoa. Esta acção inqualificavel que offendia a consciencia de duzentos milhões de catholicos, perdeu o seu autor fazendo a excommunhão litteralmente *cahir as armas das mãos de seus soldados* na—**Campanha da Russia em 1812.**(1)—Tendo Aexandre I permittido o commercio com os Inglezes, Napoleão atravessou a fronteira á testa de 650.000 homens. Depois da batalha de *Smolensko* (17 de Ag.), retiraram-se os Russos convertendo todo o paiz em um deserto. A bem disputada victoria de *Borodino* ou do *Moskova* abriu aos invasores as portas da capital (17 de Set.), que fôra desamparada e dentro em pouco foi entregue ás chammas. Ordena Bonaparte a retirada (18 de Out.) e oppõe forte resistencia aos continuos ataques do inimigo; declarando-se, porém, um inverno excessivamente rigoroso, *caem as armas das mãos dos soldados*, succumbindo cada noite milhares de homens e de cavallos. A ultima e mais tremenda scena occorreu na passagem do *Beresina* (26—28 de Nov.), onde quebrando uma ponte, os Francezes que no mesmo tempo eram acossados pelos Russos, pereceram em grande numero. Tratava, no entretanto, Pariz de proclamar a republica, a Germania insurgia-se em peso, e numerosas deserções appareciam de todos os lados. Logrou, todavia, Napoleão serenar os espiritos, reunir um novo exercito e ganhar as gloriosas victorias de *Lutzen* e de *Bautzen* (2 e 21 de Maio de 13).

VI Colligação—1813—14.—Como Bonaparte recusasse a paz que os alliados lhe offereceram em *Praga*, os soberanos da Europa colligaram-se de novo contra o inimigo commum. Napoleão venceu ainda os inimigos em *Dresda* (27 de Ag.); seus generaes, porém, levaram diversas derrotas. Feriu-se, por fim, a memoravel batalha de *Leipsick*, que durou tres dias (16, 17 e 18 de Out.), sendo os Francezes destroçados com immensas perdas. Invadem então os alliados a França por todos os lados, e cercam Pariz, que logo capitúla (30 de Mar.),

(1) Queixando-se Bonaparte ao rei de Napoles da resistencia de Pio VII, escreveu estas palavras: «Que fará, pois o Papa? Ha de querer excommungar-me; mas fará a *excommunhão cahir as armas das mãos dos meus soldados?* E neste caso que falta sinão cortar-me o cabello e *fechar-me em um mosteiro?*» Deus encarregou os Russos da primeira parte desta sorte de imprecação; os Inglezes da segunda, conforme veremos.

emquanto o senado depõe Napoleão (3 de Abr.), que parte para a ilha de Elba (1).

448) I Restauração.—Os cem dias, (1814—15.)—*O conde de Provença*, que o senado chamou agora para o throno, assumindo o nome de Luiz XVIII e outorgando uma *Carta constitucional*, assignou a paz com os alliados e dentro em breve foi pela volta do imperador obrigado a fugir para Gand; pois Napoleão, aproveitando-se da indolencia dos *Burbons* e illudindo habilmente a vigilancia dos embaixadores que o cercavam, sahiu da ilha de *Elba* (10 de Março de 1815); desembarcou em *Cannes* com um punhado de gente e dahi a poucos dias subiu de novo ao throno da França; alistou um grande exercito, e marchou contra os alliados, que, no dia 18 de Junho de 1815, o esmagaram na immortal batalha de *Waterloo*. Correndo então a Pariz, abdica em favor do *rei de Roma*, seu filho, e tenta organizar a defesa da capital. Comtudo, em vista da resistencia e das ameaças do *governo provisorio*, entrega-se (15 de Julho) aos Inglezes, que o mandam para os rochedos de *S. Helena*, onde morre a cinco de Maio de 1821, em seguida a quasi seis annos de duro captiveiro. No entretanto *Pio VII*, que desde 1814 regressara para Roma, governava prosperamente a Egreja;

(1) A constituição imperial dictada pelo *senatus-consulto organico* do anno XII (18 de Maio de 1804) e approvada pela grande maioria dos Francezes, declarava a dignidade imperial hereditaria por ordem de primogenitura na descendencia masculina legitima ou adoptiva de Napoleão. O imperador gosava de autoridade absoluta sobre a familia imperial, cujos membros tinham o gráu de principes. Fixaram a maioridade do herdeiro ao throno na edade de 18 annos completos; excluiram da regencia as mulheres: a lista civil era de 25 milhões de francos: a dotação de cada principe, de um milhão. Napoleão creou uma aristocracia nova, honrada com titulos pomposos e enriquecida de avultadas dotações. Os primeiros titulos eram o de *grande eleitor*, de *condestavel*, de *archichanceller do imperio*, de *archi-chanceller do estado*, de *grão thesoureiro*, de *grande almirante*, etc. Concedeu tambem Napoleão uma amnistia geral; fundou o banco de França e muitas escolas; creou a *Legião de honra*; favoreceu as sciencias, as artes, etc.; abriu o canal de S. Quintino, e a estrada do Simplon entre a Italia e o Valais; publicou um novo codigo; fundou os reinos: da *Etruria* (na Paz de Luneville, 1801) para o infante de Parma; da *Italia*, 5, cuja coroa cingiu elle mesmo, mas o deu a governar a Eugenio de Beauharnais com o titulo de vice-rei; da *Baviera* e de *Wurtemberg*, 5, para seus duques respectivos; de *Napoles*, 6, para José, seu irmão mais velho; da *Hollanda*, 6, para Luiz, seu irmão mais moço; da *Saxonia*, 6, para seu duque respectivo; de *Westphalia*, para Jeronymo, o mais moço de seus irmãos; da *Hespanha*, 8, para José que transferiu de Napoles, para onde mandou Murat, seu amigo; de *Roma*, 1811, para seu filho. Foi durante o bloqueio continental que se achou na França o modo de fazer o assucar de *beterraba*.

concluia uma concordata com Luiz XVIII; hospedava a senhora *Leticia*, mãe de Napoleão, e vivia até 1823.

HISTORIA CONTEMPORANEA

Abalo geral da Sociedade

CONSEQUENCIA DOS PRINCIPIOS PROCLAMADOS NA REVOLUÇÃO FRANCEZA

PERIODO I.—RESTAURAÇÃO, 1814—30

449) **Congresso de Vienna (1814—15).**—Segundo o disposto no *tratado de Paris de dez de Maio de 1814*, reuniram-se as potencias em *Vienna* (3 de Out.) para tratar de reorganizar a Europa, cujo *equilibrio* perecera de todo. Neste grande senado europeu estiveram pessoalmente presentes os monarchas da Austria, da Russia e da Prussia com a maior parte dos soberanos secundarios da Allemanha. A França foi representada por *Talleyrand;* a Inglaterra, por lord *Castlereagh;* o Papa, pelo cardeal *Gonsalvi*. O congresso de Vienna, reduzindo a França proximamente ás fronteiras de 1792, impoz-lhe a restituição das obras primas que tirára a diversos paizes, restabeleceu o poder temporal do Papa, creou a confederação germanica e reformou quasi inteiramente o mappa da Europa.

450) **Luiz XVIII (1814—24)**— chamado ao throno por um senatus-consulto quando Bonaparte abdicou a primeira vez, retirou-se para Gand, durante a invasão dos *cem dias* (Março — Julho).—A sua tarefa era melindrosa e summamente difficil. Cumpria-lhe estar sob a pressão sempre hostil da Inglaterra que lhe impunha medidas ruinosas, e governar um paiz grandemente abalado pelas revoluções e guerras antecedentes. Achava-se a França nesta época dividida em dois como campos—o dos *vencidos* e o dos *vencedores*. Dos *vencidos*, alguns pediam a constituição segundo os principios de 89; outros queriam a republica. Aquelles não tardaram em tomar o nome de *liberaes;* estes suspiravam por novas revoltas e vinganças medonhas. Dos *vencedores*, bem poucos entendiam que o verdadeiro remedio para os males da Sociedade estava em voltar sincera e totalmente á religião. Queriam estes o Christianismo, mas só como instrumento de governo e até mostravam o desejo de

restaurar as pretenções gallicanas de Luiz XIV. Accresce a tudo isto a grande influencia das *sociedades secretas*, que, no tempo da republica e do imperio, se tinham propagado com actividade incrivel. Ponderando, pois, Luiz a difficuldade da situação, antes mesmo de entrar na capital, outorgou uma *Carta* em que, estabelecendo o governo constitucional com duas camaras, reconheceu diversos *principios liberaes* de 89; pagou a quantia de 700 milhões, imposta pelos alli dos como indemnização de guerra; assignou com elles o tratado de Pariz (10 de Maio de 14), bem como o de Saint Cloud (3 de Julho de 1815), e libertou, em tres annos, o territorio que devia ser, durante cinco annos, occupado por 150.000 soldados extrangeiros. Ao voltar de Gand, concedeu uma amnistia geral, mas algumas excepções nella introduzidas o tornaram muito odioso; reprimiu no mesmo tempo as desordens do sul, commettidas por um povo cançado de soffrer, e injustamente denominadas por alguns *terror branco;* emprehendeu a expedição da Hespanha, e assignou (26 de Set. de 15) com a Austria e a Russia o tratado da *Santa Alliança*, proposta pela baroneza de *Krudner*. Por este tratado as diversas potencias se obrigavam a prestar-se mutuo apoio e a governar seus subditos como seus proprios filhos.

451) **Os partidos.**—Organizaram-se neste tempo na França dois partidos, a saber: o dos *independentes* e o dos *realistas*. Subdividiam-se estes em *ultra-realistas*, e *moderados* ou *constitucionaes* ou *doutrinarios*, que se punham como *arbitros* entre a autoridade real e a liberdade.—Os *independentes* subdividiam-se em *bonapartistas* e *republicanos*. Os *republicanos* breve assumiram o nome de *liberaes*. Unindo-se ao depois os *doutrinarios mais adeantados* e os *liberaes mais moderados*, constituiram o partido do *Justo Meio*, que não recusava a realeza, mas a queria cercada de instituições republicanas. A alma e o apoio deste partido foi *Luiz Philippe*, duque de Orléans, que do *Palais Royal* e da sua residencia em *Neuilly* dirigia todos os movimentos dos revolucionarios contra seus primos, *Luiz XVIII*, que lhe restituira o seu rico apanagio, e *Carlos X*, que confirmára essa restituição.—**As camaras.**—A primeira camara, composta toda de realistas ardentes e pelo rei qualificada de *introuvable* (1), suspen-

(1) Como não se sabe em que sentido o rei empregou esta palavra, é muito difficil verte-l-a. Alguns a traduzem—*invisivel*; outros, *que não se póde achar* ou *sem egual*.

deu a liberdade individual; restaurou por tres annos os tribunaes *prevotaes* (1); decretou uma nova lei eleitoral, a abolição do divorcio e o lucto para o dia 21 de Janeiro. Comtudo Luiz dissolveu (16 de Set. de 16) esta camara convocando outra, que adoptou o systema do *Justo Meio* e restabeleceu o recrutamento, já supprimido pela *Carta*.—Realizava, no entretanto, a opposição conquistas mui consideraveis mandando cada anno para a camara homens mais adeantados. O rei, pois, tomando algumas medidas repressivas, modificou o ministerio no sentido da *direita*.

452) **Movimento revolucionario**.—Entendendo, portanto, os revolucionarios que chegára o momento de vir aos factos, déram um abalo geral em toda a Europa.—**Hespanha**.—Este movimento principiou na Hespanha no dia 5 de Janeiro de 1820 com o pretexto de que *Fernando VII* revogára em 1816 a constituição outorgada pelas *côrtes* em 1812. Promoveram o motim que começou em Cadiz, o coronel *Quiroga* e o logar-tenente coronel *Riego*, os quaes conseguiram que o rei désse uma nova constituição (9 de Mar.). Esta insurreição facilitou a independencia das colonias hispano-americanas.—**Portugal**. Como o rei D. João VI permanecesse ainda no Rio de Janeiro, o coronel *Sepulveda* rebellou o seu regimento. Hasteando o pendão da revolta no Porto (24 de Ag. de 1820), os *constitucionaes* entraram triumphantes em Lisboa. Communicando-se o movimento ao Brasil, D. João VI jurou a constituição que as côrtes de Lisboa haviam de promulgar (26 de Fev. de 21).—**Em Napoles**, Fernando IV, que, durante a invasão franceza, se retirára para a Sicilia, declarou-se independente da Hespanha (16) assumindo com o nome de Fernando I o titulo de rei das *Duas-Sicilias* e abolindo a constituição que em 1812 concedera sob a pressão da Inglaterra. Tal foi o motivo ou pretexto apresentado pelo general *Guilherme Pepe*, que, pondo-se á testa de uma sedição militar e entrando em Napoles, obrigou o rei a conceder uma nova constituição (13 de Jul. de 20).—Semelhantes perturbações se realizaram tambem em *Turim*, onde *Victor-Manuel I* (1802—21) abdicou em favor de *Carlos Felix* (21—31), seu irmão.—**Na França**—manifestaram o movimento revolucionario o assassinato do duque de *Berry* (13 de Fev. de 20), diversas conspirações

(1) Tribunaes excepcionaes, presididos por um militar; julgavam *summariamente*. A sua sentença era inappellavel e devia ser executada dentro de vinte e quatro horas.

militares e a guerra declarada aos seminarios, ás congregações e a toda a sorte de corporação religiosa.— **Na Germania** revelaram este mesmo abalo a morte violenta do escriptor *Kotzebue* (19 de Março de 19) e as ovações clamorosas que a associação dos estudantes tributou a *Carl Sand*, autor desse crime (1). Alvorotavam-se neste mesmo tempo a Grecia contra a Turquia, a Polonia contra a Russia, a Irlanda contra a Inglaterra, as colonias sul-americanas contra a Hespanha e Portugal.

453) **Remedios insufficientes**.—Os monarchas da Europa não podiam deixar de assustar-se com estes movimentos tão universaes e tão uniformes, que revelavam um plano geral concebido e executado por uma unica pessoa. Recorreram, portanto, a diversos meios, como á *Santa Alliança*, que a Inglaterra recusou acceitar; á *quadrupla alliança*, estipulada entre a França e a Russia, a Inglaterra e a Austria; bem como aos *congressos*, promovidos principalmente pelo rei Christianissimo; nada, porém, conseguiram, quer porque estes meios, tomados de per si, são insufficientes, quer porque ninguem buscava o bem commum, mas cada qual cuidava no seu bem particular, e na oppressão dos outros. Com effeito no congresso de **Aquisgrana** (Out.—Nov. de 1818) apenas affirmaram de novo os principios conservadores; o congresso de *Carlsbad* (Ag. de 19), pronunciando-se contra as instituições democraticas, fortificou os poderes da *dieta* (2); o de *Troppau* (Out — Dez. de 20), na Silesia austriaca, decidiu que a Austria entraria na Italia para restituir a autoridade ao poder regio; o de *Laybach* (21), perto de *Trieste*, declarou guerra aos constitucionaes de Napoles. Emfim o congresso de *Verona* (Set. de 22) discutiu diversas questões de grande alcance (3); apenas, porém, logrou impor á Austria que evacuasse o Piemonte e abreviasse a occupação de Napoles (4).

---

(1) Accusavam *Kotzebue* de revelar á Russia o que se passava na Germania.

(2) *A dieta* de Francfort, sobre o Meno, representava a confederação germanica, creada pelo congresso de Vienna, que deu a presidencia della á Austria.

(3) Eram estas:—1) o *commercio dos negros* que a Russia, a Austria e a Prussia aboliram apenas em 1841;—2) a *pirataria* nos mares da America; 3) as *desavenças* entre a Russia e a Turquia; —4) a *organização* da Italia; 5) a *revolução* da Hespanha.

(4) Os *austriacos*, ao mando de Fernando I, tinham, logo depois do congresso de *Laybach*, entrado em Napoles e restabelecido a realeza ab-

454) A França na Hespanha (23).—Apesar da mais viva opposição do gabinete inglez e dos revolucionarios francezes, Luiz XVIII mandou além dos Pyrenéos cem mil homens ás ordens do duque d'Angoulême, filho de Carlos X, e dos generaes Guillerminot e Molitor. Depois de derrotarem algumas companhias de seus patricios, foram os Francezes recebidos em triumpho pelo povo de Madrid (29 de Maio de 23); bateram os rebeldes; occuparam Cadiz; restabeleceram o rei absoluto, e ficaram na Hespanha por cinco annos. O exito feliz desta expedição ia consolidando de tal modo a realeza na França, que as eleições de 1824 mandaram apenas 19 liberaes para a camara, ironicamente denominada *retrouvée*, quando a morte do monarcha (16 de Set. de 24) veiu produzir uma grande alteração no paiz.

455) Carlos X (1824—30)—ganhou a principio a sympathia dos *Catholicos* mostrando-se amigo da religião e fazendo-se sagrar em Reims segundo o rito ecclesiastico. Tentou captar tambem a dos *liberaes* dizendo que não queria *alabardas*, promettendo observar a *Carta*, abolindo a censura prévia da imprensa (1) e declarando que perante elle todos os Francezes eram eguaes; porém só logrou animar seus adversarios, que recorreram a todos os meios para o tornar odioso e extorquir-lhe concessões sempre maiores com damno da religião e da realeza.—**Os principaes ministros** de Carlos X foram: 1) *Villèle* (24—28) que attrahiu sobre si o odio dos liberaes fazendo a proposta de indemnizar os emigrados e de restabelecer o direito de primogenitura, apoiando a lei contra o sacrilegio, dissolvendo a guarda nacional e restaurando a censura prévia da imprensa. Formou-se nestas conjuncturas uma associação com a divisa: *Aide toi; le ciel t'aidera*. Em Pariz gritou-se: *Viva á Carta, viva aos deputados, abaixo os ministros*, etc. e até correu sangue. Villèle, portanto, retirou-se.—2) *Martignac* (28—29) cahiu pela dupla opposição dos *liberaes*, a quem fizera numerosas concessões, e

soluta (21 de Março de 21); tinham no mesmo tempo occupado o *Piemonte*, depois de baterem em *Novara* (8 de Abril de 21) os *carbonari* que deportaram em grande numero para a fortaleza de *Spielberg* na Moravia. *Francisco I* (25—30), filho e successor de Fernando I das Duas-Sicilias (1816—25), capitaneou os rebeldes contra seu predecessor e foi pae de Fernando II (30—59), de Maria Christina da Hespanha, e de Maria Thereza, imperatriz do Brasil.

(1) The press was emancipated from the censorship....and the government immediately fell under the censorship of the press.—Macaulay.

dos *realistas*, irritados em virtude dessas mesmas concessões.—3) *Polignac* (29—30), realista ardente, foi desde o principio combatido encarniçadamente pelos *liberaes*, que instigaram o povo a recusar os tributos. Figuraram entre os opposicionistas *Chateaubriand*, *Villemain*, *Salvandy* e *Thiers* que fundou o *Nacional* juntamente com Mignet, e Armand Carrel. Na occasião de abrir-se o parlamento, o rei annunciou o fim da guerra da Grecia e o principio da de Argel; a resposta, porém, á fala do throno, votada por 221 deputados contra 184, affirmou (18 de Mar. de 30) que a *camara já não estava de accordo com o governo*. Sendo o parlamento dissolvido, os 221 deputados foram reeleitos, subindo a opposição a 274.

456) **Revolução de Julho**—Carlos, portanto, estribando-se no artigo quatorze da Carta, suspendeu a liberdade da imprensa, despediu os deputados antes que se reunissem e modificou a lei eleitoral (26 de Jul.). Julgava-se, o soberano tão seguro, que não tomou nenhuma precaução. A imprensa, todavia, capitaneada por Thiers, estimulou o povo á revolta (27), que sem demora começou em Pariz (28) com o grito de: *Abaixo os Burbons*. Combateu-se o dia inteiro, e a deserção de dois batalhões de linha que passaram para o lado opposto, decidiu no dia 29 a victoria em favor dos revoltosos. Ao ser informado destes acontecimentos, Carlos passou de Saint-Cloud a Rambouillet, onde (2 de Ag.) abdicou no duque d'Angoulême, seu filho; este, em favor do futuro conde de Chambord, seu sobrinho. O duque d'Orléans era no mesmo tempo elevado a tenente-general do reino. Tudo foi inutil, porque em Pariz desde o dia 29 já se estabelecera um governo provisorio, que no dia 31 declarára deposto Carlos X nomeando o duque d'Orléans logar-tenente do reino. Abriu Luiz-Philippe a sessão (3 de Ag.); acceitou o titulo de *rei dos Francezes* (7), prestou (9) juramento á nova *Carta*, que lhe foi imposta e consagrou diversas liberdades, entre as quaes a do ensino. Embarcava, no entretanto, Carlos X em Cherburgo (16) para a Escossia, transferindo mais tarde a sua residencia para a Goricia, onde falleceu em 1836.

OUTROS PAIZES EUROPEUS

457) **A Inglaterra**—tambem não gosava de muita tranquillidade. Em 1819 houve na Ilha derramamento de sangue, porque os *Whigs* combatiam aos *Tories* accusando-os de fa-

vorecerem as idéas absolutistas do continente. *Jorge IV* (20—30), que succedera a Jorge III, seu pae, continuou no throno a dar grande escandalo em materia de moralidade (1). Progrediam, no entretanto, as idéas liberaes sob o ministerio de Canning (22), Huskisson e Wellington (27). O primeiro preparou a emancipação dos catholicos da Irlanda, reconheceu a independencia das colonias sul-americanas, protegeu o movimento liberal em Portugal e a insurreição na Grecia. O segundo, como discipulo de Adão Smith, trabalhou em predispor o caminho á liberdade do commercio. O terceiro aboliu o juramento do *test* (28), e levou a effeito a emancipação dos catholicos irlandezes (29).

458) **Portugal.**—O espirito de revolução grassava tambem em Portugal, que perdia o Brasil. Por morte de D. João VI (26), D. Pedro, imperador do Brasil, abdicou a coroa de Portugal na pessoa de D. Maria da Gloria, sua filha; concedeu uma constituição, e nomeou regente a D. Miguel, seu irmão. Levava em mente D. Pedro conciliar todas as questões por via de um casamento entre D. Miguel e D. Maria. Um grande numero de portuguezes, comtudo, recusando o rei constitucional, preferiram D. Miguel (Nov. de 27) que, licenciando as tropas inglezas e abolindo a constituição, convocou as *antigas côrtes*, compostas dos tres estados do reino. Estas declararam que D. Pedro, como soberano extrangeiro, segundo o disposto nas côrtes do tempo de D. João IV, era incapaz de *abdicar*, e proclamaram D. Miguel, *rei absoluto* no sentido da antiga constituição (Jul. de 28). Os *liberaes*, portanto, pegaram em armas, e a guerra civil começou.

459) **Na Allemanha**—depois das medidas severas provocadas pelo assassinato de *Kotzebue*, prevaleceram duas escolas politicas: uma *radical*, outra *historica*. A *radical* aspirava á *unidade nacional absoluta*, e á applicação das idéas modernas relativamente ao governo; falava muito de liberdade e ia dar no despotismo democratico. A *escola historica* pedia estados provinciaes, baseados sobre o antigo direito germanico; desejava a *união*, buscava apoiar-se

(1) Estava Jorge divorciado de Carolina de Brunswick, que, indo á Inglaterra reclamar os direitos de rainha, foi recebida com agrado pelo povo, mas rechassada pela côrte, e pelo rei que não duvidou accusal-a de faltas graves. Apresentando-se no dia da sagração (Jul. de 21) e repellida com violencia, morreu de sentimento (7 de Ag.). O povo levantou-se, e na repressão houve mortes.

no direito, e conservar as idéas da antiga federação feudal. A Austria inclinava-se mais á *escola historica*; a Prussia, para a *radical*. A *dieta* ou parlamento da confederação exercia uma especie de poder moderador entre as duas potencias.—Afim de combater a Austria e iniciar a *unidade germanica* deu-se a Prussia a promover a liberdade commercial, no interior. Esta liberdade que dentro em pouco se extendeu a outros estados, consistia em *supprimir* todas as alfandegas do interior e fixar uma tarifa uniforme para as da fronteira. A grande associação da alfandega ou *Zollverein* estabeleceu-se em 1833 por dez annos; renovada mais tarde, foi em 1853, mediante um tratado com a Austria, applicada a toda a Germania.

460) **Independencia da Grecia (21—29).**—Além dos *Clephtes* e dos *Palikares*, patriotas de longa data, nunca subjugados de todo pela Turquia, organizára-se desde o seculo precedente na Grecia um terceiro elemento de revolta nas *Heterias* (irmandades), especie de sociedade secreta, cujo alvo era a independencia do paiz. Uma dessas sociedades, estabelecida no seculo XVIII e reformada em 1814, uniu-se (1820) á dos Philomusas, que João Capo d'Istria fundára em Vienna de Austria. A sua séde foi Odessa; o seu novo chefe, Alexandre Ipsilanti, ajudante de campo de Alexandre I da Russia. A insurreição começou (1821) a pedido de Alí de Tébélen, pachá de Janina, que, rebelde desde varios annos, acabava de ser vencido pelos Turcos. O Epiro, a Thessalia e a Grecia toda levantaram-se em peso sob a direcção de Marcos Botzaris, João Capo d'Istria, Ipsilanti, Kollocotronis e outros, açuladores e cabeças principaes da rebellião. Como os Turcos oppuzessem viva resistencia, houve de parte a parte muito derramamento de sangue e scenas pasmosas de crueldade e de valor. Commovendo-se, portanto, a Europa celebrou numerosos *meetings*, e alguns voluntarios marcharam em apoio dos Gregos.—Conferia, entretanto, o sultão Mahmud a investidura da Moréa a *Méhémet-Alí*, pachá do Egypto, cujo filho, *Ibraïm*, passando á Grecia em navios inglezes e austriacos, submetteu todo o Peloponeso (25). Isto, porém, não desalentou os patriotas, que, depois do desastre de (1) Missolonghi, organizaram um governo provi-

(1) *Missolonghi*, cidade da Grecia, na entrada do golpho de Patras, a 34 K. O. de Lepanto. Marcos Botzaris a defendeu (22) heroicamente contra os Turcos. Cercada de novo (25), estava a cahir nas mãos dos inimigos quando Noto Botzaris, que nella commandava, a fez saltar com toda a guarnição (26).

sorio, e, fixando a capital em Nauplia, entregaram a presidencia delle ao general Capo d'Istria. A França, pois, e a Inglaterra, até então neutraes, temendo que a Russia désse um novo passo no caminho de Constantinopla, uniram-se pelo tratado de Londres (6 Jul. de 27) em favor da Grecia, e suas frotas reunidas destruiram no porto de *Navarino* a esquadra egypciaca (20 de Out.). Os Francezes occuparam a Moréa; os Russos, a Armenia e os Balkanos até Andrinopla. Por fim o tratado de Andrinopla (14 de Set. de 29), concedendo ao czar a foz do Danubio e estipulando que a *Valachia*, a *Moldavia* e a *Servia* pagariam leve tributo á Turquia, reconheceu a independencia da Grecia. Havendo Leopoldo de Saxe Coburgo Gotha recusado a coroa que lhe foi offerecida, nomearam, para governar esta nova monarchia constitucional, Othão, segundo filho do rei da Baviera, mocinho de apenas quinze annos de edade (32). Sendo Othão expulso em 1862, succedeu-lhe no anno seguinte Jorge I com o titulo de *rei dos Hellenos*. Pertence á familia real da Dinamarca e é casado com Olga, grande duqueza da Russia.

AMERICA

461) **Estados-Unidos.**—*Jorge Washington* (1778—97), eleito unanimemente primeiro presidente da União Americana, teve a principio de luctar com gravissimas difficuldades. O thesouro estava exhausto, e o Estado não tinha credito; os Indios mostravam-se hostis, e os corsarios argelinos, aggredindo os navios americanos, reduziam os marinheiros á escravidão, emquanto a Hespanha prohibia a navegação do Mississipi, e a Inglaterra não enviava o seu representante para a Republica Americana. Afim de fazer frente a todas estas difficuldades, o governo assumiu a si o pagamento de toda a divida, contrahida pelos diversos estados durante a revolução; creou a casa da moeda e um banco nacional, lançando no mesmo tempo diversos impostos. Então alguns descontentes pegaram em armas, que depuzeram promptamente ao ver que o presidente punha em campo quinze mil guardas nacionaes. E' a esta revolta ou antes tentativa de revolta que se deu o nome de *Whiskey Rebellion* (1794). Neste mesmo anno o general Wayne, mediante uma gloriosa victoria, obrigou á paz os Indios do noroéste que haviam derrotado dois exercitos da Republica. No anno seguinte assignou o governo com a Inglaterra um tratado relativo ao pagamento da divida; obteve

a livre navegação do Mississipi; rectificou a fronteira da Florida que ainda pertencia á Hespanha, e conseguiu que o Mediterraneo fosse aberto aos navios americanos. Maior difficuldade encontrou Washington em conservar-se neutral entre a Inglaterra e a França, porque o povo mostrava grande sympathia para com esta. A administração de *Adams* distinguiu-se apenas por algumas difficuldades com a França, que insultára a bandeira da União, e havia capturado diversos navios. A guerra estava a ponto de atear-se, quando Napoleão, nomeado primeiro consul, restabeleceu a harmonia. Foi então eleito *Jefferson*, que comprou a Luiziana por quinze milhões de dollars, e sustentou uma guerra contra o pachá de Tripoli, a quem dictou a paz. *Jayme Monroë*, nomeado em 1817, declarou que toda a tentativa de qualquer nação européa, para adquirir dominio na America, seria pelos Estados-Unidos considerada como acto de hostilidade. Esta declaração é conhecida sob o nome de *doutrina de Monroe*.

462) **Guerra com a Gran-Bretanha** — Como os Estados-Unidos recusassem tomar parte na lucta que neste tempo ardia entre a França e a Inglaterra, seus navios eram perseguidos por ambas as nações. Pretendiam de mais a mais os Inglezes terem direito de visitar no alto mar os navios americanos e prender os marinheiros, inglezes por nascimento, affirmando que um inglez não se póde naturalizar em outro paiz. *Once an Englishman, always an Englishman*, diziam elles. Fizeram, pois, fogo contra um navio americano; visitaram-no, e prenderam quatro marinheiros a pretexto de serem desertores. Levantavam no mesmo tempo os selvagens do oéste que foram repellidos com perdas muito graves (11). Declararam, portanto, os Estados-Unidos a guerra contra a Gran-Bretanha invadindo o Canadá em 1812. Derrotados por diversas vezes na fronteira, conseguiram algumas vantagens no mar e no lago Erié. Nos dois annos seguintes feriram-se numerosas batalhas por mar e por terra com fortuna vária de parte a parte, sorrindo em geral a sorte das armas aos Americanos. Assignou-se a paz em Gand, na Belgica, no dia 24 de Dez. de 1814; porém a ultima peleja, que foi muito sanguinolenta, antes de chegar a noticia desse tratado, combateu-se em Nova Orléans a 8 de Jan. de 1815. —Em 1846—48 a Republica Americana conquistou o Texas, a California e a Nevada. Tornára-se o Texas independente do Mexico, havia nove annos, e fôra reconhecido por diversas nações, quando desejou ser incorporado nos Estados-

Unidos (44). O congresso a principio respondeu negativamente, e logo depois, acceitando a offerta, decretou uma formal expedição militar. Invadindo o Mexico e a California, os Americanos tomaram as cidades de Monterey (46), de Vera Cruz (47), de Puebla e de Mexico, dictando então ao governo mexicano um tratado (2 de Fev. de 48), pelo qual adquiriram o largo territorio limitado ao sul pelo Gila, no oéste pelo Pacifico

463) **As colonias hispano-americanas**—formavam quatro grandes vice-reinados: o do *Mexico* ou *Nova Hespanha*, o da *Nova Granada*, o do *Perú* e o de *Buenos-Ayres* ou de *La Plata*. O exemplo dos Estados Unidos, o desgoverno da metropole e as doutrinas dos philosophos francezes, excitaram nos colonos o desejo da independencia. O movimento começou na occasião de estar a Hespanha luctando com a invasão franceza, a pretexto de não quererem os colonos reconhecer o governo de Napoleão I.—**Mexico**. *Hidalgo*, *Morelos* e *Iturbide* foram os heróes da independencia do Mexico. Em 1810 *Hidalgo*, capitaneando um exercito de patriotas, tomou diversas cidades e estava já a doze leguas da capital, quando, vencido duas vezes pelo general hespanhol Calleja, foi preso, julgado e morto (Mar. de 1811). Em 1812 *Morelos*, levantando o povo e marchando sobre Mexico, triumphou em diversos recontros; derrotado, porém, em Valladolid pelo general Iturbide, teve a mesma sorte que Hidalgo. Os seus partidarios, desanimados e desunidos, acceitaram finalmente (17) a amnistia offerecida pelo vice-rei *Apodaca*. Uma nova tentativa de *XavierMina* acabou pela execução do seu autor. Em 1821, ao receberem a noticia da revolução da Hespanha, os Mexicanos insurgiram-se mais uma vez. *D. João O' Donnojú*, successor de Apodaca, mandou contra elles o general Iturbide, que, unindo-se aos rebeldes, se fez nomear generalissimo do imperio do Mexico; obrigou o vice-rei a assignar a convenção de Cordova, e entrou na capital, onde, emquanto não se reunissem as côrtes, creou um governo provisorio e uma Junta. Tirando então proveito da desharmonia entre a Junta e as côrtes, logrou ser proclamado imperador com o nome de Agostinho I (22 de Mar. de 22). No anno seguinte abdicou, passou á Italia, e, voltando (24), morreu fuzilado. Formou-se então a republica do Mexico moldada pela dos Estados-Unidos. A victoria de *Tampico* (29) sobre as tropas de Fernando VII assegurou a independencia.—**Guatemala** uniu-se por um momento ao imperio de Iturbide, do qual se separou (23).

afim de constituir uma *republica federal*. Esta dentro em breve dividiu-se em cinco republicas independentes: *Guatemala*, *Honduras*, *S. Salvador*, *Nicaragua* e *Costa Rica*. A sua historia, resumindo-se toda em revoluções e guerras civis quasi continuas, não tem interesse geral.

464) **Colombia.**—Informadas do captiveiro de Fernando VII, recusaram as cidades da Colombia prestar juramento ao rei José Bonaparte. *Em Santa Fé de Bogotá* prenderam o vice-rei, suspeito de sympathia para com Napoleão I. A cidade de *Caracas* não quiz reconhecer outro governo sinão o do congresso formado pelos representantes do paiz. Em 1811 a *Venezuela*, proclamando a independencia, deu a dictadura ao general *Miranda*, outrora girondino e amigo de Dumouriez. Os insurgentes desalentaram pela viva resistencia dos Hespanhóes, bem como em consequencia do terremoto que (1812) destruiu a cidade de Caracas. As victorias do general hespanhol Monteverde, restauraram por um momento a autoridade da metropole, e Miranda, preso, foi morrer nos carceres de Cadiz. Todavia *Bolivar*, que servira sob Miranda e se retirára para a ilha da Trindade, apparecendo de subito, surprehendeu Caracas (13); expulsou Monteverde, e recebeu o titulo de *Libertador da Venezuela*. Investido do supremo poder, declarou guerra de exterminio aos Hespanhóes. O general Morillo forçou-o a fugir mais uma vez; elle, porém, (16) voltando de Haity, occupou a ilha Margarida e reconquistou todo o paiz desde o Orenoco até o golpho de Darien. Em 1819 a victoria de Bolivar em Boyaca e a occupação de Santa Fé de Bogotá reuniram a Nova Granada á Venezuela. Nasceu desta reunião a republica da *Colombia*, á qual o congresso de *Cucutá* deu no anno seguinte uma constituição semelhante á dos Estados-Unidos com o Libertador por presidente. Tendo Bolivar derrotado definitivamente em *Carabobo* (22) ao general Morillo, passou a auxiliar o Perú que luctava para a sua independencia; entrou em Lima, e recebeu o supremo poder do general S. Martinho. Convidou então (23) os habitantes de todo o noroéste da America Meridional a formar uma vasta confederação. As victorias de *Junin* e de *Ayacucho* (24), ganhas pelo general *Sucre*, concluiram a obra de repellir para sempre os Hespanhóes desses immensos dominios da America do Sul.

465) **Vice-reinado de La Plata.**—Em 1810 as provincias do Prata, sob a influencia dos acontecimentos da

Europa, expulsaram o vice-rei; mas foi apenas em 1816 que proclamaram a independencia. Redigiu no anno seguinte o congresso do Tucuman a sua constituição, publicando-a em 1819.—**O Uruguay** levantou o grito da independencia em 1814, dando o poder ao cabecilha *Artigas*. Como este fizesse continuas depredações no territorio brasileiro, D. João VI declarou-lhe a guerra, e, expulsando-o do paiz, annexou o Uruguay ao Brasil com o nome de *Banda Oriental*. Insurgiu-se, porém, esse Estado (25), e, sendo apoiado pela Confederação Argentina, separou-se do imperio em 1828.—Rebellava-se neste mesmo tempo (10) o **Chile**, que dentro em pouco era sotoposto de novo ao dominio da Hespanha (14). Temendo então os patriotas de Buenos-Ayres uma sorte semelhante, emquanto a metropole conservasse algum poder na America, armaram 4.000 homens ás ordens do general *S. Martinho*. Este, passando os Andes, ganhou a batalha de *Chacabuco* (17); recusou o poder cedendo-o ao seu companheiro *Bernardo O'Higgins;* desbaratou de novo os Hespanhóes em *Maypo*, e invadiu o Perú juntamente com o inglez lord *Cochrane*. S. Martinho, saudado protector do Perú (21), uniu-se no anno seguinte a *Bolivar;* eclipsou-se deante delle, e reentrou para a vida privada. No entretanto o general *Sucre*, o heróe de Ayacucho, reunindo um congresso em *Chuquisaca*, proclamava (26) a independencia do *Alto Perú*. A republica chamou-se *Bolivia* em honra do Libertador, que, eleito presidente, a dotou de uma constituição. Quem, todavia, dirigiu os destinos do paiz, foi o general Sucre em qualidade de vice-presidente.—Afim de formar uma poderosa confederação dos novos estados, convocou Bolivar um grande congresso em *Tacubaya* no isthmo de Panamá (1829—30). Os deputados não lograram entender-se, e até offenderam, attribuindo-lhe projectos ambiciosos, o promotor dessa medida que podia produzir resultados excellentes. O fraccionamento foi geral. *O Mexico* ficou só; a *America Central* formou cinco republicas (Guatemala, Honduras, S. Salvador, Nicaragua e Costa Rica); a *Colombia*, tres (Equador, Venezuela e Nova Granada); o *Perú*, duas (Perú e Bolivia); o *Prata*, quatro (Chile, Buenos-Ayres, Uruguay e Paraguay). A guerra civil e a anarchia reinou, senhora, em toda a parte, excepto no Paraguay, onde Francia soube manter-se no poder absoluto até 1840. Bolivar, ao ver desmoronar-se a sua obra, succumbiu ao sentimento com apenas 47 annos de edade (17 de Dez. de 1830).

466) **Brasil.** — O estado colonial do Brasil acabou de facto em 1808 quando a familia real, furtando-se á invasão franceza em Portugal, veiu buscar um refugio na Terra de S. Cruz. D. João VI elevou-o (15) á categoria de reino, e, retirando-se (21) para a sua terra natal, deixou cá D. Pedro, seu primogenito, com o titulo de principe regente. Quando, todavia, as côrtes de Lisboa pretenderam rebaixar o nosso paiz á condição de simples colonia, o principe bradou nas margens do Ypiranga: *Independencia ou morte* (7 de Set. de 22). Coroado imperador, D. Pedro I encetou a lucta da independencia que pouco durou. O almirante lord *Cochrane*, que a pedido do governo imperial viera do Chile, perseguiu até á fóz do Tejo o general *Madeira*, que acabava de ser expulso da Bahia. Poz em seguida Cochrane termo ao dominio portuguez no Maranhão, emquanto o general Greenfell conseguia o mesmo resultado no Pará. Estas victorias do norte induziram a capitular D. Alvaro de Souza de Macedo, que em Montevidéo resistira a um cêrco de 17 mezes. A guerra da independencia estava acabada. Convocava, no entretanto, D. Pedro a constituinte, que dentro em breve dissolveu em vista de suas tendencias ultraliberaes. A constituição, pois, foi elaborada por uma commissão de dez membros, e solemnemente jurada a 25 de Março de 1824 pelo imperador e por todos os funccionarios publicos. Não deixou, todavia, de haver diversas perturbações nas provincias. Em Pernambuco (24), Paes de Andrade proclamou a confederação do Equador, á qual desfecharam o golpe mortal lord Cochrane e o coronel Lima e Silva. No Maranhão a ordem foi restaurada pelo mesmo lord que se retirou para a Inglaterra sem autorização do governo imperial. Com a mesma facilidade o governo triumphou de uma revolta militar na Bahia. Terminadas estas perturbações, D. Pedro I conseguiu, mediante o apoio diplomatico da Inglaterra, que Portugal reconhecesse (25) a independencia do Brasil, e celebrou tratados de commercio com quasi todas as potencias da Europa. Declarou D. Pedro guerra á Confederação Argentina, que auxiliava a revolta da Banda Oriental; sendo, porém, os Brasileiros derrotados por varias vezes, o imperador consentiu (28) em reconhecer a independencia do Uruguay. Este facto, alguns outros acontecimentos e uma questão de ministerio, produziram um motim no Rio e a abdicação de D. Pedro (7 de Abril de 31), que, retirando-se para a Europa, collocou sua filha D. Maria no throno de

Portugal, governando esse paiz como regente até a sua morte (34).

PERIODO II, 1830—48

Consequencias da Revolução de Julho

467) **Na França.**—*Luiz Philippe* tratou primeiramente de consolidar o seu poder.—*No exterior* adoptou o principio da paz e da alliança ingleza; *no interior*, o de guardar a Carta e o Justo Meio, de promover os interesses materiaes e de preferir a classe media. O seu principio fundamental era que *o rei reina, e não governa*. Para obter, todavia, que predominasse a sua politica pessoal, valeu-se dos empregos, das honras, dos favores e das protecções, que distribuia com mão larga aos homens da sua parcialidade. Era *eleitor* todo o francez que pagava duzentos francos de impostos; *elegivel*, quem pagava quinhentos. —Seus primeiros ministros foram:—1) o banqueiro *Laffitte* (30—31) que instaurou o processo aos ultimos ministros de Carlos X (1), e deixou que a populaça, perseguindo impunemente o clero, renovasse as scenas medonhas do terror em Pariz, Nîmes, Dijon, Lille, Arles e em muitas outras cidades. Durante este ministerio occorreu a morte mysteriosa do principe de Condé, ou duque de Burbon, que se achou enforcado no seu proprio quarto; o abbade Châtel tentou crear uma egreja franceza, e o infeliz Lamennais deu principio á sua (*) apostasia.—2) *Casimir Périer* (31—32) modificou a lei eleitoral; aboliu a successão hereditaria dos Pares; desterrou em perpetuo o ramo primogenito dos Burbons; reprimiu com vigor uma revolta dos operarios de Lyão; bloqueou o Tejo; occupou Ancona; apoiou a insurreição da Belgica, e morreu do *cholera-morbus* que em 1832 assolou a Europa.—3) Seguiu-se um *interim ministerial* em que o rei governou por si mesmo. Foi neste tempo que os repulicanos reergueram a cabeça na occasião da morte do general *Lamarque* e que falleceu na Austria Napoleão II.—4) Subiram finalmente ao ministerio (Out. de 32) *Thiers*, *Guizot* e *De Broglie*, que adop-

(1) Condemnados a *perpetuité*, foram amnistiados em 1836.

(*) Felicidade Roberto de Lamennais, sacerdote francez de grande engenho, mas orgulhoso e muito exaggerado, ensinou diversos erros fundamentaes que pretendeu defender como verdades. Tendo o Papa condemnado suas obras, elle, furioso, abandonou a Egreja, blasphemou e falleceu (54) impenitente.

taram a politica de Casimir Périer *no exterior*, a de conciliação *no interior* (1). Supprimiram a festa expiatoria do dia 21 de Janeiro; reergueram a columna do imperador na praça *Vendôme*; acabaram com o tratado da s. alliança, e levaram a Pariz os restos mortaes de Napoleão I (40). No entretanto Fieschi (35) tentava assassinar o rei; Luiz Napoleão apparecia em *Strasburgo* (36) e na cidade de *Boulogne* (40), emquanto a repressão energica de varias insurreições republicanas occasionava violentas discussões na camara.

468) **Na Belgica**.—Posto que catholica, foi a Belgica pelo congresso de Vienna unida á Hollanda protestante. Quando se tratou de votar a constituição commum aos dois paizes, os deputados belgas recusaram jurar alguns artigos contrarios aos interesses da religião catholica. Promulgou, todavia, o governo hollandez a constituição dizendo que todos haviam *concordemente jurado*, nem attendeu aos Belgas que protestaram. Celebrou então uma *concordata* com a S. Sé, porém não deixou de perseguir os Bispos por motivos futeis e injustos, de apoderar-se do ensino religioso e de proclamar o principio: *Uma Fé, uma lingua, uma lei*. Em summa pretendia impor aos Belgas o protestantismo, a constituição e a lingua hollandeza. Unindo-se, portanto, os *catholicos* aos *liberaes*, insurgiram-se (27 de Set. de 30); bateram os Hollandezes e triumpharam, graças á Inglaterra, que bloqueou os portos batavos, e á França, que mandou um exercito passar a fronteira, e uma esquadra tomar a fortaleza de Anvers. O governo provisorio, organizado em Bruxellas sob a presidencia do sr. *De Merodes*, adoptando a monarchia-constitucional, offereceu a coroa ao duque de Nemours, quarto filho do rei dos Francezes, que a recusou (31). Déram-na (4 de Jun. de 31), pois, ao principe Leopoldo de Saxe Coburgo Gotha, viuvo da filha de Jorge IV da Inglaterra e futuro esposo de Luiza, filha do rei Luiz Philippe. E' aquelle mesmo que engeitára a coroa da Grecia. A Hollanda reconheceu a independencia da Belgica em 1838.

469) **Na Polonia**.—Como ficassem sem effeito os tratados de 1815 que promettiam á Polonia uma constituição

(1) Comtudo *Thiers* empregou meios energicos contra os republicanos e, aproveitando-se da traição de um certo *Deutz*, prendeu em Nantes (7 de Nov. de 32) a duqueza de Berry, que ia levantando o povo em favor da sua familia.

particular e uma especie de autonomia sob o protectorado da Russia, e como o *czar Nicolau I* (25—55) mostrasse muita antipathia para com essa infeliz nação, os Polacos insurgiram-se e expulsaram os Russos (29 de Nov. de 30). Voltando, porem, estes dentro em breve com forças maiores e sendo apoiados pela Prussia, ganharam as grandes victorias de *Grochow* (19 de Fev. de 31), de *Igonia* (10 de Abr.) e de *Ostrolenka* (12 de Mo.); entraram em Varsovia, e, dominando pelo terror, aboliram a constituição; declararam a Polonia parte integrante da Russia, e deportaram para a Siberia largo numero de patriotas. Isto era contrario aos tratados de 1815, mas a Europa conservou-se impassivel. Na França o general *Sebastiani* annunciou ás camaras com cynica indifferença que *a ordem reinava em Varsovia*. Pediram os francezes uma intervenção, porém Casimir Périer se oppoz com *energia* á vontade do povo-rei claramente manifestada em Pariz.

470) Na Suissa.—Desde 1815 tornára-se a Suissa um verdadeiro valhacouto dos revolucionarios de toda a Europa. Existiam nella dois partidos—*o aristocratico* e *o radical* ou *democratico*. Os cantões primitivos, *catholicos* e *democraticos*, desejavam a autonomia cantonal, ao passo que os democratas dos outros cantões anhelavam por transformar a confederação em *unidade absoluta*. Os *aristocratas* queriam conservar o estado actual. Os democratas venceram em 1830, porém as perturbações continuaram a apparecer em toda a parte. *Neufchâtel* procurou inutilmente livrar-se da protecção da Prussia. Em *Basiléa* a revolta foi tal, que só poude ser domada separando a campanha da cidade (33). O progresso das idéas liberaes viu-se principalmente na revolução do *Valais* (40), nas perturbações do *Ticino* (41) e nas de *Génébra* (46). Os radicaes punham a mira de um modo particular na Egreja Catholica. Os tres cantões de—*Zurich*, *Berna* e *Lucerna*, i. é., dois protestantes e um só catholico, deviam governar successivamente. A influencia protestante, pois, sobre ser hostil, era forte. Tendo os Catholicos organizado contra essa influencia uma liga, *Sunderbund*, abandonados por todos e victimas da traição de seus generaes, foram derrotados em seguida a curta peleja (47). Os *radicaes*, tomando de assalto Friburgo, reproduziram contra a religião os horrores da primeira republica franceza. O mallogro do *Sunderbund* causou a ruina da independencia cantonal.

471) **Na Allemanha.**—A situação da Germania não era mais lisonjeira. A agitação geral apresentava em todos os paizes o mesmo caracter. Quasi todos os estados secundarios, como o Brunswick, o Hesse, o Hannover, a Saxonia, etc. foram obrigados a outorgar a constituição. — A *Austria* esforçava-se por conservar o poder absoluto segundo os tratados do congresso de Vienna.—Na *Prussia* Frederico Guilherme III serenou os espiritos promettendo uma constituição que depois não deu.—Na *Baviera*, onde desde 1818 vigorava uma constituição, os liberaes exigiram que o rei Luiz I mudasse o ministerio e revogasse uma lei pouco favoravel á liberdade da imprensa.—A *dieta*, portanto, decretou diversas medidas destinadas a impedir as consequencias destes movimentos e destas novas constituições.

472) **Na Italia**—as sociedades secretas, reorganizadas desde 1821, agora conspiravam em toda a parte.—No *Piemonte*, a Carlos-Felix (21—31) succedeu Carlos Alberto (31—49), já eivado das idéas liberaes.—Em *Napoles*, Fernando II, filho e successor de Francisco I (30—59), concedendo uma amnistia geral, comprometteu-se a remediar os males do passado.—Em *Roma*, Pio VII, Leão XII (23—29) e Pio VIII (29—30), realizando varias reformas uteis, haviam trabalhado com afinco para tornar feliz o seu povo. Não deixaram, todavia, de apparecer diversas insurreições, porque as sociedades secretas almejavam a quéda do Papado e da Austria.—Em *Parma*, a ex-imperatriz (1) Maria Luiza foi obrigada a fugir para Placencia.—Em *Modena*, Francisco I d'Este teve de retirar-se para Mantua.—No mesmo tempo Napoleão Luiz e (2) Luiz Napoleão excitavam a revolta nos estados da Egreja. Os soccorros da França, esperados pelos revoltosos, não foram mandados, porque o ministro Laffitte que os promettera, cahiu neste interim, e Casimir Périer, seu successor, limitou-se a protestar contra a intervenção da Austria, que mandára restaurar a ordem em Modena, Ferrara, Bolonha, Rimini e Ancona (Mar. de 31). Assignaram nesta occasião a Russia, a França, a Austria, a Inglaterra e a Prussia um *Memorandum*

(1) *Maria Luiza*, filha de Francisco I da Austria, mulher de Napoleão I (1810) e duqueza de Parma (14), casou-se (21) em segundas nupcias com Adão Alberto, official austriaco, e falleceu em 1847.

(2) Ambos filhos de *Hortencia*, filha adoptiva de Napoleão I e mulher de Luiz Napoleão, rei da Hollanda. Napoleão Luiz succumbiu ao trabalho na Italia, porém Luiz Napoleão chegou a occupar o throno da França.

collectivo pedindo diversas reformas ao papa Gregorio XVI (31—46). Outra insurreição, atalhada do mesmo modo pela Austria, offereceu a Casimir Périer um pretexto para occupar de repente Ancona (1832), que a França, violando todos os direitos, conservou por cinco annos. Fundava neste tempo José Mazzini (31) a *Joven Italia*, cujo fim era a formação de uma republica unitaria e a ruina do poder temporal e espiritual do Papa.

473) **Na Inglaterra.** — Os effeitos da revolução de Julho sentiram-se tambem na Inglaterra, onde os *Tories* foram derrubados pelos *Whigs*, favorecidos pelo proprio rei *Guilherme IV* (30—37), irmão e successor de Jorge IV. Os chefes dos Whigs eram nesta epoca lord Grey, Holland, João Russel, Melbourne, etc., que levaram a effeito uma reforma eleitoral (32) em sentido democratico, recusaram protestar em favor da Polonia, aboliram (33) a escravatura nas colonias e crearam a *Questão do Oriente*. — Elevada (37) ao throno da Gran-Bretanha, Victoria, sobrinha do rei precedente, separou-se da Inglaterra o Hannover, que se constituiu em estado independente.

474) **Na Hespanha.** — Fernando VII, revogando a *Lei Salica* a pedido de *Maria Christina*, sua mulher, deixou o throno a D. Isabel, sua filha de tres annos. Annullando em breve o rei essa revogação, proclamaram D. Carlos, irmão do monarcha moribundo. Como, porém, Fernando mudasse, segundo affirmam, ainda uma vez a sua vontade, Maria Christina tomou a regencia em nome da filha logo que o rei falleceu (33). Ateou-se, por conseguinte, a guerra civil entre os *christinos* e os *carlistas*. Estes, dando-se por catholicos sinceros, gosavam da protecção de Carlos X; aquelles, professando o liberalismo, eram auxiliados por Luiz Philippe. — Zéa Bermudes, primeiro ministro da regente, exasperou todos adoptando a politica do Justo Meio, que os Hespanhóes denominaram — **Despotismo Illustrado.** *Martinez de La Rosa*, que lhe succedeu (34), desgostou egualmente a todos redigindo uma nova constituição que era apenas uma copia da ingleza. D. Carlos então revolucionou as provincias bascas (1) promettendo-lhes os *Fueros*.

(1) *Carlos V*, irmão de Fernando VII, foi pae do conde de *Montmolin*, que assumiu o titulo de Carlos VI. Carlos VII, casado com Margarida, filha de Carlos III de Parma, é neto de Carlos V e sobrinho de Carlos VI. — Os privilegios dos *Fueros* consistiam na independencia dos municipios, que votavam seus proprios tributos, na isenção do serviço militar e no direito de não ser obrigado pelos actos do governo geral emquanto não fossem approvados pelas camaras municipaes.

475) **Em Portugal** — *D. Miguel* tinha de luctar com os *liberaes*, que pediam a constituição; com os *Inglezes*, cuja influencia procurava afastar, e com os *Francezes*, que, entrando no Tejo, levaram para Brest a frota luzitana (31). Sendo D. Pedro I, quando regressou do Brasil, recebido mui cortezmente na França, reuniu nos Açores um exercito de aventureiros; apoderou-se da cidade do Porto, e, derrotando D. Miguel, collocou no throno D. Maria da Gloria, sua filha. Os poucos navios que ainda ficavam a D. Miguel, eram no mesmo tempo destruidos pelo inglez Carlos Napier na altura do Cabo S. Vicente. Assignaram pouco depois a França, a Inglaterra, a Hespanha e Portugal uma alliança contra D. Carlos e D. Miguel (34). Este consentiu na capitulação de *Evora-Monte* (34) obrigando-se a nunca mais apparecer nem em Portugal, nem em suas colonias. Retirou-se para Roma, depois (47) para a Inglaterra, e afinal para a Germania. Em 1851 casou-se com *Sophia Adelaide*, princeza de Rosenberg, e fixou a sua residencia no castello de Bronnbach (Baden), onde falleceu a 14 de Nov. de 66.

476) **D. Carlos**—passando á Inglaterra, não se demorou em regressar (34) com suas tropas e seus generaes: Cabréra, que assustou a seus inimigos, e Zumalacarreguy, o qual pereceu deante de Bilbáo (35).—Organizaram-se então nas côrtes dois partidos, a saber: *Los Moderados* e *Los Exaltados*. Declarando estes, por conselho de Mendizabal, seu chefe e ministro da regente, guerra cruel á religião, o sangue correu em torrentes, até depois da quéda do ministro (36). Como Luiz Philippe recusasse intervir, Thiers sahiu do ministerio. Afinal *Espartero* restaurou a paz entre os constitucionaes redigindo uma nova constituição sobre as bases da de 1812.—Conquistava, no entretanto, D. Carlos todo o norte da Peninsula até perto de Madrid (37), mas era dentro em pouco forçado a recuar e retirar-se para a França (39), onde foi retido como prisioneiro emquanto (45) não abdicou no conde de Montmolin, seu filho, e tio de Carlos VII. Achando, comtudo, Maria Christina mui pesada a tyrannia de Espartero, abandonou o reino indo viver na Italia e logo depois na França. Então Espartero, nomeado regente, perseguiu a Egreja (41), e foi dentro em breve obrigado a fugir para a Inglaterra por uma temivel insurreição reaccionaria que rebentou em Barcellona (Jul. de 43). A quéda do regente causou o triumpho dos *moderados*, cujo chefe *Narvaes* restituiu a tranquillidade ao paiz conse-

guindo que Christina voltasse, e a rainha Isabel fosse declarada *maior*, posto que tivesse apenas treze annos de edade.

477) **Ultima parte do reinado de Luiz Philippe.** —Tendo a Inglaterra em 1840 assignado com diversas potencias uma alliança relativa á *Questão do Oriente* sem dizer cousa alguma á França, esteve esta a ponto de lhe declarar a guerra; preferindo, porém, Luiz Philippe manter a paz, Thiers deixou ainda uma vez o ministerio. Guizot, seu successor, mostrou-se hostil á Egreja; favoreceu os protestantes; debellou numerosos motins republicanos, e luctou com forte opposição nas camaras.—Durante esta ultima parte do reinado de Luiz Philippe, discutiu-se com ardor na Europa o *direito de visita* (1); em um desastre da ferro-via de Versalhes pereceu o celebre navegante francez *Dumont D'Urvil* (42); o duque d'Orléans, filho do rei, morreu das consequencias de uma quéda na estrada de *Neuilly* (42); a França occupou as ilhas *Marquezas* e adquiriu o protectorado da de Taity (42); a rainha Victoria visitou Luiz Philippe no castello d'Eu; o conde de Chambord recebeu em Londres as homenagens de uns tres mil francezes; Luiz Napoleão evadiu-se do carcere de Ham (46); Isabel da Hespanha contrahiu matrimonio com D. Francisco de Assis de Burbon e deu sua irman ao duque de *Montpensier*, ultimo filho do rei Christianissimo; a Austria tomou posse da republica de Cracovia, e Pio IX subiu ao throno pontificio (46).

478) **Conquista da Argelia** (30—47)—Em consequencia de varias offensas e insultos recebidos do *dey de Argel*, mandou Carlos X (Mo. de 30) contra elle uma esquadra ás ordens do vice-almirante Duperré e do general Bourmont, que, depois de bater diversas vezes os inimigos, tomaram Argel (4 de Jul.), onde acharam immensa quantidade de dinheiro, e provisões de toda a especie. Resolveram então os Francezes conquistar toda a Argelia, principalmente para acabar com a pirataria dos Arabes no Mediterraneo. A historia desta conquista póde dividir-se em tres periodos distinctos.—**No I periodo** (30—34) os Francezes levam de vencida em toda a parte os Arabes; apoderam-se de Blidah, Médeah, Oran, Bona, Bugia e de outras cidades; principiam a colonização, e formam os zuavos, bem como os caçadores

(1) Tratava-se do direito de visitar os navios no alto mar. Os Inglezes que no seculo precedente haviam invectivado tanto contra este direito, exercido então pela Hespanha, agora o reclamavam para si com o pretexto de impedir o commercio dos escravos. Vide par. 410, nota 2.

da Argelia. Apparece, porém, neste tempo em Mascara o temivel *Abd-el-Kader*, que pretendia descender dos antigos Almoravides.—**No II periodo** (34—41) reunem todo o poder na autoridade militar; fazem diversas fundações, e são por *Abd-el-Kader* derrotados deante de Constantina (36). Voltando, todavia, no anno seguinte ao assalto, occupam essa cidade, e assignam com seu terrivel inimigo o tratado da *Tafna*. Passam o famoso desfiladeiro das *Portas de Ferro* (39); ceam o bispado de Argel (39), e reprimem com muita energia um levantamento geral dos Arabes, armados pelo supposto descendente dos Almoravides, que proclamára a *guerra santa*.—**No III periodo** (41—47), o futuro marechal Bugeaud, concentrando as tropas e tomando de novo a offensiva, assenhorea-se (43) da *Smalah* (1); bate o imperador de Marrocos, alliado dos Arabes, e, por meio dos generaes Lamoriciére e Cavaignac, castiga severamente outra insurreição geral. Entrega-se, por fim, *Abd-el-Kader* a Lamoriciére com a condição de ser conduzido para Alexandria, mas é, pelo contrario, levado preso successivamente a Toulon, Pau e Amboise. O duque d'Aumâle, nomeado governador da nova conquista, seguiu a sua familia no desterro dois mezes depois de tomar posse do seu governo.

A EUROPA E O ORIENTE

479) **O imperio ottomano**—desde longo tempo a braços com a decadencia, luctava para esquivar-se á ultima ruina.—*Selim* III (1789—1807) ligou-se á Inglaterra contra a França; tentou introduzir no seu paiz a civilização européa, e foi deposto pelos Janizaros que acclamaram Mustapha IV, o qual no anno seguinte teve a mesma sorte.—*Mahmud* (9—39), reformando toda a administração segundo as idéas britannicas e francezas, adoptou as festas, os jornaes e até as modas do Occidente; promoveu o commercio, a industria e a agricultura; aboliu a perigosa milicia dos Janizaros (26); fundou uma escola para os officiaes; reorganizou todo o exercito e estabeleceu uma *Ordem* de honra. O imperio, apesar disto, continuou a decahir tanto, que elle estaria já perdido de todo, si as potencias tivessem logrado entender-se a respeito da sua divisão. **Perdas**.—Sustentou *Mahmud* quatro guerras, terminando cada uma dellas com

(1) Chamava-se *Smalah* o campo de Abd-el-Kader, que era uma verdadeira cidade ambulante.

alguma perda do imperio.—A guerra contra a Russia, concluida pelo tratado de *Bucharest* em 1812, tirou-lhe a Bessarabia e a fronteira do Pruth.—Na guerra contra os Gregos que acabou pelo tratado de *Andrinopla* (29), o sultão perdeu a Grecia toda.—A *Servia*, açulada por um *Czerny Jorge* e apoiada pela Russia, levantára o grito da independencia desde 1804. Restituida á Turquia pelo tratado de Bucharest (12), tornou a insurgir-se, e constituiu-se independente em 1817, nomeando knés ou governador *Miloch Obrenowitch*, chefe da revolta. Este conseguiu no tratado de Andrinopla (29) ser pela sublime Porta reconhecido *hospodar* hereditario mediante um pequeno tributo e uma dependencia nominal. Deposto (39) e chamado (58) de novo ao poder que por sua morte (60) foi declarado hereditario na sua familia, succedeu lhe Miguel, seu segundo filho. Sendo este assassinado em 1868, tomou as rédeas do governo o joven *Milão*, que dirigiu os destinos da Servia até 1889.

480) **Egypto**.—Governava o valle do Nilo, como vice-rei, o pachá *Méhémet-Ali*, natural da Rumelia, e se tornara quasi independente da Porta protegendo a agricultura, a industria e o commercio; fundando escolas militares e academias moldadas pelas da França; organizando uma respeitavel marinha, e adoptando a tactica européa.

Descontente pelo máu exito da guerra na Grecia, Ali mandou logo depois della o seu filho, Ibraïm, conquistar a Syria emquanto elle mesmo occupava Gaza e Jaffa (31). Como Ibraïm tomasse S. João d'Acre, derrotasse por diversas vezes os Turcos e se dirigisse contra a propria Constantinopla, o sultão chamou os Russos, que sem perda de tempo se apresentaram no Bosphoro. Obtiveram então as potencias occidentaes o tratado de Kutayeh (14 de Mo. de 33), pelo qual obrigaram a Turquia a ceder ao vice-rei do Egypto S. João d'Acre, Damasco, Tripoli, e a cidade de Adana, que é considerada a chave da Syria. Pondo suas forças á disposição da Porta, conseguiu a Russia no tratado de *Unkiar-Skelessi* (Jul. de 33) a licença de entrar a seu bel-prazer no Bosphoro, ainda fechado ás potencias occidentaes.—Desbaratou mais tarde Ibraïm perto de *Nezib* na estrada de Alep um exercito mandado pelo sultão contra a Syria (24 de Jun. de 39). Seis dias depois falleceu Mahmud, a quem succedeu Abd-ul-Medjid, seu filho de 16 annos. Este, sendo atraiçoado pelo pachá *Achmet*, que entregou a frota turca ao vice-rei, estava disposto a assentar pazes com Ali, quando as potencias, a pedido da França, lhe disseram

(39) que nada fizesse sem o seu consentimento. No anno seguinte, as potencias, sem communicarem cousa alguma á França, assignaram em Londres a quadrupla alliança, segundo a qual o vice-rei, além do Egypto hereditario, devia receber a Syria meridional como feudo vitalicio com a condição de restituir Creta, Adana e as cidades santas da Arabia. Si não acceitasse dentro de poucos dias, perderia tudo. Tendo Ali recusado sujeitar-se a essas imposições, os Inglezes bombardearam (Set. de 40) Beyrouth e S. João d'Acre, emquanto o sultão pronunciava a deposição do vice-rei, que, pedindo a paz, restituiu a Syria e a ilha de Creta, conservando o Egypto hereditario. O tratado final, conhecido pelo nome de *Convenção dos Estreitos*, ao qual accedeu tambem a França, *prohibe o entrar no Bosphoro a todos os navios de guerra das nações européas*.

481) **Inglezes e Russos no Oriente.**—Concluidas as guerras de lord *Wellezley* (1797—1805), concederam os **Inglezes** breve descanço a seus inimigos durante o governo de *Jorge Barlow* (5—7).—Lord *Minto* (7—12) fez novas conquistas assenhoreando-se de quasi todo o valle do Ganges e combatendo *Runget-Sing*, que, cercado de officiaes francezes, formára uma grande confederação. Lord *Amherst* (22—28) impoz aos Birmanos uma paz onerosa e a residencia de um ministro em Ava; tomou Singapura (24) e se apossou de Malaca (26). Occuparam mais tarde os Inglezes a rica provincia do Pegú: estabeleceram uma linha de communicação directa com Londres, e collocaram a India sob o dominio immediato da coroa. — **Russos.** Invadiam, no entretanto, os Russos a Georgia (1799), a Gouria (1801), a Mingrelia e a Imerethia no Sul do Caucaso (1803); obtinham (12) da Persia todo o littoral do Caspio, o monopolio da navegação desse mar e as provincias de Nakchivan e de Erivan. Além disto o tratado de Turkmantchaï (28) permittiu-lhes intervir nos negocios interiores da Persia, onde a influencia russa não se demorou em tornar-se excessivamente poderosa.

482) **O Afghanistan**—tinha-se separado da Persia constituindo-se em tres estados independentes, a saber: *Herat*, *Caboul* e *Candahar*. Os Persas, guiados por officiaes russos, assediaram (37) *Herat* que se defendeu sob a direcção de officiaes britannicos. Apparecia neste meio tempo uma frota ingleza no golpho Persico, e, ameaçando invadir a Persia, obrigava Mohammed-Schah a levantar o

cêrco de Herat (38), bem como a acceitar a civilização européa. Sendo dahi a pouco *Schah-Soudjah* expulso de Caboul por uma insurreição que deu o poder a *Dost-Mohammed*, amigo dos Persas, os Inglezes tomando sob a sua protecção o primeiro, occuparam Candahar, Gazna e Caboul (39), afim de restituir o throno ao seu protegido. Forçados pelo povo a retirarem-se, pereceram quasi todos nos desfiladeiros de *Kourd-Caboul*, já pelo ferro inimigo, já pelo frio (42). Tiraram no anno seguinte tremenda desforra incendiando Gazna e Caboul, cujo povo passaram a fio de espada; reunindo o Sindhy e o Bedjab ao seu imperio da India, e impondo tributo ao Bélutchistan; annuiram, porém, ao reconhecimento de *Dost-Mohammed*, com o qual mais tarde fizeram alliança.

483) A Inglaterra e a França na China.—*Guerra do Opio*, 40.—Comquanto a China tivesse por muitas vezes prohibido a importação do opio, praticaram os Inglezes tão grande contrabando, que em 1837 venderam no Celeste Imperio umas 34.000 caixas de opio com um beneficio de oitenta milhões de francos. Nem a Inglaterra se deu por satisfeita com isto; pois mandou para Cantão o capitão Elliot com o titulo de *Intendente geral do commercio britannico na China*. O governo, portanto, enviou a Cantão um mandarim que prendeu secretamente o capitão Elliot emquanto não lhe entregasse todo o opio depositado nos navios inglezes surtos nas aguas do imperio (39). Achou-se que era a bagatella de 22 000 caixas. Recusando então o governo chinez dar qualquer satisfacção, uma esquadra ingleza (40) penetrou no Pei-ho; ameaçou Pekim, e impoz a Cantão uma contribuição de 26 milhões de francos. Assenhorearam-se no anno seguinte os Inglezes de Amoy e de Ning-Po, bem como da rica provincia de Che-Kiang. Occupando em breve as boccas do canal imperial do Rio Azul, dictaram ao Celeste Imperio o tratado de Nankim (26 de Ag. de 42), pelo qual a China se obrigou a pagar em 3 annos 117 milhões de francos; a ceder á Gran-Bretanha a ilha de Hong-Kong, e a franquear aos navios de toda e qualquer nação os portos de Cantão, Amoy, Fou-tcheou, Ning-Po e Chang-Haï. Não se falou do opio, mas, dessa data em deante, o contrabando, e suas consequencias nos subditos chinezes, tomaram proporções assustadoras.—**A França**, ao ser informada destas concessões, mandou á China um embaixador extraordinario, que pelo tratado de *Wampôa* (24 de Maio de 44) obteve todos

os privilegios já outorgados á Inglaterra e aos Estados-Unidos, e bem assim tres decretos, um dos quaes permittiu que os Chinezes pudessem abraçar o Christianismo; outro reconheceu a cruz e as imagens religiosas como signal distinctivo dos Christãos; restituiu o terceiro as egrejas ainda existentes, excepto as já convertidas em pagodes ou edificios publicos.

PERIODO III

Revolução Européa de 1848

484) **França.**—O alvoroto dos povos foi quasi continuo e geral em toda a Europa desde 1830. Já apontámos os movimentos da Suissa, onde os Catholicos foram esmagados pelos sectarios.—**Na França**, Luiz Philippe não contentára os radicaes que pediam a reforma eleitoral, e havia desgostado os Catholicos recusando-lhes a liberdade de ensino que promettera e de facto dava a todos os outros. Houve, portanto, *meetings*, associações e banquetes democraticos em quasi todas as cidades principaes da França. Um desses banquetes annunciado para o dia 22 de Fev. de 48, devia realizar-se nos Campos-Elysios. Sendo prohibido pelo governo, um grande numero de reformistas ajuntaram-se no logar indicado, insurgindo-se no mesmo tempo o povo e a guarda nacional ao grito de: *Viva a reforma*; construiram numerosas barricadas e exigiram a demissão do ministerio Guizot. O rei annuiu nomeando ministros favoraveis á reforma (23); comprehendendo, porém, a gravidade da sua posição, abdicou (24) em favor do conde de Pariz, seu neto, e retirou-se a toda a pressa para a Inglaterra, onde morreu dois annos depois. Em seguida á fuga do rei, o povo, exaltado até o delirio, invadiu a camara dos deputados, e saqueou o palacio das Tulherias O governo provisorio, formado nessa conjunctura, proclamou a republica; recusou a bandeira vermelha que a populaça pretendia impor-lhe; aboliu a pena de morte por crimes politicos, e a escravatura nas colonias; decretou o suffragio universal, e fundou as officinas nacionaes, organizadas militarmente. Alistaram-se nellas cem mil operarios, que nomearam seus chefes e não tardaram a tornar-se perigosos. A assembléa constituinte, composta de uma grande maioria conservadora, ratificou a proclamação da republica; demittiu o governo provisorio e nomeou uma commissão executiva. Perdendo en-

tão os socialistas a esperança de obter legalmente o que desejavam, levantaram-se (15 de Mo.), e, invadindo a sala das sessões, declararam dissolvida a constituinte. Repellidos á força de baionetas, a insurreição tomou proporções immensas. Pariz mudou-se em um campo de batalha. O general Cavaignac, ministro da guerra, munido de autoridade dictatorial, dirigiu com muita habilidade as operações dessa lucta horrivel e fratricida que durou cinco longos dias e outras tantas noites (22—26). Pereceram nella para mais de cinco mil pessoas, dois deputados e sete generaes. Outros cinco generaes ficaram gravemente feridos. Uns doze mil prisioneiros, julgados summariamente por tribunaes militares, foram deportados para a Argelia. Restaurada a ordem, declarou a assembléa que o general Cavaignac *merecera bem da patria*, e dahi por deante occupou-se da constituição. O suffragio universal devia eleger os 750 membros da assembléa nacional e o presidente da republica. Este era investido do poder executivo durante quatro annos; aquella, do legislativo e do direito de declarar a guerra. Uma grande maioria de votos deu (10 de Dez.) a cadeira presidencial a Luiz Napoleão Bonaparte, que, tendo jurado a constituição, tomou (20 de Dez.) solemne posse do seu cargo.

485) **Na Austria**—a insurreição de Vienna (13 de Mr. de 48) obrigou o principe de Metternich a sahir do paiz, e o imperador a prometter reformas. Não sendo acceita a constituição que apresentou, foi o monarcha forçado por uma nova revolta (16 de Mo.) a retirar-se para o Tyrol. Consentiu então Fernando I em convocar uma assembléa constituinte que, eleita pelo suffragio universal, se reuniu no dia 28 de Jul. Comtudo um novo levantamento no dia seis de Out. produziu na capital uma anarchia de tres dias, á qual poz côbro o principe de Windisch-Graetz, que bombardeou Vienna. Alvorotavam-se neste mesmo tempo a Lombardia, a Venecia, a Hungria e a Bohemia.—**Em Praga**, a princeza de Windisch-Graetz foi morta em uma janella, e um de seus filhos cahiu gravemente ferido, emquanto o seu consorte escapava apenas de ser enforcado e as tropas austriacas eram expulsas da cidade. Os Austriacos, porém, bombardearam Praga, e a tomaram (14 de Jun.), acabando deste modo com a revolução da Bohemia.—**A Hungria**—que já (15 de Mar.) obtivera um vice-rei e uma administração diversa da de Vienna, agora trabalhava para tornar-se totalmente independente do imperio. Tentaram os Hungaros au-

xiliar a insurreição de Vienna; assassinaram o conde Lamberg, e recusaram acceitar por seu rei Francisco José, successor de Fernando I que, abdicando, se retirára para a vida privada (2 de Dez. de 48). Assumiu então a guerra grandes proporções. Kossuth, chefe da revolta, proclamou a independencia da Hungria com a fórma republicana, e recrutou quatro exercitos que poz ás ordens dos generaes Klapka, Dembinski, Perezel e Bem. Capitaneavam os Austriacos o general Jellachchich e o principe de Windich-Graetz. Como os Hungaros conseguissem numerosas victorias, a Austria pediu o apoio da Russia, que lhe mandou 150.000 soldados. Depois de soffrerem um grande numero de revezes, consentiram afinal os insurgentes na capitulação de *Vilagos* (12 de Ag. de 49). A Hungria perdeu todos os seus privilegios: a maior parte dos generaes emigraram para paizes extrangeiros, e alguns dos chefes da revolta foram executados.

486) **Allemanha.** — Andava da mesma sorte levantada a Germania inteira. — O povo insurgia-se em toda a parte obrigando os reis, os duques, os principes, a fugir, a abdicar ou a fazer largas concessões. — **Em Berlim**, o povo pediu a mudança do ministerio e o afastamento das tropas (14 de Mar. de 48). *Frederico-Guilherme IV*, tentando a principio resistir, derramou muito sangue; mas afinal demittiu o ministerio, concedeu uma amnistia, prometteu uma constituição muito liberal e se pronunciou em favor da confederação unitaria. Estando neste tempo em grande voga o desejo de restaurar o antigo imperio germanico, quizeram os liberaes accrescentar á *dieta* um parlamento allemão. Reuniu-se, pois, em Francfort uma assembléa de notaveis (31 de Mar. de 48), que decretou o suffragio universal e a liberdade de cultos. Esta assembléa dissolveu-se no dia quatro de Abril deixando em seu logar uma Junta de cincoenta membros, encarregados de dirigir os negocios emquanto não se reunisse o parlamento nacional. Houve, por conseguinte, tres governos a um tempo na Germania: a dieta que ainda não abdicára, uma Junta composta de 17 representantes dos principes e a Junta dos 50 nomeada pela assembléa dos notaveis! Reuniu-se afinal (18 de Maio) o parlamento incumbido de dar á Germania uma constituição unitaria; nomeou um vigario do imperio, que foi o archiduque João, irmão do imperador Francisco I. Este vigario acabou com a dieta, creada em 1815, e collocou á testa do seu primeiro ministerio o sr. de Schmerling, um dos chefes do partido opposto na Austria á politica de Metternich.

487) Grande e Pequena Allemanha.—Formaram-se dentro em breve dois partidos: um da *Grande*, outro da *Pequena Allemanha*. O primeiro queria a Germania como os seculos a tinham feito sem excluir della os paizes não allemães que alguns estados possuiam. Este adoptava as idéas da Austria. Aspiração do segundo era que fizessem parte do imperio tão sómente os paizes allemães. Este partido apoiava-se principalmente na Prussia. Gastaram os deputados tanto tempo em preparar e discutir a constituição, que, quando ella ficou prompta, já não era applicavel; pois a insurreição de Vienna fôra domada; o rei da Prussia decretára em Berlim o estado de sitio (12 de Nov. de 48), dissolvera a assembléa constituinte (5 de Dez.) e outorgára duas camaras: uma dos snrs., outra dos deputados da burguezia. Por isto Frederico-Guilherme, que no anno precedente desejára tanto a coroa imperial, cortezmente a recusou quando os deputados de Francfort lha offereceram (2 de Abr. de 49). No mesmo tempo a Austria, retirando seus deputados, declarava que já não reconhecia o parlamento de Francfort. Insurgiram-se os democratas em diversos logares, mas foram derrotados sem muita difficuldade.

488) O parlamento de Erfurt.—Buscaram, todavia, os democratas tirar proveito do antagonismo existente entre a Austria e a Prussia para realizar a unidade germanica, ao menos em proporções menores. Pediram, pois, a revisão do pacto federal. A Prussia, desejosa de tornar-se arbitra da Allemanha, annuiu a este pedido. Unindo-se-lhe 27 dos estados secundarios, formaram a *Pequena Allemanha* (26 de Mo. de 49). Redigiram uma constituição, semelhante á de Francfort, que foi apresentada ao novo parlamento convocado em Erfurt, cidade da Saxonia prussiana (20 de Março de 50). Não tardou este parlamento em desagradar ao rei da Prussia, o qual lhe substituiu um collegio dos soberanos que faziam parte da *Pequena Allemanha* (10 de Mo.). Trabalhava, no entretanto, a Austria para induzir os princípes a restaurar a dieta de Francfort, e ameaçava a Prussia de uma guerra, si persistisse em recusar essa restauração. O snr. de Monteuffel, um dos chefes do partido conservador e principal ministro do gabinete prussiano, consentiu por fim na convenção de Olmutz (29 de Nov. de 50), que collocou de novo a Germania no estado anterior á revolução de 1848.

489) Italia.—Elevado ao throno pontificio (16 de Jun. de 46) como successor de Gregorio XVI, concedeu Pio

IX nesse mesmo anno amnistia geral aos criminosos politicos, nomeou uma commissão de jurisconsultos para reformar as instituições juridicas e o codigo romano, organizou o conselho e o senado municipal de Roma, despediu a guarda suissa e creou uma consulta de estado. Infinitos applausos coroaram estas concessões do Grande Pontifice, e a mania das reformas communicou-se em breve a outros paizes. Um levantamento na Sicilia (12 de Ja. de 48) e outro em Napoles (27 de Jan.) obrigaram o rei Fernando II a conceder a constituição, que era no mesmo tempo outorgada egualmente por Leopoldo II, grão-duque da Toscana.—Em 1847 subiu ao poder no **Piemonte** o ministerio liberal *Balbo* e *Gioberti*, o qual acolheu todos os revolucionarios que se retiravam da Lombardia e da Venencia. No anno seguinte, o rei *Carlos Alberto* publicou (4 de Mar.) o *Estatuto* ou constituição que iam preparando, havia algum tempo. Por seu lado Pio IX, cedendo ás instancias dos chefes do movimento e aos conselhos do conde *Pellegrino Rossi*, promulgou (15 de Mar.) um *Estatuto* que estabeleceu dois conselhos deliberantes, o alto-conselho e o conselho dos deputados, para os negocios temporaes dos Estados da Egreja.

490) **Lombardia.**—Insurgia-se, logo depois, *Milão* ao grito de *Viva a Pio IX! viva á independencia italiana* (17 de Mar.)! O marechal Radetski, commandante do exercito austriaco, retirou-se, pois, para Verona (22). No mesmo tempo *Veneza*, revolucionada por Daniel Manini e Nicoló Tommasséo, expulsando os Austriacos, proclamava a republica. Unindo-se então, contra a Austria, Carlos Alberto, o grão-duque e o rei de Napoles, Pio IX não poude impedir a ida dos voluntarios. Dando mostras de querer apoiar a revolta, formou nestas conjuncturas a França um corpo de observação nos Alpes; porém Carlos Alberto, que desde o dia 23 de Mar. transpuzera o Ticino e havia alcançado diversas vantagens, respondeu: *L'Italia fará da se*. Vencedor ainda em Goito (30 de Mar.) e senhor da fortaleza de Peschiera, podia esperar maiores victorias, si a sorte das armas não virasse de repente. O rei de Napoles chamou suas tropas; o Papa negou-se a fazer guerra á Austria, e Radetski, tendo recebido tropas de refresco, bateu os Piemontezes em Custozza (25 de Jul. de 48) e perto de Novara (23 de Mar. de 49). No dia seguinte a esta ultima derrota, o rei do Piemonte abdicou em favor de *Victor Manuel II*, seu filho, que dentro em breve assignou a paz

com a Austria (6 de Ag. de 49). Passando o velho monarcha a Portugal, falleceu na cidade do Porto em 1850. —A reacção foi completa em toda a Italia; Brescia, Genova, Florença, a Sicilia, foram sem muita difficuldade reduzidas á obediencia de seus soberanos. *Veneza*, cercada desde Ag. do anno precedente pelos Austriacos, e defendida com denodo por Manini, Pepe e Ullôa, rendeu-se no dia 25 de Ag de 49.

491) **Roma**.—Logo que Pio IX recusou declarar guerra á Austria, perdeu toda a popularidade; nem lhe valeu dar o ministerio ao conde Mammiani, já conhecido como adepto do liberalismo, e incumbir Pellegrino Rossi de estabelecer o governo constitucional; porque Mazzini e os seus aspiravam á republica na Italia e no resto do mundo. Rossi com effeito acabou ás mãos de um cobarde mandatario na occasião de abrir-se a camara (15 de Nov.), e toda a cidade echoou dos louvores tributados ao autor desse crime. Assestaram no dia seguinte canhões contra o Quirinal, residencia do Summo Pontifice, que, depois de protestar em presença do corpo diplomatico, sahiu secretamente de Roma (26 de Nov. de 48) indo procurar um asylo na fortaleza de Gaëta. — Uma junta provisoria, dentro em breve organizada, decretando o suffragio universal, convocou uma assembléa constituinte, que proclamou a republica democratica (7 de Fev. de 49), e confiou o poder executivo a um triumvirato. Pio IX excommungou os insurgentes e chamou em seu auxilio as potencias catholicas: Austria, França, Hespanha e Napoles. Passando as tropas napolitanas a fronteira, foram repellidas por Garibaldi; a Austria occupou as Romanhas; o general Cordova com um exercito de Hespanhóes desembarcou perto de Gaëta; os Francezes, commandados pelo general *Oudinot*, em numero de sete a oito mil, descendo a terra em Civita-Vecchia (25 de Abr.), avançaram sem demora até os muros da cidade. Derrotados em um primeiro assalto, começaram um assedio regular depois de receber notaveis reforços. Reinava, no entretanto, em Roma o terror: um grande numero de sacerdotes recebiam a palma do martyrio, e os revolucionarios, dirigidos por Mazzini e por Garibaldi, praticavam toda a sorte de excessos. Entraram afinal os Francezes pelo Monte Janiculo (29 de Jun.); o triumvirato demittiu-se; Mazzini fugiu; Garibaldi retirou-se com suas tropas que dahi a pouco se dispersaram; a assembléa constituinte separou-se, e as armas pontificias foram reerguidas em

toda a parte. No dia 15 de Jul. o general Oudinot annunciou a restauração do poder temporal do Papa; Pio IX concedeu uma nova amnistia e iniciou as bases da constituição que tencionava outorgar. Recusando, porém, as reformas liberaes aconselhadas por Napoleão, differiu a sua volta para a Cidade Eterna até o dia 12 de Abr. de 1850.

492) Principados Danubianos.—O rugido do tigre popular ou sectario de 1848 resrugiu de subito pela Europa inteira produzindo um movimento constitucional na Inglaterra, alvorotos na Irlanda, e perturbações em Madrid, que foi posta em estado de assedio. Nem deixaram de ter suas revoluções os Principados Danubianos, a Valachia e a Moldavia, postos sob a suzerania dos Turcos e o protectorado da Russia. Tendo Jorge Bibesco, hospodar da Valachia desde 1842, suspendido a constituição, foi por um levantamento popular obrigado a dar outra de conformidade com as idéas em voga nesse tempo na Europa (23 de Jun. de 48). Cançado, porém, das exigencias sempre maiores dos seus contrarios, abdicou, sendo substituido por um governo provisorio. Os Russos, portanto, e os Turcos invadiram o paiz; domaram a revolta, e, pela convenção de *Balta-Liman* (Mo. de 49) assentaram que, esta vez, a Porta, de accordo com a Russia, nomearia por sete annos os hospodares dos dois principados. Deviam em seguida ser eleitos pelas provincias. Durante o mesmo tempo devia occupar o paiz um corpo de 10.000 russos e de 10.000 turcos. Em virtude deste tratado foram nomeados hospodares *Barbo-Stirbey* e *Ghika*: o primeiro na Valachia, o segundo na Moldavia.

PERIODO IV.—A EUROPA E A AMERICA DESDE 1850 ATÉ 1870

493) Napoleão III.—O que deu a victoria eleitoral ao principe Luiz Napoleão e pouco depois o elevou ao throno da França, foi o ter-se francamente pronunciado em favor do poder temporal do Papa. Todo o seu reinado, quer na presidencia, quer no imperio, póde resumir-se em poucas palavras do modo seguinte: *gloria*, *poder* e *popularidade* emquanto conseguiu fazer suppor que apoiava a Santa Sé, isto é, até a guerra da Italia em 1859; dessa epoca em deante: *decadencia*, *erros* e *humilhações até ser deposto pela demagogia*.—Como presidente tute-

lou a ordem; emprehendeu a expedição de Roma afim de pôr um termo aos progressos da Austria na Italia; reformou todo o systema do ensino; promulgou diversas leis; visitou varias cidades da França, e dissolveu a assembléa legislativa que desde Mo. de 49 succedera á constituinte (2 de Dez. de 51). Tal é o acto conhecido com o nome de *golpe de estado*. Assumindo a dictadura e appellando ao povo, submetteu-lhe as bases de uma nova constituição, sendo uma dellas a presidencia por dez annos. Os socialistas, que em quasi toda a França tentaram aproveitar o ensejo para restabelecer a republica democratica, foram castigados com severidade, e sete milhões de francezes approvaram o projecto do dictador (21 de Dez). Promulgou então o presidente a constituição e algumas leis; convocou a camara, e deu pelo paiz um passeio em que preparou a restauração do imperio. Com effeito no dia 22 de Nov. de 52, oito milhões de francezes sanccionaram com seu voto o senatus-consulto do dia sete do referido mez dado para o restabelecimento do imperio, do qual o principe tomou posse com o nome de Napoleão III no dia 2 de Dez. de 52, anniversario de Austerlitz e do golpe de estado do anno precedente. O conde de Chambord protestou sem resultado.

494) **Imperio.**—Durante o imperio Napoleão modificou por diversas vezes a constituição que publicára como presidente; casou-se com Maria Eugenia de Montijo, condessa de Thebas; aformoseou toda a França, particularmente Pariz, Marselha e Lyão; dotou o paiz de numerosas instituições uteis; reformou as leis, o exercito, a marinha e toda a administração; protegeu o commercio, a navegação, a agricultura, as lettras, as sciencias e as artes; fez duas exposições universaes, e conseguiu ser visitado na sua capital por quasi todos os reis e principes da Europa. Escapou de ser assassinado pelos sectarios em 53, 55, 57, 58, etc., sustentou a guerra contra a Russia, a Austria, a China, a Cochinchina, o Mexico e a Prussia. Esta ultima foi-lhe fatal.

495) **Guerra da Criméa.**—53—55.—Certa da neutralidade da Austria, á qual prestara tão grandes serviços em 1849, procurou a Russia um pretexto para dar mais um passo no caminho de Constantinopla. Em 1851 apoiou os gregos de Jerusalém, que tiraram violentamente aos latinos nove dos seus santuarios, e, decorridos dois annos, mostrou

a pretenção de obter o protectorado de todos os gregos que professam o scisma russo. Como não temesse a França, tentou nesse mesmo tempo conseguir o favor ou, pelo menos, a neutralidade da Inglaterra, e mandou que suas tropas transpuzessem o Pruth (3 de Jul. de 53). A Turquia, portanto, declarou a guerra e bateu os Russos em Oltenitza e em Turtukai; destruiram-lhes, porem, os Moscovitas a frota na bahia de Sinope (Nov). Unindo-se então á Turquia, a França e a Inglaterra (12 de Mr. de 54), bombardearam Odessa no mar Negro, e ameaçaram Cronstadt no Baltico, emquanto os generaes Saint-Arnaud e Raglan, marchando de Gallipoli sobre Varna, obrigavam os Russos a levantarem o cêrco de Silistria, bem como a evacuar a Valachia, occupada pouco depois pelos Austriacos de accordo com o sultão. Desembarcaram em seguida os alliados em Eupatoria, na Criméa, (14 de Set.); ganharam a batalha do Alma (20), e, indo postar-se deante de Sebastopolis, começaram os trabalhos do assedio; derrotaram o inimigo em Balaklava, em Inkermann e em Eupatoria. Eram no mesmo tempo reforçados pelo general La Marmora com 20.000 piemonteses, e por Omer-Pachá, que acabava de retirar-se do Danubio. Falleciam, no entretanto, o general Saint-Arnaud (pelos fins de 54) e o imperador Nicolau (2 de Mar. de 55), a quem succedeu Alexandre II, seu filho. O general Pélissier, nomeado commandante em chefe do exercito francez, deu tal impulso aos trabalhos do assedio, que em breve os alliados se tornaram senhores da linha do Tchernaia (25 de Mo.); tomaram o Bastião Verde e, apesar de repellidos no assalto do dia 18 de Jun., arvoraram a bandeira victoriosa (8 de Set.) na torre de Malakoff, cujas fortificações fizeram saltar. A quéda desta fortaleza e a occupação das cidades de Fanagoria e de Kinburn foram tanto mais sensiveis á Russia, que nesse mesmo tempo a Suecia se ligava com as potencias occidentaes. Acceitou, portanto, o czar a mediação da Austria, que propoz a reunião de um congresso em Pariz. Tirando este congresso (56) ao czar parte da Bessarabia e a protecção sobre os Principados Danubianos, afastou a Russia das boccas do Danubio, cuja navegação declarou livre; fechou tambem o mar Negro a todo e qualquer navio de guerra, e obteve que a Sublime Porta confirmasse a seus subditos christãos todos os antigos privilegios.

496) Principados Danubianos.—Creou o congresso de Pariz a *questão italiana*, e reservou a dos Principados

Danubianos. Esta foi definida em 1858 estipulando as potencias que a Moldavia e a Valachia formariam dois estados distinctos com legislação commum e instituições semelhantes sob a suzerania da Porta. Cada um dos dois Principados devia ter o seu hospodar, e um grão-conselho commum. Uniram-se, todavia, elegendo ambos a hospodar o coronel Cuza, que tomou o titulo de principe Alexandre João I. Havendo o Divão protestado, decretou-se que esta dupla eleição tinha apenas um caracter transitorio e não podia formar um precedente (59). Concedeu, pois, a Sublime Porta, a pedido das potencias, que houvesse para ambos os Principados uma unica assemblea e um só ministerio (61). Em 1864 o principe Cuza confirmou a sua autoridade dissolvendo a camara legislativa e recorrendo ao suffragio universal, que se pronunciou em seu favor. Déram então aos dois Principados o nome de Rumania. Quando em 1866 o principe Cuza abdicou em consequencia de uma nova revolução, o governo provisorio, organizado nessa conjunctura, dissolveu as camaras, e um plebiscito elegeu o principe *Carlos de Hohenzollern-Sigmaringen*, que acceitou a offerta com approvação da Europa. O congresso de Berlim em 1878 decretou a independencia completa da Rumania, e, quando em 1881 o principe Carlos assumiu o titulo de rei, as potencias o reconheceram sem difficuldade.

497) **Questão Italiana.**—Não foi sem motivo que Napoleão III fez entrar o Piemonte na alliança anglo-franceza para a guerra da Criméa. Esta participação deu-lhe direito de tomar parte no congresso de Pariz, em que o conde de Cavour creou a questão italiana queixando-se da excessiva influencia da Austria na Peninsula, e pedindo que a obrigassem a retirar suas tropas dos Estados da Egreja, cujo governo queria fosse *secularizado*. Estas propostas, revelando as intenções de Bonaparte e do Piemonte, causaram notavel desassocego entre os Catholicos. Fechado o congresso, o conde de Cavour, que dirigia os destinos do Piemonte como ministro de Victor Manuel, applicou-se com todo o ardor a promover na Italia o odio contra a Austria e o rei de Napoles, bem como a revolta contra o Papa. Buscava no mesmo tempo a amizade da Inglaterra, e a alliança franceza que foi cimentada pelo casamento do principe Napoleão, primo do imperador, com Maria Clotilde (30 de Ja. de 59), filha do rei da Sardenha. Pelos fins do anno precedente uma entrevista de Cavour com Napoleão III sobresaltára a Austria, que por isto reforçou o seu exer-

cito na Lombardia. Umas palavras mysteriosas do imperador, dirigidas ao embaixador austriaco; um folheto que appareceu na capital da França; phrases meio obscuras pronunciadas na fala do throno, tanto em Turim como em Pariz: tudo predizia grandes acontecimentos. A Austria do seu lado, longe de acceitar o congresso proposto pela Russia, intimou ao Piemonte que, sob pena de guerra, desarmasse dentro de tres dias. Cavour respondeu a este ultimatum por um projecto de lei, o qual, em caso de guerra com a Austria, conferia a dictadura a Victor Manuel; e Napoleão mandou dizer a Vienna que considerava acto de hostilidade contra a França a passagem do Ticino pelas tropas do imperio.

498 **Guerra na Lombardia.**—Os Austriacos, todavia, invadindo a provincia de Novara ás ordens do general Giulay, fortificaram-se nas margens do Sesia (22 de Abr.). Napoleão, pois, apresentou-se de repente na Italia com um grande exercito capitaneado por Baraguay d'Hilliers, Canrobert, Mac-Mahon e Niel. As victorias de Montebello (20 de Mo.) e de Magenta (4 de Jun.) abriram-lhe o caminho de Milão, onde entrou (8) juntamente com Victor Manuel, que desbaratára (20 de Mo.) os inimigos em Palestro. No mesmo dia (8 de Jun.) Garibaldi entrava em Bergamo, e os Francezes venciam em Marinhano repellindo os Austriacos para além do Mincio. Voltando, porém, estes (23 de Jun.) e postando-se nas alturas de *Solferino*, feriu-se no dia 24 essa memoravel peleja que durou 16 horas. A fortuna das armas pronunciou-se em favor da França. Sendo, todavia, Napoleão informado de que os Allemães iam marchar em apoio da Austria, de que o seu imperio não estava tranquillo, e de que Pio IX fulminára a excommunhão contra os autores da revolta nas Legações, pediu uma entrevista ao imperador Francisco José, ao qual dictou em *Villa Franca* os seguintes preliminares de paz: 1) Confederação Italiana sob a presidencia honoraria do Papa; 2) A Lombardia será entregue a Napoleão, que ha de cedel-a ao Piemonte; 3) A Venecia, ficando sob o dominio austriaco, fará parte da Confederação Italiana; 4) Os principes depostos serão reintegrados.—Confirmou estes preliminares o tratado de Zurich (O—N.), em que se falou de um congresso europeu, destinado a sanccionar os factos consummados. Esse congresso, porém, não se reuniu, parte porque o Papa protestou, parte em consequencia dos acontecimentos seguintes.

499) **Artimanhas sectarias.**—Certo o Piemonte do favor da França e da Inglaterra, animou as provincias a formarem governos provisorios. Assim *Ricasoli* governou Florença; *Farini*, Modena e Parma; *Cipriani*, Bolonha. Promoveram esses snrs. um acto de annexação á Sardenha; mas, não podendo o rei acceder ao pedido em vista dos preliminares de Villa Franca, déram a *Buoncompagni* o governo geral da liga. A farça terminou apresentando os rebeldes outro acto de annexação, e desta vez Victor Manuel acceitou (Mar. de 60). Ficavam ainda por occupar o resto dos Estados Pontificios e o reino de Napoles, onde *Francisco II* acabava de succeder a *Fernando*, seu pae (22 de Mo. de 59). Afim de completarem a obra, recorreram a Garibaldi, que, zarpando de Genova e descendo a terra em Marsala (Abr.—Mo. de 60), conquistou a Sicilia em menos de tres mezes. Passando á Peninsula e entrando em Napoles (7 de Set.), obrigou Francisco II a retirar-se para a fortaleza de Gaëta.

500) **Intervenção armada.**—O Piemonte, que promovera em segredo e reprovára em publico o commettimento de Garibaldi, invadiu, a pretexto de restaurar a ordem em Napoles, os Estados da Egreja sem declaração de guerra. O general Fanti rompeu pelo lado de Perusa; Cialdini, pelo de Rimini. Este, na batalha de *Castelfidardo*, ao pé de Loreto, esmagou os Pontificios (18 de Set.), commandados por *Pimodan*, que, ferido, morreu em Osimo na seguinte noite. *Lamoricière*, general em chefe das forças do Papa, feito prisioneiro em Ancona, que se deu a partido (29 de Set. de 60), foi obrigado a despir as armas. Marcharam em seguida Fanti e Cialdini sobre Gaëta, onde Francisco II, cercado por mar e por terra, se defendeu durante quatro mezes. Capitulando afinal (13 de Fev. de 61), retirou-se para Roma. Decorridos cinco dias, reuniu-se o primeiro parlamento italiano, o qual proclamou Victor Manuel *rei da Italia*, titulo que pouco a pouco lhe reconheceram *de facto* todas as potencias menos o Papa. — Em 1862 Garibaldi, bradando: *Ou Roma ou a morte*, tentou mais uma vez a conquista da Cidade Eterna; como, porém, o momento não fosse julgado opportuno nas altas regiões, prenderam o Aventureiro em *Aspromonte* (29 de Set.).—Em 1864 prometteu o imperador dos Francezes ao Piemonte na *convenção de Turim* (15 de Set.) retirar suas tropas dos Estados Pontificios dentro de dois annos a começar da promulgação da lei que transferia a capital para Florença. Parece ter Napoleão esperado que Pio IX fallecesse neste meio tempo.

501) **Guerra do Mexico (1861—67).**—Em 1824 constituiu-se o Mexico em republica federativa, e assegurou a sua independencia derrotando (29) em Tampico as tropas de Fernando VII; perdeu, comtudo, dentro em breve o Texas, o Novo Mexico e a Nova California, conquistados pelos Estados-Unidos. Augmentaram estes desastres a anarchia, senhora perpetua do paiz desde o principio da revolta contra a metropole. Entre os presidentes que se succederam quasi sempre no meio da guerra civil, Sant'Anna, quatro vezes elevado ao mando supremo (32, 43, 47, 53—55), foi o unico que mostrou a energia necessaria para conter os partidos. Expulso por ultimo Sant'Anna, subiu ao poder Benito Juarez (Jan. de 61), que recusou pagar aos extrangeiros (francezes, inglezes e hespanhóes) as indemnizações devidas; mandou os passaportes ao embaixador hespanhol e ao nuncio da S. Sé; prendeu os vice-consules francezes, e insultou o ministro residente da França. Emfim suspendeu por dois annos todas as convenções assignadas com os extrangeiros, e declarou nullas para elle as obrigações contrahidas por seus predecessores com os governos europeus. A França, portanto, a Inglaterra e a Hespanha uniram-se contra o tyranno pela convenção de Londres (30 de Out. de 61). Os Hespanhóes, commandados pelo general Prim, occuparam Vera Cruz (17 de Dez.); os Francezes chegaram em Jan. seguinte; a esquadra ingleza contentou-se com vigiar a costa. Juarez, comtudo, logrou semear a discordia entre os alliados aos quaes pela convenção da Solidade (19 de Fev. de 62) permittiu levar seus soldados para as terras altas afim de evitar a febre amarella que grassava no golpho do Mexico. Deviam alli esperar o resultado das negociações que se iam entabolar. O governo hespanhol e o inglez retiraram suas tropas; porém Napoleão, declarando que não podia tratar com Juarez, resolveu continuar a guerra.

502) **Victorias e desastres.**—O general francez Lorencez tomou a forte posição de Cumbres, e aggrediu Puebla, donde foi repellido com perdas graves. A occupação desta praça, que se entregou depois de uma resistencia heroica, abriu ao general Forey, successor de Lorencez, o caminho da capital, onde os Francezes entraram no meio de uma grande chuva de flores (10 de Jun. de 63). Juarez e os seus haviam fugido. Então o general Bazaine, substituido a Forey, recebeu a missão de pacificar o paiz, emquanto uma assembléa de notaveis, adoptando, sob a inspiração da França, a monarchia constitucional, offerecia a coroa imperial ao archiduque

Maximiliano, irmão do imperador da Austria e casado com a princeza Carlota, filha do rei dos Belgas. Maximiliano, acceitando depois de muita hesitação, visitou Bonaparte em Pariz e Pio IX em Roma; prometteu áquelle governar segundo os principios modernos; a este, de conformidade com as leis da Egreja. Recebido (12 de Jun. de 64) em triumpho no Mexico, Maximiliano, longe de desempenhar a palavra dada aos catholicos e a seu Chefe, cercou-se de liberaes e promulgou leis perniciosas á religião da quasi totalidade de seus subditos. Irritou deste modo os conservadores, os catholicos e o clero, a quem tratou com pouco respeito.

503) **Napoleão sacrifica o seu protegido.**—No mesmo tempo os Estados-Unidos, livres da guerra civil, apoiavam Juarez, que já marchava de victoria em victoria, e Napoleão foi assaz prudente para não travar uma lucta com essa poderosa e triumphante nação. Resolveu, pois, que suas tropas deixariam o Mexico nos primeiros mezes de 67 e convidou o seu protegido a fazer outro tanto. Havendo este recusado, Dona Carlota passou a Pariz para ver si obtinha que o imperador mudasse de resolução. Nada conseguiu; visitou Pio IX em Roma e dentro em pouco perdeu o uso de suas faculdades mentaes. Os conservadores, com abnegação digna dos melhores elogios, ao verem o seu imperador abandonado, offereceram-se a vencer ou morrer com elle. Os principaes foram o ex-presidente Miramon; e os generaes Meijia e Marques. Deixando Marques na capital, sahiu Maximiliano com os outros dois a combater seus inimigos; defendeu-se com denodo em Queretaro; mas, atraiçoado por um tal Lopes que colmára de favores, entregou-se á discreção. Preso e condemnado á morte com seus dois companheiros Miramon e Meijia, acabou como heróe christão, assistido pelo arcebispo da capital a quem tanto offendera. Juarez, eleito presidente e reconhecido por quasi todos apoz uma longa guerra civil, morreu no dia 8 de Jul. de 72. Cahiu então o Mexico mais uma vez em suas discordias de costume.

504) **Questão dinamarqueza.**—Além das ilhas e da Jutlandia, pertenciam á monarchia dinamarqueza o Holstein e o Lauenburgo, paizes que, sendo allemães, faziam parte da confederação germanica. O Slesvig, territorio misto de dinamarquezes e de allemães, era unido ao Holstein por suas instituições, mas posto fóra da confederação germanica e sob a suzerania directa do rei da Dinamarca. O antigo

imperio allemão comprehendia o Holstein e não o Slesvig. A situação peculiar de Frederico VII dava motivo a prever as maiores difficuldades; pois era a um tempo rei da Dinamarca, duque do Slesvig-Holstein e membro da confederação germanica; não tinha descendencia legitima, e a coroa devia, por morte delle, passar a seu tio, o principe Frederico-Fernando, privado egualmente de filhos. Na Dinamarca podiam succeder as mulheres; no Holstein, só os varões. Corria, portanto, a monarchia o risco de ser dentro em breve desmembrada. Este era o desejo da Germania, e particularmente da Prussia que cubiçava o porto de Kiel no Baltico. Além disto, os Allemães, em virtude de uma lei a qual declarava o Slesvig inseparavel do Holstein, pretendiam que o primeiro desses ducados devia seguir os destinos do segundo. Entre os Dinamarquezes existiam tres partidos: um estava disposto a ceder o Holstein e até aquella parte do Slesvig em que predominava o elemento allemão; outro queria sacrificar apenas o Holstein; aspirava o terceiro a conservar a integridade actual e com este intuito pedia uma lei de successão.

505) **Solução.**—Em 1848 apoiados pela Prussia, levantaram-se os ducados, e a guerra começou entre os dois reinos. Os Dinamarquezes repelliram aos Prussianos que tinham penetrado na Jutlandia; castigaram em seguida os ducados que, depois da retirada de seus protectores, ousavam continuar a guerra de per si. Decretaram então as conferencias de Londres (52) que a successão ao throno se faria em linha masculina, e a coroa, depois da morte do rei e de seu tio, seria herdada pelo principe Christiano de Glucksburgo; que o Holstein e o Lauenburgo, continuando a fazer parte da confederação germanica, pertenceriam como ducados ao rei da Dinamarca. Dir-se-ia que a questão estava resolvida, mas faltava ainda o consentimento da dieta, e todas as difficuldades appareceram de novo quando falleceram o rei e seu tio (63). Pois Frederico IX subiu ao throno em virtude dos tratados de 52, que não valiam para o Holstein, onde, segundo o direito allemão em vigor, a successão devia fazer-se em linha masculina e por ordem de primogenitura. Apresentou-se, portanto, como pretendente, o duque de Augustenburgo, que reclamava tambem o Slesvig por ser, dizia, inseparavel do Holstein. Tendo a dieta ordenado uma execução federal (Jan. de 64), o exercito allemão occupou o Holstein; porém a Prussia e a Austria, com o intento de obrigar a Dinamarca a ceder, invadiram em seu

proprio nome tambem a Jutlandia. O resultado, apoz varias complicações, foi que a Dinamarca perdeu o Holstein, o Lauenburgo e boa parte do Slesvig. Mediante uma indemnização, adquiriu a Prussia o Lauenburgo e recebeu a administração do Slesvig emquanto a Austria governava o Holstein.

506) **Questão alleman.**—Pretendeu pouco depois Bismark que a Austria lhe cedesse toda a administração da conquista effectuada em commum. O gabinete de Vienna recusou, e a Prussia encetou grandes preparativos de guerra; procurou a alliança da Italia, e conseguiu a neutralidade da França promettendo-lhe as provincias rhenanas. Napoleão offereceu a sua neutralidade tambem á Austria, comtanto que esta lhe entregasse a Venecia que havia de ceder á Italia. A guerra por fim começou, occupando a Prussia o Holstein (7 de Jun. de 66). Emquanto os Italianos eram desbaratados em Custozza (24) e na altura de Lissa (20), os Prussianos assenhoreavam-se do Hannover, da Hesse-Cassel e da Saxonia; invadiam a Bohemia, e esmagavam os Austriacos em Sadowa (3 de Jul.). Apoz esta victoria decisiva, os estados allemães, partidarios da Austria, foram incapazes de resistir ás armas da Prussia, e Francisco José, considerando as circumstancias, implorou a mediação do imperador dos Francezes, a quem entregou a Venecia conforme promettera. A Prussia, porém, não quiz resgatar a palavra dada de ceder as provincias rhenanas.

507) **Tratado de Praga—1866.** — Uma convenção preliminar de paz, concluida em Nicolsburgo (26 de Jul.), produziu o tratado definitivo de Praga (23 de Ag.), que dissolveu a dieta e a confederação germanica. A Austria deixou de ser potencia alleman e renunciou a todos os seus direitos sobre os ducados do Elba (Slesvig-Holstein). O norte da Germania formou uma confederação sob a presidencia da Prussia; a Saxonia e todos os estados ao norte do Meno, a cidade livre de Francfort e o Hannover passaram a ser partes integrantes da Prussia. Os estados ao sul do Meno, i. é., a Baviera, o ducado de Hesse-Darmstad, o grão-ducado de Baden e o reino de Wurtemberg, conservaram uma especie de independencia; mas dentro em pouco foram postos sob a direcção da Prussia, no caso de guerra extrangeira. O que nesta guerra causou a victoria da Prussia foi a espingarda de agulha, que as outras potencias ainda não conheciam.

508) **Hespanha**. — *Revolução de 68.* — Cinco partidos dividiam a Hespanha: os *monarchistas puros* desejavam um rei absoluto que regesse o paiz segundo os principios catholicos e a antiga constituição hespanhola; *os constitucionaes moderados* e *os constitucionaes liberaes* concordavam em pedir um rei constitucional, porém os primeiros mostravam-se propensos ás ideas catholicas; os outros, aos principios liberaes. *Os progressistas* queriam um rei que equivalesse apenas a um presidente de republica. Emfim os *democratas* ou *republicanos*, em geral hostis á Egreja como os progressistas, aspiravam a republica e a unir-se com Portugal sob o nome de *União Iberica*. Estavam no poder os moderados quando (18 de Set. de 68) o vice-almirante *Topete* se pronunciou em Cadiz contra o governo. O marechal Serrano, duque da Torre, collocou-se immediatamente á frente de uma parte do exercito, e o general Prim que fôra desterrado para as Canarias, entrou de novo na Hespanha. Em 10 dias a revolução estava consummada. A rainha Isabel, que se achava em S. Sebastião, fugiu para a França, sendo em Bayonna recebida por Napoleão III, que lhe offereceu o castello de Pau. O governo provisorio, formado nesta conjunctura em Madrid, declarou Isabel decahida do throno, e os Burbons incapazes de governar a Hespanha. As Juntas provinciaes adheriram a esta declaração, e as potencias reconheceram o governo que se mostrava muito hostil á Egreja. As côrtes, no anno seguinte, nomearam chefe supremo do poder executivo o marechal Serrano, e, publicando uma nova constituição, adoptaram a monarchia hereditaria constitucional com duas camaras; a liberdade individual, a da imprensa e a de culto; o direito de reunião e de associação, bem como o suffragio universal.

509) **Monarchia, Carlistas e Communistas.**—Serrano, proclamado regente emquanto não se achasse um rei, tomou por ministros Prim, Topete, Sagasta e Zorilla. Offereceram a coroa ao duque de Genova, sobrinho do rei da Italia; ao principe Jorge de Saxonia; e a Fernando de Portugal, pae do rei Luiz. Todos por differentes razões declinaram a offerta. Recorreram ao principe Carlos Antonio de Hohenzollern, pertencente á familia real da Prussia, que recusou sob a pressão da França. Acceitou, por fim, o duque de Aosta, ultimo filho do rei Victor Manuel II, que assumiu o nome de Amadeu I (30 de Dez. de 70). O seu curto e bem infeliz reinado a ninguem agradou, e foi ape-

nas a continuação da anarchia. Declarava, no entretanto, D. Carlos que ia pegar em armas (Abr. de 72) para livrar a patria do extrangeiro, das desordens e da irreligiosidade. As provincias do norte pronunciaram-se immediatamente em seu favor. Esta insurreição e os riscos que o monarcha corria no meio dos partidos, induziram Amadeu I a abdicar (11 de Fev. de 73) retirando-se para a sua terra natal. A proclamação da Republica foi então o signal de uma indescriptivel anarchia em toda a Hespanha. Emquanto D. Carlos conquistava o norte da Peninsula, levantavam-se os communistas no sul, fazendo defenestrações e matanças horriveis em Sevilha, Malaga e Alcoy. Um golpe de estado militar, consummado em principios de 74, restituiu afinal o poder a Serrano que deu cabo dos socialistas. D. Carlos, porém, já senhor de quasi todo o norte, assumia nesse meio tempo o titulo de Carlos VII, e levava a effeito notaveis progressos. Serrano, portanto, confiou o commando do exercito ao marechal Concha que passava por um dos melhores generaes da Hespanha, e que obrigou os carlistas a levantar o cerco de Bilbão. Pereceu, todavia, pouco depois, na batalha de Maro, perto de Estella (27 de Jun. de 74.).

510) **Restauração.** — Esta morte, seguida por uma grande victoria dos carlistas, persuadiu os Hespanhóes a chamarem para o throno Affonso XII (30 de Dez. de 74), ao qual não permittiram conduzir comsigo Isabel, sua mãe. A proclamação de um rei nacional desfechou um grande golpe em D. Carlos, que, ao ver-se abandonado por quasi todos, renunciou á guerra saindo da Hespanha em principios de 76. Affonso XII restaurou a ordem, e casou-se (Janeiro de 78) com D. Maria de las Mercedes, filha do duque de Montpensier, que falleceu em Junho seguinte. Contrahiu então D. Affonso (29 de Nov. de 79) novo enlace matrimonial com D. Maria Christina, filha do archiduque Carlos da Austria, e morreu em 1885, deixando uma filha de cinco annos chamada Maria de las Mercedes. Esta foi proclamada rainha; mas, nascendo pouco depois Affonso XIII (17 de Mo. de 86), a corôa passou para elle sob a regencia de sua mãe, a qual Leão XIII mandou a rosa de ouro (86).

511) **Questão romana.** — Sempre imperturbavel e magestosa no meio das agitações deste mundo, seguia no entretanto a Egreja Catholica em sua marcha real, sem temer nem a impiedade nem a revolução. Pio IX, um dos mais il-

lustres successores de S. Pedro, definiu o dogma da Immaculada Conceição (54); restaurou a Jerarchia na Hollanda e na Inglaterra (52); promoveu as missões extrangeiras; convocou um concilio ecumenico (69) e realizou tantas outras cousas, que nos é impossivel apontal-as aqui mesmo a modo de indice.—Acabada a guerra austro-prussiana e entregue a Venecia a Victor Manuel, todos os desejos convergiam sobre Roma, que ainda faltava á unidade italiana. Segundo a convenção de Turim as tropas francezas deviam retirar-se no mez de Dez. de 66, e assim o executou Napoleão III. Em Roma, porém, ficavam os zuavos, voluntarios, que de quasi todas as nações civilisadas tinham ido defender o Pae commum dos fieis. Mostrava por outro lado o povo romano uma fidelidade inabalavel, e tudo corria na melhor paz, quando Garibaldi passou a fronteira com seus soldados entre os quaes se notava numerosa tropa regular vestida á garibaldina. Os zuavos combateram como leões desbaratando os inimigos, que, superiores em numero, avançavam sempre, pondo a capital do mundo christão em extremo perigo. A opinião publica da França obrigou, portanto, Bonaparte a enviar tropas com ordem de repellir os garibaldinos, caso os pontificios fossem insufficientes para isto. Garibaldi, derrotado completamente em Mentana, fugiu, e foi preso pelo governo italiano, que buscava dar a ultima demão a esta farça ridicula. A França então, declarando que *nunca*, havia de permittir a occupação de Roma, acantonou alguns regimentos em Civita-Vecchia afim de proteger o Papa, alvo dos impios sectarios. Acontecimentos posteriores revelaram que o *nunca* de Napoleão III durava bem pouco; isto, porém, serviu tão sómente para provar mais uma vez que Deus não deixa impunido quem atraiçoa a sua Egreja e o Vigario de J. C.

512) **Guerra Franco-prussiana**. — Conforme deixamos observado em outro logar, a decadencia do segundo imperio francez remonta até ao dia em que Napoleão III, tirando a mascara, principiou directa ou indirectamente a tomar parte na guerra sectaria contra o poder temporal do Papa. Modificou o imperador a constituição; concedeu diversas liberdades; appellou para o povo; mudou o seu ministerio: tudo, porém, de balde. Os Catholicos estavam descontentes, e os revolucionarios nunca se fartavam. Pretendeu até impor a sua vontade ao Concilio Vaticano, mas a guerra veiu distrahil-o dessa tarefa que não lhe pertencia. Já vimos como o principe de Hohenzollern recusou o throno da

Hespanha para não offender o imperador dos Francezes; Napoleão, todavia, não se contentou com isto; exigiu que o rei da Prussia se obrigasse a não consentir que algum principe da sua familia acceitasse aquella coroa. Rejeitou o Prussiano com desdem a injusta pretenção do Francez, e Bonaparte declarou guerra no dia 19 de Jul. de 1870. Commandava o exercito francez em qualidade de general em chefe o marechal Leboeuf. Os outros generaes foram Mac-Mahon, Frossard, Bazaine, Ladmirault, Failly, Canrobert e Douay. O general Bourbaki capitaneava a guarda imperial. Napoleão e seu filho acompanhavam simplesmente o exercito. A imperatriz ficou na capital com o titulo de regente. Estava, porém, o exercito mal equipado, a desharmonia reinava entre os chefes, o espirito de insubordinação grassava no meio dos soldados, e o imperador perdera todo o prestigio. Fornecidos de tudo, bem disciplinados e aguerridos, os Prussianos entraram em campanha como um homem só, obedecendo cégamente a seus chefes, o general Moltke, o principe real de Prussia, etc.—**Desastres.**—A' pequena vantagem que os Francezes obtiveram no Sarrebruck (2 de Ag.), seguiram-se os desastres incriveis de Wissemburgo (4), onde pereceu o general Douay; de Reichsoffen e de Woerth, em que Mac-Mahon levou uma grande derrota (6). O desbarato do general Frossard que se deu nesse mesmo dia em Spikeren, abriu ao inimigo a estrada de Metz (1). Estas derrotas fizeram com que ao marechal Leboeuf succedesse, no ministerio da guerra, o general Cousin-Montauban, conde de Palikão, e Bazaine recebesse o commando do exercito reunido sob os muros de Metz. Deixando-se este cercar nessa cidade, rendeu-se dentro em breve com todos os soldados. Apesar das perdas graves que soffreram em Borny (14), Gravelot (16) e Saint-Privat (18), os Prussianos venceram e avançaram sempre. Batendo

(1) Observaram todos que os maiores infortunios começaram no mesmo dia (6 de Ag.) em que as tropas francezas, partindo de Civita-Vecchia, abandonaram o Papa. Eram poucos milhares de homens que não faziam grande falta na guerra. Retirou-os o governo francez a pretexto de precisar delles. A verdade era que Napoleão, afim de obter o apoio da Italia, promettera chamal-os, deixando aos Italianos livre passagem para a Cidade Eterna. Estes, porém, ficaram neutraes emquanto não viram a quéda do seu protector, obtendo então da Prussia a licença de occuparem Roma com a condição de não combater em favor da França! O que se seguiu é bem sabido. Os Italianos invadiram repentinamente o territorio pontificio e, esmagando o pequeno exercito dos zuavos, assenhorearam-se da capital do mundo christão a 20 de Set. de 1870.

o general Failly em Beaumont (30) e repellindo os imperiaes até *Sedan*, conseguiram a victoria decisiva no dia primeiro de Set. O imperador e oitenta mil prisioneiros foram levados para a Germania. (1). A noticia deste successo espalhou a consternação em Pariz (3 de Set.) onde com o titulo de governo da *defesa nacional* se formou uma junta provisoria que tratou de resistir aos invasores particularmente na capital, sitiada desde o dia 18 de Set. Gambetta assumiu a dictadura em Tours; o general Trochú, em Pariz. Metz e Strasburgo (29 de Out.) entregaram-se, mandando cem mil francezes engrossar na Allemanha o numero já grande dos prisioneiros. O exercito do Loira e o da capital fizeram debalde os maiores esforços para repellir o inimigo. E' que os Prussianos eram muitos, bem armados, aguerridos e disciplinados. Emfim Pariz capitulou resignando-se ás mais duras condições (29 de Ja. de 71), e Thiers, investido do poder executivo pela assembléa nacional de Bordéos, acceitou em Versailhes os preliminares da paz, a saber: pagar em tres annos cinco mil milhões de francos (uns dois milhões de contos), e ceder a Alsacia com uma grande parte da Lorena inclusive Metz. Os Prussianos occupariam varios departamentos e seriam sustentados pela França emquanto não se concluisse o pagamento dos cinco *mil* milhões. Havendo a assemblea ratificado estes preliminares, assignou-se a paz definitiva em Francfort a dez de Maio de 1871.

513) **Communa de Pariz.**—Tornára-se, no entretanto, a capital, theatro de scenas medonhas. No dia 18 de Março insurgiu se a guarda nacional assassinando dois generaes em Montmartre, proclamando a communa e formando uma especie de governo provisorio, composto de socialistas exaltados que detestavam não menos a religião do que a Sociedade. Praticaram desordens de toda a sorte: prenderam o arcebispo e diversos religiosos assassinando-os com requintada crueldade. As hostilidades entre o exercito da communa e o do governo reorganizado a grande pressa por Mac-Mahon em Versalhes, começaram no dia dois de Abril. Combateu-se de parte a parte com dobrado valor. As tropas legaes, depois de um

(1) A imperatriz fugiu para a Inglaterra. O imperador, que na Germania fôra hospedado no castello de Wilhemshoehe, foi depois da guerra reunir-se á sua familia em Chislehurst, onde falleceu a 9 de Jan. de 73. O seu filho, tendo estudado arte militar na Inglaterra, passou como official ao Cabo de Boa Esperança, e em 1879 pereceu combatendo ao lado dos Inglezes contra os Zulús, selvagens da Africa Meridional.

assedio regular, entraram na cidade a 21 de Maio, e pelejaram ainda oito dias para dominar a revolta e salvar Pariz, que os heróes da revolução buscavam destruir. Haviam perecido mais de 30.000 insurgentes; 30.000 eram prisioneiros. Alguns destes foram mortos, outros deportados.

514) **A França na Syria.**—Collocada a Syria mais uma vez em 1840 sob o dominio da Sublime Porta, ainda não gosava da paz. Os esforços feitos pelo Divão, afim de acabar com a quasi independencia de Libano, tinham avivado o antagonismo entre os Maronitas, Christãos, e os Drusos, Musulmanos. Em logar da familia dos Chehab que desde longo tempo governava o Monte Libano, creou o sultão dois *kaïmakans* ou logar-tenentes, ambos sob a jurisdicção do pachá de Beyrouth. Um desses kaïmakans, nomeado para os districtos exclusivamente christãos do norte, devia ser christão; outro, druso, destinado ao meio-dia, onde habitam juntos Drusos e Maronitas. Como os Drusos invadissem a miudo os districtos christãos, praticando nelles pilhagens e outras desordens, os Maronitas pegaram em armas para a propria defesa, mas foram derrotados. Tendo os vencedores aggredido duas cidades existentes fóra da montanha, o commandante Osman-Bey offereceu a sua protecção aos Christãos, si quizessem consentir em depor as armas. Ao vel-os, porém, desarmados, abandonou-os a seus inimigos que os mataram barbaramente (Mo. de 60). A mesma sorte tiveram as duas cidades principaes do Libano maronita (Jun.). O governador de Beyrouth, longe de atalhar essa cruel injustiça, presidiu á ruina de uma das cidades, e obstou a que um chefe maronita acudisse á defesa da outra! Já oitenta povoações haviam sido arrasadas; quatro mil christãos, mortos e vinte mil afugentados, quando o povo de Damasco deu principio a uma horrivel matança de Christãos (9 de Jul.), que durou seis dias. Pereceram seis mil christãos, e, como o governo deixasse toda a liberdade aos desordeiros, nenhum delles ficaria vivo, si Abd-el-kader não corresse a protegel-os com suas guardas argelinas. Excitaram estas desordens grande irritação na Europa, mas a Sublime Porta ainda não pensava em tutelar com alguma energia seus subditos christãos. Resolveu-se, por fim, uma expedição européa e a presença dos Francezes (Ag. de 60) restituiu a paz aos Christãos da Syria. O sultão teve de prometter uma indemnização e punir os principaes criminosos.—**Canal de Suez.**—Trabalhavam neste mesmo tempo os Francezes na abertura do canal de Suez,

que foi inaugurado a 13 de Nov. de 69. Fernando Lesseps, o autor desta obra colossal, traçou (55) a linha; realizou uma companhia (58); deu principio aos trabalhos (59), e inaugurou o canal de agua potavel (63). Receiosa de algum prejuizo para suas possessões da India, oppoz-se a Inglaterra a esta empresa quanto lhe foi possivel; vendo, porém, que não conseguia estorval-a, assenhoreou-se da ilha de Socotora e de dois rochedos situados no meio do mar Vermelho. Comprou mais tarde quasi todas as acções do canal, occupou a ilha de Chypre, etc.

515) **A França e a Inglaterra na China.**—Logo depois da *guerra do opio*, começou no Celeste Imperio uma formidavel insurreição, cujo fim era derrubar os Tartaros e restabelecer no throno um descendente das dynastias chinezas. Em 1850 elegeram os insurgentes no Koung-si um imperador; em 52 a revolta extendeu-se até Cantão, e no anno seguinte já estava senhora de Nankim, a segunda cidade do imperio. No meio destas difficuldades internas, os Chinezes, em logar de procurar a benevolencia dos Europeus observando os tratados, assassinaram um grande numero de missionarios, e o vice-rei de Cantão mandou pôr embargo a um navio que levava pavilhão britannico (56). Os Inglezes, portanto, unidos aos Francezes, assenhorearam-se de Cantão (57), prenderam o vice-rei; e subindo pelo Pei-ho, penetraram até Tien-tsin, pouco longe da capital (58). Assignou então o Celeste Imperio um tratado que permittia a Inglaterra e á França ter um ministro residente em Pekim; franqueava mais cinco portos ao commercio europeu, e garantia em todo o paiz a liberdade do culto christão. Quando, porém, os enviados europeus se apresentaram na foz do Pei-ho para a troca das ratificações, vedaram-lhes os Chinezes a entrada desse rio, e até fizeram fogo sobre o almirante inglez que intentou forçar a passagem (59). Deste acto de perfidia resultou uma guerra formal. Entraram os alliados á viva força no Pei-ho (61), e, subindo até a capital, obrigaram o imperador a confirmar os tratados de Tien-tsin, a restituir aos Christãos os estabelecimentos religiosos, a franquear aos extrangeiros mais tres portos e a pagar sessenta milhões de francos. Tendo no anno seguinte fallecido o imperador Hien-Foung, succedeu-lhe Chi-Siang sob a tutela do principe Kong, seu tio, que, favoravel aos extrangeiros, respeitou os tratados e pediu o auxilio dos europeus contra os rebeldes. Estes, depois de numerosos feitos de armas, foram subjugados de todo (65). Rebentou,

todavia, outra revolta, promovida esta vez pelos Musulmanos, e a China continuou, ainda por muitos annos, a ser victima da anarchia.

516) **Japão**.—As victorias anglo-francezas no Celeste Imperio contribuiram notavelmente para introduzir no Japão o commercio europeu. Diversos tratados obtidos pelos Estados-Unidos (54), pela Hollanda (55), pela Inglaterra e pela França (58), abriram os portos de Hakodade, Kanagawa, Hiogo e Nangasaki Os extrangeiros podem estabelecer-se em Yedo e Osaka, sendo-lhes licito praticar a sua religião em todo o territorio japonez.

517) **A França na Cochinchina**.—*A Indo-China* comprehende dois grandes estados: o reino de Siam e o imperio de Annam. Este consta de diversos paizes tributarios e de tres reinos: o Tonkim, a Cochinchina e o Cambodge. Desde 1787 o imperador Gya-Long cedera á França a bahia de Touranne em recompensa do auxilio recebido na occasião de uma guerra civil. A' sombra da protecção imperial, realizou o Christianismo taes progressos, que ainda hoje conta naquelle imperio para mais de quinhentos mil christãos não obstante a perseguição que desde 1820 deu um grande numero de martyres. Por fim um insulto feito a um navio francez (57) e o martyrio de um bispo hespanhol (58) determinaram a França e a Hespanha a commetterem uma empresa commum contra a Cochinchina. Occuparam os alliados Touranne e Saïgon ao sul do imperio de Annam (59). Concluida a guerra da China, os Francezes repelliram os Annamitas que bloqueavam Saïgon; apoderaram-se de Mitho; tomaram Bien-Hoa (61) e Vinlong (62) dictando ao imperador Tu-Duc o tratado de Saïgon, que cedeu á França as tres provincias de Saïgon, Mitho e Bien-Hoa com a ilha de Paulo Condor; e estipulou a indemnização de vinte milhões de francos, a abertura de tres portos do Tonkim e a liberdade da religião christan em todo o imperio annamita. Então o rei de Cambodge collocou-se (63) sob a protecção da França. Invadindo mais tarde (67) os Francezes e annexando as provincias de Vinlong, Chandor e Hatien, consolidaram o seu dominio na Baixa Cochinchina. E' uma colonia que conta um milhão de habitantes.

518) **A Inglaterra na Abyssinia**.— 68 — Posta ao sul da Nubia e banhada a L. pelo mar Vermelho, corresponde a Abyssinia á parte meridional da antiga Ethiopia.

A grande maioria de seus quatro milhões de habitantes pertence á raça ethiopica. Seus differentes dialectos derivam do arabe. Duas grandes regiões bem distinctas formam este paiz: o Tigré ao N., o Amhara ao S. Estes nomes são mais particularmente applicados a dois grandes reinos dos quaes se destacaram alguns outros, como o reino de Gondar ao norte do Amhara, o de Choa, etc. A historia da Abyssinia, anterior ao sec. XIX, não tem interesse geral. Em nossos dias um homem, chamado *Kassa* e nascido em 1818, restaurou por um momento o antigo imperio desse paiz. Proclamado em Gondar *Negus* ou rei dos reis da Ethiopia e sagrado pelo patriarcha copto com o nome de Theodoro I (56), acolheu favoravelmente os missionarios; travou relações com a Europa, e mostrou as melhores intenções a respeito da civilização occidental. Tornou-se, porém, tyranno reprimindo cruelmente varias insurreições e prendendo diversos extrangeiros entre os quaes o consul britannico. Apoz numerosos e inuteis esforços para obter a liberdade dos presos, decretou a Inglaterra uma expedição, de que incumbiu Sir Robert Napier. Desembarcando este na Abyssinia (68), dirigiu-se para a fortaleza de Magdala, em que eram retidos os extrangeiros. Theodoro, que declarára querer resistir a todo o transe, voando em defesa dessa cidade, combateu com valor. Derrotado, pediu a paz, mas recusou entregar-se á discreção. Restituiu a liberdade aos prisioneiros, e, sendo lhe recusada uma capitulação, fechou-se na fortaleza que breve cahiu no poder dos invasores. Estes saquearam Magdala, e, retirando-se, abandonaram o paiz á anarchia. E' certo que Theodoro pereceu, porém não se sabe si por sua propria mão ou pelo ferro dos Inglezes. O principe do Tigré, que se mostrára amigo dos Europeus, tornou-se então o soberano principal da Abyssinia.

AMERICA

519) **Estados-Unidos.**—*Seu progresso.*—Quando em 1776 proclamou a sua independencia, constava a Republica Norte-Americana apenas de treze estados. Hoje, porém, conta quarenta e quatro estados e seis territorios. Um estado deve ter, pelo menos, cincoenta mil almas de origem européa; do contrario os paizes que dependem da União, levam o titulo de *territorio* e não participam dos beneficios da constituição. Nem menor que o dos estados tem sido o

augmento da população. Em 1790 era de 3.929.827, numero este que em 1878 já subira a 39 milhões. Tão grande progresso é devido parte ao descobrimento das minas na California e nas Montanhas Rocheas, parte á lei que favorece a immigração.

520) **Causas da guerra civil**.—Desde a origem da União Americana existiu entre o Sul e o Norte um antagonismo tal de interesses e costumes, que não podia deixar de produzir com o tempo uma grande lucta. O Norte (1), entregue todo ás manufacturas, não precisava do trabalho dos escravos, e, no interesse dos productos da sua industria, pedia fossem augmentados os direitos das alfandegas para os objectos de importação. O Sul, pelo contrario, sendo quasi exclusivamente agricola, anhelava por conservar os escravos e comprar a baixo preço os artigos importados. Tomou, pois, esta rivalidade como assumpto principal a questão da escravatura. O Norte tornou-se *abolicionista*, o Sul continuou a ser *escravocrata*. Todas as vezes que se tratava de incorporar na confederação um novo territorio, o Sul insistia para que se lhe permittisse conservar os escravos; o Norte, para que isto lhe fosse vedado. Adoptaram, por ultimo, o caminho do meio, permittindo e vedando alternadamente a escravatura aos novos estados. Dos 31 estados, que existiam em 1850, 16 prohibiam, 15 conservavam a escravidão. Estes obtiveram uma lei ou compromisso que os autorizava a procurar e prender os escravos fugidos até nos estados livres. — Dois grandes partidos politicos representavam as duas tendencias: os **Republicanos e os Democratas**: aquelles eram abolicionistas, quasi todos do Norte, e pediam maior centralização do poder; estes, quasi todos do Sul, luctavam para conservar os escravos e alcançar maior liberdade ou discentralização. Em tal estado dos espiritos a eleição do novo presidente assumia uma extrema importancia. O democrata Buchanam, mostrando-se assaz favoravel ao Sul, excitou a energia dos Republicanos que obtiveram a eleição de *Abrahão Lincoln*, cujas opiniões abolicionistas eram bem conhecidas (Nov. de 60). Esta victoria dos Republicanos irritou tanto os Democratas, que, apesar de ter Lincoln declarado querer conservar todas as leis, até as mais favoraveis ao Sul, diver-

(1) O nome *Yankee*, dado familiarmente aos anglo-saxonios dos Estados-Unidos, applica-se de um modo particular aos habitantes do Norte, onde prevalece a raça anglo-saxonia.

sos estados resolveram desde logo formar, separando-se, uma confederação particular. A Carolina do Sul deu o exemplo (9 de Dez. de 60), sendo em breve imitada pelo Mississipi (Jan. de 61), a Florida, o Alabama, a Georgia, a Luiziana, o Texas, o Tennesee e o Arkansas, que, reunindo um congresso em Montgomery (18 de Fev. de 61), nomearam presidente *Jefferson Davis*, e fixaram a capital em Richmond na Virginia. Os estados do Norte chamam-se *Federaes*; os do Sul, *Separatistas*, *Secessionistas* e *Confederados*.

521) **A Guerra**—que durou quatro longos annos, principiou no dia onze de Abr. de 61, aggredindo os Confederados o forte *Sumter*, perto de Charleston, e tomando-o no dia 14. No começo o exercito dos Secessionistas, dirigido por habeis officiaes, levou vantagem ao do Norte, recrutado a grande pressa, pouco aguerrido e commandado por generaes sem experiencia. Em compensação os Federaes possuiam largos recursos e uma formidavel esquadra, com que bloquearam todos os portos do Sul. Os Separatistas deram provas de coragem inabalavel, os Federaes mostraram constancia invencivel. O Norte proclamou a abolição da escravatura; o Sul armou seus escravos, cuja fidelidade foi superior a toda a expectação. Lincoln deu por vezes a entender que desejava a paz, mas exigia o restabelecimento da união e a liberdade dos escravos—condições estas recusadas pelos estados do Sul. Reeleito em Nov. de 64, tomou posse (4 de Março de 65) e resolveu continuar a guerra com todo o vigor; foi, porém, assassinado (14 de Abr.) no theatro de Washington por Wilkes Booth, que, tendo fugido, morreu defendendo-se.—Assumindo, no entretanto, o general *Grant* a direcção do exercito federal, tomava energicamente a offensiva; apoderava-se de Richmond (1 de Abr.); obrigava Lee e os outros generaes a capitularem, e prendia ao proprio Jefferson Davis (10 de Mo.). A guerra custára uns dois milhões de contos e tres ou quatro milhões de vidas, tendo ao mesmo tempo causado damno incalculavel no commercio, na industria e nos estabelecimentos do paiz.

522) **Batalhas e generaes.**—Feriram-se 252 pelejas. Destas, 89 na Virginia, 37 no Tennesee, 22 no Missouri, 16 no Arkansas, 14 no Kentuky, 13 na Luiziana, 12 na Georgia, 11 na Carolina do Norte, 10 na Carolina do Sul, 8 no Alabama, 6 na Florida, 6 no Texas, 5 no Maryland, 1 no

Novo Mexico, 1 no Territorio Indiano, 1 na Pensylvania e foi a de Gettysburgo que durou dois dias.—**Os generaes** que mais se distinguiram no Sul, foram: *Lee*, *Bauregard*, *Johnstone*, e *Jackson*, appellidado *Stonewall*, que seus soldados mataram por engano fatal (1) A sua morte produziu a ruina dos Confederados. Entre os Federaes tornaram-se illustres os seguintes: *Scott*, velho general em chefe, que, demittido pelos fins de 61 com honras especiaes, partiu incontinenti para a França, donde voltou depois da questão do *Trent* e do *São Jacintho* (2), questão que por um momento abalou a Europa e a America. *Mac-Clellan*, successor de Scott, assediou Richmond (62); *Butler* tomou Nova Orléans; *Sherman* invadiu a Georgia, e mais tarde obrigou Lee a capitular; *Freemont*, *Mac-Dowell*, *Burnside* e *Grant*. Este, nomeado chefe supremo do exercito com o titulo de *Logar-tenente-general*, dirigiu todas as forças contra Richmond, e, occupando a, concluiu a guerra no primeiro de Abr. de 65.

523) **Reorganização**. — Por morte de Lincoln, tomou as redêas do governo o vice-presidente André Johnson, que concedeu uma amnistia geral com diversas excepções, e salvou a vida de Jefferson adiando o seu julgamento e restituindo-lhe a liberdade mediante caução. As difficuldades eram grandes. A escravatura estava abolida, e o Sul, derrotado, mas cumpria occupal-o militarmente. O congresso

(1) Ordenára Jackson ás sentinellas que, durante a noite, atirassem sem mais sobre qualquer pessoa que vissem passar nas vizinhanças do campo. Esquecendo-se, segundo parece, dessa ordem, sahiu a fazer um reconhecimento, e os guardas, cumprindo com o seu dever, o mataram. A sentinella ficou tão sentida por este engano, que enloaqueceu!

(2) Desejosos os Confederados de obter algum apoio das potencias européas, enviaram a Londres dois ricos banqueiros acompanhados por dois secretarios. Em pequena embarcação conseguiram estes atravessar de noite a frota inimiga que bloqueava Charleston, e, chegando a Cuba, seguiram no vapor inglez *Trent*. Recebendo o governo federal alguma informação do occorrido, mandou seis navios de guerra em busca dos quatro enviados com ordem de se apoderarem dos seus despachos fosse onde fosse. O vapor *São Jacintho*, um dos seis, aggredindo e visitando armata manu o *Trent*, prendeu os deputados e os dois secretarios. Produziu este facto grande sensação na Inglaterra, onde todos pediam uma guerra immediata. Como, todavia, os diversos soberanos da Europa interpuzessem seus bons officios, o governo inglez que não se achava disposto a travar uma lucta perigosa, deu-se por satisfeito com as explicações elasticas do gabinete de Washington, o qual declarou ter sido tudo arbitrio do commandante do *São Jacintho*, já deposto em castigo da sua imprudencia. Os quatro prisioneiros, entregues pouco depois ao consul britannico, foram mandados para a Inglaterra.

chegou a responsabilizar Johnson, e a lucta era ainda muito viva entre os *Republicanos* que pediam maior centralização, e os *Democratas* que defendiam as instituições existentes e os direitos dos differentes estados. A eleição do novo presidente (3 de Nov. de 68) revelou as forças dos dois partidos. Os Republicanos triumpharam elegendo o general Grant; porém o caracter deste impediu os excessos, e a paz foi pouco a pouco restaurada.—Depois da guerra, os Estados-Unidos, que tinham já protestado contra a intervenção européa no Mexico, apoiando Juarez, causaram a ruina do imperador Maximiliano; adquiriram, por sete milhões de dollars (14 mil contos), a America Russa— territorio da Alaska—e compraram as ilhas de S. Thomé e de S. João, que pertenciam á Dinamarca. Dizem que o fim desta ultima acquisição é aplanar o caminho á conquista de Cuba.

524) Estados e territorios.— Os estados primitivos são: New-Hampshire, Massachusetts, Rhode-Island, Connecticut, New-York, New-Jersey, Pensylvania, Delaware, Maryland, Virginia, Carolina do Norte, Carolina do Sul e a Georgia. Formaram-se em seguida mais tres, separando-se de um dos antigos: O Vermont separando se de Nova-York (1791); o Meno, de Massachusetts (1820); a Virginia Occidental, da Virginia (1863). Outros uniram-se a pouco e pouco aos primitivos: o Kentuky (1792), o Tennessee (1796), o Ohio (1802), a Luiziana (12), comprada á França em 1803; a Indiana (16), o Mississipi (17), o Illinois (18), o Alabama (19), o Missouri (21), o Arkansas (36), o Michigan (37), o Texas (45), a Florida comprada em 1819, foi unida em 45; Iowa (46), o Wisconsin (48), a California (50), Minnesota (58), Oregon (59), Kansas (61), Nevada (64), Nebraska (67), Colorado (76). North Dakota (89), South Dakota (89), Montana (89), Washington (89), Idaho (90), Wioming (90). Os territorios são: o Novo Mexico (50), Utah (50), Arizona (63), Alaska (67), Oklahoma e o Territorio Indiano. Fóra dos estados e dos territorios organizados está o districto de Columbia, onde existe a cidade de Washigton, capital de toda a Confederação.—Escrevem-nos que o Novo Mexico será dentro em breve elevado á categoria de estado.

525) O territorio da Alaska—está entre o 136.° e 168.° de Long. O., e entre 52.° e 71.° de Lat. N. Segundo os calculos do governo americano, a linha que do Canadá divide esta peninsula, tem novecentas milhas de comprido. A distancia de léste a oéste em linha recta é de 1100 milhas. Contém o territorio para mais de 1200 ilhas, incluindo o grande archipelago das Aleutas que se dilata até o Japão. A extensão complexiva do littoral é de 4150 milhas, numero que, si comprehendermos tambem as ilhas, se eleva a 26 000 milhas. Existem na Alaska muitos e grandes lagos. Seu rio principal é o Yucon, que nascendo no Canadá, atravessa toda a Peninsula, indo depositar suas aguas no mar de Behring. Seu curso é de 2.800 milhas. Visitado esse paiz desde o principio do seculo XIX pelos Russos, que nelle propagaram algum pouco a religião grego-scismatica, e vendido aos Estados Unidos (67), que inauguraram no mesmo o commercio da courama, tem ficado até hoje quasi desconhecido, porque os negociantes preferiam occultar os lucros fabulosos que tiram dessa terra ainda quasi virgem. Quem está actualmente explorando e civilizando a Alaska são

os missionarios catholicos aos quaes devemos estas informações. O primeiro missionario catholico que visitou esta peninsula foi D. Carlos Sephers, bispo de Vancouver Island na costa meridional do Canadá sobre o Pacifico (1877). Partindo de S. Francisco da California, subiu pelo Yucon em companhia de um sacerdote da sua diocese. Renunciou na volta o arcebispado do Oregon, para onde fôra neste meio tempo transferido, e emprehendeu uma segunda viagem (86) afim de fundar uma estavel missão no centro da Alaska. Acompanhado por dois jesuitas e por um seu creado de nome Fuller, tomou a estrada do Canadá em busca das cabeceiras do Yucon; deixou os jesuitas na beira do lago Bennett, e, seguindo rio abaixo, foi assassinado pelo seu creado Fuller (29 de Nov. de 86). O governo americano castigou o criminoso e permittiu que o corpo da victima fosse levado para Victoria, capital da ilha de Vancouver, cujo povo lhe tributou honras distinctas. Fundou-se, todavia, uma hoje florescente missão. Os missionarios, além dos trabalhos proprios do seu ministerio, exploram o paiz tomando as diversas posições astronomicas; estudam a lingua indigena; ensinam o inglez; tratam de fazer uma estatistica, de escrever grammatica e diccionario, de introduzir a agricultura: em uma palavra, tentam civilizar aquelle povo. E' inutil dizer que o governo os favorece bastante nessa util, arriscada e muito louvavel empresa.

526) **Os indigenas**—muito mais numerosos do que se suppunha, podem dividir-se em tres grupos segundo a lingua, os costumes e o typo. Cada um delles fala uma lingua differente assaz difficil que cumpre apprender de viva voz, visto não existir, por emquanto, livro algum que trate della. —**O I grupo** é dos habitantes das ilhas Aleutas no S. O. da Alaska. O typo, a côr e a lingua destes tem notavel affinidade com a raça japoneza. O capitão Hacks, que empregou 15 annos em visitar todas essas ilhas, affirma que elles são oriundos do Japão, e sua lingua é apenas um dialecto do idioma desse paiz. Nas ilhas meridionaes encontra-se muito elemento chinez quanto ao typo e aos costumes. Algumas tribus adoravam outrora o sol e queimavam seus mortos. Em consequencia das relações com os Russos e outros brancos, perderam tanto a simplicidade e os bons costumes primitivos, que grassa entre elles a syphilis, doença anteriormente desconhecida.—**O II grupo** consta dos Esquimaus, que occupam todo o paiz pelo lado do norte, e se extendem até a Siberia oriental. O seu typo é totalmente diverso daquelle dos selvagens das Aleutas. São baixos, robustos e bonitos. As mulheres vestem-se como os homens: calças, sapato, capote: tudo de couro, ou de urso ou de outros animaes, de emas, peixe, etc. Durante seu longo inverno de sete a oito mezes, moram em casas subterraneas, escavações fundas dois ou tres metros e cobertas de sapé. Estas grutas artificiaes são sempre em numero de tres: a do meio para os homens, outra á direita para as mulheres e creanças, a terceira á esquerda é uma estufa em que tomam banho. Esquentam a este fim a gruta com um grande fogo, e, quando estão vertendo abundante suor, lavam-se na agua ou saem a revolverem-se sobre a neve. Tambem as mulheres usam de banhos, porém com menor frequencia e só no quarto proprio dellas. Em cada uma destas casas accommodam-se promiscuamente diversas familias, vivendo quasi em commum. Procura-se a luz queimando oleo de balêa, ou por meio de uma abertura no tecto que sae algum tanto sobre o terreno. Uma lamina de gelo serve de vidraça. Não existe nessas casas mobilia alguma: tudo se faz no chão. Os pobres dormem em esteiras de sapé ou de juncos; os ricos, sobre pelles de urso. A indescriptivel falta de limpeza cria insectos sem numero que se tornam insupportaveis. Abandonando, no verão, essas casas subterraneas, vivem em tendas ou choupanas, e se tornam nomades indo á caça ou á pesca. Fazem nesse tempo muitas provisões: couros para vestir, carne

e peixe para comer, oleo de baléa para queimar e beber, etc. Pertencem ao **III grupo** os habitantes do interior. Estes se parecem com os barbaros das Montanhas Rocheas: altos, morenos, nomades, algum tanto crueis e muito aferrados a suas superstições. Vivem unicamente de caça; suas choupanas nunca são subterraneas. Unem as calças aos sapatos; usam uma especie de capote com capucho para proteger a cabeça. Tudo é de pelle. Pintam o rosto com diversas côres e consideram a mulher como escrava. O homem mata o animal, porém ao mais do trabalho da caça deve pensar a mulher, a qual juntamente com suas filhas come os restos que lhe deixam o marido e os filhos.

527) **Usos communs.** — O governo, si tal se póde chamar, é o da tribu. O chefe assume o titulo de doutor; é a um tempo medico e representante da religião que toda se reduz a algumas praticas supersticiosas. A sua sciencia ou arte consiste em fazer crer que conhece cousas occultas, futuras, distantes, e sabe curar todas as doenças expulsando os máus espiritos que as produzem. A dignidade de chefe ou doutor é hereditaria. Não existe polygamia. Quem trata o casamento são os paes emquanto os filhos são ainda pequenos. Então a noiva, posto que viva separada do noivo até á edade competente, trabalha para elle e vice-versa. Nenhuma industria agricola existe no paiz, vivendo todos da pesca e da caça. O cão é o unico animal domestico, mas é de uma especie particular e muito semelhante ao lobo. Nenhuma affeição mostra ao homem; nem ladra, contentando-se de uivar. Serve como besta de carga e para puxar os trenós. Perto do mar o terreno é deserto, sem arvores nem arbustos; no interior, porém, ha florestas e sufficiente vegetação. A temperatura média, durante o inverno, é de 50° sob o zero no thermometro de Fahrenheit. O gelo nos rios e lagos chega á grossura de dois metros. O sol conserva-se constantemente sobre o horizonte desde o principio de Maio até o fim de Agosto fazendo o contrario nos mezes correspondentes do inverno. Contam os missionarios, que, durante o inverno, os selvagens atravessam sobre o gelo o estreito de Behring, indo visitar as costas da Siberia.

528) **America do Sul.**—*No Mexico*, a Benito Juarez, fallecido em 72, succederam no meio da guerra civil quasi continua: Lerdo Tejada, Porfirio Dias (76), Manuel Gonçales (80), e de novo Porfirio Dias. Todos continuaram a perseguir a Egreja.—**Colombia.**—A Nova Granada assumiu em 1861 o nome de *Colombia*, e publicou a sua constituição em 63, estabelecendo-se em republica federal, composta de estados e territorios. — **A Venezuela**, separando-se da antiga Colombia, formou uma republica dividida em provincias. Triumphando em 1863, os federaes reformaram a constituição.

529) **O Equador** — constituiu-se republica em 1830. Seus primeiros presidentes: Flores, Rocafuerte, Urbina, Roblez e outros trataram o Equador quasi como paiz conquistado. Basta dizer que a divida publica subiu em poucos annos a quatro milhões de piastras, equivalentes a oito mil contos de réis. No entretanto nada se fizera em beneficio da republica, grassando a anarchia em toda a parte. Flores, sendo

desterrado (45) e passando á Europa, formou o projecto de collocar no Equador um principe hespanhol. A expedição não se realizou, unicamente porque a Inglaterra, receando prejuizos para o seu commercio, poz embargo aos navios que se estavam armando em seus portos. Afinal uma revolta que rompeu em 1859, derrubando Roblez, elevou á presidencia o dr. Garcia Moreno. Este, cercando-se de pessoas honestas, reformou toda a administração, o exercito, a constituição, o ensino, o systema eleitoral, etc.; dotou o paiz de numerosas estradas e de instituições muito uteis; diminuiu os impostos; pagou quasi toda a divida publica; offereceu ao Papa um decimo das rendas do estado; obteve uma concordata com a S. Sé (1); protegeu o commercio, as lettras, as sciencia e as artes. Do seu ordenado, como presidente, renunciou metade em beneficio do thesouro, empregando a outra metade em obras de beneficiencia e utilidade publica. Tutelando energicamente a ordem, conseguiu que a paz, a tranquillidade publica e a prosperidade reinassem por toda a parte. Reeleito em 1869, continuou a promover o verdadeiro bem da patria com tanta satisfacção de seus patricios, que estes o elegeram de novo em 1875; foi, porém, cobardemente assassinado no dia seis de Agosto do mesmo anno. Que a morte de Garcia Moreno foi decretada muito de antemão pelos altos poderes da seita, hoje é facto incontestavel. Contavam os conspiradores com o auxilio do povo, mas aconteceu o contrario; o povo perseguiu os assassinos; a ordem publica não se alterou, e todo o Equador chorou a perda do seu presidente como a de um pae. A divisa de Garcia Moreno era: *Liberdade para todos e para tudo, excepto para o mal e para os malvados.* O novo presidente foi o *dr. Antonio Borrero*, que a 7 de Nov. de 75 jurou a constituição. Decretava, no entretanto, o congresso uma estatua a Garcia Moreno e uma mensagem de pesames ao papa Pio IX. Adoptou Borrero a politica do *Justo Meio*, e tratou de agradar aos Catholicos recusando mudar a constituição, embora o tivesse promettido aos radicaes, a quem cuidou contentar deixando toda a liberdade á imprensa impia, e ameaçando de uma forte multa quem celebrasse com demonstrações de lucto o anniversario de seu predecessor. Comtudo os radicaes assentaram derrubar esse presidente, que

(1) Sabemos que chamarão isto *atraso* e *obscurantismo*, porque hoje o progresso consiste em desviar o dinheiro publico por caminhos bem diversos, mas é certo que com este *atraso* o Equador gosava de felicidade maior do que nenhum desses paizes que blazonam de adeantados á moderna.

ainda conservava alguma apparencia de religião. Confiaram esta tarefa ao general Vintimilla, governador de Guayaquil (8 de Set. de 76). A resistencia foi fraca; a victoria, facil; e Vintimilla, assumindo a dictadura, desterrou Borrero; secularizou a instrucção (1 de Fev. de 77); (1) reuniu uma convenção nacional (78); fez uma nova constituição (IV desde 1830), e foi proclamado presidente. Inaugurou então um esbanjamento incrivel do dinheiro publico, e ainda, no fim do seu mandato, tratou de apoderar-se mais uma vez da dictadura. Uma nova revolução, pois, expulsando Vintimilla, elevou *José Maria Placido Caamaño* (7 de Fev. de 1884 — 30 de Jun. de 88).

530) **O Perú**—republica unitaria, teve em 1864 algumas difficuldades com a Hespanha, que occupou as ilhas *Chinchas*, onde existem grandes depositos de guano. Graças á prudente moderação do general *Pezet*, presidente da republica, concluiu-se a paz no anno seguinte. Emquanto, todavia, a Hespanha tratava de castigar o Chile que apoiára o Perú, uma revolta derrubou o general Pezet, substituindo-lhe provisoriamente o general *Canseco*, e logo depois o general *Prado*. Investido de poder dictatorial, obteve *Prado* uma alliança offensiva e defensiva com o Chile, Bolivia e Equador (66). Tomando então a guerra grandes proporções, o almirante hespanhol Nunhes bombardeou a cidade de Valparaiso (Mar.), mas teve de retirar-se do porto de Callão (Abr.), defendido por uma esquadra peruana. Dahi por deante as hostilidades afrouxaram; os navios hespanhoes deixaram o Pacifico, e a paz foi restabelecida em 1868. — Em 1872 o ministro da guerra *Guttierez*, á frente de uma revolta, prendeu o coronel *Balta*, então presidente. Tendo os partidarios deste matado os irmãos de Guttierez, foram despedaçados pela multidão em furor. *D. Manuel Pardo*, eleito presidente, restaurou a ordem, mas pereceu assassinado em 1876. — **A Bolivia**, republica unitaria como o Perú, tem sido egualmente victima de continuas revoluções.

531) **Chile.**— A constituição do Chile votada em 1833 conservou as tradicções monarchicas mais do que nenhuma das outras republicas americanas. As leis das camaras são

---

(1) O bispo de Quito morreu envenenado na Sexta Feira Santa, 30 de Março de 1877. Elle reclamára com energia contra a perseguição que o dictador fazia soffrer ao clero. Vide—Garcia Moreno, president de l'Équateur, Vengeur e Martyr du droit Chrétien—par le R. P. A. Berthe.

submettidas á sancção do presidente, que nomeado por cinco annos, tem o direito do *veto*. Reconheceu a Hespanha em 1844 a independencia do Chile, cuja historia conta menos revoluções que a das outras republicas de origem hespanhola.— Como os chilenos explorassem os depositos de guano, situados em territorio a que a Bolivia cuidava ter direito, esta reclamou, e um tratado (66) estabeleceu que a provincia de Atacama, posta entre os paralellos 23 e 25, seria desfructada em commum. Fundaram pouco depois os Chilenos as cidades de Caracoles e de Antofagosta com o fim de explorar mais facilmente as minas de prata e de salitre, descobertas no dito territorio. Alliou-se, porém, a Bolivia (73) secretamente com o Perú, e dentro em breve apresentou a pretenção de ter direito exclusivo á provincia de Atacama. A guerra, pois, começou. Os Chilenos capturaram (79) um encouraçado peruano, e, conseguindo outras vantagens, occuparam a capital do Perú, bem como a provincia disputada. Dictando então as condições da paz, impuzeram aos Peruanos a cessão de larga parte do seu territorio. Estas condições acceitas (83) por *Iglesias*, chefe do partido nesse tempo dominante, foram ratificadas pelo congresso de Lima (84). Decorridos dois mezes concluiu-se a paz tambem com a Bolivia. Em 1891 e 92 houve no Chile uma guerra civil entre os congressistas e o presidente Balmaceda que se suicidou depois de ser derrotado.

532) **Republicas do Prata.—O Paraguay** separou-se da Hespanha em 1811, conferindo (13) por tres annos o supremo poder a dois consules: Francia e Fulgencio Yegros. Francia não tardou a ser proclamado dictador, e como tal governou até 1840, epoca da sua morte. Restabeleceu-se então o systema dos dois consules triennaes, porém Antonio Lopez, um dos eleitos, assumiu, dentro em pouco, a dictadura, conservando-a até a morte (62). Succedeu-lhe Francisco Solano Lopez, seu filho, que, governando com energia, logrou captivar o amor do seu povo e fazer com que no paiz reinassem a ordem, a paz, a riqueza. Tendo concebido o plano de alongar os seus dominios até o Atlantico, cahiu no erro de travar uma lucta perigosa com o Brasil.—**A Confederação Argentina**, composta de 14 pequenos estados, formou-se em 1826 sob a presidencia de Rivadavia. Em 1835 apoderou-se da dictadura o celebre Rosas, que dominou como tyranno até 52, quando foi expulso por Urquiza, governador de Entrerios. Apoz tres annos de anarchia, inaugurou-se o pacto federal, actual-

mente em vigor, que, com leves alterações, é uma copia do que rege os Estados-Unidos do Norte. Existem na Confederação dois partidos principaes: o *Unitario* e o *Federal*. Aquelle quer a capital em Buenos-Ayres, este aspira a leval-a successivamente para os differentes estados.— **Uruguay**.—O primeiro presidente desta republica foi *Rivéra*, que mais tarde se revoltou contra *Oribe*, seu successor. Formaram-se então dois partidos: o dos *colorados*, que seguiam Rivéra, e o dos *blancos* ou *blanquilhos*, capitaneados por Oribe. Este alliou-se com Rosas, e a guerra civil durou nove annos. Em 54 apoderou-se da presidencia o general *Flores*, que dentro em breve se retirou para Buenos-Ayres. Como então os *blancos* fizessem em *Quintero* uma grande matança de colorados, Flores (63), voltando e assumindo o titulo de *Libertador*, derrotou os blancos, e attrahiu para o seu partido os brasileiros moradores do territorio disputado ou neutro. Subiu então á presidencia Aguirre, que, recusando as propostas pacificas do Brasil, implorou a protecção de Solano Lopes. Os imperiaes, portanto, expulsaram Aguirre, e restituiram o poder a Flores, ao qual se tinham unido. Dava neste mesmo tempo Solano Lopes principio ás hostilidades contra o imperio invadindo a provincia de Matto Grosso, e a guerra do Paraguay começou.

533) **Brasil**.—Durante a menoridade de D. Pedro II, dirigiu successivamente os destinos do imperio uma regencia provisoria, uma permanente trina, a do Padre Feijó e logo depois a do senador Pedro de Araujo Lima. Appareceram neste tempo varias perturbações na capital e nas provincias que foram a pouco e pouco apaziguadas. A do *Pará* durou cinco annos, e é conhecida com o nome de *Cabanagem*; a de *Pernambuco* causou uma anarchia de quatro annos. No *Maranhão* houve uma revolta em 31—32, outra em 38—41. Debellou esta ultima o coronel Luiz Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias. A maior de todas, porém, foi a do Rio Grande do Sul que durou nove annos e meio (35—45). Chama-se *guerra dos farrapos*. A gloria de subjugal-a coube ao duque de Caxias, que em 42 sopitára as insurreições de S. Paulo e de Minas-Geraes. Caxias distinguiu-se egualmente na guerra que o imperador, alliando-se com Urquiza e Rivéra, declarou ao dictador Rosas, a quem venceu e obrigou a fugir (52). A lucta principal do Brasil, emquanto reinava D. Pedro II, que assumiu as redêas do governo em 1840, foi

a do Paraguay. A sua historia resume-se no seguinte: A invasão de Lopes na provincia de Corrientes produz a triplice alliança do imperio, do Uruguay e da Republica Argentina (65); os Paraguayos derrotados no Riachuelo e em Uruguayana (65), retiram-se para o seu paiz. Os alliados, atravessando o Paraná, batem o inimigo no Passo da Patria, em Tuyuty e em Curuçú (66); realizam uma grande marcha pelo Estero Velhaco (67); tomam a fortaleza de Humaytá (67), Angostura, Villeta e as Lomas Valentinas (68), entrando por ultimo na Assumpção (69). Então o duque de Caxias, o maior heróe desta lucta, retirou-se por doente. O conde d'Eu, succedendo-lhe, consegue diversas victorias muito gloriosas; mata o dictador e conclúe a guerra. — Desfructou o Brasil dessa epoca em deante uma profunda paz, occupando-se unicamente do seu progresso; construiu numerosos caminhos de ferro e linhas telegraphicas; adoptou o telephono (78); reformou o systema eleitoral; aboliu a escravatura (88), e a 15 de Nov. de 89 proclamou a republica federal sob o nome de Estados-Unidos do Brazil. O congresso federal, reunindo-se no dia 15 de Nov. de 90, votou a constituição e a promulgou a 24 de Fevereiro de 91. O primeiro presidente da republica foi o Marechal Deodoro da Fonseca.

PERIODO V — A EUROPA ATÉ NOSSOS DIAS

534) **Portugal.**—Expulso D. Miguel, subiu ao throno D. Maria II (34—53) sob a regencia de D. Pedro, seu pai. Aboliu o governo dessa regencia os dizimos, as sizas, os foros e as Ordens Religiosas, cujos bens confiscou. Interrompendo (34) as relações com a S. Sé, mandou os passaportes ao nuncio do Papa, e obrigou a maior parte dos bispos a sahirem do reino. D. Pedro falleceu (24 de Set. de 34) com 36 annos de edade. Sendo então D. Maria declarada maior, começou a governar constitucionalmente. Formaram-se desde logo dois partidos: os *cartistas* e os *setembristas*. Estes queriam a constituição de 22; aquelles, a *Carta* de 26, outorgada por D. João VI. Disputaram estes dois partidos o poder, fazendo em poucos annos numerosas revoltas e novas constituições. A primeira insurreição rompeu em 36; outra, em 38 uma terceira, em 42; duas, em 46. Para debellar a segunda destas duas recorreu o governo á intervenção dos Inglezes, Francezes e Hespa-

nhões, concedendo no fim amnistia geral. O levantamento de 51 foi dirigido pelo duque de Saldanha. Casou-se D. Maria duas vezes: uma (34) com D. Augusto, duque de Leuchtemberg, irmão de D. Amelia, mulher de D. Pedro IV (no Brasil, I); outra, com D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha (36), que, quando nasceu o primeiro filho, assumiu o titulo de rei, porém não governou.

535) **Ultimos reis.**—A D. Maria succedeu *D. Pedro V* (53—61) sob a regencia de D. Fernando, seu pae. O seu reinado assignalou-se pela cessão á Hollanda das ilhas de Solor e Flores, na Oceania (59); pela introducção em Portugal do telegrapho e das estradas de ferro; pela epidemia do colera-morbus (56) e da febre amarella (57), e pela protecção outorgada ás lettras, sciencias e artes. Acabou D. Pedro com a cerimonia do beija-mão, e contrahiu matrimonio (58) com D. Estephania, filha do principe de Hohenzollern-Sigmaringen. Viuvo desde Julho de 59, falleceu sem deixar successão (11 de Nov. de 61). Correu o boato de que fôra envenenado.—*D. Luiz* (61—89), seu irmão e successor, continuou a proteger as lettras, sciencias e artes. Construiram-se neste tempo numerosas estradas, e caminhos de ferro; aboliu-se a lei dos morgados (63), a pena de morte e a escravatura em todos os dominios portuguezes (69). Este reinado foi relativamente tranquillo. Déram-se apenas diversos motins populares de pouca monta, em 61, 64, 66, 68 e 70. Casou-se D. Luiz (62) com D. Maria Pia, filha de Victor Manuel, rei da Italia, e morreu em Cascaes a 19 de Out. de 89. Succedeu-lhe *D. Carlos*, seu filho, unido em matrimonio (86) com D. Maria Amelia de Orléans, filha do conde de Pariz. Dois factos teem até agora distinguido o reinado de D. Carlos. O primeiro é a questão com a Inglaterra que (90) apresentou a pretenção de occupar na Africa oriental territorios desde seculos pertencentes a Portugal. O segundo foi uma insurreição republicana no Porto (31 de Jan. de 91), alli mesmo debellada em poucas horas com a perda de algumas vidas.

FRANÇA

536) **Os partidos.**— Desde a quéda de Napoleão III dois grandes partidos trabalharam na França por conseguir a preponderancia: os *monarchistas* e os *republicanos*. Subdividem-se os primeiros em legitimistas, orléanistas e

bonapartistas. Os segundos, em conservadores, radicaes e vermelhos. Sem desconhecerem as necessidades dos tempos actuaes, representam os legitimistas as antigas tradições francezas, e consideravam como rei legitimo Henrique, conde de Chambord, neto de Carlos X e filho do duque de Berry. *Os orléanistas* acceitam a revolução de 1830, e querem a monarchia como a estabeleceu o rei que subiu ao throno nessa data. Para estes, o monarcha devia ser o conde de Pariz, filho do duque de Orléans e neto de Luiz Philippe. *Os bonapartistas* desejam o imperio napoleonico e aspiravam a collocar no throno o principe imperial. *Os republicanos conservadores* pediam uma republica semelhante á monarchia constitucional com a unica differença de ter um presidente electivo em logar de um rei hereditario. *Os radicaes* pretendem a republica dos antigos Girondinos. *Os vermelhos* luctam para uma republica democratica que equivale á anarchia. São pouco mais ou menos socialistas, communistas, etc. O fim dos radicaes e o dos vermelhos é o mesmo. Differem só nos meios, querendo aquelles proceder devagar; estes, com precipitação.

537) **Pacto de Bordéos.—Constituição Rivet, 71.** —As eleições de 1871 mostraram que a nação estava para a monarchia; porém Thiers, a quem o interesse tornara republicano, sendo nomeado presidente do conselho dos ministros (17 de Fev.) encarregados do poder executivo, fez com que a questão da fórma do governo fosse adiada. Tal é a resolução que se chamou *Pacto de Bordéos*. Decorridos alguns dias, alcançou o mesmo Thiers que a assembléa se transferisse para Versalhes. Os excessos da communa avivaram o desejo da monarchia; nada, porém, se conseguiu, porque o conde de Chambord recusou transigir com a revolução. Por outro lado Thiers, que dominava a camara e a cada passo offerecia a sua demissão, anhelava para a republica. Propoz, afinal, o deputado Rivet dar-lhe a presidencia por todo o tempo que durasse a assembléa nacional, incumbindo-o de promulgar as leis, e de fazel-as observar (31 de Ag. de 71). E' a esta proposta que déram o nome de *Constituição Rivet*.

538) **Septennato.**— De accordo com a camara tratou Thiers de reorganizar o paiz. Reformou o exercito; dissolveu a guarda nacional; assignou um tratado de commercio com a Prussia, e, pagando antes do tempo a indemnização de cinco mil milhões de francos, livrou o territorio da oc-

cupação extrangeira. Em Nov. de 72 fez a proposta de vir a uma decisão relativamente á fórma de governo, pronunciando-se em favor da republica conservadora. Esta proposta excitou um grande movimento quer entre os monarchistas, quer entre os radicaes e vermelhos. Emfim havendo Thiers dado a sua demissão, a camara offereceu a presidencia ao Marechal Mac-Mahon (24 de Mo. de 73). A desharmonia entre os legitimistas e os orléanistas frustrou mais uma vez a esperança de ver restaurada a monarchia. A camara, pois, prorogou por sete annos os poderes do marechal. Esta proroga se chamou *Septennato*.

539) **III Republica.**— No entretanto os republicanos, unindo-se, votaram (25 de Fev. de 75) uma constituição republicana conservadora.—O congresso, formado pela reunião das duas camaras, elege o presidente. O senado consta de membros vitalicios e de membros temporarios. Aquelles são nomeados, a primeira vez, pelo congresso; em seguida, pelo proprio senado. Estes permanecem nove annos no officio, e devem a sua nomeação a um corpo especial composto de deputados, conselheiros geraes e delegados das communas de cada departamento. Os deputados são eleitos pelo suffragio universal.—Nesse mesmo anno de 75 a camara concedeu a liberdade do ensino superior, cercando-a, porem, com tantas restricções, que a tornou quasi illusoria. —Dessa epoca em deante o governo francez tem progredido sempre mais no caminho da perseguição religiosa supprimindo os capellães do exercito, vedando a religião nas escolas, decretando o ensino obrigatorio, laical, athéo, etc., etc.—Seria, comtudo, grande erro suppor que a França toda está no governo ou com o governo. Não: a heroica Filha Primogenita da Egreja ainda não renunciou a suas glorias que tanto a honram no immenso campo da historia. De feito, é a França catholica que em nossos dias, como em tempos andados, fornece avultado numero de missionarios, os quaes levam a civilização christan até ás ultimas extremidades do globo. As obras de zelo, de caridade, de dedicação do seu clero secular e regular, das religiosas e dos proprios leigos, são tantas, que nos é impossivel apontal-as aqui mesmo do modo o mais resumido. E' desse zelo, é dessas obras de todos os catholicos francezes que ha de vir a salvação da França, como nós o esperamos com fé viva, e o desejamos de todo o coração.—A Mac-Mahon succedeu (79) Julio Grevy; a este, Sadi Carnot (87). Celebrou a III republica franceza duas grandes exposições univer-

saes muito concorridas: uma em 78, outra em 89. Esta serviu para solemnizar o primeiro centenario da revolução, e foi illustrada pela colossal torre Eiffel.

540) **A França na Regencia de Tunis, na China e no Madagascar.**—Em consequencia de algumas correrias dos Arabes na fronteira da Argelia, enviou a republica a Tunis um general com doze mil homens, que dictou um tratado e impoz a protecção franceza ao bey (Mo. de 81). A Sublime Porta, que protestou, não foi attendida; porém os Arabes, invadindo furiosos a provincia de Oram, fizeram uma grande carnificina de europeus, e, rebellando-se em Tunis, proclamaram a guerra santa contra os infieis. Mandou então a França um exercito de 60.000 homens com despesas e sacrificios enormes e sem resultado algum. Os Francezes, chegando a Tunis e occupando *Kairuan*, não conseguiram nem sequer a gloria de derrotar esses filhos do deserto, que se dispersavam rapidamente para apparecerem de novo quando eram menos esperados (81). Retiraram-se, portanto, depois de consolidar a sua protecção e influencia naquelle paiz. Dessa data em deante teem os Francezes luctado muito activamente com os Italianos para a preponderancia em Tunis.—**China.** Tendo os Francezes em 1884 occupado *Bacnich*, obtiveram o tratado de *Tien-tsin* pelo qual a China prometteu evacuar o Tonkim e não se ingerir mais com os negocios daquelle reino. Antes, porém, que essa convenção fosse ratificada, os Francezes pretenderam tomar posse da fortaleza de *Lang-Son*, onde foram batidos. Este facto, que injustamente qualificaram de traição, causou uma guerra em que a França levou uma nova derrota. Pedindo então a paz, conseguiu a ratificação do tratado de Tien-tsin (85). A China, pois, retirou do Tonkim suas tropas e seus empregados.—Em 1885 por meio de uma expedição militar, a França obrigou o *Madagascar* a acceitar o seu protectorado.

541) **Roma.**—Conforme deixámos apontado em outro logar, o governo piemontez entrou em Roma no dia 20 de Set. de 70, abrindo a brecha de Porta Pia. O Papa ficou reduzido ao palacio do Vaticano e a viver de esmolas. A revolução contava com o proximo fim do pontificado de Pio IX, e já se dispunha a dominar o futuro conclave. Deus, porém, dispuzera de outro modo. Em 1877 o mundo inteiro celebrou, com enthusiasmo indescriptivel, o quinquagesimo anniversario da sagração episcopal do Summo Pontifice.

Victor Manuel falleceu miseravelmente (1) no Quirinal a 9 de Jan. de 78, vivendo Pio IX até o dia sete de Fev. A 20 do referido mez e anno o mundo catholico foi consolado pela noticia da eleição do novo chefe da Egreja na pessoa do cardeal Joaquim Pecci, que tomou o nome de Leão XIII. Das numerosas glorias do seu pontificado, que tem merecido a admiração até dos acatholicos, mencionaremos só as duas seguintes. Havendo a Prussia mostrado pretenções ás *Ilhas Carolinas*, resistiu-lhe a Hespanha reclamando-as como proprias. Ia, pois, accender-se uma guerra desoladora quando as duas potencias concordaram em remetter a questão ao juizo arbitral do Summo Pontifice. Este, recusando ser juiz, acceitou o officio de medianeiro, e com notavel satisfacção de ambas as côrtes pronunciou que as ditas ilhas pertencem á Hespanha, a qual *pro bono pacis* faria diversas concessões commerciaes á Prussia (85). A outra é o jubileu sacerdotal (88) do mesmo Pontifice, celebrado com uma festa e exposição tal, que não se acha semelhante na historia. Todos os soberanos do mundo, excepto o da Italia, tomaram parte no regosijo dos Catholicos. Em Fev. deste anno (93) festejou Leão XIII o seu jubileu episcopal

542) **Allemanha.**—A unidade politica da Germania começou a realizar-se pelo tratado de Praga (66), e completou-se em 71, quando (18 de Fev.) os Allemães declararam em Versalhes a união das duas confederações formando o actual imperio allemão sob a presidencia do rei da Prussia e dando a coroa imperial a *Guilherme I*. Este permittiu que o seu chanceller Bismarck perseguisse os Catholicos, e falleceu a 9 de Mar. de 88. Succedeu-lhe *Frederico III*, seu filho, que, sempre doente, morreu a 15 de Junho do mesmo anno. Subiu então ao throno *Guilherme II*, filho do precedente, o qual, demittindo Bismarck, (15 de Mar. de 90), poz côbro á perseguição; viajou pela Russia, Suecia, Austria e Italia, onde visitou o Papa Leão XIII. Indo outra vez a

(1) Quizeram nesta occasião representar, como de costume, uma farça politica espalhando o boato de que o rei, gravemente enfermo, pedira a absolvição. O Papa concedeu todas as faculdades, e se disse que o monarcha fechára os olhos reconciliado com a Egreja. Hoje, porém, consta que Victor Manuel morreu de repente emquanto praticava um desses crimes vergonhosos que foram tão frequentes em sua vida privada. Succedeu-lhe o seu primogenito com o nome de Humberto I. Em 1885 quiz o governo italiano imitar as outras nações fazendo uma expedição militar ao mar Vermelho, onde em Massawa com grandes sacrificios de vidas e de dinheiro, fundou uma colonia que até agora não tem produzido quasi nenhuma vantagem para a nação.

Roma em Fev. de 93, teve uma longa conferencia secreta com o Santo Padre.

543) **Russia**.—A Nicoláu I (25—55) succedeu Alexandre II, seu filho (55—81), que, depois do congresso de Pariz (56), buscou reparar os males da guerra reformando toda a administração. Emancipando (61), porém, os servos da gleba descontentou quasi toda a pequena nobreza, arruinada por essa medida. A sociedade secreta dos *nihilistas*, organizada pouco depois dessa data, aspira á ultima ruina da ordem social. Uma nova insurreição da Polonia (63-64) forneceu ao czar um pretexto para cercear a derradeira esperança daquella nação tão benemerita da Europa. Em 1870 obteve Alexandre nas conferencias de Londres, a suppressão dessa parte do tratado de Pariz que limitava as forças russas no mar Negro: perseguiu os Catholicos; fez guerra á Turquia (77), e foi (13 de Mr. de 81) assassinado pelos nihilistas. Seu filho e successor, Alexandre III, continuando a perseguir os Catholicos, prohibiu (86) a lingua polaca, e expulsou cruelmente da Polonia todos os catholicos que não eram naturaes do logar. Outro tanto fez a Prussia!

544) **Guerra turco-russa**.—(76-78). — Reinava a paz em toda a Europa, quando principiou uma insurreição contra os Turcos na Herzegovina (76). A Bosnia, a Servia, o Montenegro e a Rumania mostravam sympathias aos insurgentes. Os Montenegrinos e os Servios, declarando formalmente a guerra ao Divão, entraram em campanha no primeiro de Julho de 76. Os Servios eram capitaneados pelo general russo *Tchernaief*; os Montenegrinos, por seu principe *Nicoláu I*. No começo as victorias e os desastres foram quasi eguaes de parte a parte, e os Montenegrinos continuaram a levar a melhor; os Servios, todavia, foram dentro em breve derrotados de tal modo, que acceitaram a mediação da Inglaterra (24 de Ag). Uma revolução de palacio ergueu nessas conjuncturas a esperança dos insurgentes. *Abd-ul-Assis* (61—76), irmão e successor de Abd-ul-Mejid (39-61), foi deposto (30 de Mo.), e, segundo se disse, suicidou-se na casa em que o haviam fechado. Tomou, por conseguinte, as redeas do governo *Murad* V, que, apenas tres mezes depois, com o pretexto de ter perdido o uso de suas faculdades mentaes, teve a sorte de Abd-ul-Assis, seu tio, sendo guardado á vista em um palacio. Elevaram então ao throno *Abd-ul-Hamid*, irmão do precedente. No entretanto os Servios, batidos de novo, assignavam um

armisticio em que se contemplou tambem o Montenegro. As potencias obtiveram diversas garantias para os Christãos, e uma constituição que impoz á Sublime Porta o systema parlamentar da moderna Europa. Assentára-se, pois, a paz entre o Divão, o Montenegro e a Servia (Mr. de 77), quando a Russia, apparentando a obrigação de proteger os gregos orthodoxos, declarou abertamente guerra á Porta. A Rumania ligou-se com o czar, a Inglaterra e a Hungria favoreceram de socapa o sultão. Os Russos, invadindo a Armenia, tomaram Ardaham e Kars. Atravessavam no mesmo tempo o Danubio; entravam em Pleuna; galgavam os Balkanos; apoderavam-se de Sophia e de Andrinopla, avançando até perto da capital. Pediram, portanto, os Turcos um armisticio, e no tratado de Santo Estevam consentiram nos preliminares da paz (31 de Ja. de 78).

545) Congresso de Berlim—78.— Esse tratado recebeu diversas modificações no congresso de Berlim, proposto pelo ministro inglez *Disraëli* e presidido por Bismarck, chanceller do imperio allemão. As resoluções principaes do congresso foram as seguintes:— 1) Independencia completa da Rumania, da Servia e do Montenegro. — 2) A Bessarabia passa á Russia; a Dobroutcha, á Rumania. — 3) Leve engrandecimento da Servia e do Montenegro. Este adquire no Adriatico o porto de Antivari com seu littoral.—4) A Bosnia e a Herzegovina são occupadas pela Austria, conservando a Porta uma soberania nominal sobre ellas. — 5) A Grecia dilata seu territorio no Epiro e na Thessalia. — 6) A Bulgaria, formando um principado que reconhece a soberania do sultão, ao qual paga tributo, governa-se de per si e tem milicia nacional. A Turquia não póde acantonar nella suas tropas. — 7) A Thracia e a Macedonia constituem uma nova provincia com o nome de *Rumelia Oriental*, limitada ao N. e no O. pela Bulgaria, a L. pelo mar Negro, ao S. pela Rumelia, no S. O., pela Grecia. Um governador geral *christão* dirige seus destinos no *civil*; mas, quanto á politica, permanece sob o dominio da Porta, que poderá ter suas guarnições só nas fronteiras. — 8) As cidades de Ardaham, Kars e Batum com seus territorios são cedidas á Russia; a cidade de Kotur, á Persia. — 9) Chypre será occupada pela Inglaterra, que a governará e não ha de ser obrigada a restituil-a emquanto a Russia não abandonar as cidades que adquiriu por meio desta guerra; promette, todavia, a mesma Inglaterra proteger a Asia Menor contra qualquer aggressão dos Moscovitas.

546) **Consequencias.** — **Bulgaria.** — Eleito (Mo. de 79) em Tirnova principe da Bulgaria, Alexandre de Battenberg visitou o czar em Livadia; passou por Berlim, Londres, Pariz, Roma, e, depois de receber em Constantinopla a investidura, tomou posse do seu principado (8 de Jul.) na capital que dentro em pouco transferiu para Sophia. Conhecendo que a tutela do czar havia de ser muito pesada, tratou desde o principio de livrar-se della. Como tivesse de luctar com um forte partido de amigos da Russia, convocou (81) uma assembléa nacional e protestou que ia abdicar, si por cinco annos não lhe concedessem poderes extraordinarios, indispensaveis para governar convenientemente o paiz. Tudo conseguiu. Passados quatro annos, a *Rumelia Oriental* (18 Set. de 85) depoz o seu governador, e desejou annexar-se á Bulgaria. Annuiu Battenberg ao pedido; derrotou a Servia que lhe declarára a guerra, e, mediante algumas concessões, logrou fazer approvar pela Turquia este novo estado de cousas. A Russia, porém, irritada, decretou, posto que sem direito, a deposição de Alexandre. Penetrando secretamente de noite no palacio, alguns agentes moscovitas prenderam o principe e o conduziram para além da fronteira (21 de Ag. de 86). Alvorotou-se o povo ao ser informado do occorrido; expulsou os russos, e, arrojando-se atraz de Alexandre, o reconduziu em triumpho para a capital. Alli Battenberg escreveu ao imperador, tentando justificar o seu proceder. Respondeu-lhe o autocrata que se retirasse incontinenti sob pena de uma guerra desoladora! Constituiu, pois, uma regencia, e sahiu da Bulgaria levando comsigo a mais terna saudade do seu povo que sinceramente o amava

547) **Fernando.**—Percorreu, depois da retirada de Battenberg, uma deputação bulgara as côrtes da Europa, sendo em toda a parte recebida com reserva. Foi por ultimo eleito unanimente em Tirnova (9 de Jul. de 87) *Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha*, que dahi a pouco tomou posse do seu principado. Nasceu em 1861, e é quinto e ultimo filho do finado *Augusto*, principe da Saxonia; como tambem primo do actual principe de Saxe-Coburgo-Gotha e da princeza Maria Clementina de Orléans, filha do rei Luiz-Philipe. Ainda ninguem o reconheceu. Em 1890 teve de fuzilar o major Panizza, réu de conspirar contra o seu governo. Vingaram-se os cumplices assassinando (27 de Mar. de 91) o ministro da fazenda *Beluff* e attentando á vida de Stambuloff, presidente do conselho. Casou-se o

principe Fernando (92) com a filha do duque de Edimburgo, neta da rainha Victoria. Obteve a dispensa pela disparidade de culto com a condição de educar todos os filhos no Catholicismo. Tanto a rainha Victoria, como o governo bulgaro acceitaram formalmente a condição.

548) **Servia.**—Conforme já vimos, em 1860 tornou-se, o throno da Servia, hereditario na familia *Obrenowitch*. Em 1868 Milão succedeu a Miguel, que acabava de ser assassinado. Em 1875 casou-se Milão com *Anatolia*, filha de um coronel russo de Kechko e de Pulcheria, princeza de Stourdza. Declarado independente pelo Congresso de Berlim (78), assumiu o titulo de rei em 82 com approvação da Europa e graves desgostos dos radicaes. Em 1885 fez guerra á Bulgaria, quando esta annexou a Rumelia Oriental; foi, porém, derrotado por Alexandre de Battenberg. Em principios de 89 subiram ao poder os radicaes, que de accordo com o rei votaram diversas modificações á constituição. Divorciou-se no mesmo tempo Milão da sua mulher Anatolia, que, visitando a Russia, foi recebida em toda a parte com mostras de grande sympathia. Causou pouco depois surpresa geral a noticia de que Milão abdicára na pessoa do seu filho ainda menor; estabelecera uma regencia, e partira para Constantinopla. Ignora-se o motivo deste acto. O seu filho Alexandre nasceu a 14 de Ag. de 1876.

549) **A Europa e o Egypto**—78.—Ismael Pachá, khedive do Egypto, amigo e admirador dos Francezes, conseguira do sultão tantos privilegios, que se tornára quasi independente. Seus conflictos com o Dafour e a Abyssinia, suas despesas excessivas em obras publicas, e os grandes juros, pagos aos capitalistas extrangeiros, produzindo-lhe sérias difficuldades economicas, forneceram á França e á Inglaterra um pretexto para intervirem mais directamente nos negocios do Egypto. Vendeu Ismael ao governo britannico suas acções no canal de Suez, e consentiu que o francez Blignières tomasse as pastas da agricultura e do commercio, emquanto o inglez Wilson dirigia a da fazenda. Não tardou esta especie de dependencia a tornar-se excessivamente difficil ao Khedive e ao povo, já porque os officios mais lucrativos eram occupados pelos extrangeiros, já em vista do desprezo com que os europeus tratavam aos nacionaes, como si pertencessem a uma raça inferior. No mesmo tempo os tributos eram intolera-

veis. Uma tentativa do vice-rei, para livrar-se desta tutela, produziu, a pedido das potencias occidentaes, a deposição de Ismael pela Sublime Porta, que lhe substituiu *Tewfik Pachá*, seu filho. Este facto acabou de entregar o paiz aos extrangeiros, que, além das pastas de que falámos, possuiam o canal de Suez e todas as terras do Khedive. Contavam-se tambem 1280 officiaes europeus no exercito, 65 empregados nos tribunaes do Cairo e de Alexandria, 111 na direcção geral do cadastro, 105 no ministerio das obras publicas, 105 no correio, 93 na administração dos caminhos de ferro, 4 no gabinete privado do vice-rei.

550) **Revolta e guerra.**—Rebentou afinal no Cairo uma sedição militar, capitaneada pelo coronel *Araby-bey*, que, assestando 24 canhões contra o palacio do Khedive, obteve a mudança do ministerio (Out. de 81) e a convocação de uma assembléa de notaveis. Redigiu esta uma constituição á européa, e Araby, nomeado ministro da guerra (82), eliminou do exercito todos os officiaes extrangeiros, tentando no mesmo tempo desterrar, como traidores, 40 officiaes egypcianos. Trabalhava, no entretanto, inutilmente a diplomacia; o sultão mandava ao Cairo uma embaixada muito solemne; diversos navios britannicos e francezes appareciam na foz do Nilo, e o povo fazia as **Vesperas Alexandrinas** (11 de Jun. de 82), em que pereceram 80 européus. Apesar dos protestos da Sublime Porta, reuniu a Inglaterra uma conferencia diplomatica em Constantinopla, emquanto o seu almirante *Seymour*, bombardeando Alexandria, desmantelava as fortalezas do seu porto (10 de Jul). Os Francezes não tomaram parte nessa acção difficil de qualificar. Entregando-se então Tewfik aos Inglezes, Araby organizou uma resistencia formidavel; e lord *Wolseley*, nomeado general em chefe, occupou Suez; assenhoreou-se do canal (Ag); ganhou a batalha decisiva de *Tell-el-Kebir;* entrou no Cairo, e prendeu (15 de Set.) Araby, desterrando-o mais tarde para a ilha de Ceylão. Gloriava-se Wolseley de ter libertado o vice-rei, mas elle dalli em deante não havia de ser sinão um manequim em mãos britannicas.

551) **Consequencias.**—Organizaram os Inglezes no valle do Nilo um novo systema de governo, e luctaram com o falso propheta *El-Mahdi* que reuniu um exercito no Sudan. A Inglaterra, ao ver seus exercitos derrotados em varios logares (83), quiz abandonar o Sudan logo que

tivesse conseguido livrar suas guarnições assediadas em diversas cidades. O Khedive, todavia, se oppoz, e o governo britannico obstou á intervenção da Turquia dictando-lhe condições inacceitaveis. Resolveu (84) afinal enviar a Khartum o general Gordon com a missão de pacificar o Sudan, tirar do perigo as guarnições inglezas e propor a paz a El-Mahdi. Nada conseguiu. Os Arabes, occupando *Berber* mataram toda a população do sexo masculino; Khartum foi tomada e Gordon, morto. Estes factos e o proceder do gabinete britannico relativamente ao Egypto causaram na Europa grande antipathia contra a Inglaterra, e a quéda do ministerio Gladstone, ao qual succederam os Tories, capitaneados por lord Salisbury.

552) **A Inglaterra e o Canadá.**—Quando o Canadá passou (1763) para a coroa britannica, prometteram a seus habitantes o livre exercicio da religião catholica e os mesmos direitos de que gosavam os colonos inglezes. Em 1774 adoptou-se o codigo da metropole. Em 1791 as duas partes do paiz formaram duas provincias, cada uma com sua constituição; o governo, porém, ainda ficou dependente do conselho colonial de Londres. O Alto-Canadá medrou, embora o augmento da população fosse muito mais rapido no Baixo-Canadá. Neste houve uma insurreição em 1837. Reunindo-se as duas provincias (41), o poder executivo tornou-se, como na Inglaterra, responsavel perante a camara legislativa. Em 56 a camara alta passou a ser electiva; em 67 constitui-se o **Dominio do Canadá**. A principio foi uma *União Federal* da Nova Escossia, do Novo Brunswick e do Alto e Baixo Canadá. Aquelle recebeu o nome de Ontario; este, o de Quebec. Manitoba, formado de uma parte do territorio de Hudson Bay, foi admittido na União em 1870; British Columbia, em 71; Prince Edward Island, em 73. O *Dominio* tem um senado e uma camara dos communs. A coroa é representada pelo governador geral e pelo conselho. A legislação está sujeita a um *veto* do soberano. Cada provincia possue o seu governo local; entendem-se, porem, concedidos ao governo geral todos os poderes que não são expressamente reservados. Em 1885 inaugurou-se a grande ferro-via que de Ottawa se prolonga até o Pacifico.

553) **A Inglaterra e a Irlanda.**—A antipathia da Irlanda contra o governo britannico tem-se manifestado de modo differente segundo a diversidade das circumstancias.

Pediram os Irlandezes por longo tempo a emancipação dos Catholicos, que finalmente alcançaram em 1829. Insistiram então para que fossem abolidos os dizimos injustamente pagos pelos Catholicos ao clero protestante. Obtiveram isto em 1869. Aspiraram tambem, desde o tempo do grande *O' Connel* (47), a ter um parlamento proprio—*home rule*—mas ainda não lograram levar a effeito este seu ardente desejo. Comtudo o conflicto mais vivo e popular tem sido relativamente á posse das terras—*lei agraria*. Desde o tempo de Cromwell e da rainha Anna havia o governo inglez confiscado por motivo de religião aos Catholicos da Irlanda a maior parte de seus bens immoveis, que deste modo passaram para as mãos de poucas pessoas, quasi sempre protestantes, extranhas ao paiz e crueis para com os pobres rendeiros. Elles em caso de duvida gosam sempre do favor da lei. Muitas vezes expulsam barbaramente de casa, e atiram á rua, até no meio do inverno, os fazendeiros incapazes de pagar o aluguel. Com o fim de obter a total independencia da Ilha, organizaram, por ultimo, os Irlandezes (57) a sociedade dos *fenianos*, que Pio IX condemnou como sociedade secreta. Formaram-se um pouco mais tarde o partido do—*home rule*—e a sociedade agraria—*Land-League Society*.—Fazendo umas concessões quasi illusorias e recorrendo a duros meios coercitivos, não fez o governo britannico sinão exasperar sempre mais um povo, victima, ha tantos seculos, das maiores injustiças e cançado de soffrer. O *home rule* concorreu juntamente com outras causas para a quéda do ministerio Gladstone (85). o *Land-League* degenerou no—*boycotting*, emquanto os *fenianos* buscavam incutir terror por meio da dynamite empregando-a nas estações do caminho de ferro e contra edificios publicos—Consiste o *boycotting* em obrigar-se a não pagar o aluguel das fazendas e das casas. Si alguem violar esta promessa, ou recusar fazer parte do *boycotting*, ninguem deve ter compaixão delle, ninguem pode comprar-lhe, vender-lhe ou emprestar-lhe cousa alguma. O papa Leão XIII, depois de tomar todas as informações possiveis, condemnou (88) esta associação como manifestamente illicita; recusou, todavia, acceder aos desejos do governo inglez, que pedia se proscrevesse tambem o *home rule*, porque este não é immoral.

554) **A Inglaterra e a Australia.**—Quando em 1605 os Hollandezes descobriram a Australia, cuja superficie conta um milhão de leguas quadradas, habitavam nella selvagens da raça malaia, dos quaes hoje sobrevivem apenas uns oitenta mil. Na-

vegantes batavos reconheceram no sec. XVII diversos pontos de suas costas. Em 1644 o hollandez *Abel Tasman*, explorando varios logares da costa occidental, deu-lhe o nome de *Nova Hollanda*. Os descobrimentos de Cook (1769—77) influiram muito para estabelecer algumas feitorias nesta ilha-continente. *A Nova Galles do Sul*, nome dado por Cook, é a mais antiga das provincias inglezas na Australia. Não *Botany Bay*, que Cook escolhera para uma feitoria, mas *Port Jackson* foi destinado á colonia de degradados inglezes. Continuou, todavia, esse logar a chamar-se erroneamente *Botany Bay*. O porto principal denominava-se *Sidney-Cove*.—A terra de *Van-Diemen*, hoje *Tasmania*, só foi occupada em 1803. Os degradados viviam do seu trabalho, e, acabando-se o tempo da pena, recebiam instrumentos para cultivar as terras que se lhes davam gratuitamente. Tornando-se de 1810 em deante mais humano o caracter da colonia e da sua admistração, começaram a emigrar para a Australia colonos livres da Inglaterra, da Escossia e da Irlanda. O descobrimento das pastagens além dos Montes Azues, muito proprias para o gado lanigero, formou epoca na historia da colonia. A lan veiu a ser um artigo principal de exportação. A Australia occidental começou a ser colonizada, mas com pouco resultado, em 1829; a meridional prosperou em virtude das minas de cobre. *Victoria*, elevada a provincia em 51, deve o seu augmento ás minas auriferas. *Melbourne*, sua capital, foi fundada em 1837. Os primeiros governadores britannicos em Sidney eram militares inglezes que governavam com autoridade despotica. Formaram-se a pouco e pouco, nas differentes provincias, instituições representativas, baseadas sobre constituições semelhantes á da metropole; na Victoria, porém, e na Tasmania creou-se uma camara alta electiva. Depois de longos conflictos com o governo da mãe patria, deixou a Australia de ser logar de degredo. A descoberta de minas auriferas (51) na Nova Galles e na Victoria tem produzido immenso augmento de população, que, segundo calculos recentes (92), em breve subirá a quatro milhões. Em 1888 celebrou a Australia com grande solemnidade e exposição universal o centenario desde a chegada dos primeiros colonos. Em Março de 91 constituiu-se em republica federal votando a sua constituição em Sidney. Eram 44 deputados das sete colonias existentes nesse paiz. A constituição estabelece um governador geral, nomeado pela Inglaterra (é o unico ão que ainda prende essa colonia á metropole); um senado electivo, e uma camara egualmente electiva.

555) **Religião Catholica.**—Os primeiros catholicos da Australia foram alguns irlandezes, deportados como réus da insurreição de 1798. Havia entre elles tres sacerdotes que, reconhecidos innocentes, tiveram licença de regressar para a sua terra natal. Comtudo um delles ficou de expontanea vontade afim de assistir os Catholicos, porém foi dentro em breve pelos protestantes compellido a retirar-se. Enfurecia tanto neste tempo a perseguição na Australia, que obrigavam os Catholicos a tomar parte nas funcções religiosas dos protestantes sob pena de 25 açoutes a primeira vez que faltassem; de 50 na segunda, e de prisão a ferros curtos na terceira!(1) Dedicou-se a esta terrivel missão (1817) com licença do governo britannico o arcipreste *O' Flinn*, a quem no anno seguinte as autoridades da colonia expulsaram tão brutalmente, que nem lhe permittiram dar providencias a respeito do SS. Sacramento, que, por conseguinte, ficou na egreja á discreção dos simples fieis! Como este facto provocasse grande indignação na Irlanda e protestações energicas no parlamento, entendeu o governo inglez que não podia dispensar-se de mandar novos missionarios com autoridade e estipendio. Partindo então dois dignos sacerdotes irlandezes, fundaram a egreja australiana erguendo S. Maria de Sidney e alcançando a abolição da lei tyrannica, a qual obrigava todos os orphams a serem educados na religião protestante. Em 1842 João Beda Polding, da Ordem de S. Bento, que desde 35 era vigario apostolico da Nova Galles, foi em Roma sagrado arcebispo de Sidney e metropolita da Australia Existem hoje (88) nessa nova egreja cinco provincias, cinco vicariatos apostolicos, um cardeal, 21 bispos, 1140 egrejas, mil sacerdotes, 225 religiosos, 2191 religiosas, 20 collegios, 850 escolas, 21 hospicios para orphams e creanças engeitadas, 23 institutos de caridade, duas casas para educar creados, 70.000 meninos que recebem a instrucção nas escolas catholicas, e 700.000 catholicos.

556) **A Inglaterra no Afghanistan.**—Passando *Dost-Mohammed* a ser amigo e alliado da Inglaterra, expulsou (55) de Herat os Persas: e, visto ser essa cidade a chave da India, os Inglezes a protegeram com muito cuidado contra qualquer projecto ambicioso da Russia Como o emir *Ahmed* fosse supposto instrumento secreto da Persia e dos Russos, Dost tirou-lhe Herat em 1863. A Dost, po-

(1) Isto fizeram os protestantes inglezes em pleno sec. XIX !! e pretendem falar de tolerancia !! e blasphemam contra a inquisição !!

rém, succedeu dahi a pouco *Sher Aly Khan*, seu filho, que desde logo principiou a mostrar sympathia para com o czar. Havendo recebido uma embaixada russa (78), e recusado acceitar uma da Gran-Bretanha, os Inglezes, declarando-lhe a guerra (78—81) e occupando Cabul, collocaram no throno *Abdur-Rhaman-Khan* e evacuaram o paiz. Aggredidos na retirada, bateram e repelliram Ayub, Khan de Herat. Procurou então a Inglaterra fixar entre o Afghanistan e os territorios russos uma *fronteira scientifica*, destinada a formar uma zona neutral entre elles e a India, bem como a servir de barreira contra qualquer invasão moscovita.

557) **A Russia**— do seu lado dirige-se constantemente para o *Herat* por duas linhas: uma no S. E. do Caspio, outra no S. O. do Oxus. Em 1841, sob o pretexto de remir seus escravos, fez contra Khiva uma expedição que ficou mallograda em consequencia do frio. Uma nova expedição (54) produziu a passagem desse Khanado para a protecção da Russia, que dahi a pouco se assenhoreou de Taschkend (65) e de Krasnovodsk (69). Havendo mais tarde o Khan de Khiva tentado sacudir o jugo moscovita, foi (73), apesar do auxilio que recebeu da Inglaterra, obrigado a ceder ao czar toda a margem direita do Amu-Daria (Oxus). Occuparam em seguida os Russos *Geoptek*, *Askabat* (80) e *Merzo*, oasis, este ultimo, de grande alcance como ponto militar, sobre o qual a Persia reclamava uma especie de suzerania (84). Comquanto a Inglaterra e a Russia se tivessem já posto de accordo relativamente á fronteira norte do Afghanistan, todavia a occupação de *Penjdeh* pelos Afghanos e a marcha para aquella direcção do general russo *Kouaroff* — marcha qualificada de aggressão pelos Inglezes — quasi que ateavam a guerra entre as duas potencias. Pelos fins de 88 inauguraram os Moscovitas o caminho de ferro desde o mar Caspio até *Samarcanda*, capital das possessões russas na Asia central. E' uma linha de 1.300 k.

558) **A Inglaterra na India.** — Em 1833 puzeram a companhia ingleza da India sob a acção directa do governo, que se obrigou a pagar em perpetuo o dez por cento do capital. Os soldados inglezes da India são indigenas commandados por officiaes europeus. Chamam-lhes *cipoios*. Vigorava na India a tradição de que o dominio britannico naquelle paiz não havia de durar mais de um seculo, e,

por conseguinte, devia acabar em 1857. Formou-se, pois, uma vasta conspiração militar, que rebentou no dia 9 de Maio desse mesmo anno. Sendo presos alguns soldados, foram postos em liberdade por seus camaradas que, matando um grande numero de officiaes e de funccionarios europeus, occuparam Delhi e déram a coroa ao ultimo grão mogol, que desde longo tempo gemia em honrada prisão. A revolta tornara-se geral e triumphante, quando com valor e firmeza a sopearam os officiaes inglezes, que, punindo os rebeldes, praticaram horriveis crueldades. Em consequencia desta insurreição, o governo da India passou totalmente para a coroa britannica (58). Em 1877 a rainha Victoria assumiu o titulo de *imperatriz da India*. Desde 1851 fizeram os Inglezes diversas expedições contra os selvagens do Monte Preto — *Black Mountain* — onde soffreram algumas derrotas. Em principios de 91 intrometteu-se a Inglaterra numa questão interior no reino de *Manipur*, nos confins da Birmania. Sendo nessa occasião assassinados pelo povo alguns inglezes, o gabinete britannico, mandando um exercito contra Manipur e, prendendo os membros principaes da côrte desse reino, castigou-os cruelmente como réus de terem declarado guerra a Sua Magestade. Deu então a coroa manipurense a um menino de cinco annos, declarando que elle não tinha direito algum ao throno, mas o recebia da imperatriz por favor. Constituiu no mesmo tempo uma regencia composta de inglezes; impoz tributo ao novo rei, a quem fez dependente do governo da India (92). E' uma verdadeira annexação. Ainda não estava concluido este negocio, quando os Inglezes emprehenderam outra expedição contra os Kachins no districto de Bhamo, nas fronteiras da Birmania. Segundo as ultimas noticias, as tropas andam desanimadas e os Inglezes perderam para mais de cem soldados e quatro officiaes. O que, todavia, causou maior desassocego foi acharem-se, no meio dos Kachins mortos em Palap, diversos chinezes, e entre elles um varão de alto gráu. Dizem que o fim destas expedições bellicas é dilatar os dominios britannicos até os confins da China para construir até lá um caminho de ferro.

559) **No Pamir.**—Do lado do Afghanistan em 1891 alguns inglezes, chinezes e russos iam fazendo diversas explorações no Pamir que o Celeste Imperio reclama como proprio. Havendo-se estes exploradores encontrado, o coro-

nel russo Yanoff repelliu os chinezes e prendeu, attrahindo-o a uma entrevista, o official britannico *Davison*. A's queixas que por isto apresentou a Inglaterra, respondeu a Russia restituindo o prisioneiro e affirmando que desapprovava o acto do coronel Yanoff. Este, todavia, entrando no anno seguinte (92) mais uma vez no Pamir, pelejou em *Samatash* contra as tropas do Afghanistan, que o rechassaram. O emir participou immediata e officialmente este facto ao governo da India. Enviava, no entretanto, o governo britannico alguns batalhões para o norte de Cachemir, onde occuparam diversas posições importantes. Excitou este facto os barbaros de Hanza-Nagar a uma resistencia obstinada que de parte a parte causou a perda de muitas vidas. Em principios de 1893 surprehenderam os Inglezes o forte *Chilas* e soffreram notavelmente repellindo os continuos assaltos dos povos que moram no valle do Indo. Seria desejo do governo britannico— 1) ter um ministro residente em Kabul, e bem assim um agente em Herat e em Kandahar; — 2) prolongar a estrada de ferro desde a India até Kandahar; — 3) estabelecer communicações telegraphicas entre Kabul, Herat e a India. A tudo isto, porém, se oppõem o emir *Abdur-Rhaman Khan* e muito mais a Russia. Devia neste anno haver em *Iellalabad* uma conferencia relativa a estas questões, mas tudo deu em nada, porque o emir, que se reservára o direito de marcar o mez e o dia, nada fez até agora (Mo. de 93). E' que a Russia deseja tratar essas questões com cada um separadamente, e não quer saber de conferencias. O infeliz emir, como cordeiro no meio dos lobos, vacilla entre os dois colossos temendo ficar victima de qualquer dos dois, e ignorando em qual delles achará a sua salvação. No entretanto a Inglaterra levanta grandes fortificações na fronteira do Afghanistan, bem como nos portos de Bombaïm, Aden, Karachi, Calcutta e Ragoon.

560) **No Belutchistan.**—Tendo o Khan de Kelat (estado tributario da Inglaterra) executado, não se sabe por qual motivo, o seu primeiro ministro juntamente com seu filho e seu pae, o agente inglez ordenou-lhe pagasse 40.000 rupias á familia dos mortos. Como recusasse submetter-se a semelhante imposição, teve de ir a Ketta, residencia do ministro britannico, responder a uma especie de processo, e de renunciar o throno a seu filho Mahmud Khan (Mo. de 93). Escrevem de lá que ia ser internado

na India e que transferiram para Ketta metade do seu thesouro a pretexto de guardal-o com maior segurança!

Dizem que as finanças do governo anglo-indiano se acham em pessimo estado.—Segundo o recenseamento de 1891, a população da India britannica, incluindo a Birmania annexada, subia a 220.500.000 habitantes nas possessões immediatas; a 65.000.000 nos estados tributarios. Total 285.500.000 almas! Destes, tres milhões são Catholicos; 208.024 pertencem á egreja official da Inglaterra; 449.429 professam o Christianismo fraccionado em 3 235 seitas differentes. Todos os outros são pagãos, judéus, mahometanos, etc.

561) **Na Africa Meridional**—adquiriu nestes ultimos annos a Inglaterra diversas possessões, já á custa de Portugal, já dos selvagens do logar. Em 1877, apesar das protestações do presidente, absorveu a republica dos Boers no Transwaal, que tomava o titulo de *South African Republic*. E' uma população de 774.000 habitantes, que falam a lingua hollandeza. Cumpre, porém, declarar que o governo britannico, sempre generoso, deixou aos Boers a sua autonomia administrativa, tirando-lhes apenas a politica e esperando para mais tarde lhes tirar tudo.

562) **Minas auriferas**. — Em 1848, no momento de ser a California incorporada nos Estados da União Americana, descobriram-se nellas minas auriferas tão ricas, que causaram uma grande revolução financeira. O descobrimento destas riquezas extraordinarias chamou para a California incalculavel multidão de aventureiros dos Estados-Unidos, do Mexico, da Europa, da China. Em poucos annos a população subiu a 400.000 almas, e lá, onde pouco antes mal se viam algumas choupanas, surgiu a grandiosa cidade de S. Francisco que em breve contou 130.000 habitantes. Em 1853 produziram estas minas trezentos milhões de francos, e, dahi a poucos annos, tres mil milhões. Em 1851 acharam minas auriferas tambem na Nova Galles do Sul (Australia), que em 67 haviam já dado perto de quatro mil milhões de francos. Attrahiu este facto tantos immigrantes para a Australia, que desde 1852 chegavam a Porto-Melbourne uns cinco mil homens por semana. — Em nossos dias estão se descobrindo minas auriferas tambem no territorio da Alaska e nas Montanhas Rocheas. Nestas ha tambem minas de prata. Comquanto o frio quasi insupportavel, o gelo e a noite de quatro mezes, durante o in-

verno, tornem muito difficil a exploração das minas na Alaska, numerosos aventureiros mordem no dourado anzol, expondo a vida a innumeraveis perigos.—Tão grande riqueza, todavia, nada contribuiu para a felicidade do homem e da Sociedade; porque essa copia extraordinaria do precioso metal tem diminuido o seu valor, ou, o que vem a ser o mesmo, tem elevado o preço de todos os objectos de que o pobre do homem precisa neste mundo. A unica vantagem para a Sociedade tem sido dar maior actividade ao commercio.

DESCOBRIMENTOS E INVENÇÕES; SCIENCIAS, ARTES E LETTRAS NO SEC. XIX

563) Descobrimentos geographicos.— Os conhecimentos geographicos augmentaram no sec. XIX, já pelo exame scientifico de paizes conhecidos, já pela descoberta de regiões anteriormente ignotas. Os Russos tornaram accessiveis aos viajantes o norte e o centro da Asia. Os Inglezes exploraram a India e grande parte da Asia central. A China tem sido cruzada em todas as direcções, e o Japão abriu seus portos aos extrangeiros. A Abyssinia foi atravessada. *Speke*, *Grant* e *Baker* descortinaram o mysterio que occultava as nascentes do Nilo (1). *Clapperton* atravessou duas vezes (23, 25) a Africa desde Tripoli até a costa de Guiné. Em 1830 *Richard* e *João Lander* definiram a questão relativa á origem do *Niger*. Barth e, apoz elle, outros exploradores adeantaram muito o estudo do curso desse grande rio, em cujo reconhecimento Mungo Park perdeu a vida (1806). Em 1816 o Congo foi examinado até as cachoeiras de Vellala. As viagens de Schweinfurth, Livingstone, Barth, Cameron e Stanley revelaram grandes porções do continente africano. Em 1879, Stanley, encarregado pelo rei Leopoldo da Belgica, travando relações com o populoso valle do Congo, preparou o caminho para crear no coração da Africa o Estado Livre do Congo. Robinson e outros viajadores examinaram scientificamente a Palestina e a peninsula sinaïtica sob os auspicios de sociedades americanas e inglezas organizadas a este fim. Diversos paizes da America do Norte e da do Sul, até a este sec. desconhecidos, foram visitados e cuidadosamente descriptos. Outro tanto póde dizer-se do interior da Australia. As explorações geographicas relativas ao polo arctico teem feito progressos pasmosos.

O desejo de achar uma passagem pelo noroéste tem levado a um grande numero de expedições perigosas, que não deixaram de produzir algum resultado, sob a direcção de Ross, Parry, Franklin, Kane, Mark, Mc-Klintock, Greely e outros destemidos mareantes. Em 1875 Markham chegou

(1) Si é licito dizer a verdade, as nascentes do Nilo foram descobertas em 1618 pelo P. Paëz, S. J., missionario na Ethiopia. Vide *Crétineau Joly* —Histoire de la Compagnie de Jésus, vol. IV, pag. 284; vide tambem, *Vosgien* — Dictionaire géographique, o qual no art. *Nil* diz: *Le Père Pierre Paëz est le premier européen qui en ait découvert la source, au mois d'avril 1618.*

á mais alta latitude até então alcançada (83°, 21', 26"). Em Maio de 82 uma parte da expedição de Greely attingiu uma latitude ainda maior (83°, 24'). A 24 de abril de 1900 o navio *Stella Polare*, levando a expedição italiana, capitaneada pelo duque dos Abrucios, Luiz de Saboia, attingiu a lat. 86°, 33', a 65° de long. oriental de Greenwich, i. é. 238 milhas inglezas do polo. E' a que até agora chegou mais perto.

As viagens e os escriptos de Alexandre de Humboldt, a um tempo naturalista, viajador, physico, astronomo e estadista, teem contribuido muito para os conhecimentos geographicos, que o veneziano Balbi e o dinamarquez Malte-Brun tornaram populares.

564) Invenções.—1) *Applicação do vapor.* Em 1810 o americano Fulton applicou o vapor á navegação no Hudson. Diniz Papin (1760), Jouffroy (1778) e Watt haviam feito ensaios. Em 1811 o inglez Bell construiu o Cometa. Na França a navegação a vapor começou em 1819.—**Caminho de ferro.** Pelos fins do seculo passado José Cugnot e Olivier Evens ensaiaram carros a vapor nas estradas ordinarias. Em 1804 o inglez Trevilthick applicou o vapor sobre os trilhos nas minas. Em 1814 o inglez Jorge Stephenson, construindo a primeira locomotiva, creou de facto o caminho de ferro, aperfeiçoado dentro em breve pelo inglez Blaket e pelo francez Seguin. Este inventou a caldeira tubular. O primeiro *railway* inglez transferiu em 1830 os passageiros de Manchester a Liverpool. As tres locomotivas, experimentadas nesta occasião, assaz rudes, guardam-se hoje em Londres, no Kensington Museum. Na França a primeira estrada de ferro correu entre St. Etienne e Lyão, em 1825. E-nos impossivel apontar as machinas sem numero a que desde essa epoca o nosso seculo tem applicado o vapor.

2) **Illuminação a gaz.**—Em 1785 Philippe Lebon fez na França algumas experiencias que não surtiram resultado notavel; dentro em breve, porém, os inglezes Murdoch e Windsor repetiram os ensaios em Londres, e, obtendo um privilegio, conseguiram generalizar esta invenção.—3) **Telegrapho electrico.** (1) Lesage, physico de Génebra, apresentou em 1774 a primeira idéa, já prevista por Franklin. Na França Ampere e Babinet em 1828 propuzeram o telegrapho magnetico. Em 1832 o allemão Schilling fez em S. Petersburgo um pequeno ensaio de telegrapho electrico. Logo depois Wheatstone e Cook, na Inglaterra; Morse, na Ame-

(1) Por justos motivos repetimos no texto o que costumam dizer todos; porém a verdade é que a gloria da primeira invenção do *telegrapho electrico* pertence ao P. *Bozzoli* que em 1724 nasceu em Mantua, e em 1743 vestiu a roupeta da Companhia de Jesus. Ensaiaram esta invenção em Roma antes de 1767, visto como esse ensaio se acha descripto no prefacio ao poema latino sobre a electricidade pelo P. *Mazzolari* (com nome academico *Parthenio Mariano*) publicado em 1767. A principal differença entre o telegrapho do P. *Bozzoli* e o actual consiste no uso diverso da electricidade, porque o P. Bozzoli empregou a electricidade estatica, e hoje usam a dinamica. Vide—*The Illustrated London News* do dia 24 de Maio de 1856.—Parece-nos aqui, como em muitas outras occasiões, ouvir as queixas de alguns leitores, os quaes dizem que nós attribuimos tantas cousas ao merito dos Padres. Não ha duvida; mas a questão não é esta. Trata-se apenas de saber si isto seja, ou não, verdade. Si fôr, a culpa não é nossa; é desses PP. que se dedicaram com tanto afinco ao progresso das lettras, sciencias, artes, etc. Si não é verdade, tenham esses Senhores a bondade de confutar-nos com razões sérias, e de mui boa vontade lhes ficaremos obrigado, fazendo tambem a mais completa e prompta retractação.

rica; Steinheil, na Germania, applicaram esta invenção em grandes proporções. Em 1841 Wheatstone inventou o systema empregado actualmente. O systema Morse, ideado por seu autor desde 1837, entrou na pratica só em 1844. Os primeiros fios telegraphicos que uniram o Velho com o Novo Continente, transmittiram despachos entre a Inglaterra e os Estados-Unidos em 1858. Dessa data em deante os cabos submarinos multiplicaram-se rapidamente nas diversas partes do globo. O Brasil uniu-se a Portugal pelo telegrapho submarino em 1874. **O Pantelegrapho** ou telegrapho autographo que transmitte o despacho reproduzindo exactamente a fórma da lettra do escriptor, é invenção do presbytero e eminente sabio florentino *Caselli* (1856).

4) O autor do **Phonographo** é o americano *Thomaz A. Edison*, que em 1877 o entregou á publicidade.—5) **Telephono.** Passa por inventor do telephono o americano *Graham Bell*, que em 1877 o apresentou ao publico. Referiram, todavia, pelos fins de 1888 os jornaes americanos a sentença do supremo tribunal de Washington, segundo a qual o inventor seria o italiano *Meucci* que vendera a Bell o segredo. Por outro lado *Il Corriere Nazionale di Torino* de 23 de Nov. de 88 escreveu que o primeiro inventor do telephono foi *Innocencio Manzetti*, o qual em 1864 publicára em Aosta esse mechanismo. Os Allemães outrosim pretendem que elles o conheciam anteriormente. Seja isto como fôr, o certo é que quem o propagou foi o americano Graham Bell. Não tardou o telephono a ser aperfeiçoado pelo inglez Hughes, o inventor do *microphono*, que transmitte tambem qualquer som espalhado pelo ar.

6) **Phosphoros.**—Em 1807 ideou-se o phosphoro oxigenado. Em 1809 Cognard inventou o phosphoro liquido fechado em um vaso. Em 1833 appareceram os phosphoros de uso commum. Os Inglezes reclamam a gloria desta invenção para *Watt*; os Francezes, para *Sauvie*; outros, para o austriaco *Estevam Römer* ou *Preschel*; parece, todavia, mais justo attribuil-a a *Jayme Frederico Krammerer*, que nasceu (1796) em Ehningen, e em 1857 acabou no manicomio de Ludwigsburgo.—7) O *francez Niépce* inventou a **photographia,** aperfeiçoada depois por *Daguerre* que excogitou o diorama. As primeiras imagens photographicas obtidas de um modo satisfactorio datam de 1839. Arago annunciou este resultado na Academia das Sciencias, e o governo remunerou os inventores com uma pensão vitalicia de seis mil francos para Daguerre, e de quatro mil para o filho de Niépce. A daguerreotypia só dava as imagens de objectos inanimados fixando as sobre o metal; não tardou, porém, a inventar-se o modo de reproduzir as imagens de objectos animados. Em 1847 Blanquard-Evrard achou a photographia sobre papel, entrando então a nova arte nos costumes publicos.—8) **Lithographia.**—A arte de gravar sobre pedra por meio de acidos conhecia-se desde o primeiro quartel do sec. passado; quem, porém, teve a primeira idéa da lithographia qual se usa em nossos dias foi o bavarez *Senefelder* em 1796. Introduzida na França em 1802, só começou a prosperar em 1814.—9) **As pennas de aço** foram no seculo passado inventadas pelo francez *Arnoux*, mas o seu uso tornou-se commum só neste seculo.—10) **Galvanoplastia.**—O inglez Spencer e o russo Jacobi são considerados como inventores da Galvanoplastia (1837), que em 1840 Ruolz applicou á douradura e a outros trabalhos semelhantes.

565) Lettras, sciencias e artes.—Estes tres ramos do saber humano teem sido em nosso seculo cultivados com tanto ardor, que é impossivel fazer delles neste compendio um esboço completo, como é tambem summamente difficil enumerar os autores que se distinguiram na sua cultura. Contentar-nos-emos, portanto, de citar só alguns nomes de cada

nação. Procuraremos, no mesmo tempo, de não falar dos que ainda vivem. Não será, pois, para extranhar si não se achar neste nosso compendio o nome de alguns, quer vivos, quer fallecidos, embora sua fama seja gloriosa no mundo.

566) Litteratura em geral. — *Na Inglaterra*, temos o irlandez *Thomaz Moore*—poesias, historia da Irlanda, etc.; *Byron*—poesias; *Walter Scott*—romances; os cardeaes *Wiseman*, *Newman* e *Manning*—obras theologicas; *Lingard*, presbytero catholico—historia da Inglaterra; *Macaulay*—historia da Inglaterra, apenas começada; obras de critica, etc.; —*Tennyson*—poesias; *Southey*, *Coleridge* e *Wordsworth*, denominados poetas lacenses ou laguistas, porque viviam perto dos lagos do Northumberland e eram amigos. Southey, além de muitas poesias, escreveu a historia do Brasil, a da guerra peninsular, das Indias Occidentaes, etc. Coleridge nos deixou varias obras em verso e em prosa; Wordworth publicou diversas poesias. *Roscoe*—biographia de Lourenço de Medicis e de Leão X. Lord *Palmerston*, *Derby*, *Disraeli*, *Robert Peell*, etc., estadistas, oradores e escriptores distinctos. Ao lado destes deve citar-se o grande *Daniel O' Connell*, o primeiro catholico que desde a época da Reforma entrou no parlamento inglez, o qual obteve a emancipação dos Catholicos, e trabalhou com muito afinco por conseguir a independencia da Irlanda, sua patria (1775—1847).

567) Na Allemanha—distinguiram-se os seguintes autores: *Frederico Schlegel*—philosophia da historia, concebida em um sentido catholico; *Heeren*—systema politico dos estados da Europa e de suas colonias, manual de historia antiga, etc.; *Eichhorn*—historia do direito e das legislações da Germania; o barão de *Hammer Purgstall*—historia do imperio ottomano; *Schlosser*—historia universal para uso do povo allemão, historia dos imperadores iconoclastas do Oriente; *Gfroerer*—historia das origens do Christianismo, de Gustavo Adolpho, dos Carlovingios orientaes e occidentaes, de S. Gregorio VII, etc. *Doellinger*, theologo rebelde ás decisões do concilio vaticano—origens do Christianismo; *Leopoldo Ranke*—os Papas, a sua Egreja e o seu Estado durante os secc. XVI e XVII, etc.; *João Voigt*—historia de S. Gregorio VII e da sua epoca, historia da Liga Lombarda, da Prussia, etc. Foi o primeiro de todos que levantou a voz em defeza de S. Gregorio VII, injustamente accusado por tantos autores que se chamam catholicos. *Leo*—diversos trabalhos relativos á historia da Edade Média, etc.; *Henrique Heine*, poeta humorista e materialista; *Uhland*, cujas balladas e romanças são populares na Germania; os romancistas *Bertholdo Auerbach* e *Gustavo Freytag*; os lyricos *Fernando Freiligrath*, *Mauricio Hartman*, etc.

568) Na Dinamarca—floresceram o historiador *Niebuhr* e o dramaturgo *Œhlenschlaeger*. O primeiro falleceu antes de concluir a historia romana em que mudou todas as informações a nós transmittidas pelos antigos; o segundo alcançou muita fama tirando seus assumptos da historia e das tradicções nacionaes.—**Na Belgica**, conseguiu celebridade européa o romancista *Henrique Conscience*.—**Na Russia**, tornaram-se illustres os poetas e romancistas *Kryloff*, o La Fontaine russo; *Nicoláu Gogol*, e *Lermontoff* que illustrou com grande vigor poetico a formosura da natureza selvatica e grandiosa do Caucaso.—**Na Suissa**, *Hurter*, ministro protestante, converteu-se ao Catholicismo depois de escrever a historia de Innocencio III e de seus contemporaneos.—**Na Hespanha**, sobresaem o presbytero secular *Jayme Balmes*, que no seu Protestantismo e Catholicismo considerados relativamente á civilização moderna rectificou muitos erros de Guizot; *Saavedra*, duque de Rivas—duas epopéas e diversas tragedias; *Zorilla*—varios cantos e o poema—Granada; *Gil Zurat*—tragedias; *Martinez de la*

Rosa—dramas, poesias, discursos; *Donato Cortez*—obras diplomaticas e polemicas.—**Em Portugal**, cultivavam as lettras Agostinho de Macedo, Filinto Elysio, Mouzinho de Albuquerque, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camillo Castello Branco, Castilho, Latino Coelho, etc. - **No Brasil**, os poetas Gonzaga, Casimiro de Abreu, Varella, Gonçalves Dias, Magalhães e muitos outros. — **Nos Estados-Unidos**, Bryant, Longfellow, Allan Poe; Fenimore Cooper, Washington Irving, etc.

569) Na Italia, nomearemos Monti, Hugo Foscolo, Perticari, Pindemonte, Silvio Pellico, Cesari, Leopardi, Botta, e Manzoni, a quem tanta gloria grangeou o romance—*Os Noivos*, *Cesar Cantú*, tão conhecido pela sua historia universal; o cardeal *Mezzofanti*, o maior polyglotta do globo, que sabia a fundo e falava com rara perfeição setenta e tantas linguas com todos os seus dialectos mais difficeis; o jesuita *Garrucci*—A arte christan nos primeiros oito seculos do Christianismo; o cardeal jesuita *Tarquini*, que resuscitou a lingua etrusca escrevendo uma grammatica e um diccionario, cujo manuscripto vendido a um inglez pelos herdeiros do cardeal, tem ficado occulto até hoje; *Perrone*, jesuita, que por suas obras theologicas mereceu o nome de moderno Bellarmino; *Franzelin*, cardeal e jesuita, muito estimado por seus trabalhos de theologia; *Balan*, presbytero venezi-ano—historia da Italia, de S. Thomaz de Cantuaria, e do Pontificado de Pio IX; os philosophos Sanseverino, presbytero napolitano; Liberatori e Taparelli, ambos jesuitas; Gioberti e Rosmini, ambos presbyteros da Alta Italia, que ensinaram diversos erros condemnados pela Egreja.—**Na França**, distinguiram se Chateaubriand, La Martine, Victor Hugo, Balzac, Guizot, Eugenio Sue, Sismondi, Thiers, Villemain, Mignet, Duruy, Agostinho e Amadeu Thierry, Le Normant, Ozanam, Michaud, Daru, Veuillot, etc. Os presbyteros Rohrbacher, Darras e Gorini: os dois primeiros escreveram a historia universal da Egreja Catholica; o terceiro, bem que simples cura de aldêa, confutou com muita eruditção e tino os erros de Guizot, Villemain, etc. Os philosophos De Maistre, de Bonald, Gerbet, Douey, Paris, Cousin e muitos outros.

570) Sciencias.—Não ha quem ignore o adeantamento pasmoso realizado neste seculo por todas as sciencias. As mathematicas, a astronomia, a physica, a chimica, a botanica, a zoologia, a mineralogia, a geologia, a cirurgia, a anatomia, a medicina: todas teem progredido do modo mais surprehendente. E'-nos impossivel registrar o nome de todos os sabios: indicaremos apenas Cuvier, Le Verrier Geoffroy-Saint-Hilaire, Brognart, Ampère, Arago, Guay-Lussac; todos grandes sabios francezes; Galle, Bessel e Enke, de Berlim; Herschell e Airy, de Londres; o jesuita inglez Perry, astronomo e naturalista muito estimado na Gran-Bretanha: emfim o jesuita italiano P. Angelo Secchi, cuja fama universal nos dispensa de apontar os titulos de suas numerosas obras e invenções.

571) Artes.—**Na França**, distinguiram-se na *architectura* Lepère e Hitorff, seu genro, que acabaram a egreja de S. Vicente de Paulo; Huvé, Hippolyto, Lebas, Debret, Duban, Visconti, etc. *Na esculptura*, Bosio, Cortot, Pradier, Clésinger, Maindron, etc. *Na pintura*, Ary Scheffer, Delacroix, Ingres, Vernet, Delaroches, etc. *Na musica*, Spontini, Méhul, Grétry e outros.

572) Na Inglaterra—engenheiros intelligentes construiram a ponte de *Waterloo* emquanto o francez *Brunel* fazia passar um tunel sob o Tamisa. Um grande numero de artistas cultivaram a *pintura* e a *esculptura*. A *musica* gosa de grande honra na Ilha, mas não produz trabalhos como aquelles do continente.—**A Allemanha** tem sido mais feliz relativamente ás artes. Sob a protecção do rei Luiz I de Baviera, partiu de Munich um grande

movimento artistico, para o qual contribuiram muito os irmãos Boisserée publicando, em duas grandes obras, os monumentos da architectura medieval, e colligindo os quadros dos antigos mestres allemães. *A pintura* religiosa teve um chefe em *Overbeck*, seguido por Cornelius, Schadow e Schnorr. Formaram-se tres escolas: a de Berlim, a de Munich e a de Düsseldorf. Organisaram-se tambem duas grandes escolas de *esculptura*: a de Berlim e a de Munich. E' nesta ultima cidade que se acham as principaes obras primas do esculptor *Schwanthaler*. A respeito da *musica*, todos sabem que a Germania disputa a palma á Italia, e Haydn, Mozart, Beethoven, Weber e Meyerbeer são nomes que nenhuma comparação póde obscurecer.—**Na Italia**, cultivaram a *musica* Rossini, Donizetti, Mercadante, Bellini, Verdi, Aldega, Cherubini, Fioranti, etc.

573) Tendencia actual do mundo.—De tudo que acabamos de ver n esta historia, podemos concluir que o mundo em nossos dias tende a mostrar-se sempre mais humano e mais unido. A respeito do primeiro ponto observaremos que o systema de fazer a guerra tem sido grandemente mitigado. Já os prisioneiros não se matam, nem reduzem á escravidão, nem se paga resgate para obter que sejam restituidos; já quasi ninguem admitte o direito de assolar o paiz por um exercito invasor. Segundo as leis modernas da guerra não se podem molestar os cidadãos pacificos, e seus bens, si forem tomados, devem ser pagos. O vencedor já não considera crime do general inimigo o defender elle uma fortaleza emquanto póde. Notavel melhora se tem realizado outrosim em beneficio dos doentes e feridos. O systema de ambulancia ou hospitaes moveis, que acompanham o exercito no campo, foi pelos Francezes estabelecido em 1796. Dá-se, frequentes vezes, o nome de ambulancia tambem aos vehiculos destinados ao transporte dos feridos e dos doentes. Pelo tratado de Genébra os feridos e todos os empregados da ambulancia não se podem nem offender, nem tomar como prisioneiros, nem é licito dirigir balas sobre os edificios distinctos pela bandeira preta, a qual indica ser aquelle logar destinado a hospital. Por outro lado já a escravatura foi abolida em todos os paizes civilizados, e os naufragos, longe de serem, como outrora, reduzidos ao captiveiro, acham conforto e auxilio em toda a parte. Nem são menores os melhoramentos introduzidos nos carceres e nos hospitaes, quer quanto aos edificios, quer no que se refere ao modo de tratar os doentes e os presos. Relativamente ao segundo ponto é claro que as invenções do nosso seculo fizeram desapparecer as distancias. A navegação a vapor, o caminho de ferro e os bancos teem facilitado immensamente o commercio, emquanto os jornaes espalham todas as noticias. O telegrapho uniu os continentes; o telephono as cidades e as habitações. No mesmo tempo as exposições universaes propagam a industria, e o systema dos embaixadores e dos consules torna faceis as relações, que diplomaticas, quer de qualquer outra especie entre as diversas nações.

Que havemos de concluir deste grande progresso e desta dupla tendencia da humanidade? Sabemos muito o que alguns concluem; nós, todavia, persuadidos de que Deus governa o mundo, embora deixe a liberdade physica ao homem, e que tudo Elle dirige para o bem da Egreja, inferiremos que não está longe o tempo de verificar-se o *fiet unum ovile et unus pastor*. E' deste modo que se applica a bella idéa de S. Agostinho citada na primeira pagina deste trabalho. Com effeito as primeiras perseguições produziram a propagação do Christianismo, porque o sangue dos martyres foi realmente, como disse Tertuliano, semente de Christãos; as heresias, desde as primeiras até ás actuaes, trouxeram um conhecimento cada vez mais profundo da religião, e o progresso admiravel das sciencias e das artes em nosso seculo, longe de estar em contradição com a Fé,

tem contribuido immensamente á propagação dessa mesma Fé, bem como a tornar sempre mais perfeita essa unidade da Egreja Catholica, Apostolica, Romana, unica religião á qual Jesus Christo prometteu o seu apoio até o fim dos seculos.

APPENDICE I.—O CALENDARIO (1)

574) **Noções geraes.**—O curso do sol e da lua são os signaes dos tempos e dos dias. Tal é a expressão usada pela Biblia quando refere o facto da creação desses dois astros. A rotação da terra sobre seu eixo fornece os dias; o movimento da lua em torno da terra, os mezes; e a revolução do globo á roda do sol, os annos. Os Antigos chegaram á mesma conclusão, posto suppuzessem erradamente que o sol completava em 24 horas o gyro ao redor da terra, que, segundo elles, estava sempre firme. Não deixaram, comtudo, de encontrar algumas difficuldades em fixar as leis do seu calendario. A primeira consistiu em determinar a duração exacta do anno e do mez. A segunda difficuldade foi a de fazer com que os mezes lunares, que constam proximamente de 29 dias e meio, andassem de passo egual com o anno que é de 365 dias, e de manter os mezes do anno em relação com as estações apesar das quasi seis horas que cada anno se descuram.

575) **Calendario atheniense.**—Os Athenienses obtiveram a concordancia dos mezes lunares com a revolução da terra em roda do sol dividindo o anno em mezes alternativamente de 29 e de 30 dias, e accrescentando um mez supplementar de 30 dias cada terceiro, quinto e oitavo anno de cada periodo de oito annos. Obtinham deste modo cada oito annos 2922 dias, numero exacto dos dias contidos em oito dos nossos annos incluindo dois bissextos.

576) **Calendario romano.**—No tempo de Romulo o calendario romano contava só dez mezes, sendo Março o primeiro. Dahi, porém, não se segue, embora o affirmem Solino, Censorino e Macrobio, que o anno constava de 304 dias. Mais bem informado, Plutarco assevera que nesse tempo o anno continha 360 dias divididos em mezes de duração desegual. Reformando esse calendario, que não po-

(1) O fim que nos propomos conseguir com estes appendices, não é tão sómente inculcar as verdades que nelles vamos defender, mas iniciar o alumno na discussão de factos historicos mostrando-lhe como é que se póde sustentar uma polemica no immenso campo da historia.

dia deixar de ser muito incommodo para os usos da vida civil, Numa adoptou o dos Gregos; mas afim de evitar o numero par, 354, quiz que o anno tivesse 355 dias, divididos em doze mezes, accrescentando Janeiro no principio; Fevereiro, no fim. Estes mezes eram Jan. de 29 dias, Março de 31, Abr. de 29, Maio de 31, Junho de 29, Quintilis de 31, Sextilis de 29, Set. de 29, Out. de 31, Nov. de 29, Dez. de 29, Fev. de 28. Este ultimo mez, por acabar em numero par, era considerado de máu auspicio. Para obter que este anno concordasse com o sol e as estações, Numa ordenou que de quatro em quatro annos se intercalassem 22 dias no segundo anno, 23 no quarto. Este pequeno mez inserido entre os dias 23 e 24 de Fevereiro, chamava-se *Mercedonio*. Disto resultava uma serie de 1465 dias em quatro annos; mas quatro annos de 365 dias e um quarto contém apenas 1461 dias. Existia, pois, um excesso de 4 dias que alterava toda a serie do cyclo. Acudiram a este novo inconveniente formando o cyclo de 24 annos, subdivididos em periodos de oito. Os dois primeiros periodos foram distribuidos do modo que acabamos de ver; o terceiro, em logar de quatro, contava só tres mezes intercalares, cada um de 22 dias: por todo 66 dias em vez de 90, como nos dois periodos precedentes. Ganhando-se deste modo 24 dias, reduzia-se no fim do cyclo o calendario ao ponto do qual partira. Esta fórma dada ao anno romano durou até Julio Cesar. A unica mudança realizada no tempo dos Decemviros foi a transferencia do mez de fevereiro que passou a collocar-se entre Janeiro e Março. A intercalação continuou a fazer-se no mez de Fevereiro Si as precauções que acabamos de apontar, se tivessem observado fielmente, o anno civil entre os Romanos teria concordado assaz bem com o anno solar; porém os pontifices, encarregados da redacção do calendario, dispensaram-se com frequencia deste trabalho, segundo desejavam agradar, ou não, aos magistrados, cujo poder deste modo prolongavam ou diminuiam a seu bel-prazer. O resultado foi uma grande desharmonia entre o anno civil e o solar. Basta dizer que um eclypse, cuja data nos transmittiu Tito Livio, mostra que no anno de Roma 565, 187 antes da éra christan, o primeiro de Janeiro correspondia ao dia 29 de Agosto.

577) **Reforma Juliana.**—Tal era o estado das cousas quando Julio Cesar emprehendeu a reforma do calendario romano. Valeu-se nella de *Sosigenes*, astronomo de Alexandria, que conhecera na occasião de perseguir Pompêu no

Egypto. O calendario de luni-solar (1) passou a ser simplesmente solar. Havendo Sosigenes calculado a duração do anno em 365 dias e seis horas, determinou-se que o anno contaria 365 dias, e que de quatro em quatro annos se intercalaria mais um dia para occupar aquellas seis horas superfluas em cada anno. Afim de conservar o uso antigo, Julio Cesar intercalou esse dia entre o 23 e o 24 de Fev. que por isto nesse anno teria 29 dias. O dia 24 de Fev. chamava-se o seis das calendas de Março (sexto calendas Martii) ou o sextil das calendas de Março. Contentaram-se de duplicar este dia que por isto recebeu o nome de *bissextilis*, duas vezes sextilis. Como o anno disposto desta fórma contasse dez dias mais do que o antigo, distribuiram esses dias entre os mezes que antigamente só tinham 29 dias. Assim Jan., Sextilis e Dez. foram elevados a 31; Abr., Junho, Set. e Nov., a 30. Os outros conservaram os mesmos dias. Quiz Cesar que o anno começasse oito dias depois do solsticio do inverno, i é., no primeiro de Janeiro. Chegou a este resultado fazendo ao anno de 355 dias, além da intercalação ordinaria de 23 dias, uma extraordinaria de dois mezes, um de 34, outro de 33 dias. Estes dois mezes foram collocados entre Nov. e Dez. O anno, pois, contou 445 dias e foi denominado *anno de confusão*. Querendo Marco Antonio, consul deste anno de confusão, perpetuar a memoria de tão util reforma, decretou que dahi por deante o mez *Quintilis* se chamasse *Julius*, Julho. Cêrca de 30 annos depois Augusto legou o seu nome ao mez *Sextilis* que por isto passou a ser *Augustus*, Agosto. Como os incumbidos de redigir o calendario não tivessem penetrado quanto era preciso a reforma Juliana, em vez de intercalar no quinto anno, intercalaram no quarto. Fizeram por isto nos primeiros 37 annos doze intercalações, quando deviam ter feito apenas nove. Afim de corrigir este erro, ordenou Augusto que se omittissem as tres intercalações seguintes. Adoptado em todo o imperio e por todos os povos civilizados, o calendario romano, depois desta reforma, ficou no mesmo estado até 1582, epoca da

578) Reforma Gregoriana.—Calculara Sosigenes o anno em 365 dias e seis horas; sendo, porém, a sua dura-

(1) Chama-se *Calendario lunar* aquelle em que só se toma cuidado do curso da lua. No *calendario luni-solar* os mezes começam e acabam com a lua, e para concordal-os com o sol accrescenta-se, a intervallos denominados *ciclos*, um decimo terceiro mez ao anno. Dá-se o nome de *calendario solar* ao modo de contar segundo o curso do sol

ção de 365 dias, 5 h. e 49 minutos, seguia-se que Sosigenes accrescentava onze minutos de mais em cada anno. Dava isto, pouco mais ou menos, um erro de tres dias cada quatro seculos, e fazia com que os equinoxios não cahissem nos dias em que deviam. Deste modo em 1582 o equinoxio da primavera foi no dia 11 de Março, em logar de ser no dia 21, conforme determinava o concilio de Nicéa em 325. Existia, pois, um excedente de dez dias. Para obviar a esse inconveniente ordenou Gregorio XIII em 1582:—1) que naquelle anno, passado o dia 4 de Outubro, não se dissesse *cinco*, mas sim *quinze*;—2) que daquella epoca em deante, dos annos seculares, fossem *bissextos* os divisiveis por 400, v. g. 2000; 2400, etc., mas que o não fossem os outros, v. g. 1700, 1800, 1900, etc. Accrescentam-se deste modo só 97 dias cada 400 annos, e não 100 como se praticava antes. A correcção gregoriana seria perfeita, si o anno tropico solar fosse realmente de 365 dias, 5 h., 49' e 12", como suppuzeram os mathematicos do Papa (1): o facto, todavia, é que, segundo a generalidade dos astronomos, esse anno conta 365 dias, 5 hs., 48' e 52". Existe, pois, um excesso de 20" cada anno, que dá um minuto em tres annos, um dia em 4320 annos. Accrescentando este numero a 1600, o primeiro anno secular depois da reforma, vê-se que o erro de um dia terá logar apenas no anno de 5920 da éra christan, e que não será difficil emendal-o fazendo bissexto um dos annos que, segundo a correcção, não devia ser tal. Podemos, portanto, affirmar que a reforma gregoriana será perpetua, e ha de ficar monumento eterno da protecção que os Papas teem sempre dispensado aos estudos. Ha de ser, por conseguinte, resposta cabal aos impios que ousam affirmar ser a Egreja Catholica opposta ao progresso das sciencias e da luz verdadeira.—Os paizes catholicos acceitaram sem difficuldade a reforma do calendario; os protestantes a recusaram: na Germania até 1700; na Inglaterra até 1752. Os Russos que ainda se obstinam em não querer adoptar tão sabia reforma, unicamente por ser obra dos Papas, estão atrazados de doze dias. Por isto nas datas dos documentos é necessario lembrar-se de fazer o devido desconto. Quando, por ex., para nós é dia 21 de Março, para os Russos é dia 9. Cumpre, pois, evitar o equivoco datando

(1) Todos sabem que os autores principaes desta reforma foram o cardeal *Sirleto*, o jesuita allemão *Christovam Clavio*, e o medico italiano *Luiz Lilio*. Consultaram tambem o astronomo francez *Fois de Candale* e muitos outros.

o documento deste modo:—9/21 de Março, ou 9 de Março v. e. (velho estylo); 21 de Março n. e. (novo estylo). Na resistencia dos protestantes e dos scismaticos russos a uma obra tão util da Egreja Catholica, temos mais uma prova do modo com que elles entendem a tolerancia que vão prégando em todo o mundo, menos no seu proprio paiz.

APPENDICE II

O Homem Prehistorico

579) **Prenoções.**—Dividem os geologos os terrenos em *primitivo, secundario, terciario, quaternario e moderno.* **O terreno primitivo,** o mais antigo de todos, chama-se tambem *azoico*, i, é, sem vida, porque nelle nada se encontra que a mostre. Suppõe-se, por isto, que se formou quando não existia cousa alguma que tivesse vida.—**O secundario,** sobreposto ao primitivo, é de formação relativamente mais recente.—**O terciario,** encontra-se antes do secundario, e é menos antigo do que elle.—**O quaternario,** ainda menos antigo, pertence aos tempos historicos primitivos ou antediluvianos. *O terreno intermedio* entre as camadas do primitivo e do secundario chama-se *terreno de transição.* Cumpre, porém, observar que esta divisão nada tem de bem fixo e determinado, e que não se sabe com certeza onde começa e onde acaba o terreno intermedio. O mesmo deve dizer-se do *terreno quaternario. O secundario* abrange os terrenos *paléozoicos. O terciario* fórma tres camadas: a primeira subdivide-se em *eocéno inferior e eocéno superior;* a segunda, em *miocéno inferior e miocéno superior.* Dá-se ao terreno da terceira camada o nome de *pliocéno* (1). *O terreno quaternario* contem depositos de transportes, cuja estratificação revela uma epoca de grandes inundações. Os terrenos modernos comprehendem todos os depositos que se formaram em seguida ás inundações do periodo quaternario. Alguns autores, seguindo o inglez Lyel, em logar de falar em terreno primitivo, secundario, etc., dizem *periodo cosmico primitivo, secundario, terciario, quaternario e moderno ou quinto* (2).

(1) *Paléos* antigo; *zóe*, vida; *paléozoico*, vida antiga. *Céno*, recente; *eos*, aurora. *Eocéno*, aurora do recente. *Mion*, menos; *miocéno*, menos recente. *Plion*, mais; *pliocéno*, mais recente.

(2) Vide Moigno—Les Splendeurs de la Foi, vol. II, pag. 730.

580) **Antiguidade do mundo.** — A antiguidade do homem e a do mundo são duas cousas bem diversas que cumpre não confundir, como o faz Draper. A respeito da antiguidade do mundo não ha de certo e definido, sinão que *elle foi creado por um acto livre da vontade de Deus*. Relativamente ao tempo, existem diversas opiniões. Alguns, interpretando ao pé da lettra os seis dias de que fala Moysés, opinam que todas as cousas foram creadas successivamente em seis dias naturaes. Outros querem que aquelles seis dias sejam periodos de muitos annos. Outros, concedendo que as creaturas sensiveis receberam o ser em uma successão de tempo, affirmam que essa successão não durou seis, mas um só dia. Outros emfim pensam que Deus creou o mundo em um instante, e interpretam os seis dias de Moysés em um sentido allegorico ou espiritual. Os autores desta ultima hypothese, esplicam-na de modo diverso. Contam-se entre elles S. Agostinho e Kurtz, sabio prussiano contemporaneo. S. Agostinho porém, dá a sua opinião apenas como provavel, e accrescenta que espera achar outra mais plausivel (1) **Entre os escolasticos** até o fim do sec. XVII prevaleceu a sentença de serem, os seis dias da creação, dias naturaes de 24 horas. Comtudo elles tambem déram esta sentença como simples opinião e ninguem affirmou que ella pertencia ao dogma ou a doutrina catholica. Desde o sec. XVIII até nossos dias appareceram outras duas opiniões. A primeira proposta pelo escossez *Chalmers* (1742—1825) e pelo inglez *Buckland* (1782—1856), foi adoptada pelo sabio cardeal *Wiseman* (1802—65). No sentir delles, Deus a principio creou o céo e a terra, e esta já estava revestida de plantas e povoada de animaes, quando um cataclysmo universal a revolveu toda desde a superficie até o fundo com perda de todos os entes organicos. Este primeiro periodo póde prolongar-se por todo aquelle tempo, que a geologia exige para explicar a formação das camadas e o facto de encontrar-se no meio dellas os fosseis das plantas e dos animaes *paléozoicos*. Em seguida viriam os dias da Biblia que elles admittem como dias naturaes *A segunda sentença*, muito mais seguida em nossos dias, sustenta que os dias do Genesis são periodos de *indefinida duração*. Concilia-se melhor com as conclusões dos geologos modernos; porém tambem ella não vae além dos limites da

(1) De Civ. Dei; lib. XI, cap. VII; De opere sex dierum. l. I. cap. II. n. 42. De Gen. ad litteram, l. IV, cap. I, e XXVIII.

probabilidade. De feito: uma sentença não póde ser mais firme, do que a base sobre a qual se estriba. Ora ella assenta sobre a geologia, cujas conclusões a este respeito ainda não conseguiram plena certeza. A geologia, como as outras sciencias naturaes, abrange duas classes de noções: uma, de factos bem averiguados pertencentes á estructura do solo terrestre; outra, das theorias que, sendo baseadas sobre os mesmos factos, deveriam fornecer a explicação e ordenar de algum modo a historia do estado primitivo e recente do nosso globo. Os conhecimentos da primeira serie deveriam ser muito numerosos, mas todos sabem que pouco se tem alcançado, e isto com muita difficuldade. Os naturalistas que floreceram até o fim do sec. XVIII, em vez de formar uma theoria provavel preparando estes elementos, sem duvida necessarios para delles tirar consequencias legitimas, déram-se, logo depois de terem apurado algum facto, a resolver todos os problemas difficeis que se encontram a cada passo quando se trata da existencia do mundo material. Dahi aconteceu que, em logar de systemas scientificos, foram publicados sonhos e romances. Accresce que a maior parte desses systemas imaginarios eram por seus autores destinados a derrubar a autoridade da Divina Escriptura; pelo que os apologistas christãos insurgiram-se unanimes contra elles demonstrando sem muita difficuldade que eram um aggregado de affirmações incertas e falsas. Por isto Voltaire motejava de todos os naturalistas do seu tempo dizendo que faziam e desfaziam o mundo a capricho, e, lançando o ridiculo sobre toda e qualquer descoberta, ainda que verdadeira, affirmava que os peixes fosseis eram peixes raros que os Romanos tinham engeitado por não serem frescos; e as conchas fosseis tinham pertencido aos romeiros do tempo das cruzadas. Desde o principio, porém, do sec. XIX, outros naturalistas mais prudentes tentaram imprimir melhor direcção aos estudos geologicos, indagando e ordenando os factos, e talvez não exista parte alguma da Europa ou do mundo civilizado, que não possa gloriar-se de alguns sabios distinctos. A Germania, v. g., póde citar Werner e Humboldt; a Russia, Pallas; a Suissa, De Saussure; a França, Cuvier e Brongiart; a Inglaterra, Buckland; a Italia, Brocchi e outros. A nossa edade não accrescentou nenhuma descoberta de vulto ás já feitas pelos geologos que acabamos de louvar. Não podemos, portanto, affirmar que este ou aquelle systema geologico é claro e irrefragavel. Cumpre, além disto, observar que a parte mais incerta

ou, si quizerem, menos certa da geologia é precisamente a que trata do tempo decorrido antes que a terra se tornasse qual, segundo os geologos, devia ser quando os homens começaram a habitar nella. Fica, pois, claro que aquella sentença ainda não se póde dar como certa. Por outro lado os Theologos e os outros autores catholicos que acceitam aquella opinião, não querem dizer com isto que Moysés nos deixou um systema de geologia, nem elles pretendem estabelecer algum; mas querem tão sómente affirmar que se póde de leve conciliar com a Biblia quanto nessa sciencia ainda nova ha de provavel.

581) **Antiguidade do homem.** — Relativamente á data precisa do apparecimento do homem sobre a terra não existe nenhuma definição da Egreja, nem cousa alguma bem determinada na Biblia. E' desta ultima que tiramos as informações principaes para ventilar a questão; primeiramente, porque della sabemos que todos os homens descendem de Adão e de Eva, e, por conseguinte, conhecemos o ponto do qual devemos partir. Em segundo logar, porque nos diversos livros da Sagrada Escriptura lemos alguns factos não mencionados nas historias profanas. Emfim, porque esses livros, mesmo prescindindo da inspiração divina, são mais authenticos e possuem maior autoridade do que nenhum outro livro. Encontramos, todavia, nelles duas difficuldades que nos vedam registrar com precisão os annos decorridos desde Adão até Jesus Christo. A primeira é que os tres codices conservados da Sagrada Escriptura, *o hebraico*, *o samaritano* e *a versão grega dos Setenta*, nem sempre estão de accordo no calculo dos tempos. A segunda consiste em ignorarmos si, quando a Escriptura indica a edade dos patriarchas, quiz revelar-nos o numero exacto, ou sómente o numero redondo descuidando as fracções. Podemos tambem suppor que tenha havido erros dos copistas. A differença entre os tres codices é quasi de 1.200 annos; pois a versão dos Setenta, adoptada pelo martyrologio romano, conta desde Adão até J. C. 5190 annos; o texto hebraico, seguido pela Vulgata, 4000; o samaritano, de quatro a cinco mil. De lá, diz Petavio (1), nasce a divergencia entre os chronologos, dos quaes não se encontra um só que pense como outro. De feito a differença entre os interpretes sóbe, em cifra redonda, a 2340 annos. O numero maximo, 6311, é de Panvini;

(1) Rationarium temporum, parte 2, livr. 2, cap. 1.

o minimo, 3968, de Buting. Si a cada um delles accrescentarmos 1893, teremos 8204 para o maximo; 5861 para o minimo. Taes são os limites extremos dos numerosos calculos relativos ao tempo decorrido desde o apparecimento do homem sobre a terra até este anno de 1893. Não queremos dissimular que Bouillet, citando Desvignoles (1649—1744), dá como numero minimo 3483; como maximo, 6984. Fica, portanto, livre escolher entre todas as datas intermediarias; porém transpor notavelmente os extremos seria, dizem Moigno e outros autores respeitaveis, *imprudente, desnecessario, inutil. Imprudente*, porque não póde deixar de ser tal afastar-se da opinião de tantos e tão sabios interpretes; *desnecessario*, porque, conforme havemos de ver, quanto póde offerecer a sciencia moderna explica-se facilmente sem recuar essa data; *inutil*, porque os incredulos que negam a Divina Escriptura com o pretexto de alguma nova descoberta, não mudariam de parecer ainda quando se lhes concedesse tudo a respeito das datas.

Parece-nos, esta, occasião azada para dar alguma resposta a um nosso illustre amigo que por sua bondade se dignou louvar excessivamente este trabalho e oppor varias difficuldades ás idéas que professamos. Antes de tudo agradecemos de coração não só os elogios, superiores sem duvida ao nosso merito, como tambem as objecções que servem para esclarecer sempre mais a verdade. Em segundo logar diremos que em um trabalho elementar não podemos discutir questões de alta sciencia, nem nos julgamos habilitado para tanto. Não extranhe, pois, si nossa resposta fôr breve, concisa, e baseada menos em nosso saber do que no alheio. Admira-se o nosso amigo de que adoptámos a chronologia (1) classica, seguindo hoje todos a scientifica, e tenta provar a prodigiosa antiguidade do Egypto para dahi deduzir a mais admiravel antiguidade do homem. Respondemos—1) que nem todos abandonaram a chronologia classica. Si este fosse um escripto polemico, poderiamos citar duzias e duzias de sabios de primeira ordem que ainda hoje seguem e defendem a chronologia que chamam classica. — 2) Será verdade que existe uma chronologia scientifica? encontram-se dois sabios que concordem nas datas principaes dos tempos primitivos? Confessamos que não achámos cousa alguma fixa e bem averiguada. A chronologia classica tem a sancção dos seculos e o apoio de um sem numero de sabios, que, embora diffiram nos pontos secundarios, são unanimes nos principaes. Julgamos, por conseguinte, mais avisado seguir os antigos, ao menos emquanto os modernos não apresentarem motivos sérios e bem fundados. Quanto á prodigiosa antiguidade do Egypto, somos de parecer que não basta citar dois ou tres egyptologos; cumpre ver si esses senhores professavam constantemente a mesma opinião e si concordam em geral com os outros. Agora, sabe o leitor em que são unanimes os Egyptologos? Em asseverar que o **Egypto nunca**

(1) Denomina-se *classica* a chronologia da Biblia ou dos tempos historicos em opposição á geologica ou scientifica dos tempos prehistoricos.

teve uma chronologia historica. Não pretendemos que acredite a nossas palavras, não; vamos ás citações. «Os Egypcios nunca conheceram chronologia alguma, nem religiosa, nem civil, nem astronomica. *Nesta sentença concordam todos os Egyptologos*, excepto um ou outro que, como Lieblein, talvez chegasse a convencer-se de ter lançado a ancora da verdade nesse mar sem fundo e sem beira». *De Cara —Os Hyksos no Egypto.*—«Os systemas chronologicos (do Egypto) variam hoje segundo o bel-prazer de cada archeogolo... Onde póde existir uma grande multidão de systemas differentes, ainda não ha uma verdadeira chronologia. Os egypcios não empregaram seus cyclos astronomicos para computar os annos; nem tiveram uma éra historica; datavam seus monumentos só pelos annos do soberano reinante; a minima interrupção nas datas desta natureza altera toda a serie.» *De Rougé—Compt. Rend. de l'Academie des Inscr. 1866, pag. 37.*—«No dominio da chronologia, em meu ver, tudo ainda fica por fazer no que diz respeito ao tempo anterior á dynastia XXVI (656 annos antes de Ch.)». *Brugsch — History of Egypt under the Pharaohs, 1876, I vol. pag. XXIII; 1881, C. IV.* «Os Egypcios nunca contaram sinão pelos annos do monarcha reinante; annos que estão bem longe de terem um ponto inicial fixo, porque ora partiam do principio do anno, durante o qual fallecera o rei precedente, ora do dia em que se celebravam as cerimonias da coroação do novo pharaó.... A sciencia moderna nunca logrará restituir o que os Egypcios não possuiam» Vê-se pelo contexto que entende falar da chronologia. *Mariette—Aperçu de l'Histoire d'Egypte. d.* 66. Cremos que isto basta de sobra para mostrar quanta confiança podemos depositar nas affirmações de alguns que nos representam o Egypto como antigo de trinta e quarenta milhares de annos antes da éra vulgar. Seria, pois, inutil e improprio deste compendio entrar na discussão dos argumentos que pretendem tirar da astronomia, dos monumentos e dos autores classicos. Indicaremos tão sómente que no uso desses argumentos são tantas as opiniões quantos os autores, e que não poucas vezes o mesmo egyptologo, movido pelas objecções dos collegas, reprova na segunda edição o que affirmára na primeira e vice-versa. Nós, portanto, aguardaremos o tempo, si tanto se prolongar a nossa vida, em que esses senhores, harmonizando-se entre si, tiverem apurado a verdade, e nesse caso não duvidaremos de abandonar a chronologia classica pela scientifica.

582) **Tempo historico e tempo prehistorico.**—No principio deste compendio dividimos a Historia Antiga em tempos *allegoricos*, *fabulosos* e *historicos*. Fizemos esta divisão, como a fazem todos, para indicar o diverso gráu de certeza que se póde attribuir aos factos narrados; porém neste logar o termo *tempo historico* tem uma extensão maior, porque se oppõe a *tempo prehistorico*. O primeiro denota o tempo de que temos alguma noticia, certa ou incerta, fornecida pela historia; o segundo, aquelle tempo a respeito do qual a historia totalmente se cala. O termo, portanto, *prehistorico*, quer se applique a qualquer objecto, quer a animal ou homem, significa que esse objecto, animal ou homem, existiu antes de Adão. Vice-versa as phrases: objecto, animal, homem *historico* denotam que elle é posterior a Adão, visto como até essa epoca temos noções ou tradições historicas, pelo menos de uma parte da humanidade. Não ignoramos que

alguns autores empregam o termo *prehistorico* relativamente aos tempos incertos e fabulosos; porém, sendo, essa expressão, nova e inventada precisamente para indicar o tempo anterior a Adão e sendo neste sentido empregada pelos sabios, melhor fariam, em nosso ver, esses autores, si usassem o termo *ante-historico*, ou, como diz Alexandre Herculano, *éras que fogem ás indagações da historia*. *Os tempos prehistoricos*, no sentir de nossos adversarios, duraram pelo menos 200 ou 300 mil annos, que, segundo alguns, se dividem nas épocas do *elephante meridional*, do *urso speleo*, da *renna*, do *bisão*, do *cão domestico* Outros dividem os tempos prehistoricos no *periodo da pedra* e no *dos metaes*. Subdividem o primeiro na época dos animaes, cujas especies são extinctas, na dos transmigrados, e na dos domesticados. O segundo abrange a época do bronze e a do ferro. Outros dividem os tempos prehistoricos na edade *paleolithica* ou da pedra *lascada*, na edade *neolithica* ou da pedra *polida*, na do *bronze* e na do *ferro*. Para justificar estas divisões asseveram que o homem a principio era muito bruto, e tal permaneceu por longos seculos vivendo em cavernas e alimentando-se de caça e de pesca. Procurando ao depois um instrumento, achou-o na *pedra lascada*, i. é., na pedra lavrada grosseiramente, da qual se serviu por numerosos seculos. Começou, todavia, a civilizar-se algum tanto e a fazer uso da *pedra polida*. Achando mais tarde o fogo e o modo de fundir os metaes, fabricou instrumentos de *bronze*, e por fim os de *ferro*. Para passar de uma a outra dessas épocas levou centenas de milhares de annos. Os animaes, de cujos ossos trataremos, abrangem duas classes : uma dos emigrados ; outra daquelles cujas especies são hoje extinctas. Enumera-se entre os primeiros a renna, que outrora vivia nas zonas temperadas da Europa, retirando-se mais tarde para as regiões circumpolares. Encontramos entre os segundos o *elephante gigantesco* denominado *mammouth* pelos Russos, *elephans primigenius* por Cuvier, *elephante meridional* por outros ; o *rhinoceronte gigantesco* ou *rhinoceros tricorinus*, o urso e o tigre *speleo*, etc. *Spelæus*, de *spelunca*, porque morava, dizem, nas grutas.

583) **O homem fossil.**—Entrando agora no assumpto, affirmamos—1) *No principio do sec. XIX prevaleceu a opinião de que o homem fossil em sentido proprio ainda não se achára.* Esta opinião, seguida, entre outros, pelo grande Cuvier, apoiava-se nos factos seguintes. Em 1725 encontraram no ducado de Baden um esqueleto do qual um sabio naturalista pronunciou ser um homem fossil da época do dilu-

vio. Outros naturalistas, todavia, demonstraram mais tarde até á evidencia que aquelle fossil era apenas o esqueleto de um grande lagarto. Alguns ossos descobertos em 1583 e 1760 perto de Aix, na Provença, dados a principio por fosseis humanos, foram em seguida reconhecidos ossos de tartaruga. No mesmo tempo Cuvier affiançava que os ossos desenterrados até então, parte não eram fosseis em sentido proprio, parte não eram humanos.—2) *Na segunda parte deste mesmo sec. XIX começou a vigorar a opinião opposta.* Deu motivo a esta opinião o descobrimento de ossos humanos (1852) em uma gruta perto de *Aurignac*, na França; o de uma mandibula (1863) e de um craneo humano (1864) por *Boucher de Perthes* junto de Abbeville, egualmente na França. Pretenderam affirmar que este craneo pertencia a um homem de raça inferior. Fizeram-se descobertas desta ordem tambem em *Neanderthal*, na Prussia; em *Enghis*, ao pé de Liége, na Belgica, etc.—3) *A sciencia, todavia, ainda não pronunciou a ultima palavra a respeito do homem fossil.*—Veremos dentro em breve a sorte que coube á mandibula de *Moulin-Quignon*, perto de Abbeville, e quanto se póde confiar nessas descobertas. Além disto os sabios não concordam em conceder a esses ossos a qualidade de *fosseis*, e muito menos na conclusão que dahi alguns querem deduzir em favor do homem prehistorico. O naturalista *Meignan*, bispo de Châlons sobre o Marne, v. g., admitte que esses ossos são fosseis, mas nega a existencia do homem prehistorico. Pelo contrario Luiz Figuier, o qual defende o homem prehistorico, recusa a taes ossos a qualidade de fosseis. Ponham-se, pois, os sabios de accordo entre si, e então havemos de conversar.

584) **O homem fossil e o homem prehistorico.** —*Definições.* O qualificativo *fossil* usa-se em sentido *proprio*, *menos proprio*, *improprio*. Em sentido *improprio* denomina-se *fossil* qualquer objecto encontrado debaixo da terra. Neste sentido empregou-se o vocabulo *fossil* até o sec. XVIII. Em sentido *menos proprio* dá-se o nome de *fossil* aos restos dos vegetaes, dos animaes, dos utensilios e das armas dos homens antigos, quer se achem debaixo da terra, quer não. No sentido *proprio* o epitheto *fossil* denota os restos enterrados dos animaes e dos vegetaes que viveram anteriormente á época recente, ou que pertencem a especies differentes das que ainda vivem.

585) **Criterios.**—Para julgar si um osso seja realmente *fossil* no sentido *proprio*, existem dois methodos fornecidos

pela sciencia.—*O primeiro* consiste em examinar a natureza do osso recorrendo á zoologia, e á anatomia comparada.—*O segundo* é subministrado pela geologia, á qual cabe dizer quantos seculos foram necessarios para a formação da rocha ou terreno em que se descobriu o objecto de que se trata. Pelo primeiro methodo podemos chegar a conhecer si aquelle objecto pertence, ou não pertence, a alguma especie de animaes ou vegetaes já extincta, mas não nos é dado concluir dahi que elle é ou não é prehistorico, porque póde ser que algumas especies tenham cessado de existir em tempos historicos e até recentes. E', de mais a mais, indubitavel que ainda vivem especies de animaes e de vegetaes, que foram contemporaneas das que hoje são extinctas, e por isto é certo que se podem achar restos de especies ainda vivas, e tão antigos, quanto o são outros que pertencem a especies já extinctas. Quando, pois, quizermos resolver a questão da antiguidade de algum fossil, é força recorrer tambem ao *segundo methodo*, e ver si é possivel demonstrar quantos seculos foram necessarios para se formar a rocha ou terreno em que se descobriu o objecto em discussão. No uso deste segundo methodo é mister que os objectos fiquem intactos lá onde foram descobertos afim de que possa cada um observar o terreno e todas as circumstancias necessarias para julgar da antiguidade delles. Caso tenham sido movidos ou transportados, é indispensavel que se narre quem, como e em que terreno os encontrou; como, aonde e quem os transferiu e conservou; e tudo isto deve ser authenticado por escripto e com testemunhas superiores á toda a excepção. Do contrario, todo o homem tem o direito de suspeitar alguma fraude, etc., etc. Observe-se tambem que o facto de ser um objecto *petrificado*, bem ou mal conservado, etc., não abona a sua antiguidade; porque alguns objectos, certamente muito antigos, são bem conservados, como se vê, por ex., no *mammouth* de S. Petersburgo; outros, pelo contrario, posto que relativamente recentes, são petrificados, mal conservados, etc. *O primeiro methodo* póde empregar-se sem estas precauções, porque o *fossil* então traz comsigo os caracteres que o distinguem e o demonstram antigo. Assim, por ex., basta ver o *mammouth* do museu de S. Petersburgo para entender que elle pertence a uma especie já extincta; pois a differença entre elle e os dois elephantes que estão a seu lado, é immensa. Supposto isto, vamos á nossa questão que é a seguinte.

586) E' ou não é verdade que se encontraram ossos humanos fosseis no sentido proprio?—Cumpre

antes de tudo observar que não se trata de especie extincta, mas de ossos que pertencem á nossa especie, porque do contrario elles não seriam *humanos*. Nisto consentem todos sem excepção. A controversia, portanto, vem a ser *si esses ossos pertencem* ou *não pertencem a pessoas humanas que viveram em tempos prehistoricos ou antes de Adão*. Nossos adversarios o affirmam e tentam proval-o; nós, pelo contrario, o negamos sustentando que isto ainda não se demonstrou, porque todos os argumentos até agora apresentados peccam gravemente já pela fórma, já pelo fundo (1).

587) **Argumento I.** — Estes ossos, dizem nossos adversarios, levam os caracteres de uma raça muito vil e barbara. Logo, as pessoas, a que pertencem, existiram em tempos prehistoricos.—Suppõe-se neste argumento o seguinte principio geral: «*Todas as raças muito vis e barbaras pertencem aos tempos prehistoricos*». Mas este principio é falso, porque nos tempos historicos encontramos atravez dos seculos raças muito vis e barbaras, e tambem hoje vivem alguns desses povos no mundo, como são, v. g., os Cafres, os Hottentotes, os indios anthropophagos, etc. E quem não sabe que até no meio dos povos civilizados não é raro ver individuos tão estupidos, que parecem mais brutos do que homens? Porém não só é falso o que no argumento se suppõe, é falso tambem o que nelle explicitamente se affirma. Com effeito os proprios defensores do homem prehistorico não concordam no modo de estudar os fragmentos dos craneos de *Enghis* e de *Neanderthal*, unica base deste argumento. Pois elles mesmos demonstraram até á evidencia que aquellas mesmas propriedades se acham em pessoas civilizadas e respeitaveis dos tempos historicos. Os dissidentes apresentaram, como exemplo, o filho do marechal *Grouchy* (1766—1847) e o celebre medico *Bufalini* (1787—1875), em cujas cabeças encontraram os mesmos caracteres, invocados para provar que os craneos de Enghis e de Neanderthal haviam pertencido a pessoas de uma raça muito vil e baixa. Finalmente o sabio *Pruner-Bey* (illustre prussiano, que nasceu em 1808) demonstrou que o craneo de *Enghis* pertencera a uma mulher; o de *Neanderthal*, a um homem: ambos de raça celtica moderna! Tinham, no entretanto, estes dois craneos sido a unica base para espalhar em todo

(1) Observe-se bem o estado da questão. Nossos adversarios devem provar; a nós basta negar ou a consequencia ou o supposto ou as premissas, comtanto que isto se faça com boa razão.

o mundo que o homem existiu na Europa desde mais de 300 mil annos antes da epoca actual!!!

588) **Argumento II.**—Nem menos fraco é o argumento que tiram da forma diversa observada em alguns craneos ou esqueletos inteiros. Pois até nos vivos existe notavel diversidade de largura, comprimento, grossura, etc., quer da cabeça, quer dos ossos em geral. Esta diversidade é causada já pelas doenças, já pelos remedios, já pela profissão, clima, alimentação, vestido, calçado, etc.. Quem ignora, v. g., que as mulheres na China teem o pé muito pequeno, porque desde os primeiros annos fazem uso de um calçado estreito, e, por vaidade, o conservam sempre? *Roberto Southey, na sua Historia do Brazil*, vol., I pag. 120, falando dos Payaguás diz: «Suas mulheres são de baixa estatura, e de pés tão extremamente pequenos, que teem sido comparados aos das Chinezas. Suppõe-se que provenha isto do seu peculiar genero de vida, passando tanto tempo em estreitas canôas e jamais viajando d'outra forma». A historia pelo testemunho de Hippocrates (1), Strabão, Vesalio, Scaligero e Insfeld, nos conta de muitos povos que mudavam artificialmente a fórma natural do craneo. Não podemos resistir á tentação de copiar aqui o que lemos no vol II, pag. 430 da Hist. do Bras. de R. Southey. «Não se diz que elle os visse, que, si o fizesse, mal lhe podia haver escapado a singular deformidade artificial com que das outras nações se distinguiam. Conseguiam-na, apertando a testa e o toutiço ás creanças entre duas taboas, com que tornavam perfeitamente chatas as cabeças, operação cujo fim era procurar a maior semelhança possivel com a lua cheia, para elles o idéal da belleza do rosto humano. O craneo, por conseguinte, desenvolve-se para os lados, semelhando mais uma malfeita mitra do que cabeça humana. Actualmente teem cahido em desuso estas taboas de compressão, contentando-se aquelles selvagens com moldar a cabeça á força de expremel-a entre as mãos». O mesmo Southey l. c. vol. VI, pag. 279, menciona os *Cambebas ou Pacalequas, das nascentes do Imbotatiu, raça que achata a cabeça como os antigos Omaguas do Amazonas* (2) Diremos, pois, que tantos povos antigos e modernos viveram em tempos prehis-

(1) De aere, aquis et locis, livro VIII; Strabão, livro II; Vesalio—Corporis humani fabrica, liv. I, cap. 5; Scal.—Comm. ad lib. V. Theophrasti—De caus. plant; Insf.—L'homme avant l'histoire, chapitre XII.

(2) Southey—Hist. do Bras.—traducção port. do Dr. Joaquim de Oliveira e Castro; Rio de Jan. 1862.

toricos, porque achatavam a cabeça e comprimiam o pé? Antes de proclamarem que esta ou aquella qualidade é propria das epocas geologicas, deveriam esses senhores ler algum pouco a historia e ver si não se acha até em nossos tempos o que elles pretendem vender como antigo de centenas de milhares de annos!

589) **Argumento III.**—O argumento tirado do typo *dolico cephalo* e *brachi-cephalo* é tão fraco, que quasi frisa com o ridiculo. Estas são palavras gregas, que significam *cabeça comprida* e *cabeça curta*. Chamam-se *dolico-cephalos* os craneos que teem o *diametro longitudinal*, a saber: a distancia em linha recta desde o osso frontal até o osso occipital, notavelmente mais comprido do que o *diametro transversal*, i. é., do que a distancia egualmente em linha recta entre os ossos parietaes. Denominam-se *brachi-cephalos* os craneos, cujo diametro longitudinal não é tão comprido a respeito do diametro transversal. Affirmam, pois, que todos os homens prehistoricos foram *dolico-cephalos;* mas nenhum dos que viveram ou vivem em tempos historicos, foi, nem é tal, porque o typo *brachi-cephalo* é indicio de civilização, o *dolico-cephalo* de barbaria. Comtudo naturalistas de grande nomeada e insuspeitos demonstraram que tambem na Europa moderna se acham em grande numero craneos *dolico-cephalos* (1). Tendo o sabio *Pruner-Bey* medido com diligencia extrema os craneos de dois irmãos, averiguou que um delles era notavelmente *dolico-cephalo*; outro, *brachi cephalo!*

590) **Argumento IV.**—O quarto argumento é tirado da antiguidade das grutas em que se descobriram ossos humanos. Respondemos que nem as cavernas são tão antigas, como se pretende, nem é possivel provar que aquelles ossos estão lá desde os tempos prehistoricos, e muito menos que são authenticos. Veremos pouco mais adeante quanta é a confiança que podemos depositar nesses objectos vendidos e comprados como prehistoricos; mas, dando de barato que esses ossos foram tirados dessas cavernas, etc., etc., ficaria ainda por demonstrar que não foram levados para esses lo-

---

(1) Em nossa longa vida de ensino muitas vezes temos tido occasião de contar, entre os alumnos, meninos visivelmente *dolico-cephalos*, e podemos asseverar que não eram os ultimos da aula.

Podemos de mais a mais referir, porém sem declinar nomes, termos tido seis meninos, todos irmãos de pae e mãe. Delles, um era claramente *dolico-cephalo* e mais intelligente que os outros cinco, os quaes com certeza eram *brachi-cephalos*.

gares muito mais tarde por alluviões, etc. Ora isto ainda não se provou e nunca será provado. Consta, portanto, que *a existencia de ossos humanos, fosseis no sentido proprio, ainda não foi demonstrada.*

591) Duas perguntas innocentes e um embaraço sério. — Asseveram nossos adversarios que os homens prehistoricos começaram a propagar-se com numerosos casaes; eram muito fecundos, e as causas da mortalidade por longos seculos foram minimas. Nós, todavia, queremos suppor que a propagação principiou por um só casal, e, quanto ao resto, contentar-nos-emos com pensar que naquellas épocas tudo corresse, a respeito disto, pouco mais ou menos, como corre hoje no mundo. Mas a sciencia da estatistica ensina que nos tempos historicos os homens, apesar da mortalidade, teem ido augmentando de $1/228$ por anno. Podemos, portanto, crer que aquelles homens primitivos augmentaram pelo menos, de $1/300$ por anno, e que em termo medio dobraram o seu numero cada 208 annos. Supposto isto desejamos fazer as duas perguntas seguintes:—1.ª) Dado que os homens prehistoricos começaram a multiplicar-se por um só casal, 300 mil annos antes dos tempos historicos, e que augmentassem de $1/300$ por anno, e duplicassem o seu numero cada 208 annos, pergunta-se *quantos homens viviam no principio dos tempos historicos?* Pedimos o favor da solução, que não é difficil. Quanto a nós, diremos francamente que achámos um numero composto de *quatrocentas e trinta e quatro cifras.*—2.ª) A superficie da terra, segundo dizem os geographos, é de cinco milhões de miriametros quadrados. Si toda ella fosse habitavel, quantos homens deveriam estar em cada metro quadrado? Parece que a superficie da terra reduzida toda a metros quadrados, se exprimiria por um *cinco seguido de quatorze zeros*; nós, porém, afim de facilitar o calculo, queremos suppor que esses zeros sejam 33 e que, tanto neste numero como no problema precedente, as cifras sejam todos zeros precedidos pela unidade. Observe-se que a supposição é largamente favoravel a nossos adversarios. Vamos, pois, á divisão. O quociente vem a ser a unidade seguida por *quatrocentos zeros*! Póde um tal numero de homens caber em uma superficie de um metro quadrado? A maior parte dos defensores do homem prehistorico não tinham previsto esta difficuldade; alguns porém, como Darwin e Figuier, suspeitando della, procuraram eludil-a dizendo que naquellas èpocas occorreram cataclismos muito grandes, os quaes por diversas vezes destruiram

quasi todo o genero humano. Ninguem, todavia, se lembrou de contar quaes e quantos foram esses cataclismos, qual a causa delles, quantos homens e de que modo se salvaram cada vez, etc., etc. Nem vale responder, como elles fazem, que pouco sabemos daquellas épocas tão remotas, porque esses srs. descrevem em pormenores os homens prehistoricos, seus costumes, suas casas, e chegam até a contar os habitantes das cidades e das villas. E, si é verdade que pouco sabeis relativamente a esses tempos, com que direito affirmaes a existencia desses cataclismos? Replicam que isto se deve suppor, do contrario o mundo não poderia conter tanta gente. Olvidam então que se trata de *sciencia*? que assumem, como os antigos gnosticos, o titulo de sabios? Ou ignoram acaso que a *sciencia* não se dá bem com as suppoſições, porque *consta de verdades apodicticamente demonstradas*? Além disto, qual é o conceito que formam da Causa Prima? Uma Causa Prima que mata cruelmente tantos homens por não saber onde collocal-os! Então porque os dotou de tão grande fecundidade? ou porque, em logar de exterminal-os, não creou outros mundos? Com certeza cumpre dizer que a Causa Prima desses srs. ou não é sabia ou é cruel, ou é impotente, e por conseguinte é monstruosa! Concluiremos observando que, si esses cataclismos tivessem realmente existido, o mundo estaria ainda cheio das ossadas de tantos miseraveis, nem menor seria a multidão de utensilios, armas e instrumentos de toda a especie. Como é, pois, que se encontram em quantidade tão pequena? Não ha duvida que os nossos amigos se acham aqui em um embaraço sério, do qual nunca hão de sahir. (1)

592) **As épocas prehistoricas da pedra e dos metaes.**—*Podemos em geral muito razoavelmente duvidar da authenticidade das collecções de objectos chamados prehistoricos.* Das numerosas collecções de objectos prehistoricos, existentes na França, nenhuma conseguiu tão grande reputação de authentica, como a de Boucher de Perthes. Além de um grande numero de machados e de outros utensilios de silex e de metaes, continha essa collecção a famosa mandibula de que vamos falar. Homens de grande fama julgaram que aquelles objectos eram fosseis e prehistoricos. Luiz Figuier, v. g., não hesitou em affirmar que essa collecção era

(1) O autor deste problema é o celebre P. Angelo Secchi, S. J. O nosso trabalho consistiu apenas em reduzil-o á mais simples espressão e ao alcance de todos.

argumento irrefragavel da existencia do homem prehistorico. O proprio inglez Lyell, que até então havia recusado crer no homem antediluviano, abalou expressamente da sua patria com o fim de visital-a, e, depois de percorrel-a rapidamente com os olhos, exclamou: *veni, vidi, victus sum.* (1)

593) Anecdota interessante (2).—«Ici nous touchons à une question très délicate, puisqu'il s'agit pour nous de contredire les affirmations d'un homme excellent, qui ne fit que du bien pendant son passage sur cette terre, et qui, sur quelques-uns des points essentiels de ses recherches, a été dupe de ses propres illusions et *surtout des mensonges intéressés d'une foule d'individus qui exploitaient sa bienveillance en lui apportant des objets sur la provenance desquels ils le trompaient indignement.* Il faut donc, dans l'œuvre archéologique et géologique de M. de Perthes, faire deux parts distinctes comme dans sa personne, parce que dans ses découvertes il y a un côté légendaire qui a égaré la science, et un côté positif, indiscutable, qui en a largement

(1) *Boucher de Crèvecœur de Perthes* nasceu em Rethel no dia dez de Set. de 1788, e falleceu em Abbeville no dia cinco de Ag. de 1868. Sendo ainda muito moço, entrou como empregado nas alfandegas, das quaes seu pae, botanico distincto, era director. Em 1825 fixou-se Boucher em Abbeville, e fez parte da *Société d'Emulation*, fundada no seculo precedente. Todos os dias tinha em cada hora as mesmas occupações. De manhan cêdo banho frio no Somma; dahi a sua repartição; em seguida o seu estudo. Publicou muitas obras, em que se encontram numerosos e graves disparates. Em 1833 manifestou em um discurso o desejo de que todas as nações se entendessem para reunir em um só logar as producções da industria humana. Foi desta proposta que mais tarde tirou origem o uso das exposições internacionaes. Propoz tambem, na *Opinião de M. Christophe*, a liberdade de trafico, á qual substituiram os tratados de commercio. Havia em Boucher de Perthes dois homens totalmente differentes: um, fino observador, empregado amavel, economista de ideas justas e, ás vezes, profundas; outro, phantastico, insoffrido do mysterio e do incognito; ora crente, ora sceptico, largando o freio aos caprichos da sua imaginação, que por fim acceitava como realidades. Foi o homem phantastico que escreveu *l'Essai sur l'origine des êtres*, onde se encontra uma zoologia digna dos *Bestiaires* da Edade Media e das *Maravilhas da terra do Preste João*. Revue Des Deux Mondes, vol. IV de 1873, pag. 332—337.

(2) Copiamos as proprias palavras da insuspeita *Revue Des Deux Mondes*, l. c. porque um dos nossos amigos teve a bondade de duvidar de que esta anecdota fosse real asseverando que um sabio como Boucher de Perthes não se deixaria burlar deste modo, e suppondo-nos capaz de apresentar uma citação falsa. Agora, pois, elle terá a paciencia de ler, e dirá si não é verdade o que affirmamos. Caso ainda duvide, procure a *Revue* e a leia no logar citado. Preferimos a *Revue* ao periodico, *Les Mondes*, porque este seria suspeito ao nosso amigo.

agrandi les horizons; occupons nous d'abord du côté légendaire. Il existe dans l'un des faubourgs d'Abbeville, le faubourg de Manchecourt, des sablonnières placées à la base des coteaux crayeux qui bordent la vallée de la Somme, et dans lesquelles depuis longues années on découvre des ossements fossiles (1). Un savant naturaliste, M. Baillon, correspondant du Muséum, a suivi pendant plus de quarante ans les travaux d'extraction; jamais dans ce long espace de temps on n'y a trouvé à côté des ossements aucune hache, aucun objet de l'âge de pierre portant les traces du travail de l'homme. Les propriétaires ont constaté le même fait; mais un jour M. de Perthes dit aux ouvriers: «Si vous trouvez des haches de pierre dans la sablonnière ou des cailloux travaillés, vous me les apporterez; je vous les paierai bien». On savait M. de Perthes très généreux, et comme les silex taillés sont communs sur les coteaux voisins des sablonnières, les ouvriers s'en procuraient facilement et les *mettaient en réserve pour les apporter de temps à autre avec des ossements au trop confiant collectionneur*. L'un deux, pour se faire un petit revenu et, comme il le disait, mettre le pot au feu le dimanche, établit même un atelier de silex travaillés et de haches antidiluviennes sur l'une des bornes de la zône de servitude, aux pieds d'un vieux bastion de la porte Marcadé. *D'autres s'etaient mis à fabriquer des ossements fossiles. Alléchés par les gratifications, ils allèrent déterrer un bidet, que son propriétaire avait enfoui dans l'un des enclos qui avoisinent, sur le chemin de Laviéré, la sucrerie que l'on bâtit en ce moment. Après en avoir soigneusement nettoyé les os dans un lait de chaux, ils les portèrent en divers endroits de la sablonnière et les placèrent à quelques centimètres au-dessous du niveau du sol; les pluies d'hiver, en s'infiltrant dans les sables, leur firent prendre une belle couleur terreuse, et quand ils furent à point, on alla les vendre à M. de Perthes, qui s'estima très heureux de posséder les restes vénérables de l'equus antiquus* (2).

On avait trouvé la monture; il ne restait qu'à trouver le cavalier. M. de Perthes avait dit: *Je le trouverai*; il tint parole. En avant le champ de manœuvre de la gar-

(1) Entre outras cousas acharam nesse logar a bella cabeça do rhinoceronte tricorino que hoje se vê na galeria geologica do museu de historia natural.

(2) Les débris de *l'equus antiquus* se trouvent encore aujourd'hui dans quelque coin des greniers municipaux.

nison d'Abbeville s'élève une butte circulaire sur laquelle un moulin, appelé le *Moulin-Quignon*, tournait avant la guerre (a de 1870), qui l'a fait disparaître, son aile au vent pour faire de blé farine, suivant la formule consacrée dans les affiches locales. C'est là et dans les environs qu'en 1346 on a inhumé les victimes que la peste noire avait faites à Abbeville: M. de Perthes, qui poursuivait toujours avec un zèle et une conviction à toute épreuve la recherche de l'homme antidiluvien, fut prévenu par les ouvriers qu'on extrayait dans cet endroit des cailloux pour l'entretien des routes. On y avait, disaient-ils, dans un temps trouvé des os d'homme. «*Cherchez bien*», dit M. de Perthes, et l'on apprit un jour à Abbeville que l'homme antidiluvien, représenté par un fragment de mâchoire, était enfin trouvé. M. de Perthes en informa l'Europe entière. Au moindre doute sur l'authenticité de la découverte, il se montrait si profondément désolé *que ceux même dont il invoquait le témoignage se seraient fait un reproche de détruire les illusions* d'un vieillard aimé et respecté de tous. Les géologues les plus éminents de la France et de l'Angleterre partageaient les mêmes sentiments; ils gardèrent un silence discret, et il en fut de la mâchoire du Moulin-Quignon comme des plumes de l'ange Gabriel et des garnitures de la robe de notre mère la sainte église; elle passa à l'état de relique. *L'administration du Muséum l'a fait mettre sous verre, et tout le monde y croit*, excepté ceux qui en savent l'histoire.»

Eis em que deu o homem prehistorico de Boucher de Perthes, cuja fama soou em toda a Europa. E' verdade que os geologos tinham estabelecido alguns criterios para discriminar os objectos antigos dos recentes; o facto, porém, veiu mostrar que esses criterios são insufficientes. Os trabalhadores de Abbeville souberam eludir esses criterios e o mesmo faz aquella turba multa de cavalleiros de industria, que ganham a vida enganando geologos e paleontologos, a quem vendem objectos recentes como si fossem da mais remota antiguidade. Elles juram que encontraram tal objecto: arma, pedra, osso, etc., em terreno terciario, e o vendem aos trabalhadores ou a estudantes inexpertos, que os collocam nas collecções com seus papeis explicativos, e deste modo pedras e armas do seculo XIX passam por serem antigas centenares e milhares de seculos antes da nossa éra! Colhemos estas informações do nosso Luiz Figuier, sobre o qual não póde cahir sombra alguma de sus-

peita. E', portanto, licito, justo, razoavel, duvidar da authenticidade dessas collecções.

594) **Supposta a authenticidade**—*dessas collecções, ainda não está provado que esses objectos remontam a centenares de milhares de seculos antes da época historica*; pois os argumentos apresentados para este fim são inconcludentes,como passamos a demonstrar. — 1) Affirma-se em primeiro logar que os homens primitivos por longos seculos empregaram só a pedra, porque, sendo elles muito rudes, não conheciam os metaes, nem podiam fundil-os emquanto não acharam o fogo juntamente com o modo de accendel-o e de o conservar. — 2) Dizem em segundo logar que nenhum daquelles povos, depois de pôr-se, pela descoberta dos metaes, no caminho da civilização, voltou atraz; nenhum tornou a usar a pedra só ou mais do que os metaes. Todas estas asserções são gratuitas, e por isto devem ser negadas simplesmente, visto ensinar a Logica que *quod gratis asseritur, gratis negatur*. Mais adeante, todavia, mostraremos positivamente falso o que se affirma no primeiro logar, limitando-nos agora a tratar do que se diz no segundo. Pretendem que esses povos, uma vez entrados no caminho da civilização, *nunca retrocederam*. Respondemos — 1) que, si isto fosse verdade, elles deviam ser homens bem diversos daquelles que existiram em tempos historicos, homens excepcionaes e, quem sabe? de outra especie. Pois a historia, a mestra da vida, nos ensina que os povos nascem, crescem e morrem do mesmo modo que os individuos. Onde está hoje a civilização do Egypto, da Chaldéa, da Assyria, da Persia, da Grecia e de tantos outros povos? Chegaram elles a um gráu eminente de poder e de civilização; mas, voltando atraz, decahiram, e actualmente vivem na barbarie. E porque então aconteceria o contrario nos tempos prehistoricos? ou, pelo menos, como é que se sabe desses phenomenos tão extraordinarios e oppostos aos factos historicos? Não se sabe, mas suppõe-se e affirma-se, por ser necessario para esteiar esse pobre velho do homem prehistorico! Eis a sciencia que pretende insurgir-se contra a revelação!—2) Si aquelles homens realmente viveram, *é certo* que não foram nem todos ricos, nem todos pobres, nem todos activos, nem todos indolentes; mas haviam de ser parte ricos, parte pobres, outros activos e industriosos, outros ineptos e indolentes. Dizemos que *isto é certo*, porque dimana da condição e natureza do homem. Além disto, sendo tão numerosos, hão de se ter espalhado por toda a terra e, por conse-

guinte, se póde e se deve affirmar que nem todos occuparam paizes abundantes de mineraes. Afinal, visto serem elles muito rudes, não ha duvidar que o commercio e todas as relações sociaes encontravam ahi obstaculos infinitamente maiores do que em nossos dias. Segue-se de tudo isto com a maior clareza que alguns daquelles povos volveram ao uso da pedra depois de empregar os metaes, e alguns já usavam os metaes quando outros continuavam a servir-se da pedra. Pois os metaes não existiam em toda a parte, nem era possivel transportal-os rapidamente por todo o mundo; nem os pobres tinham meios para procural-os, etc., etc. E não vemos acontecer o mesmo hoje em dia? Acaso as modas de Pariz são adoptadas de subito em todos os paizes e por todos os homens? Não ha seculos que se conhecem as armas de fogo, a imprensa e outras invenções? Como é, pois, que tantos povos na Africa, na Asia, na Oceania, no Brasil e no resto da America ainda fazem uso das frechas e nem sabem o que é a imprensa, e nem se vestem, nem moram em cidades, nem sequer conhecem o que nós chamamos luxo? Dirão que esses são povos barbaros dos quaes não se deve ter conta? E barbaros outrosim se suppõem os homens prehistoricos, e, si foram adeantando na civilização, deviam progredir da mesma arte com que o fizeram os homens dos tempos historicos.

595) **Quatro factos.**—Reforçam, porém, os nossos adversarios o argumento com os quatro factos seguintes:—1) Em algumas excavações descobriram-se instrumentos de pedra sem nenhum instrumento metallico. — 2) Em outras, encontraram-se *pedras lascadas* sem as *polidas*, ou viceversa, e o terreno em que jaziam as *pedras lascadas*, era mais baixo e mais antigo do que o occupado pelas *polidas*. —3) Em alguns logares acharam, juntos, instrumentos de pedra e ossos pertencentes a animaes de especies extinctas ou emigradas. —4) As figuras desses animaes eram grosseiramente esculpidas já em pedra, já em marfim, já nas pontas das rennas.

596) **Resposta.** — Nós não negamos estes factos, mas sustentamos que não provam cousa alguma em abono da opinião de nossos adversarios. — Com effeito, quanto ao *primeiro*, i. é., que se acharam instrumentos de pedra sem algum instrumento metallico, respondemos que aquelles instrumentos de pedra podem pertencer a povos da epoca do ferro e até dos tempos historicos. A razão é clara, porque,

segundo nos conta a historia, numerosos povos dos tempos historicos usaram e ainda usam instrumentos de pedra. Eis os factos.—1) João de Barros, o bem conhecido historiador da India Portugueza, falando do povo da Grande Canaria t. I, Dec. I., liv. I, cap. XII, pag 105, diz: «Os moradores da grão Canaria tinham dois homens principaes... A peleja delles era ás pedradas, e com páus curtos á maneira de regeitos de remesso... *Entre elles não havia ferro, e á mingua delle rapavam as barbas com pedras agudas:* se haviam algum á mão era mui estimado, e faziam anzolos delle. Ouro, prata, nem outro metal não o queriam...». —2) A maior parte dos habitantes da America, quando esta foi descoberta, apesar de conhecerem o fogo, não tinham idéa dos metaes, servindo-se unicamente da pedra, da madeira ou dos ossos.—3) O povo da peninsula de *Kamtschatka* juntamente com o das ilhas Aleutas e da Alaska, quando no principio do sec. XVIII, foi conquistado pelos Russos, não possuia nenhum metal, sendo todos os seus instrumentos: facas, frechas, machados, etc., ou de osso ou de pedra. Hoje esse povo, embora faça uso dos metaes, continúa a servir-se tambem da pedra. — 4) Outro tanto faz o povo do valle do Nilo. «O Egypto historico tem demonstrado que ahi se empregavam todos os utensilios dos tempos prehistoricos; havia-se, comtudo, geralmente supposto que esses instrumentos pertenciam á barbaria, ou que, pelo menos, denotavam a ignorancia dos metaes. Si estudarmos com attenção sempre maior as descobertas desta ordem, *ficará sempre mais confirmada pelos monumentos a coëxistencia de utensilios de pedra, de ossos e de metal.* Quando o snr. Mariette viu que os barbeiros de Abydos rapavam a barba *com navalhas de pedra*, quando os arabes de Quournah lhe mostraram as pontas das lanças dos Beduinos egualmente de pedra, pareceu-lhe ser transferido para a edade da pedra, e concluiu que no Egypto a epoca da pedra correu sob os Pharaós, os Gregos e os Romanos; que durou no tempo dos Arabes, e que, até certo ponto, persevera tambem em nossos dias (1).» E' o sabio e insuspeito egyptologo Chabas que fala deste modo. Porém nas excavações, os instrumentos de pedra encontram-se separados dos de metal. Seja muito embora, mas para que disto se possa inferir alguma cousa, cumpriria defender uma these evidentemente

(1) *Chabas* — Études sur l'antiquité historique d'aprés les sources Égyptiennes et les monuments réputés préhistoriques, Chap. V.

absurda, a saber: que onde se acha uma especie de utensilios de um povo, ahi devem estar tambem todas as outras, e que esses instrumentos são inseparaveis. Além disto, para da ausencia dos instrumentos de metal poder-se inferir que elles nunca estiveram naquelle logar, precisaria demonstrar que ninguem os tirou e tambem que não foram consumidos pela ferrugem. Não só é impossivel provar estas duas cousas, mas pelo contrario o facto mostra que a ferrugem gasta e destróe o ferro, o arame e até o bronze. Nas excavações de Herculano, v. g., os unicos utensilios que se encontram inteiros, são os de bronze *dourado*; e nas excavações de Thorsbjérg, no Sleswig acharam-se alguns punhos e copos de espada sem a folha, e algumas hastas de lança sem as pontas As hastas eram de páu, os punhos e os copos de bronze, como tambem de bronze eram alguns outros utensilios descobertos no mesmo terreno. Concluiu-se de tudo isto que as folhas das lanças deviam ser de ferro. Diversas moedas, que jaziam no mesmo logar, levavam a data do anno 197 da éra christan.

597) **II facto.**—De egual valor é o argumento que se tira do *II facto*, a saber: que se encontraram *pedras lascadas sem as polidas*. Pois a maior e a menor rudeza ou elegancia dos utensilios não é argumento de antiguidade, mas só de ter havido pobres e ricos, como acontece tambem em nossos dias. Do contrario, os geologos futuros poderiam dividir, por ex., este nosso sec. XIX em epocas ainda mais extensas do que as prehistoricas porque em nosso seculo existem utensilios lavrados com a maxima perfeição da arte ao lado de outros de maior rudeza, como são os que pertencem aos pobres, sendo infinitos os gráus intermedios.—E' certo egualmente que, si em alguns logares encontraram só utensilios grosseiros de pedra, em outros descobriram confusamente grosseiros e polidos; em outros estavam juntos instrumentos de pedra e de metal.—Nas excavações de Perigueux, v. g., colligiram 5025 instrumentos de pedra, dos quaes 3002 eram polidos; todos os outros, grosseiros. Bateman citado por Lubbock, tendo examinado 31 tumulos, em todos achou utensilios de bronze; em 29, tambem utensilos de pedra, quasi todos grosseiramente lavrados. Podemos outrosim dizer que esses instrumentos precedentemente eram polidos; mas, sendo gastos pelo uso, parecem grosseiros. Póde do mesmo modo ser que o artifice começasse a lavral-os como polidos, e tendo-os quebrado em consequencia de algum golpe falso ou de algum

vicio da pedra, os abandonasse como inuteis, e por isto parecem grosseiros.

598) **III facto**.—i. é., que jaziam *juntos instrumentos de pedra e os ossos de animaes pertencentes a especies extinctas ou emigradas*. Para que tudo isto demonstre alguma cousa é mistér fixar a epoca em que essas especies se extinguiram ou emigraram, e tambem provar que aquelles ossos humanos não foram para esses depositos transferidos pelas alluviões ou juntamente com os ossos *antigos* dos animaes ou mesmo mais tarde. Isto ainda não se provou e nunca se provará, porque é impossivel.

599) **Ao quarto facto**— i. é., que *as figuras desses animaes são esculpidas nas pontas das rennas*, etc., replicamos:—1) que é muito incerta, tanto a epoca da extincção, como a da transmigração dessas especies.—2) Si se trata dos animaes emigrados, os autores dessas figuras podem ser os habitantes dos paizes para onde os animaes se transferiram, ou dos paizes donde abalaram, visto não ser impossivel que entre estes ficassem alguns corpos.—O mesmo vale a respeito das especies extinctas, porque os homens podem ter achado seus corpos e tel-os pintado e esculpido, como hoje, v. g., muitos tiram em S. Petersburgo o retrato do famoso *mammouth*. Pelo que acabamos de ver está claro que para explicar esses factos não é mistér idéar as épocas da pedra lascada, da pedra polida, do arame, do bronze, do ferro, e muito menos é necessario suppor que essas epocas fossem successivas e durassem centenas de milhares de annos. Deve-se, portanto, eliminar do campo da sciencia o conceito, e, por conseguinte, tambem a nomenclatura das *epocas da pedra, e dos metaes* porque estas phrases denotam epocas muito dilatadas que teriam existido successivamente, e é neste sentido que as empregam os homens da sciencia moderna. Si taes epocas não passam de um sonho, conforme acabamos de demonstrar, essas palavras não teem sentido e, por isto, não se devem empregar.

600) **A pedra e os metaes nos tempos historicos**.—Duas asserções:—1) *Os homens historicos, desde os primeiros seculos, empregaram toda a variedade de armas e de instrumentos quer de pedra, quer de metal*;—2) *Os utensilios, já de pedra, já de metal, desenterrados até agora, pertencem todos aos tempos historicos*. Segue-se que os antigos utensilios, etc., descobertos recentemente não lograram derrubar a chronologia classica do genero humano; pelo

contrario, a teem confirmado dando-lhe credito sempre maior. A consequencia é clarissima. Falta unicamente provar com a historia na mão as duas proposições que servem de base á nossa these.

601) **Os homens historicos** — *usaram juntamente de toda a variedade de instrumentos.* Não ha duvidar que os metaes eram conhecidos antes do diluvio. Moysés (Gen., IV, 22) nomea Tubalcaim, filho de Lamech, descendente de Caim, representando-o como artifice illustrado em todas as obras de bronze e de ferro. Este Tubalcaim nasceu antes de Noé, filho de outro Lamech, descendente de Seth. Eram, por conseguinte, os metaes já usados pelo menos cinco seculos antes que Noé désse principio á construcção da arca. Nem poderia certamente Noé, sem o auxilio de taes instrumentos, fabricar aquelle navio tão extraordinario que, no ver de João Lapelettier, seguido por Calmet e outros grandes interpretes da S. Escriptura, era de 40.000 toneladas.— Os antigos Egypcios conheciam os metaes desde a epoca remotissima do antigo imperio, e desde esse tempo os empregavam, como nós hoje, na agricultura, nas artes, na guerra, na caça, na pesca, nos ornatos e até na medicina. E' certo outrosim que juntamente com os utensilios de metal fizeram os homens em tempos historicos uso dos de pedra, madeira, osso e chifre, do modo que costumam em nossos dias alguns povos e particularmente os selvagens do Brasil.—Os Egypcios, antes de embalsamar os corpos, os abriam para extrahir as entranhas e nesta occasião occupavam uma faca de pedra, chamada pedra *ethiopica* por Herodoto e por Diodoro (1). Os sabios que visitaram o valle do Nilo, descobriram, em cidades outrora florescentes, numerosos instrumentos de pedra de toda a qualidade; alguns rudes, outros polidos: todos, porém, muito semelhantes áquelles que acharam na Europa nos logares chamados *Estações Prehistoricas*. Os mesmos sabios observam que desses instrumentos, são mais numerosos e mais grosseiros os que pertencem á epoca dos Lagidas e á dos Romanos, do que os pertencentes a éras anteriores; de sorte que, no sentir delles, um instrumento é tanto mais antigo, quanto mais perfeito. Vê-se, portanto, que os Egyptologos possuem um criterio totalmente opposto ao que invocam os defensores do homem prehistorico. Nas minas de Wady—Magharah, no Sinai, existem tantos instrumentos de silex,

1) Herodoto, Liv. I, 81; Diodoro, Liv. I, 91.

tantas casinhas de pedra sem cimento e tantos restos de cozinha e de animaes transmigrados, que, diz Chabas, hoje se daria por certo ser tudo aquillo prehistorico e das epocas mais remotas, si alli mesmo não se lêsse um grande numero de inscripções, as quaes testificam que aquellas obras foram executadas no tempo da dynastia XII, uns dezesete ou vinte seculos antes da éra vulgar. Que os Hebreus faziam uso da pedra, quando já conheciam e empregavam os metaes, prova-se pelo cap. IV, 25, do Exodo, onde Moysés refere que Sephora circumcidou seu filho com uma *faca de pedra*, bem como pelo cap. V, 2, do livro de Josué, no qual se lê que Deus ordenou a Josué apromptasse facas de pedra, *fac tibi cultros lapideos*, afim de submetter á circumcisão o povo que, por ter nascido no deserto, ainda não tinha cumprido com essa cerimonia religiosa. Citam-se egualmente com este intento algumas palavras, accrescentadas pelos Setenta ao verso trinta do ultimo capitulo do mesmo livro. Aquelle verso reza que Josué foi sepultado em um terreno seu em Thamathsare, situado no Monte Ephraim na parte septentrional do Monte Gaas. O accrescimo dos Setenta é o seguinte: «Junto delle se guardaram as facas de pedra com que, segundo a ordem de Deus, circumcidára em Galgala os filhos de Israel, quando os conduziu do Egypto, e alli estão até o presente dia».—O sepulchro de Josué foi em 1863 descoberto por M. Guerin, o qual no anno seguinte leu, na Academia das Inscripções de Pariz, sobre este assumpto, uma bella memoria enriquecida de taes argumentos, que todos os archeologos adheriram á sua opinião, i. é., que tal sepulchro era certamente o de Josué.—Em 1871 o presbytero Richard, celeberrimo hydrogeologo francez, depois de visitar o Alto Egypto, o Sinaï e a Palestina, annunciou que no logar do sepulchro de Josué achára as facas de pedra, indicadas pelos Setenta, e todos o applaudiram quando as mostrou no congresso de Edimburgo e no da Academia das Sciencias de Pariz. Muitos outros autores falam de povos que, apesar de civilizados e de conhecer os metaes, faziam uso da pedra. *Diodoro*, v. g., refere de alguns povos do Oriente que matavam os peixes com pontas de chifre e os cortavam com facas de pedra; *Herodoto* conta que os ethiopes do exercito de Xerxes na II guerra medica tinham frechas com pontas de pedra; *Tacito* relata que todas as armas dos Finnezes eram frechas de osso. O illustre F. Lenormant deparou na Attica com um tumulo que continha muitas pontas de lanças de pedra rudemente

lavrada. Descobriu-se nestes ultimos annos em Marathona um grande numero de frechas com ponta de pedra, empilhadas nos tumulos que os Athenienses ergueram a seus heróes em seguida á famosa peleja ganha por Milciades contra os Persas. Toda esta variedade de instrumentos, feitos de materiaes differentes, foi usada ao mesmo tempo, i. é., nas epocas historicas. E' falso, portanto, ter havido uma primeira epoca, a saber: uma longa serie de seculos em que os homens se serviram exclusivamente da pedra, e depois outra na qual empregaram só ou tambem os metaes. Com effeito desta successão imaginaria de epocas não se encontra vestigio algum na tradição sagrada, nem nos annaes das nações classicas. Si perguntarmos aos monumentos de todos os povos conhecidos, si consultarmos os mais antigos historiadores, acharemos, é verdade, testemunhos muito claros relativamente ao uso da pedra e dos metaes; não encontraremos, porém, indicio algum, nem sequer tenuissimo, de que a pedra fosse por longo tempo empregada com exclusão dos metaes por todos os homens que habitavam a superficie da terra. Si fosse diversamente, não podia deixar de existir algum indicio dessa successão, tanto mais que os historiadores tinham o exemplo dos poetas, os quaes dividiam em quatro as edades do genero humano applicando-lhes o nome de quatro metaes — *ouro*, *prata*, *bronze*, *ferro*. Esta divisão na poesia é obra da imaginação; na historia seria propria e real. Mas nenhum historiador se lembrou de fazel-a; é força, pois, confessar que ella nunca existiu.

602) **Os instrumentos descobertos até agora pertencem aos tempos historicos.**—São numerosas as descobertas que correspondem ás indicações dos historiadores. Taes são, v. g., as do sepulchro de Josué, das facas de pedra usadas pelos Hebréus, das frechas de Maratona, as de Pompeia, de Troia, etc.—Muitas outras seriam com certeza dadas por prehistoricas, a não serem as inscripções que as acompanham, como são, v. g., as do Egypto, do Sinai, da Assyria, de Babylonia, etc. Existem, é verdade, alguns instrumentos, aos quaes não se póde applicar esta mesma explicação; porém a semelhança delles com os outros basta para persuadir-nos de que elles pertencem egualmente aos tempos historicos. Temos mais duas razões para demonstrar que em geral a antiguidade de todos os utensilios não vae além dos limites marcados ao genero humano pela chronologia classica. Tiram-se estas razões da qualida-

de do terreno e da profundidade, em que acharam esses objectos; pois é cousa certa que os terrenos são de epoca recente e que os utensilios , sem exceptuar os de pedra lascada, jaziam na profundidade de poucos metros. Descobrem-se, entretanto, em profundidade dez vezes maior, cidades inteiras, que floresceram em tempos historicos. Uma dessas cidades, por ex., é a de Troia, cujas ruinas se extraem de excavações que contam *vinte metros de altura* (1). Um dos logares mais celebres pela descoberta de objectos julgados com toda a certeza prehistoricos, é a beira do Saôna, em França. Pesquizas, todavia, mais recentes e mais cuidadosas asseguram que todos os instrumentos colligidos naquelle sitio pertencem a tempos historicos. Pois a zona ou camada em que estavam enterrados os instrumentos de pedra suppostos prehistoricos, toca a zona superior, na qual jaziam instrumentos romanos. Ambas as zonas teem egual profundidade, e as duas juntas não passam de dois metros. Assim como as camadas inferiores, ambas são formadas pelas alluviões do Saôna. Agora, si suppuzermos que a formação da zona que cóbre os objectos romanos, levou vinte seculos, e mais vinte seculos a formação da zona seguinte em que estavam os objectos dados por prehistoricos, teremos que esses utensilios pertencem egualmente a tempos historicos. Isto seria sufficiente para a nossa these. Comtudo esta supposição vae muito além do tempo calculado segundo a experiencia dos factos; pois, segundo essa experiencia, como póde qualquer averiguar, os objectos que caem sobre um terreno molle e revolvido a miudo por alluviões, tendem sem descanço a descer sempre mais fundo no mesmo terreno. Isto verifica-se á risca nos objectos da beira do Saôna. Cumpre tambem observar que, para chegar a uma certa altura uma camada que se fórma com depositos de alluviões, exige-se mais tempo, quando o solo sobre que caem as aguas, é alto; menos, quando o mesmo solo é baixo. A razão disto está no facto de que as aguas no primeiro caso se espalham mais e se accumulam menos. No segundo caso acontece totalmente o contrario, i. é., que as aguas se espalham menos e se accumulam mais. Dá-se o mesmo nos objectos depositados, cuja superficie, quando ficam em secco, está sempre na razão inversa da altura. Segue-se disto que a zona inferior da beira do Saôna, onde havia objectos sup-

(1) Vide—*Les Mondes*, 9 de Out. de 1873.

postos prehistoricos, levou menos tempo do que a superior para attingir á altura de um metro. Encontraram-se na superior objectos romanos, e, por conseguinte, não levou a formar-se mais de vinte seculos. E', pois, claro que tambem a formação da inferior fica muito commodamente dentro dos tempos historicos. Consta, portanto, que nenhum dos instrumentos, utensilios, armas, etc., achados até o presente, tem razoavel direito a exigir a dignidade de objecto prehistorico. Podemos, então, com toda a segurança concluir que *a chronologia classica nada perdeu; mas, pelo contrario, tem ganhado muito com as descobertas recentes de pedras, ossos, armas, instrumentos, etc.*

603) **Estações prehistoricas.**—Gabam-se nossos adversarios de que finalmente encontraram *casas prehistoricas*, e concluem que, *visto existirem habitações prehistoricas, é força inferir terem havido tambem moradores prehistoricos*. Não ha duvida! Tudo, porém, está em provar que essas habitações sejam realmente taes.—Ellas são propriamente de duas especies, i. é., as *grutas e as habitações lacustres e palustres*, ás quaes, como por appendice accrescentam as *terramare* da Italia e os *Kjoekken-moedding* (restos de cozinha) da Dinamarca. Entre as grutas, a mais celebre é a do *Kentucky*, denominada *gruta do mammouth*, a qual tem tres leguas de comprido, e encerra uma sala com uma superficie de trinta metros. Outra é a de *Aurignac*, no departamento do alto Garonna, descoberta por acaso em 1842. A idéa das *habitações lacustres e palustres* nasceu do facto de terem os habitantes de Meilen, na Suissa, em 1853 encontrado, na beira e no fundo do lago de Zurich, os restos de uma *palafitta*, i. é., alguns esteios fincados no solo e outros em posição horizontal, alguns utensilios grosseiros, umas armas de pedra e de osso juntamente com outros fosseis semelhantes aos já descobertos nas paragens circumvizinhas. Logo que se espalhou pela Europa a fama do descobrimento destas preciosidades, déram uma busca geral nos lagos da Suissa, da Italia, da Baviera, da Carincia, Carniola, Pomerania, França, Inglaterra, etc., achando por toda a parte restos de *palafittas*, de animaes fosseis, utensilios e instrumentos de pedra, etc. Tudo foi sem demora baptizado *ex-cathedra* por prehistorico, dando a essas casas o nome de *Estações Prehistoricas*. Tentam demonstrar a sua antiguidade *prehistorica*—1) observando a fórma e a qualidade das ditas estações ou casas;—2) examinando os utensilios, armas, instrumentos e tudo o mais que se encontra nellas e em suas dependencias.

604) **Resposta.**— Relativamente a este segundo ponto, diremos ter sido já demonstrado com toda a evidencia que todos os ossos humanos, utensilios, armas, instrumentos, etc., descobertos até agora podem pertencer aos tempos historicos.—A respeito do primeiro modo de argumentar, é claro que, para se concluir alguma cousa, seria necessario demonstrar a proposição seguinte: *Nunca em tempos historicos existiu povo que morasse nas cavernas; nunca foram nellas enterrados os mortos, nunca surgiu cidade, villa ou casa alguma sobre lago, rio ou lagôa.*—Longe, porém, de satisfazerem a esta justissima exigencia da Logica, elles distraem o leitor com descripções pouco mais ou menos interessantes e no fim com grave offensa da mesma Logica affirmam o que desejam, mas não provaram. *Não provaram*, dizemos, porque o que elles apresentam como conclusão, não se continha nas premissas e não passa, por conseguinte, de uma simples e pura affirmação. Vamos, portanto, ver o que refere a historia sobre estes pontos. Julgamos poder demonstrar que *o uso de habitarem alguns homens ou povos nas grutas e de enterrarem nellas seus mortos, quer por eleição, quer por necessidade, acha se mencionado não raras vezes na historia, e ainda em nossos dias não falta quem continúe a ter esse mesmo costume.* O celebre P. Antonio Bresciani, S. J., autor do Hebréu de Verona e de varios outros romances publicados pela Civ. Catt., na sua bella obra—*Costumi della Sardegna comparati cogli antichissimi popoli orientali*—trata muito sabiamente este assumpto, e com admiravel erudição mostra como o uso de morar em cavernas foi assaz commum a diversos povos orientaes dos tempos historicos; que algumas dessas cavernas eram obra da natureza; outras, da mão do homem. Conta outrosim que varias dessas grutas existem nas costas do Erythréu e do golpho Persico, na Palestina, em Malta, na Sicilia, nas Baléares, e sobretudo na Sardenha, onde ainda vigora o costume de habitar nas grutas Refere a este proposito o illustre escriptor o que em nossos dias aconteceu a um notavel missionario na ilha de S. Antiocho, perto da Sardenha. Sendo elle convidado e quasi compellido a prégar de noite em um logar deserto, viu desde o principio do sermão sahirem da terra, como por encanto, um grande numero de ouvintes que pareciam almas do outro mundo, e no fim desapparecerem com egual rapidez. Immenso foi o seu assombro emquanto não recebeu as devidas explicações, e não veiu a conhecer este costume daquelle paiz. E que diremos do nosso Brasil,

em cuja historia lemos o seguinte? «Não observavam, porém, os Goyanazes outro rito algum cruel. *Viviam em cavernas subterraneas*, onde tinham fogo a arder de dia e de noite: não era, pois, para se esconderem que elles preferiam estas incommodas habitações». *Tribus que abrem na terra suas habitações* (1). Isto mesmo achamos na Rev. do Inst. Hist. vol. I, pag. 26—Algumas vezes os Cavalleiros investem aos gentios Caupezes, que *moram em casas subterraneas*—Já vimos que na Alaska os selvagens conservam ainda hoje este mesmo costume (2).

605) **Palafittas.**—Nem o testemunho da historia é menos explicito a respeito das *palafittas* ou cidades *lacustres* e *palustres*. Quanto aos povos antigos temos o testemunho de Herodoto, o qual falando dos *Peonios*, povo da Macedonia, diz o seguinte: «Suas casas são feitas deste modo: sobre esteios muito compridos, plantados no fundo do lago, assentam suas taboas unidas juntamente. Uma ponte estreita é a unica passagem para esse tablado, o qual em tempos antigos era construido com dinheiro publico; estabeleceu-se, porém, mais tarde que cada morador tivesse de levar do monte Orbélo tres esteios cada vez que tomasse uma nova mulher. A polygamia é permittida naquelle paiz. Toda a familia tem sua casa sobre o tablado com uma porta de alçapão para descer ao lago. E, receiosos de ver seus meninos cahirem nessas ratoeiras, amarram-nos pelos pés com uma corda. Nutrem seus cavallos e outros animaes de carga com peixe em logar de feno. Ha tanto peixe no lago, que, fazendo descer pela porta de alçapão um balaio, retira-se quasi cheio» (3). Passando a tempos mais recentes, podemos citar a historia da Irlanda em que se fala de palacios e de fortalezas construidas sobre os *Crannoges*, i. é., ilhotas formadas de pedras e troncos de arvores. Algumas dessas fortalezas ainda existiam no fim do sec. XVI e eram consideradas inexpugnaveis. Em nossos dias no lago *Prasias*, na Rumelia, se veem as moradas dos pescadores semelhantes ás villas dos Peonios que Herodoto deixou descriptas. No meio do rio *Don* surge a cidade de *Tcherkask* plantada toda sobre esteios ou *palafittas*. *Amsterdam* no principio do sec. XIII era uma villa de pescadores, subditos dos Srs. Van Amstel; hoje é a cidade mais importante da Hollanda; ex-

(1) Southey, vol. I, pag. 63; vol. VI, pag. 280.
(2) Vid. par. 525 deste Compendio.
(3) Herodoto; *Terpsicore*, 14.

tende-se sobre o Zuider-Zée em forma de lua crescente, e contem mais de noventa ilhas que communicam entre si por meio de trezentas pontes. Os edificios assentam sobre esteios, como outrora os casebres da antiga villa. *Veneza*, que data do sec. V da nossa éra, foi desde o principio erguida sobre traves fincadas no fundo das lagunas. Nem deixaremos de mencionar a nossa *Belém do Pará*, em que diversas casas commerciaes da praia, bem como o magestoso monumento que domina o largo do palacio, e a maior parte dos edificios da cidade descançam sobre esteios de massaranduba (1). Encontram-se cidades da mesma construcção em Bornéo, na Nova-Guiné, em Ceram, em Java, em Celebes, em Mindanáu, etc., numa palavra, em todos os logares alagadiços em que a qualidade do terreno não permitte fazer os alicerces de outro modo. Consta, pois, que a *existencia do homem prehistorico*—1) apresenta difficuldades insoluveis,—2) ainda não foi provada sinão com affirmações gratuitas, declamações e hypotheses absurdas, porque todos os argumentos de seus defensores peccam ou pela fórma ou pelo fundo. Nós, pelo contrario, explicamos cabalmente todos os factos e demonstramos com a historia na mão que elles pertencem todos aos tempos historicos. Temos, portanto, não só o direito, como tambem a obrigação de repellir, *em nome da sciencia e da historia, esse homem prehistorico qual phantasma cheio de vento e nada mais*. Por outro lado, nós, os Christãos, estamos de posse, ha tantos seculos, da tradição quer oral, quer escripta; tradição incomparavelmente mais larga do que o rio Amazonas, mais pura do que as aguas crystallinas do Cydno e do Selef; tradição confirmada pelo testemunho de tantos prophetas e do proprio N. S. Jesus Christo, bem como de um sem numero de varões illustres por doutrina e santidade; tradição, por conseguinte, cheia de verdade e de consolação. Dirão que existe *conflicto* entre a sciencia e a religião? Não: não o podem dizer, ao menos neste ponto do pretendido homem prehistorico, porque é precisamente á sciencia que recorremos para descortinar a falsidade das affirmações de pretendidos sabios, e com logica inexoravel demonstrámos que entre a *sciencia e a religião reina, como sempre, a mais perfeita harmonia* (2).

(1) Em todo o Alto e Baixo Amazonas são muito communs as casas construidas sobre esteios ou palafittas, quer em consequencia do terreno alagadiço, quer para esquivar-se á invasão da maré ou ao transbordamento dos rios. Cremos que semelhante modo de construir casas não é raro em outras partes do Brasil, porém não temos disto plena certeza.

(2) Falamos na hypothese de haver realmente conflicto entre a revela-

APPENDICE III

Bibliotheca de Alexandria

606) A historia da bibliotheca de Alexandria — fórma em nossos dias um desses assumptos que, embora de pouca monta, a ninguem, sob pena de incorrer na tacha de ignorante, é licito passar por alto. Fundada por Ptoloméu Sotero, filho de Lagus (vide par. 104), recebeu essa bibliotheca prodigioso augmento sob os outros Lagidas. Estava nos templos do quarteirão do Bruchium, na parte oriental da cidade, e pereceu, victima das chammas, quando Julio Cesar (48 a. Ch.), reprimindo uma revolta popular, lançou fogo a sua frota da qual seus inimigos buscavam apoderar-se. Seneca e Orosio affirmam que nesta occasião pereceram 400.000 volumes, numero elevado por Aulo-Gellio e por Ammiano Marcellino a 700.000. Afim de conciliar essas cifras, tão differentes entre si, fazem os autores diversas supposições. Não cançaremos o leitor com uma discussão que a nós parece de pouco momento. Observaremos apenas que estes chamados volumes eram rolos e continham muito menor materia do que nossos volumes impressos. As *Metamorphoses* de Ovidio, v. g., formavam, segundo dizem, quinze volumes, i. é., tantos quantos são os livros daquella obra.

607) Nova bibliotheca. — Com os livros subtrahidos ao incendio e com outros que talvez fossem procurados de varias partes, bem como com os 200.000 volumes da bibliotheca de Pergamo, que Antonio levou para o valle do Nilo, formaram outra, que por ser menor foi denominada — *a Filha* — em opposição á precedente honrada com o titulo de — *Mãe*. A filha foi collocada nos edificios contiguos ao templo de Serapis, e por isto se diz que existia no Serapeu. O templo de Serapis dominava no alto de um outeiro artificial no meio de um vasto pateo circumdado de grandes e numerosos edificios. E' nestes edificios que se achava a bibliotheca, separada, por conseguinte, totalmente do templo do deus. Em 389, 390 ou 391, segundo

ção e a supposta existencia do homem prehistorico; porque tal é o nosso parecer, como o é tambem dos que inventáram e defendem a existencia desse homem. Não queremos, todavia, dissimular que, no sentir de alguns theologos catholicos, aquella sentença não se oppõe á revelação, excepto si pretender apresentar esses homens prehistoricos quaes *progenitores de Adão*.

as diversas opiniões, os christãos de Alexandria por ordem do imperador Theodosio destruiram a estatua de Serapis, e alguns autores modernos, v. g., *Ampère* (Jean-Jacques, 1800—64), filho do celebre physico (1775 — 1836), e *Chateaubriand* pretendem sustentar que nesta occasião déram cabo outrosim da bibliotheca. Dahi passam esses senhores, e muitos outros que lhes tomam o exemplo, a declamar contra o fanatismo dos primeiros imperadores christãos e da propria Egreja a respeito da sciencia e da litteratura. Observemos antes de tudo que, dada de barato a destruição da bibliotheca, por nenhum modo se segue o que della se pretende inferir, porque esse facto, segundo elles mesmos concedem, teria sido o resultado casual de um motim popular, como foi, v. g., o incendio no tempo de Julio Cesar, outro no tempo de Zenon, um terceiro na epoca de Justiniano e tantos outros de que fala a historia.

608) **Pereceu a bibliotheca**— *no motim que occorreu em Alexandria no tempo de Theodosio?*

Affirmam Ampére e Chateaubriand, mas como o provam? Ampére contenta-se com dizer: «*Il est difficile* qu' elle (la seconde bibliotheque) ait survécu á l'assault que les chrétiens donnérent, sous Théodose, au Sérapéum. Les livres entassés dans cet édifice *durent être*, au moins en grande partie, détruits par le zéle, armé ce jour-lá contre tous les souvenirs du paganisme». Não precisa grande illustração para entender que isto não se chama provar ou demonstrar, chama-se suppor: — *il est difficile; durent être.* Deste modo não ha calumnia ou absurdo que não se possa dar por demonstrado *et acquis á l'histoire*. Chateaubriand cita Rufino, porém mutilando-o para fazer-lhe dizer o que elle nunca sonhou. Vamos, portanto, referir o facto conforme o conta Rufino, e tudo ficará claro como a luz do meio-dia. Emquanto os christãos reparavam um antigo templo de Baccho, cedido pelo imperador Theodosio a Theophilo, bispo de Alexandria, encontraram, nos subterraneos, restos torpes de idolos e os expuzeram ao publico como infamia do paganismo. Irritados por esta mostra, os pagãos, pegando em armas, fizeram uma grande matança de christãos. Hellade, sacerdote de Jupiter, gabava-se de ter elle só assassinado nove christãos. Receiosos, todavia, de serem por sua vez aggredidos, retiraram-se para o Serapéu, onde se fortificaram. «Aquelles, a quem fôra confiada a guarda das leis e o cuidado de administrar a justiça, voam ao templo, commovidos e assustados, perguntando pela causa

de tanta audacia e daquelle motim que tão cruelmente vertera ao pé dos altares o sangue dos cidadãos. Porém os pagãos que tinham fortificado as portas, não fizeram ouvir sinão vozes confusas e dissonantes e responderam unicamente por meio de gritas sem expor motivo algum do seu proceder. Mandaram-lhes, comtudo, alguns parlamentarios para lembrar aos desordeiros o poder do imperio romano, a vingança das leis e o que commummente se segue ás revoltas. Mas, como a qualidade do logar não permittisse, sem um numero maior de tropas, um assalto contra os rebeldes, deu-se de tudo isto aviso ao imperador (1)» A resposta foi que se perdoasse aos culpados e se destruisse o santuario. Desde que se proclamou a vontade imperial, dispersaram-se os sediciosos, e os christãos derrubaram a estatua de Serapis com o seu *santuario*. Dissemos o *santuario*, e o dissemos mui de proposito, porque o templo não foi arrasado, visto como em 452 estava ainda em pé, conforme se deprehende do facto seguinte: Tendo nesta data rompido em Alexandria uma sedição popular, as tropas imperiaes que marcharam contra os rebeldes, foram derrotadas e constrangidas a buscar asylo no templo de Serapis onde o povo as queimou «Foram, diz Evagrio, liv. I., cap. 5, obrigados (os militares) a retirar-se para o templo dedicado a Serapis. A populaça cercou-os, apoderou-se do edificio e queimou vivos os soldados». Além disto, o philosopho pagão Eunapio, autor do tempo e acerrimo inimigo dos christãos, refere o facto da destruição do santuario e da estatua de Serapis, declamando amarga e grosseiramente e lançando contra o Christianismo quanta blasphemia lhe veiu á penna; a respeito, porém, do supposto assalto, do sonhado incendio e do pretendido saque da bibliotheca, não profere nem sequer uma unica syllaba. Tanto este trecho como o de Rufino acham-se nos Annaes Ecclesiasticos do Baronio, t. VI, anno 389, pag. LXXV, onde póde o leitor verificar a verdade do que affirmamos. Além de Rufino e de Eunapio, contaram o facto que nos occupa, Libanio, Zozimo, Socrates, Sozomenes, Theodoreto e Nicephoro. Eunapio, Libanio e Zozimo são pagãos muito inimigos da nossa religião, os outros são christãos; porém nenhum delles diz cousa alguma da bibliotheca. O argumento tirado dos christãos é puramente negativo, mas não deixa de ter a sua força, porque se trata de autores con-

(1) Rufino, liv. II, cap. 22

temporaneos e muito estimados; o que se toma dos pagãos equivale a um argumento positivo, porque, sendo inimigos, não se deixariam escapar esta opportunidade de accusar os Christãos e a sua religião. Cabe-nos, portanto, o direito de concluir que o facto deste incendio e destruição da bibliotheca pelos Christãos nesta epoca *não so não está provado, mas é certo historicamente que elle não se deu.* Comtudo nossos adversarios invocam a autoridade de Paulo Orosio, presbytero e historiador hespanhol do V sec., mas basta ler o texto para comprehender que elle fala do incendio que se ateou no tempo de Julio Cesar. Pois diz *classis regia*, a frota regia, e logo passa a indicar a formação da nova bibliotheca. E' verdade que emprega a phrase *nostris hominibus*, por nossos homens; porém, quem não sabe que Orosio com esta e semelhantes expressões nunca designa os Christãos, sim os Romanos em geral? E' assim que diz tambem *nossa Roma, nosso Cesar*, etc. (1)

609) Os Arabes.—*em 641 provavelmente condemnaram ás chammas a bibliotheca de Alexandria.*—Os autores que recusam admittir este facto, apresentam contra elle as quatro objecções seguintes:—1) Esta bibliotheca pereceu no tempo de Theodosio;—2) ella com certeza não resurgiu mais, visto como os imperadores seguintes proscreveram o estudo das sciencias e das lettras;—3) os Arabes não queimavam os livros, porque pouco os conheciam;—4) os historiadores que narram este facto, não merecem fé, porque são muito posteriores (2).

610) Resposta.—Já demonstrámos que a primeira asserção é falsa. A terceira, prova precisamente o opposto. Como *Nihil volitum nisi præcognitum*, segundo o adagio, está claro que quem não conhece os livros e o seu valor, tambem não faz conta delles e os despreza, rasga, destróe, etc. Quem, pelo contrario, se dedica aos estudos, procura-os mesmo a alto preço conservando-os com todo o cuidado. Não é mistér ser um sabio para entender tudo isto. Passemos, portanto, a demonstrar que a segunda razão é uma pura calumnia lançada contra os monarchas e os Christãos de uma epoca em que tanto floresceu a litteratura christan. Longe de vedarem os estudos, os primeiros imperadores christãos promoveram-nos com notavel actividade. De feito,

(1) Orosio, Liv. VI, cap. 17; liv. VII, cap. 33.
(2) *Gibbon*—The decline and fall of the Roman empire, L. I. *Lalanne*—Encyclopedie moderne, art. *Bibliotheque d'Alexandrie.*

Theodosio II foi o primeiro que deu uma fórma regular á Academia de Constantinopla, onde fundou vinte cadeiras de grammatica para a lingua grega e a latina; oito cadeiras de rhetorica; uma de philosophia e duas de jurisprudencia. Os professores nomeavam-se sem fazer questão de crença, e com vinte annos de exercicio adquiriam direito a serem aposentados, bem como ao titulo de conde de primeira ordem. Organizou outrosim Theodosio II uma grande bibliotheca, da qual em 476, nas perturbações do reinado de Zenon, pereceram 120.000 volumes (1) *O. sr. Guizot*, que traduziu o decreto pelo qual o imperador Graciano manda que o thesouro pague os vencimentos dos oradores, rhetoricos e grammaticos na lingua romana e na attica, diz: «Valentinien, Honorius, Theodose II, rendirent plusieurs décrets semblabes. Depuis que l'empire était partagé entre plusieurs maîtres, chacun d'eux s'inquiétait un peu plus de la prospérité de ses E'tats et des établissements publics, qui s'y rencontraient.» (2) Podemos, portanto, affirmar que os primeiros imperadores christãos não só não prohibiram os estudos, mas os tomaram sob sua generosa protecção. Sabemos que Justiniano por boas razões fechou as aulas de Athenas; é certo, todavia, que elle promoveu o estudo das lettras e das sciencias na capital e em outros logares. —Respondendo á quarta objecção diremos o seguinte. Contam esse facto dois historiadores arabes, Abd-Allatif e Abulfaradge. O primeiro, medico e historiador, natural de Bagdad (1161—1231), protegido pelo sultão Saladino, deixou-nos uma relação do Egypto, muito estimada em virtude da sua exactidão. O segundo, christão da seita dos Jacobitas, natural da Asia Menor e bispo de Alep, nasceu em 1226 vivendo até 1286. Elles referem como tendo o grammatico João supplicado Amru para que poupasse a bibliotheca, o general arabe respondeu que nada podia resolver sem que primeiro ouvisse o emir. Este replicou que, si o conteudo dos livros fosse conforme ao *Korão*, elles eram inuteis; si contrario, eram perniciosos, e concluiu que em todo o caso convinha destruil-os. Amru, então, os distribuiu aos estabelecimentos balneares de Alexandria, que os queimaram. Não negamos ser para extranhar que nenhum dos autores precedentes aos dois citados contasse este facto. Temos, por-

(1) Vide *M. Lebeau*—Histoire du Bas—Empire, Liv. XXIX, cap. 59; XXXI, cap. 9; XXXVI, cap. 3. *Item*, *Socrates* —Hist. Eccl., cap. XVI.

(2) *Guizot*—Histoire de la civilisation en France, Cap. I, leç. IV, pag 104 e 105.

tanto, de um lado o argumento negativo tirado do silencio dos autores; do outro, a affirmação positiva de dois historiadores assaz estimados. Qual será, pois, a conclusão suggerida pela critica? Em nosso ver, ella é que *o facto não se póde dar como certo; mas, sem duvida, elle é provavel.*

APPENDICE IV

A Papiza Joanna

611) **Introducção.**—Comquanto em nossos dias a controversia da papiza Joanna seja tão antiquada, já que quasi ninguem se occupa com ella, e tão definitivamente julgada pela historia, que os Protestantes mostram pejo de tel-a outrora defendido; não será, todavia, alheio ao nosso intento dedicar-lhe algumas paginas, visto depararmos ás vezes com pessoas que, abusando da pouca erudição dos jovens, apresentam esta lenda como historia verdadeira.—A principio ella consistia em affirmar tão sómente que ao papa S. Leão IV succedera, no anno de 855, outro chamado João que governou a Egreja dois annos, cinco mezes e quatro dias, e que correra o boato de ser esse papa uma mulher. «*Leo papa obiit Kalendis Augusti anni 855; huic successit Joanna mulier annis duobus, mensibus quinque, diebus quatuor*».—Comtudo esta anecdota, como acontece sempre a historietas inventadas, não se demorou em assumir uma variedade pasmosa. Alguns disseram que essa tal se chamava *Joanna*, outros a denominaram *Ignez, Dorothéa, Isabel, Margarida, Gisleberta*, etc. Segundo alguns ella nasceu em Moguncia da Inglaterra que nunca existiu, segundo outros, em Moguncia da Germania. Alguns referem que fugiu com um homem para Athenas, onde cursou todas as aulas com tanto proveito, que superou os mais afamados professores; outros contam que se formou e recebeu o gráu de doutor na universidade de Pariz. Concordam, todavia, em affirmar que, ensinando, com grande fama de saber e de bom procedimento, philosophia em Roma, e, recebendo ordens sacras, chegou a ser elevada ao throno pontificio; que, tendo cahido em uma falta, deu á luz perto do Coliseo, quando ia, em uma procissão que se fazia pela festa do SS.^{mo} Sacramento, celebrar missa na egreja de S. João de Latrão; e que alli mesmo succumbiu á vergonha e foi enterrada no mesmo logar, onde os Romanos, *ad perpetuam rei memoriam*, er-

gueram uma estatua de marmore branco; que os Papas pelo horror nunca mais passam por aquella estrada, e finalmente que desde aquella epoca na installação do novo Papa se tomam certas precauções especiaes etc., etc. Alguns accrescentam que, quando a papiza rodeada de cardeaes e de toda a sua côrte, estava a ponto de sahir do Vaticano, ouviu-se no ar uma voz mysteriosa que dizia: «*Papa, pater patrum, papissæ pandito partum*». (1) Esta, em resumo, é a lenda sobre a qual applicaremos as regras da critica interna e externa.

612) **Critica externa**.—Comecemos pela critica externa; mas, antes de tudo, observemos ser este um facto gravissimo, publico, estrondoso e tal, que, no ver de nossos adversarios, foi perpetuado pela erecção de uma estatua, e motivou graves modificações no cerimonial da installação do Papa; facto, por conseguinte, que não poderia deixar de restrugir no mundo inteiro e chegar aos ouvidos de todos os sabios e os ignorantes, não só da época em que occorreu, mas tambem dos seculos posteriores até a nós sem interrupção. Comtudo, quando é que este grande acontecimento appareceu pela primeira vez no mundo litterario? Foi apenas no sec. XIV, e ninguem o discutiu com alguma seriedade até o sec. XVI, quando os Protestantes sonharam que delle se poderia tirar um argumento irrefragavel contra a perpetua successão dos chefes da Egreja. Mas apresentaram acaso largo numero de autores para demonstrar-lhe a realidade? Nem por isso. Apesar das longas dissertações dos Centuriadores de Magdeburgo, apesar da tanto apregoada erudição de Theodoro Beza e de outros protestantes, apesar dos grandes esforços que fizeram para tornar popular esta papiza cantando-a em todos os metros, mal puderam citar tres autores, que viveram muito depois da época assignada ao facto em discussão. Elles são *Mariano Scoto, sec. XI*; *Sigiberto de Glembours, sec. XII*; e *Martinho de Polonia, seculo XIII*. E' muito, pois, para extranhar que um facto desta ordem, cuja fama devia sem demora retumbar no mundo inteiro, tenha sido relatado apenas por tres autores extrangeiros, que viveram diversos seculos depois da epoca em que o collocam. Si este facto fosse real, devia antes de tudo ser contado pelos historiadores contemporaneos e *suppares*, quer amigos, quer inimigos, latinos e gregos. Quem

(1) Vide os Centuriadores de Magdeburgo, cent. IX, cap. XX, col.500 e os autores que citaremos no fim.

primeiro de todos deveria tel-o referido, é o famoso *Anastacio o Bibliothecario*, que se achou presente á eleição de varios Papas predecessores de Leão IV e de Bento III; vivia em Roma e na epoca de que falamos, trabalhava em publicar as vidas dos Summos Pontifices desde S. Pedro até Nicolau I. Nem poderia Anastacio omittir este acontecimento, porque neste caso, além da estatua, protestariam contra elle todos os inimigos da Egreja Romana, que tambem naquelle tempo não eram poucos. Dois desses inimigos sobresaem tanto a todos os outros por sua illustração e odio contra os Successores de S. Pedro, que não podemos resistir á tentação de nomeal-os particularmente. O primeiro é *Phocio*, que usurpou a sé de Constantinopla, da qual expelliu S. Ignacio, e morreu em 891 depois de inaugurar o scisma grego e de escrever quanto soube e poude contra a Egreja Latina. Que Phocio era muito illustrado e summamente inimigo da Egreja Romana é cousa bem conhecida entre todos os eruditos; que não podia ignorar um facto contemporaneo tão estrondoso, e, conhecendo-o, não o dissimularia, basta o senso commum para o entender. Outro historiador, quasi do mesmo quilate de Phocio, é *Luitprando*, bispo de Cremona, muito amigo e adulador de Othão I, bem como contrario aos Papas conforme se deprehende da historia que nos deixou. No entretanto nem Phocio, nem Luitprando profere palavra alguma relativa á nossa papiza. O mesmo deve dizer-se dos historiadores gregos e latinos dos sec. IX, X e XI. Além disto, os Allemães nos seculos X—XIII fizeram tres ou quatro scismas; crearam diversos antipapas, e lançaram contra a Egreja Romana tantas calumnias, quantas seu fecundo engenho foi capaz de inventar. Nem pararam na Germania, mas corromperam de modo a Italia, que não se póde referir o que nessas conjuncturas praticaram contra a S. Sé na Lombardia e em outros logares. Como é, pois, que não se lembraram da papiza? Como explicar este silencio profundo? Como, sinão dizendo que essa supposta papiza é um mytho, uma invenção? Este argumento não deixa logar a duvida alguma, porém o seguinte serve admiravelmente para o reforçar ainda mais. Durante o pontificado de Nicolau I (desde 25 de Abril de 858 até 13 de Nov. de 863) começou a discutir-se a invasão de Phocio (857) na sé de Constantinopla. S. Nicolau I que deveria ter sido um dos eleitores da papiza, escreveu a este respeito numerosas cartas a Phocio, a diversos bispos orientaes e ao proprio imperador Miguel III, queixando-se amargamente de que tinham investido um leigo com a digni-

dade episcopal. Tentando os Gregos justificar o seu proceder, responderam que tambem na Egreja Latina não faltavam exemplos desta ordem; mas da papiza não pronunciaram palavra. Agora perguntamos: Si o facto da papiza fosse real, poderia elle ser desconhecido aos Gregos? e poderiam elles calar-se a esse respeito? Qual não seria a força da justificação, si replicassem que os Latinos elevavam á dignidade episcopal, *et quidem suprema*, não só leigos, mas até mulheres? Seja-nos aqui licito observar que, si esta papiza tivesse em algum tempo existido, o successor de S. Pedro não havia de ser tão imprudente para expor-se a essas terriveis retorções. Comtudo não só censuraram os Gregos por terem sagrado bispo a um leigo, mas até os reprehenderam com zelo por elevarem ao throno episcopal eunuchos, dando, talvez, deste modo azo ao boato que corria no Occidente, i. é., de ter uma mulher, durante algum tempo, occupado o throno patriarchal de Constantinopla. Como não deveria elle temer de ouvir um terrivel: *Medice, cura te ipsum!* No entretanto quem escreveu sobre este assumpto uma gravissima carta, foi o santo e mui prudente Leão IX; e os Gregos, embora respondessem com orgulho, segundo o seu costume, nada disseram relativamente a um facto que, si fosse real, por certo não podiam ignorar. Cumpre aqui lembrar ao leitor que os Gregos, nesta epoca, se rebellaram contra a Egreja Romana; escreveram contra a mesma livros cheios das mais grosseiras calumnias e mostraram tanto odio ao Papa, que mais tarde, estando em vesperas de cahirem nas mãos dos Turcos, ao serem informados da reunião effectuada em Ferrara, bradaram: *Antes a Meia Lua do que a Tiara!* Consta, pois, que nem os amigos, nem os inimigos que não podiam ignorar, nem dissimular este grande facto, falaram delle. Assiste nos, portanto, o direito de concluir que elle nunca se deu.

613) **Os tres autores.** — Mas que pensar dos tres autores para os quaes appellam os Protestantes? Será verdade que elles o indicam ao menos de passagem? Não é verdade. Elles são manifestamente interpolados. Para esquivarnos a uma discussão longa e enfadonha sobre este ponto, contentar-nos-emos de citar tão sómente a autoridade de Wouters, Alzog, Bergier, Feller, Moroni, Bellarmino, Pagi e os protestantes, Blondel e Bayle, os quaes demonstram com notavel erudição que aquelles tres autores foram interpolados.

614) **Argumento positivo.**—Discutimos até aqui o argumento negativo, tirado do silencio dos autores que deveriam ter referido o acontecimento, si elle fosse real. Passemos agora a demonstrar como esses mesmos autores se exprimem de tal modo, que excluem *positivamente* o facto em questão. Lembremos, porém, antes de tudo que nossos adversarios collocam esta papiza entre *S. Leão IV* e *Bento III.* Posto isto, affirmamos que *os autores contemporaneos contam ter Bento III succedido immediatamente a S. Leão IV. Logo excluem de um modo positivo a existencia do evento que nos occupa.—1)* O illustre *Hincmar*, arcebispo de Reims, o melhor canonista do sec. IX, em uma carta a S. Nicoláu I, refere ter mandado a Leão IV um mensageiro, o qual, durante a viagem, foi informado da morte do Papa, e, chegando a Roma, achou na Sé Pontificia Bento III, de quem conseguiu o que fôra pedir. Logo Bento III succedeu *immediatamente* a S. Leão IV. Fornece a mesma conclusão um diploma do mosteiro de Corbia (1).—2) *Anastacio o Bibliothecario*, diz: Ubi Gregorius præsul migravit ad Dominum, Sergius gubernacula suscepit Ecclesiæ; eoque defuncto, Leo sedem papa suscepit. Leo quidem ubi ex hac luce subtractus præsul occubuit, Benedictus frustra reluctans divinitus eligitur.—3) *O celebre Adon*, arcebispo de Vienna nas Gallias e contemporaneo de Anastacio, registra na sua chronica a mesma successão pontificia do modo seguinte: Pontifex Romanus Gregorius moritur, atque ejus loco Sergius ordinatur: *illi defuncto succedit Leo, quo obeunte Benedictus in sede apostolica substituitur et post hunc Nicolaus papa, vir religione præcipuus.*—4) Lê-se nos annaes do mosteiro de S Bertim: *No mez de Ag. de 855 chegou ás Gallias a noticia da morte de Leão IV e da eleição de Bento, seu successor.*—5) Isto mesmo repetem Abbon, Flodoardo, Reginaldo, Lupus de Ferriéres, Lamberto, Hermanns Contractus; Bonicio, bispo de Sutri; e muitos outros que omittimos por brevidade. Não podemos, todavia, deixar de referir o testemunho de Phocio, que vale por muitos: «*A nossa geração*, são palavras do scismatico grego, *conheceu o nobre pontifice Leão IV: Elle teve por successor aquelle anjo de mansidão e de caridade que se chamou Bento. A este infelizmente succedeu o arrogante e faustoso Nicolau*». (2) Estas palavras na bocca de

(1) *Mabillon*—De re diplomatica pag. 436.—Mansi, tomo XV, pag. 113
(2) Libro de Spiritu-Sancto. — Patrologia Græca, tomo CII, columna 376—377.

Phocio, que acabava de ser excommungado pelo papa S Nicoláu, não são para extranhar, mas vale a pena observar como, no sentir desse grande inimigo da Egreja Romana, o successor de Leão IV foi Bento III. não a famosa papiza, Accresce ter sido a eleição de Bento III acompanhada por algumas circumstancias que a tornaram muito illustre e conhecida. Pois, de um lado, consta por uma medalha cunhada no principio deste pontificado que, quando Bento III foi eleito, ainda vivia o imperador Lothario, e foi nesse tempo que se retirou para o mosteiro de Prum, onde falleceu; do outro lado, sabemos com toda a certeza pela historia que Lothario morreu no dia 27 de Set. de 855. Logo nessa data Bento III já occupava a Sé Pontificia, e, por conseguinte, *succedera immediatamente a S. Leão IV* que cessára de viver a 17 de Julho do mesmo anno. Outro evento assaz notavel occorrido nessas conjuncturas é o scisma do cardeal Anastacio, já precedentemente excommungado por S. Leão IV. Protegido por Luiz II, rei da Italia e já associado ao throno por Lothario, seu pae, invadiu esse cardeal a Egreja de S. Pedro fazendo-se coroar anti-papa e perseguindo cruelmente os adherentes do Papa legitimo Bento III. Causaram os scismaticos muitas desordens e saquearam diversas egrejas, cedendo por ultimo á fidelidade inabalavel do povo romano. Os autores contemporaneos referem em pormenores esses factos, e todos sem excepção concordam em affirmar que occorreram em seguida á morte de S. Leão IV e á eleição de Bento III nos mezes de Ag. e de Set. de 855. Logo por testemunho explicito delles, *Bento III succedeu immediatamente a S. Leão IV*, e por isto não é possivel achar entre os dois Papas o espaço de *dois annos e meio* para a papiza Joanna. Afim de realçar ainda mais a ignorancia e a infelicidade do inventor da fabula, apontaremos alguns factos que banharam de luz esta epoca e o pontificado dos Papas entre os quaes quiz collocar esta sua papiza. — *S. Leão IV* conseguiu em Ostia uma grande victoria sobre um numero incalculavel de sarracenos; construiu a *Cidade Leonina* erguendo os muros ao redor do Borgo ou Transtiberim; recebeu em Roma Ethelwulfo, segundo rei de toda a Inglaterra, e sagrou Alfredo que, succedendo a seu pae, mereceu o titulo de grande. Uma segunda romagem do rei Ethelwulfo, o qual quiz que o Papa renovasse a sagração de Alfredo, seu filho; uma solemne embaixada de Miguel III, imperador do Oriente; e o scisma do cardeal Anastacio, de

que falámos, ha pouco, tornaram illustre o pontificado de Bento III.—S. Nicoláu I é bem conhecido pela questão de Phocio que elle inaugurou, pelo divorcio do rei Lothario e por numerosas obras de utilidade geral. Temos, portanto, que desse grande facto não trataram nem os contemporaneos, nem os autores seguintes, quer gregos, quer latinos, amigos ou inimigos, e nem mesmo aquelles a quem appellavam os Protestantes; pelo contrario, esses mesmos autores falam de tal modo, que o facto em controversia nem occorreu nem podia realizar-se na epoca em que o collocaram nossos adversarios. *Consta, pois, pela critica externa que esse facto é apocrypho, imaginario e indigno de ser admittido por qualquer pessoa illustrada.*

615) **Critica interna.**—Si da critica externa passarmos a consultar a interna, veremos que este evento, ao menos como é referido por seus advogados, não só não se deu, mas nem podia dar-se, porque está recheiado de absurdos e de contradições.—Comecemos ponderando que aquella variedade prodigiosa, assumida por este conto sob a penna de seus defensores, logo revela invenção e impostura. Elles mesmos empregam sempre phrases dubitativas—*dizem, contam, correu o boato;*—nunca as affirmativas que mostram a convicção do escriptor. Observaremos, de mais a mais, as cousas seguintes:—1) Ter uma mulher supposta bastante devassa, sabido disfarçar-se tão astutamente, que nem uma duvida existisse a seu respeito, não é possivel, não é crivel. De que modo se occultaria na sua gravidez? E seria simples a ponto de ir officiar em uma procissão quando não podia ignorar que não estava longe o tempo de dar á luz?—2) E' costume antiquissimo da Egreja Romana de nunca se conferirem ordens sacras a qualquer pessoa, si primeiro não consta da sua origem, patria, estudos, procedimento, etc., e esta cautela se observa com muito maior cuidado quando se trata de investir alguem na dignidade episcopal. Como, pois, seria elevado ao throno pontificio um leigo de origem e antecedentes desconhecidos?—3) E' absurdo que fosse estudar em Athenas no seculo IX, quando a Grecia toda, pela invasão de tantos barbaros e singularmente dos Bulgaros, estava convertida em um deserto, e Athenas em um montão de ruinas. Omittimos citações neste ponto por ser cousa muito conhecida de qualquer que não seja totalmente extranho no campo da historia. Nem se objecte que o Cesar Bardas fez esforços para restaurar os estudos, porque taes esforços sobre terem sido estereis, foram posteriores á época da supposta papiza,

como se póde ver na vida do imperador Miguel III, obra de Cedreno e de Zonara, os quaes affirmam que até os vestigios dos estudos e de seus cultores tinham naquelle tempo desapparecido na Grecia.—4) Nem é menos absurdo pretender que ella tivesse recebido o gráu de doutor na universidade de Pariz que ainda não existia, pois todos sabem que aquella universidade começou a apparecer no mundo apenas durante o sec. XII, e só recebeu esse nome e principiou a conferir os gráus pelos principios do sec XIII.—5) O facto de ir em procissão, de S. Pedro para S. João na festa do SS.mo Sacramento, é anachronico, porque essa festa foi instituida em 1263 pelo papa Urbano IV, e porque no seculo IX os Papas não moravam no Vaticano, conforme referem diversos autores e como é muito natural, visto que o Vaticano, não obstante os trabalhos de S. Leão IV, estava ainda exposto aos ataques dos Sarracenos que mais de uma vez haviam saqueado a Egreja de S. Pedro.

616) **Conclusão.**—Resumindo, pois, tudo em poucas palavras affirmamos que esta lenda considerada em si mesma, está cheia de absurdidades e de contradições mostrando a incapacidade, máu gosto e ignorancia profunda de quem a idéou; e vista á luz da critica externa, não a contou nenhum dos numerosos autores que não a podiam ignorar e tinham grande interesse em divulgal-a; pelo contrario, elles mesmos falam de modo que positivamente a excluem. Não é, portanto, para admirar que os mais illustres entre os Protestantes, apesar do seu odio contra o Catholicismo, tratem como pura invenção a existencia da papiza, e se envergonhem de que fosse outrora defendida por seus correligionarios. Para não multiplicarmos citações, desnecessarias em um assumpto tão conhecido, referiremos o testemunho de Leibnitz, o mais sabio escriptor de que se podem gloriar os Protestantes. Eis como elle escreveu a um seu amigo sobre esta controversia: «Acabo de dar a ultima mão a um trabalho que fiz quando estudava a historia do sec. IX, quando muito me occupava de discussões chronologicas. Seu titulo é: *Flores sparsi in tumulum Joannæ Papissæ.* Com esta obra acabo de destruir a fabula da tal papiza, não só confirmando os argumentos já conhecidos, mas até apresentando alguns novos. Respondo tambem aos argumentos de Frederico Spanheim, que, ha alguns annos, emprehendeu rehabilitar esta fabula». Teve, pois, razão Muratori de escrever que *para acreditar nesta lenda é necessario possuir uma ignorancia radical da historia.*

617) **Objecções.—Cantú, a estatua**—Haverá, como já houve, quem pretenda escudar-se com a autoridade de Cesar Cantú? Com effeito! Si Cantú defendesse semelhante absurdidade, mostraria conhecer bem pouco a historia; mas o facto é que Cantú no t. VI, pag 95, col. I, da sua historia universal, depois de referir brevemente o que tinham dito os Protestantes, accrescenta: «Este conto vulgar, assumpto a gracejos e escandalos, não soffre o exame da critica». Além disto aponta em nota varias das razões que mostram ser este conto uma pura invenção.— Appellam tambem para a **estatua**, mas debalde. Para que ella prove alguma cousa deveria representar um papa ou uma mulher, e cumpriria outrosim demonstrar que foi erguida afim de perpetuar a memoria deste supposto acontecimento. Isto, porém, é impossivel, e no sentir de sabios archeologos, como entre outros o affirmam Baronio e Bellarmino, ella não representava nem uma mulher nem um papa, mas um sacerdote pagão em acto de offerecer sacrificio.

618) **Precauções: Cadeira**—Relativamente *ás precauções* que diziam introduzidas no cerimonial da installação do Summo Pontifice, responderemos com uma simples negativa, pedindo no mesmo tempo a nossos adversarios tenham a bondade de citar um só autor, sério, ou uma unica pessoa, digna de fé, que testifique ter visto tomar semelhantes precauções ou ter lido algum livro authentico em que ellas sejam ordenadas, descriptas, determinadas, etc. Recorrem os Protestantes á celebre *cadeira estercoraria*; nada, porém, concluem, porque fica ainda por demonstrar que essa cadeira se empregava em tomar essas precauções. Isto nunca ninguem o provou, e nunca o provará. E quando mesmo se julgassem necessarias essas observações, seria inutil e ainda mais que ridiculo empregar essa cadeira, *et quidem* em publico, como si isto não se pudesse fazer de um modo decente e privado. Afim de informar o leitor a respeito dessa famosa cadeira, antes de tudo observaremos que esse nome não é *official*, mas *popular*. Posto isto, diremos brevemente que o costume de tomar o novo Papa posse assentando-se em uma cadeira nobre ou throno em que recebe as insignias pontificias, data desde os primeiros seculos. Acharam-se, tempos depois, nas thermas de Caracalla, tres cadeiras de marmore vermelho, antigo e precioso, que foram collocadas no portico da basilica lateranense. Eram furadas, e dizem os archeologos que nellas se assentavam os Romanos ao sahirem do banho,

servindo o buraco para o escoamento das aguas. Introduziu-se, a pouco e pouco, o uso de empregal-as para a posse do Papa. Como os musicos nesta occasião cantassem o verso que se lê no primeiro livro dos Reis, II, 8, i. é.: *Suscitat de pulvere egenum, et de stercore elevat pauperem: ut sedeat cum principibus, et solium gloriae teneat*, a palavra *de stercore* fez com que o povo désse a uma ou a todas aquellas cadeiras o nome de *sella stercoraria*. E' de lembrar que o povo romano toma sempre grande interesse na eleição do novo Papa e que é dotado de um genio especial para dar a cada cousa um nome popular ainda que, ás vezes, grosseiro. Guardaram-se essas cadeiras na egreja lateranense até o pontificado de Pio VI, o qual mandou collocar duas no museu vaticano, donde as tirou no dia 24 de Junho de 1796 para entregal-as aos francezes que no anno seguinte as levaram para Pariz. Em 1815, uma foi restituida ao museu vaticano, ficando a outra na capital da França. Da terceira nada se sabe, porque a que está em S. João de Latrão não corresponde, dizem, á descripção que della fazem os autores.

619) **Questão theologica.**—Si encararmos o assumpto sob o ponto de vista theologico, veremos bem claramente que a derrota dos Protestantes não é menos completa; pois o que elles pretendiam provar, quando com tão grande esforço sustentavam a realidade desta fabula, era que a *successão dos Papas ficara interrompida*. Isto, porém, não se segue por modo nenhum, mas unicamente se seguiria que a Sé Apostolica esteve, naquelles dois annos e meio, vaga. Não ignoramos a replica dos Protestantes, a saber: que neste caso o novo Pontifice não receberia autoridade alguma, porque a papiza não podia transmittil-a. Não viram os Protestantes que esta objecção assenta sobre um falso supposto, i., é., que a autoridade passa ao novo Papa por meio do seu predecessor. E' falso, repetimos, este supposto, porque os theologos catholicos ensinaram sempre e ensinam, sem discrepancia, que o novo Papa recebe a autoridade immediatamente de Jesus Christo, não do predecessor nem dos eleitores. Quando, todavia, os Protestantes quizessem que se lhes concedesse este falso principio, ainda não se poderia inferir o que elles pretendem. Pois, si esta papiza, subindo ao throno pontificio, não foi verdadeiro successor de S. Pedro, como é claro e todos concedem, então o predecessor do novo chefe da Egreja não foi ella, mas o Papa antecedente, que, por conseguinte, transmittiu a autoridade.

620) **Origem**. — Talvez perguntem qual foi a origem desta fabula? Respondemos que a nós basta ter demonstrado ser ella uma invenção de máu gosto, e deixamos aos Protestantes a honra de apresentar essa explicação. Em beneficio, todavia, do leitor de boa vontade observaremos que não se póde admittir a explicação dada por alguns autores, aliás muito respeitaveis, i. é., proceder ella do facto de ser o papa João VIII dotado de feições femininas ou de ter-se elle mostrado fraco na questão de Photio. Com effeito não é bastante exacto que João VIII se mostrasse fraco, e é posterior á época em que collocaram a papiza. Além disto essa explicação deveria basear-se no testemunho dos autores contemporaneos, os quaes, como já vimos, conservam alto silencio a respeito de tudo isto. Explicação talvez mais plausivel póde dar-se dizendo que a primeira idéa nasceu na cabeça dos inimigos da Egreja pela leitura da carta em que o papa S. Leão IX se queixa com Miguel Cerulario de que os gregos investiam eunuchos na dignidade episcopal dando deste modo azo ao boato de ter-se uma mulher assentado no throno patriarchal de Constantinopla. Uma vez nascida a idéa, era mister acreditál-a, e para isso interpolaram os tres autores de que acima tratámos. Concluiremos repetindo ser este um conto vulgar, incapaz de resistir á critica, e inutil para o fim ao qual fôra destinado; conto, por conseguinte, que com toda a razão faz hoje corar seus antigos defensores.

Vide os autores seguintes: 1) *Baronio*—Annales Ecclesiastici, tomo XIV pag. 424, anno 853;—2) *Pagi*—Critica do Baronio, anno 853;—3) *Palma*—Lectiones historiæ ecclesiasticæ, vol. II; 4) *Bellarmino*—De Romano Pontifice; Controversiarum, tomo I;—5) *Bergier*—Diccionario theologico. art. Papesse;—6) *Feller*—Diccionario historico, art. Jean VIII, Bénoit III, Léon IV;—7) *Alzog*—Hist. Eccl. vol. II—8) *Leblanc*—Histoire de l'Eglise, vol. II;—9) *Rivaux*—Historia Ecclesiastica, vol. II;—10) *Wouters*—Historia Ecclesiæ, vol. II;—11) *Chantrel*—Vies des Papes, vol. I, pag. 354, col. 2.ª; Histoire de l'Eglise, p. 343;—12) *Moroni*—Diccionario d'Erudizione ecclesiastica, art. *Giovanna, Papessa falsa*;—13) *Ciaconio*—Res gestæ Romanorum Pontificum, tomo I, p. 626, anno 847;—14) *Leão Allacio* e *Aldoino*—Duas bellas dissertações sobre este assumpto—15) *Rohrbacher*—Histoire de l'Église Catholique, vol. XII, pag. 134, livro 26;—16) *Darras*—no Compendio e na obra grande—no Compendio, vol. II, pag. 486—na obra grande está no principio do pontificado de Bento III.—17) *Tripepe*—Ritrati e Biographie dei Romani Pontefice, vol I, pag. 221, onde o sabio autor, além de muitos outros, cita tambem: Schrockh, Neander, Engelhart, Cancellieri, Mabillon, Juricu, Le Quien, Colomesio Garampi, Launois, Blash. Mansi, Begin, Döllinger, Le Mire, Gfrörer, etc. etc.—18) *Jorge Scherer*—cuja dissertação sobre este assumpto é geralmente julgada *obra prima*.

APPENDICE V

Galiléu

621) **Prenoções.**— Cumpre-nos consagrar algumas paginas tambem a Galiléu, do qual se tem falado tanto por toda a parte, e quasi sempre com detrimento da verdade. Não trataremos da tortura, que, no sentir de alguns, Galileu padeceu, porque hoje em dia os proprios inimigos da religião, e Draper em particular, admittem francamente que essa tortura nunca existiu e que Galiléu foi tratado com mansidão extraordinaria. Toda essa questão versa actualmente sobre a sciencia, por causa da qual, affirmam nossos adversarios, Galileu foi perseguido. Antes de entrarmos no assumpto é mister ponderar as cousas seguintes: I— Não se deve, nem se póde confundir, como o faz Draper, a *questão da fórma com a do movimento da terra*, porque são muito differentes entre si. A *redondeza da terra* era conhecida desde muito antes, visto como no sec. XIII fôra scientificamente demonstrada por Vicente de Beauvais, e no sec. XV, confirmada por Christovam Colombo, bem como por Paulo Toscanelli, celebre mathematico e cosmographo florentino, etc.; no sec. XVI pelas viagens de Magalhães (1519). Drake e tantos outros em roda do mundo. II—*A Egreja Catholica nunca ensinou, nem podia ensinar, como artigo de fé, que a terra fosse chata ou redonda, nem que estivesse firme ou se movesse.* A razão evidente é que este assumpto não pertence á revelação. Sabemos que Draper affirma o contrario, mas isto mostra tão sómente ou sua má fé ou sua ignorancia relativamente á Egreja. Attribúe aos SS. PP. a opinião da *terra chata*, e cita *Tertulliano*, *Lactancio* e *Cosmas Indicopleustes*. Dando porém, de barato que esses autores ensinassem semelhante, sentença, convém observar antes de tudo que *Tertulliano* não é santo padre, mas escriptor ecclesiastico; *Lactancio* não é, nem santo padre, nem escriptor ecclesiastico; é apenas philosopho, ou melhor, rhetorico christão; *Indicopleustes* foi no sec. VI negociante de Alexandria, e acabou fazendo-se monge, homem tão obscuro e escriptor tão extranho, que, a não ser a benevolencia de Draper, ninguem pensaria nelle. Accresce que não consta si foi catholico ou hereje (1).—

(1) Alguns citam tambem S. Agostinho de Civitate Dei, livro XVI, cap. IX, o qual, dizem, negou a existencia dos antipodas. Lemos com

Cumpre em segundo logar não esquecer que os SS. PP., até em materia theologica, geralmente falando, só fazem autoridade decisiva quando concordam todos ou quasi todos; nas questões, porém, de ordem puramente natural podem errar tanto como qualquer outro philosopho, ainda que em algum assumpto fossem todos do mesmo sentir. Pois nessas questões elles falam só como philosophos, não como testemunhas da revelação e tradição. III—É falso que a doutrina do systema geocentrico, na intenção de seus defensores ou da Egreja, fosse destinada a realçar a dignidade do homem. São duas cousas muito diversas. A primeira é de ordem puramente natural e desappareceu quando se adoptou o systema heliocentrico; a segunda pertence á revelação, ainda permanece e ficará para sempre. Esta nobreza, porém, do homem não se deduz do *seu tamanho*, conforme pensa Draper, mas da alma intelligente e immortal, da sua elevação ao estado sobrenatural, da Redempção, etc. IV —A doutrina do movimento da terra foi antes de qualquer outro moderno ensinada pelo illustre *Nicolau de Cuza*, cardeal, que passou a melhor vida em 1454; e por *Copernico*,

---

todo o cuidado o texto e o contexto do S. Doutor, o que o precede e o que o segue. Em nosso ver, elle não nega essa existencia, mas affirma de passagem que della nada consta, visto como a deduzem por meio de conjecturas: «Neque hoc ulla historica cognitione didicisse se affirmant, sed quasi ratiocinando conjectant». Donde o S. Bispo infere que não é necessario crer nella, ou que lá existam homens—nulla ratione credendum est. Abandonemos, pois, diz elle, essa opinião e procuremos a Cidade de Deus entre os povos conhecidos. Vê-se, portanto, que affirma isto de passagem e como para justificar esta omissão. Supponhamos, todavia, que S. Agostinho negasse *ex-professo* e como these essa existencia, e a negasse como philosopho ou como theologo dando-a até como contida na Escriptura. Ora cumpre saber, conforme affirmamos no texto, que quando um S. Padre escreve como philosopho póde errar da mesma sorte que os outros, e não é testemunha da tradição. E quando o apresenta alguma doutrina como theologo, embora fale como testemunha da tradição, ainda não está livre do perigo de cahir no erro, nem representa, *por via de regra*, a sentença da Egreja e por isto não faz autoridade suprema, excepto o caso de concordarem todos ou quasi todos na mesma doutrina. Dissemos *por via de regra*, porque póde haver uma excepção, a saber: quando se trata de alguma doutrina pela qual *sciente et non reclamante Ecclesia*, esse Santo Padre pelejou de um modo especial. S. Agostinho, v. g., faz autoridade suprema na doutrina da graça por ter nella sobresahido combatendo contra os Pelagianos. No mais o proprio S. Doutor nunca pretendeu ser infallivel, e o mostrou deixando-nos suas retractações. Ora na questão que nos occupa, elle, e elle só, affirma, (dado até que o affirme de passagem uma cousa muito secundaria para a theologia, e se ha de pretender que elle representa nisto a doutrina da Egreja? Semelhante cousa poderá sahir da bocca de quem nem catecismo sabe, mas nunca será pronunciada por pessôas que conhecem a theologia.

conego de Thorn na Polonia, que ensinou em Roma e falleceu em 1543. Nenhum delles padeceu cousa alguma da Egreja em virtude desta sentença. Copernico previu, é verdade, que seria perseguido; não pela Egreja, porque neste caso não dedicaria o seu livro ao Summo Pontifice; mas pelos philosophos que naquella época eram quasi todos peripateticos e seguiam o systema geocentrico, nem cuidavam que pudesse haver outro melhor.

622) **Estado da questão.**—Asseveram nossos adversarios que, si o systema geocentrico não fosse dogma da Egreja, não haveria motivo para perseguir Galiléu, nem para emendar o livro de Copernico.—Respondemos que a Egreja não perseguiu Galiléu por motivo da sua doutrina de ordem natural, mas vedou-lhe ensinar o systema heliocentrico, porque, disputando, entrára no terreno theologico, e mais tarde instaurou-lhe um processo por ter desobedecido, e violado o seu juramento. Uma simples exposição dos factos bastará para justificar o que acabamos de affirmar. Quando em 1610 começou o philosopho florentino a falar das manchas do sol, dos satellites de Jupiter e do movimento da terra, recebeu os applausos de diversos varões eminentes da Egreja; entre outros, do seu intimo amigo, o cardeal Barberini, o futuro Urbano VIII. Levantou-se, todavia, contra elle em Florença uma grande tormenta, promovida pelos peripateticos que apresentaram essa doutrina como contraria á divina Escriptura. Os amigos do Florentino, vendo o perigo, aconselharam-lhe que não acceitasse a discussão neste terreno; mas elle, sempre impetuoso e insolfrido, entrou sem receio na disputa, pretendendo que os textos objectados se poderiam interpretar de outro modo. Assim a controversia de philosophica passou a ser theologica, da ordem puramente natural foi transferida para a ordem sobrenatural e para um terreno extranho ao defensor do novo systema; tornou-se outrosim assaz melindrosa e toda do dominio da Egreja. Era isto que os opposicionistas desejavam. Os varões mais illustres da côrte romana, como os cardeaes Del Monte, Bellarmino, Barberini (o futuro Urbano VIII) e muitos outros, aconselhavam cautela e repetiam que em um negocio desta ordem é necessario vagar, demora, socego; que o systema de Copernico não encontraria graves difficuldades na Escriptura, mas cumpria *demonstral-o com razões apodicticas*; que não se deve condemnar de leve qualquer sentença astronomica e que do outro lado *a interpretação da Escriptura pertence exclusivamente aos professores de theologia* approvados por autoridade publica.

623) **O Santo Officio.**—Neste mesmo tempo o *Santo Officio*, que vigiava com silenciosa attenção todo o movimento, ia recebendo informações a este respeito. No entretanto o Florentino fez uma viagem a Roma (Dez. de 1615), onde os amigos que não eram poucos nem vulgares, cançaram repetindo-lhe que fosse prudente, que se limitasse aos argumentos philosophicos, não entrasse no campo theologico, não pretendesse interpretar a Escriptura, etc. Tudo foi inutil, porque elle continuou a disputar com todos e por toda a parte, não só da sciencia natural, como da theologica, tratando, segundo seu costume, os adversarios de *invejosos*, *ignorantes*, *estupidos*, *impios*, etc. Este proceder não podia deixar de accender sempre mais a paixão entre os dois partidos, e de incutir algum receio na autoridade ecclesiastica. A Congregação do S. Officio prohibiu, afinal, o livro de Copernico *donec corrigatur* (5 de Mar. de 1616). A correcção devia consistir em tornar hypotheticas umas quinze ou vinte proposições absolutas. Hoje essas correcções são publicas, e todos as podem ver. A mesma Congregação do S. Officio fez a Galiléu um *preceito secreto* de abandonar semelhante doutrina, de não ensinal-a, nem a defender. O Florentino prometteu tudo com juramento. Tendo, porém, corrido o boato de que recebera penitencias, admoestações severas, etc., obteve do cardeal Bellarmino um attestado no qual se affirmava que *aquelle boato era falso*.

624) **Digressão.**—Quem pouco reflecte, ou não sabe quão melindroso é todo o assumpto que toca á religião, ou ignora que a Egreja mostra sempre um grande respeito para as opiniões das escolas catholicas, inferirá sem demora que este proceder do S. Officio é censuravel. A nós, pelo contrario, parece mui prudente, e digno dos melhores elogios; porquanto tratava-se da escola numerosissima dos peripateticos que apresentava, embora na realidade erroneamente, o systema copernicano como inconciliavel com a Escriptura; tratava-se outrosim de salvaguardar a reputação de um grande philosopho catholico qual era Galiléu. Conseguia-se tudo isto separando-se a causa de Copernico da do Florentino. Si este obedecesse sincera e effectivamente, a disputa acabaria nesse ponto e não faltaria ao Astronomo um campo immenso para o estudo e para conquistar gloria immorredoura; mas elle obstinou-se em querer esmagar seus adversarios, e deste seu procedimento tiraram origem todos os seus infortunios. Nem se póde, de tal prohibição, inferir que a Egreja proscreveu o estudo da astronomia, não só

porque o S. Officio não é a Egreja, embora seja um seu tribunal, revestido de tão grande autoridade, que a todo o catholico deve merecer summo respeito; mas principalmente pela razão de que o Santo Officio não vedou o estudo da astronomia, ordenando apenas que neste unico ponto os sabios se contentassem, por emquanto, da hypothese sem dar como certo o que ainda não estava demonstrado. Com effeito que havia de fazer em taes conjuncturas o Santo Officio? De um lado, via uma numerosissima escola de philosophos catholicos que não deixava de ter sua autoridade, e desde seculos ensinava um systema apoiado por argumentos que pareciam bons e sobretudo pela grande autoridade do Astronomo de Alexandria. Como algumas passagens da Escriptura tivessem sido até então explicadas segundo aquelle systema, é claro que não convinha abandonal-o sem graves motivos. Verdade é que essa explicação nunca fôra dogmatica, mas mesmo assim cumpria proceder com prudencia. Por outro lado, nenhum astronomo do tempo reconhecia apodicticas as razões apresentadas por Galiléu e Copernico, e que não fossem taes apparece do facto de terem sido abandonadas pelos astronomos seguintes, os quaes para demonstrar o movimento da terra excogitaram argumentos bem differentes. Um dos argumentos de Galiléu, v. g., era o admiravel phenomeno da maré. Disseram-lhe que neste caso esse phenomeno deveria occorrer sempre na mesma hora. Tendo elle replicado affirmativamente, provaram-lhe que a maré soffre cada dia uma demora de quarenta e tantos minutos. Neste estado dos espiritos, e principalmente por se tratar de materia em que entrava tambem a theologia, todos esperavam alguma decisão da autoridade ecclesiastica. Que devia, pois, fazer essa autoridade? Deixar que a disputa degenerasse em desordem? Isto seria renunciar a um poder que ambos os partidos reconheciam, e expor-se ao desprezo de todos. Sanccionar o systema de Copernico proscrevendo o de Ptolomeu? Este recurso seria bem pouco razoavel e nada prudente, visto como o systema heliocentrico não estava ainda demonstrado, nem era, na opinião geral da epoca, tão provavel, quanto o geocentrico. Não restava, portanto, outro caminho plausivel a não ser o seguido pelo Santo Officio, i. é., fazer com que os philosophos se contentassem da hypothese disputando pacificamente sobre ella.

625) **Illusão.**—Para voltarmos ao ponto:—Galiléu partiu de Roma em triumpho mostrando a todos o attestado do cardeal Bellarmino e occultando o preceito que recebera.

Seguiu-se dahi que varios de seus amigos, ignorando a existencia do dito preceito, exhortaram o Philosopho a escrever sobre o assumpto. O proprio cardeal Barberini, depois Urbano VIII, em 1620 mandou-lhe uma bella ode em que o nomea duas vezes com alto louvor; e mais tarde, apenas 42 dias antes de ser elevado ao throno pontificio, escreveu-lhe que desejava se lhe apresentasse alguma opportunidade para lhe mostrar sua sincera amizade e gratidão. Quando, pois, em 1623 foi eleito successor de S. Pedro esse mesmo cardeal, Galiléu cuidou ter chegado o momento do seu triumpho, e manifestou essa persuação escrevendo a diversos amigos que *volvia na mente alguma cousa de grande, e, que, si não levasse a effeito o seu negocio agora, nestas conjuncturas admiraveis, nunca mais o havia de realizar.* Escreviam-lhe, no mesmo tempo, seus amigos que o Papa falava delle com muita estima, anhelando por vel-o, etc. Tendo finalmente o Florentino ido a Roma, Urbano VIII o recebeu seis vezes; entreteve-se com elle em longas conversas scientificas; deu-lhe um breve muito honorifico para o Grão-Duque, e concedeu-lhe avultada pensão para seu filho. Informado pouco depois (1625) de terem seus adversarios tentado inutilmente conseguir a prohibição do *Saggiatore* (outra obra do Florentino em defesa do systema heliocentrico, dedicada (1623) ao Papa pela *Academia dei Lincei)*, confirmou-se Galiléu sempre mais na opinião de que, *durante o pontificado de Urbano VIII, elle podia tudo e era invulneravel.*

626) O dialogo.—Escreveu, portanto, ou continuou um dialogo sobre a doutrina de Copernico, e, superadas varias difficuldades, obteve a licença de publical-o (1630). Esta licença, porém, foi mais ou menos *subrepticia*, porque o autor não manifestou o preceito recebido em 1616, e, segundo parece, alguns de seus amigos tinham dado a entender aos censores que o chefe da Egreja desejava essa publicação. De facto, esses amigos imprudentes foram dentro em breve punidos com um desterro disfarçado nas provincias. Tendo o apparecimento do dialogo causado alvoroço, entre os fautores, escandalo entre os adversarios do Florentino, o Papa nomeou uma congregação ou commissão de theologos para examinar com diligencia essa obra, porque desejava, sendo possivel, que a causa não fosse levada ao tribunal do Santo Officio. O parecer dos theologos foi que no dito livro o movimento da terra se affirmava diversas vezes *não hypothetica, mas absolutamente* baseando-o sobre

argumentos não apodicticos; ser, portanto, conveniente que o autor désse uma satisfacção ao S. Officio, cujo preceito tinha violado. Que faria Urbano VIII em taes conjuncturas? Pessoalmente era amigo e admirador de Galiléu, mas, como chefe da Egreja, não podia permittir que ficasse desmoralizado o tribunal do Santo Officio, nem podia recusar o parecer da congregação que elle mesmo nomeára. Ordenou, pois, (23 de Set. de 32) se intimasse ao Florentino que comparecesse em Roma durante o proximo mez de Outubro. Galiléu prometteu obedecer de prompto, mas, abusando da paciencia do Papa, differiu até o fim de Janeiro do anno seguinte.

627) **Mansidão extraordinaria.**—Com outras pessoas em casos como este, o S. Officio recorria á força physica e punha o accusado sob boa guarda no Castello Sant'Angelo, nutrindo-o unicamente com pão e agua; mas a respeito do Florentino quiz mostrar a maior brandura permittindo-lhe até hospedar-se no palacio do ministro residente da Toscana. Nem foi só isto. Julgou-se conveniente que, durante o processo, o accusado morasse na casa do Santo Officio, onde, em logar da prisão do costume, occupou quartos particulares, e teve licença para fazer ir a comida da casa do embaixador, cujos creados, póstos á sua disposição, podia mandar aonde quizesse para seu serviço. Teve, pois, razão o embaixador de escrever a seu amo que *não havia, nos annaes da inquisição, exemplo de tanta brandura usada com qualquer pessoa mesmo da mais alta jerarchia*. Que diremos, á vista de tal testemunho, das furibundas declamações que por mais de dois seculos teem sido repetidas em toda a parte e em todos os metros, contra a pretendida crueldade praticada com o grande Philosopho? Diremos que neste, como em tantos outros casos, sentimos dó dos inimigos da Egreja, porque são cegos, até quando blasonam de sabios! Non enim sciunt quid faciunt. Luc. XXIII, 34.

628) **Processo.**—Apresentou-se Galiléu ao tribunal no dia 12 de Abril, sendo interrogado sem perda de tempo; com maravilha, porém, de todos pretendeu negar ter escripto sobre o systema heliocentrico. Era facil, provando-lhe o contrario, convencel-o de desobediencia e de ter violado o juramento. Neste caso o desfecho da causa, segundo as leis da inquisição, podia ser bem desagradavel. Desejando, todavia, os juizes podel-o absolver, deixaram-

lhe tempo para reflectir. No entretanto o commissario do Santo Officio, esse P. Venezuela, que tem sido representado qual monstro de odio contra o Philosopho, obteve do Papa a licença excepcional de tratar privadamente com o accusado para dar-lhe o amigavel conselho de responder por modo que em breve pudesse chegar a um exito feliz da causa. Acceitando tudo com gratidão, pediu um adiamento para pensar no modo de *cohonestar* a retractação do que dissera no primeiro exame. Concedeu-se a delonga e elle confessou ter escripto, affirmando no mesmo tempo que no primeiro interrogatorio não se lembrára ser este o assumpto do seu livro, em cuja composição não lhe occorrera á mente o preceito recebido em 1616! Como fosse muito difficil dar-lhe fé, condemnaram-no á reclusão no carcere do Santo Officio por todo o tempo que os juizes achassem conveniente, bem como a desamparar a doutrina do systema heliocentrico que qualificaram de *falsa, absurda, heretica*. A pena baseava-se sobre a desobediencia do Philosopho ao preceito de 1616, e sobre o modo *subrepticio* com que obtivera a licença de publicar o livro. O leitor anhela sem duvida por saber qual seja a nossa opinião relativamente á censura infligida ao systema heliocentrico. Diremos francamente com autores, illustres pela religião e pela sciencia, que a Congregação se enganou, mas observamos que aquelle decreto não leva a firma de Urbano VIII, e repetimos que essa Congregação não é a Egreja, é apenas um tribunal ecclesiasco exposto a errar como qualquer outro tribunal. Nem é possivel invocar esse facto contra a infallibilidade pontificia, porque esse tribunal não é o Papa, nem póde este communicar-lhe a sua infallibilidade, que é essencialmente *incommunicavel*. Resplandece, pelo contrario, neste acontecimento a Providencia de Deus a respeito da infallibilidade do Summo Pontifice, porque Urbano VIII, embora deixasse, conforme era justo, ao tribunal a liberdade de proceder segundo suas leis, recusou condemnar *ex-cathedra* a doutrina de Copernico, apesar de ser naquella epoca quasi commum a opinião de que semelhante sentença se oppunha á Divina Escriptura.

629) **Desfecho fin**! — Mudaram incontinenti a pena do carcere pela reclusão branda no palacio do embaixador, logo no do bispo de Siena e por ultimo na quinta de Arcetri perto de Florença. Que a pena não se perdoasse de todo foi devido, primeiro á prudencia necessaria em taes conjuncturas, e depois, ao procedimento do proprio

Galiléu. Pois elle, tanto em Roma como em Siena, e muito mais na sua quinta de Arcetri, com desprezo evidente do que promettera, continuou a disputar sobre o systema heliocentrico; escreveu disto a seus amigos, e copiou seus dialogos para mandal-os publicar em paizes protestantes. E' impossivel suppor que o Papa ignorasse estas cousas. Dissimulou, todavia, fingindo nada saber. Não é, por conseguinte, para extranhar que não perdoasse de todo; mas é muito para admirar que usasse de tanta paciencia. Qual soberano deste mundo, em caso analogo, faria outro tanto sobretudo naquella epoca?

630) **Conclusão.** — Podemos, portanto, concluir que o motivo da condemnação de Galiléu não foi nem o supposto odio da Egreja relativamente á sciencia, nem o medo da luz, nem o receio de ver deprimida a dignidade do homem; mas, quanto á doutrina, a prudencia indispensavel em questões desta ordem; e pelo que se refere ao castigo, o motivo foi a desobediencia de um philosopho que, sendo e professando-se catholico, devia respeitar a vontade da Egreja e ser fiel aos juramentos prestados. Si Galiléu tivesse seguido o conselho de não acceitar a disputa em terreno theologico, ou si, depois do primeiro passo falso, tivesse obedecido, conforme promettera com juramento, a discussão teria ficado no campo livre da ordem natural e nada teria acontecido.

A brevidade exigida pela natureza desta obra não permitte longas e numerosas citações; garantimos, porém, não termos affirmado cousa alguma que não se ache em documentos publicos e authenticos, como são: o processo, os despachos do embaixador da Toscana, as cartas de Galiléu a seus amigos e vice-versa, etc. Quem desejasse ler esses documentos poderia consultar a bella obra de *Sante Pieralisi — Urbano VIII e Galiléu Galilei* — Roma 1875. Póde ver outrosim M. de l'Epinois que publicou todo inteiro o processo. Está na *Revue des Questions Historiques* em um numero pouco anterior a 1873.

DYNASTIAS PRINCIPAES

França

Merovingios.—448—752

Meroveu	448—58
Childerico	458—81
Clovis	481—11

Filhos de Clovis

Clodomiro, rei d'Orleans, 514—524.

Childeberto I, rei de Pariz, 511; d'Orléans 526; da Borgonha, 534—558.

Clotario I, rei de Soissons, 511; d'Orléans, 526; da Borgonha, 534; da Austrasia, 555; de toda a monarchia, 558—561.

Thierry I, rei de Metz, 511—34,

Theodeberto (filho de Thierry I), rei da Austrasia, 534—548.

Theodebaldo I, (filho de Theodeberto), rei da Austrasia, 548—555.

Filhos de Clotario I

Cariberto I, rei de Pariz, 561—567.

Gontran, rei d'Orléans e da Borgonha, 561—593.

Sigeberto I, rei da Austrasia, 561—575.

Chilperico I, rei de Soissons, 561; de Pariz, 567—584.

Childeberto II, (filho de Sigeberto I), rei da Austrasia, 575; da Borgonha e d'Orléans, 593—596.

Theodeberto II, (filho de Childeber o II), rei da Austrasia, 596—613.

Thierry II, (irmão de Theodebeito II), rei da Borgonha e d'Orléans, 596; da Austrasia, 612—613.

Clotario II, (filho de Fredegonda e de Chilperico I) rei de Soissons, 584; de toda a monarchia, 613—628.

Dagoberto I, (filho de Clotario II), rei da Austrasia, 622; da Neustria, da Borgonha e de Soissons, 628; da Aquitania, 631—638.

Carlovingios.—752—987

Pepino, o Breve, *rei*	752—68
Carlomano, *abd.*	768—71
Carlos Magno, *rei*	768—71
Carlos Magno, *só*	771—14
Carlos Magno, *imp.*	800—14
Luiz Pio, *imp.*	814—40
Carlos, o Calvo, *rei*	840—77
» o » *imp.*	875—77
Luiz o Gago, *rei*	877—79
Luiz III, *rei*	879—84
Carlomano, *rei*	879—84
Carlos, o Gordo, *imp.*	881—87
» » » *rei de Fr.*	884—87

Carlovingios e Capetos—887—987

Carlovingios *(Côrte em Laon)*

Carlos, o Simples, *dep.*	896—22
Luiz IV	936—54
Lothario II	954—86
Luiz V	986—87

Capetos *(Côrte em Pariz)*

Eudes	887—98
Roberto I	922—23

(Raul de Borg.)	923—36
Hugo, o Gr., rei de facto	36—956
Hugo Capeto	956—87

Capetos directos —987—1328

Hugo Capeto	987—96
Roberto II.	996—31
Henrique I.	1031—60
Philippe I	1060—08
Luiz VI	1108—37
Luiz VII	1137—80
Philippe II, Augusto	1180—23
Luiz VIII	1223—26
Luiz IX (S. Luiz).	1226—70
Philippe III	1270—85
Philippe IV	1285—14
Luiz X.	1314—16
João I	1316—16
Philippe V.	1316—22
Carlos IV	1322—28

Valois directos.—1328—1498

Philippe VI	1328—50
João II.	1350—64
Carlos V	1364—80
» VI	1380—22
» VII.	1422—61
Luiz XI	1461—83
Carlos VIII.	1483—98

Valois—Orléans.—1498—1515

Luiz XII	1498—15

Valois—Orléans—Angoulême.—1515—1589

Francisco I	1515—47
Henrique II	1547—59
Francisco II	1559—60
Carlos IX	1560—74
Henrique III	1574—89

Burbons directos: *descendem de Roberto, sexto filho de S. Luiz*

1589—1880

Henrique IV	1589—10
Luiz XIII	1610—43
» XIV	1643—15
Luiz XV	1715—74
» XVI	1774—93
» XVII.	1793—95
» XVIII.	1814—24
Carlos X	1824—30

Burbons—Orléans: *descendem de Luiz XIII*—**1830—1848**

Luiz-Philippe	1830—48

Bonaparte

Napoleão I, *imp.*	1804—14
» II, *imp.*	1815—15
» III, *imp.*	1852—70
Republica	1792—04
»	1848—52
»	1870—..

Allemanha

Reis e imperadores

Carlovingios. —800—911

Carlos M., *imp.*	800—14
Luiz, o Piedoso *imp.*	814—40
Luiz, o Germanico (na Baviera), *rei*	817—76
na Germania	833—76
Luiz III (na Saxonia)	876—80
Carlomano (na Baviera)	876—80
Carlos, o Gordo (na Suabia)	876—82
» » *imp.*	881—87
Arnulpho de Carincia, rei	887—99
» » » *imp.*	896—99
Luiz IV, o Menino, *rei*	899—11

Coroa electiva

Conrado I: **Franconia**	911—19
Henrique I: **Saxonia.**	919—36
Othão I, *rei*	936—73
» » *imp.*	962—73
» II	973—84
» III	984—02
Henrique II	1002—24
Conrado II: **Franconia**	1024—39
Henrique III	1039—56
» IV	1056—06
» V	1106—25
Lothario II: **Saxonia.**	1125—37

Conrado III: Suabia. . 1138—52
Frederico I . . . . 1152—90
Henrique VI . . . . 1190—97
Othão: Brunswick, *dep.* 1209—13
Frederico II: Suabia, *dep.* 1213—50
Rodolpho I: Habsburgo. 1273—91
Adolpho: Nassau. . . 1291—98
Alberto: Austria . . . 1298—08
Henrique VII: Lux. . . 1308—13
Luiz V: Baviera . . . 1314—47
Carlos IV: Lux. . . . 1347—78
Wencesláu: Lux., *dep.* . 1378—00
Ruperto: Baviera. . . 1400—10
Sigismundo: Lux. . . 1410—37

Austria —Habsburgo — 1437—1745

Alberto II . . . . . 1437—39
Frederico III . . . . 1440—93
Maximiliano I . . . . 1493—19
Carlos V, *abd.* . . . 1520—56
Fernando I. . . . . 1556—64
Maximiliano II. . . . 1564—76
Rodolpho II . . . . 1576—12
Mathias. . . . . 1612—19
Fernando II . . . . 1619—37
» III . . . . . 1637—57
Leopoldo I . . . . 1658—05
José I . . . . . 1705—11
Carlos VI . . . . . 1711—40
» VII (de Baviera) . 1742—45

Austria — Habsburgo — Lorena — 1745—1806

Francisco I . . . . 1745—65
José II. . . . . 1765—90
Leopoldo II . . . . 1790—92
Francisco II . . . . 1792—06

Imperio Austriaco. Casa de Habsburgo—Lorena

Francisco I (II na Allem.) 1806—35
Fernando I, *abd.* . . . 1835—48
Francisco José. . . . 1848—..

Escossia

Stuarts.—1371—1603

Roberto II. . . . . 1371—90
» III. . . . . 1390—06
Jayme I . . . . . 1406—37
» II . . . . . 1437—60
» III . . . . . 1460—88
» IV . . . . . 1488—13
» V . . . . . 1513—42
Maria . . . . . 1542—67
Jayme VI . . . . . 1567—03

Inglaterra

Anglo-Saxonios.—827—1013

Dinamarquezes.—1013—1041

S. Eduardo (ang'o-sax.) . 1041—66

Normandos—1066—1154

Guilherme I . . . . 1066—87
» II . . . . 1087—00
Henrique I . . . . 1100—35
Estevam de Blois . . . 1135—54

Plantagenetas—1154—1399

Henrique II . . . . 1154—89
Ricardo I . . . . . 1189—99
João-sem-Terra. . . . 1199—16
Henrique III . . . . 1216—72
Eduardo I. . . . . 1272—07
» II. . . . . 1307—27
» III. . . . . 1327—77
Ricardo II. . . . . 1377—99

Casa de Lancaster—1399—461

Henrique IV . . . . 1399—13
» V . . . . 1413—22
» VI . . . . 1422—61

Casa de York.—1461—1485

Eduardo IV . . . . 1461—83
» V . . . . 1483—83
Ricardo III . . . . 1483—85

Tudors.—1485—1603

Henrique VII. . . . 1485—09
» VIII. . . . 1509—47

Eduardo VI. . . . . 1547—53
Maria . . . . . 1553—58
Isabel . . . . . 1558—03

Stuarts.—1603—1714

Jayme I (VI na Esc.) . 1603—25
Carlos I *dep.* . . . . 1625—49

Republica.—1649—1659

Oliveiro Cromwell, *protector* . . . . . 1652—58
Ricardo Cromwell, *abd.* . 1658—59

Restauração.—1660—1714

Carlos II . . . . . 1660—85
Jayme II, *dep.* . . . 1685—88
Guilherme III, *d'Orange.* 1688—02
Anna da Dinamarca. . 1702—14

Casa do Hannover

Jorge I . . . . . 1714—27
» II . . . . . 1727—60
» III . . . . . 1760—20
» IV . . . . . 1820—30
Guilherme IV . . . . 1830—37
Victoria, *rainha* . . . 1837—01
» *imperatriz da Ind.* 1876—01

Hespanha

Os Wisigodos.—415—711

Isabel, a cath., rainha de Castella e de Leão. . 1474—04
Fernando V, o catholico, rei do Aragão. . . 1479—16

Casa da Austria.—1506—1700

Philippe I. . . . . 1505—06
Carlos I (V como imp.). 1506—56
Philippe II . . . . . 1556—98
» III. . . . . 1598—21
» IV. . . . . 1621—65
Carlos II . . . . . 1665—00

Burbons.—1700—....

Philippe V. . . . . 1700—45
Fernando VI . . . . 1745—59
Carlos III . . . . . 1759—88
» IV . . . . . 1788—08
Fernando VII. . . . 1813—38
Isabel II, *dep.* . . . 1838—68
Affonso XII. . . . . 1878—85
Affonso XIII . . . . 1886—..

Josè Bonaparte.—1808—1813

Republica.—1868—70

Amadeu de Saboia.—1870—73

Republica—1873—78

Portugal

Casa de Borgonha.—1097—1383

D. Henrique, *conde* . . 1097—14
Affonso Henriques, *menor* 1114—28
» » *conde.* 1128—39
» » *rei* . 1139—85
Sancho I . . . . . 1185—11
Affonso II. . . . . 1211—23
Sancho II, *dep.* . . . 1223—45
Affonso III, *regente* . . 1245—48
» » *rei* . . . 1248—79
D. Diniz . . . . . 1279—25
Affonso IV . . . . . 1325—57
Pedro I . . . . . 1357—67
Fernando . . . . . 1367—83

Casa de Aviz—1385—1580

João I . . . . . 1385—33
Duarte . . . . . 1433—38
Affonso V . . . . . 1438—81
João II. . . . . 1481—95
Manuel. . . . . 1495—21
João III. . . . . 1521—57
Sebastião . . . . . 1557—78
Henrique, Cardeal-rei . 1578—80

Dyn. Castelhana-austriaca.—1580—1640

Philippe I (II na *Hesp.*) 1580—98
» II (III na *Hesp.*) 1598—21
» III (IV na *Hesp.*) 1621—40

Restauração.—Casa de Bragança.—1640—...

João IV	1640—56
Affonso VI, *dep.*	1656—67
Pedro II, *regente*	1667—83
» *rei*	1683—06
João V	1706—50
José I	1750—77
Maria I,	1777—16
Pedro III (titular).	1777—86
João VI, *regente*	1799—16
» » *rei*	1816—26
Pedro IV (I no Brasil), *abd.*	1826—26
» *reg.*	1831—34
Miguel, *dep.*	1827—34
Maria II (1826)	1834—53
Fernando (titular).	1837—55
Pedro V	1853—61
Luiz I	1861—89
Carlos I	1889—..

Brasil

Casa de Bragança.—1822—1889

Pedro I, *abd*	1822—31
» II, *dep.*	1831—89

Republica.—1889—...

Russia

Casa de Rurik.—850—1584

Principes de Novogorod.—862—1019
Principes de Kiew. — 1037 — 1149
Principes de Wladimir.—1157—1327

União *dos principes de* Wladimir—Novogorod—Moscou.—1328

Ivão III, *autocrata*	1462—05
Vasili IV	1505—33
Ivão IV, *o Terrivel*	1533—84
Feodor I	1584—98

Anarchia.—1598—1613

Romanov.—1612—1761

Miguel	1612—45
Aleixo	1645—76
Feodor III.	1676—82
Ivão V, *abd*	1682—89
Pedro I.	1682—25
Catharina I	1725—27
Pedro II	1727—30
Anna	1730—40
Ivão VI, *dep.*	1740—41
Isabel	1741—61

Holstein—Gottorp.—1761—....

Pedro III, *assassinado.*	1761—62
Catharina II	1762—96
Paulo I, *assassinado*	1796—01
Alexandre I.	1801—25
Nicoláu I	1825—55
Alexandre II, *assassinado.*	1855—81
Alexandre III.	1881—..

Polonia

Casa de Piast.—842—1386

Lithuania—Polonia.—Casa de Jagellon.—1386—1572

Monarchia electiva.—1573—1794

Henrique, *de França*	1573—75
Estevam Bathori *da Transylvania*	1575—87
Sigismundo III, *da Suecia.*	1587—32
Wladislau VII	1632—48
João Casimiro, *abd.*	1648—68
Miguel Wisniowiecki	1669—73
João Sobieski	1674—97
Augusto I, *de Sax.*	1697—04
Est. Leckzinski	1704—09
Augusto I, *bis*	1709—33
» II	1733—64
Est. Poniatowski	1764—94

Dinamarca

Esthrithidas.—1047—1448

Casa d'Oldenburgo.—1448—....

Christiano I	1448—81
João I	1481—13
Christiano II	1513—23
Frederico I	1523—33
Christiano III	1534—59
Frederico II	1559—88
Christiano IV	1588—48
Frederico III	1648—70
Christiano V	1670—99
Frederico IV	1699—30
Christiano VI	1730—46
Frederico V	1746—66
Christiano VII	1766—08
Frederico VI	1808—39
Christiano VIII	1839—48
Frederico VII	1848—63
Christiano IX	1863—..

Suecia

Dyn. Wasa.—1523—1654

Gustavo I, Wasa	1523—60
Erico XIV, *dep.*	1560—68
João III	1568—92
Sigismundo, *dep.*	1592—04
Carlos IX	1604—11
Gustavo Adolpho	1611—32
Christina, *abd.*	1632—54

Duas-Pontes.—1654—1718

Carlos X	1654—60
» XI	1660—97
» XII	1697—18
Ulrica-Leonor, *abd.*	1720—21
em seu marido, Frederico I, de *Hesse-Cassel*	1721—51

Holstein-Gottorp.—1751—1818

Adolpho-Frederico	1751—71
Gustavo III	1771—92
» IV	1792—09
Carlos XIII	1809—18

Casa franceza.—Bernadotte.—1818—....

Carlos XIV (Bernadotte)	1818—44
Oscar I	1844—59
Carlos XV	1859—72
Oscar II	1872—..

Prussia

Frederico I, *rei*	1701—13
Frederico Guilherme I	1713—40
Frederico II	1740—86
Frederico-Guilherme II	1786—97
» » III	1797—40
» IV	1840—61
Guilherme I, *rei*	1861—88
» I, *imp.*	1871—88
Frederico III, *imp.*	1888—88
Guilherme II, *imp.*	1888—..

Hollanda

Casa de Nassau—Orange

Guilherme I, *abd.*	1813—40
» II	1840—49
» III	1849—..

Belgica

Leopoldo I	1831—65
» II	1865—..

Duas-Sicilias

Normandos.—1129—1198

Rogerio II, *rei da Sic.*	1129—54
Guilherme I, *o Máu*	1154—66
» II, *o Bom*	1166—89
Tancredo	1189—94
Guilherme IV, *dep.*	1194—98

Casa de Suabia ou de Hohenstaufen.—1194—1266

Henrique I (VI c. imp.)	1194—97
Frederico I (II c. imp.)	1197—50
Conrado I (IV c. imp.)	1250—54
Manfredo	1254—66
Conradino	1266—68

Casa de Anjú—Tarento.—1266—1435

Carlos I	1266—85
» II, *o Coxo*	1285—09
Roberto, *o Sabio*	1309—43
Joanna I	1343—82
Carlos III de Durazzo	1382—85
Ladisláu	1386—14
Joanna II	1414—35

Casa do Aragão.—1282—1713

Em *1282*, *Pedro III* do Aragão occupa a Sicilia, onde seus descendentes dominam até *1713*, data do tratado de *Utrecht*. *Em 1420*, *Joanna II*, rainha de Napoles, lega o seu reino aos Aragonezes da Sicilia, e logo depois (1423) á casa de Anjú, que cede seus direitos aos monarchas da França. De lá a guerra entre as casas de Anjú e do Aragão, bem como entre a França e a Hespanha. Em 1442, a casa do Aragão—Sicilia, derrotando os Angevinos, reune as duas coroas; porém em 1458 Affonso V, o Magnanimo, dá a Sicilia a João II, rei do Aragão; Napoles, a Fernando. Em 1504, Napoles une-se de novo á monarchia aragoneza—Sicilia. Em 1530, o imperador Carlos V (I na Hespanha) reserva para a coroa castelhana as Duas-Sicilias, que ficam em poder da Hespanha até o tratado de Utrecht em 1713. Passa então a Sicilia á casa de Saboia, que em 1720 a cede á Austria em troca da Sardenha. Na mesma data (1713) o reino de Napoles é concedido á Austria, que o conserva juntamente com a Sicilia até 1735 quando o tratado de Vienna entrega ambos os reinos aos Burbons da Hespanha.

Burbons.—1735—1860

Carlos VII (III na Hesp.) *abd.*	1735—59
Fernando IV, *abd.*	1759—09
toma de novo o poder,	1812—16
assume o titulo de Fernando I	1816—25
Francisco I.	1825—30
Fernando II	1830—59
Francisco II, *expulso*	1859—60

Toscana.—Florença

Os Medicis.—1421—1737

João	1421—34
Cosme	1434—64
Pedro I	1464—67
Julião I	1467—78
Lourenço, *o Magnifico*	1478—92
Pedro II, *dep.*	1492—94
Revolução	1494—12
Julião II	1512—19
Lourenço II	1519—27
Revolução	1527—30

O imperador *Carlos V* funda o **ducado da Toscana** em favor da familia **Medicis, 1530.**

Alexandre, *chefe do Est.*	1530—37
» *duque*	1532—37
Cosme	1537—74
» *Grão-duque*	1569—74
Francisco Maria	1574—87
Fernando I.	1587—09
Cosme II	1609—21
Fernando II	1621—70
Cosme III	1670—23
João Gastão	1723—37

Casa de Lorena—Austria

Francisco I.	1737—65
Leopoldo I.	1765—90
Fernando III, *abd.*	1790—01

Em consequencia da **Paz de Luneville** (1801) com a Austria, *Fernando III* abdicou, e a Toscana foi elevada á categoria de reino com o nome de **Etruria** em favor de Luiz de Parma. Fallecendo este em 1803, succedeu-lhe seu filho, *Luiz II*, sob a regencia de *Maria Luiza* (é a celebre rainha da Etruria que viveu até 1824), sua mãe e filha de Carlos IV da Hespanha. Em 1807 Luiz II cede o seu reino á França que o dá (1809) com o titulo de Grão-ducado a Elisa, irman de Napoleão I. Em 1814 volta Fernando III que em 1824, morrendo, deixa o seu Grão-ducado a Leopoldo II. Este nasceu em 1797; abdicou em 1859, concluiu a sua carreira em 1870. Succedeu-lhe (1859), nominalmente, Fernando IV, seu filho.

Sardenha

Casa de Saboia.—1017—1831

Duques.—1017—1713

Victor Amadeu II, *rei da Sicilia*	1713—20
da *Sardenha*	1720—30

Carlos Manuel III. . . 1730—73
Victor Amadeu III . . 1773—96
Carlos Manuel IV, *abd.* . 1796—02
entra na Companhia de Jesus, e morre no noviciado de Roma em 1819.
Victor Manuel I, *abd.* . 1802—20
Carlos Felix . . . . 1820—31

Saboia Carinhano. 1831—...

Carlos Alberto, *abd.* . . . 1831—49
Victor Manuel II . . . . 1849—78
" *rei da Italia* . . 1861—78
Humberto, *rei da Italia* . 1878—..

Presidentes dos Estados-Unidos do Norte America

1) George Washington: V., To.	1789—97.	1732—1799
2) John Adams: M., F.	1797—01.	1735—1826
3) Thomaz Jefferson: V., R.	1801—09.	1743—1826
4) James Madison: V., R.	1809—17.	1751—1836
5) James Monröe: V., To.	1817—25.	1758—1831
6) John Quincy Adams: M., C.	1825—29.	1767—1848
7) Andrew Jackson: T., D.	1829—37.	1767—1845
8) Martin Van Buren: N.Y.,D.	1837—41.	1782—1862
9) W. H. Harrison: O., W.	1841—41.	1773—1841
Fallecendo o presidente um mez depois de tomar posse, governou o vice-presidente		
10) John Tyler: V., W.	1841—45.	1790—1862
11) James K. Polk: T., D.	1845—49.	1795—1849
12) Zachary Taylor: L., W.	1849—50.	1784—1850
Morrendo o presidente, governou o vice presidente		
13) Millard Fillmore: N.Y., W.	1850—53.	1800—1874
14) Franklin Pierce: N.H., D.	1853—57.	1804—1869
15) James Buchanan: P., D.	1857—61.	1791—1868
16) Abraham Lincoln: I., R.	1861—65.	1809—1865
Sendo Lincoln reeleito e assassinado, governou em logar delle o vice-presidente		
17) Andrew Johnson: T., R.	1865—69.	1808—1875
18) Ulysses S. Grant: I., R.	1869—77.	1822—1885
19) Butherford B. Hays: O., R.	1877—81.	1822—1893
20) James A. Garfield: O., R.	1881—81.	1831—1881
Assassinado o presidente no fim de seis mezes e meio, governou o vice-presidente		
21) Chester A. Arthur: N.Y., R.	1881—85.	1830—1885
22) Grover Cleveland: N. Y, D.	1885—89.	1837—....
23) Benjamim Harrison: R.	1889—93.	1833—....
24) Grover Cleveland: N.Y., D.	1893—...	1837—....

N. B.—1) *Na I columna*, o primeiro numero indica o principio do governo; o segundo, o fim.—2) *Na II columna*, o primeiro numero dá o nascimento; o segundo, a morte.—3) *A primeira lettra* que se segue ao nome do presidente, marca o Estado a que elle pertencia; a segunda, o partido pelo qual foi eleito —4) V., Virginia; M., Massachusetts; T., Tennesee; N.Y., Nova York; O., Ohio; L., Luiziana; N. H., Nova Hampshire; P., Pensylvania; I., Illinois; To., todos, i. é., eleição unanime sem distincção de partidos; F., Federalistas; R., Republicanos; C., Camara dos Representantes; D., Democratas; W., Whigs.

SUMMARIO PARA A REPETIÇÃO

Noções preliminares (1)

1) **Definição.** — Historia universal, geral, particular; biographia, memoria, annaes.

2) **Divisão.** — Historia antiga e moderna; ou antiga, media, moderna, contemporanea; historia sagrada, ecclesiastica, etc.; e historia profana ou civil. **Tempos** allegoricos, fabulosos, historicos. Certeza da historia sagrada.

3) **Objecto** — da historia são os factos que se referem ao homem.

4) **Methodo** — ethnographico, synchronico, misto.

5) **Fontes historicas** — Que são?

Tempos primitivos

6) **Creação** — do homem. Prevaricação: filhos de Deus e filhos dos homens.

7) **Diluvio.**

8) **Torre** — de Babel. Separação.

9) **Raças historicas** — Semitica, Chamitica, Japhetica.

10) **Japhet.** — Gomer, Magog, Madai, Javan, Thubal, Mosoch, Thiras.

11) **Cham.** — Chus, Mesraim, Phuth, Chanaan

12) **Sem.** — Elam, Assur, Arphaxad, Lud, Aram.

13) **Raças humanas.** — Caucasica, mongolica, africana, malaia, americana.

14) **Origem do homem.** — Todos os homens descendem de um unico par.

15) **Primeiras monarchias.**

16) **Povo de Deus.** — Origem da idolatria. Povo predilecto.

17) **Pentateuco.** — Lei-milagre.

18) **Entrada** — na terra de promissão.

19) **Anciãos e Juizes.**

20) **Monarchia, 1050.** — Saul, David, Salomão.

21) **Dez tribus, 930** — açoladas por Jeroboão.

22) **Reino de Israel, 930—722.** — Capital, Samaria.

23) **Reino de Judá, 930—587.**

24) **Os Judeus** — perdem a independencia.

25) **Dominio** — dos Persas.

26) **Protectorado** — dos Lagidas. Versão dos 70.

27) **Protectorado** — da Syria. Os soffrimentos redobram.

28) **Os Machabeus** — restauram a independencia.

29) **Herodes** — o Gr., rei de Judá.

30) e 31) **Civilização.** — Governo, religião, sciencias, artes, usos, etc.

33) **Fontes historicas.**

Egypto Antigo

34) **Fontes historicas.** — Herodoto, Manethon monumentos.

35) **Posição.** — No baixo Nilo.

36) **Historia politica.**

37) **Antigo imperio** — Mena: a quarta dyn. e as pyramides; a sexta leva a capital para Abydos.

38) **Imperio Medio.** — Dyn. XII; obscuridão.

39) **Hyksos.** — Quem eram, que fizeram, quando repellidos?

40) **Novo imperio.** — Conquistas extrangeiras. Dyn. XVIII; Amenhotep I, Hatasú, Thuthmés I e III. Dyn. XIX: Seti I, Ramsés II e III. Decadencia.

41) **Reis ethiopes.** — Chabak derrotado em *Raphia*, 719, por Sargon; Taraka repellido tres vezes pelos Assyrios.

42) **Ultima dyn.** — Revolta feliz capitaneada por Psammetico.

43) **Successores.** — Necháu II vae até Carchemis; Psammetico III, ultimo pharaó.

44 e 45) **Usos, etc.** — Castas, governo, religião, lettras, sciencias, artes, escripta.

(1) O numero da margem indica os paragraphos; os outros, as datas.

Assyria e Babylonia

46) **Fontes historicas**.— Beroso, Herodoto, Diodoro, Ctesias com suas fabulas: Nino, Semiramis, Ninias, Sardanapalo.

47) **Descobertas assyrias** — por Botta e pelos Inglezes Caracteres cuneiformes—*arrow-headed*.

48) **Behistun** — Sua inscripção; como interpretada: Lingua ideo-logica; polyphonia.

49) **A escripta cuneiforme**—quando e onde usada:

50) **Paiz**.—Mesopotamia, Chaldéa, Babylonia, etc.

Historia politica

51) **Epoca primitiva** — Nemrod funda Babylonia; Assur, Ninive. Cinco dynastias: a quarta é de reis chaldéos; a quinta, de arabes. Decadencia.

52) **Imperio da Assyria**.—Cinco periodos. Fundação e gloria sob Tuklatsamdan e Tuklatpalasar I; perdas; nova gloria sob Assurnasirhabal; decadencia extrema; summa gloria: Phultuklatpalasar, Salmanasar V; Sargon occupa Samaria, *722*, e derrota Chabak em Raphia, *719*; Sennacherib vence, *700*, em Altaku e retira-se; Asarhaddon repelle Tharaka, etc., *abd*; Assurbanipal perde o Egypto. Revolta geral: Olophernes e Judith. Assur-edilhi: ruina de Ninive em *625*.

53) **Babylonia, 625—538**.—Nabopolasar, Nabucodonosor, etc. Conquista da Phenicia, do Egypto, etc. Jerusalém; Cyro, etc.

54) **Era** — de Nabonasar, *747*; muralhas de Babylonia; doença de Nabucodonosor.

Civilização

55) **Usos, etc.**—Governo, Limmú; politica a respeito dos vencidos; polytheismo, artes.

56) **Astronomia**—muito adeantada.

57) **Explicação**—plausivel.

Medos e Persas

58) **Paiz**.

59) **Historia**.— Os Medos fixam-se ao sul do Caspio; arrasam Ninive em *625* Invasão dos Scythas.

60) **Achemenides**.—Cyro II funda o imperio; conquistas, etc. Cambyses occupa o Egypto. Dario I, etc.

61) **Civilização**.—Governo, moeda, religião, etc.

Phenicia e Carthago

62) **Fontes historicas**. — Sanchoniaton. *Paiz*: Tyro e Sidon.

63) **Grandeza** — de Sidon e de Tyro muito antiga. Iram, Ithobal, Pygmalião.

64) **Civilização**.—Commercio, navegação, vidro, purpura, etc., alphabeto, culto horrivel.

65) **Carthago**— colonia de Tyro, etc. Suas expedições á Sicilia; governo, exercito mercenario, religião.

Grecia

66) **Fontes historicas** —Herodoto, Thucydides, Xenophonte, etc.

67) **Paiz**.—Limites; divisão physica e politica.

68) **Divisão**—em tres periodos.

Per. I.- Formação.—*Ep. I. Tempos primitivos e heroicos.*

69) **Tempos primitivos.** — Pelasgios, Hellenos, colonos orientaes.

70) **Tempos heroicos.**— Argonautas, *1226*; trabalhos de Hercules; guerras de Thebas, *1214*; guerra de Troia, *1194—84*. Invasão dos Dorios.

71) **Instituições communs** — Governo, religião, festas e jogos. Olympiades. Coroebus vence em **776**. Conselho amphicyonico.

Ep. II.—Tempos legislativos.

72) **Sparta** —Sua fundação; invasão dos Dorios; Spartanos, Laconios, Hilotas; dois reis.

73) **Legislação de Lycurgo. 884.** —Senado e povo; Ephoros; todos eguaes; patriotismo; educação; graves defeitos.

74) **Guerras da Messenia.**—Causas. *I, 743—23*: Aristodemo derrotado. *II, 685—68*, Aristomeno, Tyrtéo; victoria de Sparta; emigração.

75) **Athenas.**—Instituição do Archontado; Dracon. *624*; Cylon, *612*; desastres. Epimenides.

76) **Legislação de Solon, 594.** — Reconciliação geral, quatro classes, assembléa. Senado, Areopago.

77) **Pisistrato, 561, 41—28**—usurpa o poder. Hipparco assassinado, Hippias expulso em *510*.

78) **Archontado** — de Clisthenes. Isagoras, chefe da nobreza; Clisthenes, do povo. Este modifica a constituição e cria o Ostracismo.

79) **Colonias**—nas ilhas, na Italia, Sicilia e Asia Menor.

Per. II. — Dias de gloria

Ep. I.—Guerras Medicas, 499—49

80) **G. I, 99—90.**— Definição; incendio de Sardes; Dario, expedição de Mardonio, invasão de Datis e de Artaphernes; Marathona; **G. II, 80—79.** Xerxes; Leonidas nas Thermopylas; Themistocles em Salamina; Pausanias e Mardonio em Platéa; Xantippo em Mycala.— **G. III, 70—49**: Cimon e suas victorias, desterro, triumpho, *449*.

81) **Varões.**— Euribiades, Milciades, Aristides, etc.

Ep. II.—Guerra civil

82) **Pericles.**— Governo absoluto.

83) **Guerra do Peloponeso, 431—405.**—Causa, occasião, divisão.

84) **Per. I.**—Peste, Platéa, Amphipolis. Paz de Nicias. **Per. II**: expedição á Sic.; derrota completa. **Per. III** Alcibiades; bat. das *Arginusas, 6*; desastre de *Egos Pótames, 5*; victoria de Sparta. Os trinta.

85) **Libertação**—de Athenas. Trasibulo e os Dez; morte de Socrates. *400*.

86) **Expedição**—dos Dez Mil, *401*. Cyro o Joven, amigo de Sparta; bat. de *Cunaxa, 401*; retirada; Xenophonte.

87) **Tratado**— de Antalcidas, *387*: Mnemon, as colonias gregas e Agesilau. Os Athenienses contra Sparta

88) **Varões.** — Brasidas, Cleonte Clearco, Lysandro, Conon.

Ep. III. Hegemonia de Thebas

89) **Propotencia**— de Sparta que occupa a Cadméa, *382*.

90) **Pelopidas e Epaminondas**— O 1.º liberta Thebas; vence em Tegyra; vae á Macedonia, e morre, *364*, em Cynocephalos. O 2.º triumpha em Leuctra, *371*; entra no Peloponeso, e perece em Mantinéa, *362*.

Per. III.—Decadencia

Ep. I.—Philippe II

91) **Macedonia**—Origem, primeiros reis, anarchia, etc.

92) **Philippe II, 359—36.**—Triplice fim; astucia e corrupção; Demosthenes; Delphos; bat. de Cheronéa, *338*.

Ep. II.—Alexandre, 336—23

93) **Alex. III.** — Sua educação; primeiras conquistas; sua expedição; bat. do Granico, *34*: de *Isso, 33*; Tyro, Jerusalém, Egypto; bat. de *Arbellas, 31*; Roxana, India, Babylonia. Extensão do seu imperio.

94) **Varões.**—Clito, Philippe, Sisigambes, Besso, Antipater, Parmenião, Porus, etc.

Ep. III.—Successores

95) **Generaes** ambiciosos

96) **Regencia.**—Perdicas, Antipater, Polysperchon, Cassandro.

97) **Extincção.**—Bat. de Gaza, *312*. perdida por Demetrio Poliorcete.
98) **Divisão**—definitiva. Bat. de *Ipso*, *301*.
99) **Macedonia, 301—148.**—Cassandro; familia de Antigono; Demetrio Poliorcete Philippe V e a decadencia; bat. de *Cynocephalos*, *197*. Perseu; I bat. de Pydna, *168*; quatro republicas; Andrisco; II bat. de Pydna, *148*.
100) **Grecia, 301—146.**—Sparta; Liga Achéana e Liga Etolia; bat. de *Sellasia*, *221*; quéda de Sparta; Arato, Philoppemen, Lycortas. Artimanhas dos Romanos.
101) **Thracia, 301—46 – p. C.**—Lysimaco, Nicator, Cerauno, reis indigenas.

Syria, 311—64

102) **Seleucidas.**—Antiocho III, o Gr., derrotado em *Raphia*, *216*; nas Thermopylas, *191*; e em Magnesia, *190* Decadencia.
103) **Estados secundarios.**—Pergamo: bibliotheca, pergaminho, etc. Bithynia, Ponto, Armenia, Parthos.

Egypto, 323—30

104) **Lagidas.**—Ptolomeu I: bibliotheca, Serapeu, Pharos. Pt.. II: Versão dos 70, canal. *Decadencia*. Os Romanos: Antonio, Cesar, Octavio, Cleopatra.

Civilização

105) **Litteratura.**—Poetas, oradores, historiadores.
106) **Sciencias.**—Geometria, astronomia, geographia, medicina.—**Artes.**—Esculptura, architectura, pintura, musica.
107) **Philosophia.**—Escola jonia, italica, eleatica. *Sabios*: Academia e Lyceu. Scepticos, Estoicos, Sete Sabios.
108) **Conclusão.**—Necessidade moral da revelação.
109) **Usos, etc.**—Nomes, vestidos, moradas, nascimento, casamento, funeral.
110) **Vista retrospectiva**—Unidade da historia grega.

Historia Romana

111) **Fontes.**—Livio, Cesar, Floro, Cornelio, Tacito, etc.
112) **Divisão**—em tres periodos.

Per. I—Ep. I.—*A Italia antes da fundação de Roma*

113) **Italia.**—Limites, divisão, paizes.
114) **Primeiros**—habitantes: Ibéros, Celtas, etc. Religião, Etruscos.

Ep. II.—Os reis

115) **Fundação de Roma, 753.**—Remo e Romulo. Instituições primitivas; formação da nobreza; plebéus, patricios, patrono, cliente, gens, despojos opimos.
116) **Successores**—de Romulo. *Numa*: governo interior; *Tullo*: guerras; *Anco*: porto de Ostia, etc.; *Tarquinio*: usos etruscos, canos, etc. *Servio*: nova constituição; *Tarquinio*: livros sybillinos. Lucrecia; expulsão.

Per. II.—Republica, 509-31

Ep. I.—Primeiras guerras

117) **Proclamação, 509.**—Os consules, primeiros acontecimentos; dictadura, tribunato. Coriolano.
118) **Luctas intestinas.**—Causas: dividas, lei escripta, aspiração, lei agraria.
119) **Decemviros, 450.**—Appio Claudio, Virginia, Icilio Lei das doze taboas.
120) **Egualdade politica**—e religiosa. Novas dignidades: censura, questura, pretura, tribunos millitares.
121) **Primeiras guerras**—Conquista dos povos vizinhos; Camillo, segundo

undador de Roma. — Invasão dos Gaulezes: *I, 390*: Roma incendiada; *II, 367—57*: terremotos, peste, etc.; *III, 349*.

Ep. II.—Conquista da Italia

122) **Guerra do Samnio, 343—290.** *—I g., 343—41*: Capua e Sedicino. —Guerra contra os Latinos, *340—38*: Decio Mus. — *II g., 327—05*: Forcas Caudinas. — *III g., 300—290*.

123) **Guerra Tarentina, 284—272.** —Liga dos povos. *Pyrrho*: bat. de Heraclea, *280*: elephantes. Bat. de Asculum, *279*, e de Benevento 275. Destruição de Tarento.

124) **Novo partido**—popular, origem de peiores disturbios.

125) **Regime municipal.**—Assimilar os vencidos; tres classes de municipios; alliados, colonias.

126) **Organização militar.**— Exercito e auxiliares; legião, cohorte, manipulos; campo; delectus, tumultus.

Ep. III — Conquista do mundo

127) **Guerras**—punicas, orientaes, da Hespanha, das Gallias

128) **I g. punica, 264—41.** — Mamertinos, Ap. Claudio Caudex; I frota, estratagema; Reguio. Tratado de paz.

129) **Intervallo.**—*Roma* na Sardenha e na Corsega; Marcello no Pó, despojos opimos.—*Carthago*: guerra inexpiavel. Hamilcar e Asdrubal na Hespanha.

130) **II g., 219—201.**— Hannibal; Sagunto; bat. do Tessino e do Trebia, *218*; do Trasimeno, *217*; de Cannes, *216*; de Nola, *216, 215*; Capua e Syracusa, *212, 211*; Zama, 201; Scipião.

131) **III g., 149—146.** — Delenda Carthago; Massinissa; resistencia heroica; Scipião Emiliano.

132) **Guerras orientaes.** — Syria; Antiocho III, *190*; L. C. Scipião — *Macedonia*: bat. de Cynocephalos, *197*; I bat de Pydna, *168*; *II, 148*.— *Grecia*: Leucópetra; incendio de Corintho; Mummio, *146*.

133) **Hespanha.** — Tres Scipiões; Viriatho; Fabio Serviliano e Servilio Cepião —*Numancia*: Scipião Emiliano, *133*.

Ep. IV. — Consequencias da conquista do mundo

134) **Catão**—tenta reagir contra a corrupção.

135) **Os Gracchos, 133—121**—lidam em vão contra o Senado a bem do povo.

136) **Guerra servil, 139—132**— Eunus levanta os escravos.

137) **Guerras exteriores**—na Asia nas Gallias, na Dalmacia, na Africa: Jugurtha.

138) **Cimbros e Teutões. 113—101**.—Bat de Aix e de Vercelli; Mario, terceiro fundador de Roma.

139) **Guerra Social, 90—88.**—Aspiração dos Italianos; Corfinio, Sylla.

140) **I g. civil, 88—80.**— Mario e Sylla; proscripções; victorias de Sylla; sua morte.

141) **Sertorio. 78—72**—senhor da Hespanha. Ebora e Osca; bat. do Tejo, *72*.

142) **Gladiadores. 73—70.** — Spartaco morto por Crasso no Silaro, *71*.

143) **Catilina.**— Conspiração; Cic.; Pistoia.

144) **I triumvirato. 60—44.** — Crasso, Pompêu e Cesar.

145) **Guerra civil.**—Cesar e Pompêu. O Rubicon; Pharsalia; Egypto; Pharnace, etc.

146) **II triumvirato. 43—30.** — Marco Antonio, Lepido e Octavio. Bat. de Accio, *31*. Cleopatra.

Per. III.—Imperio, 31-476

Ep. I.—Os Cesares

147) **Augusto.**—Derrota de Varo, 9.

148) **Successores.**—Monstros: Tiberio, Caligula, Claudio, Nero. I perseguição. *67*.

149) **Galba Othão, Vitellio.**

Ep. II.—Flavios e Antoninos

150) **Flavios.**—Vespasiano, Tito e Domiciano. Jerusalém, Vesuvio; *II* perseguição.

151) **Antoninos**—Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio, M. Aurelio, Commodo: *III e IV* perseguição.

Ep. III.—Despotismo e anarchia militar. 193-268

152) **A purpura**—em leilão. Pertinax, Didio Juliano, Caracalla, etc.

153) **Ep. dos 30 tyrannos**—Irrupção dos Barbaros.

154) **Imperadores**—Illyrios, 268—283. Restauração da ordem.

Ep IV—Era dos martyres, 284-312

155) **Tetrarchia**—Quatro capitaes; dois Augustos e dois Cesares.—Diocleciano, 284—305, Hercules, 286—305; Chloro, 292—305; Maxencio, 306—12; Severo, 305—7; Galerio, 292—311; Daia, 305—13; Licinio, 307—24.

Ep. V.—Triumpho do Christianismo, 312—95

156) **Constantino. 306—37**—vence na Ponte Milvia e protege o Christianismo, Concilio de Nicéa, *325*.

157) **Successores:**—Constantino II, Constante I, Constancio; Juliano, 360—63; Joviano, Valentiniano I e II, Graciano; Maximo, usurpador; Valente, perseguidor, morre na bat. de Andrinopla em *378*.

158) **Divisão, 395.**—Theodosio, 79—95, mata Maximo, 88, e Eugenio, 94. Antiochia, Callinico, Thessalonica. S. Ambrosio.

Civilização Romana

159) **Litteratura**—Edade barbara, de bronze, de ouro, de prata, de decadencia

160) **Religião.**—Anthropolatria.

161) **Usos, etc**—Nomes, titulos vestidos, banhos

162) **Moradas.**—Refeições, gastronomos, casamentos.

163) **Prisioneiros**—escravos, funeraes: cremação.

164) **Estado**—moral, horrivel.

Christianismo

Per. I.—De J. C. a Constantino 1-312

Lucta com o judaismo e o paganismo

165) **Jesus Christo:**—Sua vida, doutrina e missão.

166) **Os Apostolos.**—Conc. de Jerusalém, 50; propagação rapida; meios improporcionados.

167) **Obstaculos**—procedentes da corrupção do mundo, do facto de serem judeus, J. C. e seus apostolos,—perseguições promovidas pelos Judeus e os Gentios.

168) **Heresias**—sem numero.

169) **Philosophos**—Facto certo que não se explica sem admittir um grande milagre.

170) **Sciencias e artes**—cultivadas pelos Christãos.

171) **Summo Pontifice**—Factos que demonstram a supremacia do Bispo de Roma.

172) **Disciplina**—da penitencia publica.

173) **SS. PP.** e doutores da Egreja. O que são?

174) **Concilio.**—Que é? Diversas especies.

175) **Conclusão.**

Per. II.—De Constantino a Carlos M.

Lucta com o paganismo, as grandes heresias, os barbaros e o cesarismo byzantino.—**Sec. IV**

176) **Perseguições**—dos pagãos e dos hereges. Vida monastica.

177) **Concilios.**—O de Nicéa, 25, contra Ario; o de Constantinopla, ecum. II, 81, contra Macedonio.

Historia da Edade Media. 395—1453

178) **Divisão** —em 4 periodos.
179) **Mundo romano** — Stilicon, Rufino, Eutropio, Gainas, S. João Chrysostomo, Eudoxia, Arcadio.
180) **Mundo barbaro**—Raças, etc.
181) **Invasões**—Dois periodos.—
182) **Wisigodos.**—Alarico na Grecia, *397*; na alta Italia, *403*. Stilicon.
183) **Os Vandalos**— em Fiesole, *406*; Radagasio, Burgundios, Alanos e Suevos; Stilicon.
184) **Saque de Roma**—por Alarico, *410*.
185) **Reino**—dos Wisigodos. Ataulfo, Wallia, etc.
186) **Seus reis**—illustres até a invasão dos Mouros em 711.
187) **Hunos.**—Attila invade a Europa até Orléans; bat. de Chalons, *451*.
188) **Genserico** — em Roma, *455*. —Valentiniano III, Petronio, Eudoxia, etc.
189) **Fim**—do imperio do Occidente, *476*. Odoacro.
190) **Os Saxonios**— conquistam a Gran-Bretanha, *455—542*.
191) **Os Anglos, 547—584.**—Heptarchia: conversão da Inglaterra. Egberto, unico rei em *827*.
192) **Francos.**—Meroveu, 448—58; Childerico; Clovis: sua conversão em *496*.
193) **Ostrogodos, 488—553.**—Theodorico, Odoacro, Boecio, Symmaco e Cassiodoro.
194) **Successores.** — Athalarico, Theodato, Vitiges, Totila, Teia,. Bat. de Tagina, 52; de Nocera, *53*. Belisario, Narsés.
195) **Os Lombardos, 580— 774**— invadem a Italia Alboino, Pavia; Theodolinda e a Corôa de Ferro; Luitprando e o papa S. Zacharias; Astolpho e Pepino; Desiderio e C. M.

Imperio do Oriente

196) **Primeiros**—imperadores, *395 —527*. Arcadio, Theodosio II, Marciano, Leão I, Zenon, Anastacio, Justino I.
197) **Justiniano I, 527—65**—conquista a Africa, *534*, e a Italia *553*; tres guerras persas; Belisario e Narsés; Azues e Verdes; Nika; monumentos, leis, tres Capitulos, conc. V.
198) **Successores, 565— 640.**—Justino II, Tiberio II, Mauricio, Phocas, Heraclio: guerra persa; os Barbaros; os Arabes.

Francos, 511—752

199) **Successores** — de Clovis: Tierry, Clodomiro, Childeberto, Clotario I.
200) **Filhos**—de Clotario I. Rivalidade entre Brunechilda e Fredegonda. Guerra civil.
201) **Prefeitos**— do palacio. Tratado de *Andelot*, *587*: feudos vitalicios.
202) **Apogeu.** — Dagoberto I, *628 —38*.
203) **Decadencia.**—Pepino de Heristal vence em *Testry*, *687*; Carlos Martello, em *Poitiers*, *732*.

Mahomet, 570—632

204) **Invasão arabe.**— A Arabia.
205) **Mahomet**—Hegira ou fuga, *622*; Korão.
206) **Conquistas.**—Fogo grego, etc.
207) **Successores**—de Mahomet; electivos, hereditarios, Abbassidas. Meca, Damasco, Bagdad.
208) **Califado**—hereditario, *661— 750*. Ommiadas, Mohaviah, etc. Conquista da Hespanha *711*.
209) **Abbassidas. 750 —1258.** — Abul-Abbas, Abu-Giaffar, Harun-al-Rachid, Al-Mamum, Al-Matassem.
210) **Civilização arabe.**

Carlovingios, 752—987

211) **Pepino, 752—68.**—Poder temporal do Papa.
212) **C. M., 68 -814.**— 53 campanhas. Guerra contra os Sarracenos, *78*; os Saxonios, *72—803*; os Lombardos, *77*.
213) **C. M. Imperador, 800**—Valor do titulo
214) **Luiz o Piedoso, 814—40**—Divisão; revoltas de Bernardo e dos outros.
215) **Desmembramento.**—Lothario I e seus irmãos. Bat. de Fontenay, *841*; Paz de Verdun, *43*. Luiz II, Carlos o Calvo, Carlos o Gordo. Dieta de Tribur, *887*.

Invasões dos sec. IX e X

216) **A Europa.**—Slavos e Hungaros na Germania.
217) **Sarracenos**—até Roma.
218) **Normandos**—em toda a Europa occidental. Assedio de Pariz. *886*; dieta de Tribur, *887*. Normandia, *911*; Rollon.
219) **Consequencias.**—Trevas, etc.
220) **Inglaterra, 827—1066.**—As invasões e Alfredo o Grande. Eduardo I e II; Ethelredo II. Suenon, Canuto e seus filhos. Eduardo III, o Confessor, *1041—1066*.

Imperio Grego, 640—1118

221) **Successores** — de Heraclio, Constante II; heresias, anarchia, etc.
222) **Dyn. da Isauria, 717—802.**—Iconoclastas. Miguel III, o Beberrão; Photio, scisma, etc.
223) **Dynastia** — da Macedonia, *867—1056*. Renovação do scisma; Miguel Cerulario.
224) **Os Ducas**—e os Comnenos.

Litteratura

225) **Sec. V.**—Poesia, historia, litteratura sagrada. — *Sec VI e VII*: decadencia.
226) **Sec. VIII.**— Lettras, sciencias, artes, agricultura.
227) **Sec. IX e X**—Grande decadencia.
228) **Sec. XI.**—Primeiro renascimento. A Escolastica.

Historia Ecclesiastica

229) **Sec. V.**—Perseguições, heresges, etc.
230) **Papas.**—Concilio de Epheso, 31, contra Nestorio; de Chalcedonia, 51, contra Eutychio.
231) **Sec. VI.**—Papas: usurpação do poder civil, Vigilio, Justiniano, os tres Capitulos e o Conc. V, 55
232) **Sec. VII.**—Papas.
233) **Concilios:**—o ecum. VI. 680—81, contra os Monothelitas. Conc. in Trullo, 692.
234) **Sec. VIII.**—Revolta dos Italianos contra os Gregos. Firmeza do Papa.
235) **Concilios:**—o II de Nicéa, ecum. VII, 87, contra os Iconoclastas.

Periodo III

De Carlos M. ao fim da questão das investiduras, 814—1123

Lucta com os barbaros, o cesarismo, a anarchia

236) **Sec. IX.**— Conc. VIII, 69 contra Photio: Papas; observação.
238) **Sec. X.**—Papas, etc.
239) **Sec. XI.**—Papas, etc

Feudalismo

240) **Definição.**— Diversas especies de feudos; homenagem.
241) **Obrigações**—e direitos reciprocos, jerarchia feudal.
242) **Tregua**—de Deus.
243) **Cavallaria.**

Imperio romano—allemão. —Sua lucta com o Sacerdocio

244) **Casa**—de Franconia. Conrado, 911.—Casa de Saxonia, *919—1024*. O passarinheiro; Otthão I, II, III; Henrique II.

245) **II casa**—de Franconia, *1024—1125*. Conrado II, Henrique III, IV e V. Lucta com o Sacerdocio.

246) **Investiduras**—causa da lucta.

247) **Reforma**—do clero: S. Leão IX e Nicolau II. Consequencias.

248) **Henrique IV**—e Alex. II.

249) **S. Greg. VII, 73—85**—tenta converter Henrique. Dieta de Wormacia, 1076.

250) **Dieta de Tritur. 1076.**

251) **Astucia do rei.**—Facto de Canossa, *1077*.

252) **Deposição.**—Rodolpho; Roberto Guiscardo, etc.

253) **Furores**—do rei. Seu fim 1106.

254) **Henrique V, 6—25**—Sua hypocrisia. Lucta: Gel. II e Calixto II. Paz em Wormacia, 1122.

255) **Casa de Suabia, 1152—1250.**—Quatro imperadores.

256) **Guelfos e Gibellinos.**

257) **Frederico Barbaroxa, 1152—90**—Per. II da lucta.

258) **Per III.**—Henrique VI.

259) **Casa de Brunswick.**

260) **Frederico II, 1213—50.**

Cruzadas, 1095—1270

261) **Definição.**—Urbano II no conc. de Clermont.

262) **I Cruz., 1095—99.**—Pedro e os romeiros. Falsos cruzados. Cruz militar: Godofredo, etc. Constantinopla. Nicéa, Antiochia, Jerusalém. Ordens militares.

263) **II Cruz., 1147—49.**—Eugenio III; S. Bernardo; reis da França e da Inglaterra.—*III Cruz., 1189—93*. Fred. I; reis da França e da Inglaterra.

264) **IV Cruz., 1202—4.**—Veneza, Zara, Constantinopla.—*V Cruz., 1213—21*; Damiata.

265) **VI Cruz., 1227—29.**—Fred. II.—*VII Cruz., 1248—54*. S. Luiz no Egypto.—*VIII Cruz, 1270*. S. Luiz em Tunis.

266) **Resultado.**—Abater o poderio dos Musulmanos.

França, 887—1328

267) **Ultimos**—Carlovingios e primeiros Capetos, *887—987*. Guerra civil.

268) **Primeiros**—successores de Hugo Capeto: Roberto II, Henrique I, Philippe I.

269) **Sorte da coroa**—nos sec. XII e XIII. Luiz VI e VII; Philippe Augusto, Luiz VIII.

270) **Albigenses**—Raymundo VI de Tolosa,—1ª campanha, *1209*; *II, 1213—15*; bat. de Muret, *13*; *III, 1216—29*.

271) **Ultimos**—Capetos directos. S. Luiz, Philippe III e IV: Matinas de Bruges e derrota de Courtray ou I bat. das Esporas, *1302*. Luiz X e Philippe V: *Lei salica, 1316*. Carlos V.

Inglaterra, 1066—1377

272) **Normandos, 1066—1154**—Guilherme I e II; S. Anselmo; Henrique I. Carta aos Barões. Estevam de Blois.

273) **Plantagenetas, 1154—1399.**—Henrique II, illustre e tyranno. Irlanda, Escossia, Galles, *Magna Carta*. Ricardo, João, Henrique III e o Parlamento. Eduardo I, II, III.

Guerra dos Cem Annos, 1339—1453

274) **Definição**—e divisão.

275) **Per. I**—Desastres francezes nas Ecluse, *40*, em Crecy e Calais, *46*, em Poitiers, *56*. Máu estado interior da França.

276) **Per. II.**—Gloria: C. V. e Du Guesclin.

277) **Guerra das Duas Joannas.**

278) **Estado interior**—da Inglaterra. Wiclef.
279) **Per. III.**—Desastres francezes. Loucura de C. VI. Armagnacs, etc. Derrota de Azincourt, *1415*.
280) **A Henrique V.**
281) **Per. IV.**—Joanna d'Arc, *29—31*; bat. de Castillon; victoria da França, *53*.

Hesp. Mus. e Christan

282) **Califado**—de Cordova, *756—1031*. Abderame I, II, III. Al-Hakem I e II. Hixam, Mohamed; bat. de Calatanasor, *999*. Anarchia. Desmembramento, *1031*.
283) **Pelagio.**—Asturias; Covadonga, *718*; Gijon, Oviedo, Leão.
284) **Navarra. 1000—1512.**
285) **Aragão 1038—1474.**
286) **Castella e Leão.**—Desastre de Alarcos, *1195*; victoria das Navas de Tolosa, *1212*.

Portugal

287) **Origem.**
288) **Dyn. de Borgonha, 1139—1383**—D. Aff. Henriques, etc. D. Diniz, rei sabio; Ordem de Christo; universidade, etc. D. Ignez e D. Pedro I.
289) **Interregno, 1383 — 85.**—D. Leonor, J. F. Andeiro e D. João.
290) **Dyn. de Aviz, 1385—1580.**—D. João I toma Ceuta, *1415*. D. Henrique e a Escola de Sagres. D. Duarte, rei illustrado. D. Affonso V.

Italia

291) **Duas Sicilias.**—R. Guiscardo e Rogerio. Bat. de Dragonara, *1053*. Hohenstaufen Carlos de Anjú; Vesperas Sicilianas, *1282*, e perda da Sic.
292) **Successores.**—C. o Coxo, R. o Sabio; Joanna I, deposta; Joanna II lega a sua herança á casa do Aragão, e logo á de Anjú.
293) **Republicas.**—Veneza, aristocratica e mysteriosa, *452, 696*.
294) **Genova**—inconstante Guerra de Caffa, *1350—55*. Item de Chioggia, *1378—81*.
295) **Pisa**—gibellina. Ugolino Bat. da Melloria, *1284*.
296) **Lombardia.**—Ezzelino em Padua; os Scaligeri, os Torriani, os Visconti, os Sforza em Milão.
297) **Florença**—republica democratica. Os Medicis. *1421*. **Roma**: Cencio, Arnaldo, Rienzi
298) **Grandes Companhias.**

Allemanha, 1250—1453

299) **Grande interregno. 50—73**
300) **Rodolpho**—e seus successores.
301) **Independencia**—da Suissa, *1308—88*.
302) **Luiz**—de Baviera e seus successores.
303) **Hussitas**—discipulos de Wiclef: suas guerras. Ziska; defenestração de Praga, *1419*.

Scandinavos e Slavos

304 e 305) **Scandinavos.**—Tres reinos: Dinamarca, Suecia e Noruega. Primeiro descobrimento da America.
306) **União de Calmar, 1397.**—Margarida Waldemar.
307) **Slavos.**—Polonia: Piastes, Jagellons, etc.
308) **Russia.**—Rurik; Novogorod, Kiew, Moscou.
309) **Mongoles**—Mongões ou Mongolios. Temudgin ou Gengis-Kan, *1162—1227*. Tamerlão, *1370—1405*, vence em Ancyra, *1402*.
310) **Turcos-Ottomanos. 1299.**—Turkestan; Janizaros e Spahis. Batalhas de Cassovia, *1389* e *1448*; de Nicopolis, *1396*; de Belgrado, *1435*; de Varna, *1444* João Hunyades e João Castriota
311) **Fim do**—imperio grego, *1262—1453*.

Civilização: sec. XII e XIII

312) **Emancipação**—dos servos. Communas.

313) **Estados-Geraes.**
314) **Lettras**—sciencias, etc.
315) **Universidades.**
316) **Linguas**—modernas.
317) **Linguas** — romanicas: provençal, lingua de *oil* ou do *oui*, italiano, hespanhol, etc.
318) **Sciencias**—artes, etc.
319) **Historia**—philosophia, theologia, etc.
320) **Renascimento.**—Sec. XIV; ep. de transição.
321) **Italia.**—Dante, Petrarca, Boccaccio, etc.
322) **Outras**—nações.

Sec. XV—Ep. de tradição

323) **Italia.**—Outras nações; sciencias, invenções, etc.

Historia Ecclesiastica

Per. IV.—De Calixto II a Bonifacio VIII

Lucta com o cesarismo, os infieis e os hereges

327) **Sec. XII.** — Papas, concilios, hereges, Ordens religiosas.
330) **Sec. XIII.**—Papas, concilios, Ordens religiosas.

Per. V.—De Bonifacio VIII a Luthero

Lucta com o cesarismo, as paixões, os Turcos

333) **Sec. XIV.** — Os Papas em Avinhão; scisma; concilios.
335) **Sec. XV.**—Fim do grande scisma; concilios, Ordens religiosas.

Historia Moderna
1453—1815

338) **Divisão**—em seis periodos. Factos principaes.

Periodo de transição

Estado da Europa no meado do sec. XV.
339) **Peninsula** — Iberica, Inglaterra, Escossia.
340) **França**—Italia, Norte, Polonia, imperio, Turcos.

França, 1453—98

341) **Carlos VII, 53—61**—Reformas.
342) **Luiz XI, 61—83.** — Guerra civil; Carlos o Temerario; Joanna Hachette. Guerra com a Austria; bat. de Guinegatte, *79*.
343) **Carlos VIII 83—98.**—Anna; guerra civil, tratados.

G. das Duas Rosas, 1455—85

344) **Inglaterra** — Origem desta guerra; razão do nome.
345) **Divisão**—em tres epocas. A Rosa Branca vence a principio, mas a victoria final cabe á Vermelha, representada por Henrique Tudor.
346) **Os Tudors, 1485—1603.**—Henrique VII, 85—1509.
347) **Hespanha. 1453—19.**—Casamento de Fernando com Isabel, *1469*; expulsão dos Mouros, *1492*; inquisição. Joanna a Louca, Philippe I, C. I; conquistas.
348) **Portugal.**—D. João II, *1481—95*; descobrimentos.
349) **Allemanha.**—Fred. III, *1440—93*; tratado de Presburgo, *91* Maximiliano I, *93—1519*: casamentos de consequencia.
350) **Italia.** — Duas Sicilias; politica do Papa; Turcos em Otranto.
351) **Florença.**—Pedro I, Lourenço e Julião; conspiração; guerra contra Roma e Napoles. Savonarola.
352) **Genova**—decae; *Veneza* perde o Oriente; Milão soffre com a guerra civil.
353) **A Saboia**—segue a França.
354) **Turquia, 1453—1520.** — Mahomet II, Bajazet II, Selim I.

Guerras da Italia, 1494-19

355) **Per. I.**— *Ep. I*, 94—95: expedição de C. VIII; *ep. II*, 98—03: Luiz XII e Fernando o Catholico: *ep. III*, 1508—13: Liga de Cambraia contra Veneza; bat. de Agnadelo, 9; Santa Liga de Julio II contra Luiz XII; bat. de Ravenna, *12*; bat. de Guinegatte ou 2.ª das Esporas, *13*.

356) **Per. II, 1515—19.**—Francisco I; o cardeal Schinner; bat. de Marinhano, *15*; Paz perpetua, etc.

Rivalidade entre a Casa d'Austria e a de França, 1521—59.

357) **Francisco I** — e C. V; origem da rivalidade.

358) **Cinco Guerras** —**I**: Pamplona *21*; Pavia, *25*; Madrid, *26*. —**II**: Saque de Roma, *27*; Paz de Cambraia, *29*;—**III**. Morte do duque de Milão, 35; tregua de Nizza, *38*.—**IV**: Bat. de Cerisole, *44*; tratado de Crespy, *44*. e de Guines, *46*.—**V**: Os tres bispados; tregua de Vaucelles e abdicação de C. V. *56*.

359) **Henrique II**—e Philippe II. Bat. de S Quintino, *57*; tomada de Calais, *58*; Paz de Cateau-Cambresis. *59*.

360) **Generaes**—illustres.

Descobrimentos Maritimos

361) **Des. castelhanos.**—Colombo, *1492*. Navegantes que o seguiram.

362) **Imperio**—colonial castelhano.

363) **Descobr. portuguezes.**—Vasco da Gama, Cabral, etc.

364) **Imperio**—colonial portuguez.

365) **D. Manuel, 1495-21.**—Chronicas, codigo, etc. Côrte Real.

Periodo II.— Reforma

366) **Ref. protestante**— Que é? Pretexto, *1517*.

367) **Occasião.**— As indulgencias.

368) **Principio**—fundamental. Origem do nome Protestantes. Discordia. Anabaptistas.

369) **Carlos V**— conciliante; Liga de Torgáu, 25, e de Smalkalde, 31. Mauricio de Saxonia; bat. de Mülhberg, 47; *Interim*, 48; Paz, 55.

370) **Propagação**—da Reforma na Suecia, Inglaterra, Escossia, Suissa, por G. Wasa. Ed. VI, Knox. Zuinglio. Calvino. Huguenotes.

371) **Reforma cath.** — Conc. de Trento, 37, 45, 63. Novas ordens religiosas.

372) **Portugal. 1521—81**—D. João III, 21—57; D. Sebastião, 57—78; D. Henrique, 78—80.

373) **Hespanha.**— Philippe II, 56—98, odiado por ser cath

374) **Independencia**—da Hollanda, *1579*. Margarida de Perma; *Les Gueux*; o Taciturno, Mauricio de Nassau, etc

375) **Escossia** — Os Stuarts no throno desde *1371*: tres Margaridas, tres casamentos e uma alliança; bat. de Flodden, *1513*.

376) **Inglaterra.**— Henrique VIII, *1509—47*. defensor da Fé; Anna Bolena, etc. Scisma, perseguição, etc. Ed. VI, *47—53*: Lutheranismo; Maria, *53—58*. catholica; Isabel, *58—1603*, prot., sanguinaria, despotica, etc.

377) **Escossia.**— Maria, *1542—87*. Seus infortunios, erros, e execução.

Per. III. — Primeiras consequencias da Reforma protestante.

França

378) **Guerras**—de religião *1559—96*.— Conspiração d'Amboise, 60; Poissy, *61*; Vassy, *62*.— **G. I.** Paz d'Amboise, *63*.—**II.** Paz de Longjumeau, *68*. III. Bat. de Jarnac. *69*; de Montcontour, *70*; Paz de S. Germano, *70*.—Matança de S. Bartholomeu, *72*, e Catharina de Medicis.—

IV—Paz da Rochella, *73*. V—Concessões aos Protestantes.
379) **Liga.**—Sua divisa, seu fim. Guerra dos tres Henriques.
380) **Henrique IV, 89—1610.**—Edicto de Nantes, *98*. Sully.

Inglaterra.—Stuarts, 1603—49

381) **Jayme I**—da Gran-Bretanha. Conspiração da polvora; perseguição. Carlos I, executado, 49.
382) **Cromwell. 49—58**, Protector, tyranno, etc., gloria no exterior.

França e Allemanha

383) **Luiz XIII. 1610—43.** Maria de Medicis. Concini e os Descontentes. Richelieu: triplice fim, etc.
384) **Allemanha.**—Successores de Carlos V.
385) **Guerra**—dos 30 Annos, *1618—48*. Causa, occasião, divisão.
386) **Per. I.**—Fred. V; victoria do imp. Fernando II. **Per. II.** Christiano IV; victoria imperial; edicto de restituição.—**III.**— Dieta de Ratisbona, *30*: Wallenstein; Gustavo Adolpho; bat. de Lutzen, *32*; Paz de Praga *35*.—**IV.** Intervenção directa da França, tratado de *Westphalia*, *48*
387) **Generaes**—illustres.

Per. IV.—Equilibrio

Luiz XIV, 1643—1715

388) **Idéa geral.**—Regencia; Anna de Austria e Mazarino; tratado dos Pyreneos, *59*; Fronda.
389) **Governo**—pessoal do rei, despotico e equivoco.
390) **Guerras**—de devolução, —*66 68*; triplice alliança; medalha.—*Da Hollanda*, *72—78*; summa gloria da França; tratado de *Nimega*, *78*.—*Da Grande Liga*, *86—97*; victorias francezas; tratado de *Rysswick*, *97*.
391) **Successão**—da Hespanha, *700—13*; Carlos II e sua herança; o duque de Anjú; guerra geral; derrotas francezas; tratado de *Utrecht* 13.

Port., Hesp. e Italia no sec. XVII

392) **Portugal.**—Restauração; casa de Bragança; D. João IV, *40—56*; D. Affonso VI, *56—83*, deposto em *67*; D. Pedro II, *83—06*; tratado de *Methuen*, 1703.
393) **Hespanha.**—Philippe III, *1598—21*, e o duque de Lerme; Phil IV, *21—65*, e o conde de Olivares; Carlos II, *65—700*.
394) **Italia.**—Decadencia geral; quatro systemas. Veneza e Genova.
395) **Toscana.**—Ducado de Florença, *1532*; Grão-ducado da Toscana, *1569*: Academia del Cimento; Galileu.—*A Saboia*, etc.

Inglaterra, 1658—1702

396) **Restauração.**—Ricardo; anarchia; Monk; *Carlos II*, *60—85*; bill do test. *74*; habeas corpus; Whigs e Tories, *Jayme II*, *85—88*, deposto.
397) **Guilherme III. 88—02.**—Declaração dos direitos.

Suecia e Russia

398) **Suecia.**—Gustavo Wasa, *1523—60*, independencia; Lutheranismo; etc. Erico XIV. João III. Sigismundo. Carlos IX, G. Adolpho, Christina, *1632—54*; Carlos X, XI, XII.
399) **Russia.**—*Ivão III*, *1462—1505*, autocrata e czar; *Ivão IV*, 1533—84, etc.
400) **Primeiros Romanos.**—Miguel, *1613—45*; Alexo, *45—76*; Feodor III, *76—82*; Pedro I, *82—1725*, reforma e cria tudo.
401) **C. XII e Pedro I.**—Carlos e a Dinamarca; Paz de Travendahl, *1700*, etc.

402) **Fim**—de Pedro I.
403) **Prussia**.—Fred. III coroado rei em 1701. Fred. Guilherme I, *1713—40*; Fred II, 40—86, impio, etc.
404) **Austria**.—José I, 1705—11; Carlos VI, 11—40; Maria Thereza, 40—80; Franc. I de Lorena, etc.

França.—Luiz XV, 1715—74

405) **Regencia**. 15—22: — Law; *Reinado*; ministros: Fleury, Choiseul, Maupeou.

Guerras

406) **G. da Successão da Polonia**. 1733—35.—Leczinski e Aug. III. Tratado de Vienna, 35. *Successão da Austria, 1740—48*; Moriamur .... Tratado de Aquisgrana, 48.
407) **G. dos Sete Annos**. 55—63. —Paz vergonhosa, 63 Rosbach.
408) **Polonia**.—Tres dyn.; batalha de Vienna, *1683*. Poniatowsky. Kosciusko. Finis Poloniæ.

Russia, 1725—96

409) **Successores**—de P. I: Catharina I, P. II, Anna, Isabel, P. III, *Catharina II*: Criméa, etc. Tratado de Kainardji, 74; de Sistova 91, de Iassy, 92, de Varella, 90

Inglaterra

410) **Successores** — de Guilherme III: Anna, 1702—14; Jorge I, II e III. Walpole.
411) **Conquistas**—na India Oriental. W. Hastings, etc. Calcuttá, etc. Tippou; systema protector.
412) **Independencia**—dos Estados-Unidos do Norte, 1776—83, auxiliada pela França. Paz de Versalhes, 3 de Set. de 83 Constituição, 87.
413) **Hespanha**.—*Burbons*: Philippe V, 1700 46: Alberoni e Ripperda. Fernando V, 46—59; Carlos III, 59—88; *C. IV*: Godoy, Napoleão, etc.
414)—**Portugal**—D. J. V.—6—50; Magestade Fidelissima. D. José e Pombal, 50—77; D. Maria I, 77—1816.
415) **Italia**.—Toscana: J. Gastão e Franc. de Lorena, Sardenha, Genova, Veneza, Napoles

Litteratura

Sec. XVI. — Renascimento puro

416) **Italia**.
417) **Hespanha**—e Portugal.
418) **Paizes-Baixos**. — Allemanha, Inglaterra, França.
419) **Sciencias**.
420) **Sec. XVII**.—França.
421) **Historia**—Latim etc.
422) **Italia**—Inglaterra, Portugal.
423) **Bellas-Artes**.
424) **Sec. XVIII**.—*Decadencia*. Litteratura na França, Inglaterra, Allemanha, Italia
425) **Hespanha**—e Portugal.
426) **Artes e sciencias**.
427) **Sciencias**—naturaes.

Historia Ecclesiastica

Per. VI.—De Luthero a Napoleão I, 1517—1814

Lucta com o protestantismo e suas consequencias

428) **Sec. XVI**.—Papas.
429) **Sec. XVII**.—Papas.
430) **Ordens**—religiosas.
431) **Sec. XVIII**.—Papas.
432) **Ordens**—religiosas.

Periodo V

Ultimas consequencias da Reforma protestante

Revolução Franceza

433) **Causas**.—Reforma, despotismo, Jansenismo, philosophos, finanças, agitação, etc.

434) **Preludios.**—Luiz XVI.
435) **Estados Geraes. 5 de Maio de 89.**—Constituinte; factos.
436) **Assembléa**—legislativa, 91—92. Girondinos e Montanha. Acontecimentos.
437) **Convenção** — nacional, 92—93. Morte do rei; proscripção dos Girondinos; proclamação da republica. 22 de Setembro de 92.
438) **Terror.**—Suas façanhas.
439) **Reacção**—thermidorial, 94—95.
440) **Primeira Colligação.**
441) **Directorio**—95—99.
442) **II Colligação.**
443) **Napoleão.**—Seus principios; Toulon. *Italia*: Tolentino e Campo-Formio 97; *Egypto*: Malta, Pyramides (98), Monte Thabor e Aboukir, 99. Nelson.
444) **Consulado**, 99—1804, *imperio*, 4—15. Pio VII.
445) **III Colligação.**—Bat. de Trafalgar e de Austerlitz; tratado de Presburgo, *1805*. — IV Colligação, 1806; bat. de Iena; bloqueio; tratado de Tilsit, *1806*.
446) **G. da Hespanha, 1808.** — V Colligação: bat. de Wagram, 9.
447) **Pio VII.**—Campanha da Russia, 12—13; VI Colligação, 13—14.
448) **I Restauração.** — Os Cem Dias. Bat. de Waterloo, 15. S. Helena, 14—21.

Historia Contemporanea

Abalo geral da Sociedade

Consequencias dos principios proclamados na revolução franceza

Per. I.—Restauração

449) **Congresso**—de Vienna 14—15.
450) **Luiz XVIII, 14—24.**—Posição difficil
451 **Partidos.**—Camaras.
452) **Movimento** — revolucionario, 1820, em toda a Europa.
453) **Remedios** — insufficientes; a S. Alliança; os congressos.
454 **A França**—na Hespanha, 23.
455) **Carlos X, 24-30.**
456) **Revolução**—de Julho, Luiz-Philippe.
457) **Inglaterra.**—Whigs e Tories.
458) **Portugal.**—D Miguel, etc.
459) **Allemanha.**—Duas escolas. Zollverein
460) **Independencia** — da Grecia, 21—29. Heterias, Philomusas; Russia, França, Inglaterra, Navarino etc. Tratado d'Andrinopla, 29. Othão da Baviera, 32—62; Jorge da Dinamarca.

America

461) **Estados-Unidos** — J. Washington; difficuldades. Wiskey rebellion, Jefferson, Monroe, etc.
462) **Guerra**—com a Gran-Bretanha, 12—14. Paz de Gand. Conquista do Texas, etc.
463) **Colonias** — hispano-americanas. *Mexico*, 1810—29. Hidalgo, Morelos, Iturbide. Victoria de Tampico, 29. — *Guatemala*.
464) **Colombia. 1811—24**—Miranda e Bolivar. Victorias de Boyaca (19), de *Carabobo* (22), de Junin e de Ayacucho, 24.
465) **O Prata, 1810—19.** — Congresso do Tucuman. **Uruguay.**—**Chile**: gen. S. Martinho, etc Cochrane. *Perú*: congresso de Tacubaya, 29—30; desunião geral.
466) **Brasil.**—Independencia, *22*; Abdicação de Pedro I, *31*.

Per. II.—1830—48

Consequencias da Revolução de Julho

467) **Na França.**—Luiz Philippe; sua politica; seus ministros.
468) **Na Belgica**—que conquista a sua independencia, 1830.
469) **Na Polonia, 1830** — que, insurgindo-se, fica esmagada.
470) **Na Suissa.**—O Sunderbune.
471) **Na Allemanha.**—Movimentos constitucionaes.

472) **Na Italia.** — Agitação revolucionaria.
473) **Na Inglaterra.** — Whigs e Tories.
474) **Na Hespanha.** — Christinos e Carlistas.
475) **Em Portugal.** — Miguelistas.
476) **D. Carlos.** — Guerra civil na Hespanha.
477) **Ultima parte** — do reinado de Luiz Philippe.
478) **Conquista** — da Argelia, 30—47.

A Europa e o Oriente

479) **Imperio Ottomano.** — Decadencia; perdas.
480) *Egypto.* — Tratado dos Estreitos, *40*.
481) **Inglezes e Russos** — no Oriente.
482) **Afghanistan.** — Herat, Caboul e Candahar.
483) **A Inglaterra** — e a França na China. Guerra do opio, *40*; tratado de Nankim, *42*; de Wampôa, 44.

Per. III

Revolução de 1848

484) **França.** — Quéda de Luiz Philippe.
485) **Austria.** — Revolução em Vienna, em Praga e na Hungria. Capitulação de Vilagos, *49*.
486) **Allemanha** — Berlim; parlamento de Francfort
487) **Grande e pequena** — Allemanha. Dois partidos.
488) **Parlamento de Erfurt.**
489) **Italia.** — Pio IX e o Piemonte. Constituição.
490) **Lombardia.** — Insurreição.
491) **Roma.** — Pio IX fóge, etc.
492) **Principados** — danubianos. Revolta. Convenção de Balta-Liman, 49.

Per. IV

A Europa e a America desde 1850 até 1870

493) **Napoleão III** — presidente da republica franceza.
494) **Imperio** — de Napoleão III.
495) **Guerra da Criméa, 53—55,** — contra a Russia. Congresso de Pariz, *56*.
496) **Principados** — danubianos separados e unidos. Cusa; Rumania; Hohenzollern.
497) **Questão italiana.** — Cavour.
498) **Guerra** — na Lombardia, 1859. Napoleão; bat. de Magenta e de Solferino. Preliminares de Villa Franca. Tratado de Zurich.
499) **Artimanhas** — sectarias. Farini e seus companheiros na alta Italia e na central; Garibaldi na Sicilia.
500) **Intervenção** — armada do Piemonte, *60*. Castelfidardo, Ancona, Gaeta.
501 **Guerra** — do Mexico, 61—67. Sant'Anna, anarchia, etc. Juarez; invasão.
502) **Victorias** — e desastres. Os Francezes na capital. Maximiliano, imperador
503 **Napoleão** — retira as tropas, e Max. morre fuzilado.
504) **Questão** — dinamarqueza.
505) **Solução.** — Revolta, execução federal; Austria e Prussia.
506) **Questão alleman.** — Derrota da Austria em Sadowa, *66*.
507) **Tratado de Praga, 66.** — A Austria fóra da Germania.
508) **Hespanha.** — Revolução de 68. Topete, Serrano, Prim.
509) **Monarchia.** — Amadeu I; D. Carlos; communistas; o gen. Concha.
510) **Restauração, 74.** — Affonso XII e XIII.
511) **Questão romana.** — Pio IX; retirada dos Francezes; Garibaldi em Mentana, *67*.
512) **Guerra** — franco-prussiana, 70. Causas. Desastres francezes. Thiers; tratado de Francfort, *71*.
513) **Communa** — de Pariz. Mac-Mahon.

514) **A França**—na Syria. 60. Matança de Christãos. Canal de Suez.
515) **A França**—e a Inglaterra na China, *56—65*.
516) **O Japão**—aberto aos extrangeiros.
517) **A França**—na Cochinchina.
518) **A Inglaterra**—na Abyssinia, 68.

America

519) **Estados-Unidos**. — Seu progresso.
520) **Causas**—da guerra civil.
521) **A guerra**. 61—65.—Victoria do Norte.
522) **Batalhas. 252.**—Generaes.
523) **Reorganização**—e progresso.
524) **Estados**—e territorios.
525) **O territorio**—da Alaska.
526) **Os indigenas**—da Alaska: tres grupos, etc.
527) **Usos**—communs
528) **America**—do Sul: Mexico, Colombia e Venezuela.
529) **Equador.**—Garcia Moreno.
530) **Perú.**—Sua guerra com a Hespanha, 66—68.
531) **Chile.**—Guerra contra o Perú e a Bolivia. Guerra civil.
532) **Republicas do Prata.**—*Paraguay*: Francia e os dois Lopes. *Confederação Argentina*: Rosas; partidos. *Uruguay*.
533) **Brasil.**—Pedro II; guerra do Paraguay. Republica, 89.

Per. V.—A Europa até nossos dias

534) **Portugal.**—D. Maria II.
535) **Ultimos reis.**—Progresso, etc.
536) **França.**—Os partidos.
537) **Pacto de Bordéos.**—Constituição Rivét, etc.
538) **Governo**—de Thiers, Mac-Mahon, etc.
539) **Terceira Republica.**
540) **A França**—na regencia de Tunis, na China e no Madagascar.
541) **Roma.**—Pio IX, Victor Manuel e Leão XIII. A Italia no Mar Vermelho.
542) **Allemanha.**—Novo imperio germanico.
543) **Russia.**—O czar e os Nihilistas.
544) **Guerra**—turco-russa, 76—78. Revolução na Herzegovina. Guerra aberta.
545) **Congresso de Berlim, 78.**—Suas disposições.
546) **Consequencias.**—A Rumelia annexada á Bulgaria. Battemberg deposto pela Russia.
547) **Fernando**—principe da Bulgaria.
548) **Servia.**—Abdicação de Milão.
549) **A Europa e o Egypto. 78.**
550) **Revolta e guerra.**—Araby, o Khedive e os Ingleses. *Vesperas Alexandrinas*.
551) **Consequencias.**
552) **A Inglaterra**—e o Canadá.
553) **A Inglaterra**—e a Irlanda. O boycotting e o home rule, etc.
554) **A Inglaterra**—e a Australia. Caracter desta colonia.
555) **Religião Catholica.**—Origem da egreja australiana.
556) **A Inglaterra**—no Afghanistan.
557) **A Russia**—no sul do Caspio.
558) **A Inglaterra**—na India.
559) **No Pamir.**
560) **No Belutchistan.**
561) **Na Africa**—meridional
562) **Minas**—auriferas na California, Australia, Alaska, etc.

Descobrimentos e invenções, sciencias, artes e lettras no Sec. XIX.

563) **Descobrimentos**—geographicos.
564) **Invenções.**—Applicação do vapor á navegação, etc.—Illuminação a gaz, telegrapho, phonographo, telé-

phono, microphono, phosphoros, photographia, lithographia.

565) **Litteratura** — na Inglaterra, Allemanha, Dinamarca, Belgica, Russia, Suissa, Hespanha, Portugal, Brasil, Estados-Unidos, Italia e França.

566) **Sciencias** — e artes.

567) **Tendencia** — actual do mundo.

LISTA ALPHABETICA DAS CIDADES E LOGARES MAIS NOTAVEIS RELATIVAMENTE Á HISTORIA

A

Aboukir — ant. *Canope* ou *Caposires*, villa do B. Egypto, a 17 k. N. E. de Alexandria.

Accio — cid. da Acarnania na entrada do golpho de Ambrosia.

Adana — na Asia M., cid. da Turquia, a 25 k. do Mediterraneo.

Agnadelo — villa da Lombardia, a N. E. de Lodi.

Aix — cid. da Provença, a 29 k. N. de Marselha.

Alarcos — logar da Nova Castella perto de Calatrava.

Alby — cid. da França, sobre o Tar.

Alcoy — cid. da Hespanha (Valencia), a 35 k. N. d'Alicante.

Alep — cid. da Syria, a 200 k. N. E. de Damasco.

Alexandria — cid. do B. Egypto.

Allia — pequeno rio do Lacio, ao N. E. de Roma.

Amiens — cid. sobre o Somma, a 128 k. N. E. de Pariz.

Amorium — cid. da Galacia, na Asia M.

Amphipolis — cid. da Macedonia, perto da foz do Rio Strymonio.

Anagni — cid. a E. de Roma.

Ancyra — cid. da Cappadocia na Asia M.

Andelot — cid. da França (Haute Marne).

Andrinopla — cid. da Turquia européa, a 230 k. N. O. de Constantinopla.

Anjú — ant. prov. de França; forma h. o departamento Maine et Loire.

Acüs — rio do Epiro, que desagua no Mediterraneo, perto de Apollonia.

Aquilléa — cid. no fundo do Adriatico.

Arbellas — h. *Erbil*, cid. da Assyria a L. de Ninive.

Arginusas — ilhas do mar Egéo, entre Lesbos e a costa da Asia M.

Argos — cap. da Argolida, na Grecia.

Arles — cid. da França merid. (Bouches du-Rhônes).

Arpino — cid. da Italia merid., na Terra de Lavoro.

Arzilla — cid. e porto de Marrocos, sobre o Atlantico, no S. O. de Tanger.

Asculum — h. *Ascoli*, cid. do Piceno, na Italia central.

Asculum — cid. da Apulia, na Italia merid. Bat. de Pyrrho.

Aspromonte — villa perto de Regio de Calabria.

Austerlitz — cid. da Moravia.

Avaris — ant. *Tanis*, cid. do B. Egypto, no pequeno Delta, a N. E.

Ayacucho — cid. do Perú, mais conhecida com o nome Huamanga ou La Paz, a 330 k. E. S. E. de Lima.

Azoto — cid. dos Philistéos sobre o Mediterraneo, no O. de Jerusalém, e ao N. d'Ascalon.

B

Balta Liman — porto da Turquia européa, sobre o Bosphoro, perto de Constantinopla.

Barcino — h. *Barcellona*, cid. e porto da Hesp., sobre o Mediterraneo.

Barnet — villa da Inglaterra, a 16 k. N. O. de Londres.

Basiléa — cid. da Suissa, sobre o Rheno.

Bassora—cid. da Turquia asiatica, sobre o Chat-el-Arab.

Bautzen—cid. da Saxonia.

Bayona—do Basco *baia ona*, bahia boa, cid. e porto dos B. Pyreneus, a 4 k. do Atlantico.

Beauvais—cid. da França (Oise), ao N. de Pariz.

Belgrado—cap. da Servia, sobre o Danubio.

Benares—cid. da India ingleza, sobre o Ganges, ao N. O. de Calcuttá.

Benevento—cid. da Italia merid., ao S. E. de Roma.

Berezina—rio da Russia, affluente do Dnieper.

Bergamo—cid. da Lombardia, ao N. E. de Milão.

Besançon—cap. do departamento do Doubs, a S. E. de Pariz.

Béziers—cid. da França merid. ao S. O. de Montpellier.

Bilbáo—cap. da Biscaia, sobre o Atlantico.

Blois—sobre o Loira, cap. do depart. Loire et Chet.

Bog—confluente do Dnieper.

Bogotá—cap. da N. Granada, a 2700 m sobre o nivel do mar.

Borodino—cid. da Russia, sobre o Moscova, a 115 k. S. O. de Moscou.

Boyaca—cid. da N. Granada, ao N. E. de Bogotá.

Brenneville—logar do ant. Vexin (Eure).

Bretigny—villa do depart. d'Eure et-Loir.

Bruges—cap. da Flandres occid. ao N. O. de Bruxellas.

Brunnen—burgo da Suissa, sobre o lago dos Quatro Cantões.

Bubastes—cid. do B. Nilo, sobre uma das sete boccas desse rio.

Bucharest—cap. da Valachia.

Bugia—cid. da Argelia, sobre o Medit., ao N. O. de Constantina.

C

Caen—ant. cap. da B. Normandia.

Caffa—cid. e porto de Crimêa.

Cahors—cap. do depart. do Lot, ao S. de Pariz.

Calcuttá—cap. da India ingleza, sobre o Hugly, no delta do Ganges.

Callinico—ou *Nicephorium*, h. *Rekka*, cid. da Mesopotamia, na confluencia do Euphrates e do Belés.

Calmar—cid. e porto da Suecia em uma pequena ilha.

Cambraia—cid. do depart. do Norte, sobre o Escalda.

Cambridge—cid. da Ingl. ao N. E. de Londres.

Campoformio—cid. da Venecia, no Friule.

Cannes—cid. da ant. Apulia, sobre o Aufido, perto do Adriatico.

Cannes—cid. e porto da França, sobre o Med. entre Marselha e Nizza.

Canossa—ant. castello na A. Italia, no S. O. de Reggio.

Capua—ou *Vulturnum*, cidade da Terra de Lavoro, ao N. de Napoles.

Carabobo—burgo, outeiro e prov. da Venezuela.

Caracas—cap. da Venezuela.

Carcassona—cap. do departam. do Aude, na França merid.

Carlowitz—cid. da Esclavonia, sobre o Danubio.

Carlsbad—no ducado de Baden.

Carrhes—h. *Harran*, cid. da Mesop. no S. de Edessa.

Carthagena—cid. e porto da Hespanha, Murcia, sobre o Medit.

Cassovia—planicie da Servia, banhada pelo Drino.

Cateau-Cambresis—cid. no depart. do N., no S. E. de Cambraia.

Caudium—h. *Airola* ou *Arienze*, cid. do Samnio, no S. E. de Capua.

Celorico—villa de Port., na prov. da Beira.

Céos—h. *Zéa*, uma das Cycladas, no S. E. do Cabo *Sunium*, na Attica.

Ceuta—cid. de Marrocos, fronteira a Gibraltar.

Chacabuco—cid. do Chile, ao N. E. de Santiago.

Chalcedonia—cid. da Bithynia, sobre o Bosphoro, fronteira a Constantinopla.

Chandernagor—feitoria franceza em Bengala, a 31 k. de Calcuttá, sobre o Hugly.

Cheronéa — cid. da Beocia, ao N. O.

Chioggia — cid. da Venecia, a 24 k. S. de Veneza.

Chuquisaca, Charcas ou **La Plata** — cap. da Bolivia

Clermont — cap. do depart. do Puy-de-Dôme, na França merid.

Cluny — cid. (Saône et Loire) a 20 k. N. O. de Macôn. Possue as ruinas do ant. mosteiro.

Clusium — h. *Chiusi*, cid da Etruria, sobre o Clanis.

Cnido — cid. da Caria, na Doride, sobre a costa merid.

Colchida — h. *Imerethia* e *Mingrelia*, paiz entre o Caucaso e o mar Negro.

Compiégne — cid. (Oise) a 101 k. N. E. de Pariz.

Comportas — *Ecluse* ou *Sluys*, cid. e porto da Hollanda, no mar do Norte.

Constança — cid. do Grão-ducado de Baden, sobre o Rheno.

Corcyra — h. *Corfú*, ilha do mar Jonio, fronteira ás costas do Epiro.

Cordova — cid. na ant. Andaluzia, sobre o Guadalquivir.

Corfinio — h. S. *Serino*, cid. do Samnio, na Italia merid.

Cos — ilha do mar Egéo, fronteira á Caria na Asia M.

Cosenza — cid. da Italia merid., na Calabria Citerior.

Courtray — cid. da Belgica, na Flandres occid.

Crespy — cid. do depart. do Aisne a 9 k. N. O. de Laon.

Crotona — h. *Cortona*, cid. da Italia merid. no Brucio, sobre o mar.

Cucutá — cid. da Nova Granada.

Cufa — cid. ao S. de Bagdad.

Cuma — cid. da Asia M. na Eolia.

Cuma — cid. da Campania, sobre o mar, ao N. de Napoles.

Custozza — villa da Venecia a 3 k. de Verona.

Cydno — h. *Cara-su*. rio da Cilicia, que passa por Tarso.

Cynocephalos — *cabeças de cães*, serra da Thessalia.

Cyzico — cid. da Mysia, sobre o mar de Marmara.

D

Damasco — cid. da Syria.

Damiata — ou *Damiette*, cid. do B. Egypto, a 9 k. do mar.

Dantzick — cid. e porto da Prussia, perto da foz do Vistula.

Delphos — h. *Castri*, cid da Phocide, no S. O. do Parnasso.

Dettingen — villa da Baviera no B. Meno

Dijon — cap. do depart. da Côte-d'Or.

Dnieper e Dniester — rios da Russia, que desaguam no mar Negro.

Drepano — h. *Trapani*, cid. e promontorio na costa occidental da Sicilia.

Dunkerque — cid. e porto ao N. da França.

E

Edessa — h. *Orfa*, cid. da Mesopotamia.

Edessa — h *Vodina*, cid. da Macedonia (Emathia).

Egates — tres ilhas perto da costa occid. da Sicilia.

Egos-Pótamos — h. *Indjé limen* ou *Galata*, riacho da Thracia.

Ehresburgo — h. *Stadtberg* ou *Marsberg*, entre Cassel e Paderborn, na Westphalia.

Elba — rio, que nasce na Bohemia e desagua no mar do N.

Enna — h. *Castrogiovanni*, cid. da Sicilia sobre o Himero.

Erfurt — cid. da Saxonia, na ant. Thuringia.

Erymanthos — h. *Olonos*, monte ao N. O da Arcadia (Grecia).

Essling — cid da Austria, a 9 k. E. de Vienna.

Estella — cid. da Hespanha, no S. O. de Pamplona (Navarra).

Etaple — cid. no Passo de Calais.

Eubéa — h. *Negroponte*, ilha a léste da Attica.

Eurymedonte — rio da Pamphilia, na Asia M.

Evesham — cid. da Ingl., a 24 k. S. E. de Worcester, sobre o Avon.

Evora—cid. de Portugal, no Alemtejo, a 128 k. E. de Lisboa.
Evora-Monte—villa ao N. E. de Evora
Exham—cid. do Northumberland, na Ingl.
Eyláu—cid. da Prussia oriental.

F

Fanagoria—cid. forte da Russia, na ilha de Taman, sobre o mar Negro, na foz do Kuban.
Fiesole—cid. da Toscana, a 6 k. N. E. de Florença.
Fleurus—cid. da Belgica (Hainaut), sobre o Sambre.
Fontainebleau—cid. a 60 k. S. E. de Pariz.
Fontnoy—cid. da Belgica (Hainaut), a 7 k. S. E. de Tournay.
Fornovo—villa da Italia sept., a 22 k. S. E. de Parma.
Francfort—cid. sobre o Meno, a 31 k. N. E. de Moguncia.
Frederikshall—cid. da Noruega, a 25 k. S. E. de Christiania.
Friedland—cid. da Prussia.
Friule—prov. na parte oriental da Venecia, sobre o Adriatico.

G

Gaëta—cid. forte, sobre o Mediterraneo, a 70 k. N. O. de Napoles.
Gallipoli—cid. forte da Turquia européa, sobre a costa occid. dos Dardanellos.
Gand—cap. da Flandres oriental.
Garilhano—ou *Liris*, rio da Italia merid.
Gaza—cid. dos Philisteos, sobre o mar, ao S. d'Ascalon, e ao N. de Raphia.
Gila—rio do Mexico, affluente do Colorado.
Gisors—ant. cap. do Vexin normando, sobre o Epte.
Goïto—villa da Venecia, sobre o Mincio, a 12 k. de Mantua.
Gordio—cid. da Phrygia, sobre o Sangario.
Granico—h. *Ustavolasu*, rio da Mysia, que desagua no mar de Marmara.
Granson—cid. da Suissa (Vaud).
Gravelot—villa, perto de Metz.
Grenoble—cid. forte da França, sobre o Isère, no S. E. de Pariz.
Guinegatte—logar no Passo de Calais, a 20 k. N. O. de S. Omer.
Guines—cid. no Passo de Calais, a 31 k. N. E. de Boulogne.

H

Hadrumetum—cid. maritima da Africa, ao S. de Carthargo, na Byzacena.
Haliarte—cid. da Beocia, ao Sul do lago Copais.
Hastings—cid. maritima da Ingl. (Sussex), ao S. de Londres.
Heidelberg—cid. do Grão-ducado de Baden, sobre o Neker.
Helos—cid. da Laconia, ao S.
Hemus—h. *Balkanos*, serra que divide a Thessalia da Mesia Inferior.
Heraclea-Lucaniæ—h. *Policoro*, cid. no golpho de Tarento.

I

Iassy—cap. da Moldavia.
Iena—cid. do Grão-ducado de Saxe-Weimar.
Ipso—villa da Phrygia.
Ischia—ilha na entrada do golpho de Napoles: 35 k. em circumferencia.
Isso—h. *Aiazzo*, cid. da Cilicia, no fundo do golpho Issico, no angulo N. E. do Mediterraneo.
Ivréa—cid. da Italia sept., a 49 k. de Turim.

J

Jaffa—cid. e porto da Syria, sobre o Medit. a 55 k. de Jerusalém.
Janina—cid. da Turquia européa, na Albania.
Junin—villa do Perú, ao N. E. de Lima.

K

Kalnardji—cid. da Bulgaria, a 70 k. S. de Silistria.

Khorsabad—villa da Turquia asiatica, abandonada, a 20 k. N. E. de Mossul.

Kiercy—cid. do depart. do Aisne, sobre o Oise.

Kiew—cid. da Russia européa, sobre o Dnieper.

Kinburn—cid. da Russia (Tauride), na foz do Dnieper.

Kutayeh—cid. da Russia asiatica, no S. E. de Constantinopla.

L

Lagos Amargos—entre Suez e Porto-Said, são cortados pelo canal de Suez.

Legnago—cid. forte da Venecia, sobre o Adige, a 35 k. S. E. de Verona.

Legnano—cid. da Lombardia, sobre o Olona, a 24 k. N. O. de Milão.

Leipzick ou **Lipsia**—cid. da Saxonia.

Lepando ou **Naupactus**—cid. e porto da Grecia, no golpho de Corynthe.

Lerna—h. *Mili*,—cantão da Argolida.

Lesbos—h. *Metelim*, ilha do mar Egéo, fronteira á costa da Asia M.

Leuctra—villa da Beocia, no S. O. de Thebas.

Lilybéo—h. *Marsala*, cid. e porto na ponta N. O. da Sicilia.

Lissa—ilha dos estados austriacos (Dalmacia), no Adriatico.

Luceria—cid. da Italia merid. (Capitanata).

Lutzen—cid. da Saxonia.

M

Mageddo—cid. da Palestina, na meia tribu occid. de Manassés.

Magenta—cid. da Lombardia, a 34 k. N. O. de Pavia.

Magnesia—cid. da Lydia, na Asia M.

Malaga—cid. e porto da Andaluzia, sobre o Medit.

Mamerte—h. *Oppido*, cid. do Brucio, fronteira a Messina.

Mantinéa—cid. da Arcadia, perto da Argolida.

Marathona—logar da Attica, a 30 k. E. de Athenas.

Marchfeld—logar da B. Austria, sobre o Marche e perto do Laa.

Marengo—villa da Italia sept., a 4 k. S. E. de Alexandria.

Marinhano—cid. da Lombardia, a 15 k. S. E. de Milão

Marsala—vide *Lilybéo*.

Maypo—planicie do Chile, a 70 k. S. E. de Santiago.

Meaux—cid. sobre o Marna, a 44 k. N. E. de Pariz.

Megalopolis—cid. da Arcadia.

Melloria—ilha do Medit., na costa da Toscana, no S. O. de Liorne.

Memphis—cid. do Egypto ant. na Heptanomide, sobre o Nilo.

Mentana—villa ao N. de Roma.

Messina—ant. *Zancles*, cid. e porto da Sicilia, na ponta N. E. da ilha.

Metauro—rio da Italia cent. des agua no Adriatico perto de Fano.

Mileto—cid. da Asia M., sobre a costa occid. da Caria.

Minturno—cid. do Lacio merid., perto da foz do Liris.

Montebello—villa do Piemonte, a 40 k. E. N. E. de Alexandria.

Montecassino—villa e celebre mosteiro da Italia merid. (Terra de Lavoro), a 80 k. N. O. de Napoles.

Monza—cid. da Lombardia, a 17 k. N. E. de Milão.

Mopsueste—cid. da Cilicia, sobre o Pyramo.

Morat—villa da Suissa a 13 k. N. de Friburgo.

Morgarten—desfiladeiro da Suissa entre os cantões de Schwitz e de Zug.

Mossul—cid. da Turquia asiatica, sobre o Tigre.

Muret—cid. da França, sobre o Garonna, a 20 k. S. O de Tolosa.

N

Nancy—cid. da França, na Lorena.

Nantes—cid. sobre o Loira, no O. da França.

Narnia—h. *Narni*, cid. sobre o rio Nera, a 65 k. N. de Roma.

Narva—cid. e porto da Russia, no golpho de Finlandia.

Naseby—villa da Ingl. no Northumberland.

Nassau—cid. do imp. allemão (Prussia), sobre o Lahn, ao N. E. de Wiesbaden.

Nauplia—h. *Napoli de Romania*, cid. a 40 k. S. de Corintho.

Navarino—cid. e porto na costa occid. da Moréa (Messenia).

Neméa—cid. da Grecia ant. (Argolida).

Nezib—ant. *Nisibis*, cid. ao N. O. de Mossul.

Nezib—villa da Syria, entre Alep e Marach, não longe do Euphrates.

Nicéa—h. **Isnik**, cid. da Bithynia, sobre o lago Ascanius.

Nicomedia—h. *Isnikmid*, cid. da Bithynia, sobre o mar de Marmara.

Nicopolis—h. *Nicopole*, cid. da Mesia Inf., sobre o Danubio. Pertence á Bulgaria.

Nola—cid. da Italia merid. (Terra de Lavoro), a 37 k. S. E. de Capua.

Northampton—cid. da Ing. ao N. O. de Londres.

Noyon—cid. da França, perto do Oise, a 24 k. N. E. de Compiégne.

O

Odessa—cid. da Russia européa, sobre o mar Negro.

Olmutz—cid. da Moravia.

Oltenitza—villa da Valachia sobre o Danubio, a 50 k. S. E. de Bucharest.

Olympo—serra da Grecia entre a Thessalia e a Macedonia. O monte Olympo propriamente dito tem 2972 m. de altura.

Oran—cid. maritima da Argelia.

Orange—cid. da França (Vaucluse), a 30 k. N. d'Avinhão.

Orange—ant. principado incluido no condado Venaissino. Tinha 60 k. sobre 30.

Orchomena—h. *Kalpako*, cid. da Arcadia.

Orléans—cid. da França sobre o Loira, entre Pariz e Bordéos.

Osca—h. *Huesca*, cid. da Hespanha tarragoneza, ao N. O. de Saragossa.

Otranto—cid. da B. Italia, sobre o Adriatico.

Ourique—villa de Portugal, no Alemtejo.

Oxford—(de *oxen ford*), cid. da Ingl.

P

Palestro—villa da Italia sept., perto do Sezia.

Pamplona—ant. *Pompeiopolis*, cap. da Navarra.

Parma—cid. da Italia sept., cap. do ducado do mesmo nome.

Passarowitch—cid. da Servia, perto do Morava.

Pavia—ant. *Ticinum*, na confluencia do Ticino com o Pó.

Pella—cid. da Macedonia (Emathia), cap. do reino de Philippe, pae de Alexandre.

Pelusa—ant. *Avaris*, h. *Tineh*, cid. e porto do B. Egypto ant., sobre o braço oriental do Nilo.

Pergamo—cid. da Mysia.

Peronne—cid. da França, sobre o Somma, a 51 k. E. d'Amiens.

Persepolis—cid. da Persia, sobre o Araxe.

Perusa—cid. da Italia central, perto do Tibre, a L. do Trasimeno, e ao N. de Roma.

Peschiera—cid. forte da Italia sept., sobre o Mincio, a 24 k. de Verona. Com Mantua, Verona e Legnago, fórma o famoso quadrilatero austriaco.

Peterwardin—cid. da Hungria, sobre o Danubio.

Pharsalia—h. *Farza* ou *Farsala*, cid. da Thessalia, quasi no centro.
Pillnitz—villa da Saxonia, sobre o Elba a 9 k. de Dresda.
Pindo—h. *Mezzovo*, serra que divide a Thessalia da Athamania no Epiro.
Piréo—porto de Athenas, a 8 k. dessa cidade.
Pisa—cid. da Toscana, sobre o Arno.
Pistoia—cid. da Toscana, a 30 k. N. O. de Florença.
Placencia—cid. da Italia sept., sobre o Pó.
Poitiers—cid. entre Bordéos e Pariz.
Pollencia—h. *Polenza*, cid. da Liguria, ao S. de Turim.
Praga—cid. da Polonia, sobre o Vistula, fronteira a Varsovia.
Presburgo—cid. da Hungria, sobre o Danubio.
Pruth—affluente do Danubio, ao qual se reune perto de Galatz.
Puebla—cid. do Mexico, no S. E. da cap.
Pydna—h. *Kitros*, cid. da Macedonia, sobre o golpho Thermaico.

Q

Queretaro—cid. do Mexico a 80 k. N. O. da cap.

R

Rambouillet—cid. da França (Seine et Oise), a 32 k. S. O. de Versalhes.
Raphia—h. *Refah*, cid. na fronteira da Syria e do Egypto, ao S. de Gaza.
Ravenna—cid. da Italia central, perto do Adriatico.
Regil—h. *Santa Prastede*, cid. e lago a 31 k. E. de Roma.
Reims—cid. da França (Marne), ao N. E. de Pariz.
Reuss—rio da Suissa, no cantão de Uri. Fórma o Lago dos Quatro Cantões.
Rhodes—ilha do Medit., sobre a costa S. O. da Asia M.
Roncevalles—villa da Hesp., a 31 k. N. E. de Pamplona.
Ruão—cid. da França, ao N. O. de Pariz.
Rubicon—h. *Pisatello*, pequeno rio da Italia central. Desagua no Adriatico.

S

Sadowa—cid. da Bohemia, perto de Kœnigin-graetz.
Saintes—cid. da França sobre o Charente, a 69 k. S. E. da Rochella.
Saïs—cid. do Egypto ant., no Delta, ao N. perto do lago Butus.
Salamina—grande ilha, a 4 k. O. da costa da Attica
Salerno—cid. da Italia merid., no S. E. de Napoles.
Samos—ilha do mar Egéo, perto da costa occid. da Asia M.
S. Germano—cid. da Italia merid., ao pé do Montecassino.
S. João d'Acre—ant. *Acco* e *Ptolemaïs*, cid. da Syria, sobre o Med., ao N. O. de Jerusalém.
Saragossa—ant. cap. do Aragão, sobre o Ebro.
Sardes—ant. cap. da Lydia, na Asia M.
Sardica—h. *Sophia* cid. da Dacia Inf., h. da Bulgaria, sobre o Rogana e perto dos Balkanos.
Sarrebruck—cid. das provincias rhenanas
Savona—cid. da Italia sept., ao S. O. de Genova.
Sedan—cid. da França (Ardennes,) sobre o Meuse
Selef—ant. *Calycadno*, rio da Anatolia, na Cilicia.
Selinonte—h. *Selinti*, cid. na Cilicia, ao N. O. d'Antiochia.
Sellasia—cid. da Laconia, ao N. de Sparta.
Sempach—villa da Suissa, sobre a beira oriental do lago do mesmo nome, a 13 k. N. O. de Lucerna.
Senlis—cid. da França (Oise), ao N. de Pariz.

Sentinum—cid. da Umbria ant., nas cabeceiras do Esis que vae ao Adriatico

Sicyão—h. *Vasilica*, cid. do Peloponeso, na costa do N. ao O. de Corintho.

Silaro—rio da Lucania, ao N., desagua no mar Tyrrheno.

Sinope—cid. da Paphlagonia, sobre o mar Negro.

Sistova—cid. da Bulgaria, sobre o Danubio.

Smolensco—cid. da Russia européa, sobre o Dnieper.

Smyrna—cid. da Asia M. (Anatolia), sobre o Archipelago.

Sõissons—cid. da França (Aisne), ao S. O. de Laon.

Solferino—villa da Lombardia, sobre o Mincio.

Sophia—vide *Sardica*.

Sora—cid. da Italia merid., sobre o Liris.

Spira—cid. da Baviera, ao N. O. de Munich.

Spoleto—cid. da Italia central, ao N. de Roma.

Stagyra—cid. da Macedonia, na Chalcidica ao N.

Strasburgo—cid. do B. Rheno.

Strymonio—rio da Thracia e da Macedonia.

Suez—cid. do B. Egypto, sobre a beira merid. do canal.

Suza—ant. cap. da Persia.

Suza—cid. do Piemonte, ao O. de Turim.

Swinemunde—cid. e porto da Pomerania, sobre a costa merid. da ilha d'Ussedom.

T

Tagliacozzo—cid. da Italia mer., no Abruzzo Ulterior.

Tampico—cid. e porto no golpho do Mexico.

Tanagra—ant. villa da Beocia, a Léste de Thebas.

Tanger—cid. e porto de Marrocos, na entrada occid. do estreito de Gibraltar.

Tébelén—cid. da Turquia européa, na Albania.

Tessino—h. *Ticino*, rio affluente do Po.

Testry—ant. villa da Picardia, a 13 k. S. de Peronne.

Tewkesbury—cid. da Ingl., ao N. E. de Glocester.

Thanet—ilha na foz do Tamisa.

Thapso—ant. villa da Africa, na Byzacena.

Thasos—ilha do mar Egéo, a 4 k. E. da Thracia.

Thebas—cid. do A. Egypto.

Thebas—cap. da Beocia

Thespiæ—cid. da Beocia.

Ticino—vid. *Tessino*.

Tilsit—cid. da Prussia.

Tirnova—cid. da Bulgaria.

Tolbiac—h. *Zulpick*, cid. das prov. rhenanas, ao S. E. de Aquisgrana.

Toledo—ant. cap. da Hesp. (Nova Castella).

Tolontino—cid. da Italia central.

Tolosa—cid. da França merid., sobre o Garonna.

Toulon—cid. e porto da França (Var), sobre o Medit.

Tours—cid. da França, cap. da ant. Tourenne, sobre o Loira.

Towton—villa da Ingl., ao S. O. de York.

Trafalgar—cabo da Hespanha (Cadiz), na entrada do estreito de Gibraltar.

Trasimeno—h. lago de Perusa, na Italia central.

Travendahl—castello do Holstein, a 23 k. O. de Lubeck.

Trebia—rio affluente do Po.

Trebisonda—cid. e porto da Turquia asiatica, sobre o mar Negro.

Treveris—cid. da Prussia rhenana, sobre o Mosella.

Tribur—villa da Hesse-Darmstadt, perto do Rheno.

Tripoli—cid. e porto da Syria.

Tripoli—cid. forte da Africa sobre o Medit., cap. da Regencia de Tripoli.

Troia—ant. cid. da Asia M., perto do mar de Marmara.

Tunis—cid. forte da Africa, sobre o Med.; cap. da Regencia de Tunis.

Turtuchai—cid. da Bulgaria, sobre o Danubio, ao O. de Silistria.

U

Uclés—villa da Hespanha (Nova Castella).

Unkiar-Skelessi — logar da Turquia asiatica, sobre a costa oriental do Bosphoro, ao N. E. de Constantinopla.

V

Varella—logar da Finlandia.

Varennes-en-Argonne — cid. da França (Meuse), a 29 k. N. O. de Verdun.

Varna—cid. da Bulgaria, sobre o mar Negro.

Varsovia—cap. da Polonia russa, sobre o Vistula.

Vaucelles—villa da ant. Flandres, sobre o Escalda, a 8 k. S. de Cambraia.

Vera-Cruz—cid. e porto no golpho do Mexico.

Vercelli—cid. da A. Italia (Novara) ao N. E. de Turim.

Verona—cid. da Venecia, sobre o Adige, ao O. de Veneza.

Vesuvio—vulcão da Italia merid., a 8 k. S. E. de Napoles.

Vienna—cap. da Austria.

Vienna—cid. da França (Isére), sobre o Rhodano.

Villa-Franca — cid. da Venecia, perto do Mincio, a 12 k. S. O. de Verona.

Vouillé—cid. da França (Vienne), ao N. O. de Poitiers.

Vulturno—h. *Capua*.

Vulturno—rio da Campania.

W

Wagram — villa da B. Austria, a 10 k. N. E. de Vienna.

Wakefield—cid. da Ingl. (York).

Waterloo—villa da Belgica (Brabante merid.), a 8 k. S. de Bruxellas.

Wattignies — nome de duas cid. no depart. do N.: uma perto de *Lilla*; outra perto de *Maubeuge*. Foi ao pé desta segunda que Jourdan ganhou uma grande victoria.

Wissemburgo—cid. do B. Rheno, perto da fronteira bavareza.

Woert—cid. do B. Rheno, a 20 k. de Wissemburgo.

Worms—cid. do Grão-ducado de Hesse-Darmstadt, não longe do Rheno.

Z

Zama—h. *Zuarim*, no S. O. de Carthago.

Zamora — cid. da Hespanha, ao N. O. de Madrid.

Zara—cid. e porto na Dalmacia, sobre o Adriatico.

INDICE

Historia Antiga

Noções preliminares . . pag. 1
Tempos primitivos . . . » 5
Raças historicas. . . . » 7
Raças humanas . . . . » 9
Origem do homem . . . » 10
As primeiras monarchias . » 10
O povo de Deus . . . » 10
Os Judeus . . . . . » 15
Civilização dos Hebreus . » 17
Fontes historicas. . . . » 20
Egypto antigo. 20
Assyria e Babylonia . . 27
Medos e Persas . . . . » 36
Phenicia e Carthago . . » 39

Grecia

Per. de formação . . . pag. 42
Per. II.—Dias de gloria . » 51
Per. III. — Decadencia e dependencia . . . . » 57
Civilização dos Gregos . » 66

Historia Romana

A Italia antes da fundação de Roma. . . . . pag. 71
Os reis . . . . . » 72
A republica . . . . . » 74
O imperio . . . . . » 93
Civilização romana . . . » 102
Historia do Christianismo até o fim do IV sec. . » 105

Edade Media

Invasões: I per. . . . pag. 115
Fim do Imperio do Occid. » 118
Per. II das invasões. . . pag. 119
Imperio do Oriente. . . » 123
Os Francos Merovingios . » 126
Mahomet e seus successores . . . . . » 129
Civilização arabe. . . . » 133
Carlovingios . . . . . » 134
Invasões dos sec. IX e X. » 138
Inglaterra desde 827 até 1066 . . . . . » 140
Imperio Grego . . . . » 141
Litteratura nos sec. V—XI » 144
Historia ecclesiastica nos sec. V--XI . . . . » 146
Feudalismo, Tregua de Deus, Cavallaria . . . » 154
Imperio romano-allemão e sua lucta com a Egreja. » 157
Guelfos e Gibellinos . . » 163
Cruzadas . . . . . » 165

França. — Ultimos Carlovingios.—Os Capetos . » 169

Inglaterra. – Normandos. » 174
Plantagenetas . . . . . » 175
Guerra dos Cem Annos . » 176
Guerra das Duas Joannas. » 178
Hespanha musulmana . . » 181
christan . . . » 182
Portugal. . . . . » 184
Reino das Duas-Sicilias . » 188
Republicas italianas. . . » 190
Allemanha desde 1250 até 1453 194
Hussitas. . . . . » 196
Scandinavos e Slavos . . 198
Os Mongoles . . . . . » 201
Os Turcos-Ottomanos . . » 201
Fim do Imperio Grego . » 202

Progresso da civilização nos sec. XII e XIII . pag. 203
Renascimento, sec. XIV e XV. . . . . » 206
Historia ecclesiastica nos sec. XII—XV. 209

Historia Moderna

Divisão, etc. . . . . pag. 215
Periodo de transição . . » 215
Estado da Europa no meado do sec. XV. 215
França.—C. VII e VIII; Luiz XI. . . . . » 217
Inglaterra. — Guerra das Duas Rosas. 219
Hespanha e Portugal. . » 221
Allemanha. . . . . » 223
Italia e Turquia. . . . 225
Guerras da Italia . . . » 229
Rivalidade entre a Casa d'Austria e a da França » 231
Descobrimentos maritimos castelhanos e portuguezes. 234
D. Manuel o Venturoso . » 237

Per. II.—A Reforma

Reforma protestante . . pag. 238
Reforma catholica . . . » 242
Portugal e Hespanha desde 1521 até 1598 . . » 242
Independencia da Holl. . 244
Inglaterra e Escossia . . 245

Per. III.—Primeiras consequencias da Reforma protestante

França.—Guerras de religião . . . . . pag. 248
Inglaterra.—Os Stuarts . » 253
Cromwell . . . . . » 254
França e Allemanha: Luiz XIII.—Guerra dos trinta annos. . . . . » 255

Per. IV.—O Equilibrio

Mazarino e Luiz XIV. . pag. 259
Port., Hesp. e Italia no sec. XVII . . . . . » 262
Ingl.—Restauração . . . pag. 265
Guilherme III. . . . . » 266
Suecia e Russia . . . . » 267
Prussia . . . . . » 270
Austria . . . . . » 271
França: Luiz XV . . . . » 272
Guerras da Polonia, da Austria, dos Sete Annos. » 273
Polonia. . . . . » 275
Russia: Catharina II . . » 275
Inglaterra . . . . . » 277
Conquistas na India . . » 278
Independencia dos Estados-Unidos 279
Hesp., Port. e Italia no sec. XVIII 281
Litteratura, etc., nos sec. XVI, XVII e XVIII . » 284
Hist. eccles. nos sec. XVI, XVII e XVIII. . . . 291

Per. V.—Ultimas consequencias da Reforma Protestante

Revolução franceza, Luiz XVI, Napoleão I, etc. . pag. 295

Historia contemporanea

Abalo geral da Sociedade

Consequencia dos principios proclamados na Revolução Franceza

Per. I.—Restauração . pag. 308
Movimento revolucionario na Europa . . . . » 310
A França na Hespanha . » 312
Revolução de Julho . . 313
Inglaterra, Portugal, Allemanha 313
Independencia da Grecia. 315
America . . . . . » 316

Per. II.— Consequencias da revolução de Julho na Europa 322

Conquista da Argelia . . pag. 328
A Europa e o Oriente. . » 329
Per. III.—Revolução européa de 1848 . . . » 333
Per. IV.—A Europa desde 1850 até 1870 . . » 339
A America até nossos dias » 357
Per. V.—A Europa até nossos dias. . . . . » 368
Minas auriferas . . . . » 386
Litteratura, etc., no seculo XIX . . . . . » 387
Tendencia actual do mundo » 392

Appendices

I. O Calendario . . . pag. 393
II. O homem prehistorico » 397
III. A bibliotheca de Alexandria . . . . . » 427
IV. A papiza Joanna . . » 432
V. Galiléu . . . . . » 443
Dynastias principaes . . » 452
Summario para a repetição » 460
Lista alphabetica das cidades, rios e logares mais notaveis relativamente á historia . . . » 477

FONTES DE INFORMAÇÃO

1) CHANTREL: *Historia Universal* em 6 vol.; it. *Historia Contemporanea* em 1 vol.; it. *Historia dos Papas* em 4 vol. Da historia universal, existe tambem um compendio em 3 vol.

E' o melhor autor que conhecemos, para o ensino sério e sinceramente catholico. Nelle o professor acha quasi todos os factos expostos claramente quanto basta de sobra para os explicar com proveito e prazer dos alumnos. Dissemos *quasi todos os factos*, porque hoje é necessario modificar o que se refere á historia do Egypto e da Assyria.

2) WOUTERS: *Historiæ Ecclesiasticæ Compendium*: 3 vol. em latim. Optimo autor, porém não serve para todos.

3) BRUNENGO: *L'Imperio di Babilonia e di Ninive*, It. *I destini di Roma*. It. *Le origini della sovranità temporale dei Papi*

4) DARRAS: *Historia da Egreja*: o compendio em 4 vol.; a obra grande em 30 e mais vol.

5) ROHRBACHER: *Historia da Egreja* em 28 vol.

Além destes, o autor consultou muitos outros livros de menor tamanho que não vale a pena mencionar, dos quaes se valeu francamente e sem escrupulo todas as vezes que o julgou opportuno; cumpre-lhe, porém, para cautela dos principiantes, declarar que hoje, no meio de tantos livros, livrinhos e livrecos, infelizmente são raros os trabalhos que sirvam para o ensino sério e sinceramente catholico.

ERRATA

Pag.	Linha	Erros	Emendas
26	34	e plantas	e ás plantas
35	26	e architectura	e a architectura
37	40	illudindo	eludindo
118	32	mandou	o mandou
142	1	perseguiadores	perseguidores
145	43	Alon	Adon
145	48	Theologo, canonista	Theologo e canonista
246	11	a da	á da
301	3	rente	frente
354	9	de	do
365	6	IV	IX
377	13	graves desgostos	grave desgosto
397	39	Ilion	Plion
401	43	professavam	professaram
432	9	já que	que já

Deixamos de mencionar aqui diversos outros erros que o leitor poderá facilmente corrigir por si mesmo.

PELO MESMO AUTOR

Compendio de historia do Brasil, I, II, III, IV, vol.
Licções » » » » 3.ª ed.
Grammatica ingleza, 4.ª ed.

N. B.—O autor declara ter cedido a propriedade de todos os seus livros á *Sociedade Brasileira de Educação*. Entende, portanto, o autor reservar para Ella todos os direitos de propriedade litteraria que a lei lhe faculta.

Declara egualmente que todos os livros depositados em nome delle nas diversas livrarias pertencem á mencionada *Sociedade*, a qual os poderá reclamar quando o julgar opportuno.

AVISO

Estes livros acham-se em *SÃO PAULO* nas casas *Duprat, Garraux, Laemmert;* em *CAMPINAS — Livraria Genoud;* no *RIO* — nas casas *Alves* e *Laemmert;* em *PERNAMBUCO* — Ramiro M. Costa e Filhos; no *RIO GRANDE DO SUL:* em *PORTO ALEGRE* — na casa *Selback & Mayer;* em *PELOTAS* — na *Livraria Americana* de Pinto & Comp.

LEHAD
HISTÓRIA
USP

Ana Maria
Camargo